SUA SANTIDADE PIO X

PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL
Joaquim Antonio Pereira Villela.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Brazil (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 1 Braga, 5 de julho de 1913 **Anno I**

Casamentos

e mais

Processos Ecclesiasticos

Reducção de legados pios, etc.

BREVES DE ORATORIO

De tudo se trata

Padre Villela & Irmão

83, Rua dos Martyres da Republica, 89

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA

Revista litteraria semanal de informação graphica

PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL — Joaquim Antonio Pereira Villela.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 5 de julho de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 1 — Anno I

. . . Snrs.

Respondendo ao officio de V. . . , no qual se me pede que dê á nova revista que projectam publicar, sob o titulo Illustração Catholica, *o apoio moral que eu possa dar-lhe e ella merecer — devo declarar a V. . . . que no meu animo está o decidido empenho de prestar todo o auxilio a essa publicação, — que deverá ser muito util no sentido religioso, litterario e scientifico — desde que não se aparte da verdadeira doutrina Catholica, nem das normas pela Egreja traçadas para publicações congeneres. N'esta ordem de ideias V. . . . encontrarão sempre a minha boa vontade e toda a approvação que de mim depender.*

Deus Guarde a V. . . . — Braga, 12 de junho de 1913.

. . . Snrs. Fundadores e Directores da revista — Illustração Catholica.

O VIGARIO CAPITULAR,

D. Antonio José da Silva Corrêa Simões, Deão.

A' laia de apresentação...

oo□oo

INICIA hoje a sua publicação a *Illustração Catholica.*

Eis uma noticia que ficaria bem na promiscuidade d'uma carta da provincia para qualquer diario, e sobre a qual de leve poisariam os olhos apressados d'um leitor. Todavia é preciso que se pense no valor d'esta iniciativa catholica—porque o é acima de tudo.

No tumulto d'uma vida aparcellada de revezes, soffrendo o contagio da desorientação d'esta sociedade anemica, os catholicos portuguezes enfermáram d'um erro de educação que os collocou na retaguarda dos movimentos de reconquista religiosa que se entrecruzaram na Europa no fim do seculo passado e n'estes primeiros treze annos d'aquelle em que vivemos.

Possuiam o ardor d'uma fé intensa, o nervosismo da lucta, mas careciam d'uma vigilancia moral, d'uma vontade mais temperada, d'um espirito melhor ordenado. A braços com a ira dos homens elles talvez hajam chamado sobre si as grandes e terriveis licções da Providencia, como perorava o verbo giganteo de Bossuet...

Em França, porém, o germen fecundo que o genio de Veuillot lançára nas paginas do *Univers*, tornou-se lava candente que calcinou as almas, e a renascença religiosa no campo social e até no campo politico é hoje um facto. Na Hespanha, atravessado o periodo assustador dos pronunciamentos, normalizadas as roldagens constitucionaes, é o tradiccionalismo catholico que escala os muros das impias cidades, e destemido defende aquellas que guardavam ainda o patrimonio da crença, que rutila no bravo peito de Pelagio, lampeja áscuas de galhardia aventureira no gladio do campeador, encontra em Castellar a homenagem, estremece nos labios de Moret, entrecortando os ralos da sua agonia, canta na eloquencia rigida de Maura, retine como a vibração de mil trombetas na palavra fulgurante de Mella!

E em nossa casa? Que se passa?

O assalto revolucionario surprehendeu-nos sem um corpo de ideias, sem uma acção solidamente dispersa, e o demagogo sombrio ergueu o seu tablado sobre o pantano da nossa vontade inerte! Morreram assim as melhores iniciativas, que não foram suppridas.

Aquillo que o vendaval poupara não era um cadaver, porque era um despojo, como que uma tunica que se não põe direita senão ajustada a um corpo...

*

A *Illustração Catholica* vem occupar um logar n'estes primeiros lineamentos de reorganisação catholica, traçados pela audacia intelligente d'uma geração nova que entra na arena com a Cruz estampada sobre a muralha dos seus peitos...

Propõe-se fazer a informação graphica dos acontecimentos da vida nacional, pretende constituir no futuro um album onde se rastreiem os factos culminantes da acção religiosa no paiz e no estrangeiro. A's paginas despudoradas de certos *magazines*, recortes de pornographias de café-concerto, a *Illustração* opporá, como contraste morigerador, os velhos themas da pintura e da esculptura que ainda restituem hoje ao espirito artistico a maior belleza moral: os retratos dos nossos homens eminentes, que são para as minusculas individualidades de hoje um candente castigo, e para os que sentem o desejo de garantir o futuro do nosso povo pela instrucção e pela educação, um incitamento e um exemplo.

Aqui virão tambem derramar os primores de suas pennas os nossos consagrados escriptores, poetas e prosadores, para que a parte litteraria occupe na nossa revista o merecido destaque, e a pouco e pouco se alcance avocar ao terreno das lettras tantos que o systematico escarneo dos adversarios recamou de silencio e que no emtanto são, na sociedade portugueza, sem favor, os mais brilhantes espiritos. Não possuimos, de ha muitos annos, uma verdadeira litteratura catholica, e deviamos possuil'a porque ha elementos que a constituam, bem mais esculptural e profunda do que a frequentemente exposta nos mostradores das livrarias!...

O sedentarismo pôdre dos costumes, uma certa mania archaica, despolarizaram as nossas forças. Urge revocal'as do occulto labor dos gabinêtes e mostral'as á luz da critica honesta, com o desassombro de quem não teme.

Eis nitidamente o programma da *Illustração Catholica* a que o nosso Episcopado prestou a honra das suas bençãos, e numerosas felicitações da maioria a presumpção de que terá as suas benevolentes attenções e os seus auxilios.

Figura-se-nos que, arvorado o Ideal Catholico, affirmada a nossa mais solemne obediencia á Egreja Romana, e ao seu chefe augusto, S. S. Pio X, nós pela iniciativa sincera e desinteressada que tomamos, conseguiremos arrancar muitas aptidões ao marasmo commodo dos desalentos convencionaes, e aquecer muitas almas que as glaciaes desgraças que soffremos, por nossa culpa, retransiram.

Expostas as nossas ideias e os nossos propositos, resta aguardarmos a resposta dos que nos lerem. . .

A REDACÇÃO.

Vês aquellas nuvens grandes sobre o monte?
—Sim, senhor.
—Pois quando as vires ao sabbado, ao outro dia é domingo.

Chronica da semana

I

E' de boa praxe dedicar algumas paginas de revistas d'esta especie ao relato critico dos acontecimentos: fica, pois, justificado o apparecimento d'estas chronicas. Não podemos, porém, seguir ainda a costumeira que insinúa como educativo preceito uma reverente mesura de galan, á entrada, compassando phrases banaes de folhetim, e passos d'anjo. . .

Sabemos para quem vamos fallar. Estabelece-se um pacto aberto e sincero entre o auctor d'estas linhas e os seus leitores:—estes não verão, de principio, n'estas fugidias notas a pretensão estulta de exgotar uma profunda analyse, de *marcar a ultima palavra*, como por 'hi se diz nos meios polvilhados do chamado bom-tom, — a unica coisa que, infelizmente, resistiu ás ondas revolucionarias dos cincoenta annos de constitucionalismo, e d'estes miseros dias de republica !

Por seu lado, o humilde chronista procurará sêr o menos monotono possivel.

São pouco pezadas, como veem, as obrigações do contracto, e por tal motivo desnecessario o contrapezo das sancções penaes.

E dicto isto. . .

Julgamento do Exc.^mo^ e Rev.^mo^ Snr. Bispo do Porto (Cl. de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

No dia 12 de Junho foi julgado no tribunal de S. João Novo o venerando Antistite do Porto. Mais que julgamento esse acto foi uma ovação. Senhoras distinctissimas, illustres cavalheiros e alguns sacerdotes foram ao tribunal, festejando após o julgamento o Prelado, que as senhoras cobriram de flores; o nosso photographo, não tendo podido reproduzir por deficiencia de luz o aspecto do tribunal impressionou á saida esse bello cliché que mostra o sr. D. Antonio á direita do seu advogado o dr. Francisco Fernandes, seguido pela guarda republicana preparada para manter a ordem no tribunal se ella tivesse sido alterada.

. . . Embora habituados já a sustos e sobresaltos, e esperando dia a dia na reportagem do parlamento a *suprema lucilação* da graça portugueza, ferida por artistas do valor d'alguns dos nossos tribunos, plectoricos de chiste e de anedoctas, — o grave conflicto entre o dr. João de Freitas e o snr. Arthur Costa avocou as attenções de todos. E' que elle synthetisou o estado de espirito dos endeusados estadistas que fruimos, e a situação precisa que hoje saccóde Portugal.

A que assistimos nós?

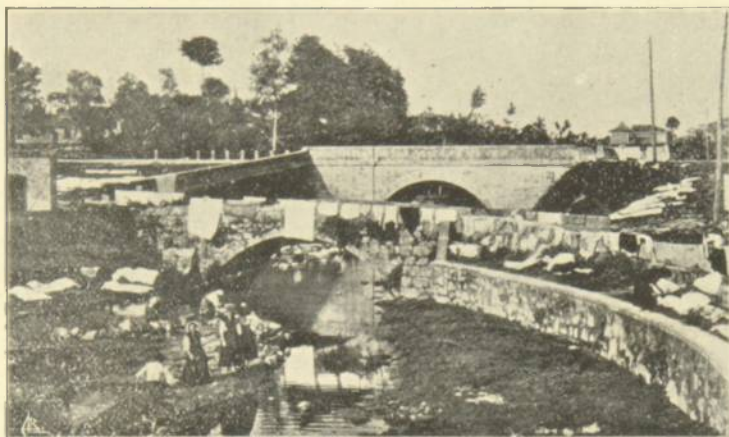
A um conflicto irreductivel que percorre toda a gama das violencias, desde o insulto ao murro. desde a delação ao chasco.

Qualquer imponente chefe de esquadra solveria o pleito pela interferencia do sabre, espostejando as mós dos desordeiros. Todavia, não sendo possivel alcançar-se o almejado socêgo, por tão causticante processo, parece-nos mais conveniente retirarmo-nos da arena, subindo ás galerias, e deixar que a fadiga dos musculos aconselhe o repouso aos luctadores ou que uma larga e profunda medida de fomento utilize tão fortes arcaboiços nas transfretações das alfandegas. . .

Foi esta talvez a razão d'aquella phrase de Casimiro Perier, n'uma arenga celebre, quando tentou pela derradeira vez chamar ao trabalho honesto as legiões impacientes do jacobinismo francez, que a traficancia infame do Panamá, dentro em pouco ia

Braga — S. João da Ponte. Photographias da capella e das pontes

(Clichés da «Ill. Cath.»)

Foi n'este pittoresco local que se realisou a romaria e feira do S. João, com enorme concorrencia. Estas festas sem duvida as mais caracteristicas de Braga, tiveram este anno desenvolvido programma cumprido de uma forma deveras notavel. As illuminações como o fogo de artificio foram deslumbrantes, e os festivaes realizados modelos de arte e bom gosto.

ferretear nos flancos: — «*Les regimes violents ne sont pas faits pour durer.*»

A pistola do dr. Freitas devia portanto, ingressar no museu da Revolução, como já se resolveu ácêrca de bombas e petardos, de companhia com o chapeu alto do snr. dr. B. Machado, a farda rutilante do snr. Brito Camacho e — se a modestia de s. ex.ª o permittisse — as botas do snr. Estevão de Vasconcellos. . .

De facto, perder aquella arma, é furtar á critica historica um precioso elemento.

E até, de certo modo, eu creio bem que a vida politica é como a vida dos romances: não tolera bonanças, nem deve correr fluente como a d'um sybarita opulento. O parlamento encontrou-se apertado n'este dilemma; ou fazer dormir ou provocar gargalhadas. Optou por este ultimo expediente e fez muito bem. Suas excellencias repudiáram aquelle titulo que lhes encabeçou um illustre jornalista—a ordem mendicante do sec. XX—e para cortar de vez obsoletos convencionalismos reclamaram subsidio e cepilharam aquella eloquencia terribil dos comicios — bons tempos! — embrechando-a de vocabulos inéditos, que compelliriam a admiração dos velhos manes da nossa litteratura, a rojar-se-lhes aos pés, de confundidos.

Atravez do tedio mais sorna, ou da preoccupação mais insistente, ninguem já deixa de lêr o diario das Camaras, o que representa uma indiscutivel vantagem do actual regime, ninguem envia aos eminentes homens publicos — como se diz hoje, ácêrca de qualquer regedor — o olhar de indiffe-

rença que é de uzo dedicar aos livros e ás mulheres que não encantam. . .

O parlamento é bem a obsessão do paiz que elle superiormente encarna. Ha de tudo, n'estas Camaras. Senadores completos, na gibosidade da sua configuração intellectual e physica, e senadores incompletos, em formação; pertencem aos primeiros, talvez, o snr. Nunes da Matta e o director da *Patria:* aos segundos o snr. Faustino da Fonseca que escreveu a *Arraia-miúda* e carinhosamente cobriu com o seu chapeu de palha a careca do duque da Terceira. Moreira d'Almeida protestou uma vez contra este facto, a que indevidamente chamou desrespeitoso. O snr. Faustino da Fonseca, porém, mostrou unicamente que sentia uma profunda veneração pelo velho soldado das guerras civis. . .

Na camara dos deputados, a classificação é mais difficil. No emtanto, não é possivel esquecer os «homens do 31», que assim se apodam os naufragos felizes d'aquella louca aventura de janeiro de 1891 no Porto. Os «homens do 31» são entre nós o mesmo que os «amigos de Gambetta» no Palais-Bourbon. Nimba-os uma certa e particular auctoridade. Reliquias de sonhados annos, apostolos aureolados que sobreviveram para derramamento da doutrina . . .

— Quem é aquelle?

— Não conheces? E' Fulano. Um typo de talento. E' do 31. . .

Veio ronceira talvez a sua justa e promettida consagração, mas alfim realisou-se. E mais vale tarde que nunca. . . S. Ex.as devem estar contentes, e teem razão.

. . . Está-me lembrando agora aquelle dentista d'um romance de Voguë, proposto durante cinco annos á concessão das palmas d'Academia, e, sempre desatendido, porque uma nota do relatorio o accusava de arrancar dentes no convento das Ursulinas. . . dentes cariados de clericalismo!. . .

28 — VI — 1913.

F. V.

A MORTE DE THEREZA

EU chegára a Braga com a vontade ardente de ver a velha Thereza, a amiga, a companheira de minha mãe, a predilecta visinha da casa de meus avós maternos. Minha mãe, que vae fazer setenta annos, tinha então cincoenta e cinco. Parecia n'esse tempo rememorar, como nunca, a singela infancia, passada até aos treze annos na sua Braga, onde nascêra, indo depois para seu santo tio José Antonio - o meu querido padrinho, que Deus lá tem desde 1871, o que me faz muito velho! —, para aquelle lar simples e candido que elle tinha em Lamego, a minha melancolica e alpestre terra natal.

E fallava-me muito do pae, homem jovial, nascido na Guarda, e da mãe, senhora alta, morena, severa, nascida em Taboado: elle pequeno, espadaúdo, sanguineo e ardente; ella, pouco expansiva, d'uma bondade calma, com uma forte nota celtica na face, no olhar, no sorriso. Mas a Thereza! Meus avós ainda eu os conhecêra ... e tyrannisára com os meus caprichos de auspicioso cidadão, farfante de aspirações, fanático por marmellada, por estacas de feijões — confessemos tudo! — das quaes eu, hoje tão pacifico,

Braga—Bom Jesus. Escadorio e frontispicio

(Cliché da Ill. Cath.)

fazia espingardas que, felizmente, não disparavam um tiro. A Thereza, nunca a vira, e minha mãe quasi lhe votava mais saudade do que aos paes, finados em 1878, n'um dia de vendaval estranho que ainda me lembra...

* * *

Chegado a Braga, procurei a Thereza. Tinha ido de manhã — era em julho, e que julho authentico! — para as ramarias viçosas do Bom Jesus acompanhando uma fami-

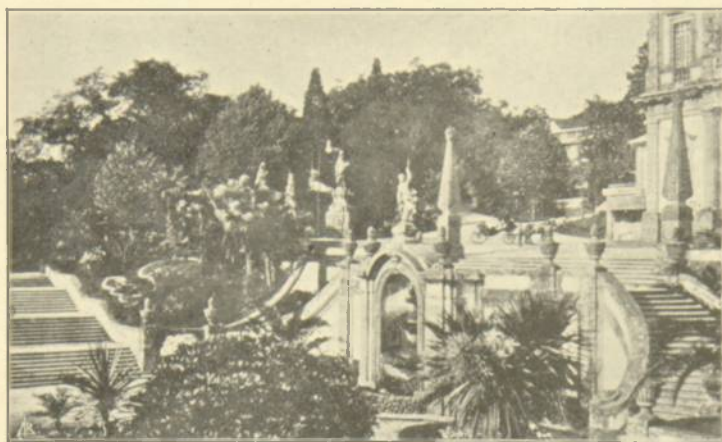
ial de Castello Branco. Não me demorei na tranquilla e sádia cidade. D'ahi a pouco, estava no alto do Sanctuario, enfrentando aquelle horisonte, aquelle circulo immenso, d'um pittoresco ineffavel, feito por braços como os das serras do Curel, Aboim, S. Pedro Fins, Falperra e tantas mais. Mal notei, porém, o panorama. O contacto elevado de Santa Eulalia no alcantilado braço da serra de Espinho, quebrando-se depois em ladeira colossal até S. Victor, oriente de Braga, mediocremente me empolgou então como um dos mais bellos relevos orographicos que conheço. Thereza! murmurava eu, vendo-a em espirito: baixinha como minha mãe; como ella, d'olhos grandes e profundos; com um forte rubor nos malares; de sorriso sempre enternecido; rezando piedosamente, a meia voz, sempre que não conversasse.

* * *

Porque eu tive uma juventude muito desregrada e impetuosa, mas nunca me *envergonhei de sentir,* mal que o padre Brémond tão bem analysa, contunde e cauterisa. Soffria muito o dominio, a vangloria, a miseria, do *êrro do seculo XVIII,* de que nos falla Brunetiére *(Sur les chemins de la croyance)*; era um sectario-pimpôlho do encyclopedismo, com odios estridentes ás congregações, apostrophando-as á moda de Horacio, quando dirigia ao liberto Menas violencias rancorosas de *lobo que detesta o cordeiro (Lupis et agnis quanta sortito, etc.)*; emfim, comprava o meu *café intellectual* nas tendas philosophicas de Condillac, Helvetius e, por ultimo, Littré, mas, apesar de tanto — oiçam-me os espiritos-fortes! — eu chorava e rezava, ás escondidas, por alma de meu padrinho, tinha uma devoção antiga por Fr. João da Ascensão, pelo doce Fr. João de Neiva, luz dos carmelitas descalços, finado a 16 de março de 1861 — data que fixo desde creancinha.

* * *

Descêra, á procura de Thereza. Na escadaria dos *Sentidos* — defronte da estatua de David, como que lendo a inscripção — *David — Auditui meo dabis gaudium et laetitiam,* vi um grupo de senhoras, mas com ares angustiados, amparando uma mulher livida, emquanto dois cavalheiros, interdictos, um tanto mal humorados, diziam banalidades:— Isso passa! Foi do calor! E não haver aqui perto uma pharmacia, um medico!

Mas não se mexiam. Suavam e fumavam. O mais velho — teria cincoenta annos — dava corda ao relogio como quem anima o proprio coração.

Braga — Bom Jesus — Escadorios dos cinco sentidos

(Cliché da «Ill. Cath.»)

A estancia do Bom Jesus, nos suburbios de Braga é um bello poema da arte christã que povôa aquelle monte de estatuas e capellas religiosas. N'este pittoresco local passa a acção do conto de José Agostinho *que n'este numero publicamos. Os clichés representam a parte superior dos escadorios dos* Sentidos, *tomados de duas posições. No dia 29 de junho effectuou-se no* Bom Jesus *a romaria de S. Pedro, que, como de costume, foi muito concorrida.*

Corri para o grupo. Vi a fronte grisalha da doente e exclamei: — Thereza!

Uma das senhoras, intimidada, receosa, explicou: — Veio guiar-nos ao Bom Jesus. Temos fugido do sol. Vê-se que é muito doente.

Eu não ouvia bem. Amparei todo o corpo de Thereza, chamando-a afflicto.

— E' parente d'ella... disse ao lado uma menina.

Thereza estava gelada. Não me ouvia. Tivemos de a recostar na escada. Não abriu mais os olhos. Uma espuma branca lhe fluiu dos labios brancos. Estremeceu toda tres vezes e ficou hirta, rodeada por nós e pelas sombras piedosas das arvores. Morrera. O medico, que chegou duas horas depois, sentenciou uma doença chronica que designou

com um vocábulo enorme. Mas nem assim Thereza despertou do seu eterno e funebre somno...

JOSÉ AGOSTINHO.

Homenagem

Em vós esperam ver-se renovar
Sua memoria e obras valorosas.

CAMÕES.

INDA retumbam os echos do enthusiasmo havido entre gente portugueza n'esta *florida terra*, com a libertação da Senhora Dona Constança Telles da Gama.

Nações ha que nos viam com despreso e já olham com admiração para quem soube lavar tanta mancha, tanta vergonha e cobardia. . . . . .

Assim como ha feitos que nunca esquecem e abrilhantam as paginas da historia, a neta do Grande Almirante do mar das Indias, soube tambem illustrar mais uma pagina onde a alma heroica d'esta mulher nos faz lembrar outra, cujo brilho scintillante offusca os nossos olhos extasiados — a da pura, santa e ideal Donzella d'Orleans, que fazendo reviver as cinzas d'uma nação inteira causou assombro universal. Seculos após seculos vem um rasto de luz fulgurante da sua alma crystalina reflectir-se na da heroica descendente *d'aquelle cuja fama e gloria o mundo espanta*, como diz o grande epico portuguez. Estremeçamos pois d'alegria, oh gentes, que Portugal ainda vive, Portugal que trouxe o mundo espantado com tanta conquista e descoberta fabulosas, Portugal que teve um Affonso Henriques e um Nun'Alvares, ainda vive, não póde morrer, vive do passado glorioso e a sua espada tinta do sangue de heroes só no Céo, ao pé do throno d'Aquelle que julga as nações, será deposta.

Das mãos bemfasejas de Constança Telles da Gama, brotam thesoiros d'amor e carinho para os martyres, que soffrem em lugubres enxovias onde tanta heroicidade está amortalhada e que nem a luz do sol, dom do Céo, que a todos foi dada, penetra n'este sepulcro de vivos.

Mas ella, a esperança, a consoladora dos afflictos, aparece como um raio de sol em fresca manhã de primavera e vae aquecer aquelles corações gelados pela ingratidão dos homens.

Não esqueçamos nós tambem esta pleiade de heroes martyres do seu ideal onde se destaca o vulto lendario do destemido descendente d'aquelles Almeidas *por quem sempre o Tejo chora* e hoje mais que nunca. *Mas, lá vos tem lugar no fim da edade no templo da suprema eternidade* como diz o maior dos poetas.

A sr.ª D. Constança Telles da Gama perante o Tribunal Marcial de Lisboa

A alma de Constança Telles da Gama é uma fortaleza, d'onde saem as mais bellas e heroicas virtudes. A caridade é o fogo que a alimenta, e elles os que soffrem veem n'Ella uma Virgem á similhança d'Aquella, que foi bemdita entre todas as mulheres, e quiçá lhe outhorgou a excelsa missão de consoladora dos afflictos, relevando os animos, en

xugando lagrimas como em longinquas eras outro grande vulto de mulher recebeu das *Vozes* do Céo a missão sublime de salvar a França.

Salvé, grande e heroica neta do maior dos Navegantes, salvé, mulher bemdita entre as mulheres portuguezas, a tua obra ficará eterna como eterna é a bondade de Deus.

Braga, Maio 913.

MARIA SALOMÉ.

marmore de Jeronymo Côrte Real, Pedro Nunes, Fernão Lopes de Castanheda, Francisco de Sá de Menezes, Gomes Eauues d'Azurara, Vasco Mouzinho de Quevedo, João de Barros e Fernão Lopes, os 1.º, 4.º 6.º poetas, o 2.º cosmographo e inventor e os restantes historiadores. Foi esculptor do monumento Victor Bastos.

Luiz de Camões nasceu em Lisboa em 1524 e falleceu em 10 de junho de 1580 n'uma pobre casa da calçada de Sant'Anna

Julgamento da sr.ª D. Constança Telles da Gama

A sr.ª D. Constança, á sahida do Aljube, beijando um dos seus sobrinhos

FESTAS DE LISBOA

Monumento a Luiz de Camões

ERIGIDO na praça Luiz de Camões, onde foi inaugurado em 9 de outubro de 1867. Assenta o pedestal, que tem a altura de 7,m50, sobre quatro degraus, e no alto destaca-se a figura em bronze do illustre poeta portuguez, tendo na mão direita uma espada sua e na esquerda os «Luziadas».

Em torno do pedestal tem as estatuas em

que alli conserva uma lapide commemorativa.

A photographia foi tirada na occasião do cortejo camoneano, em 10 de junho de 1913, dia em que se completavam 133 annos depois da morte do glorioso poeta.

Local onde explodiu a bomba — Um trecho da rua do Carmo, onde momentos antes explodia a bomba em 10 de junho. Parece tratar-se d'um attentado anarchista ou syndicalista. Houve numerosas victimas e grande numero de feridos.

O kiosque do Rocio incendiado pelo povo — Apoz o barbaro attentado, o povo indigna-

FESTAS DE LISBOA — Monumento a Luiz de Camões

(Cliché do nosso correspondente phot. em Lisboa)

FESTAS DE LISBOA—Local onde explodiu a bomba

(Cliché do nosso correspondente phot. em Lisboa)

FESTAS DE LISBOA — O enterro das victimas do attentado

(Cliché do nosso correspondente phot. em Lisboa)

do lançou fogo ao kiosque do Rocio, mais conhecido pela *Boia*. onde se costumavam reunir elementos anarchistas e syndicalistas, aos quaes se attribue o attentado.

A nossa gravura representa o kiosque já meio destruido pelo incendio.

O enterro das victimas do attentado— Funeral dos infelizes que encontraram morte horrivel produzida pelos estilhaços da bomba que rebentou na rua do Carmo.

FESTAS DE LISBOA — O kiosque Boia, incendiado no Rocio pelo povo

(Cliché do nosso correspondente phot. em Lisboa)

SÓ

SONETO DE OLAVO BILAC.

Este que um deus cruel arremessou á vida,
Marcando-o com o signal da eterna maldição,
—Este desabrochou como a herva má, nascida
Apenas para aos pés sêr calcada no chão.

De motejo em motejo arrasta a alma ferida. . .
Sem constancia no amor, dentro do coração
Sente crespa, crescer a selva retorcida
Dos pensamentos máus, filhos da solidão.

Longos dias sem sol! noites de eterno lucto!
Alma cêga, perdida á tôa no caminho!
Roto casco de náu, desprezado no mar!

E arvore, acabará sem nunca dar um fructo;
E homem, ha-de morrer como viveu: sósinho!
Sem ar! sem luz! sem Deus! sem fé! sem pão! sem lar!

CONCURSO HYPPICO NO PORTO

Um trecho da assistencia

(Cliché de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

O tenente Henrique Constacio, vencedor da Taça d'Honra

(Cliché de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

1—Miss Gening, vencedora do primeiro premio

2—Capitão Martins de Lima n'um dos seus saltos magnificos

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath».)

3—Tenente Casal Ribeiro, na disputa da taça

4—Alferes Campos Soares, n'um bello salto em altura

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath».)

O Circuito do Minho

Promovido pelo "Jornal de Noticias„

No dia 8 de maio effectuaram-se as importantes corridas de automoveis, motocycletas e bicycletas promovidas pelo «Jornal de Noticias», do Porto, e denominadas *Circuito do Minho.*

1.º — O cyclista Carlos Fernandes, da cathegoria dos "fortes„, o primeiro a passar em Braga e que obteve o 1.º premio.

2.º — O automobilista sr. Antonio Casal, o primeiro a passar em Braga e que obteve o 1.º premio d'economia.

3.º — O automobilista sr. Cincinato da Costa, o 2.º a passar em Braga e que obteve o 1.º premio de velocidade.

(Clichés do habil amador bracarense snr. José Ernesto Esteves).

4.º — O automobilista bracarense sr. Antonio Barbosa, o 4.º a passar em Braga. (Desistiu no percurso)

(Cliché do habil amador brac. snr. José E. Esteves)

O S. João no Porto

O S. JOÃO NO PORTO—Um grupo de foliões dançando animadamente

(Cliché de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

O que é viver

Desponta no levante a debil claridade;
Diaphano se estende o vaporoso manto
De gaze côr de rosa; ouve-se o alegre canto
Das aves, a saudar da aurora a magestade:

Porém já se divisa, uivando, a tempestade.
Sombria, espessa nuve' ao longe se levanta.
Fal-a correr o vento; e os animos quebranta
O vel-a approximar com tal velocidade.

Eis da existencia humana a mais perfeita imagem,
O loce, o meigo sol no berço nos beijou;
Agora o vêm toldar, as nuvens na passagem.

E, desde que o tufão se nos avisinhou,
Podemos, na illusão d'uma ideal miragem,
Melhor apreciar o tempo que findou.

Braga.

ELVIRA NEVES PEREIRA.

O S. JOÃO NO PORTO—A tradicional compra da herva de Nossa Senhora

(Cliché de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

O S. JOÃO NO PORTO—Vendo qual é o mais pezado . . .

(Cliché de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

HISTORIA & VARIEDADES

5 de julho

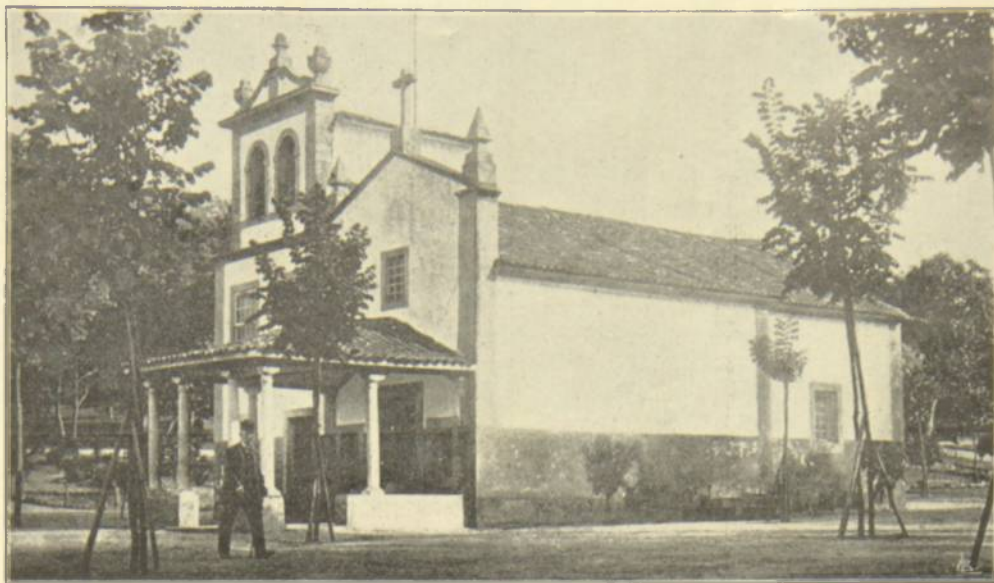
Tomada d'Argel pelos Francezes, commandados pelo Marechal Bourmont, em 1830. Tomada da esquadra miguelista pelo Almirante Napier, em 1833.—

TERRA.—E' um globo achatado nos dous polos. Prova-se que é redondo, 1.º porque navegando-se de E. para O. volta-se ao mesmo ponto; 2.º porque quando está entre o sol e a lua, projecta sobre esta uma sombra redonda que produz os eclipses, e esta sombra é forçosamente imagem d'um corpo redondo; 3.º porque ao chegar um navio a um porto, a primeira cousa que se lhe vê é a extremidade dos mastros, e só muito depois se vê o corpo do navio.—A terra está rodeada d'uma camada gazoza d'oxygenio e azote, que constitue a sua atmosphera.—A sua distancia ao sol é de 34 milhões de leguas.—Tem dois movimentos; um de rotação sobre si propria, qae se effectua em 24 horas, e produz o dia e a noute, outro de translação á roda do sol, que se completa em 365 d. 5 h. 49 m. E' á inclinação da ecliptica sobre o equador que são devidas as estações. A lua segue a terra na sua revolução annual, e opéra um egual movimento de rotação sobre si propria e de revolução em volta da terra, nos mesmos 29 dias, o que faz com que vejamos sempre a mesma face d'este satellite.—A parte sólida da terra não occupa senão uma quarta parte do seu volume total; o mar occupa as outras trez quartas partes. Sendo a circumferencia da terra de 9.000 leguas, claro está que andará por 3.000 o seu diametro, e que a distancia a que nos achamos do centro da terra é de 1.500 leguas. O que em tal centro se encontra não tem de ser nunca descoberto.

Sellos interessantes

O governo hungaro faz actualmente imprimir uma serie de sellos de correio muito notaveis. O mais bello da serie commemora a coroação de Francisco José como rei da Hungria. Na sua vinheta verse-ha a figura de Pio IX.

Como os sellos dos Estados da Egreja não trouxeram a effigie papal, mas a thiara e as chaves, affirmam os colleccionadores que é a primeira vez que apparece um sello com a effigie do Papa.

Festas a S. João em Braga

O S. JOÃO EM BRAGA—Capella do Santo Precursor onde se realizaram as solemnidades religiosas

(Cliché da «Illustração Catholica»)

O S. JOÃO EM BRAGA—Aspecto das illuminações e ornamentações na avenida do Parque da Ponte que vae dar á capella de S. João

(Cliché da «Illustração Catholica»)

DOURÃES CASTRO
Cirurgião-Dentista
Largo do Barão de S. Martinho, 10
BRAGA
Numero Telephonico: — 258
Doenças da bocca e dos dentes: tratamento natural da atonia da dentição nas creanças lymphaticas e escrophulosas.
Collocação de dentes artificiaes pelos systemas Work, Carlavan, Conteneau e Bellegarde.
Correcção das anomalias dentarias por apparelhos de pressão contínua e alternativa.
Consultas desde as 8 horas da manhã ás 5 da tarde todos os dias não santificados.

O PROTESTANTISMO

OS SEUS HOMENS

E OS SEUS ERROS

Utilissima obra de propaganda catholica contra as falsas doutrinas de Luthero

Um volume com cerca de 100 paginas em edição de luxo, 60 rs.
A mesma obra em edição popular. . . . . 30 rs.

Da edição popular, faz-se um desconto de 20 por cento em todos os pedidos de mais de 20 exemplares.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia e porte do correio, devem ser dirigidos ao editor

Padre Antonio José de Carvalho

Rua de Santa Margarida, 9—Braga ou á administração dos «Echos do Minho», Rua dos Martyres da Republica—Braga.

Francisco Fernandes Machado

SELLEIRO

E

Fabricante de artigos de viagem

29, Rua de S. Marcos, 31—BRAGA

Esta casa já bem conhecida e merecedora da confiança do publico, que trata sempre com a maior seriedade, tem em deposito um bom sortido de malas.

PREÇOS RASOAVEIS

TINTURARIA

DE

TODAS AS CORES

(A mais antiga de Braga)

147, Rua da Cruz de Pedra, 151

BRAGA

Tinge, segundo os processos mais modernos e aperfeiçoados:

DAMASCOS,

OPAS

E QUAESQUER SEDAS

Lavagem de roupas

Recebe e expede qualquer encommenda pelo correio.

O imperador Constantino deante da visão da Santa Cruz

(Estatua equestre collocada no pórtico do Vaticano)

PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL
Joaquim Antonio Pereira Villela.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . . 2
» » (6 mezes) . 1
» » (3 mezes) .
Brazil (1 anno) 3
» (6 mezes) 1
Numero avulso . . . .

Numero 2 — Braga, 12 de julho de 1913 — Anno

O PROTESTANTISMO

OS SEUS HOMENS

E OS SEUS ERROS

Utilissima obra de propaganda catholica contra as falsas doutrinas de Luthero

Um volume com cerca de 100 paginas em edição de luxo, 60 rs.
A mesma obra em edição popular. . . . . 30 rs.

Da edição popular, faz-se um desconto de 20 por cento em todos os pedidos de mais de 20 exemplares.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia e porte do correio, devem ser dirigidos ao editor

Padre Antonio José de Carvalho

Rua de Santa Margarida, 9—Braga ou á administração dos «Echos do Minho», Rua dos Martyres da Republica—Braga.

TINTURARIA

DE

TODAS AS CORES

(A mais antiga de Braga)

147, Rua da Cruz de Pedra, 151

BRAGA

Tinge, segundo os processos mais modernos e aperfeiçoados:

DAMASCOS,

OPAS

E QUAESQUER SEDAS

Lavagem de roupas

Recebe e expede qualquer encommenda pelo correio.

Francisco Fernandes Machado

SELLEIRO

E

Fabricante de artigos de viagem

29, Rua de S. Marcos, 31—BRAGA

Esta casa já bem conhecida e merecedora da confiança do publico, que trata sempre com a maior seriedade, tem em deposito um bom sortido de malas.

PREÇOS RASOAVEIS

BRAGA

Succursal do Grande Hotel Maia das Caldas do Gerez

Campo de D. Luiz I e R. dos Capellistas

BRAGA

GRANDE HOTEL MAIA

Muito asseio. Independencias para familias.

Serviço especial de dieta para pessoas vindas de Caldellas e Gerez.

GRANDE HOTEL MAIA

GEREZ

O mais proximo das aguas

Serviço esmerado

Preços Modicos

(Fundado em 1883)

Aberto de maio a outubro

Julio Almeida Maia.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL — Joaquim Antonio Pereira Villela.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 12 de julho de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 2 — Anno I

BAPTISMO DO IMPERADOR CONSTANTINO (Fresco do Vaticano)

Como Camões é conhecido por tantos...

No seu ardente enthusiasmo pelo Tasso, a senhora de Staël não viu melhor o valor de Camões, ao comparál-o com o do poeta admiravel da *Jerusalem*, do que Chateaubriand, o genial escriptor do *Genio do Christianismo* — por signal tão menos-prezado hoje pelos neo-christãos de Paris, que lhe attribuem a languidez da fé, como que a incomprehensão da tarefa sublime que, aliás, desempenhou com fulgor.

Mas nada admira a myopia da filha de Necker, superficial embora brilhante, até o seu trabalho sobre a Allemanha abunda em pontos de vista egualmente incompletos. N'outros trabalhos, protestante chronica, a sua imparcialidade claudica de mais quanto ao catholicismo, e, se é certo que deveu a Napoleão I as hostilidades mais entranhadas, não foi a celebre escriptora tão razoavelmente senhora do seu animo, que nos deixasse, do grande déspota, ao menos, um perfil integro e limpido, digno d'uma consciencia superior.

Vendo Camões, depois de vêr o Tasso que, como tudo que era de Italia, a empolgara e fascinara, achou que poderia guiar bastante o criterio pelas alfinetadas desleaes do snr. de Voltaire e pelas restricções hesitantes do auctor dos *Martyres*.

Mas que muito uma incomprehensão assim na escriptora romantica, na auctora da *Delfina* e da *Corinna!* Não sabia portuguez.

Portuguezes de hoje, e dos que apotheósam o épico immortal, o não entendem, e tanto que mais fizeram d'elle um rotulo do que um symbolo amado e comprehendido, devéras nacional.

Fallam quasi todos em Camões... não o tendo lido sequer.

Assim, reeditam-se as suas obras, e ellas descançam nas estantes dos editores heroicos, porque, tendo-as lido poucos, muitos são os que teimam em não continuar a lê-las, até porque as não entenderiam.

Entretanto, ha, facilmente, energias lampejantes, indomaveis, entre o que corre de estrangeiros que desrespeitem o auctor das *Lusiadas*.

Ainda não ha muito, pela linguagem formidavel de alguns patriotas contra o apeamento do busto de Camões em Paris, temi que se prégasse e preparasse uma guerra á França, dando-se-lhe uma tareia que a obrigasse a pedir perdão de joelhos.

E não cuidem que exagéro.

Visitando-me, ha dias, um homem que julgo sincero e bom, a primeira coisa que me disse foi d'olhos em braza, a bocca espumante:

— Então o nosso Camões expulso de Paris!

— Mas não viu a explicação?

Elle não me ouviu. Facundo, com um cigarro muito acceso na mão direita, gritou, livido como o Macbeth:

— Imaginam que não temos patriotismo... que não sabemos apreciar o nosso eminente *dramaturgo*...

— Dramaturgo?! Quer talvez referir-se aos *Autos*...

— Quaes *Autos*, qual cabaça! Refiro-me aos *Lusiadas*. Pensa que os não li? Ora oiça este verso da immortal epopeia:

Alma minha gentil, que te partiste...

E nem me deu tempo a observações, saindo tão zangado, como feliz pela *erudição* despejada, prompta para tão curiosa opportunidade.

Como vêem, Luiz de Camões é bem singularmente conhecido e amado em Portugal... o que não quer dizer que estrangeiros como Stork o não conheçam muito melhor do que quasi todos os nossos patriotas.

Quem não perdoará, pois, a Voltaire, a Madame Staël e a Chateaubriand? Quem não perdoará áquelle tribuno gallego a phrase: — *Bem sei. Foi alcaide em Pontevedra?*

JOSÉ AGOSTINHO.

Sabio, crente e bom

Não ha, não póde haver, — estou certissimo,—uma voz unica, um unico juiz imparcial que conteste a justiça rigorosa com que ao Doutor Sousa Gomes applico estes tres epithetos.

E difficil a valer me seria decidir qual d'elles mais a primor se lhe ajusta. Sob qualquer d'estes aspectos foi distinctissimo, e o conjuncto de todos tres é que lhe caracterisa bem a pujante e nobre individualidade.

Ascendendo em mui verdes annos, — como em Hespanha o recem-fallecido e glorioso Menendez Pelayo, á cathedra universitaria, foi lente talentoso e sabedor, mestre proficiente e zelosissimo, tão ávido no enthesourar como largo no communicar os thesouros da sciencia. A' sciencia sagrou o amoroso culto e o devotado labor de toda a sua vida, infelizmente curta. E nunca os successivos progredimentos da sua intelligencia, nunca as esmeradas investigações do naturalista ou as pacientes analyses do chimico puderam um momento projectar a minima penumbra na luz da fé que lhe illuminava o espirito; antes cada conquista no campo do saber lhe robustecia e firmava *pari passu* o vigor da crença tão viva e tão sincera, tão consciente e tão inabalavel: tão nitidamente professada, tão corajosamente defendida, tão apostolicamente proclamada e propagada, que aos mesmos *adversarios (inimigos pessoaes* não os podia ter, não os tinha de certo) se impunha como o documento de uma *convicção*, como a revelação de uma *força*, como o testemunho de uma *virilidade*, como o retrato de um *homem*.

Homem, vir, homem digno d'este nome; homem de sciencia e de fé, homem de alto valor intellectual e de purissima religiosidade, homem em quem as acções mantiveram sempre coherencia inflexivel com os principios, a si proprio se retratou e definiu o Doutor Sousa Gomes n'estas palavras que um dia dirigiu aos socios do circulo catholico do Porto:—«E' preciso ser-se catholico, mas é preciso sel-o a valer. . . E' preciso ser-se catholico, mas para cumprir todos os deveres da Religião, individuaes, familiares e sociaes, grandes e pequenos; e cumpril-os com o espirito de verdade, de justiça e de caridade que é a propria essencia do Christianismo.»

Dr. Francisco José de Sousa Gomes

A caridade, essencia do Christianismo, alliava-se intimamente á fé na alma de Sousa Gomes. Se muito amou a Deus, tambem amou muito a seus irmãos. Se foi um crente e um justo, foi por egual um *bom*. No seio do lar; na vida academica; no trato com os discipulos, em cada um dos quaes via mais que um amigo, quasi um filho; nas relações sociaes, na dedicação ás classes operarias; na zelosa propaganda e indefessa apostolização das doutrinas e das obras do *Christianismo social* (a que outros chamam, de maneira equivoca, *Socialismo christão)* espelhou-se e espalhou-se, em irradiações de luz e de amor, que perduravelmente viverão na memoria, na admiração e nas bençãos de quantos o conheceram e amaram, a grande, a ingenita, a evangelica bondade do coração de Sousa Gomes.

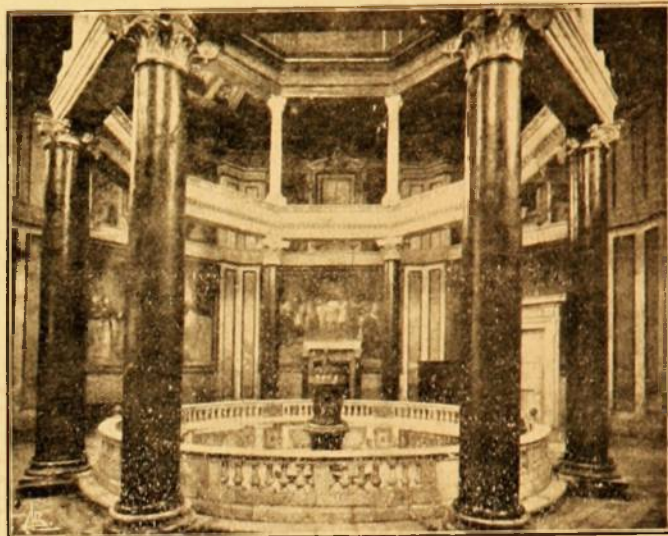
Ah! Pudesse, n'esta hora de desfallecimentos e de tibiezas, o resoar d'este nome renovar o prodigio da voz do propheta, fazendo resurgir do pó os ossos aridos, e suscitando phalanges de estrénuos imitadores d'este sabio, d'este crente e d'este bom, — a quem a Infinita Bondade quiz poupar o espectaculo de tantas ruinas, mas que, no seio da gloria, apressará com as suas supplicas o momento da resurreição!

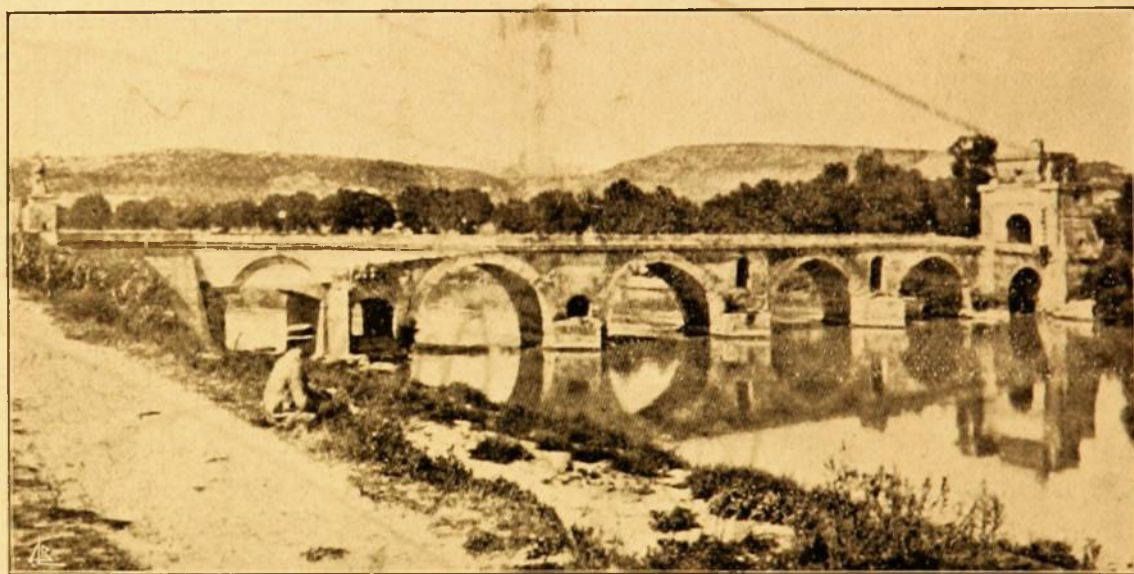
† Augusto, *Arcebispo d'Evora*.

XVI Centenario da Paz da Egreja

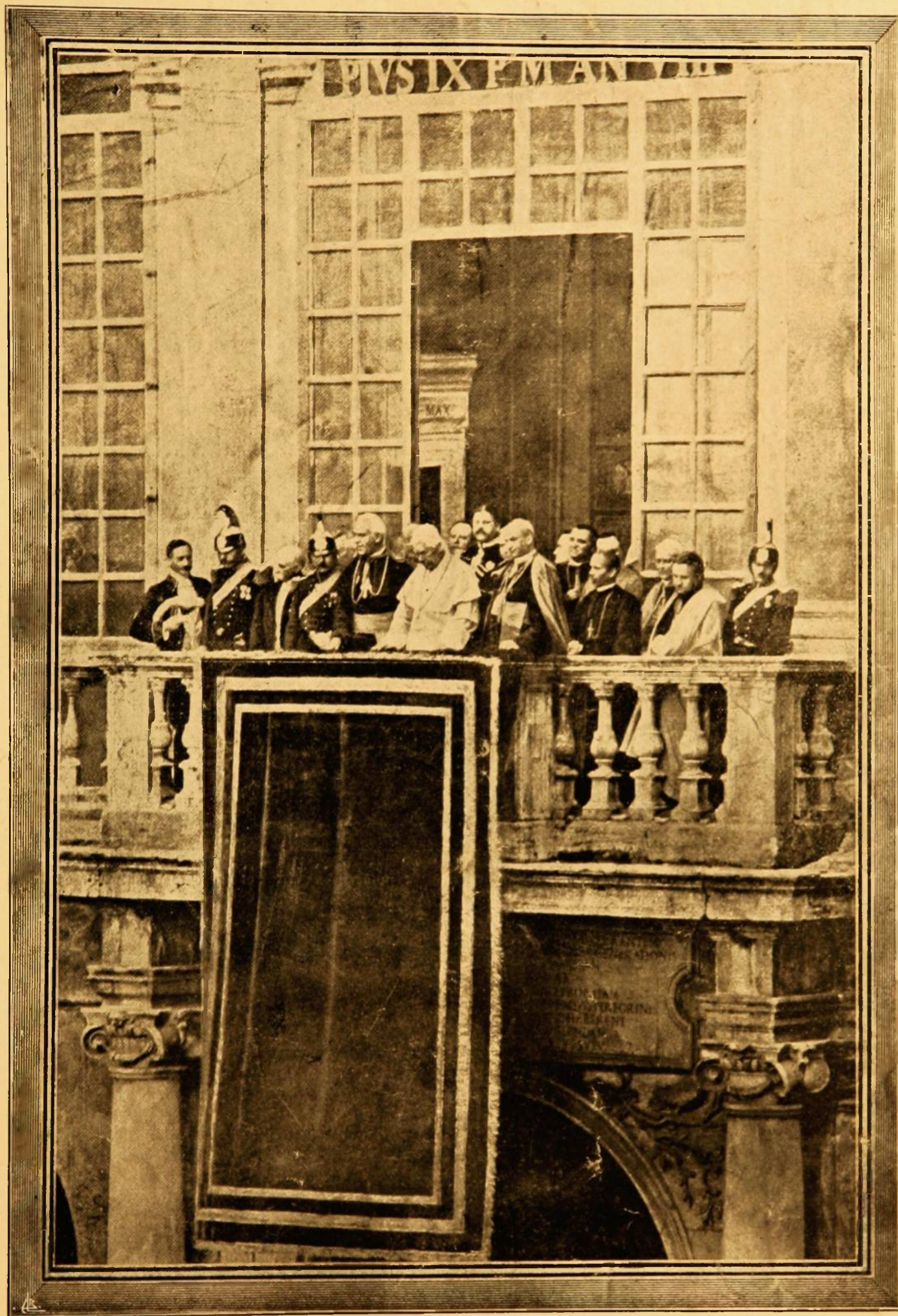
NOTAS HISTORICAS

Os primeiros seculos da Egreja foram de lucta atrocissima movida pelos imperadores pagãos.

N'elles foi-se, porém, introduzindo na sociedade o espirito da liberdade christã. Em 312 Constantino, muito tolerante, aprestava-se a combater Maxencio quando lhe appareceu uma cruz luminosa no céo circundada por uma phrase que Eusebio nos relata em grego e cuja traducção litteral é: *Por esta vence*. Este facto tem inspirado a pintura e a esculptura: um expressivo monumento é o que nas capas d'este numero reproduzimos. Vencedor Constantino, pela cruz, apressou-se em reconhecer a Religião Catholica, á qual deu a liberdade pelo edicto de Milão, em Maio seguinte, completando-se portanto este anno o 16.º centenario.

Baptisterio edificado no logar onde Constantino Magno foi baptisado

E' uma primorosa e rendilhada joia architectonica, que desperta, com o sentimento de admiração catholica, inolvidaveis recordações.

Ponte Milvia (estado actual)

Nos campos de Saxa Rubra, *onde Constantino Magno derrotou Maxencio, derrota que determinou a conversão official do imperio romano, facto historico que este anno commemoramos; segue-se a Ponte Milvia tão celebre, por esta primeira victoria da cruz.*

A nossa photographia representa o estado actual d'este logar memorado.

Pio X abençoa uns peregrinos da «loggia» de S. Damaso

S. Santidade, acompanhado por alguns dignitarios do Vaticano, recebeu ha poucos dias grande numero de peregrinos que foram a Roma por causa do jubileu constantiniano. Da varanda que tem o pateo de S. Damaso abençoou-os reunidos n'essa espaçosa praça, entre acclamações enthusiasticas.

Chronica da semana

II

Contava-me ha dias alguem que um erudito clinico d'uma pittoresca cidade do norte, tão proficiente no seu mestér como ignorante dos comezinhos elementos de catechismo, sentira um dia curiosidade de ir vêr ao Porto a famosa procissão de Cinza. Ao entrar na velha egreja de S. Francisco, fez-lhe impressão o engalanado anachronismo do andor de S. Luiz, rei de França. Parou, remirou, escoldrinhou os detalhes da imagem, as dobras do manto, o prateado postiço das flôres de liz, e não sabemos ao certo se tomou o pezo ao sceptro de madeira que mais parecia. . . o pau de bater bifes, saudoso symbolo da dissolvencia ominosa, tão respeitavel como o tacão das botas do snr. presidente do conselho. . .

E sonhando ver n'aquelle apparato a representação d'algum mysterio do catholicismo, travou do braço ao sacristão, arrastou-o até ao andor, e segredou timidamente e com respeito.

— Que quer dizer esta imagem? E' o Santissimo Sacramento?. . .

O illustrado medico, já fallecido, não era, infelizmente, esporadico exemplo da aridez da educação religiosa que assolava algumas das mentalidades mais brilhantes do paiz. Compor-se-hiam galerias de «homens notaveis», se a paciencia benidictina d'algum caturra as enunciasse. E se já este desconhecimento de questões tão meticulosas e tão graves era frequente em homens d'uma apojadura intellectual avantajada, o que não commentar hoje da inepcia filauciosa dos plumitivos que, ao noticiarem ha dias, no *Seculo* a invasão da *Oriental* pela egreja da Graça, em Lisboa, informavam muito seriamente que os membros da tal corporação cultualista, haviam accendido a lampada do sacrario, apezar de terem verificado que lá dentro não estava. . . *o crucifixo!?*. . .

«L'ignorance n'est pas la nuit, c'est pis encore!
L'aveugle qui dans l'ombre, a pour guide sa main,
S'oriente et se fraye à tâtons son chemin.
Mais l'âme est plus qu'aveugle, helas! quand elle ignore!»

Sublinhando frouxos de riso, vinha a proposito dedicar meia duzia de phrases sisudas ao «atrevimento da ignorancia». Todavia, melhor é poupar os recamos da prosa para os encomios ao facto virgem na historia lusa, que agora vem de estarrecer a alta finança: o trespasse magico do *deficit*, — ou á masturbação intellectual da ultima legislatura.

Transcuremos, porém, estes baixios onde naufraga a escalavrada náu gloriosa da patria; não paremos sequer a deleitar-nos com a cancerosa questão das denuncias, que apenas nos produz impressão analoga á d'esses alvoroços que a meude soem registar-se nos estabelecimentos penaes, quando a jolda dos presos se amotina por gordurosas questiunculas de rancho, — um escandalo a mais, acompanhado de atormentador ruido de latas e cassarolas, mas sem maior transcendencia no regimen interno do presidio. . .

. . . Não é licito, no emtanto, recobrir d'esta indifferença e desprezo, a exploração systematica com que certos educadores veem minando as gerações infantis dos cursos primarios.

Vi sahir ha pouco d'um cinematographo uma corda immensa de creanças. Os fócos de luz ferindo escassos a comitiva, pela rectaguarda, ella davame o aspecto tragico d'uma leva de condemnados que cantassem ao transpôr os aditos dos carceres. Era como um traço escuro a serpear no largo, quebrado onde a onde pela silhueta disforme dos mestres que atiravam aos seus batalhões apinhados, gestos rasgados de regentes de philarmonica e brados rispidos de commando.

Bandeirolas desbotadas trapeavam agitadas no

GEREZ. — Estabelecimento thermal

ar pela alegria fulva da petizada, e depois n'um crescendo arrastado e dissonante as notas da *Portugueza* subiram das gargantas, emquanto aquella onda panurgica e irrequieta se ia movendo devagar entre rôlos de poeira! . . .

No dia anterior, realisára-se a chamada Festa da Arvore. Penso que tem sido erro não a celebrarmos nós, os catholicos, que melhores e bastos motivos temos para o fazer.

Assim a Festa da Arvore, sem cortejos burlescos, nem paradas espectaculosas, deixaria de ser, repito, a exploração laica, fomentada por um dos coios maçonicos que thurificam o anarchico sectarismo do nosso Estado, mas unica e simples consagração do ideal divino que enthusiasmou o genio dôce de Ruskin e a lyra suave de Castilho e João de Deus.

Este sentimento puro de adoração ao Creador a uma santa saudade de outra existencia que deve ter precedido a das dôres terrenas ? ! . . .

Em vez de ás creanças se ensinar canticos insulsos de sabor politico, fructos sorvados de theorias de que ellas não comprehendem nem o valor nem o veneno, melhor e mais são fôra cantar aquellas dolorosamente tocantes palavras do grande poeta, grande meditador e grande santo que se chamou S. Francisco d'Assis, na sua despedida do Monte Alverne «bosque silencioso de pinheiros (assim o descreve o convertido e profundo Joergensen) onde, aqui e além, surge, na côr sombria dos musgos humidos de orvalho, a corôa rubra d'uma violeta dos Alpes».

Que logar na terra recebeu um adeus mais sentido e mais augusto do que este do grande mystico que surprehendia as reflexões da belleza divina nos explendores da natureza ?

GEREZ — Vista parcial (Cliché do phot. snr. Francisco G. Marques

das florestas e das boninas, que compoz a melodia dos prados e recobriu as penhas d'uma belleza suprema que subjuga, tem o seu proprio fundamento no coração do homem. Todos os santos fundadores das Ordens contemplativas buscaram para os seus conventos a visinhança dos bosques. Quem os visite logo sente como o sussurro das grandes arvores velhinhas acompanha o cicio das orações.

Quantas recordações christãs são ligadas á magestade augusta das frondes, desde os cédros do Libano ás oliveiras do jardim da Agonia; desde o sycomoro de Matarieh, que abrigou a Sagrada Familia ás portas do Cairo, ás mattas do Bussaco, em cujo rumorejar a gente ainda ouve toadas de ascetas, ou ás do Bom Jesus do Monte, onde, na bella phrase de Camillo, a melancolia deixa de desopprimir; o coração alarga pela amplitude do céo, que n'aquelle local, convida a um scismar suavissimo,

E nós abandonamos aos adversarios a Festa da Arvore ! . . .

Ah ! que somos realmente d'um paiz onde o sr. Thomaz da Fonseca, parodía Tolstoï n'uma infortunada aldeia da Beira Alta. . . quando não redige decretos acêrca das amas de leite ! . . .

F. V.

Maravilha da industria

Uma casa de Genebra, fabricante de relogios, acaba de concluir um maravilhoso relogio de bolso. Uma perola, cujo peso é de quarenta e cinco grammas e tem por diametro meia pollegada, contem o mecanismo. Em debastar a perola interiormente e collocar as rodas, gastaram quinze mezes. Este relogio está garantido quanto a precisão e duração, póde usar-se engastado n'um annel e custa seis contos de reis.

Um passeio ao Bussaço

ooᴑoo

Porto, 5-VII-913.

O DIRECTOR do Collegio Internato dos Carvalhos, de Villa Nova de Gaya, nosso presado amigo rev. Antonio Luiz Moreira, escolheu este anno o Bussaco para realisar, com os seus alumnos, cerca de duzentos, o passeio que costuma dar em todas as epochas escolares.

Acertada foi essa escolha, porque o Bussaco, recanto maravilhoso pelas suas bellezas naturaes e a admiração de muitos até que em materia de crença são indifferentes. E acontece mesmo que a arte não tem alli coadjuvado devidamente a natureza, á falta de recursos ou de iniciativa, pouco mais havendo que admirar, n'este ponto, do que esse monumental hotel que a patina do tempo já escurece, e um ou outro arruamento ajardinado, revelando tudo um descuido imperdoavel.

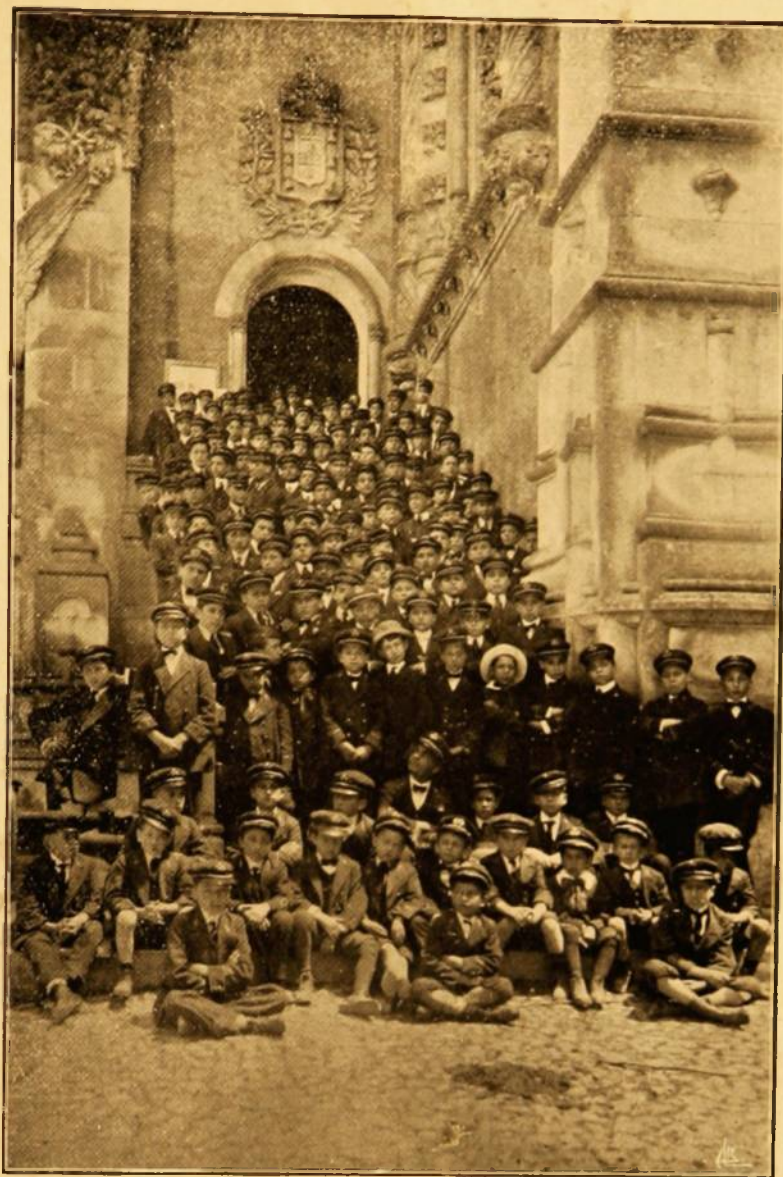
Sina má de portuguezes é esta, que as bellezas da sua terra não sabem devidamente aproveitar, para ellas chamando a attenção dos estrangeiros e proporcionando-lhes todos os confortos e commodidades que a requintada civilisação moderna exige.

Mas iamos entrando, afinal, em considerações estranhas ao assumpto d'estas linhas, considerações

Chegada dos alumnos do Internato dos Carvalhos ao Luso

pelas suas recordações historicas, deveria ser a Meca do Oriente, onde nacionaes e estrangeiros pudessem vir esparecer maguas e saudades no horisonte limitado do seu panorama, buscar lenimento para os apuros e pezares no esplendor e riqueza da sua paisagem, saciar o ardor patriotico na lembrança dos feitos epicos ali praticados e de que são testemunha muda cada recorte de terreno, cada arvore, cada fonte e cada pedra , e até dar largas ao seu fervor religioso nas capellas, cruzes e eremiterios que a piedade dos antepassados ali erigiu.

Mas o Bussaco, áparte os encantos da natureza em que é prodigo, infunde ao visitante uma certa impressão de tristeza, pelo quasi abandono a que está em grande parte votado, principalmente nas edificações religiosas, rememorativas de scenas do Evangelho, e que poderiam ainda fazer o enleio e que aliás nos levariam longe, porque é uma dôr d'alma vêr que, pela nossa incuria, pelo nosso desleixo, não sabemos provar aos estrangeiros que Portugal é realmente o «Jardim da Europa, á beira-mar plantado«, de que nos falla o Poeta.

Não sei porque, eu gosto mais do Bom Jesus do Monte. No Bussaco ha mais opulencias naturaes, mais cascatas, mais fontes, maior recolhimento, um silencio pesado abafando tudo n'uma atmosphera de sombra e de insolação. E lá do cimo, junto á Cruz Alta e em toda a fita da estrada que colleia por fóra da matta, descendo até á capella da Victoria, o panorama que se desfructa é dos mais vastos, mais variados, mais imponentes e magestosos que á vista humana é dado admirar. Mas lá, no Bom Jesus, ha, parece-me, mais arte, mais elevação, mais religiosidade. Alliou-se alli tudo que póde satisfazer o

NO BUSSACO — Grupo dos alumnos do Internato dos Carvalhos

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath».)

espirito na sua insaciavel sede de Belleza e Arte Esthetica e não se esqueceram as commodidades, o conforto, o quasi luxo que hodiernamente não póde dispensar o turista, o veraneador, o simples visitante.

E, quando um dia uma empreza arrojada conseguir ligar por meio de viação barata, rapida e commoda, ao mesmo tempo dotando-o de novas attracções indispensaveis, esse maravilhoso triangulo panoramico — Bom Jesus, Sameiro e Santa Martha da Falperra — Braga transformar-se-ha num grandioso centro de excursões e de turismo e Portugal será para o resto da Europa uma terra verdadeiramente de prodigio e de encanto.

E estas considerações vinham a proposito de quê? Do admiravel passeio que me proporcionou, por meio d'um convite amabilismo, o nosso illustre amigo Padre Antonio Luiz Moreira. Agradeço-lhe as gratissimas impressões que com a sua lembrança me suggeriu, impressões que impossivel é descrever, mas que em meu espirito permanecerão indeleveis, como o echo d'uma musica suave e doce que uma vez se ouve e jámais se esquece.

SOUZA MARTINS

Fastos do Catholicismo

Primeiro Congresso Catechistico Hespanhol em Valladolid.

No dia 26 do mez transacto reuniu-se na visinha nação e na cidade vallisoletana o primeiro Congresso Catechistico.

Além do metropolita tomaram parte no Congresso, do qual se espera grande fructo tres arcebispos, onze bispos e um vigario capitular.

A Cathedral tinha uma ornamentação severa e elegantissima. As ordens religiosas mandaram ao acto grandes deputações. A nave central era occupada por mais de 1500 meninas.

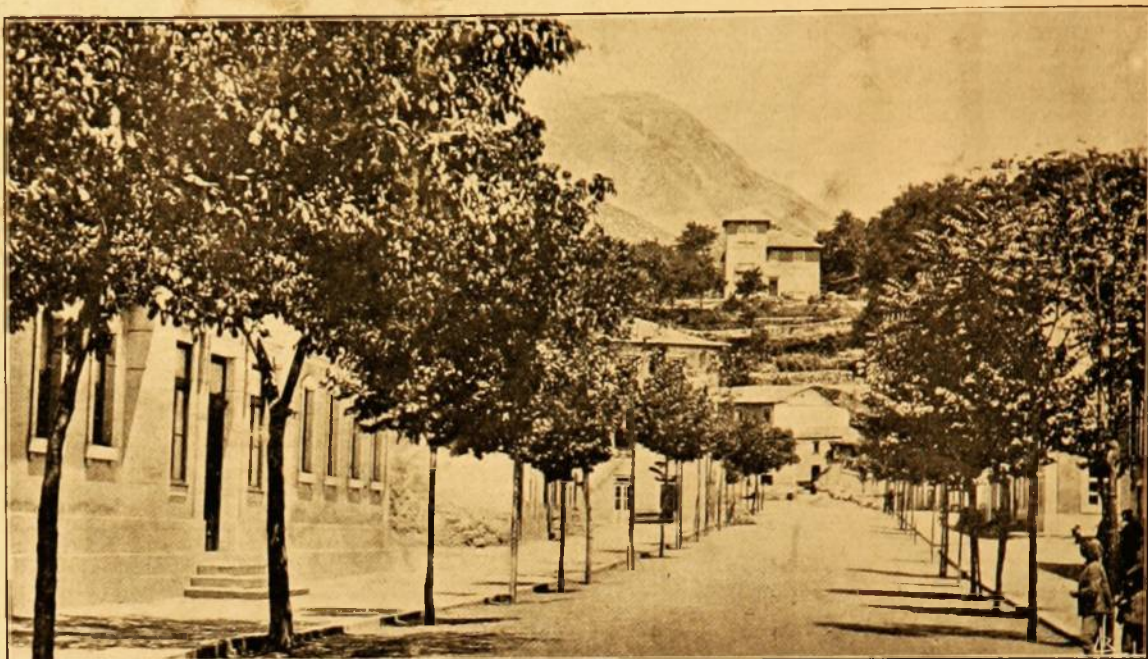
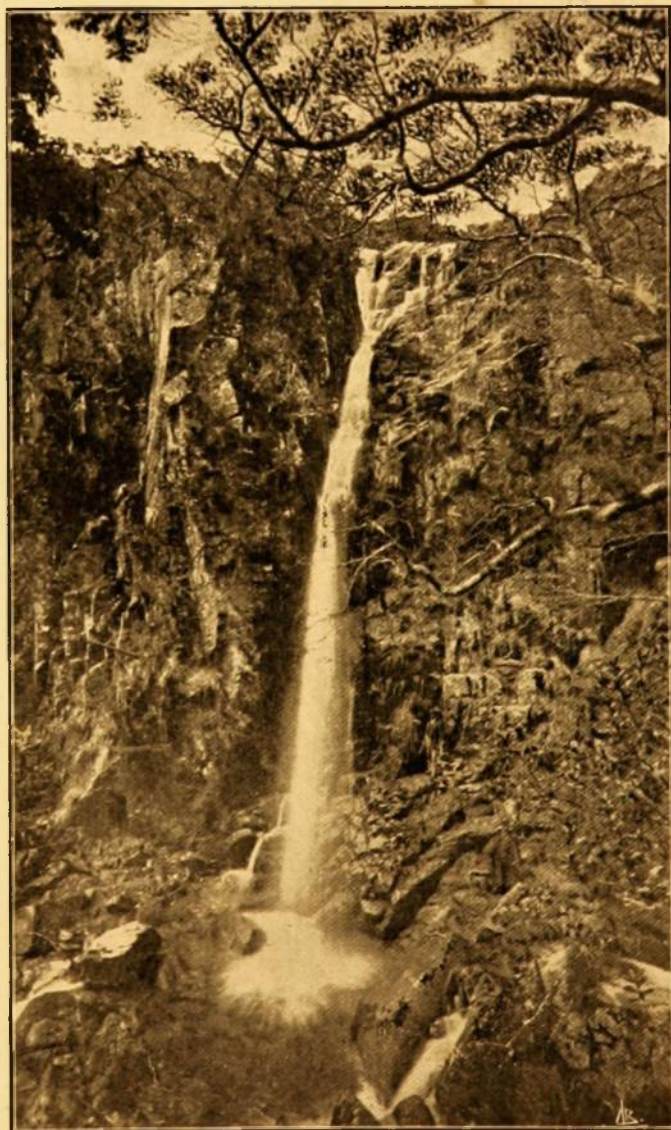
Oito mil creanças receberam a Sagrada Communhão, no passeio do Campo Grande.

Pio X deseja a paz nos estados balkanicos

S. Santidade escreveu aos bispos do Oriente para que exprimissem aos governos respectivos, que era grande desejo seu, não rompessem as hostilidades entre os alliados. E' sempre o mesmo carinhoso e paternal amor da Egreja, que tanto anhela a paz entre os principes christãos; ainda que, como scismaticos, não são do seu redil as maiorias dos povos que se vão lançar n'uma guerra fratricida.

Do Gerez a Leonte

Foi por uma risonha manhã de agosto que a alegre cavalgada se poz a caminho de Leonte.

Nuvens alcantiladas no alto das serras denunciavam proxima borrasca... Mas o dia designara-se e era unanime a vontade de se não

Avenida do Gerez (parte norte)

GEREZ — Cascata de Leonte

recorrer a um imprevisto adiamento. Por seu turno, os corceis que nos esperavam, mostravam-se animosos e nitriam estrepitosamente, como a animar-nos e a dar-nos a certeza de podermos confiar nas suas vigorosas pernas já habituadas aos escabrosos caminhos da Pedra Bella, Leonte, Albergaria e Chã das Abrotegas. Partimos... e ei-nos então subindo a ingreme montanha, deixando atraz de nós a formosa estancia do Gerez, que a pouco e pouco se foi mostrando mais pequenina, estendida no valle profundo — como que estrangulada pelas altissimas serranias que a ladeiam.

Que bella digressão a nossa e que maravilhas se apresentaram ante nossos olhos descobrindo o horisonte vastissimo que nos rodeava e admirando os fios de prata que serpenteavam por entre os rochedos e que mais abaixo se formavam em cascatas caprichosas e surprehendentes!

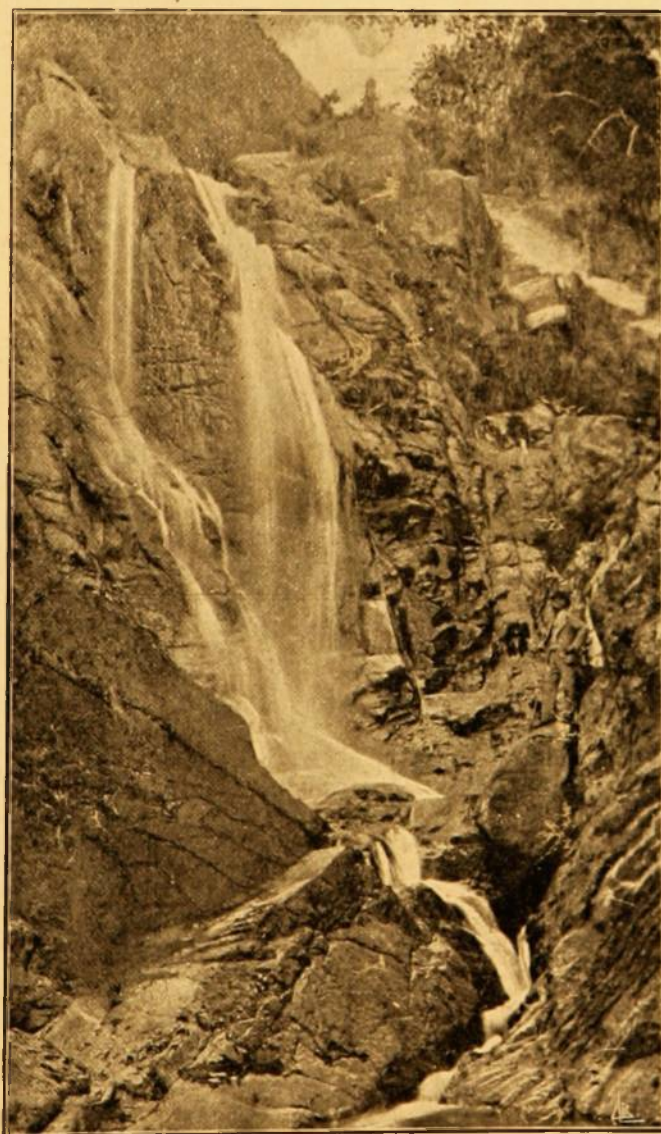
*

Foi de encantos irresistiveis o lindo passeio.

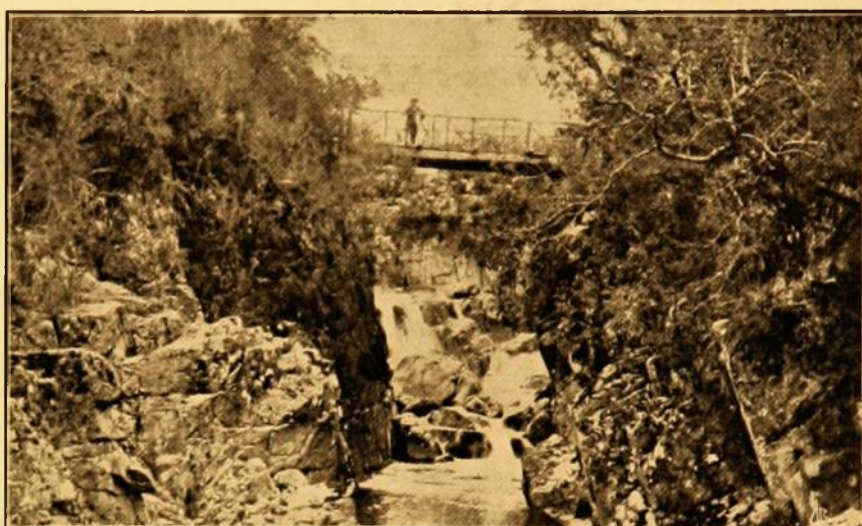
Mas d'elle adquiri a fatal certeza de que ha momentos felizes na vida que occasionam males irreparaveis...

ESCULAPIO.

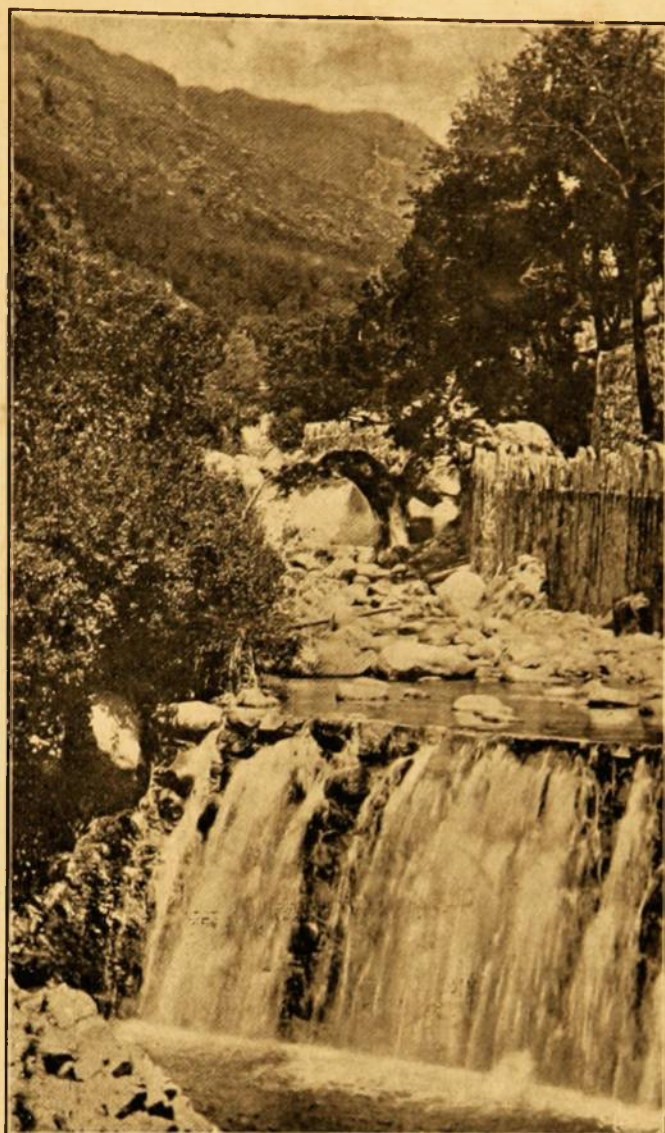
EM LEONTE (GEREZ). — **Um passeio a cavallo**

(Cl. da Exc.ma Snr.a D. Josephina Nazareth)

GEREZ. — **Cascata do Torgo**

(Cliché da «Illustração Catholica»)

GEREZ — Observatorio e viveiro florestal

GEREZ — Ponte Feia sobre o rio Homem

GEREZ — Cascata das Pallas

(Clichés da «Ill. Cath».)

GEREZ. — Um aspecto do rio no novo parque

(Cliché da «Ill. Cath.»)

PORTO—Comicio dos estudantes para protestar contra as illegalidades commettidas na Escola Medica

(Cliché de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath».)

O S. JOÃO EM BRAGA

Experiencias de aviação na explanada do Sameiro

Um dos numeros das festas sanjoanninas foi tambem as experiencias, repetidas em dois dias, de aviação. Felizes no primeiro, não no foram tanto no segundo porque o vento impelliu o apparelho contra uns rochedos inutilizando-lhe o helice. Por sorte o aviador, que era o snr. Sallés, não soffreu coisa alguma.

(Clichés do distincto amador phot. sr. João Silva, para a «Ill. Catholica»)

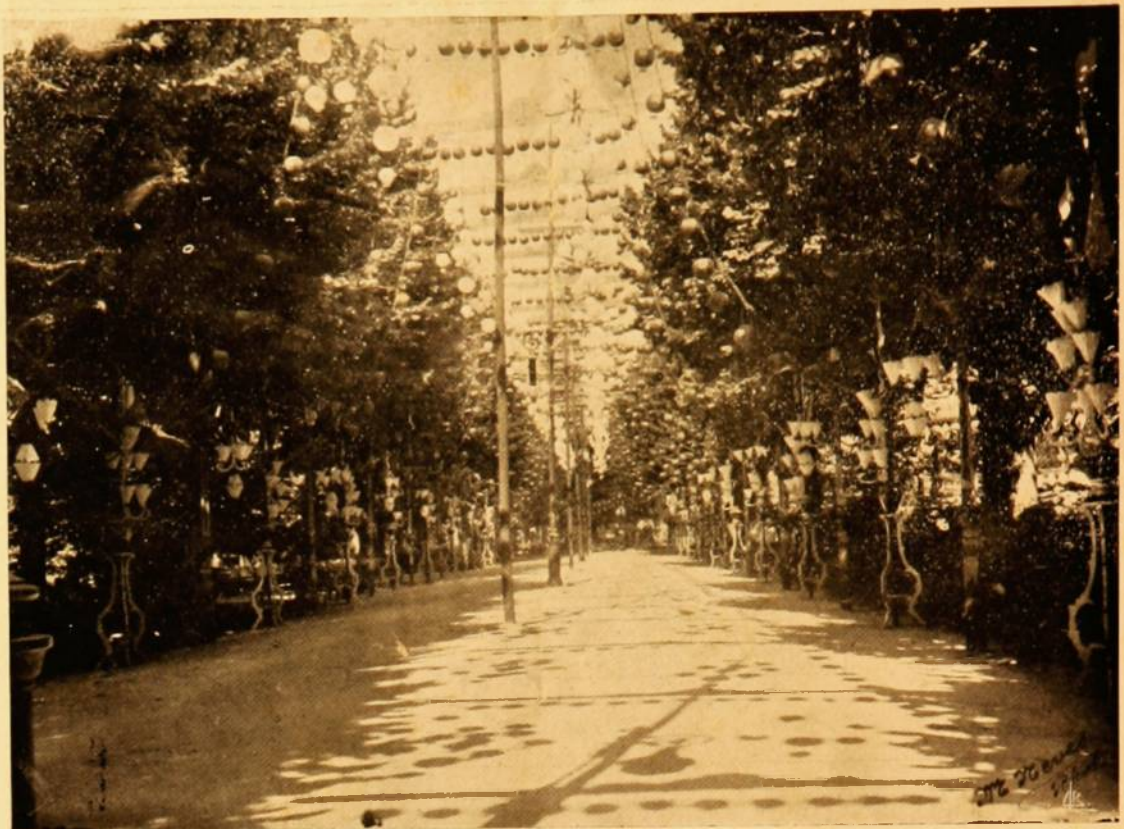
Baptismo de Jesus no Jordão

Como é tradiccional usança nas margens do diminuto Este, a quem umas comportas dão n'aquelles dias mais avultadas e caudalosas proporções, dispõem um quadro biblico: o baptismo de Nosso Senhor, *cujo figurado, repartido pela encosta, reproduzimos pela photographia.*

Campo de Sant'Anna

N'este local que é um grande ponto de reunião da sociedade bracarense, e que esteve regorgitando de passeantes nos dias de festival, eram ainda que elegantes, muito severos os adornos.

JARDIM PUBLICO — o coreto engalanado

Entre os macissos de folhagem mimosa e perfumada do jardim, o corêto, onde tocou com mestria a banda regimental, semelhava, coberto e cercado de lumes, uma immensa fogueira, onde rutilavam extraordinarias gammas de luz.

JARDIM PUBLICO:—Passeio central

O passeio central, transformado n'um tunnel de luzes multicores, estava admiravel. O aspecto era encantador pela explosão de côres e tonalidades que ora semelhavam o proprio dia, ou se esfumavam entre a sombra.

(Clichés da «Illustração Catholica»)

PORTO — Festividade da Senhora da Hora de Fradellos

(Cliché de J. Azevedo, phot. da «Illustração Catholica»)

CONDE DE AGROLONGO

ue actualmente se encòntra no Rio de Janeiro e que no nosso paiz tem praticado grandes actos de benemerencia, mandando construir egrejas, escolas e levantando grande numero de instituições de caridade entre as quaes o Asylo de Mendicidade.

(Busto do esculptor bracarense Antonio Candido Pinto)

PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL
Joaquim Antonio Pereira Villela.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . 2$400
» » (6 mezes) . 1$200
» » (3 mezes) . 600
Brazil (1 anno) . . . . 3$000
» (6 mezes) . . . . 1$500
Numero avulso 60

Numero 3 — Braga, 19 de julho de 1913 — Anno I

O PROTESTANTISMO

OS SEUS HOMENS

E OS SEUS ERROS

Utilissima obra de propaganda catholica contra as falsas doutrinas de Luthero

Um volume com cerca de 100 paginas em edição de luxo, 60 rs.
A mesma obra em edição popular. . . . . 30 rs.

Da edição popular, faz-se um desconto de 20 por cento em todos os pedidos de mais de 20 exemplares.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia e porte do correio, devem ser dirigidos ao editor

Padre Antonio José de Carvalho

Rua de Santa Margarida, 9—Braga ou á administração dos «Echos do Minho», Rua dos Martyres da Republica—Braga.

Francisco Fernandes Machado

SELLEIRO

E

Fabricante de artigos de viagem

29, Rua de S. Marcos, 31—BRAGA

Esta casa já bem conhecida e merecedora da confiança do publico, que trata sempre com a maior seriedade, tem em deposito um bom sortido de malas.

PREÇOS RASOAVEIS

TINTURARIA

DE

TODAS AS CORES

(A mais antiga de Braga)

147, Rua da Cruz de Pedra, 151

BRAGA

Tinge, segundo os processos mais modernos e aperfeiçoados:

DAMASCOS,

OPAS

E QUAESQUER SEDAS

Lavagem de roupas

Recebe e expede qualquer encommenda pelo correio.

BRAGA

Succursal do Grande Hotel Maia das Caldas do Gerez

Campo de D. Luiz I e R. dos Capellistas

BRAGA

GRANDE HOTEL MAIA

Muito asseio. Independencias para familias.

Serviço especial de dieta para pessoas vindas de Caldelias e Gerez.

GRANDE HOTEL MAIA

(Fundado em 1883)

Aberto de maio a outubro

Julio Almeida Maia.

GEREZ

O mais proximo das aguas

Serviço esmerado

Preços Modicos

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL — Joaquim Antonio Pereira Villela.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 19 de julho de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 3 — Anno I

PORTO. — TRECHO DA RIBEIRA

(Quadro de José de Brito)

Um busto de bronze...

QUEM era Rochefort?

Quantos, arredados das luctas fervidas que encrespáram a França no fim do seculo dezenove, formularão esta pergunta.

—Uma reliquia! dirá um sonhador cansado. Um enygma! — synthetisará um critico estrabico.

E todavia, do entrechocar de mil conceitos e definições difficeis, resalta esta verdade: — a maior figura do jornalismo contemporaneo. O que se torna impossivel é descrever a sinuosidade da vida agitada do *sagittario temivel*, como lhe chamou Victor Hugo. Desde 30 de janeiro de 1830, que do filho do marquez de Rochefort-Luçay, um legitimista intransigente, apoz uma serie de brilhantes cursos no collegio de S. Luiz, vem abrolhando o redactor aggressivo do *Figaro*, que assusta um ministerio e revolve uma capital; o director da *Lanterne* que acceléra a quéda do Imperio; o homisiado da Belgica, que illude a policia napoleonica, e d'alem fronteiras esventra, demolindo ás pennadas, a parodia burlesca do Primeiro Consul; o deputado eleito por Paris, que vae da Camara para o carcere; o insurrecto da Communa; o deportado da Nova-Caledonia; o amnistiado de 1880, que vem fundar o *Intransigeant*, defender o *boulangismo*, acabar a execução de Dreyfus, exaltar o exercito, ser o amigo de Coppée, abraçar finalmente a causa da *plus grande France*, a renascença patriotica, e morrer como viveu — a batalhar!

D'essa triade de gladiadores, Rochefort, Veuillot, Cassagnac, que levantou admiradores e sequazes nos quatro cantos da Europa — só resta o ultimo.

De Rochefort subsiste, porém, mais do que um nome — a sua figura. Até n'este particular elle foi excepcional. Ninguem esquecerá aquelle seu aspecto *frondeur*, as linhas incisivas do seu perfil, uns olhos azues de gaulez, o cabello atirado para o ar, n'um simulacro da revolta que cobria no cerebro, a sua barba aparada arrogantemente. Ninguem esquecerá a figura de Rochefort, porque ninguem olvida as contorsões do *Gladiador* de Gêrome e o grupo de *Lacoonte*.

Os heroes conhecem-se: Veuillot era temido por Henri Rochefort, e o grande mestre das paginas fulgurantes do *Univers* vincou nos *Odeurs de Paris* o croquis forte do insoffrido guerrilheiro da *Lanterne*, em tons adequados áquella compleição mascula que atirava punhados de lama ao sobrinho de Bonaparte.

Em contraste, Rochefort não deixa uma *obra* de jornalista, completa. Poderá dizer-se, com o poeta, que elle nos legou

«. . . . . uma vida
«Pelo mundo em pedaços repartida».

Mais de vinte annos de lucta asperrima!

Foi o endemoninhado da blasphemia. N'um dos seus frequentes duellos, a bala do adversario veio bater sobre um objecto metallico, cosido á sua camisola: era uma medalha de Nossa Senhora! Rochefort não tributou a sua gratidão á Virgem. Continuou a blasphemar. . . Todas as manhãs um artigo acerado, vivaz e lampejante como a face d'uma espada, atirava ao ventre de Paris um grito cruel, por vezes injusto, mas nunca uma banalidade.

E os operarios que passavam á tarde junto do seu escriptorio gostavam, como toda a gente gostava, de se descobrir deante do veterano de angustiosas e cavalheirescas batalhas, que soubera ajustar a sua inquietação nervosa á sensibilidade da capital.

Todos o conheciam e todos perdoavam os seus defeitos. . .

O *Temps* explicava assim os seus exageros: «Ha uma tendencia natural que arrasta os homens d'um partido a acceitar como moeda corrente tudo o que lhes póde servir de motivo a polemicas, e os homens de espirito, tudo o que póde fazer valer a sua *verve*.»

O surdo descontentamento que tem minado os flancos da terceira republica, deve-se a Rochefort. Durante muito tempo, a phrase com que elle abriu o primeiro numero da *Lanterne* andava na bocca de todos:

«*La France a 36 millions de sujets, sans compter les sujets du mécontentement.*»

Os exemplares disputavam-se á valentona e a retumbancia do pamphletario temivel obtinha além fronteiras um echo enorme. . .

As suas *boutades* eram estribilhos populares. Ahi vae um exemplo:

«*La statue équestre de Napoleon III, representé en César, est l'oeuvre de M. Barye. On sait que M. Barye est le plus célèbre sculpteur d'animaux.*»

Creou inimigos? merecia-os: um luctador d'esta mordacidade requér em primeiro logar um meio em que se desenvolva. Rochefort para ser o que foi, precisava de sentir em torno de si o coaxar de invejas pôdres, a lingua bisulca do viperino insulto. Formou um publico seu. Viveu e triumphou.

Não era um catholico. O *boulangismo*, porém, encontrando n'elle a alma estoica do seu ultimo abencerragem, moldou-o ao nacionalismo e o velho e *temivel sagittario* tornou-se o campeão das causas salvadoras. Attesta-o o talento e o patriotico ardor com que elle fez a defeza da França e do exercito na questão Dreyfus, e a virulencia com que ia descarnando a estupidez do radicalismo e da maçonaria, na campanha anti-militarista da hora presente.

O orgão de Fláchon cuspiu-lhe sobre o cadaver, n'aquellas paginas que conservam ainda o velho titulo de *Lanterne*. Que sarcasmo!. . .

Da nossa parte apenas podemos, como catholicos, tributar á memoria d'um mestre da polemica, a homenagem reverente de soldados d'um ideal que lhe resoava na alma aos 24 annos, quando escreveu aquelle admiravel «soneto á Virgem»:

Toi qui n'osa fraper le premier anathéme,
Toi qui naquis dans l'ombre et nous fis voir le jour,
Plus reine par ton cœur que par ton diadéme,
Mère avec l'innocence, et vierge avec l'amour,

Je t'implore lá-haut, comme ici-bas je t'aime,
Car tu conquis ta place au célèste séjour:
Car le sang de ton Fils fût ton divin baptême,
Et tu pleuras assez pour régner a ton tour.

Te voilá maintenant prés du Dieu de lumière.
Le genre humain courbé t'invoque la première.
Ton sceptre est de rayons, ta couronne est de fleurs.

Tout s'incline à ton nom, tout s'épure à ta flamme.
Tout te chante, ô Marie! Et pourtant, quelle femme
Même au prix de ta gloire eût bravé tes douleurs?...

Almas piedosas desejáram ardentemente que Rochefort morresse convertido. Não ousaram, porém, lembrar-lhe esse desejo sob o portico do tumulo. Que se passaria a essa hora n'aquelle cerebro sulcado por tempestades e relampagos?. . .

E para fechar, diremos como Eugenio Mollet, na *Croix*, que boa fortuna teve em provocar tão piedoso desejo, um homem que, para grangear tal sympathia, apenas distribuiu pancada em toda a gente!...

F. D'ALMEIRIM.

TRIUMPHO CHRISTÃO

Um notavel estadista brazileiro converte-se ao Catholicismo

"É uma gloria do Brazil e fez ha pouco a sua primeira communhão»,—assim se exprimia um illustrado amigo, apontando um homem com o cabello polvilhado de neve e que subia vagarosamente a rampa que conduzia ao Gymnasio de S. Bento.

TERCEIRA—AÇORES. — Camara Municipal de Angra do Heroismo

— Quem é? inquiri immediatamente.

E o nome do conselheiro Candido d'Oliveira desprende-se dos labios do amavel sacerdote, com expressão physionomica debruada de respeito e admiração.

Já conhecia este nome. A historia do Imperio regista-o como um ministro prestigioso, estadista de elevada envergadura. Lente de Direito, tem revelado a pujança do seu talento, sendo considerado como abalisado entre os abalisados jurisconsultos brazileiros.

Ignorava, porém, esta circumstancia — que viveu longo tempo na noite da indifferença religiosa e se não guerreou com vehemencia a Egreja, tambem é certo que não observava os seus preceitos.

Para elle eram banalidades e *aquila non capit muscas*...

Decorriam os annos e esse espirito esclarecido que gostava de saborear uma pagina de Strauss ou de Comte e que subia ao Corcovado para admirar os donairosos e surprehendentes panoramas que se observam d'esse aprazivel monte, talvez superiores aos que se disfructam do cimo de Superga, em Turim, abstinha-se de compulsar o *Livro de Deus* e apesar de rasgadamente perspicaz não soletrava nas pomposas magnificencias da natureza o nome do Primeiro Motor Immovel.

Mas agora que já vae mergulhando no

occaso da vida, fixou o Sol do Christianismo e curvou-se adorando-o.

Suggestiva e assásmente edificante é a historia da sua conversão.

A imprensa parece querer confundir-se com um sudario, e por isso não torna conhecido pelo estampido da publicidade este acontecimento notavel e de auriferas lições.

Felizmente entre o numero dos meus amigos conto quem o desemmaranhou da sombria senda da incredulidade. Monge de atilado engenho e provada virtude, promptamente accedeu ao pedido de me relatar a historia.

Era então vigario de Tijuca e o eminente jurisconsulto veraneava n'esse encantador arrabalde. Decorria a epoca da communhão paschal e o virtuoso filho de S. Bento notou que o sr. conselheiro Candido d'Oliveira não cumpria o preceito paschal. Soube então que nunca se occupava com isso ; nunca se tinha approximado da Mesa Eucharistica esse bello espirito que por occasião da proclamação da Republica Brazileira teve de expatriar-se e entrando por acaso na Boa-Hora em Lisboa onde estava sendo julgado um mendigo que não tinha advogado, expontaneamente se offereceu para o defender, produzindo uma peça de soberbo relevo que brazona uma individualidade.

Inflammado de nobre zelo apostolico o sr. D. João procura o incredulo e o prelio foi renhido e brilhante. O sapiente sacerdote recocheta todas as objecções, desfaz todas as

BRAGA. — Templo de Santa Cruz

Fundado em 1626 pela Confraria de Santa Cruz, erecta na capella do Hospital, concluiu-se este templo, um dos monumentos mais magestosos da cidade de Braga, no anno de 1653. A esta irmandade de Santa Cruz reuniram-se outras, chegando por fim os seus encargos a mais de 6:000 missas annuaes. Actualmente é o unico templo onde ha diariamente côro do officio divino, o que se faz em rito bracarense como é de justiça.

Cruzeiro do Senhor da Saude, nas Carvalheiras

Foi edificado por D. Frei Bartholomeu dos Martyres, na occasião em que uma epidemia affligiu a cidade; o virtuoso Arcebispo collocou-o na fachada do hospital sanitario que improvisou para remedio corporal e espiritual dos empestados. Depois que o flagello deixou de opprimir o rebanho e o coração do pastor, collocou-se nas Carvalheiras esta imagem que n'este logar, e cercada pela devoção bracarense, chegou até nossos dias. Os poderes publicos mandaram ha pouco demolil-o. Mãos devotas, porém, o erigiram de novo na capella de S. João da Ponte.

duvidas e com tal eloquencia, que o inimigo succumbe e ahi mesmo cae de joelhos. A graça divina bafejou aquelle coração que balouçava na onda molle da indifferença, e a brisa perpassando pela aridez do seu espirito fez florir a crença e o amor.

E devidamente preparado, recebeu a Primeira Communhão, alumiando esta solemnis-

sima cerimonia as lagrimas enternecidas da esposa carinhosa e os jubilosos alvoroços das filhas dedicadas, acompanhadas pelos Anjos que nas suas harpas celestiaes dedilhavam um arroubador cantico, celebrando o prodigio emocionantemente grandioso.

O conselheiro Candido d'Oliveira é hoje um prisioneiro de Jesus Christo — *vinctus Jesu Christi.*

Agora não se citarão os nomes de Coppée, Sebastião de Luque, Brunetiére, Huysmans, Retté, Franchi, Lemaitre, Lozano, Gomes Leal — sem accrescentar o do insigne homem de Estado que dá fulgurante realce á Terra de Santa Cruz.

E fica bem ao lado dos nomes laureados do Benjamim de Victor Hugo, — do joven poeta radical e philosopho libertario, — do grande sabio e publicista francez — do *notable* na aristocracia das lettras que escreveu a *Missa Negra* e a *Cathedral,* — do auctor do livro *Du Diable à Dieu,* — do adail do racionalismo, hoje frei Christovam Bonavino, — do gigante dos criticos, — do celebre ex-orador dos clubs maçonicos, — e do egregio poeta portuguez.

Prosegue o renascimento catholico. Succedem-se os triumphos christãos. Os que começaram a vida por disparar facecias indigestas de lacaios contra a Egreja, terminam-a por a saudar com o fervoroso amor de filhos.

Hontem milhafres e hoje pombas. Hontem, — com o fel da incredulidade, a intelligencia erma da luz e o coração orphão de elevação e hoje, — com o mel da crença, a intelligencia abastecida de luz pura e o coração prenhe de elevação nobilitante. Hontem, — arietes de ruinas, semeadores de trevas e hoje, — arautos do progresso, evangelisadores do bem.

Hontem, — o conselheiro Candido d'Oliveira com o sorriso sardonico da impiedade insculpido nos labios e hoje, — o conselheiro Candido de Oliveira abrindo a bocca para receber o Pão dos Anjos.

Sêde bemvindo! Entrae na Egreja e permanecei. As portas são amplas como o seu coração — esse enorme pulmão que fornece ar oxigenado a toda a humanidade.

A recepção aos excursionistas povoenses. — O carro da cidade

(Cliché do phot. J. Pinto Vieira)

Reproduz a nossa photogravura o carro da cidade, que tomou parte no cortejo em honra dos excursionistas. N'elle se vê, ao alto, a figura de Braga, ladeada d'um poveiro e d'uma minhota e em baixo gentis lavradeiras, que lamçavam flôres. Muito concorreu este carro para o brilhantismo e bellesa da recepção.

Para os ingratos que morrem manchados pelo mal, psalmodía um sentido *miserere*; para os que se acolhem á sua sombra tem as festivas estrophes do *Te-Deum*.

E aos que puerilmente se entretêm a proclamar a agonia da Egreja, esperando a cada momento que sejam chamados para assistir ás suas exequias, — com os seus vinte seculos de existencia ensina-lhes que é mais possante que a pyramide de Cheops que não oscilla ás pedradas do barbaro, é mais invulneravel que o escudo de Achilles aos venabulos dos seus adversarios.

Aponta as 2 columnas do mais rico marmore de Paros que Decio mandou construir para gravar o *deleto nomine christianorum*, e ellas rumorejam que os Decios morreram e a Egreja vive e triumpha.

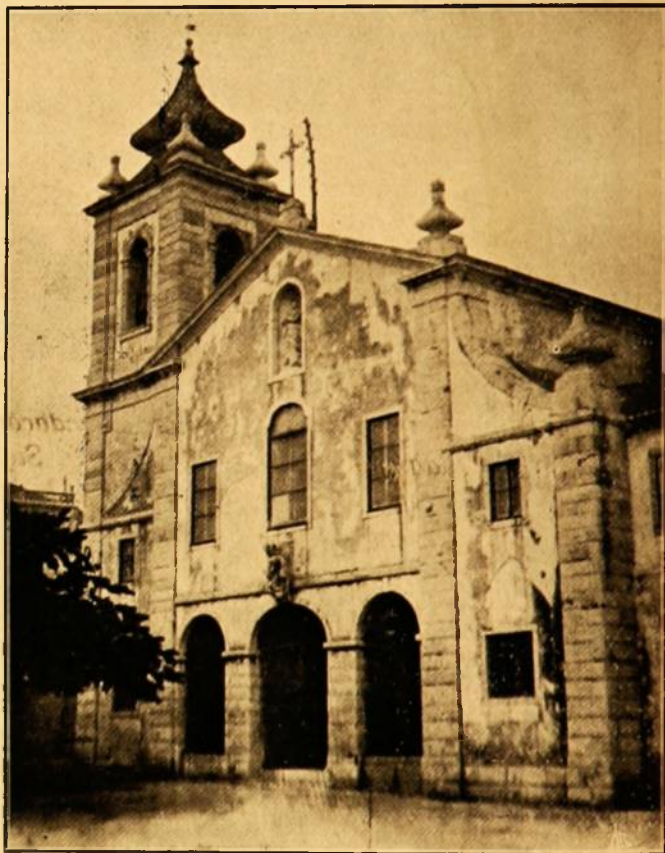
Os grilhões demudam-se em laureis. Se por vezes rugem desesperos cruciantes, correm lagrimas amargas, ellas desabrocham em fructos de ouro.

E assim as ossadas dispersas nos circos erguem-se nos gentilissimos fidalgos da virtude que pompeiam e brilham, qual sol no zenith, nos annaes da Historia.

LISBOA—Egreja de S. Vicente de Fóra

HISTORIA: Foi fundada por D. Affonso Henriques, em 1147, depois da tomada de Lisboa aos mouros, e fazia parte d'um mosteiro dos conegos de Santo Agostinho.

Philipe II d'Hespanha mandou erigir o templo actual e um edificio annexo, em 1582, residencia do Em.^{mo} Cardeal Patriarcha de Lisboa, actualmente ausente da diocese por imposição do governo republicano.

DESCRIPÇÃO: *O interior do templo tem uma só nave. E' revestido de preciosissimos marmores, com o tecto em fórma de berço, pintado pelo insigne mestre Vicente Baccaretti (italiano). Entre alguns bons quadros que possue, nota-se "A Piedade„ de Oliveira Bernardes. Ao lado da capella-mór está o jazigo dos patriarchas, com esculpturas do grande artista Machado de Castro. N'este edificio existe o pantheon da Familia Real, que nada tem de notavel quanto a architectura. Alli estão sepultados os reis: D. João V, D. José, D. João VI, D. Pedro IV, D. Maria II, D. Luiz I, D. Pedro II, imperador do Brazil que falleceu em 1891, e sua esposa D. Thereza, fallecida em 1889; D. Carlos I e seu filho D. Luiz Philippe. Tambem alli estão: Nuno Alvares Pereira, o duque da Terceira e o duque de Saldanha. Foi declarada interdicta por motivo das cultuaes em junho de 1913.*

LISBOA—Egreja de Santa Engracia

HISTORIA: Foi fundada pela infanta D. Maria, filha de D. Manuel I.

DESCRIPÇÃO: *N'esta egreja, entre muitas preciosidades dignas de ver-se, existe um busto em prata de Santa Engracia, offerta da fundadora, unico na peninsula, um notavel sacrario em pau santo, com baixos relevos em espinheiro, alguns bons quadros e uma imagem de Christo que escapou aos estragos do terramoto de 1775.*

E os desesperos, as lagrimas, o sangue dos nossos irmãos, baralhados no cadinho collosal da Fé, temperados no fogo sagrado do nosso culto, constituem as letras d'ouro da epopeia de gloria da Egreja Catholica.

Sempre perseguida e sempre victoriosa. Quando julgam que se abeira da Tarpeia, surge guapamente magestosa no Capitolio. E no sopé vão passando em continencia os maiores vultos da intellectualidade mundial bemdizendo Aquella que é luz e guia do genio, que é o «pharol dos seculos», na expressiva palavra de Guizot.

Rio de Janeiro, junho, 1913.

PINHEIRO DOMINGUES.

— Maldita policia, exclama um bebado, que deu com a testa na parede de uma casa, maldita policia que deixa fazer as casas no meio da rua!

Chronica da semana

III

NÃO sei, nem me dei ao trabalho de lêr nos jornaes, o que foram as commemorações republicanas de Chaves. Fallaram-me vagamente em revistas militares e n'um banquête, com a assistencia do sr. ministro da guerra.

Fosse outra a mentalidade dos governos, e muito diverso, mais patriotico o seu pensamento, e n'aquelles campos não estralejariam ruidosas celebrações, nem os echos das montanhas repetiriam mais que soluços intercadenciando prantos!...

Bem sei que a sugestão politica reclamava para a Republica uma Vendeia e um marechal de Lannes. Aquelle horroroso quadro fratricida de ha um anno, porém, nem simulacro foi, de parte a parte, das galhardas defezas e arremettidas dos soldados de Larochejaquelein, ou dos batalhões da Convenção nacional.

Chaves não deve orgulhar-se do que em frente dos seus muros se desenrolou tragicamente.

O nosso seculo não tolera já a revivescencia da guerrilha, assim como não consagra nem admira o Cura Santa Cruz.

Está envolta de mysterio ainda a scena historica.

LISBOA — Assistencia catholica de Santa Isabel (creanças que receberam premios)

Em commemoração do 1.º anniversario da fundação da assistencia catholica, da importante freguezia de Santa Isabel, creada por iniciativa do snr. dr. Santos Farinha, considerado prior d'aquella freguezia, realisou-se em 4 do corrente a distribuição de premios ás mães, e roupas ás creanças que, por aquella sympathica instituição, recebem leite, medicamentos e fatos, durante o anno.

A' cerimonia, que foi tocante, presidiu o nosso amigo snr. dr. Farinha, na sua residencia da rua Ferreira Borges, após a cerimonia religiosa que se effectuou na egreja de Santa Isabel.

A assistencia, numerosissima, era composta de illustres senhoras e cavalheiros que dedicadamente teem auxiliado aquella benefica instituição, entre as quaes as ex.mas snr.as D. Theresa Lobo Villaça (Galveias), Condessa da Serra da Tourega, D. Sophia Mello Breyner, D. Emilia Mara, que fizeram a distribuição, dr. Mello Breyner, general Rodrigues da Costa, viscondessa de Meirós, D. Ilda Carneiro Lopes, etc., etc.

A critica imparcial a dissecará mais tarde, doa a quem doer, fira a quem ferir...

Nunca a palavra *paz* assomou a tantos labios, nunca a *ordem* foi cercada de tantas exigencias, e todavia a guerra e a desordem assoláram o solo da patria, desvairando os seus filhos...

A licção fica hasteada bem alto a evocar um remorso. Ninguem a pode esquecer!

Ha todavia um epitheto que é preciso desde já banir na qualificação dos realistas:—o de *estrangeiros*. Não! Elles eram e são portuguezes, como nós, considero-os até o residuo de dignidade e de coherencia resistente á intemperie moral que desolou o paiz, assim como, dentro das suas ideias e convicções,

Os mesmos illustres reformadores que se preparavam para tomar a estupenda deliberação de substituir nas colonias, á acção moralisadora, pacifica e patriotica dos nossos missionarios, a rapacidade demoniaca e voraz das synagogas *Judaicas!*

O contraste é flagrantissimo e eloquente. A traça revela-se bem nas seguintes palavras insuspeitas de Jorge Sorel, que encerram esta rapida e desluzida chronica:

«E' preciso tomar nota de que no mundo demagogico, ha uma grande quantidade de judeus que ahi tentam crear para si uma situação preponderante sem grande trabalho de intelligencia.

Exequias por alma da Rainha Snr.ª D. Maria Pia

No passado dia 5 celebraram-se em Lisboa muitas missas em suffragio da alma da excelsa e saudosa Rainha, que deixou immensas saudades.

Foi no templo da Encarnação que mais se fez notar esta verdade pela enorme e distinctissima assistencia que enchia a egreja por completo.

Foi celebrante o rev. dr. Garcia Diniz.

A nossa photogravura mostra uma parte da assistencia á sahida d'aquelle religioso acto.

J. MAIA.
(Correspondente da «Ill. Cath.»

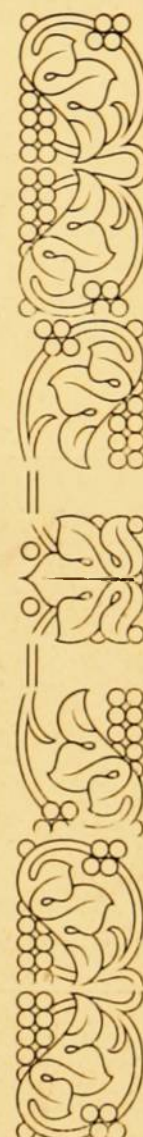
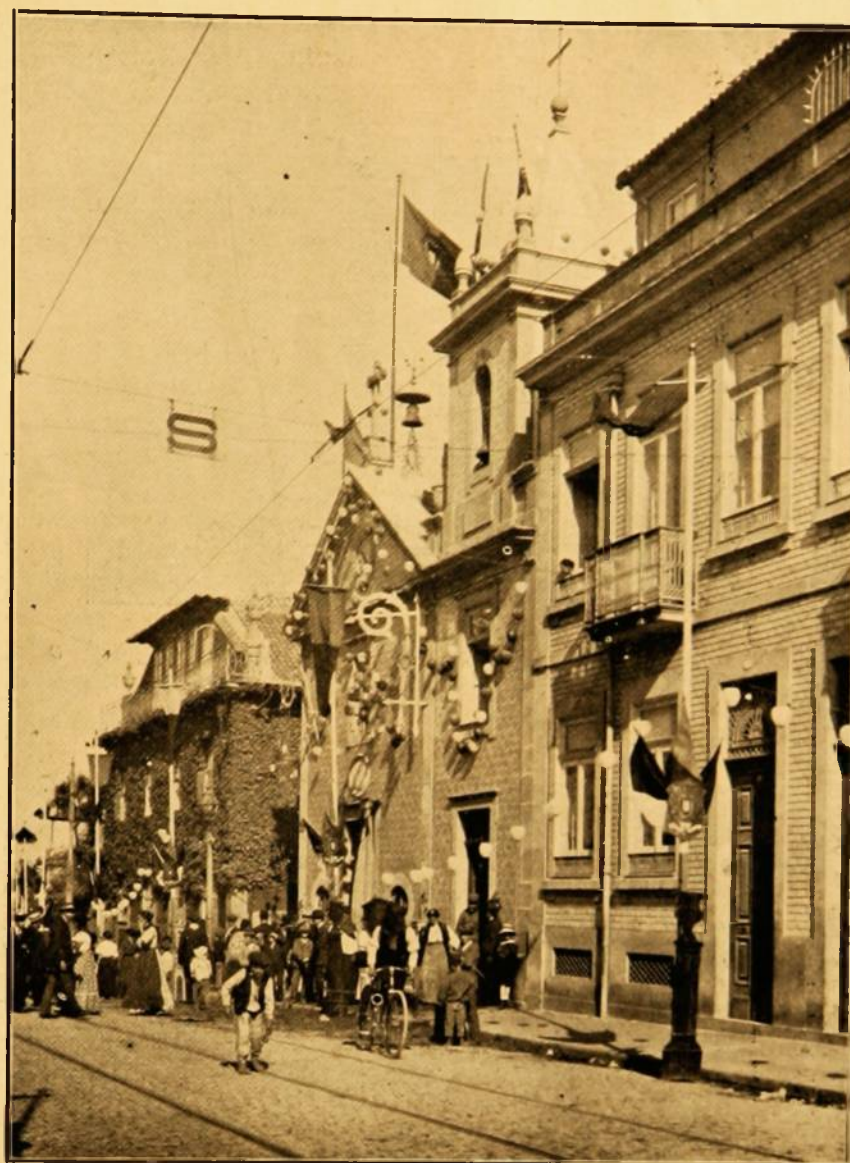
muitos dos seus intransigentes adversarios merecem a minha homenagem.

Não pretendo destrinçar na contenda horrivel onde estava a força do direito e o direito da força. Mas não é licito que se apodem de estrangeiros homens que souberam morrer e luctar pela sua ideia, ás portas d'um paiz amarasmado e sem convicções de qualquer especie, prestes a rojar-se ás plantas do Cesar triumphante.

E quem lhes chama estrangeiros, a elles que podem ter como divisa a phrase célebre de Mayer n'um dos ultimos numeros do *Gaulois:* detraz da fronteira contra o invasor, em frente da barricada contra os revolucionarios?...

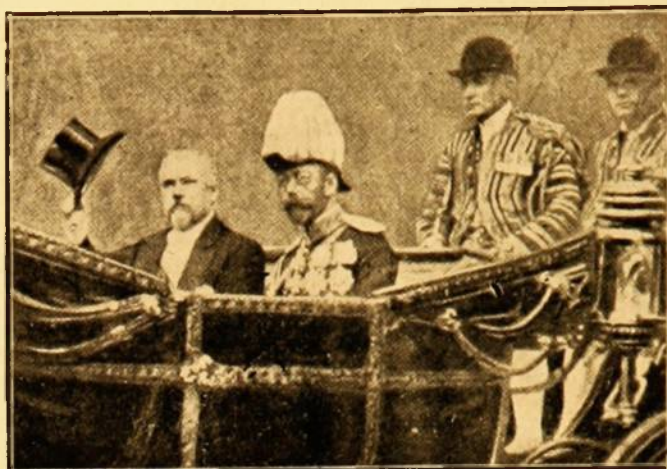
Como as plebes europeias são muito anti-clericaes, estes aventureiros judeus, cuja audacia é sem limites, esforçam-se por ultrapassar em furor os mais violentos adversarios do christianismo, com o fim de, pelos meios mais simples, submetterem as multidões ao seu dominio; os grandes judeus animam, incitam esses agitadores, seguros de que, nas horas difficeis, os seus compatriotas que o anti-clericalismo empurrou para os primeiros postos da democracia, conduzirão as massas miseraveis a pedir soccorro á plutocracia judaica.„

Cave, consules!...

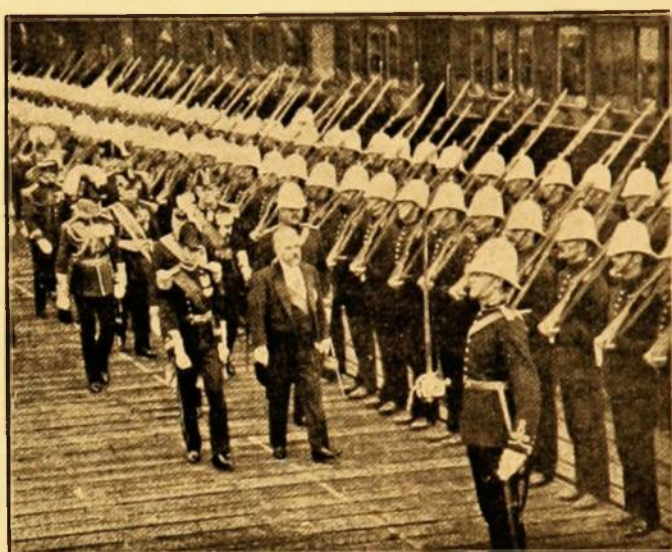
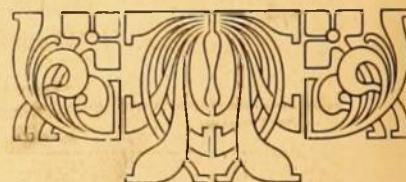
F. V.

PORTO.—Capellinha de Nossa Senhora da Saude na rua do Heroismo

PORTO. — Um aspecto da festividade de Nossa Senhora da Saude
na Capellinha da rua do Heroismo

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath».)

A VISITA DE POINCARÉ A INGLATERRA

O presidente da Republica Franceza acompanhado pelo rei Jorge V, dirigindo-se ao palacio de Saint-James

A princeza Mary, actual rainha de Inglaterra

Jorge V, rei de Inglaterra e imperador das Indias

Poincaré e o principe de Galles, passando revista ás tropas que lhe prestaram as honras militares em Portsmouth

O grande banquete em Buckingam, No seu brinde o rei d'Inglaterra manifestou as boas relações entre o seu paiz e a França, relações que obstaram a que a paz internacional fosse alterada. O presidente Poincaré salientou a alta vantagem da entente cordial *e fez votos muito expressivos por que ella se mantivesse. A imprensa dos dois paizes aventou a ideia de a transformar n'uma alliança.*

A 24 do passado mez falleceu placidamente e rodeado dos seus familiares o Rev.mo Bispo de Segovia, na Hespanha. Desde 1904 que occupava aquelle solio episcopal, tendo antes sido professor de Theologia em Tortosa, e durante um anno bispo de Astorga.

Em Tamarite de Litera, d'onde era natural o insigne e valoroso Prelado, é grande o pesar pelo fallecimento do querido Bispo, cuja lembrança perdurará no coração de todos, que o estimavam muitissimo.

O seu funeral foi concorridissimo. Celebrou n'elle de pontifical o Rev.mo Sr. Bispo de Victoria, Dr. Mello.

Descance em paz o illustre finado.

Exc.mo Snr. D. Julião Miranda
Bispo de Segovia

Durante uma tempestade

SONETO DE BOCAGE

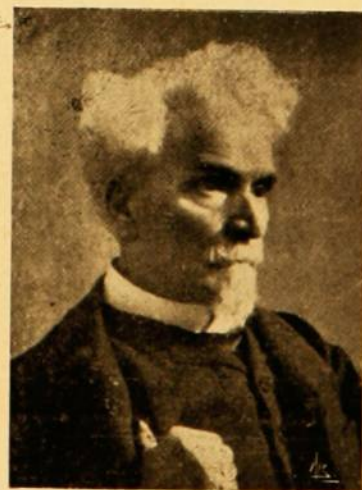
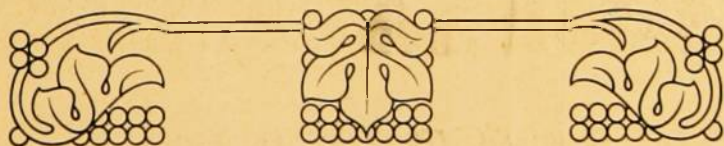
Oh Deus, oh rei do céo, do mar, da terra,
(Pois só me restam lagrimas, clamores)
Suspende os teus horrisonos furores,
O corisco, o trovão que tudo atterra:

Nos subterraneos carceres encerra
Os procellosos monstros berradores
Que enchendo os ares de infernaes vapores
Parece que entre si travaram guerra,

Para nós compassivo os olhares lança,
Perdôa ao fraco lenho, attende ao pranto.
Dos tristes, que em ti põem sua esperança!

A's densas trevas despedaça o manto
Faze, em signal de proxima bonança,
Brilhar no ethereo tope o lume sancto!

TURQUIA

O cadaver do Grão Vizir de Constantinopla atravessando a rua de Santa Sophia. O fallecimento d'este homem d'Estado turco representa um fundo golpe vibrado no prestigio e na influencia da Joven Turquia. Imputa-se-lhe a responsabilidade da quéda d'Andrinopla.

Henri Rochefort. — *Illustre polemista francez, recentemente fallecido, a que se refere o artigo da segunda pagina da "Illustração Catholica".*

Um Novo Esculptor

Antonio Candido Pinto

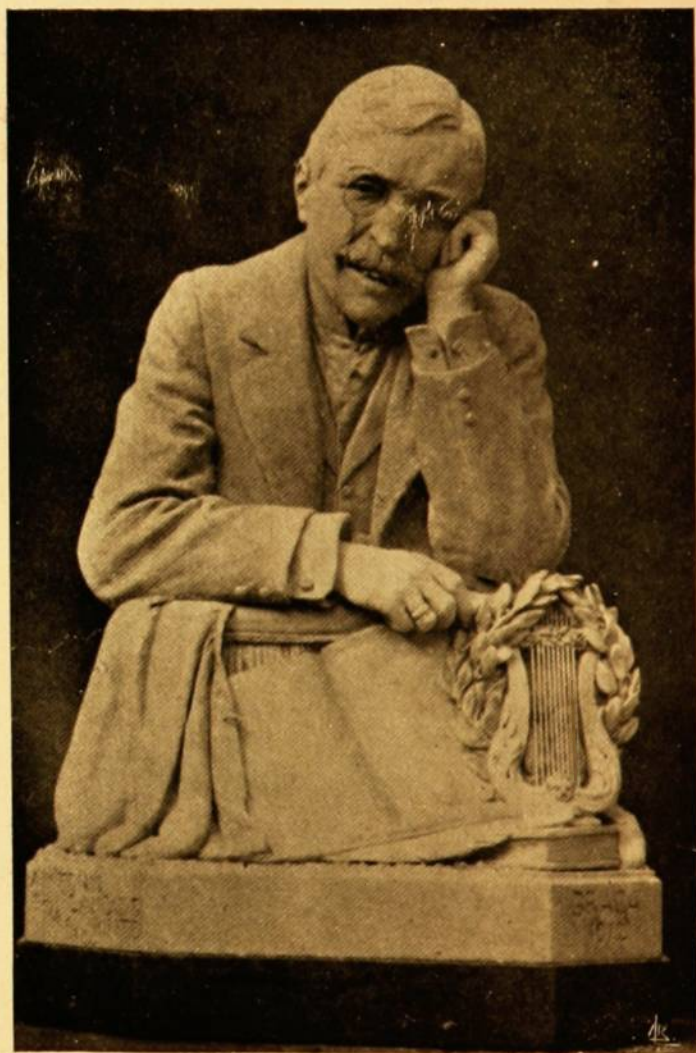
D. MANUEL II

EÇA DE QUEIROZ

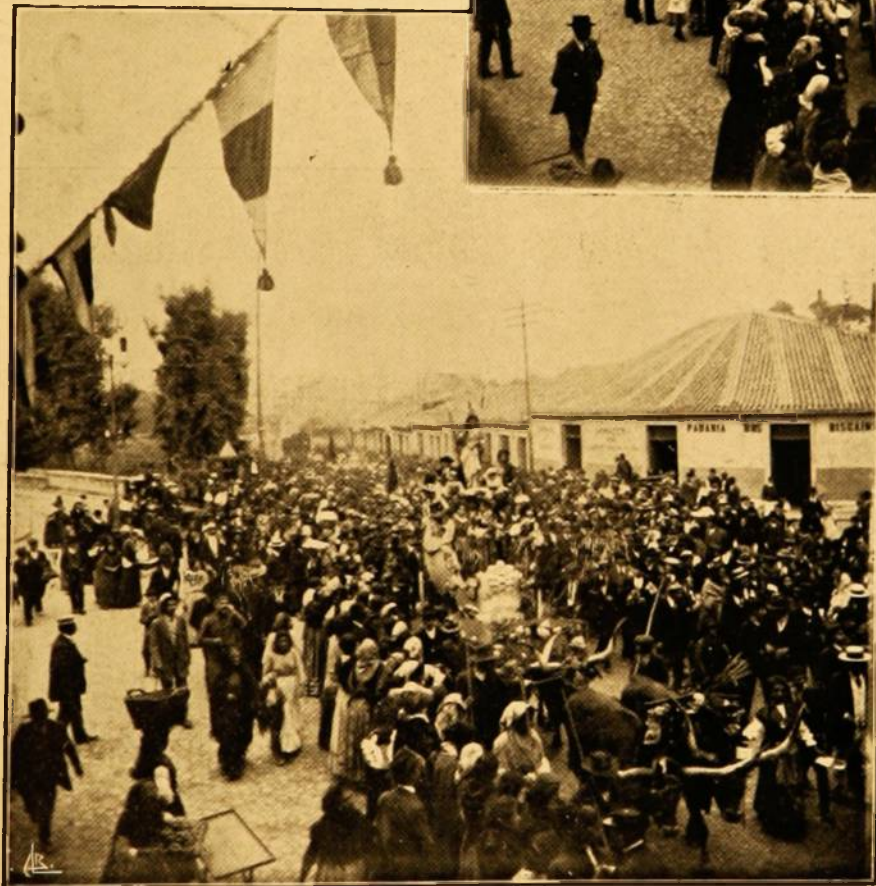
Publica hoje a "*Illustração Catholica*„ as photogravuras das producções d'um moço esculptor, Antonio Candido Pinto.

Elle revela já a inspiração, o amor da Arte, que brota naturalmente da alma dos artistas eleitos. Tudo o que a incipiencia denotar na sua obra, deve sêr comparado com a sua edade e talvez a proximidade do seu curso na escola industrial de Braga onde obteve a final, o premio Paçô Vieira.

O busto do Conde d'Agrolongo respira a força d'uma compleição de luctador, e ao mesmo tempo contem toda a fidelidade d'um retrato.

Continue o novo artista os seus trabalhos e os seus progressos. Dará honra á sua arte e á terra que o viu nascêr...

Excursão Povoense a Braga

No dia 6 do corrente visitou a nossa cidade uma grandiosa excursão da Povoa de Varzim, que aqui teve affectuoso acolhimento.

As nossas duas gravuras de aspectos do cortejo dão uma pallida ideia da carinhosissima recepção feita apoz a chegada dos excurcionistas, á qual deram muito brilho as gentis damas bracarenses que correspondiam ás saudações enthusiasticas dos povoenses com as delicadas petalas de mimosas flôres.

1—A entrada do cortejo na cidade. 2—O carro da cidade.

(Clichés do habil amador Snr. J. Carlos R. d'Almeida)

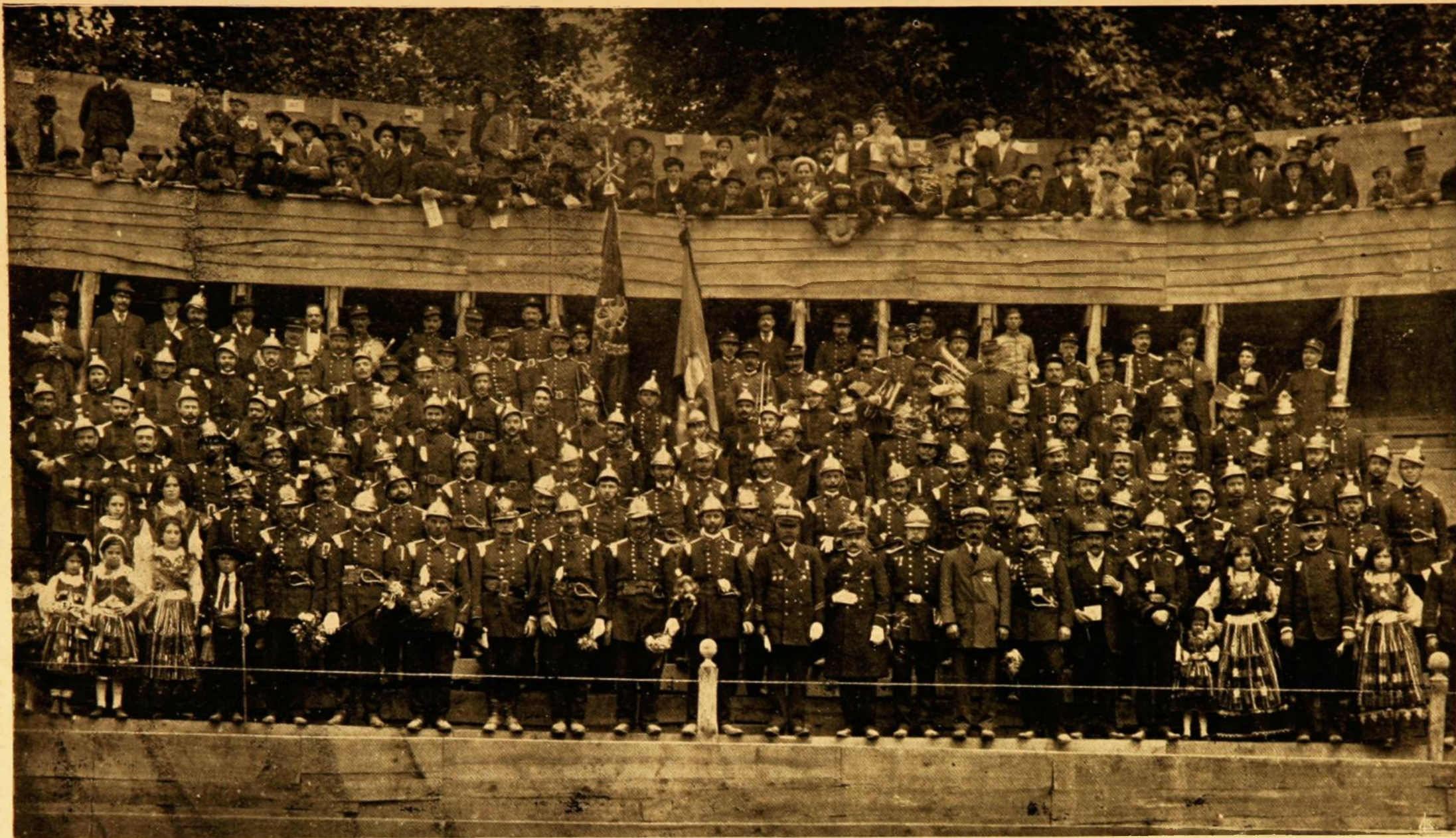
Foi, além de tudo, um passeio de comfraternisação para os bombeiros voluntarios das duas terras amigas, dos quaes aqui reproduzimos uma photographia do cliché tirado na praça de touros do Campo da Feira.

Após a sessão de boas vindas que se realisou no salão nobre do Club dos Invenciveis, e em que fizeram uso da palavra os Snrs. Manoel M. d'Oliveira Carvalho, J. Baptista Ribeiro e P.^e Jeronymo Luiz da Costa, foi offerecido no quartel dos Bombeiros Voluntarios aos seus collegas povoenses um delicado *copo d'agua* em que se trocaram affectuosos brindes.

*
* *

A corporação dos Bombeiros Voluntarios de Braga, projecta realisar em agosto proximo uma excursão official á Povoa de Varzim, sendo d'esperar que os seus collegas da ridente praia correspondam á fórma bizarra e condigna como aqui foram recebidos.

— Teu tio, dizia um marido á mulher, escreve-me pedindo cem mil reis e eu, com franqueza, não tenho muita vontade de lh'os emprestar.

—Pois então diz-lhe que não recebeste a carta.

Grupo de bombeiros de Braga com os seus collegas da Povoa de Varzim

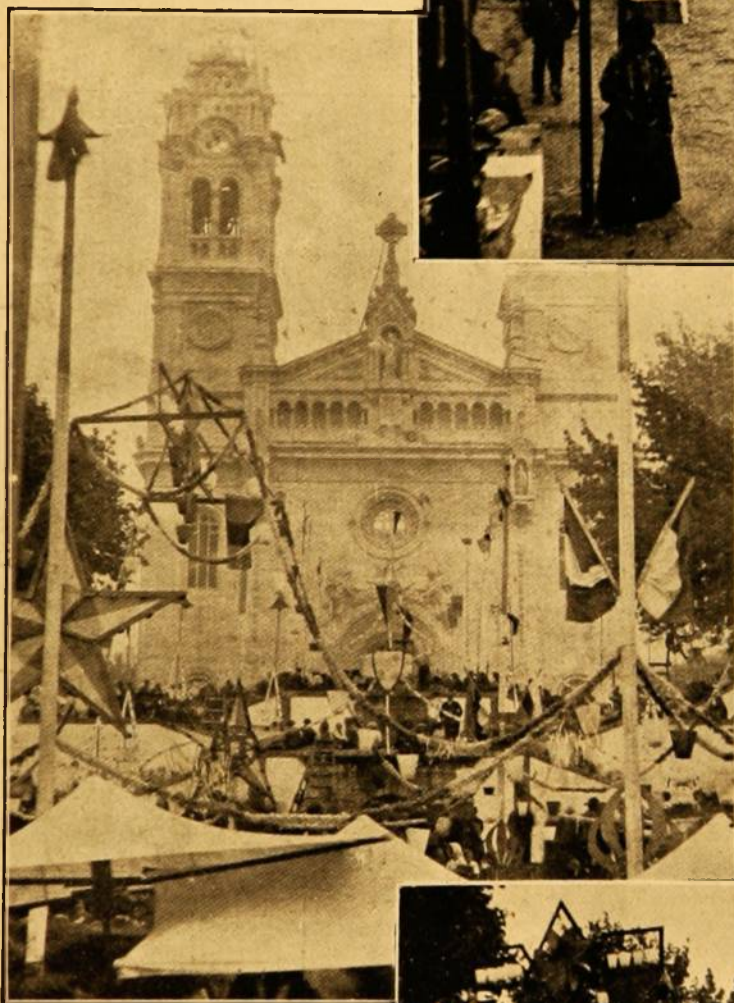
(Cliché do phot. J. Pinto Vieira)

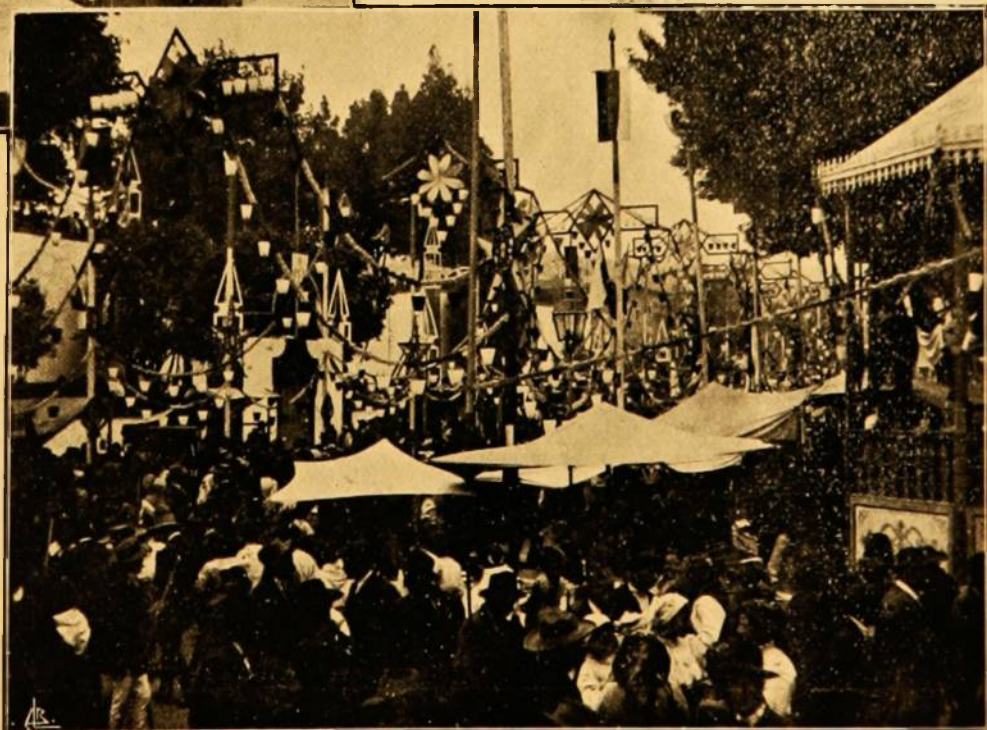
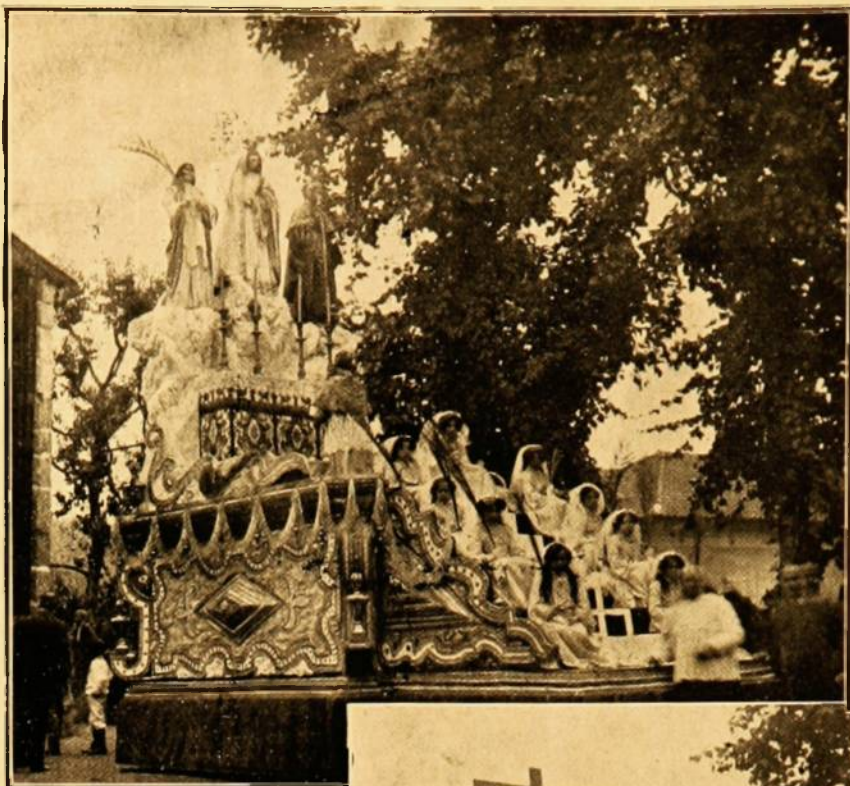
A Festa de S. Torquato em Guimarães

Chegada dos romeiros a S. Torquato

E' esta romaria uma das que mais concorridas são no Minho. De todos os pontos da região chegaram ininterruptamente carros dos concelhos circumvisinhos mantendo assim a animação sempre crescente que timbra as festas do S. Torquato.

Um aspecto das ornamentacões junto do templo.

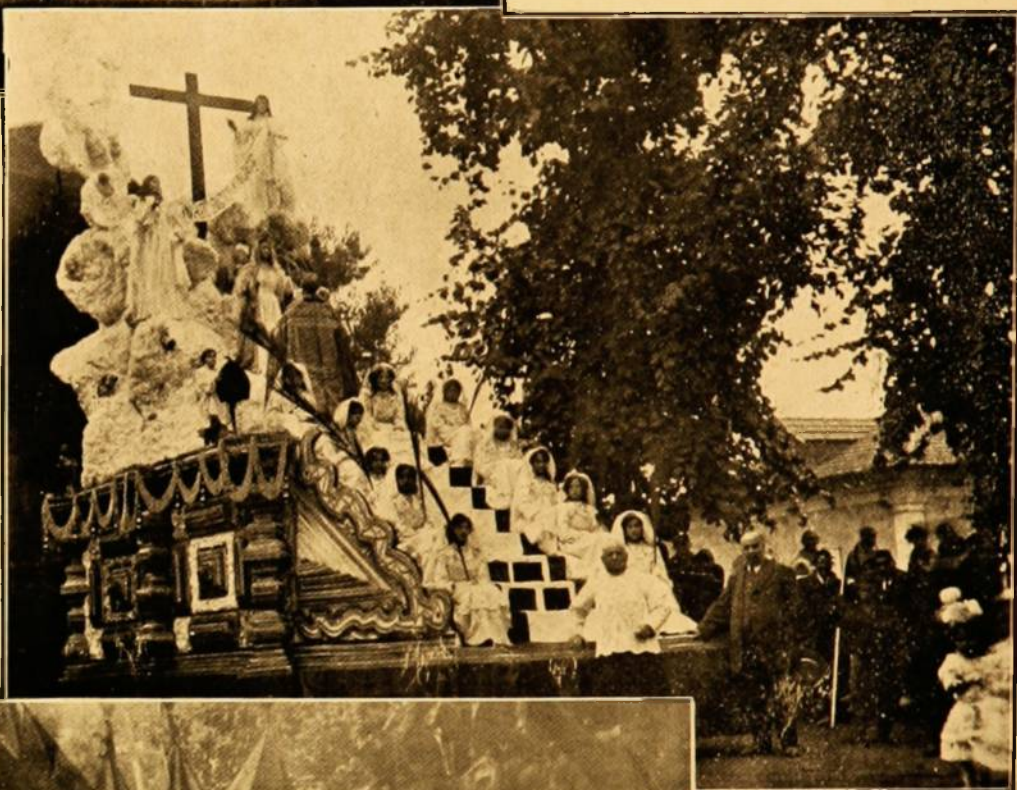
A gravura qne inserimos é sufficientemente clara para mostrar os requintes de gosto typicamente regional que por todo o arraial se alardeavam.

O arraial

E' facil formar uma ideia do bulicio e animação que se mantém em taes a-raiaes; o movimento dos festeiros, os reflexos multicolores dos lumes, os ruidos de toda a especie, e por vezes os toques das musicas, tudo isso forma em circumstancias como esta um conjuncto admiravel de harmonias e de côres, uma manifestação d'um povo sempre alegre.

Um dos carros allegoricos da procissão

Nas festas de S. Torquato um dos numeros mais brilhantes, é sem duvida a procissão; reverte sempre um fulgor memoravel o conjuncto de figuras e clero, de fieis e de musicas, cruzes e bandeiras que percorre o stadio costumado, a vasta esplanada que se abre defronte do templo.

Outro carro allegorico na procissão

Os carros allegoricos, sobretudo chamam a attenção dos poucos que vão presencear um espectaculo tão formoso.

Reproduzimos ainda outro aspecto da procissão, e a gravura mostra sufficientemente a concorrencia e brilho do piedoso acto. E' que a Religião é ainda o grande motor da alma popular, e nada commove mais efficazmente o homem de que o sentimento religioso.

Outro trecho da procissão

(Clichés do distincto amador phot. L. Souto)

UM INTERIOR

(Quadro de Eduardo de Moura)

PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL
Joaquim Antonio Pereira Villela.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Brazil (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 4 Braga, 25 de julho de 1913 **Anno I**

Collegio Lyceu Portuguez

HUY (BELGIQUE)

DIRECTOR—José Luiz Mendes Pinheiro

Situação magnifica. — Educação moderna.
—Instrucção primaria e secundaria completas.
—Preparação para as universidades belgas.
—Professores de diversas nacionalidades para o ensino das linguas.

Este collegio veio substituir o antigo Collegio Lyceu Figueirense, da Figueira da Foz. N'elle encontram os alumnos as vantagens d'uma educação moderna, n'um dos paizes mais avançados da Europa, sem augmento de despeza.

Viagens e todas as despezas por conta do Collegio, mediante o pagamento d'uma annuidade fixa, cuja importancia não é superior ao total das despezas a pagar em collegios portuguezes.

Pedir prospectos ao director.

ARTIGOS MILITARES E SIRGARIA

DE

Ribeiro de Castro & Villela

99, Rua do Souto, 101

BRAGA

N'este estabelecimento encontra-se á venda bonnets, galões, emblemas, botões e mais preparos pertencentes ao exercito. Idem para bandas philarmonicas e mais corporações civis, fabricação na casa, e unica em Braga, com depositarios em Valença, Vianna e Guimarães, para facilitar os seus clientes, e preços modicos em todos os artigos.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL — Joaquim Antonio Pereira Villela.

EDITOR: Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR: Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 25 de julho de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 4 — Anno I

BRAGA — Egreja do antigo Convento de S. Francisco, em S. Jeronymo de Real

Foi primitivamente habitação de monges benedictinos e, antes havia alli um templo dos romanos, dedicado a Esculapio. Depois da respectiva cerca ter sido recreio do Arcebispo D. Diogo de Souza, em 1533, passou a ser propriedade dos religiosos franciscanos da provincia de Soledade.

No grande templo, lá se vê ainda o tumulo, d'onde o Arcebispo de Compostella D. Diogo Gelmires, tirára, segundo a tradicção, os restos mortaes de S. Francisco, fundador do convento.

A construcção da actual egreja, hoje parochial, principiou em 18 de junho de 1728.

Chronica da semana

IV

Registada a temperatura tropical dos ultimos dias, elaborada ficaria esta chronica que não pode ataviar-se de rendas, mas tem de apparecer ante os leitores, envergando o guarda-pó burguez, porejando suor e rogando pragas ao sol — o que não deixa tambem de ser bucolico, como as ranchadas de camponezas que agora vão, a passo saltitante, estrada fóra, sachola ao hombro, n'um zangarreiro alacre de cigarras, para os milharaes amodorrados e fulvos . . .

Vão dizer-lhes que a terra flameja, resêcca, e que a coscovilhice das gazetas já descobriu casos de insolação n'este paiz que apenas conhecia symptomas de insolação politica?

Que importa! Ellas lá continuam, o rythmo dos braços revolvendo as leivas, e acompanhando a rythmica melopeia harmoniosa que lhes refresca as gargantas e as almas!

E todavia, o paiz aquece, escalda e referve...

Felizmente não arriba aos campos e aldeias a lava que o excrucia e corróe, antes se constata que nos peitos rudos e felpudos dos nossos lavradores se adormentam ignoradas energias. Vejam como, no preciso ácume das crises, recresce da zona dos campos um clamor intrepido em que se visiona a galhardia liberrima da raça, tal como o volver dos seculos nol'a descreve, enquadrada de tropheus, indomavel e pura.

Talvez a argucia dos psychologos politicos n'ella discirna uma lei de preservação social, um segredo — porventura o maior — da nossa decadencia. Certo é, porém, que o contraste entre a alma das aldeias, com as suas brusquerias sinceras, e o simiesco espectaculo dos habitantes dos grandes centros,— é completo e profundo.

A eclosão anarchica e canibalesca do syndicalismo revolucionario em Lisboa, mais o recorta e destaca. Ha um fermento pôdre a esboroar-nos, mescla impura de fanatismo liberticida e de rebotalho de consciencias. E não vale allegar que o periodo revolucionario nos attinge com a sua elasticidade. Se não de todo e perfeitamente estabelecidos, os poderes do Estado delimitáram-se no mappa da Constituição republicana, funccionam e dirigem. Não: ha de facto um mal terrivel a verminar a existencia do Estado, a perverter intenções, a desgastar perdulariamente intelligencias lucidas. Ninguem mente affirmando que estamos a braços com a Desordem e que a desaggregação nacional é um facto, mais cruel e mais funda do que talhada pelo gume de espadas invasoras,— caravella que um golpe de mar dividiu e cujos destroços zimbram sobre a espadua branca e plumbea das tormentas! . . .

Sejam quaes forem as vicissitudes do regime, urge que o cancro seja esventrado e por uma vez liquide este incendio ateado por demagogos sombrios, plethoricos de heroicidades baratas que lhes empuxáram os brios á execução criminosissima e vandalica de attentados horrendos!

Incrustado no bojo da republica, cujo prestigio desvairador o inflou, elle reduzil-a-ha a um monturo de escandalos e de sangue; apegando-se ás dobras d'um manto realengo, enodal-o-ha até o apodrecêr.

Mal foi que uma educação de exclusivismo odiento, e a nulla preparação para a gerencia dos negocios publicos, parturejasse tão apocalyptica besta!

«E' uma impotencia organica que se declara» — como escreveu Jaurés — e da qual apenas ha-de ficar, como padrão de immorredoira gloria, o sr. Nunes da Matta a recitar os afogueados alexandrinos da *horrivel* tragedia *Frei João Môcho* . . .

E será este o epicedio funebre d'uma patria.

F. V.

Um velho amigo

Quando soube da morada do meu velho amigo — ah! não o vira ha tanto tempo! — corri lá sem mais reflexões, nem sequer pensando na duvidosa magestade do meu guarda-pó. Ia, como quem vive na aldeia, sapatos de lona, collarinho de panno, chapeu tão molle. . . que é preciso trazel-o preso com um cordel para que o não arrebate o zephyro brincalhão, suspeito de collecionador de raridades leves.

N'este preparo imponente, desci as avenidas, ladeei com coragem o Theatro de D. Maria (hoje, como afinal já d'antes era, *Nacional*), cortei o mar humano do Rocio, atravessei as gargantas tragicas da Mouraria, e cheguei, um tanto perseguido pelo pó e pelas moscas, ao largo do Intendente.

Creio que se riram de mim varios cidadãos causticos. Mal dei por isso, como só tarde percebi que me tinham seguido, decerto por sympathia irresistivel, dois carbonarios d'olhos fataes, que fumavam e cochichavam em pleno Intendente, quando os lobriguei, ao sol, como lagartos com almas de heroes, á espera de que tocasse o clarim da Rotunda.

Entretanto eu resmungava:

— Avenida D. Amelia. . . perdão! Candido dos Reis. . . numero. . . andar. . .

E andava, andava, entre electricos, automoveis, carruagens, bicycletas, gallegos, um ou outro burro vagabundo e um ou outro cão perdido. Os dois infatigaveis carbonarios seguiam-me, acariciando nas algibeiras os seus punhaes vingadores, e, ao alto, já entrada a avenida, vinha descendo um cortejo, de volta do cemiterio oriental, sem cruz, sem um padre, como quem vem d'uma merenda offerecida aos mysteriosos vermes tão cantados pelas balladas.

Ali me suspendeu a saudade dos bellos sahimentos catholicos, da sua melancolia e gravidade, d'aquella uncção divina que a tudo dá a Cruz. Parei, a ver deslisar um magote de homens, typos di-

gnos uns de Goya, outros de Gavarni: este, com a mirada fixa como o Hamlet, aquelle, com feições de homem do Germinal, aquell'outro, com visiveis estragos do alcool nos olhos, nas faces, nos labios, leitor decerto do Hamon, com muito da Esphinge na immobilidade dos traços, e com muito d'um intimo Etna no arquejar do peito, escaldado pelas paixões e pela aguardente. E' o Quarto Estado em ebulição e tambem tuberculoso.

*
* *

— Mas o meu velho amigo?

Este rapido monologo impelliu-me. Esqueceram-me os proprios carbonarios. Andei, andei e, como toda a gente acredita. . . parei diante d'uma porta de marmore. O guarda-portão parecia um estadista. Homem solemne e altivo. Modos de general que passa em revista toda a tropa fandanga. Fardamento novo, e um par de bigodes que, diga-se a verdade, cheiravam mais a açôrda do que a polvora. Viu-me, carregou o sobr'olho, e disse: — Que quer? E palitava os dentes, liberrimo, victorioso.

— V.ª s.ª, v. ex.ª... o cidadão... faz-me a immortal fineza de me dizer se o illustrissimo e ex.mo snr. F. . . está em casa? E' um favorsinho de arromba.

—Suba, 2.º andar direito,— replicou elle, semicerrando os olhos desdenhosos.

— Mil agradecimentos.

— Róde nos calcanhares! — ordenou, acrescentando: — Gosto pouco de lérias!

Disse, e esgaravatando o nariz, voltou-me as costas, marchando sobre os dois carbonarios que me espreitavam á porta, com os olhos accêsos, quasi explosivos. E, emquanto ia subindo, ouvi isto, a meia voz, n'um tom cavernoso e heroico:

— Costuma cá vir?

— Quem?

— Esse do guarda-pó.

— Que têm vocês com isso?

— E' que nós somos *carvonarios.*

— Ah!

*
* *

Mais não distingui. Toquei a campainha. Ah! ia ver o meu velho amigo! Veio uma criada com blusa encarnada e avental verde. Dei o meu cartão. Esperei trinta e cinco minutos. Em baixo, os carbonarios cochichavam sempre. A's vezes, percebia ao guarda-portão: — Não o perco de vista. Mas parece-me um pobre diabo.

Emfim, veio a criada, hirta, digna, triumphal. — Póde entrar. — E, pouco depois: — Espere n'essa saleta. — E desappareceu, batendo o tacão, cantarolando coisas. Mais vinte minutos. Janellas fechadas, cheiro a bafio, muitas môscas a zumbirem ao pé de grandes retratos revolucionarios. Eu suava e tussia, como tantas orchestras e philarmonicas. Pouco depois, tinha somno, sentava-me. Ia a adormecer, quando ouvi, de galope, em tom metallico:

— Não tenho tempo a perder. Que deseja?

— O' meu velho amigo! Ha tantos annos que te não vejo! Como estás gordo! Pareces até mais crescido! Vem a meus braços!

Mas elle, carrancudo e frio, volveu-me logo, sinistro como o Rei Lear:

— Outros tempos. Hoje trato de salvar o paiz. Quando quizer alguma coisa, escreva, mas poucas linhas. Tenho muito que fazer, em casa e na secretaria. Boas tardes. E sumiu-se detraz d'um repos-

Capella de Bartholomeu Joannes na egreja da Sé de Lisboa

Foi no passado dia 10 inaugurada na Sé a antiga capella de Bartholomeu Joannes inteiramente restaurada no seu primitivo estylo—gothico francez—que é imponente. Para essa capella foram trasladadas e collocadas n'um rico tumulo de preciosa esculptura as ossadas de Bartholomeu Joannes que foi o fundador d'ella, tendo ao lado uma lapide com o seu testamento em portuguez, valiosissimo documento epigraphico do seculo XIV.

teiro, sacudindo superiormente a cabelleira astral. Quando cheguei ao pé do guarda-portão, ouvi-lhe isto: — Se fosse thallassa, não se demorava tanto. — E os dois carbonarios cumprimentaram-me. Tal foi o grande serviço devido ao meu velho amigo. . . o respeito de dois heroes.

José Agostinho.

Profecia do seculo XX

ooo

"Carta aos Christãos e ás Féras,,

por Gomes Leal

«Tóca á missa do Mal...»

Assim começa o poeta a sua Carta, assim abre este poemeto vibrante onde Gomes Leal poz a emotiva combatividade de velho luctador heroico, e a rubra flôr da sua fé adoravel.

A *Carta aos Christãos e ás Féras*, é dedicada a *tres poetas christãos:* Teixeira de Paschoaes, Jayme Cortesão, Correia de Oliveira. Sem nos darmos fóros de criticos, permitta-nos Gomes Leal que discordemos do adjectivo que empregou para definir a poesia dos tres litteratos, a quem aliaz prestamos homenagem.

Teixeira de Paschoaes e Jayme Cortesão poderão ser quando muito *espiritualisantes.* Christãos no sentido puro da palavra, christão como Gomes Leal o é, não são, nem talvez elles acceitem o titulo com que a sua bondade quiz consagrar-lhes os litterarios meritos.

Propositalmente destacamos Correia de Oliveira. A este ultimo, sem todavia tambem concedermos tal titulo honroso, deve reconhecer-se uma como que pronunciada tendencia a melhor comprehender a poesia christã.

Tão bem como nós, Gomes Leal sabe que não se é christão, simplesmente adoptando o espiritualismo. Eminentes philosophos da hora actual, Bergson por exemplo, sendo espiritualista, não é christão nem catholico.

...Praza a Deus que os tres alludidos poetas tenham um dia, como Gomes Leal, o gesto altivo e são d'uma conversão ao seio da Egreja!...

Volvendo a *Carta aos Christãos e ás Féras,* a nossa humilde opinião perfilha totalmente as palavras de José Agostinho ha dias, na *Nação:*

«O Poeta n'este poema, não pensa na Arte: usa d'ella magistralmente, a favor da Fé. Não canta: apostropha. Não dedilha a cithara: converte-a em catapulta. Por vezes, é aspero: é quando se torna clarim ao toque d'alva, signal de fogo que vae pelejar.

Se não levasse no peito a Cruz dos Cruzados, pareceria o exterminio: assim, é algo de S. Paulo em fragmentos que parecem da cathedral de tercetos do Dante».

LISBOA — Tumulo de Bartholomeu Joannes

(Clichés do nosso correspondente phot. em Lisboa.)

De facto, ha nos versos convulsivos do Poeta alguma coisa de rude, arestas vivas. A *Carta* não lembra o tonitruante clamor do *Hereje* e da *Traição*, mas revive a mesma alma d'algumas paginas do *Fim de um mundo* e traduz o colosso que esculpiu o bloco de oiro e bronze, que é o *Anti-Christo*.

«Egreja Lusitana, ó sol entre barrancos!
Sentastes-te a chorar na estrumeira e o monturo
Porque a lepra de Job agarrou-se aos teus flancos!»

Nos seus anathemas fulmineos contra o materialismo atheu, Gomes Leal surge o flagelador sarcastico, brutal dos erros e dos vicios. Respira cóleras santas. O seu verbo é uma praga, estalando no azul calmo da sua crença.

Gomes Leal

Gomes Leal é, foi-o sempre, um pensador. Uma vez possuido da sua ideia levanta-a ao sol, para que todos a vejam. Por ella, que é o seu coração ensanguentado nas urzes lacerantes de uma Dôr que muitos não comprehendem, elle arrosta contrariedades e faz escumar raivas.

Gomes Leal é, além d'isto, um verdadeiro coração de Poeta. Viveu na tréva—disse elle um dia — o melhor tempo da sua vida. Que muito que ainda fique no convertido o mesmo resaibo do sonhador? Retté, o anarchista, convertido ao catholicismo, escreve *Du diable á Dieu* e n'estas paginas lustraes da sua nova crença, ainda se expande um mysticismo vago que era a força do ideal destruidor que o empolgára.

Assim, em Gomes Leal. Elle vem para nós, braços em cruz, pisando o trilho d'um cadaver amado. Regressa. Parou ante o vortice do abysmo e recuou. Sulcavam-lhe a fronte verrugas de tedio e cansaço. Libertou-se. E' um homem velho com a alma remoçada na fragua do soffrimento, fatigado do odio que a envenenava, mas trazendo para a Fé aquella madrugada sanguinea dos seus versos primaciaes.

Este residuo moral e intellectual nota-se em todos os convertidos. Brunetière, depois de rezar ao Deus que o viu nascer e que elle abandonara, continuou a ser o positivista, applicando os factos e construindo leis, segundo a doutrina da Egreja. Não é orthodoxo, mas é um Crente.

Ha no mundo uma só coisa que não é susceptivel de progresso: é a Verdade—escreveu um pensador. E porque Ella é estavel, absoluta e una, veem-a uns das cellas dos conventos, outros do mar alto; aqui, atravez de taes aspectos; além segundo tal conceito. Todos a sentem. Differentemente ou não, todos amam a Deus. E o *Roads to Rom* começa de ouvir-se na estrada ampla d'este seculo que nasce franjado de olympicas victorias, sobre esquelêtos...

Não espantem pois, alguns, ao lêr as invocações que Gomes Leal faz ás egrejas constituidas, Gomes Leal saudando a egreja Anglicana não é protestante. Sonha a unificação das Egrejas no solio Romano, talvez. Quantos a não desejam? Leão XIII e Pio X tentaram uma approximação, estenderam as suas mãos carinhosas aos filhos transviados.

Através de tudo, Gomes Leal é um catholico e um catholico praticante. E' nosso irmão illustre.

Perdôem-nos os leitores estas linhas que mais não são do que esboço d'uma ordem de pensamentos. N'ellas apenas pretendemos affirmar a impressão que a *Carta aos Christãos e ás Féras* nos deixou, explical-a, e prestar a Gomes Leal a nossa homenagem e o nosso agradecimento.

Os corpos dirigentes do Circulo de Estudos de Vizeu,
benemerita obra social de notavel desenvolvimento e influencia

---

Annunciam a um chimico o suicidio de um de seus amigos, que se lançara á agua para evitar as miserias da vida,

—Isso não é uma solução! — exclama o chimico. Porque o homem não é soluvel na agua.

ARENA DOS NOVOS

Babel de novo cunho

DEPOIS da tentativa dos filhos de Noé, antes que se espalhassem pela face da terra, muitas vezes o genero humano tem soffrido as suas babéis; é que por grande e herculeo que seja o seu esforço, titanas audazes a escalar o céo, outro poder mais alto se ri d'elles, aniquilando-lhes zombeteiro as valentias, desarmando-lhes o braço, conculcando-lhes o prestigio e derruindo-lhes, como castello de cartas a um sopro da aura, a torre que levantaram arrojadamente. Nas suas ameias tinham burilado um nome de blasphemia.

Quando enfatuada certa sciencia humana considera pulverisado na abjecção do olvido o dogma catholico, e sobre as cinzas levanta a aurea cathedra, em cujos degraos vem bater os povos e as multidões, n'um evohé possante, que semelha o rugir do oceano; quando a deusa razão sentada n'esse solio, circuitado pelo bramir confuso de todas as raças, parece aquella meretriz sentada sobre muitas aguas, da phrase apocalyptica, uma casquinada estridula vem subito desfazer a apotheose do magico scenario, e derruir o throno e prostar no pó os satellites que para o Nazareno se atreveram a erguer sacrilego braço.

Mas a historia repetida d'essas transmudações scenicas não queima o germen da arvore maldita semeada no Eden. O *não hei de obedecer* do paraizo em mil tons o repetem todas as gerações, todos os povos.

Os nossos tempos tambem viram desabrochar a tetrica euphorbiacea, cuja sombra, como a da mancenilheira, mata. O tupido véo que acoberta a mentalidade humana, o fumo dos incensos idolatras, não deixam de cegar malaventurados fautores de uma heresia nova, hoje reunidos n'aquella cidade que o seculo das luzes appellidou em francês de *ville lumière*. Presidida por Boutroux trabalha junto do Sena uma assembleia «do progresso religioso».

E não é pequeno o que nos querem offertar tão zelosos reformadores. Nada menos do que a constituição de um systema religioso novo e universal: *religião sem dogmas!*

O palacio onde se reunem tão sapientissimos congressistas não sei eu se tem pureza de linhas architectonicas, mas como crepitantes fogueiras que lambessem com linguas de fogo os detrictos de toda a especie em montão, eu tenho visto phosphorecentes hieroglyphos rutilando a espaços nas suas ideaes cornijas reproduzirem o verso do Dante:

> Per me se va nella cità dolente. . .

Cidade da dôr e da pavura onde tetricos e ferinos ranger de dentes e assobiar precito são os hymnos e psalmodias. Babel de novo cunho construida pelos pygmeus filhos de Japhet de braço dado com os semitas, argamassando-lhe as junturas os suores de novos Chans. Symbolo infecundo de uma raça decrepita que tendo recebido da verdade catholica o diadema de luz que a tornou senhora entre todos os povos, não desdenha beber nos infeccionados rios da inverecundia as aguas corrompidas das nascente do erro.

A reunião da Juventude Catholica da Beira Alta em Vizeu

Os directores da Federação, acompanhados de um grupo de socios do Circulo de Estudos de Vizeu.

O modernista Boutroux pontificando com acolythos judeus e protestantes e, doutor maximo do novo cenaculo onde desceu certamente o proprio Lucifer n'um pentecostes infernal não podia ser mais expressivo: retratou o modernismo de corpo inteiro: religião sem dogmas, mero sentimentalismo esthetico em má hora levado para o ambito do templo por corações corruptos.

Mas, se bem que entre os espiritos catholicos não deixa o modernismo de infelicitar intelligencias e influir vontades, é entre os protestantes que se estende mais, herpes destinada a derruir o socavado edificio da reforma. A Babel altiva que os titans agora constroem laboriosos, desmoronar-se-ha com a rapidez do relampago, e dominando o estrepito da queda, ha de ouvir-se vibrar nos espaços a gargalhada de Deus!

J. R.

Manifestação promovida pelas associações catholicas do districto do Porto ao Ex.mo e Rev.mo Snr. D. Antonio Barroso

(na sua casa de Remelhe, Barcellos em 22-VI-1913)

Fastos do Catholicismo

Conversão de um pastor anglicano no leito da morte.

O pastor anglicano Joh Cooper de Beaumont abjurou no seu leito de morte, e nas mãos do padre catholico que fizera chamar, a seita anglicana. Tres dias depois, expirou. Factos como este se repetem cada dia e quasi não valeria a pena registar se não fosse a declaração posthuma do neo-converso : n'elle se vê que a passagem á verdadeira Fé foi fructo, não de um movimento sentimental, mas de longos estudos sobre a verdade religiosa.

Divisão territorial catholica.

A prefeitura apostolica de Urubanda, (Peru) foi elevada a vicariato apostolico. O Rev. P. Raymond Gubieta, dominicano, antigo prefeito apostolico ficou dirigindo o novo vicariato que, por occupar o antigo territorio ou districto de Madre de Dios, recebeu esse nome e titulo.

Um jornal condemnado processa o bispo, mas por fim paga multa.

O fallecido Cardeal Coullié, Arcebispo de Leão tinha prohibido aos seus diocesanos, pouco antes de morrer a leitura de quatro periodicos da localidade, entre os quaes *A Tribuna*. O director d'este periodico fez uma reclamação no tribunal civil exigindo uma indemnisação por perda e damnos, mas o tribunal não attendeu tal pedido, quando, ha dias, deu o seu veredictum.

Cura miraculosa em Lourdes.

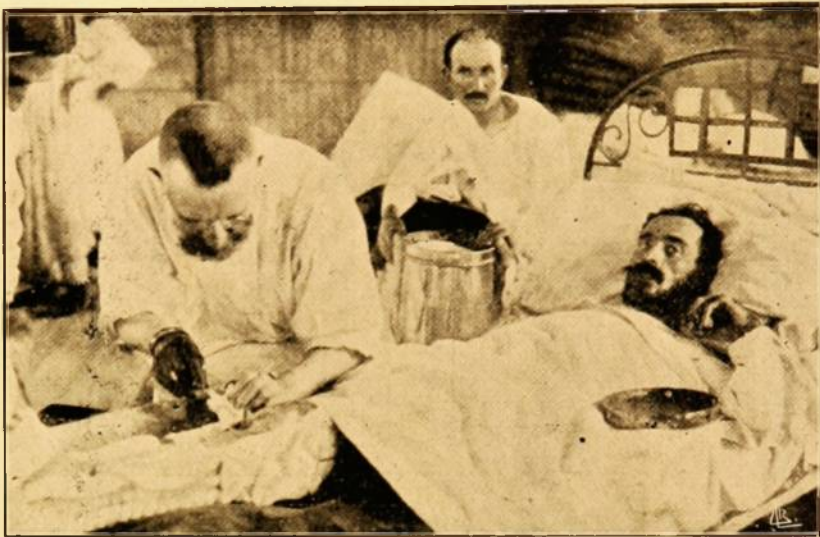
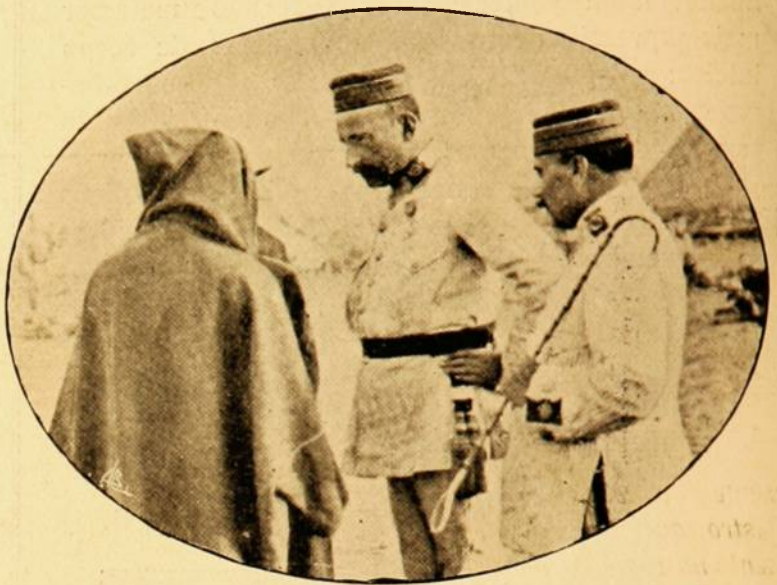
O gabinete dos reconhecimentos registou o caso da senhora D. *Manuela Arriosta-Lrranaga* de Bilbao — Hespanha, de 25 annos, curada, no seu primeiro banho na piscina, d'uma hemiplegia do lado esquerdo, que lhe impedia completamente a marcha. A doença ferira-a em dezembro de 1912. A joven saiu de Lourdes completamente curada da sua doença e em optimo estado.

A Juventude Catholica de Penafiel visita o Ex.mo e Rev.mo Snr. Bispo do Algarve

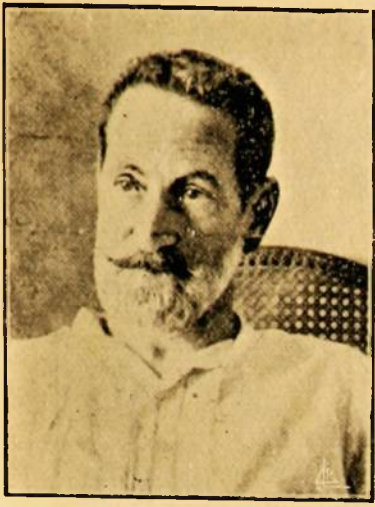
(na sua residencia de Parada-Cette)

Aspectos da occupação de Marrocos pela Hespanha

Ha já alguns dias que as hostilidades feitas pelos mouros na região que os hespanhoes occupam teem uma tregua. Aproveitam-se d'ella os hespanhoes para reunir os elementos necessarios para uma rapida e decisiva acção.

A campanha, pois, continuará na forma iniciada, ainda que em maior proporção e extensão do que agora.

O general Primo de Rivera fallando com um mouro, soldado das forças indigenas, ferido n'um dos combates de Lausien.

O medico-chefe, Dr. Iglesias fazendo um curativo no Hospital de Melilla ao cabo José Aragon, da tripulação do «General Concha», dezenove dias prisioneiro do mouro Sivera.

O commandante das forças voluntarias de Ceuta, dando o commando da secção ao tenente Aguilera, para substituir o tenente Garcia, ferido no combate do dia 19 do mez passado em Lauzien.

O tenente coronel D. Alfredo de Castro, que se bateu heroicamente no combate travado em 11 de junho em Ceuta, no qual ficou ferido.

O coronel de cavallaria snr. Damaso Berenguer Fusté, recentemente promovido a general, por distinção pela sua acção de 10 a 20 de junho. Tem trinta e nove annos de edade e era coronel desde 19 de fevereiro de 1912.

O mouro Joaquim, que tem prestado em Marrocos bons serviços á Hespanha, entre elles o de contribuir efficazmente para o resgate dos prisioneiros do "General Concha."

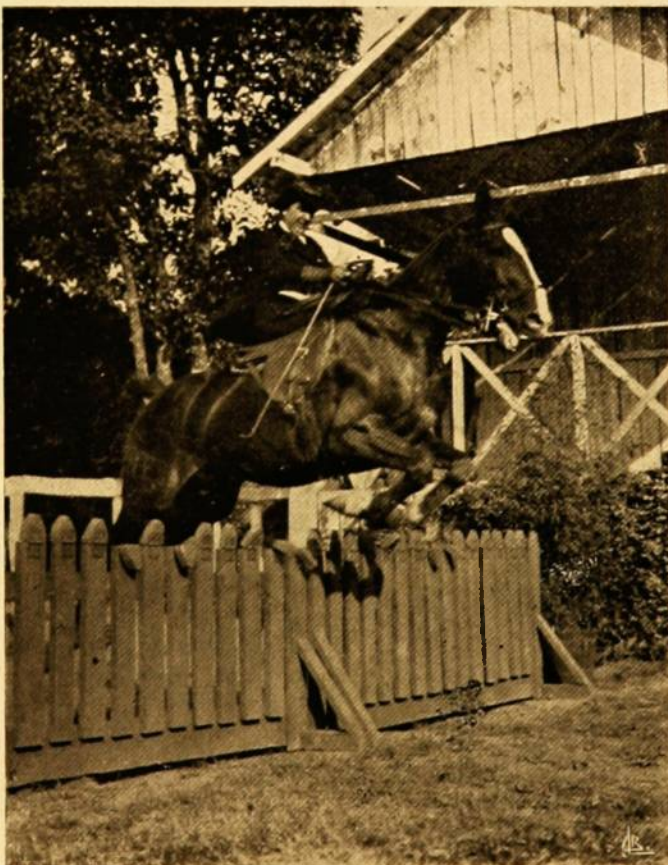
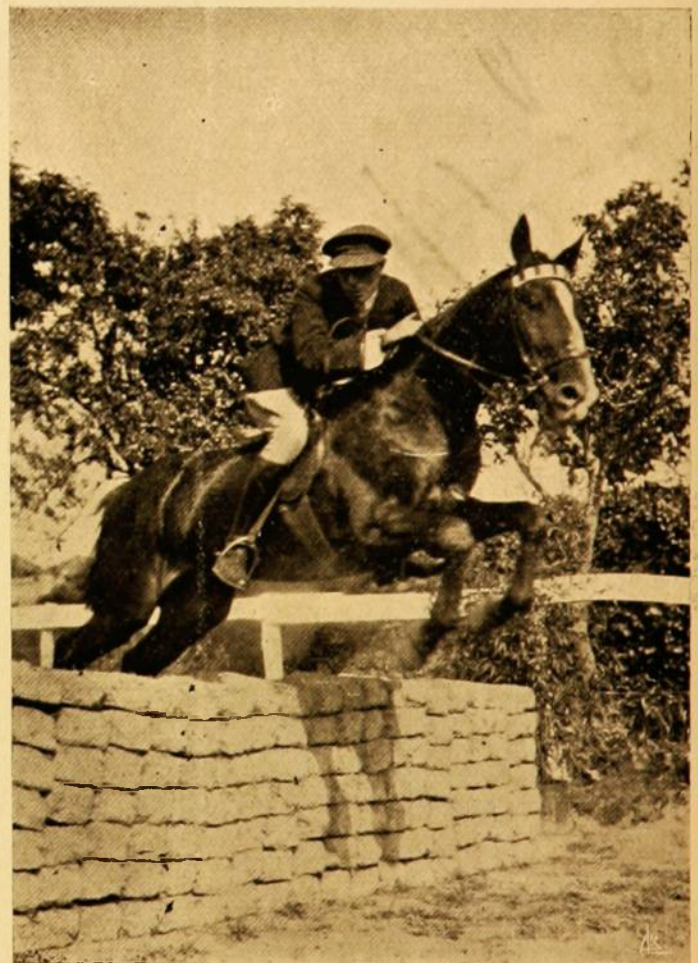
LISBOA. – **Torneio de esgrima á espada no Gremio Litterario**

Realisou-se em 12 e 13 do corrente um torneio de esgrima a que concorreram 2 équipes *bem organisadas, tendo havido explendidos assaltos.*

Entre os concorrentes, notavam-se os distinctos esgrimistas marquez de Bellas, dr. José de Athaide, Antonio Osorio, Fernando Correia, etc. que se veem na photographia acima.

(Cliché do nosso correspondente phot. de Lisboa.)

No Porto. Festa hyppica promovida pelo professor Antonio Duarte

UM ASPECTO D'ASSISTENCIA

D. Rachel Pimentel.—Um bello salto

Francisco Antonio Azeredo.—Saltando um obstaculo

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

FESTA DO S. BENTO DAS PERAS—Desembarque dos concorrentes em Rio Tinto

Quem visse n'esta estação desembarcar tão diminuta multidão *já ficaria sabendo que tinha sido um perfeito fiasco a tentativa da irmandade-cultual...*

A "grande concorrencia,, (Clichés de J. Azevedo, Porto.)

mas quem visse como á egreja não chegavam todos os que alli desembarcaram reconheceria que a grande concorrencia se resumia em meia duzia de pessoas. As photographias são concludentes.

Ainda a festa de S. Torquato em Guimarães

Um aspecto do arraial

Continua hoje a «Illustração» publicando photogravuras das festas de S. Torquato em Guimarães.

Assim, se vê na primeira gravura um aspecto do arraial, cheio de vivacidade peculiar ás festas do nosso Minho.

Os romeiros a caminho da fonte de S. Torquato

As seguintes gravuras mostram os romeiros a caminho da Fonte de S. Torquato, e o local da mesma que se encontra indicado por uma cruz onde os romeiros se deliciam bebendo agua.

D'esta maneira, ficarão os leitores conhecendo uma das mais consagradas festas religiosas d'este Portugal, onde uma intensa fé catholica perdura atravez dos seculos e das vicissitudes nacionaes, cheia de fervor, e marcada de regionalismo.

Os romeiros bebendo agua na Fonte do Santo

(Clichés do amador phot. L. Souto.)

Horroroso incendio em Guimarães

De luto pesado se cobriu ha pouco a cidade de Guimarães por um incendio lamentavelmente horroroso, que causou desgraças sentidas por toda a cidade.

Foi á 1 hora da madrugada de 12 do corrente mez de julho que com violencia empolgante rebentou no terceiro andar do predio habitado pelo snr. Joaquim Martins Guimarães, a corôa rubra de um incendio.

Começou a acudir ao local muito povo, apoz

os bombeiros que com indomavel energia atacaram o incendio.

Este, porém, em devastadora furia a tudo resiste. Dentro em pouco dá-se uma derrocada que colhe alguns populares e bombeiros matando instantaneamente um pobre rapaz de 20 annos, o snr. Antonio Gomes Alves, empregado no Porto.

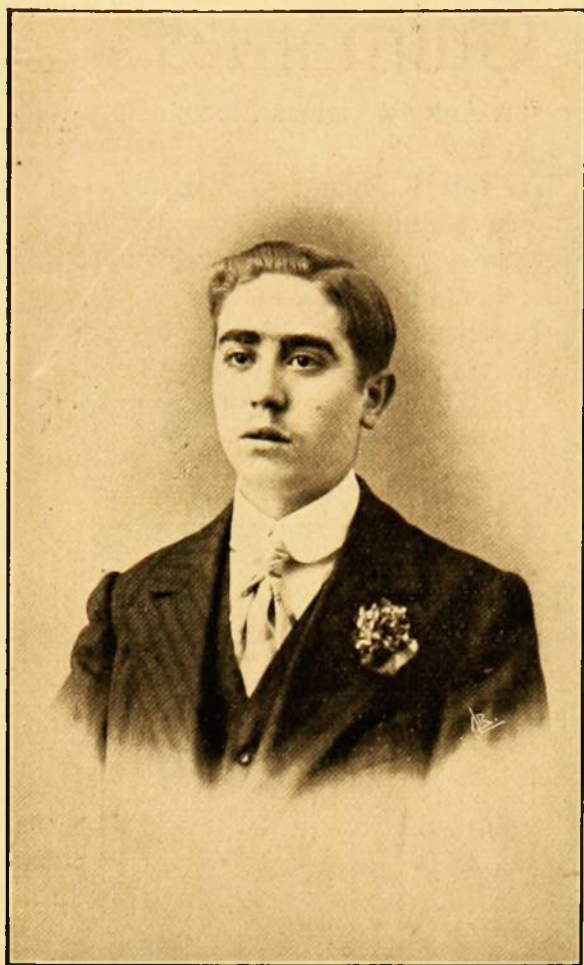
O valente bombeiro Miguel Peixoto subiu ao terceiro andar, tão infelizmente, todavia que as chammas o colheram, roubando-lhe a vida.

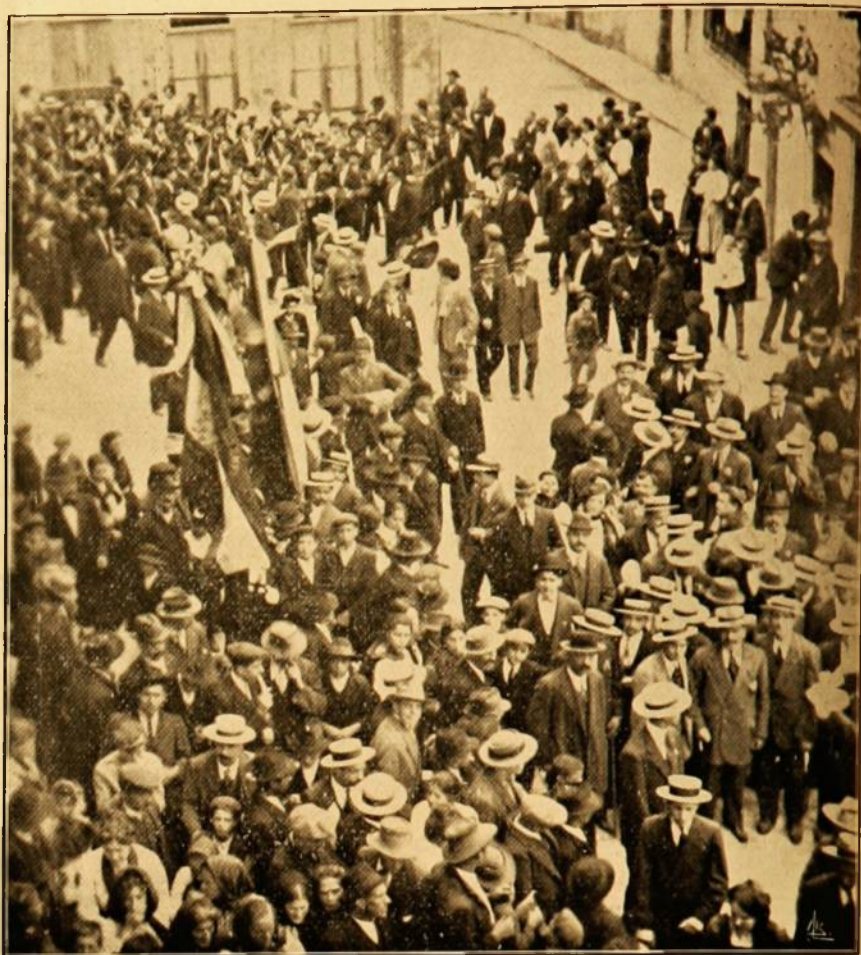
O funeral d'esta victima heroica do dever realisou-se no dia 15 concorridissimo pelos vimaranenses, associações da cidade e corporações de bombeiros de Vizella e Braga.

1 — Frente do predio onde se deu a derrocada que matou o bombeiro Miguel Peixoto o "Cartada„ e o paisano Antonio Gomes Alves, empregado na cidade do Porto.

2 — Escada interior do 1.º andar para o 2.º

3 — Interior. Uma das salas derrocadas.

A excursão promovida pela "União dos Empregados do Commercio do Porto,, a Barcellos

Antonio Gomes Alves
(uma das victimas do incendio de Guimarães)

(Clichés do amador phot. L. Souto.)

Um aspecto do cortejo

Grupo de empregados no commercio, de Braga e Porto, tirado apoz o almoço realisado no Hotel Vinagre

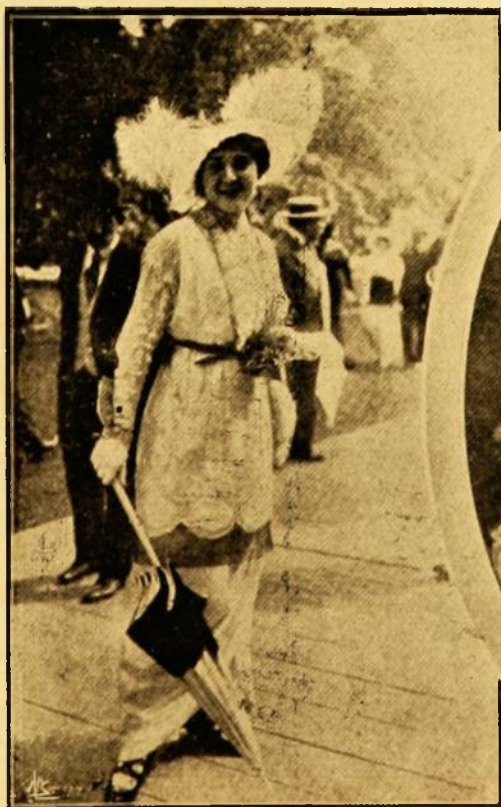
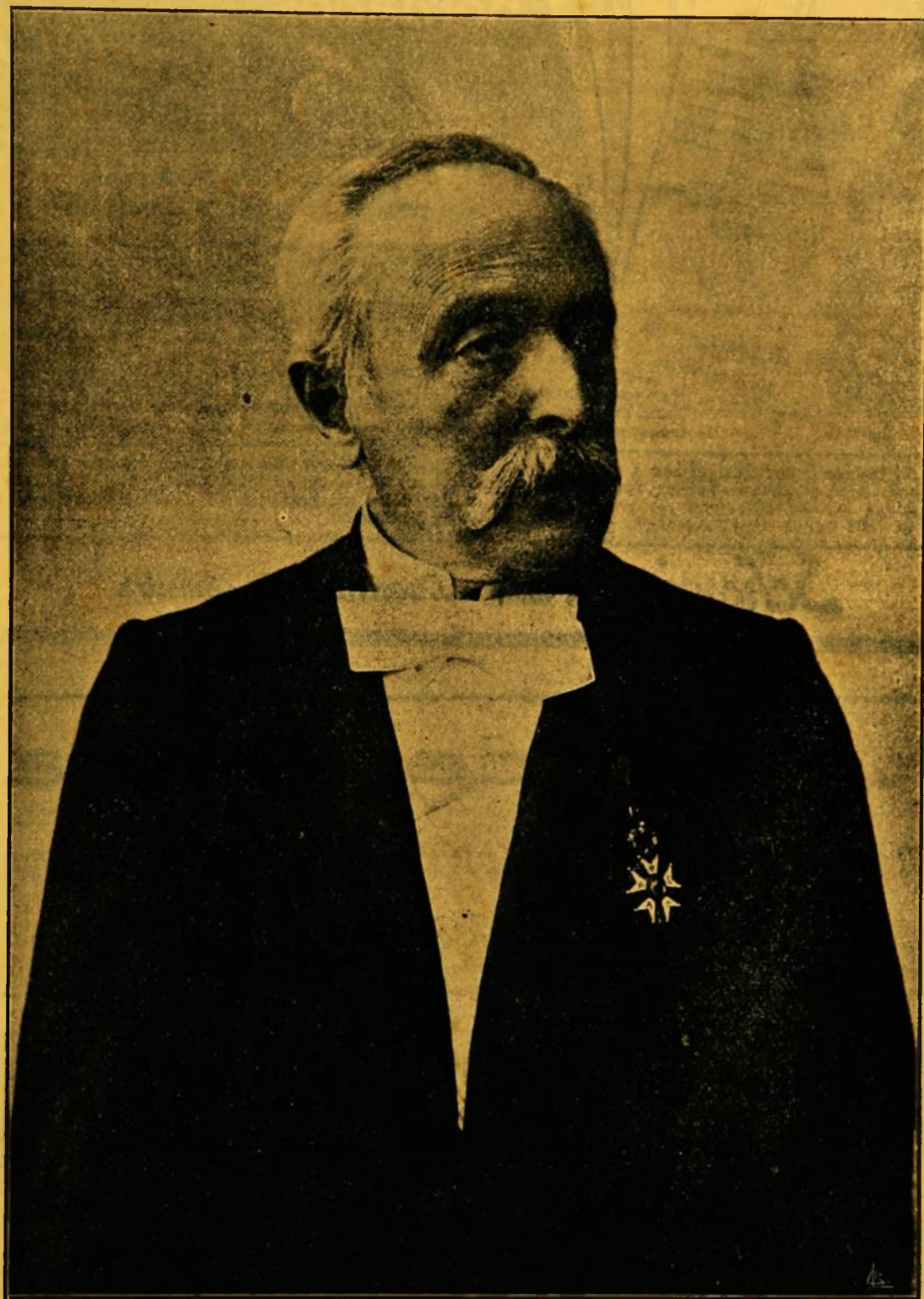
Outro aspecto do cortejo ao passar no Largo do Bom Jesus da Cruz (Clichés do phot. amador Braz Coelho)

Visita dos empregados dos Armazens Herminios a Braga

Um aspecto do cortejo (Cliché do amador phot. J. Carlos R. Almeida)

Vestidos e chapeus da ultima moda parisiense

As creações da moda de Verão que appareceram ha pouco na aristrocatica assembleia hyppica de Chantilly, tem um cunho de distincção e elegancia mais accentuado do que as modas que acabam. Ha uma certa tendencia em restituir á mulher as suas linhas proprias e inconfundiveis. As *toilettes* são commodas, ligeiramente cintadas, algumas mais vaporosas do que o permitte o pudor christão, exagero evidentemente da tendencia. A musselina de seda, bellas rendas, e gaze *veige*, realçado por largas fitas, fazem estupendas maravilhas de contraste. Os chapeus exhibem valentemente todas as phantasias da *aigrette* ousada, de finissima pluma ou de gaze, disposto em nós singelos. Eis a ultima palavra da da moda actual feminina, d'essas *toilettes* de verão que depressa copiadas por toda a senhora *chic* hão de ir «epater le mond feminin», e produzir o pasmo no mundo «pagão» dos balnearios e praias.

Ora sem que condemnemos em absoluto a moda sempre diremos que quando a mulher sabe alliar á simplicidade do vestido um cunho pessoal de distincção consegue mais facilmente despertar a admiração que se recusa a modelos servilmente copiados.

(Cliché de Biel)

CONDE DE SAMODÃES

Fidalgo de pura linhagem, o sr. Conde de Samodães é tambem uma preciosa reliquia do nosso movimento catholico, cerebro illustradissimo, crente fervoroso, caracter eleito, uma elegantissima penna ao serviço da Egreja

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 5 Braga, 2 de agosto de 1913 **Anno I**

Bordados Schweizer

directamente da Suissa, franco de porte a domicilio!

Peçam hoje mesmo a nossa colleção contendo 80 figurinos novos com amostras bordadas, representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca e pequenos artigos com verdadeiro bordado suisso.

Esta colleção é enviada franca contra a remessa d'um sello de 5 centavos.

A escolha comprehende blusas e vestidos para senhoras, meninas e meninos em cambraia, Voile, Crêpe, Transparente, Toile, etc. e sobre sedas novidades desde frs. 3.25. Os nossos bordados, como não são cortados, podem ser confeccionados facilmente sobre todos os padrões.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa colleção das ultimas novidades em estofos de seda para vestidos e blusas: Crêpe, Duchesse, Tafetás, Foulards, etc., cambraia suissa 120 cm de largura desde frs. 1.35 o metro. Grandissima escolha sobretudo em preto, meio luto, assim como em branco e côr. Esta colleção é egualmente enviada franca contra a remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Saia bordada em cambraia nº 1055 — A saia inteira contem: — Disponivel nas seguintes côres: branco/ouro e preto — Preço da saia inteira Ptas 13 80 franco de porte — Schweizer & Co. Lucerna, Suissa

Schweizer & Co. Lucerne, 82 (Suissa).

Rol da desobriga

Na administração dos ECHOS DO MINHO -- BRAGA, está á venda papel para o rol da desobriga.

Collegio Lyceu Português

FIGUEIRA DA FOZ

DIRECTOR, *José Luiz Mendes Pinheiro*

Situação esplendida.—Magnificas installações construidas expressamente para o fim a que se destinam.

Cursos completos de instrucção primaria e secundaria.

Professores estrangeiros para a ensino das linguas.

Educação moderna completa sob todos os pontos de vista.

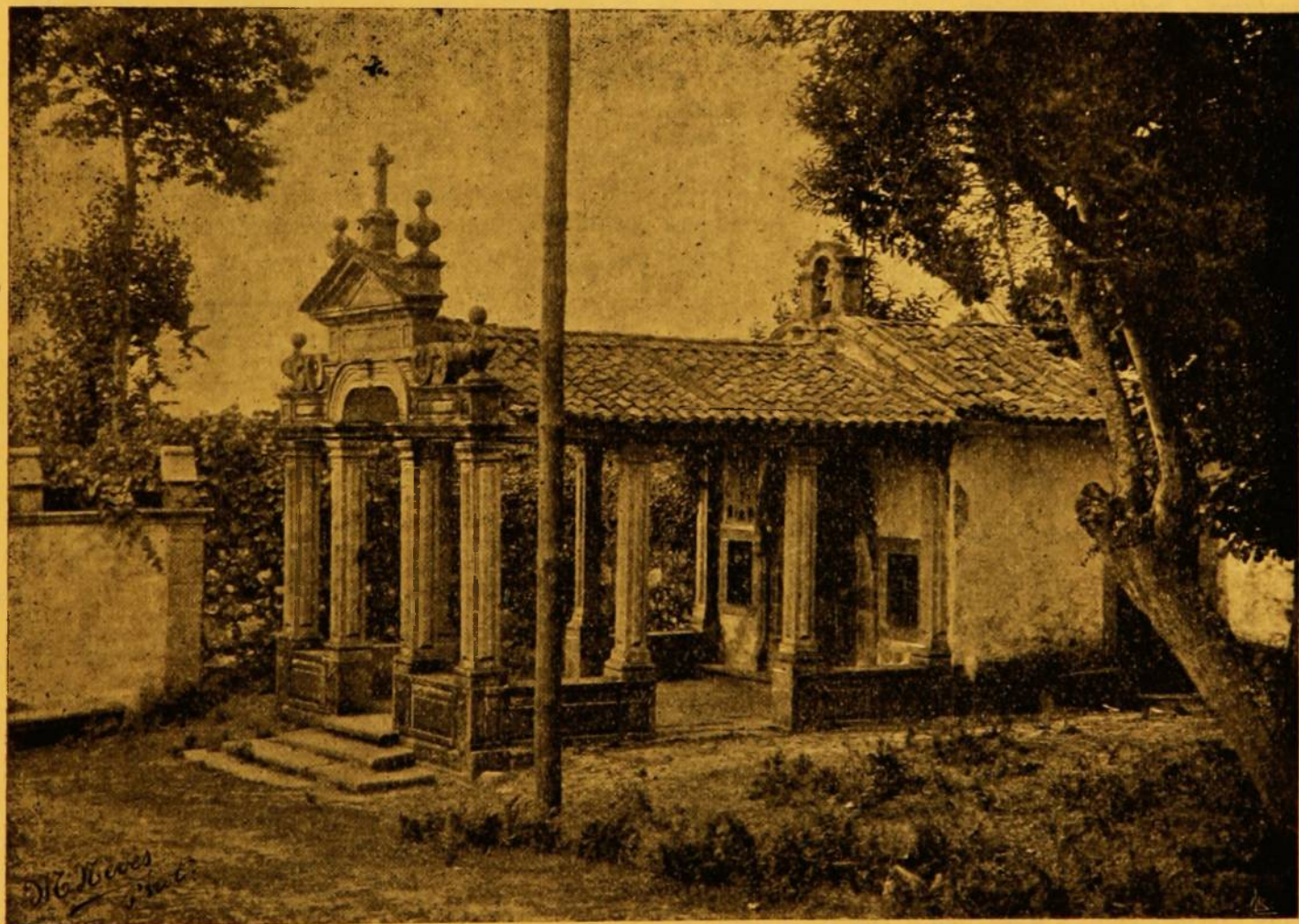
Enviam-se promptamente programmas e quaesquer esclarecimentos a quem os pedir ao director.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 2 de agosto de 1913 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* Não se restituem os originaes | Numero 5 — Anno I

CAPELLA DE S. LOURENÇO DA ORDEM

Esta capella, situada na freguezia de Dume, suburbios de Braga, é notavel pela tradição de ter sido sagrada, de pertencer aos Templarios, no tempo em que tinha contigua uma *Gafaria*, de servir para os conegos alli resarem o côro quando grassavam na cidade epidemias, pelos preciosos azulejos que interiormente conserva e pela porta principal gothica a denunciar a sua muita antiguidade.

Um plebiscito litterario

Vae iniciar a *Illustração Catholica*, o seu primeiro plebiscito litterario-religioso. O grande Poeta que é Gomes Leal acaba de nos enviar quatro sonetos: um de Anthero do Quental, a alma conturbada pelo pessimismo que n'um momento de angustia fitou a Virgem Dolorosa; outro de Rochefort, aqui já transcripto, que traduz bem o segredo occulto e recamado de fel, que lhe embalou o coração nos alvores da lucta e ao transpôr os áditos da eternidade. Os dois restantes, o primeiro imitação do precedente, são da lyra do Poeta da *Senhora da Melancholia*: quem é Gomes Leal já o dissemos, não o repetimos por superfluo.

«Para descriminar as predilecções estheticas das pessoas religiosas, e distrahir-lhes as attenções de tantas cousas amargas e escabrosas do nosso seculo...» como nos diz Gomes Leal, fica formulado este certamen, *destinado a averiguar qual d'estes quatro sonetos colherá maior numero de votos.*

Este plebiscito encerrar-se-ha no ultimo dia do mez de setembro para que tambem os nossos compatriotas do Brazil e além-mar possam intervir.

Fazendo parte d'uma serie de *Poemas Pequeninos*, com que Gomes Leal enceta a sua honrosissima collaboração n'esta revista, fiamos em que os leitores accorrerão a este concurso litterario-religioso, a que a égide de tão auctorisado e genial Poeta vem dar um penhor de real exito.

POEMAS PEQUENINOS

I

Á Virgem Maria, Nossa Senhora

N'um sonho todo feito de incertesa,
de nocturna e indisivel anciedade,
é que eu vi teu olhar de piedade
e mais que piedade, de tristesa.

Não era o vulgar brilho da bellesa,
nem o ardor banal da mocidade,
era outra luz, era outra sauvidade,
que até nem sei se as ha na naturesa!...

Um mystico soffrer, uma ventura,
feita só do perdão, só da ternura
e da paz da nossa hora derradeira...

O' visão! visão triste e piedosa!
fita-me assim calada, assim chorosa,
e deixa-me sonhar a vida inteira.

ANTHERO DO QUENTAL.

II

Outro Soneto á Virgem, em francez

Toi qui n'osa fraper le premier anathéme,
Toi qui naquis dans l'ombre et nous fis voir le jour,
Plus reine par ton cœur que par ton diadéme,
Mére avec l'innocence, et vierge avec l'amour,

Je t'implore lá-haut, comme ici-bas je t'aime,
Car tu conquis ta place au céleste séjour:
Car le sang de ton Fils fût ton divin baptême,
Et tu pleuras assez pour régner a ton tour.

Te voilá maintenant prés du Dieu de lumière,
Le genre humain courbé t'invoque la première.
Ton sceptre est de rayons, ta couronne, est de fleurs.

Tout s'incline à ton nom, tout s'épure à ta flamme.
Tout te chante, ó Marie! Et pourtant, quelle femme
Même au prix de ta gloire eût bravé tes douleurs?...

ROCHEFORT.

III

Imitação em portuguez

Ai ti que aos pés quebraste a maldição priméva!
e entre humildes plebeus foste o sol no esplendor,
mais por teu coração que pelo teu diadema,
e sempre custa, és Mãe, sempre virgem, Amor.

Rézo ao teu coração, teu coração me algéma,
por que ganhastes bem o teu throno de honor,
por que choraste muito e a lagrima te eleva,
por que um Deus fez-te mãe, mas rainha a tua dôr.

Agora estás ao pé do Ser Resplandecente.
De rastos o mortal te invoca ó Mãe clemente.
Teu diadema é de oiro e de rosas nevadas.

Tudo a ti ergue as mãos, ó transcendente bem.
Tudo implora os teus dons! Mas que mulher, que mãe,
te invejaria a dôr das tuas Sete Espadas?...

GOMES LEAL.

IV

A Maior Dôr Humana

O' Virgem! eu vi Job leproso em seu lameiro
torcido qual carvalho a que um tufão arraste,
exclamar na affligão: «Maldito a homem primeiro!
Maldito o ventre, ó mãe, em que tu me geraste!

O' Virgem! eu vi Christo amarrado ao madeiro,
como o branco marfim ou lirio rôxo na haste,
suspirar n'um sol pôr magoado e derradeiro,
«O' meu Deus! O' meu Deus! porque me abandanaste?»

O' Virgem! vi Rachel chorando os filhos mortos,
errante e esguedelhada, olhos doidos, absortos,
pelas serras á lua encher Judéa de ais.

Mas vi-te, ó Mãe, depois, ao teu morto estreitada,
branca, sem côr, sem voz, feita em pedra, pasmáda,
e a soluçar uivei:—«Tu é que soffres mais!»

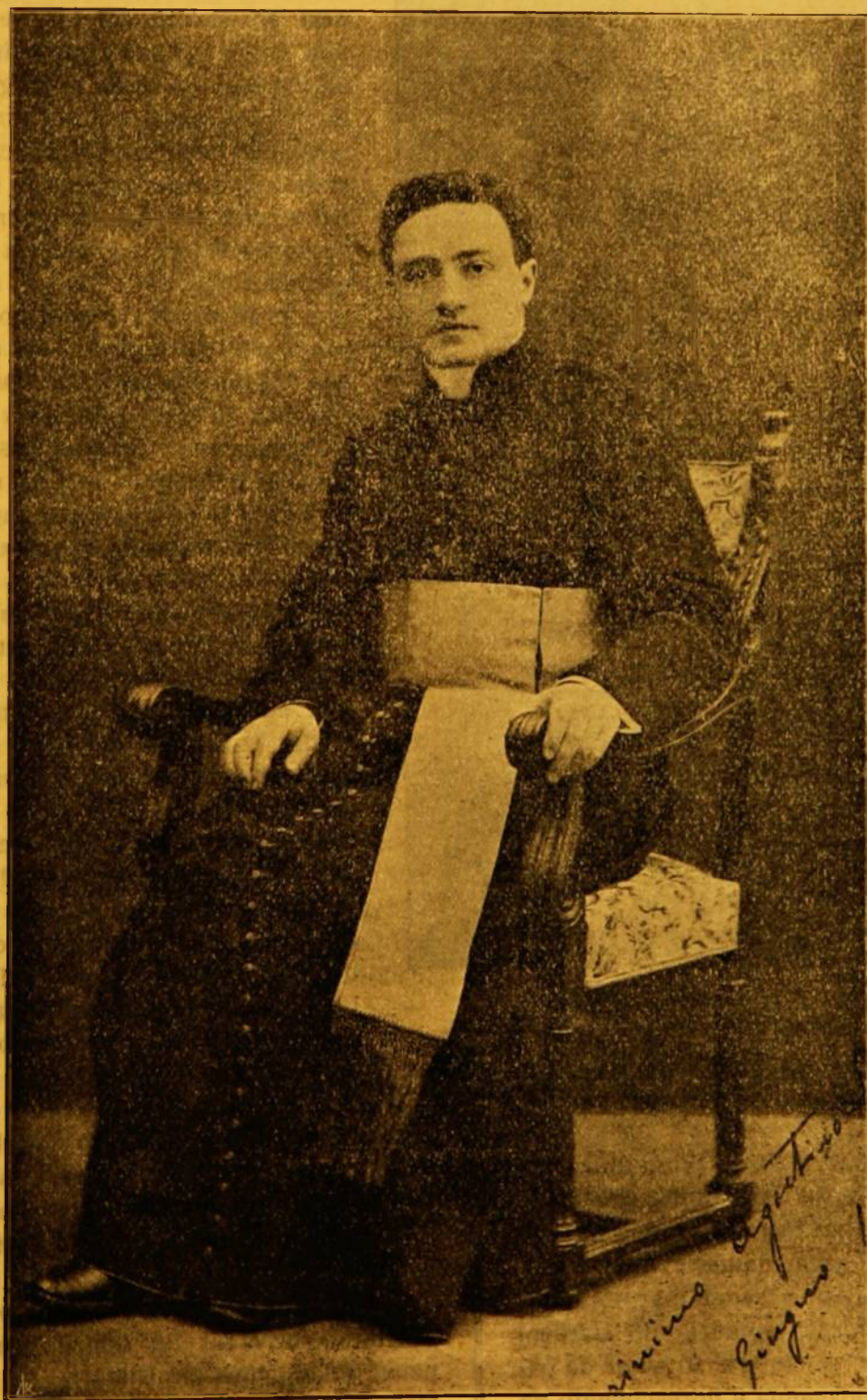
GOMES LEAL.

Chronica da semana

V

VOTADA a lei dos tres annos no Parlamento francez, emquanto, cá fóra, assistindo ao desfilar das tropas coloniaes que regressavam aos seus paizes, a multidão, o povo, indefectivelmente patriota e vibrante, bramia: «Abaixo Jaurès» — a voz eloquente e suggestionadora do deputado catholico Lamarzelle pedia ao governo, que fizera a unidade patriotica no exercito, a completasse, abolindo por uma vez os systemas invios da delação, conferindo aos soldados a plena liberdade de cultos, pela assistencia de sacerdotes de varias crenças junto dos regimentos. Não se elevou na Camara nenhum ministro protestante a reclama-lo: foi, de novo, como sempre, um coração catholico que cantou a liberdade arrebatada e solicitou o seu resurgimento!...

E a *France militaire* do dia 17 publicou a seguinte circular do ministro da Guerra, dirigida aos commandantes dos corpos de exercito:

«Os ministros dos differentes cultos, domiciliados no territorio do vosso corpo d'exercito, que desejarem estar affectos ás formações sanitarias mobilisadas, na qualidade de capellães militares, terão de vos dirigir um requerimento escripto para tal fim. . . *Antes de formulardes o vosso parecer, devereis verificar que os proprios interessados estejam munidos dos poderes regulares do seu clero, sem os quaes seriam inaptos a exercer o seu culto.*»

Mgr. Benedetto Aloisi-Masella, illustre secretario e auditor da Nunciatura em Lisboa.

Visitou a cidade de Braga no dia 23 de julho ultimo.

Este acto de justiça, representa mais uma licção dada áquelles que um demagogismo féro desvaira, contra a verdadeira liberdade de pensamento e contra o respeito devido ás hierarchias religiosas. Os Bispos da França foram ouvidos...

Na Belgica e na Allemanha, a primeira servida pela justiça, pelo *talent de bien faire* que armoriou o Infante de Sagres, d'um governo catholico, a segunda argamassando na ferrea corôa prussiana a robustez máscula d'um povo que, apezar dos seus defeitos, ainda mantém o conhecimento consciencioso do que seja o imparcial respeito por todas as opiniões e crenças, — assim se procede.

E a anglicana Inglaterra offerece aos organismos sociaes, sorvados pelos partidarismos lodacentos, e questiunculas irritas, o espectaculo do recente Congresso Catholico de Plymouth, encerrado com uma Missa militar, em pleno campo, a que occorreram, devidamente escalonados e uniformisados, os soldados catholicos de terra e mar, da guarnição, a escutar da bocca lapidaria do Cardeal Bourne o incitamento á disciplina, ao amor da patria, á manutenção, propaganda e florescimento da sua Fé!

O sr. dr. Oscar de Téffé von Hoonholtz,
novo enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brazil em Portugal

Mas nem só este aspecto se recolhe da circular acima transcripta: ella inspira e demonstra a necessidade da assistencia religiosa no exercito e da remodelação das capellanias militares em Portugal.

Poucos dias passam desde que os jornaes reproduziram um regulamento da guarda republicana de Lisboa em que o principio da assistencia religiosa no exercito e o proprio acatamento dos sentimentos individuaes soffreram tratos de polé democratica...

Os actuaes capellães militares — conservados magnanimamente pelo snr. presidente do conselho, n'uma das suas favoritas solercias d'estadista pombalino, — áparte honrosissimas excepções que agora poderiamos citar, se não visassemos o problema pela generalidade, foram votados quasi exclusivamente a serviços burocraticos. Já se commetteu a arbitrariedade de prohibir a predica aos sacerdotes no exercicio incorporados. De nossa parte não existe a saudade laméchа d'um passado pintalgado de ouropeis, de ficções regalistas, mas o firme desejo de que sejam conferidos aos capellães direitos mais amplos de instrucção religiosa e civismo exemplar, sem detrimento da disciplina, da independencia e da bôa organisação das unidades.

As casernas são um fóco de desmoralisação, — não ha negal-o. As almas fragueiras dos camponios alistados sahem d'aquellas cafurnas bafientas polluidas de cynismo, enxarcadas em viciosos costumes — o calão peculiar a despolir-lhes os restos de urbanidade, e a folga nocturna, vagabundeante por tascos e alcouces, a encodear-lhes os resquicios de fé, que receberam...

E um exercito não é, não deve sêr panurgico rebanho atirado, em vagas, á roçadoira da metralha, sem um gemido que não seja de mêdo, sem um grito de cólera sagrada. O exercito deve sêr uma consciencia modelar, em que estue a palpitação melhor da sua raça, o corpo onde se fundam essa corrente mysteriosa que vem, edades fóra, dos avoengos, como um clamor tragico de vingança, estalando as lages funeraes, e d'aquell'outra aspiração dos coevos, preludio da dos vindouros, que exige o progresso pela defeza das fronteiras, a paz interna do paiz garantindo o equilibrio exterior — uma nação em marcha!

A nação armada, que o principio elementar da divisão do trabalho repelle, não passa d'um erro historico gravissimo, copia dos voluntarios republicanos de 1792 em França, detestavel e perigosa falsificação do systhema militar allemão.

Ao padre intelligente e dedicado, caberia a digna tarefa de crear um *espirito militar*, illuminado pelos relampagos da Historia, em cujos obeliscos Deus e Patria não são méro tropo de arenga banal mas a consubstanciação effectiva, permanente e formidavel da alma portugueza!

O *espirito militar* não implica delações de esbir-

ros, é limpo como a face da espada de Nun'Alvares; não sugére a ideia brutal de pretorianas milicias, hasteando na serra das bayonetas, um decreto de tyrannos, um labaro de morte: não é o tacão esporado do Cesar abrindo praça á quadriga triumphal, jarretada de sangue, nos flancos...

O *espirito militar* não é a anarchia militar: mas a disciplina, a força unanime da nação dirigida para as fronteiras, a unidade na ordem, na religião, no sentimento indizivel da patria!

Era este tambem o pensamento de Henrique Beránger ao escrever, ha pouco tempo, na «Action»:

«*C'est le plus grave péril pour une démocratic et la plus grande humiliation pour un E'tat, quand les soldats s'instituent juges des lois et se permettent de manifester au lieu de servir!...*»

F. V.

FIGURAS DA BEIRA

Algumas palavras preliminares

APEZAR das formidaveis trovoadas do senádor Faustino — o justiçador da triste D. Ignez de Castro e das estatuas realengas — a nacionalidade portugueza teima em voltar-se para a Cruz e para as tradições sagradas. Em vão, o épico almirante Nunes da Matta as affronta ainda com longos discursos, derramadissimos, sobre os progressos da Etruria e o modo como os tordulos combatiam a caspa e aparavam os callos. Nem Nuno nem Faustino, glorias da peninsula, conseguem transviar a dolorida, mas heroica, alma de Portugal.

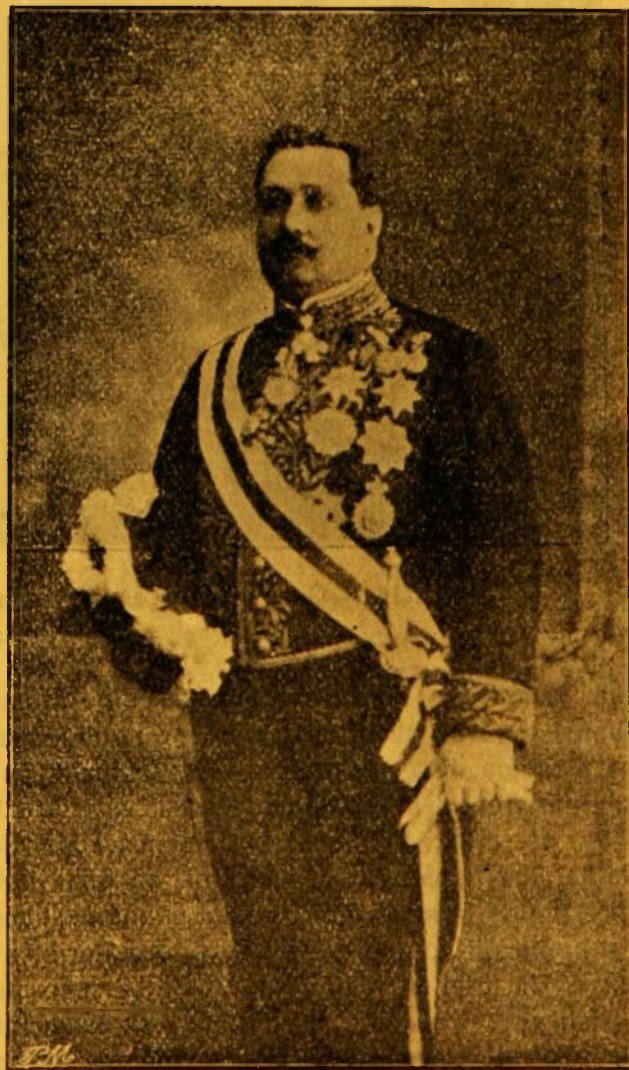
E' que outros, ainda mais cheios de poder e pilheria, já se mostraram impotentes contra o nosso resurgimento espiritual e moral, vagaroso, ainda não disciplinado de todo, mas nitido e firme. Miniaturas pombalinas—no dizer dos maldosos—mas, quanto a mim, Napoleões com todas as manhas dos Talleyrand... de trazer por casa, e ainda com faro de Fouchés, fracassaram evidentemente nos seus vaticinios do morte para a religião e para o puro sentimento nacional. O proprio quasi-presidente Bernardino, pomba mansa com cerebro de raposa — e apenas tigre, segundo a imprensa de Paris, nas *justas tremendas* do parlamento—ejaculou, ha tempos, a sua piedosa amnistia aos nossos Prelados, o que não parece bastante prova de que não julgo *remar-se contra a maré* da ferida religiosidade portugueza.

E' verdade que muito fez chapá-lo o pintor Baêta, na exposição Grandella, mesmo ao lado do misericordioso Jesus-Christo. Porisso, Bernardino, hoje delicia e mestre de cerimonias do Rio de Janeiro, não póde combater muito tempo a Santa Egreja, ainda que se esqueça, na louvavel ancia de presidir aos nossos destinos, do vehemente discurso por elle feito na Universidade de Coimbra a favor da Conceição Immaculada.

Mas, seja como fôr, a impiedade soberana tem de bater em retirada, apezar de tudo. A recente victoria do grande Prelado que é D. Antonie Barroso, d'esse Missionario venerando e de todos amado, já revelou que o capitolio dos grandes homens de hoje não é pertença exclusiva das frivolas vaidades dos mesmos.

Longe d'isso. Os super-homens, perseguindo o Pastor eminente, penteando-se todos para mais um triumpho com Satanaz á frente das suas charangas e cortejos, apenas se dependuraram no vertice da Rocha Tarpeia. O perseguido resultou vencedor. Tremeu a terra com o baque dos poderosos que moralmente afocinharam o que fez cólicas aos vandalos, e grande vontade de rir aos maliciosos.

Não resta, pois, uma duvida: a alma portugueza, a verdadeira, resurge, lentamente, mas com signaes de vida duradoura, mais consciente do que nunca. Não ha muito, por exemplo, que um velho jacobino, tão roido de unhas como da vontade de ser grande homem, rosnava n'um café revolucionario de Lisboa: — *E não ha que ver, os MALDITOS triumpham. O Registo Civil anda côr d'óca. Mas é porque os MALDITOS estudam e nós não; revelam-se immaculados e nós... tão pouco o fazemos! Cidadãos! Com homens como o Bispo do Porto e o Arcebispo-bispo da Guarda, temos de o confessar, nós não nos sabemos, não nos podemos, bater!*

E o illustre jacobino, dizendo isto, pediu mais

O snr. dr. Simon Planas Suarez

Ministro de Nicaragua em Portugal e Italia

café e aguardente de canna. O silencio dos circumstantes era funebre. Se tivesse côr, seria mais amarello do que um edificio do Estado.

*

Mas isto é assim, porque a Veidade Eterna é logica em toda a sua vitalidade. Não póde oppor-se-lhe uma trincheira de algodão em rama, ainda que a pintem com o sangue explosivo de Marat, ou com as tintas falsificadas do curioso Haeckel.

Além d'isso, as velhas tradições d'um povo não são de pau, nem de pedra, embora animem com a melhor arte as coisas mais concretas. Queima-se um alpendre, derruba-se um obelisco: uma alma, e demais a mais nacional, não só se não mette, como nem sequer pódem mettel-a no carcere.

Vendo isso, olhei para a minha Beira-Alta, foram o conego Santos Costa, o padre Manuel Augusto de Lemos, o sympathico e honesto Arthur Mendes de Magalhães Ramalho, espirito de verdadeiro talento, corações de verdadeira bondade, caracteres sem uma só macula.

Deus lhes agradeça tudo. São deveras d'elles estar pobres linhas sobre as queridas e luminosas *Figuras da Beira*.

E aqui as trago hoje, julgando-as opportunamente evocadas. Os leitores dirão se me engano. Mas palpita-me que muitos jacobinos até vão ter inveja, apesar do meu desvalor, da serena e pura belleza d'ellas.

JOSÉ AGOSTINHO.

BRAGA — Grupo d. creanças da freguezia da Sé Primaz que no passado dia 20 receberam a primeira communhão

n'um relampago de fé e saudade. Volvo attentos olhares para as suas figuras, e logo notei magnificos modelos de espiritual combate e amor puro. Que passado! Que fecundas evocações a fazer! E então escrevi, com tenaz porfia, maçador destemido, aos melhores thesoureiros de boas notas sobre tantos homens gloriosos da minha penhascosa provincia. Não quero, nem devo, occultar-lhes os nomes. Um d'elles, filho adoptivo de Lamego, poeta delicado, prosador castilhiano, septuagenario com alma de eterno moço, tem o nome de Antonio Albino de Andrade, e só ha pouco se fatigou de me attender, de aguentar-se com os meus vertiginosos accessos epistolares. Mas que precioso e seguro collaborador! Que devoção e que paciencia! Outros

O abbade sorri...

O paiz está perdido...

O cura teve a intuição d'isto mesmo quando o bispo lhe disse: «Revista-se de toda a sua coragem!...»

E concentrou em ambas as mãos a sua maior coragem, e quiz saber... Um homem digno d'este nome, deve abrir os olhos e caminhar para a verdade, seja ella qual fôr, com toda a sua alma.

*

Porque está perdida, esta grande e encantadora aldeia?

Porquê?

Por quatro ou trez graves motivos: — um parocho doente durante dez annos, os jornaes de Paris sem resposta, o absintho embrutecedor, e alguns *espiritos fortes*...

E a extensão do mal?

Estendeu a sua visita a toda a parte.

E por toda a parte o receberam bem, como *homem*. Como *parocho*, é que o caso mudou de figura.

Foi ao castello, e a senhora fallou-lhe quasi n'estes termos: — «Aqui tem 20 francos. E agora vá em paz!...»

Era esta a transformação da sua antiga parochia onde o castello fôra o amigo, o coração, a bolsa permanente do presbyterio...

*

Depois marchou para as quatro herdades da freguezia.

N'uma, o caseiro estava a recolher estrume e pouco disposto parecia a fallar d'outra coisa.

«Vae-te embora! N'este buraco, as tuas qualidades, a tua delicadeza, o teu ideal voltar-se-hão contra ti mesmo... E' um selvagem que aqui falta!»

Todo o seu sobrenatural lhe respondia: Se te fôres embora, és um covarde!»

Resolveu ficar.

Mas não rabujando, contrariado...

Mas não de braços cruzados...

Achou até na aspereza do seu isolamento uma exasperação de coragem.

Em primeiro logar que havia a fazer?

Viu que a primeira coisa, a mais essencial... a coisa sem a qual nada conseguiria, era restabelecer o contacto com o seu povo.

Sentia-se estrangeiro.

Era preciso que se tornasse um amigo.

*

Um amigo d'aquella gente, desconfiada, invejosa, egoista, mais material do que o seu gado!?...

BRAGA — Um grupo de catechistas e auxiliares do parocho da Sé Primaz

N'outra, o marido retorquiu:

«Minha mulher vae á missa nas festas do anno...»

Nas duas restantes, apenas encontrou mulheres que pareceram espavoridas por ali o verem. A mais edosa até chegou a gritar: «Então morreu alguem aqui?!...»

E elle regressou cruzando na estrada com outros, ouvindo a passarada, desviando-se á passagem das carroças dos fornecedores.

E no meio de toda esta gente, tinha a impressão d'uma soledade espantosa, feita da indifferença de todos, do seu desdem e por vezes do seu odio.

*

Feito isto...

Quando por fim aprendeu e analysou tudo contra que tinha de bater-se, ouviu uma séria discussão dentro de si mesmo.

Todo o seu natural lhe clamava:

Onde estava alli o lavrador—sacerdote da terra?... O lavrador que se descobria deante do seu campo de trigo, rendendo glorias a Deus?... O lavrador que cantava guardando os rebanhos?... ou que sonhava, appoiado á charrua, ante o esplendor do sol poente?...

Render gloria a Deus...? Mas quem faz vicejar o trigo é o superphosphato!...

Guardar ovelhas...? mas já não ha um só pastor na região!

Quanto á magnificencia das tardes de estio, preférе-lhe o lavrador um calix de absyntho, avidamente saboreado, os cotovellos sobre a meza gordurosa, ao som do phonographo: *Viens, Poupoule, viens!*...

*

E comtudo, sim... era preciso tornar-se o amigo d'elles!...

O amor não nasceria nos seus corações.

Era necessario, pois, que *tudo* viesse d'elle...

E, como um jogador de box, trenando-se para receber *upercuts, crochets* ou outra especie de murros, elle figurou-se o velho Gargouillat, baixo e pesado, auctoritario e amigo de discussões, julgando em ultima estancia, do alto dos seus 1:800 francos de rendimento ganhos na engorda de cevados, não o céo — isso é vapor d'agua! — mas a terra, a politica, os padres, Guilherme II, os Bulgaros e Poincaré...

E disse comsigo: Hei-de amar Gargouillat!...

E amou-o.

*

Porque a definição do amor é: querer o bem.

Amou-o, a elle, e a todos os outros.

Depois escolheu o ponto vulneravel da couraça de indifferença que cercava, asphixiava a região: — organisou uma festa de creanças; exito... uma conferencia para homens acêrca da mutualidade; exito. Inquietações do professor primario; elle encontrou-o, fallou-lhe, fez-lhe mesmo presente da sua penna...

Na missa, porém, ninguem ainda.

Quasi nada havia a esperar das raparigas d'aquelle tempo.

Comtudo, n'um casamento, elle procedeu tão bem... fallou tão cordealmente, que o noivo convidou-o a «partir uma borôa» de tarde, em sua casa.

Mas n'um enterro, no dia seguinte, todos os homens ficáram de fóra, sem entrarem na egreja, á chuva inclemente...

E elle fez que não comprehendeu.

Pelas aldeias já se dizia: «E' bom rapaz, intelligente, zeloso... Máu é que seja um... abbade!»

*

Agora já tem tres meninos do côro; depois d'um fallecimento, algumas mulheres assistem á missa... levou o seu ajudante a Lourdes, sob o pretexto de o fazer aproveitar um bilhete barato...

E o homemsinho voltou maravilhado... Na taberna, narrou as procissões gigantescas e houve rixas por causa dos «milagres»...

E é assim todos os dias.

O abbade vive como um caçador aguardando a occasião...

Agora, é a Liga patriotica das mulheres francezas: logo é uma pequenina prenda de baptismo.

Um velho provinciano que elle convida a jantar... um soldado que elle recommenda... uma festa regional que elle festeja na egreja... projecções luminosas... um reduzido boletim parochial.

Eu sei lá!...

Tudo serve de pretexto a quem ama!

E Gargouillat, o proprio Gargouillat, está arreliado por haver dito mal do abbade que lhe trouxe de Paris um cachimbo de cerejeira.

Em alguns annos um outro parocho recolherá talvez a alma d'este Gargouillat emocionado e convertido por causa d'um fumoso cachimbo pendente da parede, a que elle chama já o seu «reaccionario».

Ha outros que naufragam por coisas de menos valor...

*

Porque o abbade sorri quando, por vezes, certos desalentados, obedecendo a não sei que sentimento, lhe insinuam invejosos:

— De que serve isso, tudo o que você faz?...

Sorri, assim como sorriria um cultivador no outomno, se um Parisiense pallido lhe dissesse:

— De que serve lançar a todos os ventos essa fragil semente? Perdem-se, todos esses grãos de trigo, na massa negra da terra glutinosa!... Olhe a chuva!... Olhe o frio!... Olhe o inverno!... Que resta do seu trabalho...?

O abbade sorri...

E olha obstinadamente a estrada, a vêr se passa um mendigo a quem saúde... uma creança ranhosa a quem acaricie... um cigarro a offerecer áquelle grosseirão alistado nos tascos, e que o vae insultar!...

(Da *Croix*)

PIERRE L'ERMITE.

LISBOA — Corrida de rampa em automoveis
ganha pelo snr. João Dotti Junior em automovel "Minerva"

LISBOA — Os acontecimentos da madrugada de 21 de julho

1—O povo em frente da serralharia da rua dos Correeiros apoz a explosão.

2—Manuel Affonso um dos individuos que ia no automovel com as bombas.

3—O local + onde foi arremessada a bomba ao automovel e que causou a morte do guarda civico.

4—O proprietario da serralharia, Narciso dos Santos, que ficou com a mão esphacellada.

5—O automovel que conduzia os individuos com as bombas.

(Clichés do nosso correspondente phot. de Lisboa)

Barão de Nóra

Chorou-te toda a terra que pisaste;
Mas os Anjos do Ceo, cantando e rindo,
Te recebem na gloria que ganhaste.

CAMÕES.

PASSOU no dia 31 de julho findo quinta-feira o 3.º anniversario da morte do Excellentissimo Barão de Nóra, e a sua admiravel personalidade moral vive e refulge ainda, cheia de vigor, na estima, a admiração e na saudade dos que tiveram a ventura de conhecer os primores da sua alma e a fidalguia do seu coração.

E' que, como escreveu Alves Mendes no elogio funebre de Fontes Pereira de Melro, «*não encerram todo o nosso ser as taboas d'um ataúde, nem finalisam todo o nosso destino as pedras d'um sepulchro. N'um ataúde, n'um sepulchro, jazem os despojos da morte; e a morte, que extermina o corpo, não extermina o homem: — nem é o apagamento do espirito, nem o aniquilamento da vida*».

Barão de Nóra

A morte não conseguiu exterminar esse homem, que foi um modelo de virtudes, nem apagar esse espirito, que foi um luzeiro de caridade e nobreza, nem aniquilar essa vida que teve como exercicio constante a pratica das mais lidimas e gloriosas acções.

As taboas do seu ataúde e as pedras do seu sepulchro levantam-se a dizer-nos que os despojos que encerram emmolduraram uma alma candida, um coração d'oiro, uma intelligencia robusta e uma vontade decidida e firme — formando tudo isso uma admiravel compleição moral, uma gigantesca figura digna de ser imitada, n'um quadro maravilhoso a perpetuar um nome illustre na historia da abnegação, do sacrificio, das mais acrisoladas virtudes christãs.

Podemos applicar-lhe com justeza estas palavras com que D. Luiz do Pilar Pereira de Castro definiu as virtudes do glorioso Rei D. Pedro V:

«*A natureza lhe deu um coração generoso, fiel ao seu alto caracter e á sua patria; — a virtude lhe formou um coração christão, fiel á sua religião e ao seu Deus*»

O querido e sempre lembrado Barão de Nóra expirou na magnifica casa do Souto, na visinha freguezia de S. Pedro d'Este, onde ultimamente vivia com sua extremosa familia. Teve uma morte serena, como a morte dos justos, como serena e limpida foi sempre a sua alma crystalina.

O seu espirito voou para Deus, como quem anceia por chegar depressa ao termo da sua viagem.

Se não teve a receber-lhe os ultimos alentos a sua querida Madeira, a encantadora perola do Atlantico, a terra abençoada onde o clima é delicioso, onde a grande altura das suas montanhas faz com que alli se aclimem quasi todos os vegetaes do globo, onde se desenvolvem, aperfeiçoam e produzem exhuberantemente as plantas que prosperam com o calôr tropical, ou as que o frio glacial atrophia e acanha, onde se encontram todos os fructos da Europa e muitos dos tropicos, — a Madeira, de assucar esplendido, e de vinhos preciosos, reputados os melhores do mundo, – se essa soberba terra, que tanto lhe devia e elle tanto amava, não o beijou nos ultimos momentos — encontrou comtudo nos braços de sua familia todo o lenitivo para o seu soffrer e todas as consolações para a sua passagem d'este mundo.

Nobre e leal amigo!

N'esta data de recordações saudosas, cumprimento commovidamente a Excellentissima Baroneza de Nóra, e suas extremosas filhas, e abraço os dois illustres representantes de tão honrado caracter, que souberam copiar as virtudes de seu Pae, — os queridos amigos Joaquim e João José Bettencourt de Nóra.

PADRE RIBEIRO BRAGA.

Parabola da angustia

PRÉGAVA então Jesus em parte da Judeia.
Ouviu-o mãe de angustia—e de que angustia!—cheia.
O Mestre ia ensinando ás multidões:
«Bemditos,
Os que padecem na alma, os tristes, os afflictos...»

E a mãe, erguendo o olhar, que humedecido brilha,
Geme aos pés de Jesus, que o escuta: «Minha filha,
Desde hontem, Rabbi doce e compassivo, é morta;
Desde hontem, e ninguem desde hontem me conforta!

Tambem serei bemdita?»
E o Mestre augusto e santo,
Com piedade egual a travo de tal pranto,
Responde-lhe:
«Verás!»
E, antes de findo o dia,
Partiu com ella e entrou na casa, onde jazia,
No frio do sudario, a pequenina morta.

E emquanto a multidão, que o segue, attende á porta,
Toma Jesus nas mãos a gélida mãozinha,
E, olhando sorridente a mãe, que mal sustinha,
Entre confiada e incerta, o pranto que vertia,
Diz-lhe: «Tua filha é viva, ó mãe; toma-a, dormia».
E viva a restitue a seu amor profundo.

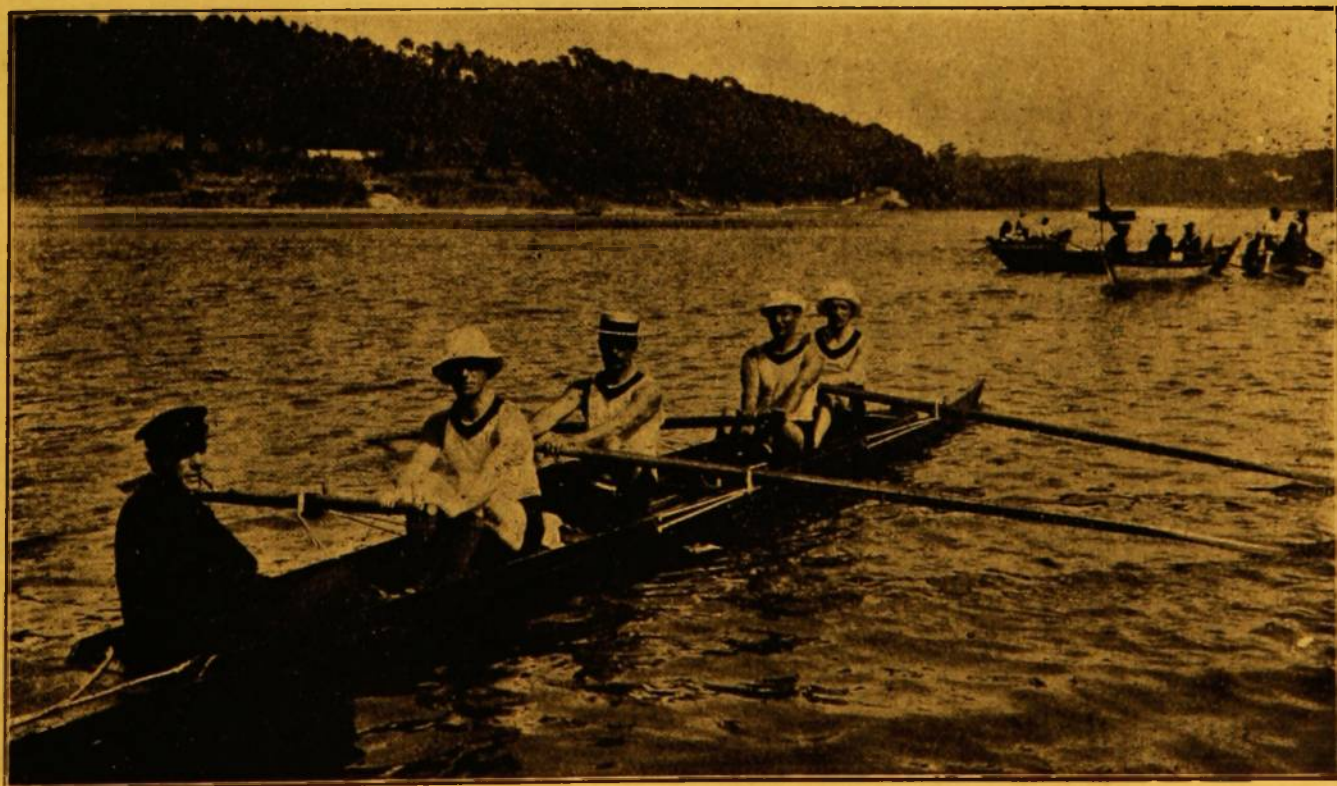
Oh mães! se ainda Jesus andasse pelo mundo!...

J. DE SOUZA MONTEIRO.

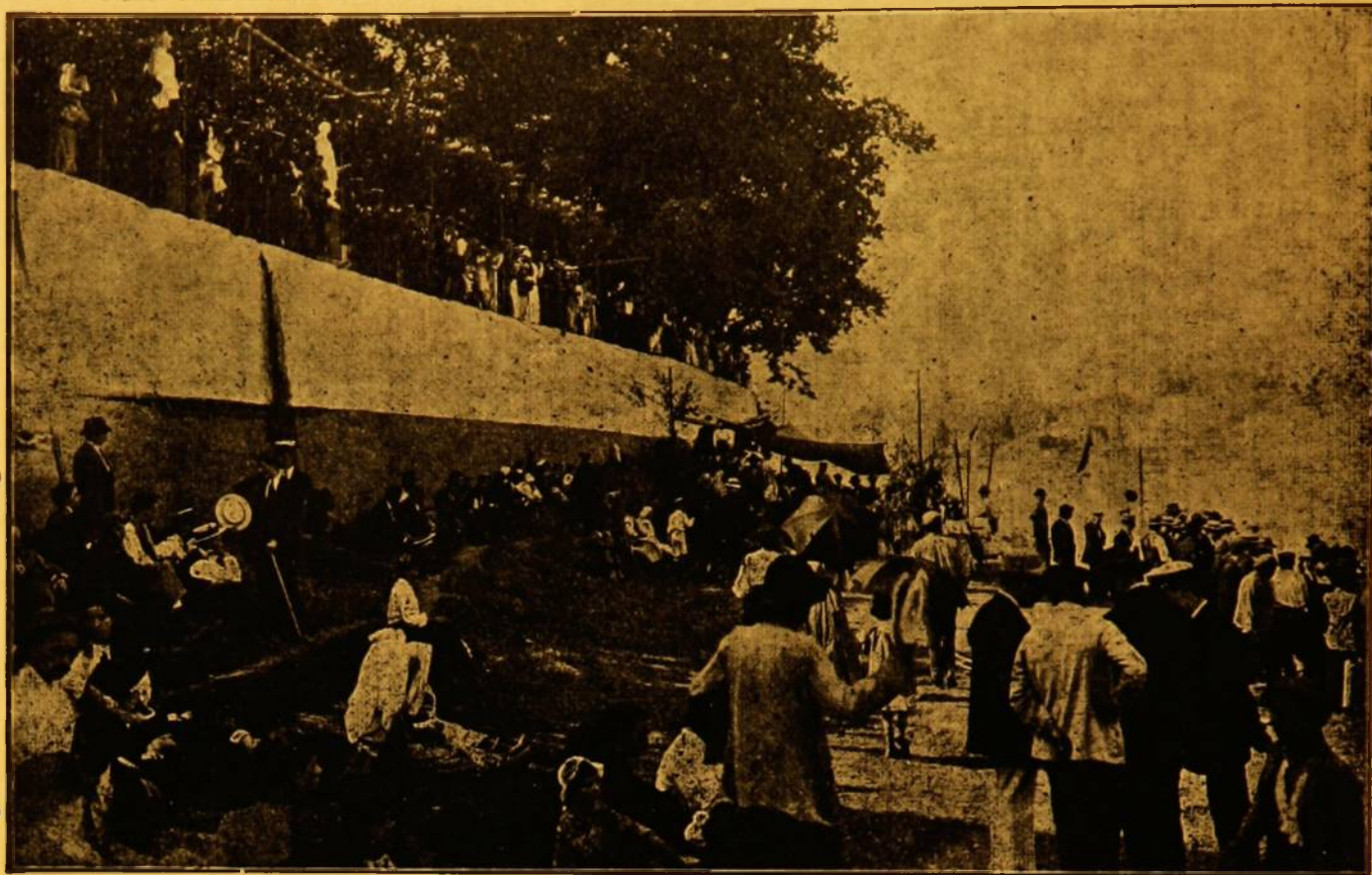
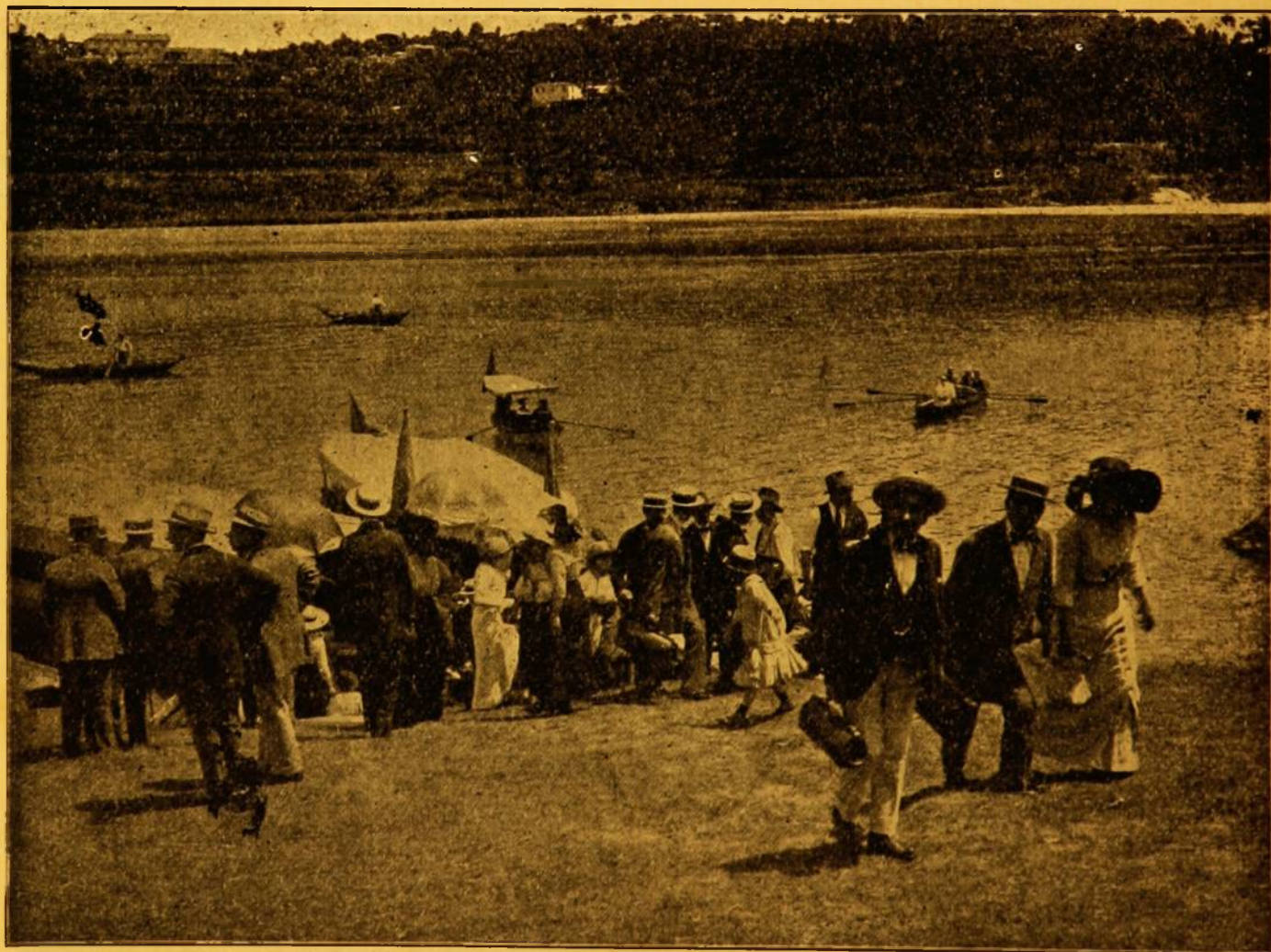
PORTO--Uma festa sportiva

G upo de vencedores da Taça

Realisou-se no dia 20 de julho a regata de guigas a quatro rêmos e *canots*, promovida pelo Oporto Club do Porto, entrando n'ella o Sport Boat Club e o Club Naval de Lisboa.

A' 1-30 começou a regata, cuja partida era do caneiro de Avintes, sendo a primeira corrida de guigas a quatro rêmos, do lado sul, Sport Club do Porto, composta dos seguintes snrs.: D. A. Macedo, M. V. Andrade. C. J. da Silva; voga, R. B. Oliveira, e timoneiro, A. S. Barbosa; e do lado norte: Oporto Boat Club, composta dos seguintes snrs.: Yats Junior, T. Danvers, J. Adans, voga, W. Cham-

Tripulação do Club Naval de Lisboa antes da partida

bers, e timoneiro, N. Almeida, ficando vencedor este ultimo.

A's duas horas fez-se a segunda corrida, sendo do lado sul, Sport Club Porto, composta dos seguintes snrs.: J. O. Cálem, J. A. M. Silva, R. Walker, voga, H. Costa, e timoneiro, E. Villares; do lado norte, Club Naval de Lisboa, composto dos seguintes snrs.: B. S. Carneiro, Jorge Aldim, Antonio Tito, voga, Jorge Ferro, e timoneiro, A. Salgado, ganhando esta ultima.

A multidão esperando os corredores

Aspecto do desembarque

N'esta corrida a guiga do Sport Club do Porto, logo ás primeiras remadas, vindo do lado melhor, começou de crescer sobre a guiga do seu adversario, dando isso o resultado de um embate, sem consequencias.

No fim d'esta corrida foi servido o *lunch* pela conhecida Confeitaria Oliveira.

Depois do *lunch* realisou-se a corrida de guigas, entre o Oport Boat Club e o Club Naval de Lisboa, ficando vencedor este ultimo.

Passados uns minutos teve começo a corrida de *canots*, cujo percurso era do caneiro de Avintes á Affurada e volta.

A primeira a chegar foi a «Kitlum», que fez um percurso admiravel, sendo seu proprietario o snr. Humberto da Fonseca, que foi alvo de uma grande manifestação.

O premio foi conferido á *canot* «Ignez», do snr. Pedro de Araujo Junior, que chegando mais tarde ganhou porque levava um *handicap* de 50 minutos.

Terminadas as corridas, no mesmo recinto onde tinha sido servido o *lunch*, foram distribuidas diversas medalhas aos concorrentes e as taças aos vencedores.

Depois, o vapor deu o signal de partida e as embarcações atracaram, descendo o rio até ao ponto da partida, fazendo-se o desembarque em frente ao Club, onde houve differentes vivas, muito correspondidos, ao Sport Club do Porto, ao Oporto Boat Club e Club Naval de Lisboa.

A convite do snr. Pedro de Araujo Junior, os socios e concorrentes da regata foram jantar ao Palacio de Crystal, o qual decorreu animadissimo, havendo brindes reciprocos de sincera estima da parte de todos os convidados.

Tripulação do Oporto Boat Club vencedor do Sport Club do Porto.

Canot-Ignez vencedora da Taça Sport Club do Porto tripulada pelo seu proprietario snr. Pedro de Araujo Junior.

Fastos do Catholicismo

Congresso de formação ecclesiastica reunido em Paris.

Reuniu-se recentemente, e pela 8.ª vez, o Congresso d'Alliança dos grandes Seminarios de França. Tomaram n'elle parte sómente os directores d'essas casas de formação sacerdotal que n'esta reunião discutiram pontos da maior importancia. Taes foram: o fomento das vocações; as leituras dos Seminaristas, os exercicios espirituaes. O Em.^{mo} Cardeal Merry del Val telegraphou em nome do Papa dando ao Congresso a benção apostolica.

«L'Action Catholique de la Jeunesse Française,» em Roma.

A Juventude Catholica Franceza prepara-se, para, dentro em breves semanas, dirigir-se a Roma, junto do S. Padre, para ao pé d'elle cobrar novos alentos e consagrar triumphos. A ideia, posta em circulação, teve tão bello acolhimento que poucos dias depois de transparecer o projecto, já setenta e tres membros do episcopado haviam mostrado quanto lhes sorria a lembrança. A Juventude é, por todo o modo, a primeira no regresso a Roma que felizmente se opera.

A philantropia faz acepção de crenças...

O *maire* de Romanech-Torins, preveniu os seus concidadãos, que as creanças, que frequentem as escolas catholicas, serão privadas dos beneficios da assistencia publica. Sem duvida que a tolerancia, a liberdade, ficam mal paradas com a tão odiosa determinação, mas é assim a beneficencia laica. Só a caridade é universal: a philantropia é o seu satanico arremedo, mas não perde occasião de mostrar a luciferina paternidade.

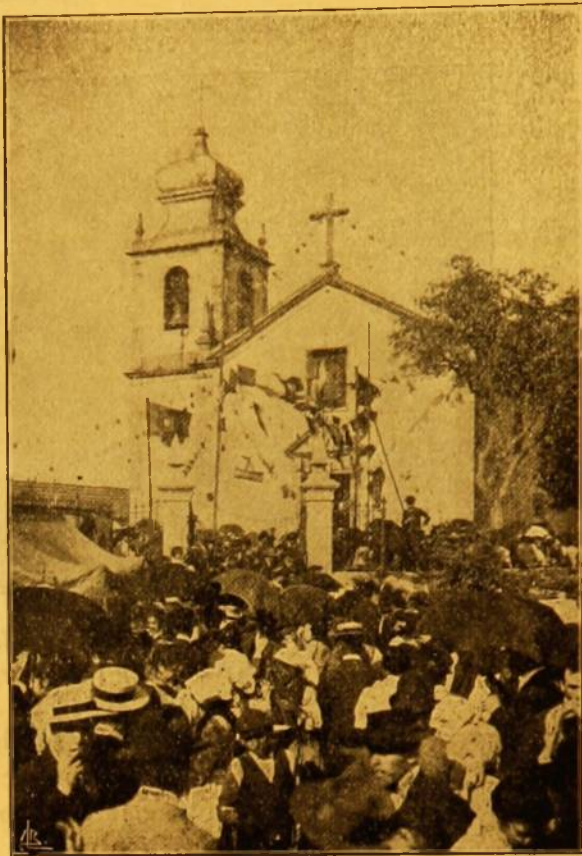
PORTO==Romaria de Sant'Anna de Oliveira

Na egreja de Sant'Anna d'Oliveira, concelho de Villa Nova de Gaya, realisou-se no passado domingo, 27 de julho, a tradiccional festa em honra de Sant'Anna, formosa imagem que se venera n'aquelle templo.

De manhã, effectuou-se a festa religiosa, havendo de tarde o costumado arraial, a que concorreram centenares de pessoas do Porto e arredores.

A egreja de Oliveira é situada n'um pittoresco local na margem esquerda do rio Douro, que, pela sua graciosidade, se tornou um dos pontos escolhidos pelos portuenses para diversões e recreio.

Egreja de Sant'Anna d'Oliveira

Como o mostram as gravuras, muitas foram as pessoas que no domingo se dirigiram a Oliveira attrahidos pela devoção a Santa Anna e pelos encantos naturaes do local em que o templo está situado, havendo um movimento desusado no rio onde os romeiros assaltavam os barcos que os deviam conduzir ao Areinho para depois seguirem para o local da romaria.

Na explanada do Seminario velho, d'onde se disfructa um explendido panorama, a concorrencia de pessoas foi tambem extraordinaria, formando-se ahi um novo arraial onde o povo affluia para ver a curiosa sahida e chegada dos pequenos barcos com romeiros que, alegres e ruidosos, faziam a travessia do rio Douro.

Uma das gravuras apresenta o aspecto d'este improvisado arraial junto da linha ferrea onde o povo folga e se entretem, esquecendo as agruras da vida e apreciando o bello horisonte das suas redondezas.

Um aspecto da concorrencia fóra do adro da egreja

PORTO — No Areinho. Os romeiros dirigindo-se para a festa

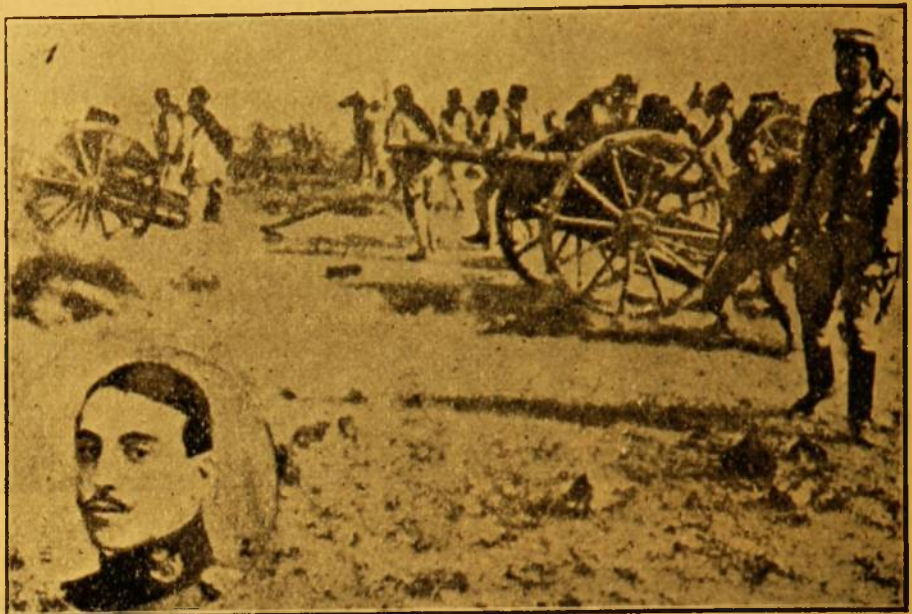
No Seminario velho. O povo esperando os romeiros

No Seminario velho. Um aspecto do arraial

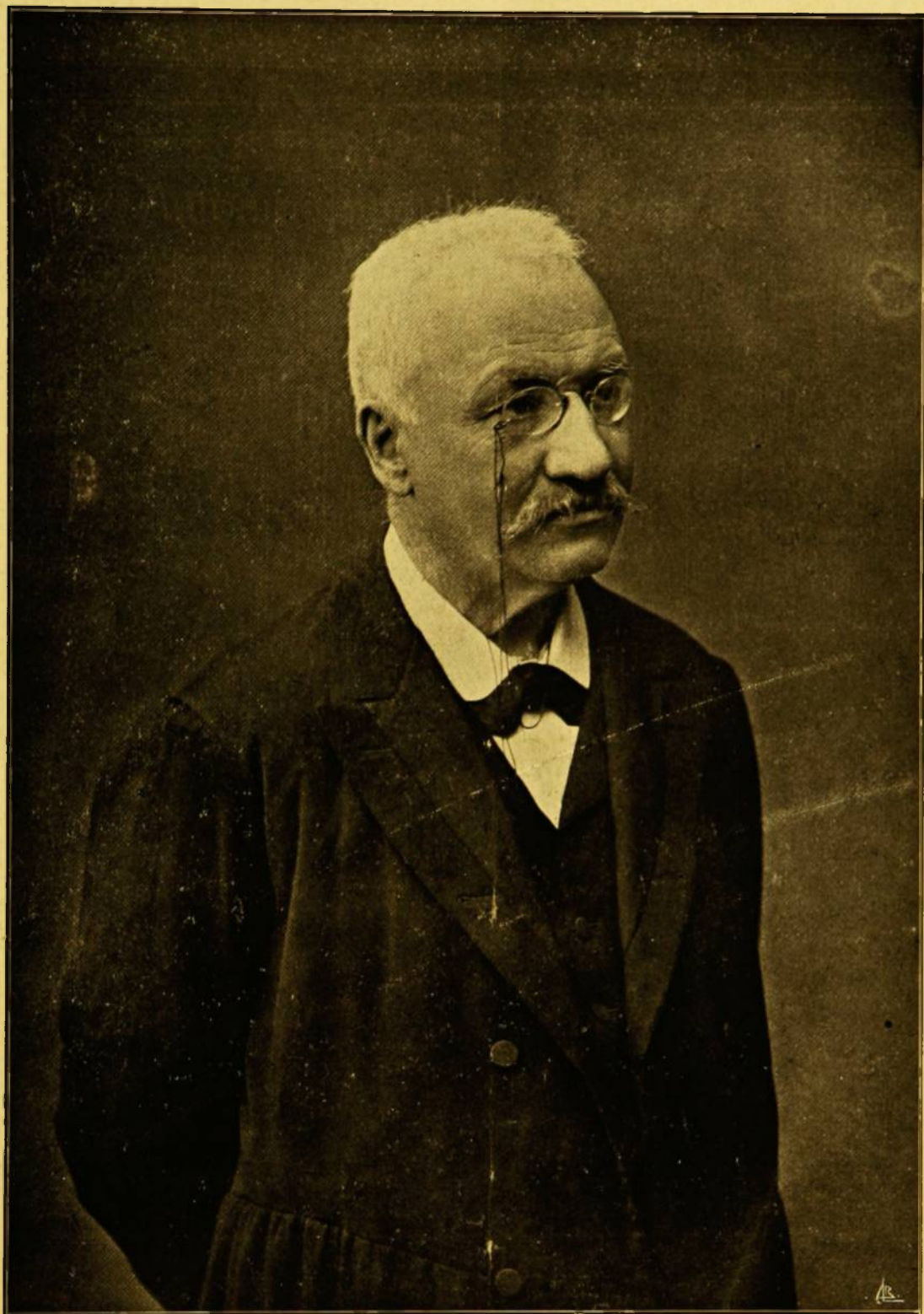
NOTAS DO ESTRANGEIRO

A guerra de Hespanha em Marrocos

1—A artilharia hespanhola batendo os indigenas.

2—O primeiro tenente de infantaria D. José Riera morto em campanha.

3—Os soldados das companhias indigenas preparando os alimentos para os seus companheiros mouros enfermos e feridos durante os combates.

4—D. Luiz Tapia ✝ capitão do batalhão de Barbastos, morto no ataque de Wad-Ras, no dia 24.

5—Desembarque dos feridos no combate de Nenkall.

Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva

(Cliché de Alvã

Eminente chimico portuguez, o professor da Universidade do Porto é um catholico pratico e illustradissimo que leva sempre a toda a parte a ultima affirmação da sciencia com a firme convicção da sua fé e inquebrantibilidade do seu caract

PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL
Joaquim Antonio Pereira Villela.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . 2$4
» » (6 mezes) . 1$2
» » (3 mezes) . 6
Brazil (1 anno) . . . . 3$0
» (6 mezes) . . . . 1$5
Numero avulso . . . .

Numero 6 Braga, 9 de agosto de 1913 **Anno I**

O PROTESTANTISMO

OS SEUS HOMENS

E OS SEUS ERROS

Utilissima obra de propaganda catholica contra as falsas doutrinas de Luthero

Um volume com cerca de 100 paginas em edição de luxo, 60 rs.
A mesma obra em edição popular. . . . . 30 rs.

Da edição popular, faz-se um desconto de 20 por cento em todos os pedidos de mais de 20 exemplares.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia e porte do correio, devem ser dirigidos ao editor

Padre Antonio José de Carvalho

Rua de Santa Margarida, 9—Braga ou á administração dos «Echos do Minho», Rua dos Martyres da Republica—Braga.

Francisco Fernandes Machado

SELLEIRO

E

Fabricante de artigos de viagem

29, Rua de S. Marcos, 31—BRAGA

Esta casa já bem conhecida e merecedora da confiança do publico, que trata sempre com a maior seriedade, tem em deposito um bom sortido de malas.

PREÇOS RASOAVEIS

TINTURARIA

DE

TODAS AS CORES

(A mais antiga de Braga)

147, Rua da Cruz de Pedra, 151

BRAGA

Tinge, segundo os processos mais modernos e aperfeiçoados:

DAMASCOS,

OPAS

E QUAESQUER SEDAS

Lavagem de roupas

Recebe e expede qualquer encommenda pelo correio.

BRAGA

Succursal do Grande Hotel Maia das Caldas do Gerez

Campo de D. Luiz I e R. dos Capellistas

BRAGA

GRANDE HOTEL MAIA

Muito asseio. Independencias para familias.

Serviço especial de dieta para pessoas vindas de Caldelias e Gerez.

GRANDE HOTEL MAIA

(Fundado em 1883)

aberto de maio a outubro

Julio Almeida Maia.

GEREZ

O mais proximo das aguas

Serviço esmerado

Preços Modicos

PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL — Joaquim Antonio Pereira Villela.

EDITOR Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 9 de agosto de 1913

REDACÇAO, ADMINISTRAÇAO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 6 — Anno I

POVOA DE LANHOSO—Egreja parochial de Fonte Arcada

(Cliché de F. Brito)

Chronica da semana

VI

PRENHE de factos sensacionaes, esta semana!...

A visita do snr. presidente do concelho ao Porto e a curiosissima tentativa de assassinato contra o mesmo senhor, dão ança a largas considerações em variados generos litterarios.

Já d'aquell'outra as gazetas sacáram illações a seu sabor, de cujo entrecruzar mais ou menos emaranhado, resaltou a fulgida verdade de que o snr. dr. Affonso Costa faz o que lhe appetece e nós appetecemos a sua omnipotencia...

O Porto, o velho Porto, conta na sua historia imponentes visitas de ministros e de reis mas poucas ou nenhumas como esta ultima, em que a farofia abraça o ridiculo e tripudiam ambos um can-can de sarcasmo sobre os felpudos e coriaceos lombos do paiz... S. ex.ª não obrigou os portuenses a beijar-lhe o pé, simplesmente porque não quiz. E esta inexcedida magnanimidade obriga a poltroneria nacional a novos corcovos de lacaio, a maior devoção de escravos, a pensar até na engenhosa maneira de lembrar á posteridade incrédula a memoria do seu senhor. Como temos particular enlêvo no endeusamento das nossas glorias, e desejamos evitar ao poderoso caco portuguez a laboriosidade d'um tal parto, aqui aventamos a ideia de se substituir em Belem a estatua d'Albuquerque pela de Costa por isso que — manifesta vantagem economica! — ambos são Affonsos, e *terriveis*...

O episodio de Santarem, esse não passa d'um symptoma. A suprema vaidade do snr. presidente do conselho, exigia-o, para maior brilhantismo e mais acendrado fervor da sua recepção na gare de Campanhã. Por sobre a omnipotencia, o martyrio collando-se ao fanatismo da turba. Sómente, Cunha Neves não representou bem o seu papel, e a precipitação escusada do secretario gerai d'aquelle districto estragou o scenico effeito. Não, Cunha Neves devia entrar na carruagem official. Ahi, o snr. Sousa Junior faria um signal com os olhos, os comparsas tomariam os seus logares na ribalta, e emquanto o snr. Affonso Costa accendesse um cigarro e o snr. ministro do fomento revêsse o seu discurso de Leixões, o heroe da tragi-comedia, a passo vagaroso, os chapeus de feltro e de côco sobrepostos na cabeça, ajoelharia ante s. ex.ª, perguntando: — Vossa Omnipotencia dá licença? — tiraria da mala o limpa-unhas e... lá fóra o povoléu vozeava uma acclamação espontanea.

O golpe não seria dado, porque... n'estes assumptos é preciso proceder com cautella, mas o resultado era mais perfeito, e o director da *Patria* não mentiria tanto ao noticiar o *nefando attentado!*

E d'ahi... como diria Fialho, que transtorno faria a s. ex.ª uma picada de limpa-unhas, sabendo a ovação que abichava depois de ferido?

Dias apoz a retirada subrepticia de s. ex.ª, Rodrigo Soriano descia na cidade, n'outros tempos invicta.

O director da *España Nueva* veiu inaugurar uma escola republicana para a colonia hespanhola, e dar-nos a impressão lastimavel de que melhor fôra não transpôr a nossa fronteira.

Sob a capa da propaganda, Soriano, de todas as vezes que apparece em Portugal, revela-se o preconisador da revolução e da união peninsular.

Agora, denunciando nas realezas a fonte de todas as discordias nas relações dos dois paizes, assegurou que só o estabelecimento de duas republicas conseguiria manter efficazmente a amizade e a communhão de destinos entre a sua e a nossa patria.

Creio que é Paulo Bert quem faz notar que pisando-se o verniz a um americano surge o Pelle-vermelha. Dá-se aqui o mesmo caso: pisando-se o verniz partidario a D. Rodrigo, elle apparece um legitimo, arrogante e façanhudo hespanhol, com o sonho dominador a tremular-lhe no espirito aventureiro.

E será bom confessar que, dada a verosimilhança d'aquella discordancia, é preferivel a tradiccional e ciosa independencia, concretisada na corôa, do que o humanitarismo republicano que nos exporia ao vexame d'uma dominação extrangeira, porque, como exclamava Herculano na *Voz do propheta*, «este feito infernal foi approvado no conselho dos tribunos e por ventura elles receberam o preço da liberdade de seus irmãos, que vendiam.

Ai de nós, ai da patria, se o leão da Iberia pudesse rugir solto por nossas montanhas, e vir abrigar-se debaixo de nossos tectos! E é isto o que *pretendem* os destruidores da liberdade, os suscitadores da anarchia!»

F. V.

O SEGREDO

UMA campainhada resoluta, imperiosa, interrompeu a leitura do breviario a que o abbade Dugard se votava todas as tardes, percorrendo os arruamentos do seu pomar. Foi o reitor abrir a porta, um pouco intrigado, pois os parochianos bem sabiam que podiam entrar a toda a hora no presbyterio, sem tocar. Sob os humbraes da porta appareceu uma mulher elegante, não nova, mas ainda bella, e que deveria ter vindo da cidade em automovel, porquanto a pobre aldeia se encontra muito affastada da estação do caminho de ferro.

O reitor, no cumulo do espanto, permaneceu deante d'ella, interrogando-a com o olhar, e tão persuadido de que se tratava d'um equivoco, que nem pensou em offerecer-lhe passagem, e em a conduzir para a casa, que se entrevia, branca, na prespectiva da álea.

E ella perguntou:

—E' o snr. reitor Dugard, antigo capellão da prisão departamental?

A' evocação d'esta lembrança, uma sombra dolorosa passou no rosto do padre, e foi quasi com

hesitação que este, affastando-se ante a visitante, confessou :

—Sim, sou eu, minha senhora.

—Eu sou a senhora Diaumont, esposa do procurador geral, e tenho uma importante communicação a fazer-lhe, snr. abbade.

Elle inclinou-se, n'um gesto lhe indicou o caminho, e, atraz d'ella, depois de fechar a porta do quintal, seguiu silenciosamente...

*

No pequeno salão do presbyterio reinava a meia-luz d'um confessionario, cerradas as bandeiras da janella, que ninguem mesmo se lembrava de abrir a não ser em occasiões excepcionaes. A sr.ª Liaumont manifestou o desejo de que assim ficassem, sob pretexto de que a frescura do quarto, apoz uma longa carreira sob o sol alto das estradas, lhe era agradavel. D'aqui concluiu o abbade Dugard que era grave o que ia ouvir.

Dispoz-se portanto a escutar, immovel e mudo, mergulhado n'um vasto *fauteuil* da Bretanha, collocado por baixo do crucifixo de madeira que constituia o unico ornamento d'aquellas paredes brancas de cal.

A sr.ª Liaumont occupára o outro lado da meza, sobre a qual tamborilava febril a sua mão enluvada, e, immediatamente começou de fallar, com uma volubilidade um pouco saccudida e entrecortada :

—Senhor abbade... senhor reitor... E' um requerimento que eu lhe venho apresentar... Mas em primeiro logar deixe-me dizer-lhe que comprehendo o seu caracter delicado: sou christã, sei com que lei immutavel collide o voto que vou formular... E todavia... Mas o snr. apreciará certamente o mobil do meu procedimento quando tudo souber...

Depois de curto silencio, a sr.ª Liaumont, tendo em vão procurado com o olhar um signal de alento, continuou custosamente:

—Snr. reitor, eu sou apenas uma pobre mulher infortunada que tem necessidade de auxilio e que se agarra a todas as esperanças: não me recuse o seu appoio. Tenho dois filhos e amo-os apaixonadamente, como sua mãe. Mas amo tambem a meu marido e quero salval-o. E' por meus filhos e por meu marido que eu estou aqui supplicante; porque o snr. reitor póde reerguer e reconduzir a paz e a felicidade ao meu lar!... Póde evitar as peores ca-

3.º anno do Curso Theologico, de 1913

(Seminario de Braga)

1.º PLANO:—*(sentados)*:—Alfredo Loureiro Pacheco; Manuel d'Araujo; João Evangelista Rodrigues; *Joaquim Domingues Mariz;* Manuel Nunes Cotrim; Manuel Domingues Basto; Albino Figueiredo Martins de Miranda.

2.º PLANO:—Manuel da Guia Laranjo; *José Magalhães Alves Costa;* Job Teixeira; Isaac Eleutherio da Rocha; Antonio d'Abreu Guimarães; Jeremias Rodrigues Fernandes; João Torquato Martins Ribeiro.

3.º PLANO:—Manuel Martins de Castro; José Fernandes de Barros; Raul Augusto Pereira da Fonseca; Manuel Gomes da Silva; Albano Vieira Mendes de Castro.

Todos estes estudiosos moços, fieis á sua excelsa vocação, se matricularam o anno passado no 3.º anno de theologia, e todos, felizmente, concluiram seus estudos, exceptuando o sr. J. Magalhães Alves Costa, preso politico e condemnado a 20 annos de penitenciaria, e o sr. Joaquim Domingues Mariz, ausente no Brazil.

tastrophes a toda uma familia de gente honesta e sã...

O padre não se perturbou, e o seu rosto calmo, austero, continuou impenetravel.

Então, a sr.ª Liaumont exaltou-se mais anciosa:

—Oh! bem vejo que me advinhou... Alguem lhe noticiou as angustias de meu marido e agora, a minha visita pôl-o em desconfiança... Deveria eu talvez ter dito o meu nome, logo á entrada...

Pois bem, sim, é para isso que aqui venho... E' para saber, porque é preciso que o saibamos, é preciso que eu possa levar a meu marido, a palavra que o salvará...

Tinha atirado estas phrases a intermittencias, desgarradas, á tôa, n'um tom de exaltação e de desafio; mas bem depressa, o receio de indispor o padre, a tornou mais socegada e mais pressurosa tambem :

—Vejamos, snr. reitor, não é possivel que n'esta conjunctura, nada possa fazer por nós... Em summa, a situação é muito simples: o snr. era capellão das prisões quando foi guilhotinado aquelle Carlos Gaudier que se obstinou em gritar a sua innocencia até ao derradeiro momento, a despeito de todas as provas de culpabilidade accumuladas por meu marido n'um libello fulminante. Elle havia assassinado sua mulher e seus tres filhos, na esperança de esposar uma viuva rica que lhe dedicava certas sympathias. O procurador geral estabeleceu o crime, demonstrou-o com toda a evidencia, obteve a condemnação que se impunha... e fez-se justiça. Ora, eis que meu marido, soffrendo muito, na verdade, desde algum tempo, sujeito a perturbações nervosas e volvendo á neurasthenia, recolheu ultimamente certas indicações que torturam o seu espirito n'uma tenebrosa duvida. Carlos Gaudier era na verdade o culpado? Aquelle que o enviou ao cadafalso, não ousaria hoje affirmar que condemnou um innocente...

Ah! snr. abbade, sente bem o que ha de horrivel n'esta constatação. Uma tal duvida bastaria a obsidiar cruelmente o homem melhor armado contra as sugestões da sensibilidade, e, já lh'o disse, meu marido está doente... o mal progride terrivelmente dia a dia. Os pesadêlos e as allucinações desvairam-n'o, a loucura vigia-o... sim, a loucura!...

Comprehende agora que eu tudo tente e a tudo me aprompte para o salvar?...

Porque, estou certa, bastaria uma só palavra auctorisada para apagar no seu cérebro o fermento maldito que o desconjuncta. Se eu pudesse, por exemplo, levar-lhe, da parte do padre que recebeu a suprema confissão de Carlos Gaudier a garantia de que o magistrado que o condemnou deve viver sem remorsos...

O abbade Dugard, simples, sem um gesto theatral, levantou-se como para se despedir apoz a mais banal conversa...

— Eu tinha, com effeito, adivinhado, minha se-

Grupo dos alumnos do septimo anno do lyceu de Braga

(tirado por occasião da sua festa de despedida em Vizella)

nhora, logo ao primeiro relance, o objecto da sua visita, porque o meu successor, que está em relações muito frequentes com o snr. procurador geral, me informou das duvidas que assaltam este alto magistrado acêrca do processo Gaudier. Creia, senhora, que melhor do que ninguem eu comprehendo a dilaceração de certas emoções e o pezo de certas responsabilidades. No dia seguinte precisamente á execução de Carlos Gaudier, obtive da bondade do snr. Bispo sêr desonerado do cuidado de assistir aos prisioneiros: sob este ponto de vista prefiro o mais humilde curato da diocese. Compadeço-me, pois, do fundo do coração, das tristezas que me acaba de expôr. E é isto, ah! que apenas posso fazer... Acceite, senhora, as minhas respeitosas homenagens...

De pé, a garganta afabafada de soluços, ella implorou ainda:

— Oh! snr. reitor, eu sei o que é o segredo da confissão, é uma coisa terrivel... O tumulo... Falla-se com o nada... com a morte... Mas uma palavra, uma só palavra, um gesto, um gesto de que eu possa arrancar uma indicação, com que eu possa dar vida, alegria ainda a esse infeliz que por mim espera, perdido de angustia, a dois passos d'aqui...

Elle não respondeu. A esposa afflicta olhou-o então fixadamente, escrutando os seus olhos, a menor expressão da sua physionomia, com a desesperada vontade de saber. E de subito, no exaspêro da sua impotencia, rasgou-lhe um grito a alma, teve uma crispação de féra acuada, decidida a tudo para salvar os seus.

— Pois bem, seja!...

E a passo rapido, sahiu, atravessou o pomar, alcançou a rua.

O abbade Dugard, docemente, foi fechar a porta. Depois, pondo o chapeu e tomando o breviario, sahiu por uma outra porta que dava para uma viella que separava o presbyterio da egreja. Mas ao dobrar o angulo do muro, viu, um pouco á sua frente, a retaguarda d'um automovel. E chegaram aos seus ouvidos, distinctas, estas palavras:

— Dizes-me a verdade, tens a certeza?... E' possivel?

Uma voz de homem interrogava n'uma accentuação em que a alegria e o soffrimento se debatiam ainda. O reitor, que parára, não ousando avançar nem recuar, ouviu então a snr.ª Liaumont responder:

— Sabes quão sinceras são as minhas convicções religiosas, e que uma christã fervorosa não mente. Podes acreditar-me portanto: — o abbade Dugard deixou-m'o perceber claramente, Carlos Gaudier era o culpado...

*

O padre mal ouviu o resto. Exclamações jubilosas, palavras que diziam a felicidade da libertação, a esperança n'um melhor futuro, já as não attendia. Uma lucta violenta encrespava-se dentro do seu peito. Um passo á frente, e o embuste ficaria confundido, a attestar que elle se encerrára na lei inflexivel do silencio.

Não devia elle este protesto á dignidade do seu sacerdocio, á sua propria consciencia? E no emtanto, não sentia força a dar este passo decisivo. Indeciso, offegante, deixou decorrer alguns minutos...

— E agora, retinia a voz do procurador geral, partamos depressa, tenho sêde de beijar os nossos filhos queridos. Parece que os vou abraçar depois d'uma longa ausencia...

— Sim, sim, reentremos em casa... verás, seremos felizes... muito felizes!

O motor estrepitou e as rodas desgarraram bruscamente. O abbade Dugard esperou ainda um momento...

E depois, voltando o angulo da muralha, entrou na egreja e começou a rezar por aquella que mentira...

PAULO VERGNET.

Vicente Baptista Alves Novaes
(fallecido em 14 de Fevereiro de 1911)

Coração de Jesus

Lá do Céo onde resplendes,
Oh coração de Jesus,
Volve a nós uma scentelha
Do facho da eterna luz.

Seja a nossa prece o echo
Do que n'alma nos perpassa
E que até Vós aspirando
Nos alcance a Vossa graça.

VICENTE NOVAES.
(Poesia inédita, do mallogrado poeta).

Egrejas da minha terra

(CHRONICA DA ALDEIA)

Semelhando castellos de fadas enamoradas, alcandorados nas grimpas dos outeiros, ou gigantes mythologicos prisioneiros ao poste da legenda, d'uma simplicidade rustica que personifica bem o tôsco dos grandes quadros, ellas lá estão, as egrejas da minha terra, a perfurar com as suas cruzes e torres de granito a abobada limpida d'um ceu azul.

POVOA DE LANHOSO — Egreja parochial de Brunhaes

Que magestade austera n'aquellas paredes ora carcomidas pelo rigor dos tempos e a desapparecer sob a camada musgosa que lhe encobre a vetustez, ora brancas de neve, a alvejar distantes, como orlas de prata nas franjas d'um manto verde-azul!...

E em volta o campanario por baixo das oliveiras, abraça-as n'um amplexo de melancolia. Em noites de lua cheia o rouxinol vem modular endeixas palpitantes de sentimento por sobre esta mansão da morte, e o luar vindo de ethereas regiões, beija as funéreas lapides, filtrando-se por entre a folhagem adormecida ou a brincar com o cicio da aragem.

Que lugubre poesia n'aquelle sorvedoiro de felicidades, onde se ouve apenas o gemido pungente da saudade, e ao soluçar frenetico do desespero, só responde a sombra vaga de corações de mães, dedicações de filhos e amores de esposos, para sempre sumidos na terra fria.

. . . .

Domingo de manhã. Cortando o espaço como notas de clarins os gallos annunciam os primeiros alvôres da madrugada. Os sinos a tanger nos torreões e echoando pelas quebradas chamam os fieis ao Divino Sacrificio.

A vida surge em todos os casaes, e ao som melodico d'aquelles bronzes todos elles se despejam para a egreja, caminho em fóra, por baixo das arvores e dos passarinhos que riem a espreguiçar-se.

Na egreja respira-se um ar inebriante de santidade. Os altares embora sem os adornos dos grandes templos, são no entanto verdadeiros jardins de festões e flôres.

A missa corre, e nos seus trajos domingueiros, o povo vae rezando com aquella fé innocente e pura que prevalece indómita aos falsos pregoeiros d'uma moralidade de palavras.

Santa gente que vivendo esquecida e desprezada, morre sem deixar um capitulo nos fastos doirados dos chronistas, mas cujo nome, venerado pelos seus irmãos de trabalho como se fosse a personificação da propria existencia, é repetido de paes a filhos com religioso respeito, como se transmitte de geração em geração a famosa geneologia dos heroes da humanidade.

F. Brito.

N'uma casa de cambio. O caixeiro trocando francos, repara que uma das moedas é falsa.

—Este franco não é lá muito catholico...

O freguez, concordando:

—Effectivamente, tem o seu ar de franco . . . maçon.

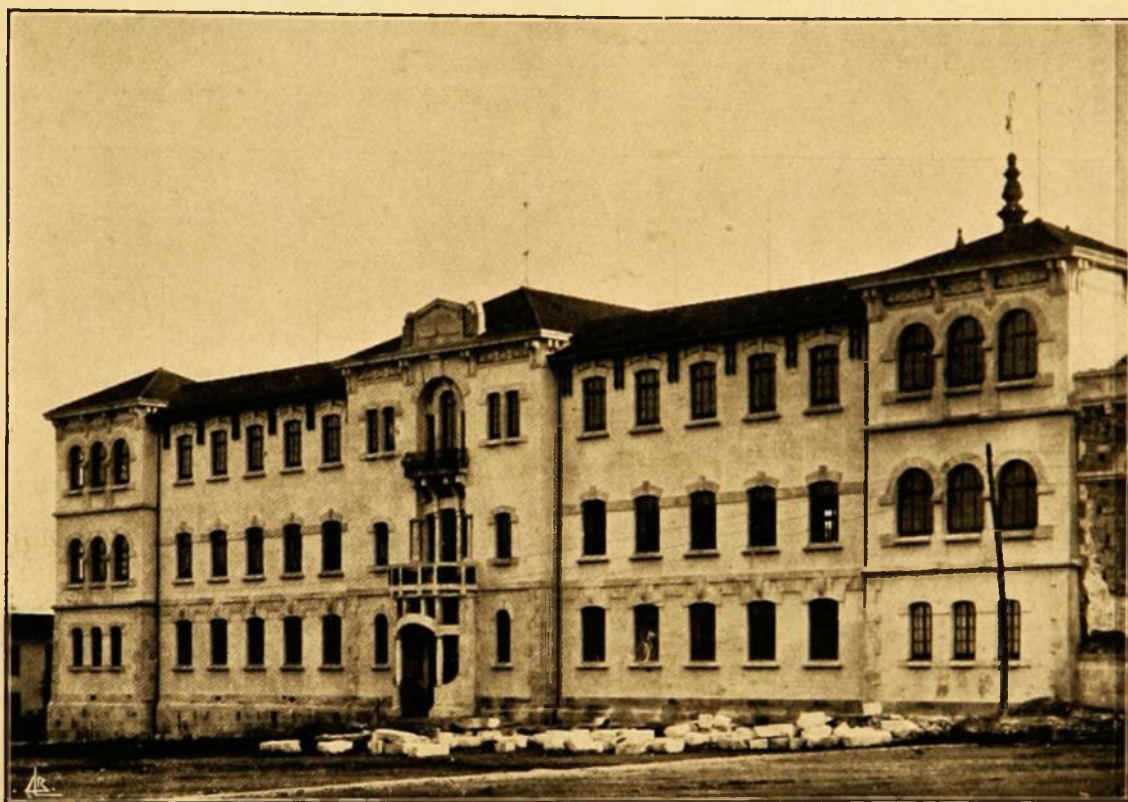
GUIMARÃES — Capella de Santo Amaro em Arosa

(Clichés de F. Brito.)

Exposição-Mostruario das Artes e Industrias de Braga

Um dos numeros de maior destaque no programma das grandiosas festas sanjoaninas effectuadas em 22, 23 e 24 de junho do anno corrente, foi, sem duvida, o da Exposição-Mostruario das Artes e Industrias de Braga, realisada no gigantesco edificio do Asylo de Mendicidade.

onde se viam as amostras clarissimas d'uma industria florescente que rivalisa perfeitamente com a estrangeira.

Alli se encontravam dispostos com muita arte e gosto os diversos artigos de que se compunha a exposição, desde o que representava uma simples banalidade, até ao

Asylo Conde de Agrolongo

Edificio onde se realisou a Exposição-Mostruario das Artes e Industrias de Braga

Já aqui inserimos as gravuras de duas *maquêtes* que figuraram n'aquella exposição, — as do Snr. Conde de Agrolongo, generoso benemerito bracarense a quem se deve a fundação d'aquelle importante albergue de caridade, e o de Eça de Queiroz, talentoso escriptor portuguez. São esses trabalhos do esperançoso esculptor snr. Antonio Candido Pinto, nosso conterraneo, sympathico moço cheio de talento e de extraordinaria habilidade, a quem, por certo, estão reservados grandes triumphos na sua brilhante carreira artistica.

Para darmos uma ideia mais clara do quanto teve de original essa exposição, reproduzimos hoje outras gravuras de aspectos varios das salas do soberbo edificio,

Albano Justino Lopes Gonçalves, major de infantaria 8 e principal organisador da exposição industrial em Braga.

que mais de notavel e delicado se póde fabricar em officinas industriaes.

Ouvimos rasgados elogios aos admiraveis trabalhos alli expostos, que davam bem a ideia do quanto é capaz a imaginação e a paciencia d'um rude artista. A algumas pessoas ouvimos dizer que era impossivel dar maior realce e brilhantismo a uma exposição, levada a effeito sómente pelo amor á arte, visto que não havia o estimulo dos premios aos que mais se distinguissem nos trabalhos expostos.

A commissão organisadora viu bem compensados todos os seus esforços, pois que a exposição-mostruario excedeu a expectativa de todos.

A exposição-mostruario das artes e industrias bracarenses marcou o inicio d'uma nova epocha de prosperidades para a industria de Braga.

PAGINAS SELECTAS

A MORTE

Que coisa é morte? Um momento de onde pende a eternidade, ou, por melhor dizer, as eternidades. O momento é um e as eternidades que d'elle pendem são duas: ou de vêr a Deus para sempre ou de carecer de Deus para sempre. E' uma linha indivisivel, que divide este mundo do outro; é um horisonte extremo, de onde para cima se vê o hemispherio do Céo e para baixo o do Inferno; é um ponto preciso e resumido em que se ajunta o fim de tudo o que acaba e o principio do que não ha de acabar. ¡ Oh! que terrivel ponto este e mais terrivel para os que n'esta vida se chamam felizes! Se este ponto tivera partes, fôra menos temeroso, porque entre uma e outra pudéra caber alguma esperança, alguma consolação, algum recurso, algum remedio; mas este ponto não tem partes, porque é o ultimo. O instante da morte não é como os instantes da vida. Os instantes da vida, ainda que não teem partes, unem-se em partes, porque unem a

Exposição-mostruario — «Arte Moderna» Mobiliario estylo Luiz XV
Expositores—Francisco Costa & Filho

Uma grande parte dos louvoures cabe por certo ao snr. major Albano Justino Lopes Gonçalves, digno presidente da commissão municipal de Braga e principal organisador d'esse bello certamen.

Aqui lhe estampamos o retrato em homenagem á actividade com que se houve na realisação da espinhosa iniciativa, que teve a mais completa consagração e o mais ruidoso applauso de todos que amam a sua terra.

parte do tempo passado com a parte do futuro. O instante da morte é um instante que se desata do tempo que foi e não se ata com o tempo que ha de ser, porque já não ha-de haver tempo. ¿ Não vos parece que é terrivel coisa ser a morte momentanea? ¿ Não vos parece que é terrivel momento este?

Pois eu vos digo que nem é terrivel nem é momento, para quem souber fazer pé atraz e acabar a vida antes de morrer; porque, ainda que a morte é momento e não é tempo, quem acaba a vida antes de morrer, mette tempo entre a vida e a morte.

¿ Em que nos distinguimos os vivos dos mor-

Exposição-mostruario—"Arte Moderna„ Mobiliario de quarto estylo moderno
Decorações de Constantino Costa

Exposição-mostruario
Trabalhos expostos pela casa Singer

tos? Os mortos são pó, e nós tambem somos pó. ¿ Em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguimos-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído; os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz. Estão essas praças no verão cobertas de pó; dá um pé de vento, levanta-se o pó no ar, e ¿ que faz? O que fazem os vivos, e muito vivos. Não aquieta o pó, nem póde estar quêdo; anda, corre, vôa; entra por esta rua, sae por aquella; já vae adeante; já torna atraz; tudo enche, tudo cobre, tudo involve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra; em tudo, e por tudo se mette, sem aquietar nem socegar um momento, emquanto o vento dura. Acalmou o vento, cae o pó, e onde o vento parou, alli fica; ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. ¿ Não é assim? — Assim é. ¿ E que pó, e que vento é este? O pó somos nós; o vento é a nossa vida. Deu o vento, levantou-se o pó; parou o vento, caiu. Deu o vento, eis o pó levantado; estes são os vivos. Parou o vento, eis o pó caido, estes são os mortos. Os vivos pó; os mortos pó; os vivos pó levantado; os mortos pó caido; os vivos pó com vento, e por isso vãos; os mortos pó sem vento, e por isso sem vaidade. Esta é a distincção, e não ha outra.

P.e Antonio Vieira.

O triregno pontificio

A tiara papal impoz-se. Desde que em 313 o imperador Constantino Magno deu á Egreja santa, liberdade e paz e, joia melhor, a personalidade civil, os successores do Pescador Gallileu sentiram engrinaldar-se dos festões aureos da admiração dos povos, a instituição sublime do Papado. Pouco mais tempo foi necessario para que Roma fosse abandonada pelo Estado Civil, para capital da monarchia democratica da Egreja. O Patrimonio de S. Pedro, foi a logica consequencia da edificação de Constantinopla. Mas hoje os Estados da Egreja resumem-se no ambito do Vaticano, palacio e jardim onde o Papa se aprisiona, e Byzancio vive inope do pristino fulgor, acorrentada ás vicissitudes do Turco.

N'aquelle tempo foi creado o emblema do Pontificado Maximo do Christianismo.

Doutor, Pastor e Rei dizem os reverberos das suas gemmas, e o lustre do seu oiro. N'esse triplice munus de mestre, guia e soberano se exerce e sobreeleva o espinhoso cargo pontificio. Infallivel quando conduz aos pastios da verdade a grey dominical, Pae carinhoso sempre e magnanimo rei universal, o Papa deve ser, e quasi sempre o ha sido, a figura e consubstanciação do seculo em que o suscitou o Paraclito Divino, com o sopro indepen-

Exposição-mostruario — Aspectos da exposição

Expositores — João Carlos Correia e Francisco José Gonçalves

dente e ineffavel. Consubstanciação do seculo, não no que haja de protervo e mau, mas no que tenha de nobre e sublime, alliado a uma vida generosa e santa.

E no dia 9 de Agosto de 1903 o Espirito Santo, depois de recordar-lhe, na fugaz labareda e desvanecido fumo de uma estriga em chammas, que são sombra vã e fugidia as glorias do mundo, collocou na fronte intelligente e pura do Cardeal Sarto, Papa com o nome de Pio X, aquelle diadema triplice, em faustosa coroação.

Triumphava a Democracia!

José Sarto, filho de humillimos camponezes de Riesi, depois de percorrer os cargos ecclesiasticos todos e todos os graus da jurisdicção, recebia no solio da Egreja-Mãe a obediencia de todo o Sacro Collegio e, coberto pelo triregno, dava á urbe e ao orbe a sua primeira benção de Vice-Deus.

Triumphava a Democracia, mas a Democracia verdadeira, que Christo trouxe ao mundo, Elle o Supremo Amigo do povo.

O seculo nosso tem a aspiração democratica como intima caracteristica; modelam-na os populares estados do Mundo Novo, exercem-na os estados que mantendo feição aristocratica vão na vanguarda intensa do progresso. E Pio X, o camponez gentil de Riesi, erguido ao throno do Papado, é uma caracteristica inilludivel d'esta epocha, que se dirige para Christo a toda a velocidade que a energia electrica lhe imprime, no vôo audacioso dos seus aeroplanos, no garbo dos seus transatlanticos, até mesmo quando parece que do Verbo se afasta.

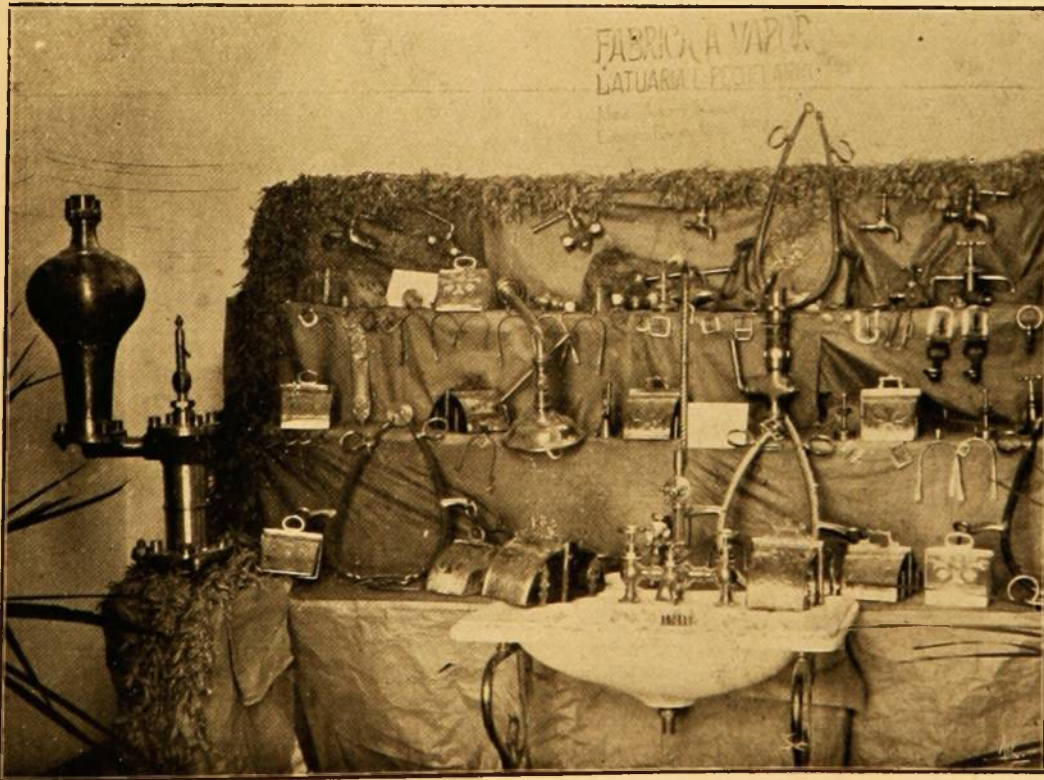
Roma, algum tempo pesadello e espectro das aspirações nacionalistas dos chancelleres de ferro, novamente, ainda que lentamente, se está tornando o centro das aspirações de todo o mundo, e a volta para Roma accentua-se tão nitidamente, que é impossivel pretender ignorar esse regresso.

Exposição-mostruario—Aspecto da exposição Belmazes Virginia

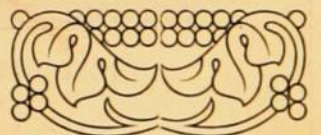
Expositor—Souza Junior

Pio Decimo tem sido calumniado, não se duvide; e apesar, de tudo, o mundo ama-o ou respeita-o. E' que elle é humilde e bom como o Mestre, é que elle deslumbra e arrebata como Deus. As fulgencias do rutilo triregno, nunca em fronte alguma se espelharam, que melhor traduzisse os inconfundiveis anhelos de uma era.

E foi ha uma decada, contada dia a dia. Era o 9 de Agosto de 1903.

J. R.

Exposição-mostruario—Artigos de latoaria

Expositor—Miguel Alberto de Magalhães

(Clichés de Rebello Junior.)

Elvira Neves Pereira

(INÉDITO)

Tem um coração puro, uma alma linda,
Os olhos cheios de ternura infinda,
A romantica Elvira, a musa bella.
E, se inspirada, ás vezes, tange a lyra,
No Himetto a branca Euterpe, então, suspira,
E no bosque se cala a philomela.

ZULMIRA DE MELLO.

«Hoje, depois de uma historia de quasi vinte seculos, podemos julgar o poderoso labor realisado pelos Apostolos de Christo, conforme a vontade do seu Mestre.

Em o nosso seculo XX, essa majestosa obra, a Egreja Catholica, irradia em toda a sua unidade, em toda a sua belleza.

Jamais nenhuma potencia terrena pôde fazel-a vacillar.

Contra o rochedo da unidade catholica nada conseguiram as perseguições dos Cesares romanos, as hereticas influencias da Edade Media, nem as tendencias dissolventes da reforma...

Sem uma auctoridade interprete dos dogmas tradiccionaes, a auctoridade de Christo e do Evangelho, seria sómente uma palavra insensata.»

E' brilhante esta apologia insuspeita. Mereça ella ao seu auctor a luz da verdade e saiba render sua vontade!

PORTO—Romaria de Sant'Anna d'Oliveira. O povo no adro da Egreja

Fastos do Catholicismo

Um protestante apreciando a Egreja Catholica

O doutor Foester, ex-professor de Pedagogia da Universidade de Zurich, escreveu recentemente:

PORTO—Romaria de Sant'Anna d'Oliveira. O desembarque do povo no Areinho

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

A Religião e o progresso

Descansem os meus bons amigos da *Illustração Catholica*, que não vou entrar em investigações philosophicas. Basta-me apontar dois factos, ambos provados á evidencia e luminosos ambos.

Primeiro: O imperio dos Estados-Unidos é uma das republicas e nações mais progressivas do mundo.

Segundo: N'esse paiz cresce de anno para anno a população catholica e a sua proporção entre a totalidade dos habitantes. Demonstram-no as estatisticas.

Eis, pois, um exemplo vivo de que a Religião em nada se oppõe ao progresso legitimo de todos os povos.

A «clerical» republica franceza dá condecorações a frades e padres, que horror!

Em Brazzaville, Algeria, o snr. governador Fourneau condecorou com a cruz da Legião de honra Mons. Augouard, que mereceu tal distincção com os trabalhos a que tem operado nos trinta e seis annos de labor missionario colonial.

Não é, porém, isso sómente: além d'estes e d'outros padres condecorados que na França, ou seus territorios exercem o apostolico ministerio, a França acaba de condecorar mais dez padres e religiosos que em diversas partes do mundo trabalham para propagar a Religião Catholica.

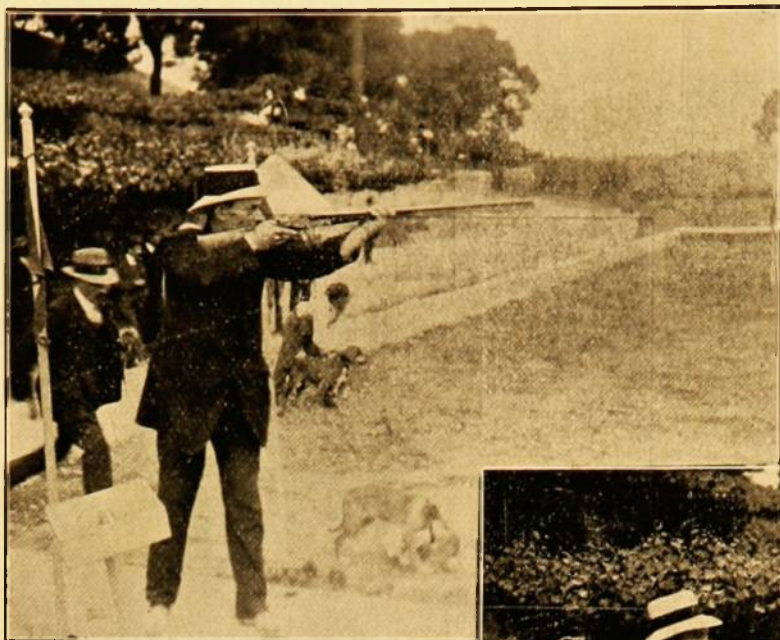
Não se faria assim em Portugal, certamente. Muito tem que aprender com a portugueza, a republica das Gallias!

LISBOA.—Os ultimos acontecimentos

Raul Pereira attingido por uma bomba e que falleceu apoz a operação

Escadinhas do Monte onde explodiu a bomba que feriu Raul Pereira

(Clichés do nosso correspondente phot. em Lisboa.)

PORTO. Concurso de tiro aos pombos

O dr. Elysio de Castro alvejando um pombo.

No «stand» do Club de Caçadores do Porto realisou-se domingo uma sympathica festa em honra do sr. dr. Elysio de Castro, como reconhecimento ao seus serviços em favor da caça nacional.

A's dez horas da manhã deu-se começo ao concurso de tiro aos pombos estando inscriptos 57 atiradores entre socios d'este Club e outras agremiações desportivas do norte do paiz.

O torneio em que se disputavam a taça «Elysio de Castro» e alguns premios offerecidos pelo Club e outras sociedades de tiro, deu o seguinte resultado:

1.º premio, taça «Elysio de Castro» ao sr. Romão Casals y Braga; 2.º um cesto de prata para pão, ao sr. Mario Leitão; 3.º uma floreira de crystal e prata, offerecida pelo sr. dr. Elysio de Castro, ao sr. Cyril Wrigth; 4.º uma salva de prata ao sr. David Ferreira Junior; 5.º uma taça para fructa em crystal e prata ao sr. Aurelio Martins; 6.º um tinteiro de crystal e prata ao sr. Adelino Correia; 7.º um serviço para gelados ao sr. Luiz Brandão de Mello; 8.º um par de jarras de crystal e prata ao sr. Antenor da Costa Braga; 9.º uma caneca de crystal e prata ao sr. Antonio Valente Compadre; 10.º uma corrente de oiro e platina ao sr. Basilio Stockner; 11.º um par de jarras de crystal e prata ao sr. Arnaldo Gonçalves; 12.º um trinchante de prata ao sr. Edgar Torres;

Um grupo de concorrentes.

Romão Casals vencedor da taça "Elysio de Castro„

13.º um tinteiro de prata ao sr. David Cunha; 14.º um tinteiro de crystal ao sr. Antonio Seixas; 15.º uma faca de matto e estojo, offerta do sr. Joaquim Bello, ao sr. Justino Cardoso da Silva Maia; 16.º um estojo para escriptorio ao sr. dr. Elysio de Castro.

Foram directores de tiro os srs. dr. José Augusto Pinto da Silva e Nuno de Brito e Cunha.

Um aspecto da assistencia.

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

VILLA NOVA DE GAYA

O incendio na Fabrica de Ceramica e Fundição das Devezas

Aspecto do andar superior destruido pelo incendio.

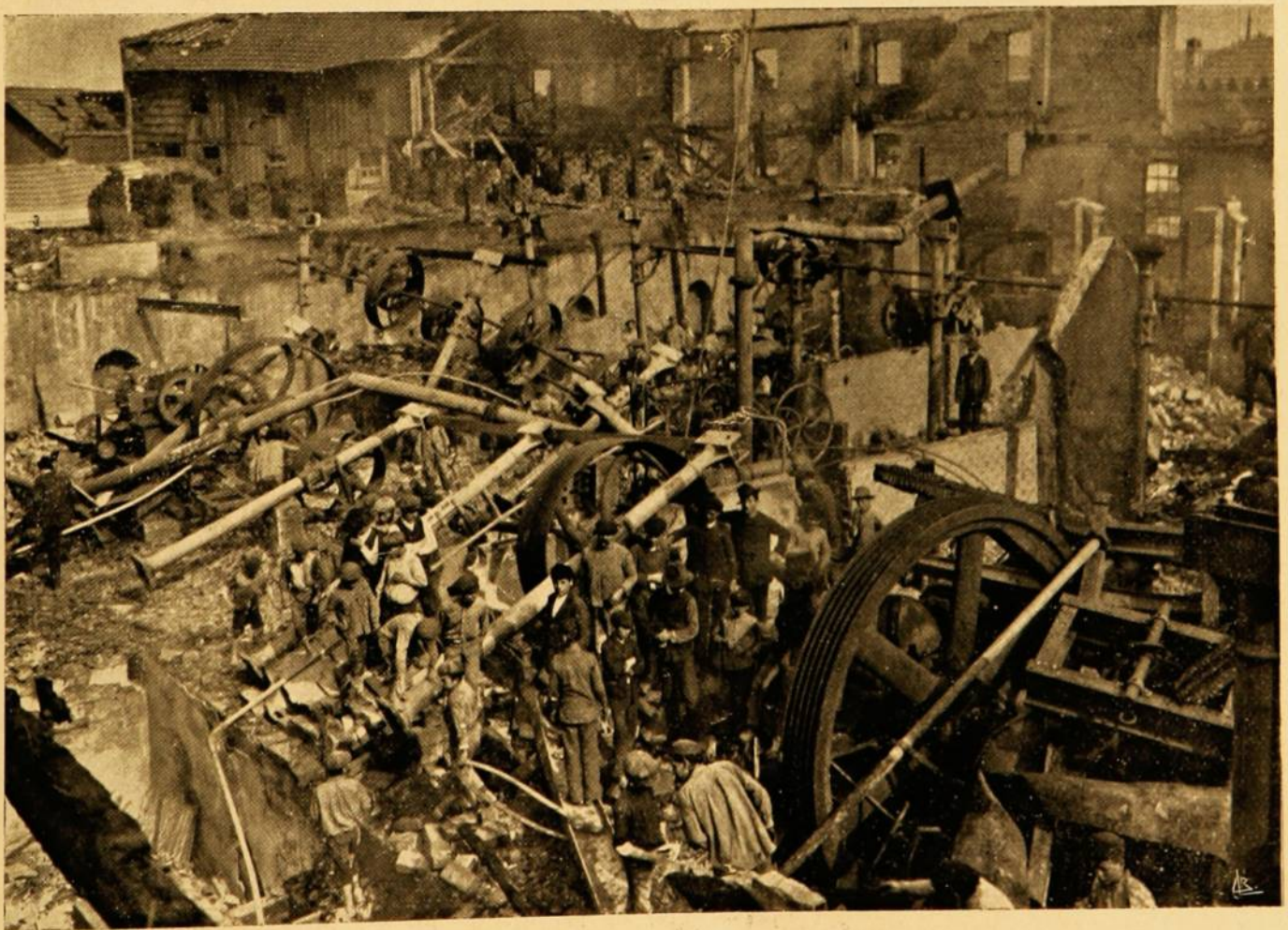
Outro aspecto dos destroços causados pelo incendio.

No passado domingo, pelas 5 horas da tarde, manifestou-se um violento incendio na Fabrica de Ceramica e Fundição das Devezas, pertencente á firma Antonio de Almeida Costa & C.ª

Suppõe-se que o fogo tivesse sido originado por descuido com alguma ponta de cigarro que, cahindo sobre os desperdicios impregnados de oleo, junto do motor e communicando-se ao caixilho de uma janella passou d'alli ao soalho alastrando-se rapidamente pelas diversas dependencias da secção de ceramica.

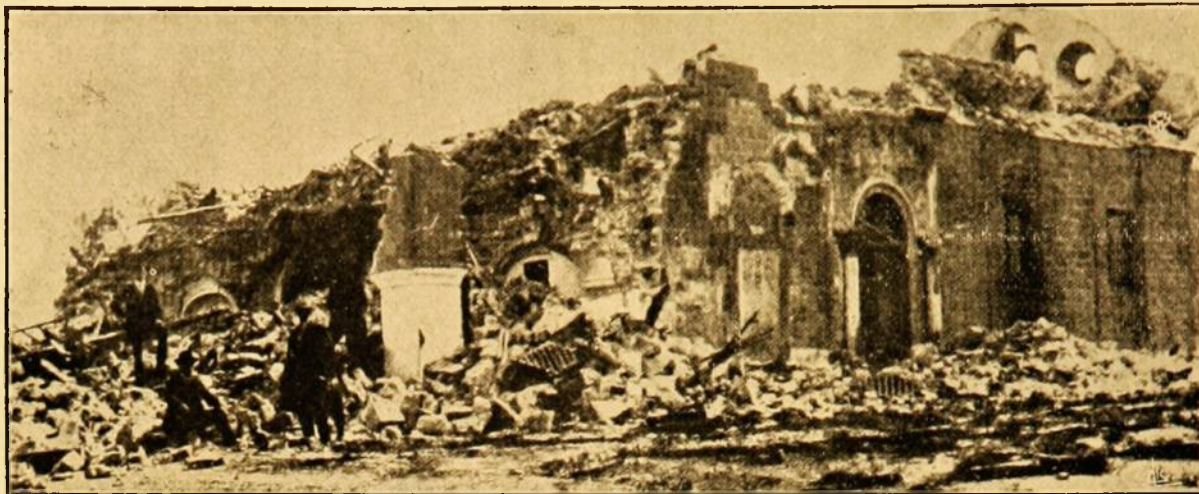
Os amplos salões, carregados de productos em seccação, telhas, olarias, grés, mozaicos, tijollos, fôrmas, etc., bem como alguns fornos, estavam envoltos em chammas elevando-se para o ar enormes linguas de fogo e espessas columnas de fumo. Um espectaculo horrivel que se via de pontos muito afastados do local.

Fronteira á parte incendiada, construida em 1906, ficam os escriptorios, o deposito de materiaes, officinas de fabricação de azulejo e de estatuaria, não tendo sido attingido pelo fogo esse vasto edificio.

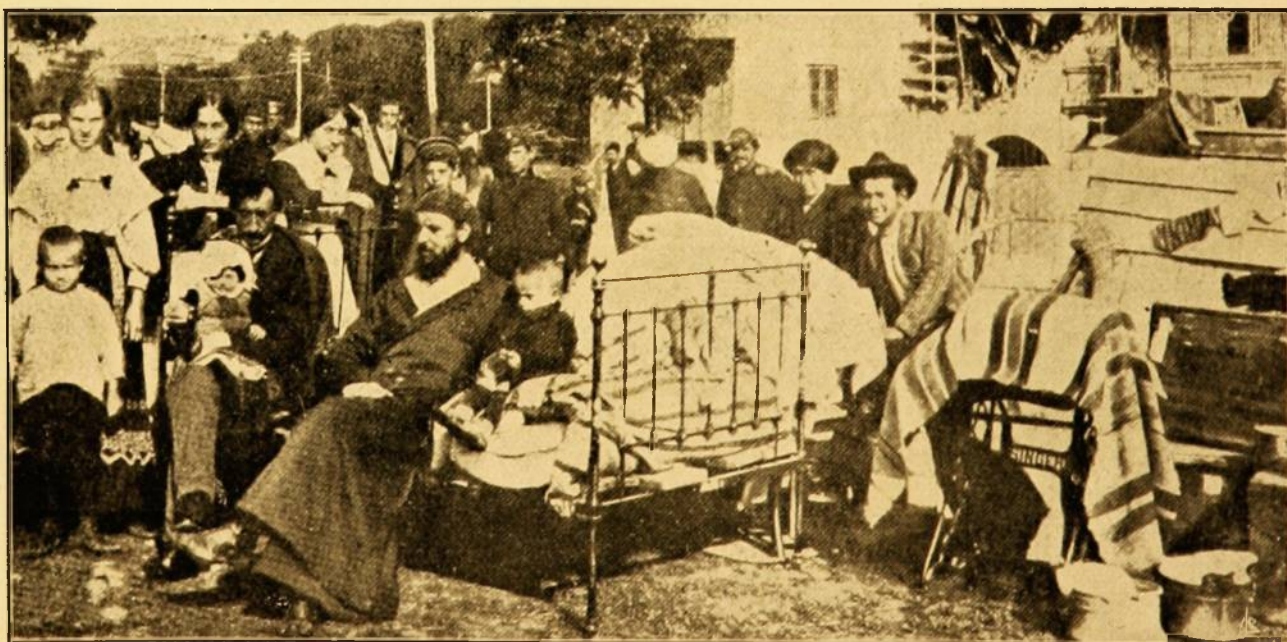
A Fabrica de Ceramica e Fundição das Devezas fundada em 1865 é a mais antiga de Portugal, gosando de justificados creditos não só no paiz como no estrangeiro pela excellencia e perfeição dos seus productos.

O aspecto geral dos escombros.

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

NOTAS DO ESTRANGEIRO

TREMORES DE TERRA NA BULGARIA

Ruinas da egreja de Tarnovo na qual foi coroado Fernando da Bulgaria

Estado em que ficou o gymnasio de Tarnovo, convertido em hospital depois da guerra

Aspecto d'uma das principaes ruas de Tarnovo, minutos depois do tremor de terra

Marnople — *Familias sem abrigo*

HISTORIA & VARIEDADES

9 de agosto

Batalha de S. Quintino

Havendo Filippe II ganho a batalha de S. Quintino contra Henrique II de França, no dia 10 de agosto de 1557, fez voto de mandar construir, para commemorar este acontecimento, um edificio religioso, dedicado a S. Lourenço, por haver sido no dia d'este, e por sua intercessão talvez, que fôra ganha aquella victoria, ora como S. Lourenço morreu assado n'umas grelhas determinou por isso Filippe II que se désse esta mesma fórma ao Escurial, que está situado a umas 7 legoas de Madrid, e a meia legoa da aldeia do mesmo nome. Alli se ficaram enterrando d'então para cá todas as pessoas reaes de Hespanha. Para lá fez aquelle mesmo soberano transportar o corpo do imperador e rei Carlos V. O Escurial serviu ao mesmo tempo de Paço, Convento, e Collegio; levou a construir uns 20 annos, e anda pelo tamanho de Mafra.

Um rei eleito n'um café

O rei Fernando da Bulgaria que dizem ir abdicar no seu filho Boris, subiu ao throno por ter entrado n'um café na occasião em que uns estrangeiros tomavam um refresco. Eram uns estrangeiros, agentes de Stambuloff, presidente do conselho de Ministros de Bulgaria, que iam procurar um candidato que succedesse ao desthronado rei Alexandre. Taes agentes haviam percorrido sem exito varias côrtes europeias, buscando o homem que necessitavam, e ao chegarem a Vienna encontraram um amigo n'aquelle café. Sabendo o objecto da sua viagem o amigo lhe disse:

—Esse joven militar, alli abancado, é o homem que necessitaes. Fernando de Saxonia-Coburgo-Gotha, neto de Luiz Filippe e parente de todas as testas coroadas da Europa. Certamente o acceitarão os imperadores da Russia e da Austria: é homem rico.

Taes condições ajustavam-se ás que desejavam os embaixadores e por isso, depois de telegrapharem a Stambuloff offertaram o throno do paiz ao joven militar do café.

Por tudo isto se póde dizer que se Fernando de Saxonia não tivesse ido aquelle dia ao café, os emissarios da Bulgaria não teriam sabido d'elle, e em vez de ter sido rei e tzar, seria ainda coronel do exercito austriaco.

Ovo phenomenal

Um agricultor da aldeia de Noe-de-Bois colheu, de uma das suas gallinhas, um ovo verdadeiramente original, pois tem a propriedade de ser triplice.

A' transparencia, effectivamente veem-se, perfeitamente dois ovos dentro do primeiro.

Só o menor todavia tem gemma, os outros dois só teem clara e emquanto que a casca do ovo externo tem a consistencia habitual, a dos outros dois é uma simples pellicula.

Eis um ovo que chegou a ser celebre.

"Illustração Catholica,,

Apreciações da Imprensa

Do «Diario de Noticias» de Lisboa

Começou a publicar-se em Braga, tendo como redactor principal o sr. Joaquim Antonio Pereira Villela, uma revista semanal, litteraria e illustrada com esta designação.

O seu primeiro numero, que recebemos, apresenta-se bem feito, impresso em bom papel e com nitidas illustrações, referentes ás festas de Lisboa ao S. João do Porto, etc.

Na capa insere o retrato de Sua Santidade Pio X.

*

Do «Imparcial» de Braga

Com este titulo acaba de apparecer a lume, n'esta cidade, uma revista religiosa e litteraria com grande quantidade de illustrações.

E' impressa em bom papel *couché* nas officinas de *Os Echos do Minho.*

*

Da «Opinião»

Começou a publicar-se esta revista litteraria e semanal de informação graphica.

O numero presente vem profusamente illustrado, com numerosas gravuras de assumpto palpitante e de actualidade, devendo, pela forma como foi lançada, produzir successo no nosso meio jornalista.

Impressa em papel *couché* é valorisada por uma bella collaboração que põe em destaque os motivos das suas illustrações.

E' redactor d'esta revista o nosso amigo snr. Joaquim Antonio Pereira Villela, a quem felicitamos pela sua productiva iniciativa.

"Illustração Catholica,,

Vende-se em Braga, no escriptorio da administração, rua dos Martyres da Republica, (antiga rua da Rainha, 83 a 91;—Livraria Cruz & C.ª, rua Nova de Sousa, e nos kiosques da Arcada.

NO PORTO—São depositarios da venda os srs. A. Dias Pereira & C.ª, na Praça da Liberdade, 127 e 128, e vende-se em todos os kiosques.

EM LISBOA—Vende-se no escriptorio da administração da «Fé Christã», rua Poyaes de S. Bento, 133 e 135; e na Livraria do Clero, rua de S. Roque.

EM GUIMARÃES—Na Tabacaria Lemos.

EM PONTE DO LIMA—Em casa do sr. Gaspar F. Cerqueira.

NA POVOA DE VARZIM—Na Papelaria do sr. Landolf, rua da Junqueira, 50.

EM ESPINHO—Vende-a o sr. Joaquim d'Oliveira Reis.

EM BARCELLOS—Na casa Photo-Iris.

Estofos,
Moveis e
Tapetes
Deposito de Oleados
e Capachos de
Côco e Pita
Telephone numero
2606
CARVALHO & FIGUEIREDO
409, Rua do Sá
da Bandeira, 409
(Junto á Rua Fernandes Thomaz)
PORTO
N'esta casa, ha em deposito um variadissimo sortido de figuras para ornamento, serviços para lavatorio, tanto nacionaes como estrangeiros, passadeiras de tapete e oleado, molduras e outros artigos para adorno. Jarras e vasos japoneses e de Vienna d'Austria.
Preços sem competencia

Nossa Senhora da Assumpção

(SANTO THYRSO)

(Esculptura de João da Fonseca Lapa)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR
. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
'emente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

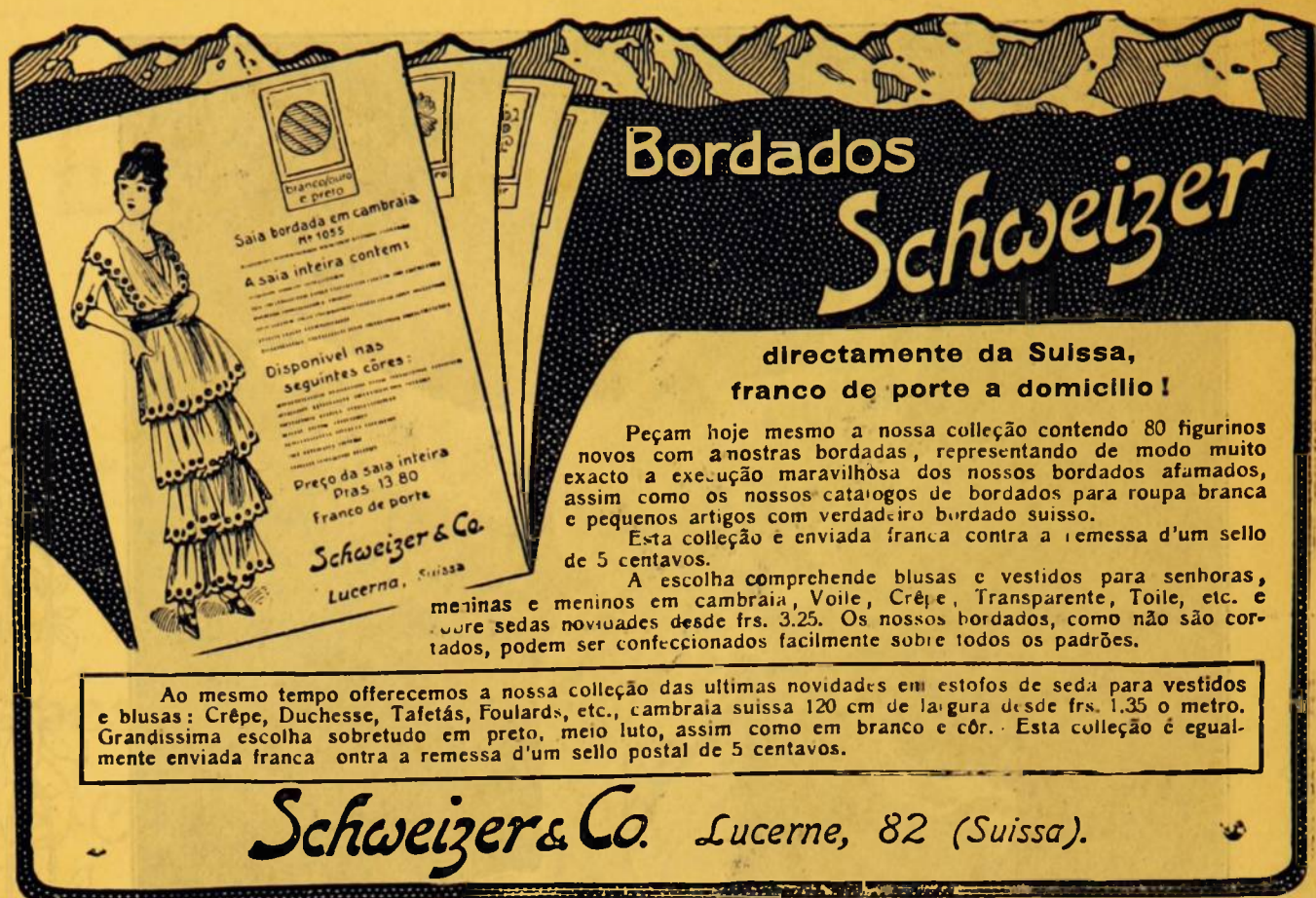
Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 7 Braga, 16 de agosto de 1913 **Anno I**

Bordados **Schweizer**

directamente da Suissa, franco de porte a domicilio!

Peçam hoje mesmo a nossa collecção contendo 80 figurinos novos com amostras bordadas, representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca e pequenos artigos com verdadeiro bordado suisso.

Esta collecção é enviada franca contra a remessa d'um sello de 5 centavos.

A escolha comprehende blusas e vestidos para senhoras, meninas e meninos em cambraia, Voile, Crêpe, Transparente, Toile, etc. e sobre sedas novidades desde frs. 3.25. Os nossos bordados, como não são cortados, podem ser confeccionados facilmente sobre todos os padrões.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa collecção das ultimas novidades em estofos de seda para vestidos e blusas: Crêpe, Duchesse, Tafetás, Foulards, etc., cambraia suissa 120 cm de largura desde frs. 1.35 o metro. Grandissima escolha sobretudo em preto, meio luto, assim como em branco e côr. Esta collecção é egualmente enviada franca contra a remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Schweizer & Co. Lucerne, 82 (Suissa).

Rol da desobriga

Na administração dos ECHOS DO MINHO -- BRAGA, está á venda papel para o rol da desobriga.

Collegio Lyceu Português
FIGUEIRA DA FOZ

DIRECTOR, *José Luiz Mendes Pinheiro*

Situação esplendida.—Magnificas installações construidas expressamente para o fim a que se destinam.

Cursos completos de instrucção primaria e secundaria.

Professores estrangeiros para a ensino das linguas.

Educação moderna completa sob todos os pontos de vista.

Enviam-se promptamente programmas e quaesquer esclarecimentos a quem os pedir ao director.

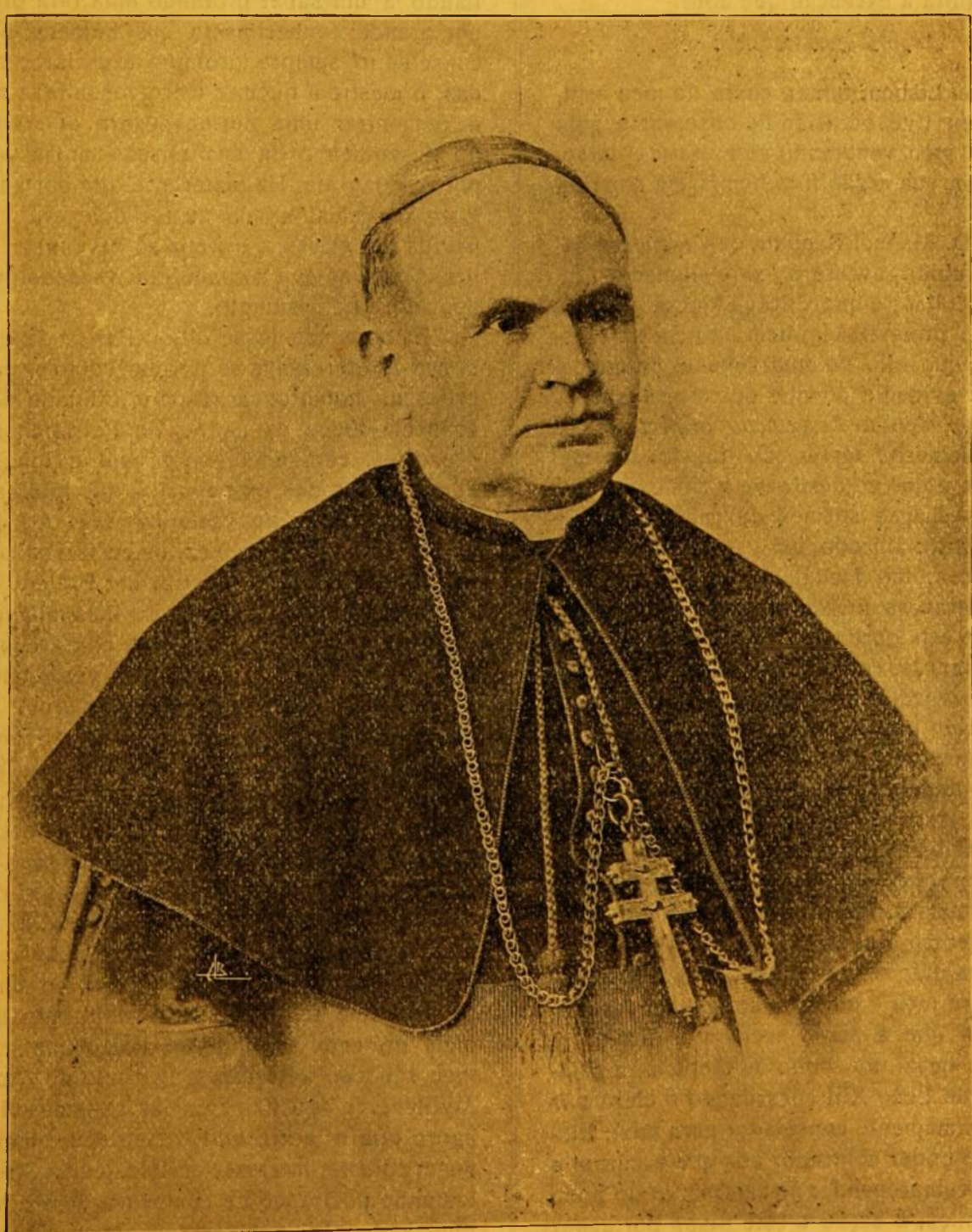
Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 16 de agosto de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 7 — Anno I

D. Manuel Baptista da Cunha, Arcebispo Primaz

(Homenagem da "Illustração Catholica,, ao saudoso Prelado no nonagessimo dia do seu fallecimento)

D. MANUEL BAPTISTA DA CUNHA

ALHEIO ás lides da imprensa, tinha-me escusado systematicamente a collaborar em publicações periodicas ou numeros unicos, tanto mais que a consciencia me diz que a minha humilde prosa não faz alli falta alguma.

Leva-me hoje a quebrar uma vez sem exemplo, essa linha de conducta a circumstancia de se tratar de uma homenagem a prestar a um vulto venerando que não só foi meu collega no episcopado, mas ainda foi meu antecessor no titulo de Arcebispo de Mytilene e no cargo de Vigario Geral do Patriarchado. Estes laços que a elle me ligam e o facto de elle morrer no exilio por ter cumprido o seu dever justificam de sobra a excepção que abro.

. . . .

Ao ir para Lisboa, tomar conta do meu espinhoso cargo, eu tive occasião de observar quanto era querido o meu venerando antecessor e de conhecer quanto a sua acção fôra bemfazeja e caritativa.

O Senhor D. Manuel Baptista da Cunha era naturalmente retrahido, avesso a exhibicionismos, fazia o bem a occultas; e quasi ficava ignorado, se as suas obras não protestassem bem alto contra o escondimento a que elle voluntariamente se condemnava. Prova evidente do que deixo dito temo-la no impulso que deu á *Associação protectora dos Operarias*, benemerita instituição que foi tão mal comprehendida e que se destinava a combater uma das principaes chagas sociaes da capital, onde o elemento operario, alheado em geral de toda a influencia religiosa, tão facilmente se desorienta e corre a engrossar as fileiras do socialismo e do anarchismo. Se esta obra não deu tudo o que d'ella se podia esperar, se, como tantas outras generosas tentativas, não conseguiu realisar intensa e duravelmente a tarefa humanitaria a que se propusera, não poderá o insuccesso attribuir-se a menos esforço ou boa vontade do Prelado caritativo que sempre se vira á testa d'ella, animando com o seu exemplo e com os seus sacrificios os que a seu lado trabalhavam com o mesmo fito de melhorar a sorte dos proletarios. N'um paiz infelizmente falho de iniciativas como o nosso, o Snr. D. Manuel Baptista da Cunha quiz reagir contra a indolencia que atrophia a nossa raça e mostrou comprehender n'uma epocha em que a acção social catholica entre nós era ainda quasi um sonho de utopista, a palavra inspirada de Leão XIII convidando o clero *a ir ao povo*. E' summamente consolador para mim, Bispo catholico, o poder contrapôr aos que accusam a Egreja de não comprehender as aspirações do povo sedento de justiça, a acção d'este Bispo portuguez que sacrificava os seus recursos ao nobre intento de levantar moral e materialmente o nosso operariado.

Como homem de piedade soube tambem o saudoso Arcebispo de Mytilene dar aos seus subordinados edificantes lições. Escravo do seu dever attendia com admiravel exactidão ás variadissimas attribuições do cargo que desempenhava, e do pouco tempo que annualmente tomava para repousar de seu trabalho fatigante sabia tirar ainda alguns dias para com os padres do Patriarchado, se recolher em exercicios espirituaes, a renovar e a reanimar o espirito para as incessantes lides do seu ministerio. Ainda hoje, volvidos quasi tres lustros é recordado no Patriarchado Olisiponense a sua elevada competencia em assumptos de disciplina ecclesiastica. Alliando a um saber profundo uma rara prudencia e um grande conhecimecto dos homens, elle era o conselheiro sempre prompto a esclarecer as duvidas, o mestre a quem o clero consultava na certeza de encontrar uma norma segura que o orientasse no desempenho da sua missão tantas vezes espinhosa e ingrata. Na materia, tão importante, do registo parochial a sua auctoridade era justamente havida por classica, e a ella se devem esclarecimentos e normas que constituiram verdadeira jurisprudencia n'este assumpto.

Embora não fosse elle o Pastor da Egreja Lisbonense interessava-se por ella como se pesasse sobre seus hombros a responsabilidade de a reger: conhecia todos os padres do Patriarchado e tinha presentes, com uma perspicacia e uma memoria admiraveis todos os negocios que interessavam ás parochias d'aquella vasta diocese. Ao dirigem-se a elle pela primeira vez, os ecclesiasticos ficaram surprehendidos ao encontrar um Prelado que parecia conhece-los de longa data e lhes fallava das suas freguezias como se as visitasse com frequencia e as tivesse estudado de perto. Era verdadeiramente o que se chamava um homem de governo.

E tudo isto, bem será repeti-lo, o Senhor D. Manuel Baptista da Cunha o fazia tão subtilmente, tão longe de todos os olhares indiscretos, furtando-se ás seducções da popularidade que foi necessario por vezes decorrerem annos sobre os seus trabalhos para que a evidencia dos resultados se impozesse e collocasse em destaque a sua personalidade que elle tanto se obstinava em manter na penumbra. Mas o merecimento verdadeiro impõe-se, e tem isto de proprio que se torna tanto mais palpavel quanto mais pretende occultar-se. Foi o que succedeu ao meu saudoso antecessor no titulo de Arcebispo de Mytilene, cujas benemerencias, se estão evidenciando agora que a morte no-lo arrebatou, quando já ninguem póde ter interesse em lisonjea-lo. Sirva este testemunho posthumo de compensação á injustiça com que alguns por ventura o tenham apreciado em vida.

A sua caridade, verdadeiramente evangelica, de-

line-a bem um dicto ingenuo de labios populares que tantas vezes me chegou aos ouvidos nos primeiros tempos da minha estada em Lisboa. Eram os pobresinhos que chegavam a meude ao paço de S. Vicente de Fóra, e ouvindo que o Senhor D. Mannel Baptisfa da Cunha retirara para Braga exclamavam, recordando as suas esmolas: *O Senhor Arcebispo era um santo*. Com estas palavras fecho o meu artigo e não posso encontrar para elle remate melhor.

Poiares da Regoa, 1913.

MANUEL, ARCEBISPO-BISPO DA GUARDA.

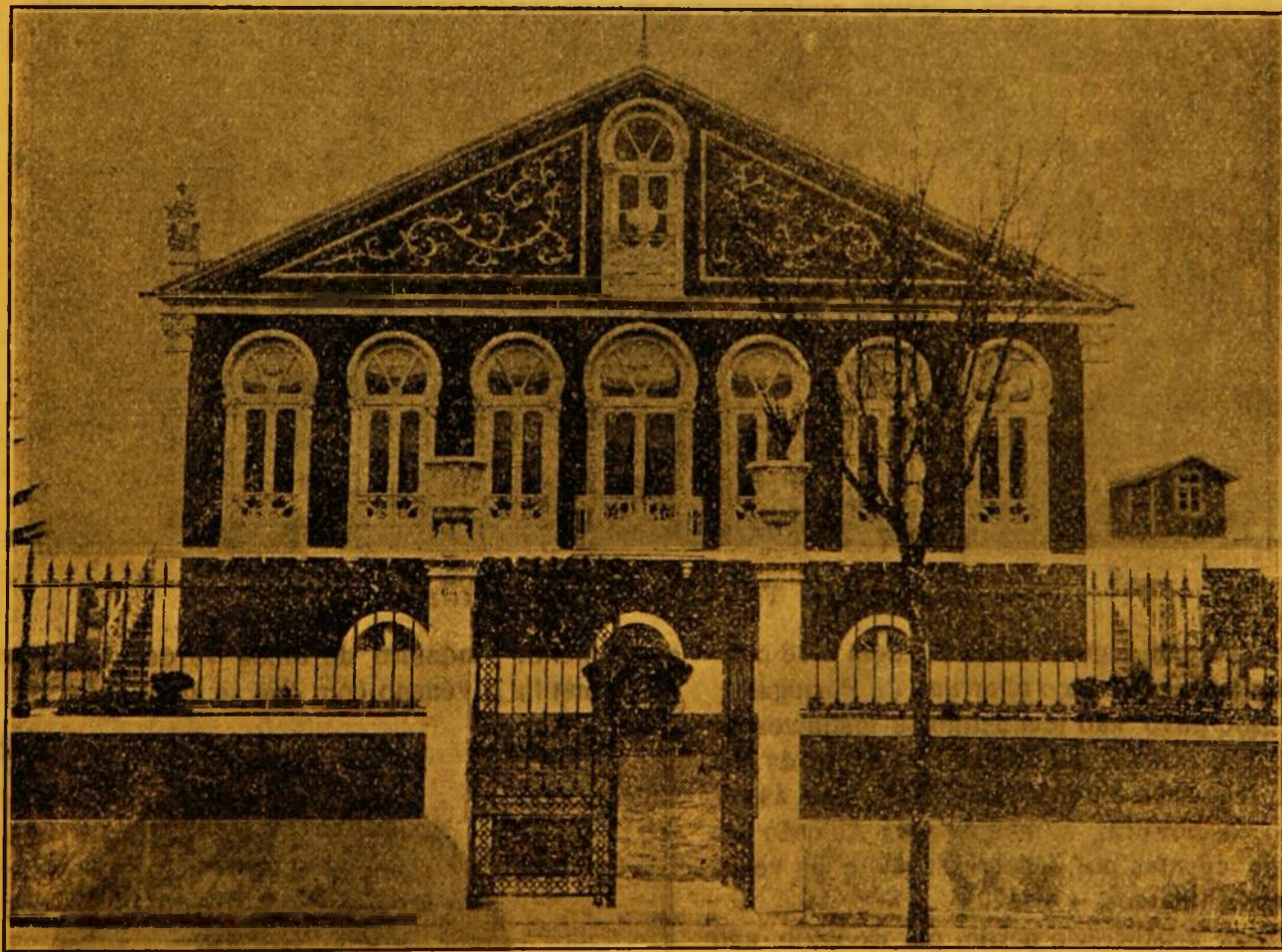
Chronica da semana

VII

A ordem governamental que cerrou as portas do collegio militar ao filho de Francelino Pimentel vem enfileirar ao lado das deshumanidades escandalosas que successivamente, no proposito de defender pela irradiação brutal as instituições vigentes, os ministerios republicanos teem praticado.

exercito. A questão, porém, não deve ser collocada n'este pé de irreconciliação e intransigencia legal. A lei só vale, á face da justiça, pela applicação que d'ella se fizer: e assim como Francelino Pimentel continúa sendo para o paiz uma indiscutida prova de gloriosos feitos militares, apezar de encarcerado e destituido do seu cargo, assim tambem a resolução ministerial acêrca do seu filho, representa uma arbitrariedade anachronica que repugna ainda aos mais empedernidos corações, porque a instituição do collegio militar não foi nem podia ser creada com o intuito de exercer represalias, senão com o fim caritativo de conceder aos defensores do territorio patrio o galardão dos seus serviços, e porventura manter nas suas familias o prestigio d'essa nobilissima funcção patriotica.

Franco Monteiro contou ha dias na *Nação* um facto passado em época semelhante, de dissenções e inimizades, e d'elle resalta a conducta unicamente admissivel a quem pretende levantar no paiz um monumento de apaziguamento geral e não uma barreira intransponivel de odios irreconciliaveis e irrefragaveis. Reproduzimol-a apenas como elucidação.

«Visitava o snr. Dom Miguel I o Collegio Militar, formando os alumnos em parada, para que S.

Palacete offerecido pelo Ex.mo Snr. Commendador Bento d'Aguiar, onde ultimamente residiu e falleceu o Ex.mo Prelado

E' certo que ao heroico official do Cuamato já foram substituidos os galões pela taboleta de presidiario, sobre a qual o collar honrado da Torre e Espada cae como um contraste calcinante; e que não deixa de ser racional a decisão do governo, não consentindo a estada de um filho d'um homem que já não é membro do exercito, n'um collegio destinado á instrucção dos filhos de officiaes do

M. lhes passasse revista. El-rei era acompanhado de alguns officiaes e um d'estes, quando passou junto de um alumno, aponta-o ao monarcha, dizendo:

—O pae d'este, meu Senhor, está entre os rebeldes da Terceira...

El-Rei approxima-se do infeliz rapaz, afaga-o e diz para o lisongeiro, que talvez, depois da sua

derrota, fosse um partidario do constitucionalismo vencedor:

—Coitadinho! Está privado da protecção e do amparo de seu pae... Estude e porte-se bem, que eu o protegerei...»

Na singeleza d'esta phrase, tão fielmente rememorada pela brilhante penna do illustre veterano da *Nação* esvoaça uma pureza de sentimentos limpidos como a velha alma do Portugal d'outros tempos — reflexo d'uma sanidade moral e d'um caracter austero, que os azares da historia arrebataram...

Porque não somos hoje assim?

Eis um problema de multiplices aspectos, e d'uma profundeza mysteriosa, que encella, dentro das suas malhas, o segredo da nossa derrocada.

Aquella brandura de costumes que pejou as apostrophes solemnes dos jornaes e foi, e é ainda, ponto de referencia obrigado em muita discursata vulgar, representa alguma coisa de bom e de caridoso, palpitante no regaço uberrimo de Portugal.

O nosso povo não tem belluinos instinctos de matança. Das nodoas que polluem o fulgor da sua vida não lhes cabe a responsabilidade, mas ás cavillações da politica, á momentanea eclosão de banditismo ateados por inconfessaveis e ás vezes indecifraveis intentos.

A antiga aristocracia patria, por exemplo, não fechou nunca os seus castellos á pobreza, ao desconforto e á fome. Elemento necessario á estructura do corpo nacional, falho de iniciativas fortemente nucleadas, molle, á espera sempre do empurrão orientador, ella realisou de facto no paiz um alto papel de beneficente assistencia, e de consolidação. Atravez de oito seculos de vida, nós nada devemos ás democracias hodiernas que tiveram o seu berço n'um monte de ruinas e cinzas. Antes, muito antes, de surgir em plena Europa o principio liberal da democracia monarchica, já em Portugal se vinha executando um programma de democracia muito mais vigoroso, sincero e pratico que dava o soberano como mandatario legitimo d'um povo, para a direcção dos seus destinos. O equilibrio das classes era um facto, era a propria verdade. Esse equilibrio quebrou-se, o paiz dividiu-se em mil facções. A' conjuncção nacional de todos os esforços, sobrelevou a preocupação systematica de desencadear um conflicto entre elles.

A expulsão de Francelino Pimentel dos quadros do exercito, é um symptoma, uma consequencia fatal da doutrina de individualismo exclusivista que se enthronizou no poder luzitano ha um seculo. Aquillo que póde chamar-se a *élite* republicana não é uma verdadeira aristocracia — selecção continuada e benefica — mas uma oligarchia prepotente, que conduz á desaggregação, ao putrescimento dos costumes, ao rebaixamento do caracter, á agonia tremenda, e faz lembrar o ciume de que falla Othello: — monstro de olhos verdes que esvurma e instilla o veneno com que se alimonta...

F. V.

SANTO THYRSO.—Egreja matriz

Dr. José Correia da Silva Menezes

(medico de Lamego fallecido em 1809)

FIGURAS DA BEIRA

I

D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro, Bispo de Lamego

D. Antonio Thomaz não era da Beira: era de Lisboa. Foi mesmo poucos annos Bispo de Lamego. Comtudo, a sua grande alma integrou-se tanto na vida da bella diocese em que morreu, que ficou sendo, e dentro das mais commovidas saudades, uma adoravel e luminosa figura da Beira.

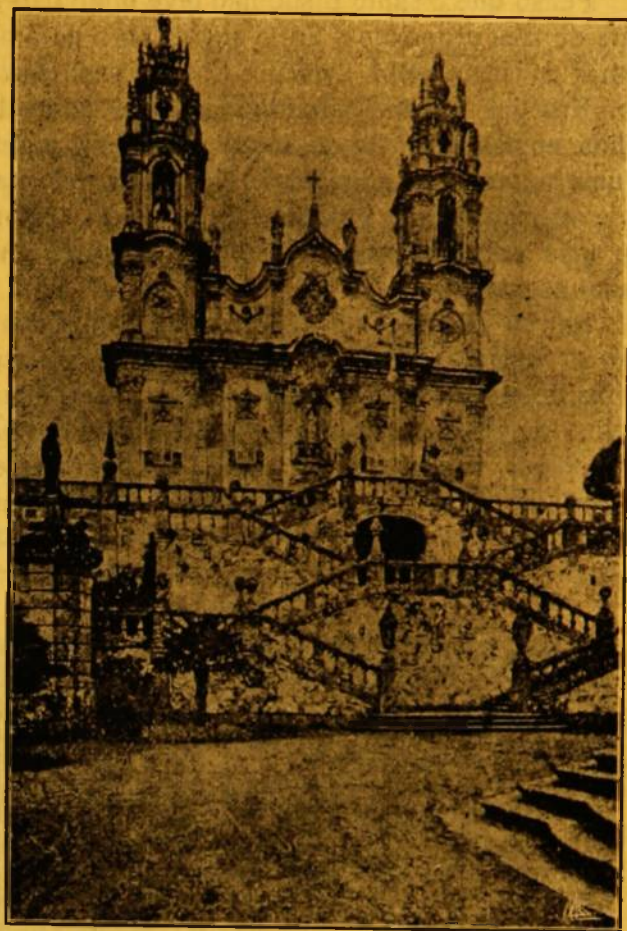
Para mim, é um dos mais santos amigos que póde ter uma existencia atormentada

No tempo em que o conheci, era eu um livre-pensador pittoresco. Redigia uma gazeta cruel, na qual a politica regeneradora levava *taponas* que,

Dr. José Correia de Menezes
(Medico de Lamego)

por pouco, não prostaram ministerios. Eu fulminava não só regedores de parochias, como o proprio administrador, e as vereações muuicipaes. Frigia-os e deslombava-os a todos com tiradas em que havia a emphase de Volny e a magestade pseudo-scientifica de Raynel. E, no fundo, fervia aquelle meu racionalismo do *Diccionario Encyclopedico* que me não deixava dormir . . . porque eu ia rezando ás escondidas e até ás claras.

Comprehende-se o pavor dos politicos indigenas. Creio que perturbei as honestas digestões de muitos . . . pelo menos, com violentas barrigadas de riso. Entretanto, alguns fingiam detestar-me.

Era para me *darem corda.* E conseguiam-no. O que eu dizia já—esperançoso Titan!—dos frades, e até dos padres! Fusilava-os de esguêlha, constantemente, systematicamente, e, afinal de contas, o que eu queria era que todos vissem o meu scepticismo! Não acreditava em nada, em ninguem. E' verdade que eu egualmente não acreditava em mim proprio... porque ia rezando, pensando em Santa Maria Maior, minha Madrinha, em Fr. João de Neiva, na alma religiosa de meu Padrinho, no tragico e sublime olhar do Senhor da Agonia do velho cemiterio de Lamego, no esplendor de Nossa Senhora dos Remedios.

LAMEGO — Sanctuario de N. Senhora dos Remedios

*

Finara-se D. João Rebello, Arcebispo de Larissa, por mim atacado em *sueltos* sangrentos, como brilhantemente encomiado pelo nobre e talentoso Conde de Samodães.

Dr. João Mendes de Magalhães

D. Antonio Thomaz veio, da sua diocese do Congo, para a de Lamego. E eu afiei a espada de... zinco. Isolado na minha redacção provinciana, tive monologos shakespereanos : — *Quem é agora este bispo? Julgar-nos-ha pretos de Angola?! Pois vae ver o que é a imprensa livre! Racho-o de meio a meio!*

Penso que o santo Bispo não teve o minimo rebate de taes propositos. Foi o que valeu... para não entrar a rir na velha Lamego. Chegou sem estrondo. Era um homem baixinho, moreno, de bellos olhos nostalgicos. Fronte intelligentissima, ampla, d'uma serenidade admiravel. Um sorriso tão franco e affectuoso, que Voltaire, ao pé d'elle, lembraria uma pobre mascara satanica, pendurada n'um banal esqueleto.

Entrou no Paço, e reduziu logo o pessoal a um só creado. Dias depois, começaram as suas obras de restauração do velho edificio. Ajardinou o atrio. Renovou as paredes e os tectos. Melhorou a bibliotheca, a cêrca, todos ou salões. Para elle escolheu um quarto pequenino, muito caiado, muito luminoso, onde poz um leito de ferro que vestiu de linho sempre lavado e fresco. O escriptorio me-

D. João Rebello Cardoso de Menezes
Arcebispo de Larissa

receu-lhe muita limpeza e ordem. Era o seu aposento predilecto. Quanto ao refeitorio, era uma toalhasinha alva ao fundo d'uma grande meza em que mal comia peixe e vegetaes, bebendo muita agua pura. O seu unico creado chegava para tudo, porque o santo Bispo tambem trabalhava na faina domestica, se fôsse preciso.

A tanta singeleza, frugalidade e aceio — era irreprehensivel toda a sua roupa — correu na cidade que D. Antonio Thomaz era franciscano. Além d'isso, não sahia de carruagem quasi nunca.

Visitava o Conde d'Alpendurada . . . mas para lhe pedir pelos pobres, depois de por elles ter repartido toda a congrua... e os rendimentos d'uma pequena fazenda que tinha em Africa.

Já o minava os diabetes, e era incançavel no culto, era sempre presente nas procissões, sempre ministrando os sacramentos, fazendo prédicas, redigindo bellas pastoraes, e ainda escrevendo livros, como os que deixou sobre a *Escravatura* e sobre *S. Thomé*, o apostolo.

José Agostinho.

A Virgem costureira

Um leigo de um afamado convento que florescia em melhores eras, homem de coração simples, tinha um ardente amor á Virgem Santissima, e vivia com muito pesar de não ter na sua cella nenhuma imagem da Senhora a quem dirigir as suas orações, e dar-lhe culto. Encontrou certo dia n'um retirado esconso do mosteiro uma esculptura da Senhora; tão deteriorada, porém, pelo tempo e pelo pó, que causava pena. Cheio de gozo a levou para a cella, e a limpou muito bem, e viu que se um pintor a restaurasse ficaria bella e como nova. Então cahiu de joelhos e disse :

— Minha mãe ! bem sabeis quanto desejo que esta vossa imagem seja restaurada, e que n'ella vos seja dado culto ; mas sou tão pobre, que se vós me não auxiliaes, não poderei fazel-o; assim, supplico-vos que trabalheis commigo afim de que isso possa realizar-se.

Em seguida foi a casa de uma senhora muito caritativa, e lhe pediu costura para uma pobresinha afim de que com o que ganhasse se podesse vestir decentemente.

Aquella senhora deu-lhe o que pretendia. De ahi foi o bom leigo comprar linha, agulhas, dedal e thesouras, e levou tudo para a sua cella e o apresentou á Senhora, dizendo-lhe:

— Senhora, fostes no mundo muito boa costureira; é preciso que me ajudeis com as vossas bemditas mãos a reunir o que necessito para restaurar a vossa imagem.

Sorriu a Virgem, e o leigo encaminhou-se aos seus trabalhos. Quando voltou encontrou feita a costura, tão bem cosida e perfumada, que a senhora ficou satisfeitissima e lh'a pagou muito bem.

A costura que passava pelas mãos do pobre leigo cobrou tal fama qne depressa pôde restaurar a santa effigie.

Chamou, porém, a attenção dos outros religiosos e do guardião o facto de um pobre leigo poder fazer essas avultadas despezas, e um dia esconderam-se para ver o que na cella fazia.

E viram então que se lançava de joelhos deante da Senhora apresentando-lhe umas roupas por fazer, e que a senhora estendia as suas bemditas mãos, colhendo-a com um semblante doce e compassivo.

Então o guardião e os discretos religiosos se prostaram de joelhos exclamando : — Bemaventurados os simples e pobres de espirito, porque d'elles é o reino dos céos.

O que as Mães devem saber!

O caracter triste e sombrio... e o traço indelevel que fica d'uma infancia, á qual se suffocaram as naturaes expansões e folguedos, em que precisa de trasbordar a vida exhuberante d'ella.

(JULIO DINIZ. — «*As Pupillas do Snr. Reitor.*»)

CONVIDADO a subir a esta magestatica tribuna, pela illustrada Empreza d'esta esperançosa Revista, lembrei-me que devia recusar-me a acceder a essa honrosa proposta.

Mas emfim, como entendi que os echos da minha intensa e velha propaganda em favor da *mulher* e da *creança*, não teriam ainda attingido os precisos limites e convencido os algemados pelos preconceitos, resolvi tambem vir aventurar-me a traçar aqui, parte do caminho a seguir, na conquista do Ideal, sob a bandeira vencedora cuja divisa é o *talent de bien faire* — a que viza a Hygiene Geral e mormente a Maternal e a Infantil.

— Como diz um auctor francez, é costume lembrarmo-nos de lamentar — «o cego que nunca viu a luz do dia, o surdo que nunca ouviu as harmonias da natureza, o mudo que nunca pôde exprimir a voz da sua alma», e em regra esquecemo-nos de ensinar como se deve instituir a defesa individual e familiar, contra os selvaticos e constantes desvarios da imprudencia e contra os funestos e inesperados contratempos da sorte, que cega uns — para que não vejam o bem; e conquista e seduz outros, com lagrimas da crocodilo, — para que se approximem dos devoradores abysmos do mal, que cria a decantada *tristeza contemporanea*, que nos tem arrastado á *degenerescencia da raça*, contra a qual temos de pôr as *mães álerta*, esclarecendo-as na pratica do *crime* humanitario e sublime, de matar estes dois flagellos dos ultimos seculos, por meio da prophylaxia social.

E' preciso que todos quantos se destinaram á agri-dôce missão de salvaguardar a saude publica, libertem as mães dos innumeros preconceitos, ou das velhas superstições, cuja importancia tenho assignalado no jornalismo e na clinica e demonstrado existirem em todas as classes, que nunca se libertarão d'elles, sem que os medicos desçam dos seus gabinetes magestosos, até á opinião publica, desorientada e ignorante.

A sociedade actual, ainda nem sequer comprehendeu os cuidados que importa dispensar aos velhos e aos doentes, ás mães e ás creancinhas!

D'este modo, um grande numero d'estes preciosos sêres ficam sem tratamento e em regra, não é senão quando o mal os tem já esgotados e semi-mortos, que se convida o facultativo, impondo-lhe o dever moral, scientifico e, por vezes, de amizade, de salvar, ou

Dr. Candido Bacellar

o que deixaram estragar demais, ou o que o curandeirismo (1) veio inutilizar de todo...

Assim, dir-vos-hei, amaveis leitoras, que a assistencia medica é completamente phantastica e mallograda, uma vez que nós não podemos fazer milagres.

Para mostrardes que cultivaes em vosso diamantido e bem formado coração, não um

(1) Contra este, ando ha mais d'um anno, n'um inquerito nacional que comecei em 1911, por este axioma de critica, publicado n'um artigo de vulgarisação scientifica, inserto no «Almanach Illustrado da Educação Nacional» — (Porto, 1912): «A maioria dos que usam, (abusando!) da clinica, ignoram que esta é a mais difficil das profissões».

pseudo-sentimentalismo, mas uma veneração sem limites pelas indescriptiveis alegrias do lar, nunca vos esqueçaes de vos emancipar dos erros que vos aponto, dominado pela tristeza que elles me fazem experimentar, perante os *non possumus*, de que o nosso espinhoso sacerdocio de bem-fazer, está semeado.

Entre esses erros que nos envergonham e definham, occupa logar primacial o do abuso do assucar que segundo os propagandistas e collegas Paul Carton e Amilcar de Sousa, dá logar ao envenenamento chamado *sucrisma* e é causa de enterites, diarrheas e insomnias das creanças, bem como arruina o estomago e os dentes dos adultos, e nos velhos, forma a diabetes.

Um dos assucares mais toleraveis é o dos fructos, que procuraremos tomar, ingerindo-os diariamente, pelo menos em jejum e quando tivermos sêde.

E por hoje, basta de mais incommodo, não vos parece?

Cervães (Prado).

(Continua) CANDIDO BACELLAR.

Cesto de costura

O meu cesto de costura . . .
Deram-m'o era bem menina,
Tão travessa e pequenina . . .
E, no entanto, ainda dura.

Sua verga, um pouco escura,
Flexivel, lustrosa e fina,
Como a haste de uma bonina,
E' de linda contextura . . .

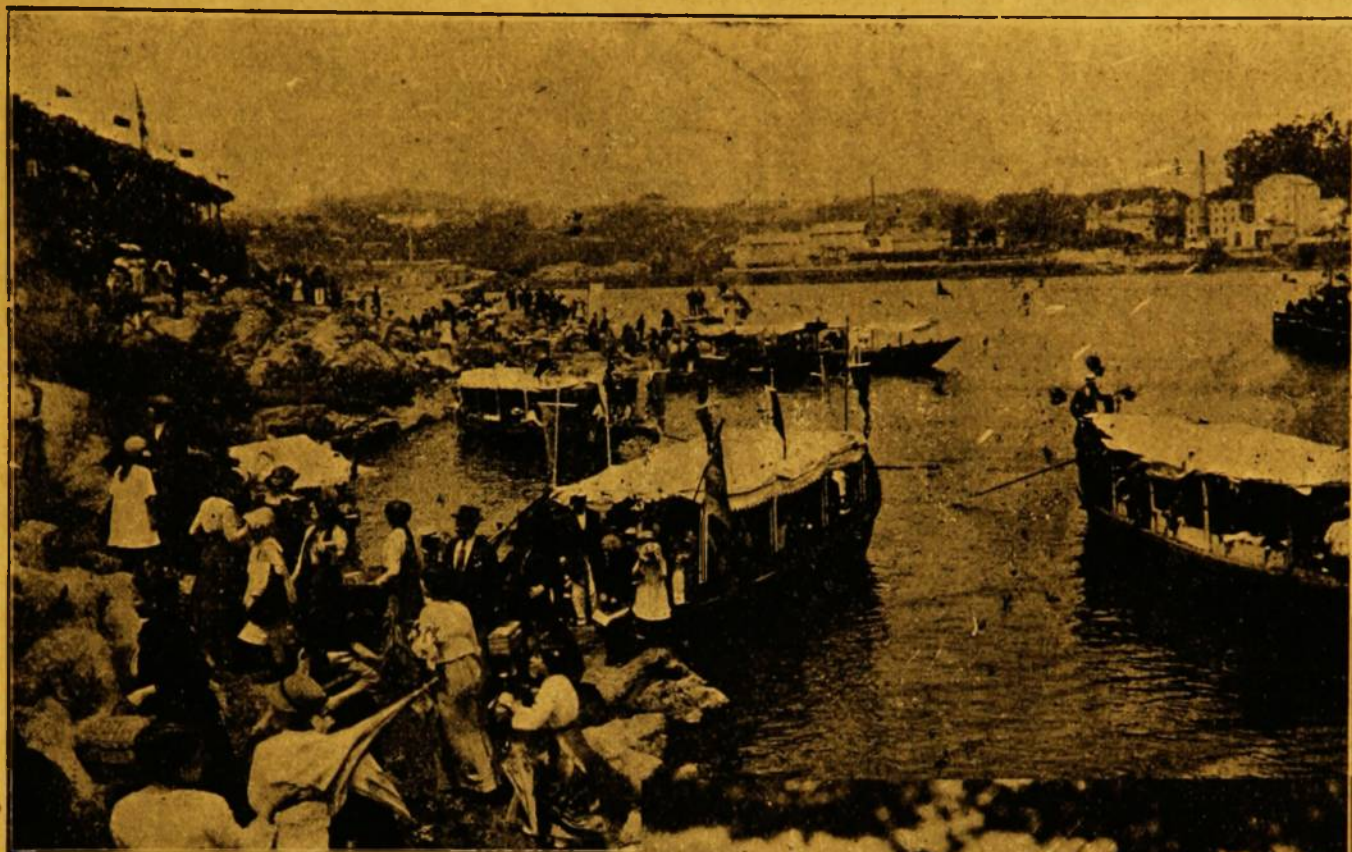
Bom e fiel companheiro,
Confio d'elle o agulheiro,
Linhas, fitas e o dedal.

Sua verga, um pouco torta,
E' velhinha, mas que importa . . .
Para mim, oh, quanto vale! . . .

FRANCISCO SEQUEIRA.

O pôr do sol

(Cliché do distincto amador phot. L. Souto)

CLUB FLUVIAL PORTUENSE -- Regata official

Um aspecto do desembarque na quinta da «Torre Bella»

Decorreram brilhantemente as regatas ultimamente realisadas e promovidas pelo Club Fluvial Portuense e em que tomaram parte alguns socios do Club Villacondense.

As corridas foram em numero de oito, effectuando-se entre o Caneiro de Avintes e a Pedra Salgada, estando a balisa da chegada a meio do rio, em frente á quinta «Torre Bella» do snr. José Pereira Bessa da Silva Cardoso.

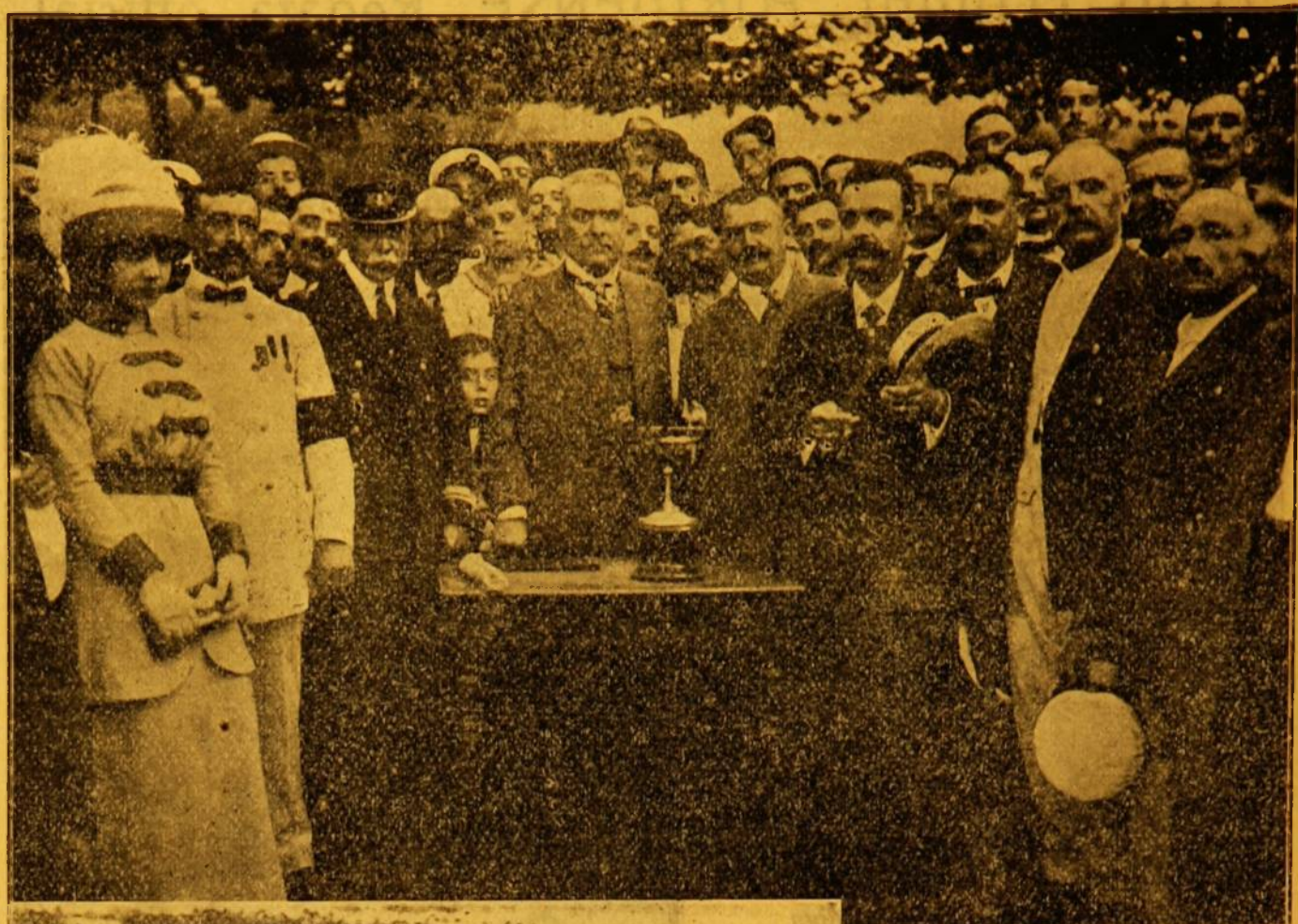
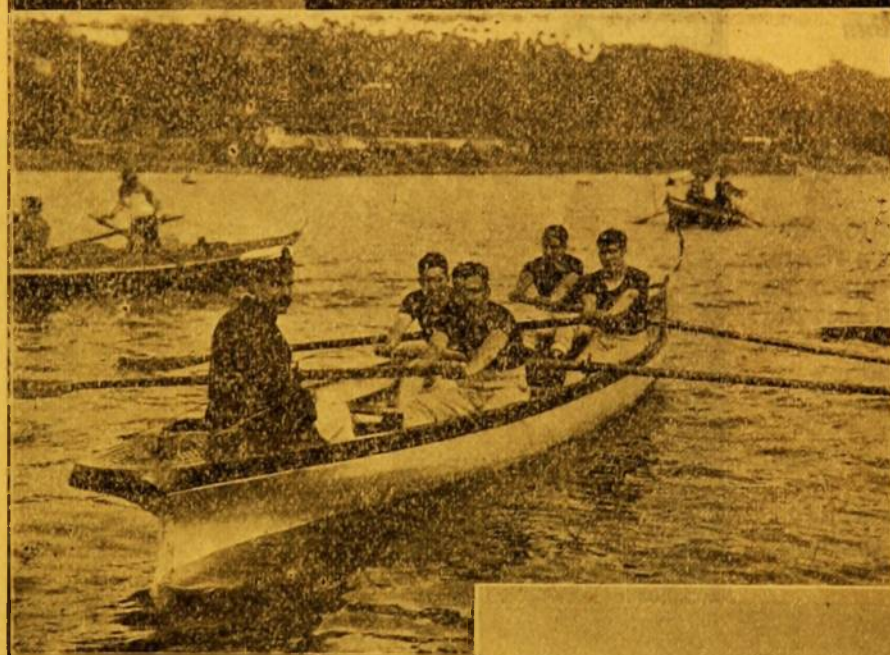
As corridas deram o seguinte resultado:

1.ª **corrida**, *renders* a singellos entre a «Diu» e a «Ave», ganhando esta.

2.ª **corrida**, *reuders* a singellos entre a «Ave» e a «Die», sahindo vencedora a «Diu».

3.ª **corrida**, *ontrigger's* a quatro remos, dedicada á marinha de guerra portugueza (premio, uma abotoadura d'oiro, offerecido pelo snr. Joaquim Rombert, socio do Club Fluvial). Tomaram parte n'esta corrida a «Aura» e a «Diva» ga-

José de Souza Magalhães,
vencedor da «Taça Rio Douro»

Corridas de Guigas
Tripulação vencedora da «Taça Rio Douro»

Um aspecto da assistencia

Corrida de escaleres

Tripulação vencedora da «Taça Fenianos»

nhando esta ultima. N'esta corrida foi disputada pela terceira vez a «Taça Rio Douro».

4.ª corrida, *renders* a *doubles*, dedicada ao Club Fluvial Villacondense tomando parte a «Diu» e a «Ave»; o premio que era uma linda campainha de prata e foi offerecido pelo Club Fluvial Villacondense, foi ganho pela «Ave».

5.ª corrida, escaleres a quatro remos, dedicada ao Club Fenianos, tomando parte o «Vouga» e o «Neiva». Ganhou a tripulação do «Neiva» que ficou detentora da «Taça Fenianos».

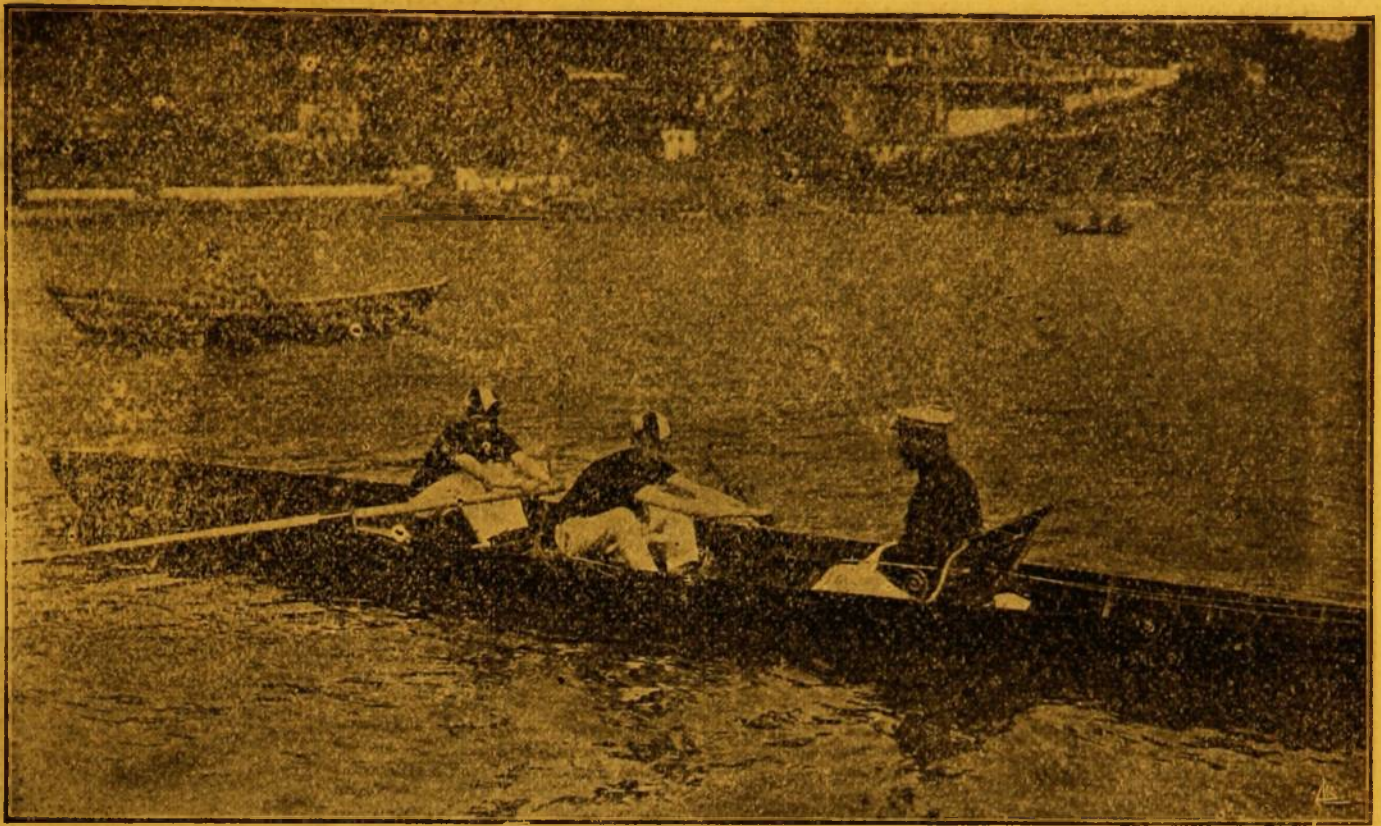
6.ª corrida, *renders*, entre a «Diu» e a «Ave». Esta corrida foi disputada entre os socios do Club Fluvial Villacondense sahindo vencedora a «Ave».

7.ª corrida, canôas; ganhou a «Cilia» tripulada por Joaquim Bessa de Araujo.

8.ª corrida, *renders* a singellos ganhou a «Diu».

Todos os amadores foram muito acclamados pela multidão.

A's tripulações das embarcações vencedoras, além dos premios, foram conferidas medalhas de *vermeil*.

Tripulação vencedora da oitava corrida de «renders»

Tripulação vencedora do Club Fluvial Villacondense

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

O jury foi constituido pelos snrs. Francisco de Aguiar Villela, Antonio Marques da Cunha, David José de Pinho, Antonio Fernandes Baptista e Manuel Augusto da Costa Junior.

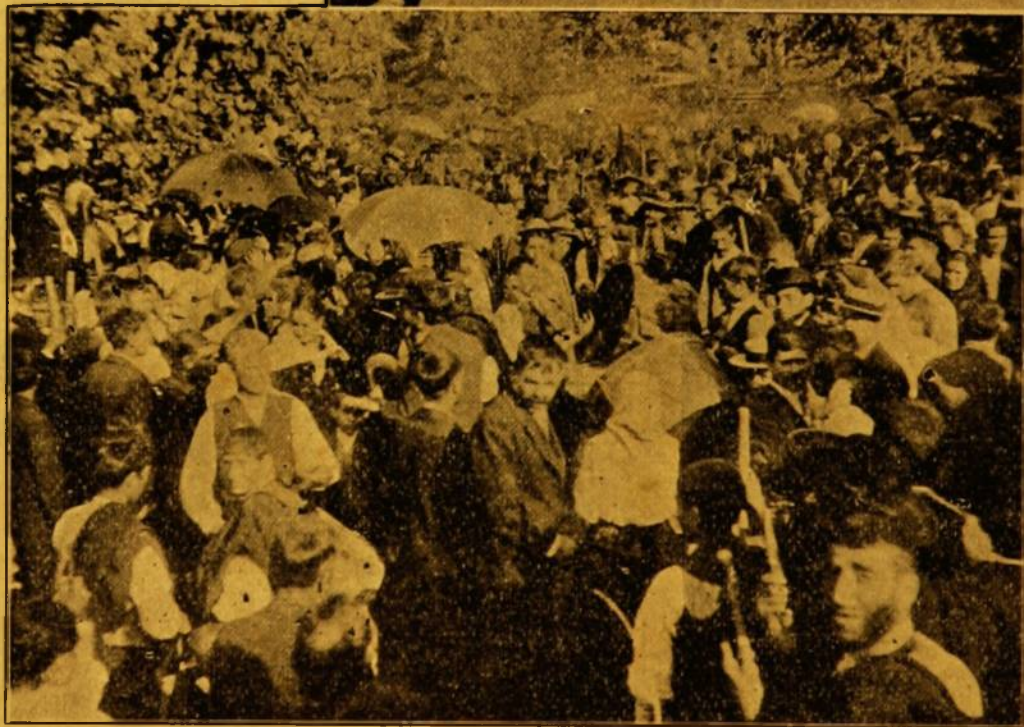
Depois da corrida e da distribuição dos premios foi offerecido a todos os convidados um delicioso copo d'agua, sendo o serviço fornecido pela acreditada Confeitaria Oliveira.

GUIMARÃES — FESTA DE S. THIAGO

Comprando um ramo de mangerona

Vendedeira de limonada

Rei D. Affonso Henriques, cuja mulher D. Mafalda mandou edificar, realisou-se a tradiccional festividade de S. Thiago, sempre concorrida de copioso numero de devotos.

Decorreu com brilhantismo excepcional do qual são prova bem patente as pittorescas gravuras de varios aspectos d'aquella romaria que illustram este numero da «Illustração Catholica». E' que o sentimento religioso propulsionando estas manifestações typicas da vida nacional reune com o esplendor da crença vivida, inegualaveis traços de esthetica.

Esta festa de S. Thiago é testemunho eloquente da religiosidade do povo vimaranense que, aliás, tantas e tão inolvidaveis demonstrações nos dá continuamente d'isso.

Templo de Santa Marinha da Costa

No bello templo de Santa Marinha da Costa, reconstruido em 1748, e cuja fundação data do tempo do

Um aspecto do arraial

Banda dos «Zés Pereiras»

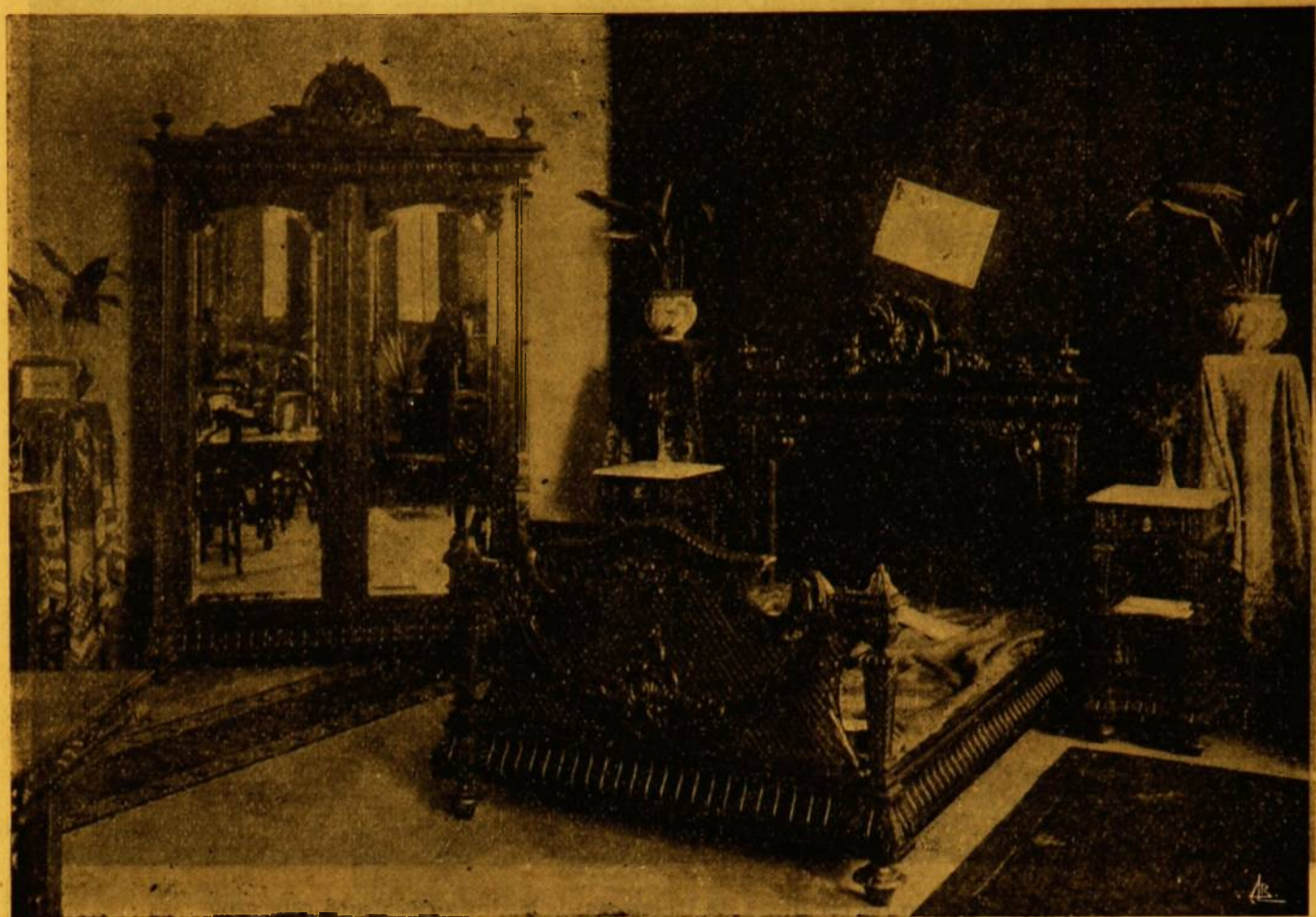
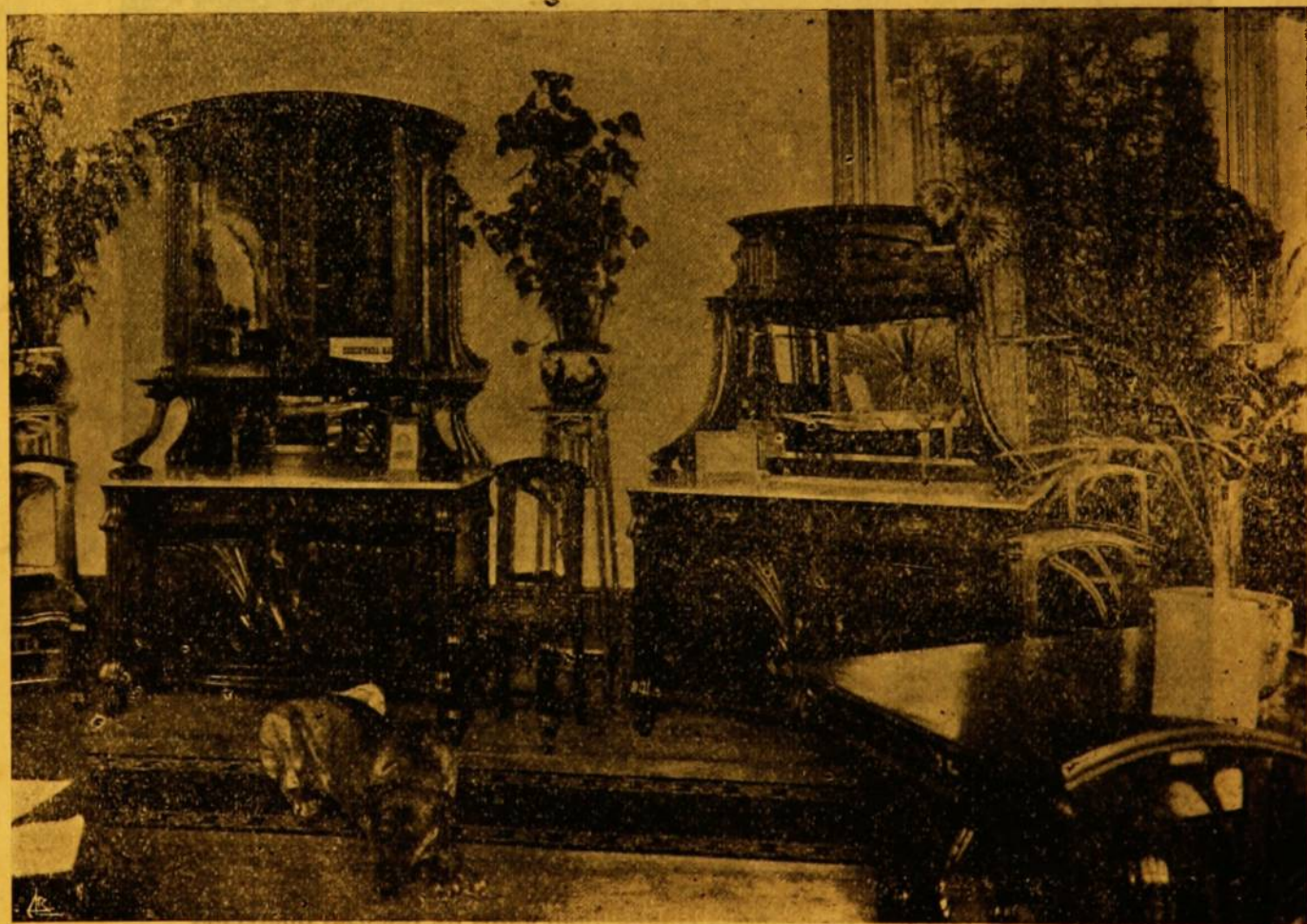
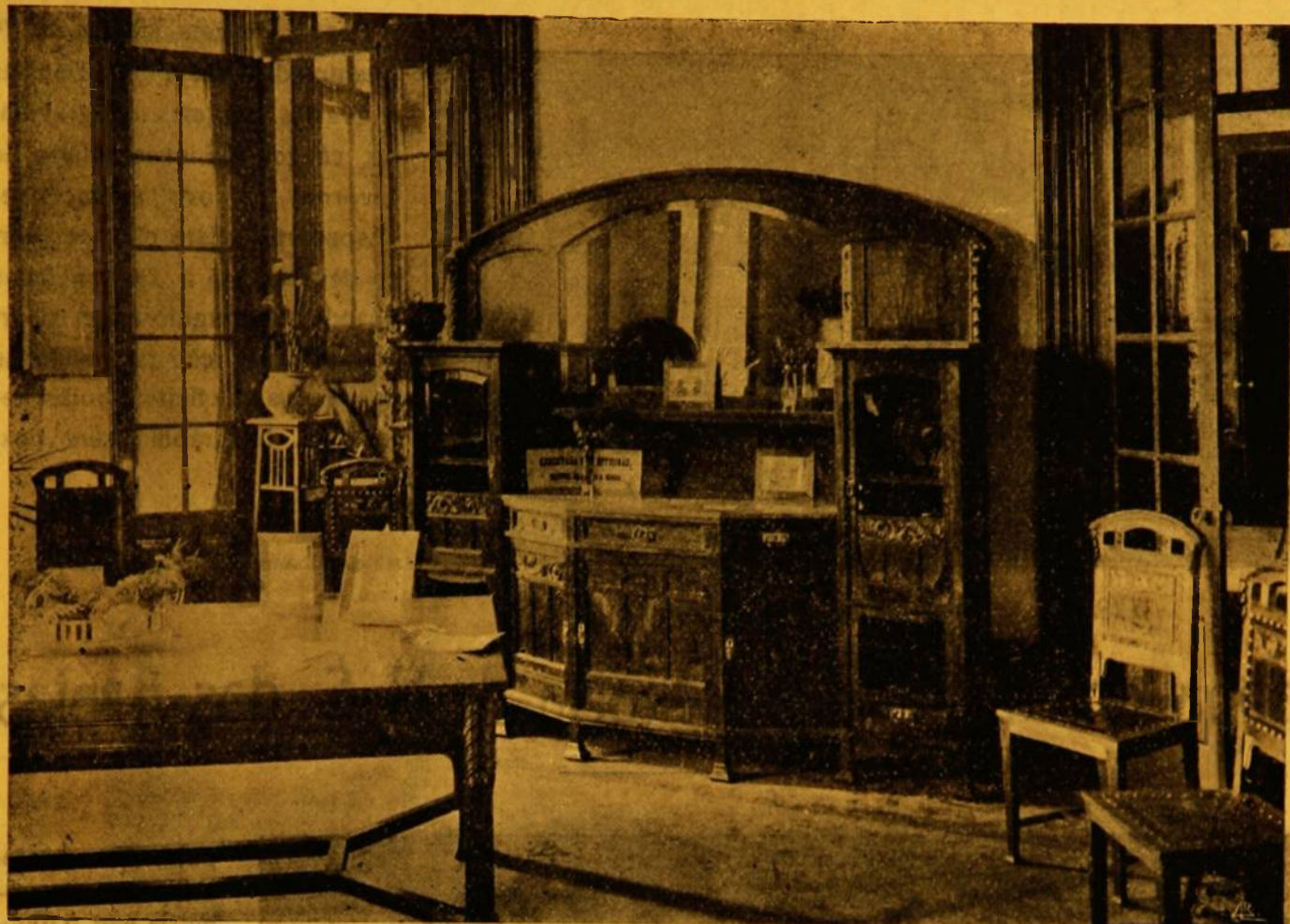
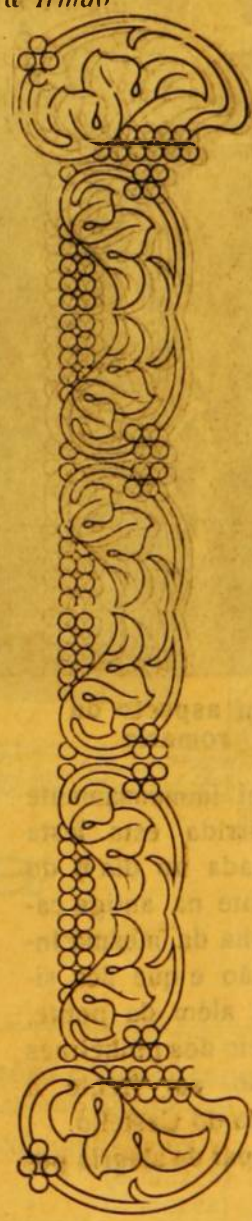
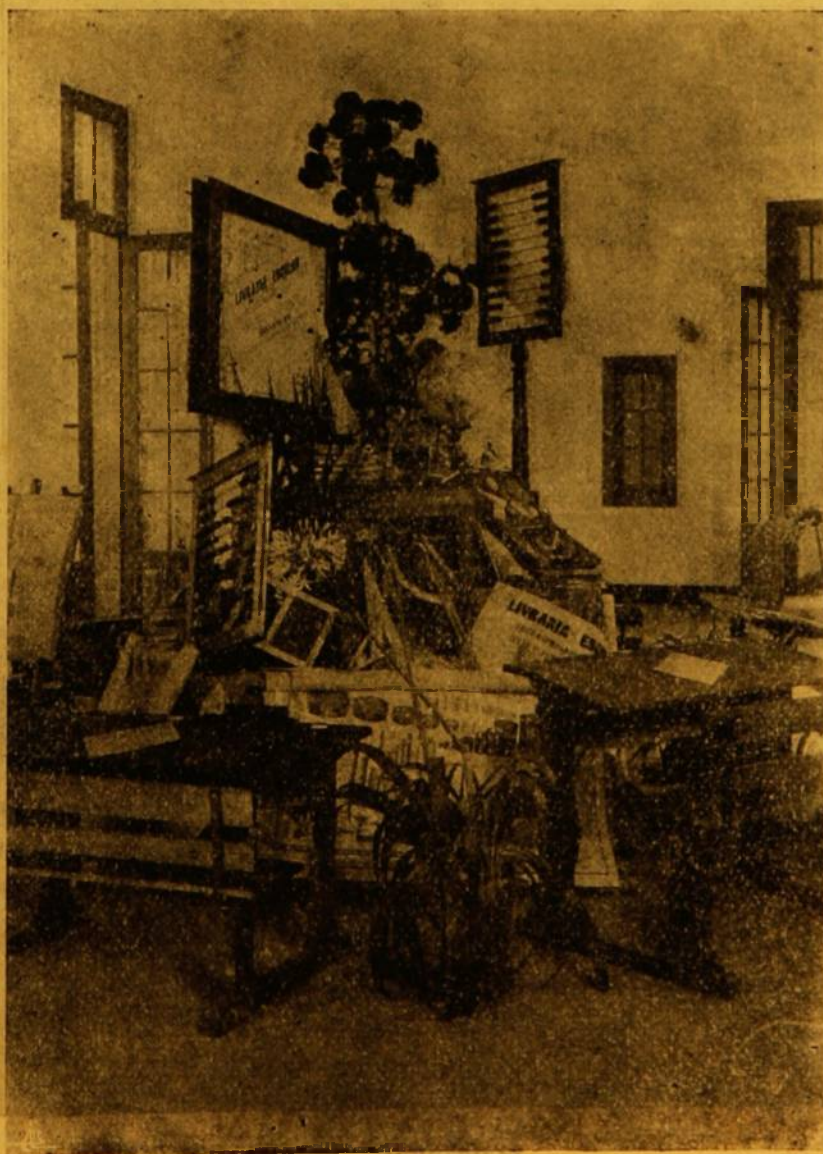
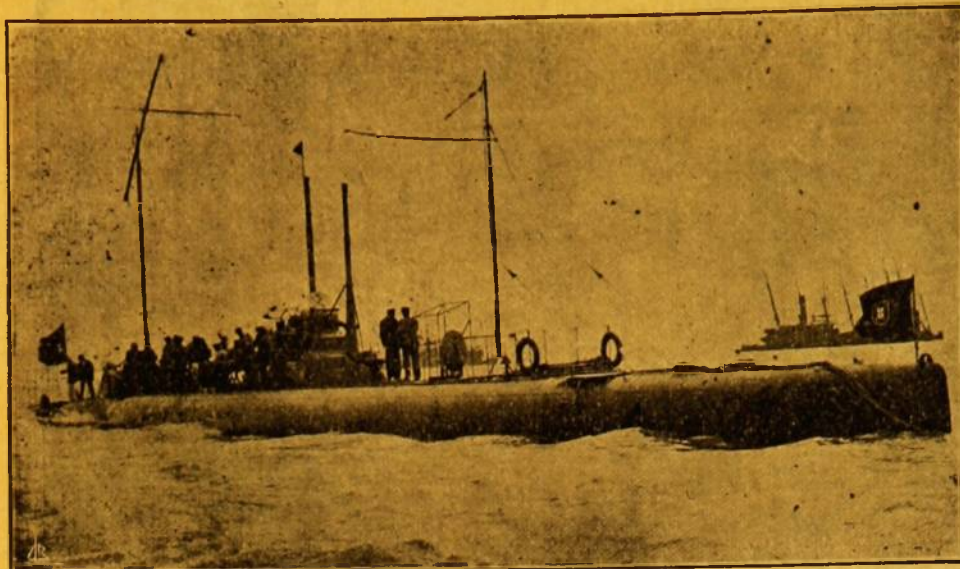
(Clichés do phot. amador L. Souto)

Uma sympathica festa religiosa

BRAGA — Grupo de creanças da freguezia de S. João do Souto que no passado dia 3 receberam a primeira communhão

(Clichés do distincto amador phot. Braz L. de Carvalho).

BRAGA — As creanças da primeira communhão antes da refeição offerecida pelo seu zeloso parocho Abbade José do Egypto Vieira

Ainda a Exposição-Mostruario das Artes e Industrias de Braga

Exposição-mostruario — *Mobilia de quarto estylo Luiz XIV. Expositores, Manuel Carneiro & Irmão*

Exposição-mostruario — *Mobilia arte nova. Expositores, Manuel Carneiro & Irmão*

Exposição-mostruario — *Mobilia arte nova. Expositores, Manuel Carneiro & Irmão*

Exposição-mostruario—*Aspecto da exposição da Livraria Escolar. Expositores, Cruz & C.ª*

LISBOA.— *O novo submersivel «Espadarte»*

Depois de uma viagem de 70 e tantos dias cheia de peripecias e avarias, algumas de gravidade, chegou a Lisboa, vindo de Livorno, o novo submersivel «Espadarte». Este elegante barco desloca 245 a 300 toneladas quando submergido e tem a bordo grande porção de machinas para todos os effeitos, boias, telephone, telegraphia sem fios, etc., etc.

(Cliché do nosso correspondente phot. em Lisboa).

Vianna do Castello.—A romaria de N. S. das Areias

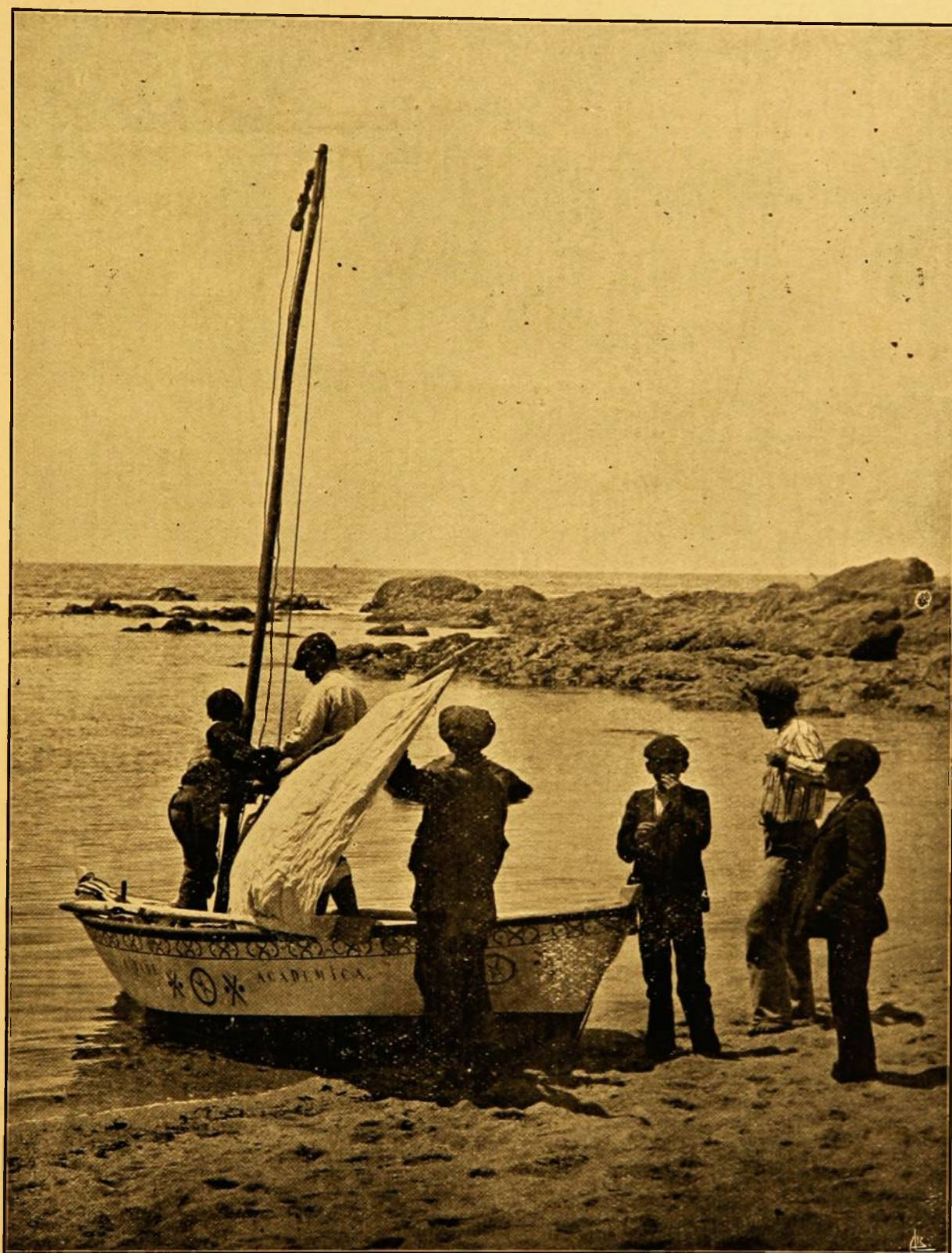
Um aspecto da romaria

Foi immensamente concorrida esta festa realisada no dia 3 do corrente na antiga capellinha da mesma invocação e que fica situada além da ponte, no meio dos pinheiraes mesmo em frente a Vianna do Castello.

A par da alegria popular tão caracteristica n'esta romaria não deixou de se manifestar tambem o espirito religioso dos povos circumvisinhos que ali foram com sete *clamôres* da mais tradiccional usança.

Durante a tarde foram muitos os barcos que ali levaram milhares de pessoas para gosar o encanto do passeio.

O desembarque dos romeiros

(Clichés do amador phot. E. Rocha)

Armando a véla

(Povoa de Varzim)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 8 Braga, 23 de agosto de 1913 **Anno 1**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

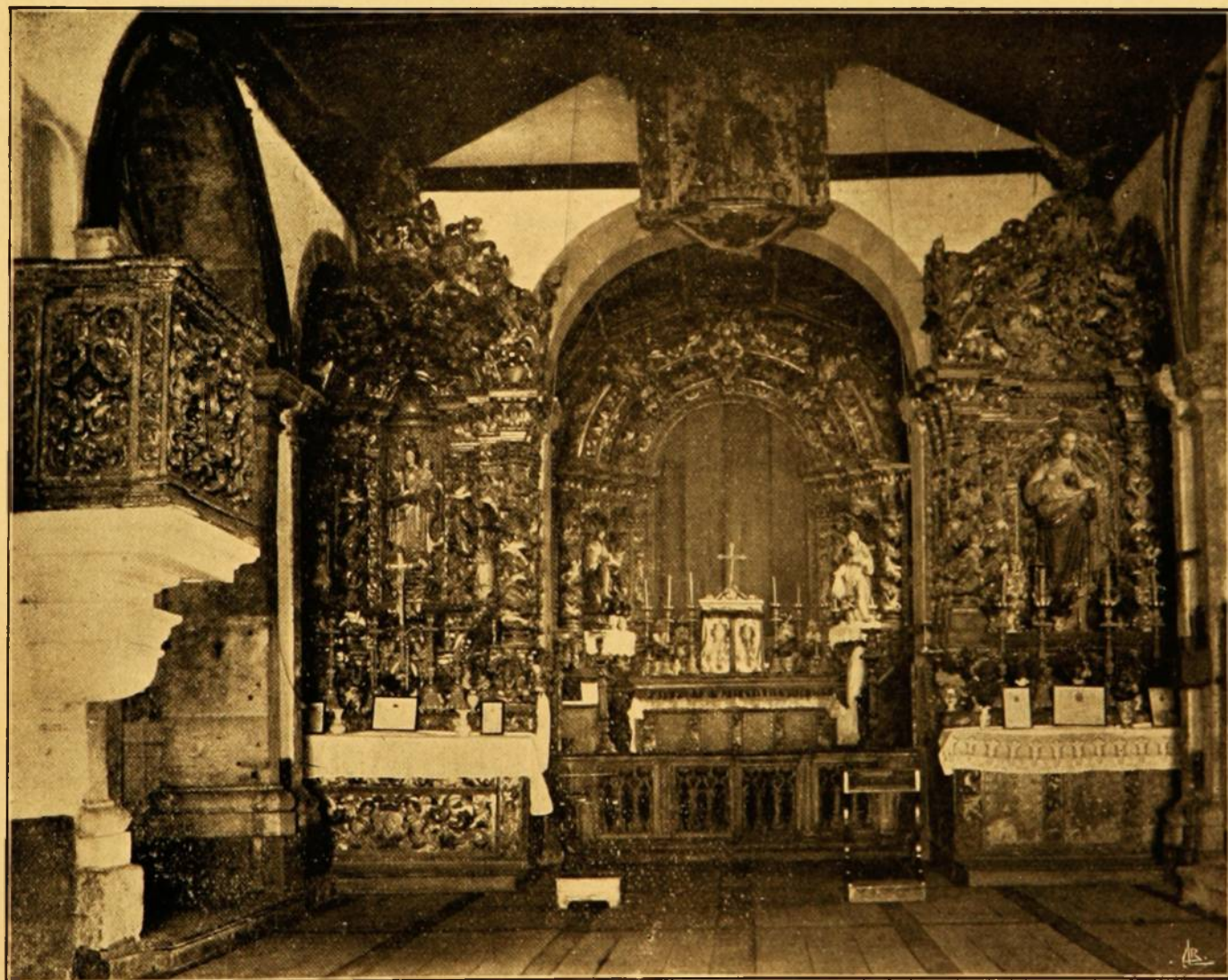
PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL — Joaquim Antonio Pereira Villela.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

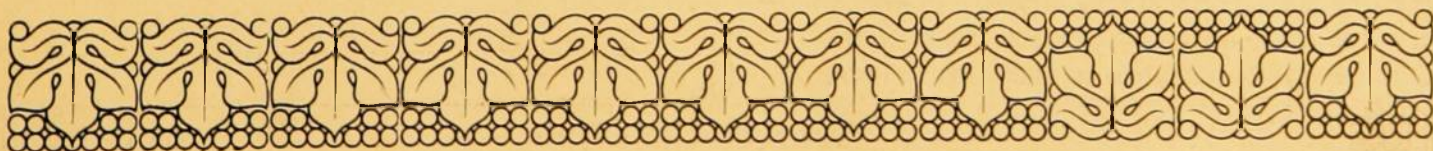
Braga, 23 de agosto de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 8 — Anno I

PONTE DO LIMA—Capella-mór da egreja parochial de S. João da Ribeira

(Cliché do rev. Joaquim Maciel.)

Chronica da semana

VIII

Começa a debandada para as praias...

A' bilheteira das estações surge agora o banhista cheio de embrulhos, o lenço atado ao pescoço, impacientando o empregado com perguntas e trocas de dinheiro, e os comboyos despejam nas gares das estancias balneares a sociedade que se vae divertir... e descansar do muito que trabalhou durante o anno: a espoza, os filhos, as primas, as malas, o gato, o canario, a sopeira—que não falte nada, vejam lá!...

E horas depois já toda esta gente se espaneja e fervilha, notando a animação da colonia, a estada do vizinho e a braveza do mar.

Não gastemos tempo com resabidas descripções das *toilettes* claras, dos *flirts* levianos, d'aquella matrona a seccar os cabellos de ondina macrobia á torreira do sol matinal, do illustre deputado que faz o proprio elogio entre libações capitosas de aguardente, d'aquel'outro *dandy* que passa o dia a pavonear o verniz percuciente dos sapatos á porta do café, dos bébés que brincam todo o dia, sobre a areia, n'uma grazinada alegre como a luz, quebrando o rumor querulo das vagas que aljofram de rendilhada espuma a alcatifa das dunas...

Afinal, são ellas, as creanças quem mais aproveita com as deslocações d'esta onda nomada...

> «Emenez vos enfants vers les grèves lointaines,
> où les tiedes zephirs dispensent leurs halaines.»

Hoje, a vida das nossas praias perdeu já aquelle *á vontade* necessario aos labores assiduos de tantos mezes. Os requintes da distração, a barateza das viagens, prevertendo a sensibilidade artistica, trouxeram-lhes todo o ficticio bocejante da vida urbana.

As villegiaturas solitarias, d'uma paz errante, com sonhos de poesia, e uma elegancia leve e atrahente; as praias dos lobos do mar, a narrarem ás creanças a nostalgia de velhas lendas, nevoadas como o céo; dos sedentos de horizontes limpos e serenos, de mysteriosas mattas, de alfombras meigas e luz benefica—tudo isto desceu a phraseado de romance, que ninguem lê.

A vida das praias é hoje um vasto campo de anatomia, tanto ou mais fertil que a vida citadina, porque ali, á sombra das barracas á hora critica do banho; de tarde, sob os toldes; depois, á noite, na atmosphera viciada do café, onde uma orchestra vae ganindo os trechos musicaes da ultima revista de sensação—cada qual se mostra como é, n'um realismo cruel e indiscreto...

Por isso alguem me dizia que na verdade, a humanidade era mais feia no mar, do que em outra parte qualquer...

Nem mesmo falta aquelle typo admiravel que Fialho definiu, o Magalhães Lima da praia a perorar, n'um grupo de republicanos—escaravelhos.

Encontramol-o o anno passado, trajando o dominó das heroicidades, e silvando taes anathemas contra o passado que poude vangloriar-se de haver tornado a convivencia de verão insuportavel. Avisava-se nos casinos—tomem cuidado com a lingua! —a eminente invasão das botifarras d'um carbonario perigoso, o boato escoava dos labios das madamas—isto agora é certo, D. Maria!—e a desconfiança, a irritabilidade verminavam a pacatez frivola dos banhistas. Terras houve que por excitarem a arguta vigilancia das auctoridades e da espionagem, rondeando á vontade por todo o paiz, lográram alcançar a ominosissima alcunha de *thalassas* e ficarem inscriptas nos canhenhos tenebrosos dos Fouquier da republica.

Não sei se no corrente anno a mesma intranquillidade as agita.

Se assim fôr, preferivel parece ermar n'um asceterio, procurando na tristeza dos logares inaccessiveis a taes perturbações, o almejado repouzo, ou então fazer como aquelle jovialissimo commendador que cerrou as portas e as janellas, desappareceu das ruas e dos centros de cavaqueira amena, durante o mez de veraneio, e mandou para as gazêtas a noticia de que partira para Cascaes com sua excellentissima familia; ou ainda como aquell'outro luminosissimo e previdente cidadão, aconselhado a tomar aguas ferreas, que optou por metter um ferro d'arado na cisterna, e gorgollejar-lhe as aguas deliciado com as manifestas melhoras, que sentia, e a inestimavel vantagem economica!

Lá para fins de setembro accode o povoleu das aldeias, e á miseria galante succede a sordida miseria dos camponios. Ficam ás vezes dez e doze n'uma saleta exigua onde jantam, cozinham e dormem, amaltados. A' noite, desbordam pelas ruas illuminadas, como phalenas para a sedução da luz, assomam os carões ás portas, espreitando, ouvindo enlevados as desharmonias dos violinos, sublinhando de facecias o torpe saracoteio de dançarinas que garganteiam em calão hespanhol umas seguidilhas escabrosas...

Que importa! é preciso passar o tempo... ser *banhista*... embora haja no segundo andar um aprendiz de rabeca e no terceiro um poetastro em delirios...

Ir á missa aos domingos?... Só por desfastio!... Rezar? Mas são horas de ir para o casino para não faltar á primeira walsa...

... Um dia, o chefe de familia proclama aos parentes, gravemente, que o seu orçamento não tem *superavit* e que é forçoso volver aos sacros penates...

Conheço um brazileiro cheio de ingenuidade e de anneis, que inevitavelmente me communica todos os annos, ao regressar da Povoa de Varzim:

—Pois amigo! A dyspépsia mi desáppáreceu... mi divérti á grande, hein?... E áfinal só pérdi cinco tóstões ao dominó!...

E é um homem feliz, ora vejam lá!...

F. V.

FIGURAS DA BEIRA

I

D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro, Bispo de Lamego

CORREU, pouco depois, que D. Antonio Thomaz fôra, na India e na Africa, um vulto primacial. Prégador eminente, missionario glorioso, e ainda diplomata superior, como o tinham reconhecido em Roma e Londres onde tratára do Padroado do Oriente, o grande Prelado vinha, cheio de louros e de pelejas, arruinado de saude, e ainda com menos de cincoenta annos de edade, esconder-se nas serranias da Beira, mas para trabalhar e abnegar-se sempre.

Dr. Cassiano Pinto das Neves

E começaram a conhecel-o todos os infelizes, e até os que exploram a caridade singela. E todos os curas d'almas da diocese o começaram a amar e a venerar. E, emfim, os politicos, espantados com aquella desambição radiosa, não o assediaram com pedidos, rodearam-no de tanta consideração e estima, que nem lhe pediram — coisa rara! — uma reprimenda ao abbade Fulano por ser progressista, ou ao reitor de Almacave por ser suspeito de regenerador.

*

Ouvindo tudo isto, eu... eu encavaquei. Dizm'o frequentemente o dr. Cassiano Neves meu querido e infeliz amigo, pae do medico lisbonense e antigo deputado do mesmo nome. Aquelle illustre advogado e publicista adorava D. Antonio Thomaz tanto... que nunca lhe fallava em politica, temendo offendel-o. Era todos os dias: — *Você não imagina que grande talento, que extraordinario saber, que peregrino coração e modelar caracter! E, depois, que sincero amor a Lamego! Parece nosso conterraneo, dos melhores, dos mais dedicados.*

Eu resmungava : — *Sim, mas é bispo, e com fama de franciscano!*

Um dia, o Bispo escreveu a José Menezes, proprietario da typographia onde eu fazia imprimir a minha terrivel gazeta. Era a perguntar-lhe por quanto lhe imprimia um livro. Menezes ficou duplamente radiante. A carta era affectuosa e simples. Os seus prelos iam dar a lume o livro d'um bispo. Mostrou-me a carta, cofiando o bigode immenso. Li-a, meditei-a e voltei-lhe as costas. Estava positivamente encavacado.

Veio o original do livro. Lettra artistica, mas franca. Linguados que pareciam de neve; dentro em pouco, vieram as provas. Interessei-me por ellas. Ajudei á revisão. E, volvidas semanas, escreve-me D. Antonio Thomaz. Agradecia-me o auxilio, e pedia-me que lhe batesse ao ferrolho, quando passasse pelo Rocio, deante do Paço.

Eu?!... E desatei a rir, com muito espanto do sólido Menezes. Eu?!... E fui lá logo á tarde.

Toquei á campainha. Abriu-me a porta o mesmo D. Antonio Thomaz. Apertou-me a mão e acompanhou-me singelamente ao escriptorio. Fez-me sentar, e sentou-se. Mandou-me servir café, que tomei com frequencia, e disse-me do seu reconhecimento e sympathia. Voltei lá muitas vezes. Fallava-me da India, da Africa, da fé religiosa, da grandeza de Pasteur, da genialidade de S. Francisco d'Assis. Eu resmungava, balbuciava, e elle accudia sempre: — *Não se torture. A fé ha-de visital-o. Creia que, seja como fôr, sou seu verdadeiro amigo.*

*

Amigo, e que amigo! Encontrava-o em tudo, nas maiores abnegações. Colhia d'elle muita da luz de hoje, vendo, desde S. Thomaz a Kant, a philosophia em todas as suas escolas e seitas, aprendendo a conhecer Comte, Littré e Stuart-Mill. Ao mesmo tempo, era a historia, era a arte, oriental e occidental, eram costumes, caracteres ethnicos, maravilhas do mundo que elle via com profundeza e serenidade. E, depois, litteratura, versos classicos, epopeias da Asia, paginas de patriarchas do velho continente e reptos de Bossuet e Bourdaloue. Emfim, eram notas joviaes e commovidas das suas missões, da sua infancia, dos seus passeios a Cintra, dos seus sermões timidos, e um tal abrir do coração adoravel, que eu, ao rezar á noite por meu Padrinho, tambem rezei por elle, que ia cahindo, cheio de febre, *mas sempre de pé*, dirigindo o culto, sorrindo, prégando, escrevendo, esgotando a congrua e todos os recursos em esmolas a pobres, em subsidios a sanctuarios como o da Lapa, e em obras no paço.

Antonio Augusto da Fonseca e Aragão
(Tenente-coronel)

Até que, n'um dia de junho, fui dizer-lhe que partia para o Porto onde ia tentar fortuna.

Fitou-me com olhos humidos, mas alentou-me.

— *Vá*, disse n'uma voz branda, *mas... lembre-se de que em toda o parte os homens são os mesmos!*

*

Mezes depois, expirava, cercado de bençãos e lagrimas de saudade, tranquillo e pacifico, incomparavel de luz espiritual. Mas nunca deixei de o ver. Tem-me acompanhado sempre. Nunca me abandonou, nem quando, engolphado em Lisboa, pretendi inculcar-me materialista de ferro.

A elle devo — penso-o e sinto-o — muito da minha obscura conversão. Por isso, o tenho todos os dias deante dos olhos. E' que a cada passo o alevanta o meu coração como um dos seus maiores alentos, como uma das suas melhores saudades, como um puro reflexo da vida de sempre.

JOSÉ AGOSTINHO.

A litteratura ao serviço do bem

PRETENDER regular pela vida e costumes da Edade Media, os costumes e a vida de esta sociedade presente onde a electricidade é já banal... seria inconcebivel dislate e monumental insensatez. Vem isto a proposito... de coisa nenhuma, mas ainda em risco de tornar-me aborrecido não quero deixar de citar um facto recente que me consolou, e me deu pena. Consolou-me, por ser nobre; deu-me pena, por não ser portuguez.

Mas antes, duas palavras de introducção. Innegavel, como a luz meridiana, é o facto de que o theatro e o romance entrou já nos habitos portuguezes, como de toda a gente civilizada. Mas theatro e romance são protervia e aberração de Satanaz, maligna epidemia e mortal toxico espalhado sobre a nossa sociedade. Dizem-no com galanteria de estylo e correcção de phrase os zelosos, que a honra de Deus almejam defender.

Mas é errada tactica e perdido ataque. Com elle só se conseguirá, que uma ou outra religiosa familia não transija com o mal. Podia conseguir-se mais e melhor, escrevendo bons romances e boas peças theatraes.

O theatro hespanhol tinha-se ultimamente arrastado em miseravel abjecção. Os dois irmãos Quintero, com inimitavel sal andaluz, que é mais refinado que a salmoira Attica, e suas correctissimas producções, levantaram extraordinariamente o nivel do tablado hespanhol, e a luz da ribalta illumina por vezes typos de nobreza e de virtude com gracil belleza apresentados.

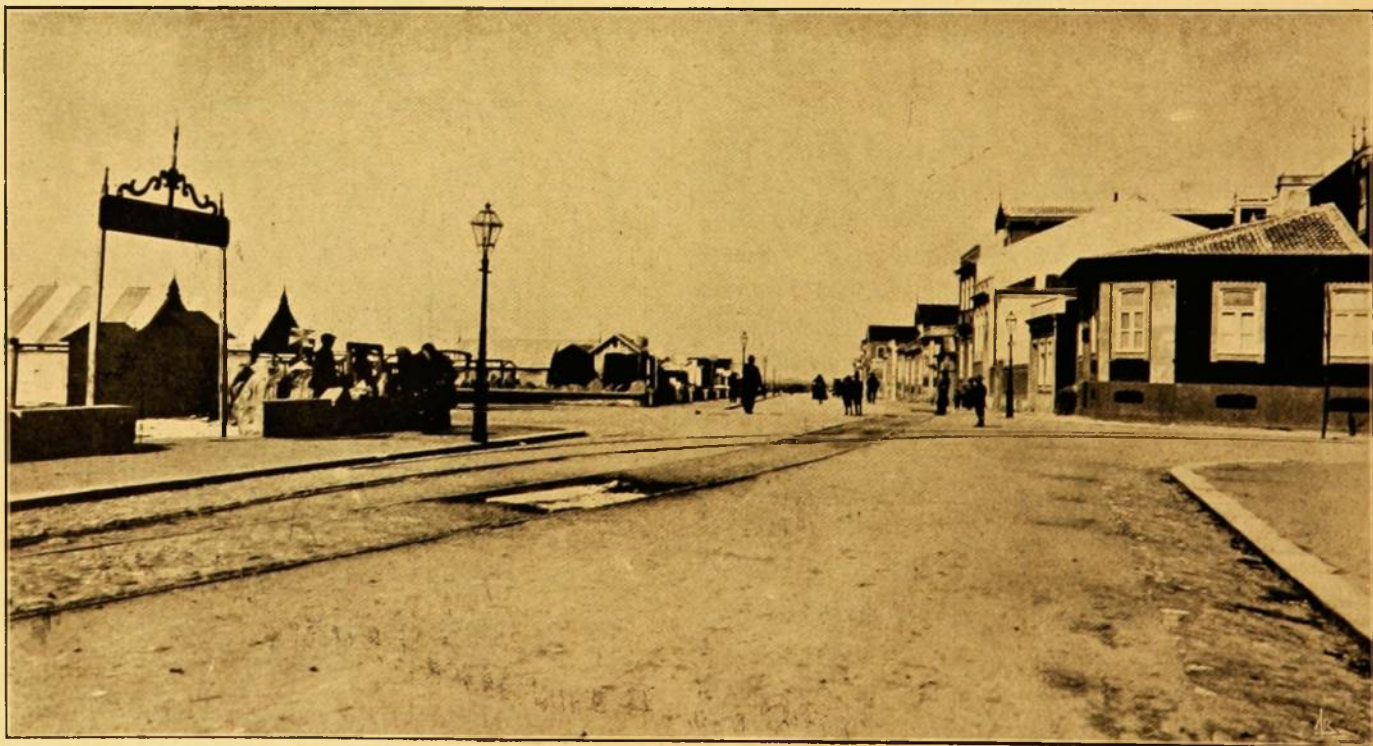
Fazer assim... vencer o inimigo no proprio terreno onde nos ataca, e contribuir com essa victoria para o levantamento moral do povo, é obra que pode fazer a intelligencia catholica escrevendo para o theatro, escrevendo romances. O labor é mais facil do que á primeira vista nos parece.

Fizeram assim os Quintero, e crearam escola, e tambem admiradores como os que ha dias deram o nome dos dois dramaturgos a um theatro de novo edificado e que lhes ostenta, á bocca do proscenio, os retratos, em dois formosos medalhões.

No dia da inauguração leu-se n'elle uma poesia bellissima dos dois irmãos, cujo *post-scriptum* interessantissimo, dizia assim, traduzido ao idioma nosso:

> *Post data* — Se chega um dia
> No qual o ar d'esta scena,
> Rarefaz ou envenena
> Quer licença, ou grosseria;
> Não cause admiração
> Se, correctos e sensatos,
> Os dois modestos retratos
> Fugirem do medalhão.
>
> S. e J. ALVAREZ QUINTERO.

Bonito pensamento e optimas disposições. Oxalá o exemplo fructificasse em nossa patria, e tivessemos no theatro e no romance, como hoje já está na imprensa, a *litteratura ao serviço do bem*.

R. C.

POVOA DE VARZIM—Rua dos Banhos

POEMAS PEQUENINOS

A Filha de Jairo

(INÉDITO)

O Mestre sobre a barca arenga ás massas.

Escutam-no os Hebreus de varias raças,
sobre os montes a pique e nos relvados,
extaticos, attonitos, calados,
na outra margem do lago ao pé do rio.
— firmes, de pé, ao sol, ao vento, ao frio.

Seu olhar, ora é mudo, ora interroga.

N'isto certo varão, Chefe da Synagoga,
por nome Jairo, homem de sãos conselhos,
chega ao Rabbi e beija-lhe os joelhos.
«Dize, a que vens?»
Diz gravemente o Mestre.

Rabbi—geme elle—o meu fallar silvestre
não te póde esboçar nem dar a ideia
da angustia atroz de que minha alma é cheia!...
Tenho uma filha tenra e tamanina,
tão mimalha e gentil, mas tão franzina,
com tal fragil viçor, tão roseo brilho
como um clarão da Aurora n'um junquilho.

Se solta um ai—minha alma está de bruços!
Se adoece—todo eu rompo em soluços!
Pois bem, Rabbi, a minha filha expira!
Toda a gente que a adora e que a admira,
á minha porta está a lastimal-a!
Tudo a chora Rabbi!... Vem tu salval-a,
—pois mal a toques pôr-se-ha em pé!

Surprezo o Mestre, então, de tanta fé,
parte com Jairo, os Doze, os Phariseus,
Escribas, Anciãos, todos os seus,
Pedro, João, Thiago, o Iscariotes,
mais toda a plebe, em grupos e magotes.

N'isto certa mulher magra e doente
de um fluxo de sangue impertinente,
por detraz toca-lhe a aba do vestido,
dizendo a sós com ella, em tom sumido:
«—Se o consigo tocar fico curada!»

E assim foi: pois sentiu-se alliviada,
logo alli do seu mal em continente.
Mas o Mestre voltou-se de repente
com a vista sondando tudo em roda
e pergunta, encarando a turba toda:
«Quem é que a minha tunica ha tocado?...»

Um dos Doze, porém, que estava ao lado,
ao Rabbi torna: Santo Mestre aqui
tudo em massa se impelle e agarra a ti;
porque perguntas pois: «Quem me ha tocado?»

Mas Elle continuava a olhar calado.
E enfiada a mulher áquelle olhar agudo,
aos pés lhe cae, soluça, narra tudo.
O Mestre, olhando-a, então, piedoso e grave
lhe diz com essa voz que é mais suave
que o Lyz de Jerichó e a estrella d'alva:
«—Estás sã, minha filha! A fé te salva!»

Discursava ainda assim d'esta maneira,
quando de Jairo os servos em carreira
lhe clamam: «Deixa em paz o bom Rabbi
«A tua filha é morta.» E um grita: Eu vi!
O olhar do pobre Pae soluça e roga.
Jesus lhe diz: Chefe da Synagoga!
Que isto não te acobarde, honrado amigo!
—Continúa a ter fé e vem commigo.

Em seguida elle prohibe á turba uivante
que caminhe com elle mais adeante,
e o mesmo diz aos que eram junto ao lago,
—excepto a Jairo, João, Pedro, Thiago.

Chegados finalmente á moradia,
eis se escuta uma extranha vozearia
dos visinhos postados junto á porta,
em gritos, ais, soluços, pela morta.

O Rabbi entra emfim e diz ás gentes:
Porque são tantos gritos estridentes,
tantos gemidos, ais, tal desesp'rança?...
A joven não morreu. Dorme, descansa.

Ouvido isto, cem boccas depravadas
desataram a rir ás casquinadas.

Ha mil insectos máos assim na Terra.
Jesus fal-os sahir, a porta cerra,
penetra pela alcova da finada,
mais os paes e a familia desolada,
e diz, tomando a mão da pequenina:
«—Eu t'o ordeno! Levanta-te, menina!»

E eis logo a irmã gentil das açucenas,
roseo botão, com doze annos apenas...
pela mão do Rabbi se ergue e caminha,
como ensaia seu vôo uma andorinha.

Quem poderá contar o riso e o pranto,
dos paes, de todos, seu suave espanto?...

Como quem vae do inferno ao Paraizo,
e fica tão gostoso e enternecido,
ora a rir e a chorar, quasi sem sizo,
extasiada a face, a alma, o olhar,
egual quadro se viu bem parecido,
bem commovente, terno, singular!

Quem ha pouco chorava, abriu-se em riso.
Quem ria do Rabbi... pôz-se a chorar.

11—8—913. GOMES LEAL.

Sob as azas de um monoplano

(NOTAS D'APOLOGETICA)

Toda a gente se interessa pela aviação: a sympathia que ella inspira é quasi universal. Sabios e ignorantes, francezes e estrangeiros, todos a admiram. Os incredulos... acreditam n'ella, e d'ella gostam, como as Republicas, das visitas de um rei. A aviação permitte que uns acclamem o milagre, como a chegada de Affonso XIII, que outros gritem: — viva o rei!

Eu gosto da aviação como toda a gente. N'esta epocha de ferias, achei vagar para me perguntar o motivo d'esta predilecção. A aviação é uma temeridade e tudo o que faz é temerariamente. Não admira, pois, que ainda ella dê um arrogante e ousado desmentido a tres coisas deploraveis, talhadas pela sua helice... como as outras victimas...

São ellas: o atheismo, o anti-patriotismo e o materialismo.

Tantas coisas em *ismo!*... Tentarei desenvolver estes tres pontos sem cahir no... sermon*ismo*, nem no abstraccion*ismo*.

*

A aviação dá um desmentido ao *atheismo*.

Põe em presença o homem e a ave.

Em primeiro logar, o homem constatou —o que não era muito difficil — que a ave vôa, emquanto que elle não vôa.

Logo depois, sentiu o desejo de voar. E tratou de enfeitar-se com aquillo que a natureza lhe não fornecêra:—as azas. E alcançou-o...

Ainda não d'uma forma completa, é certo!... O segredo da ave só por metade o conhece, mas já não é como o segredo de Polichinello. A estas horas o homem dedica toda a sua razão ao estudo da ave e a sua intelligencia acceita-a como um modelo. D'aqui uma constatação e uma pergunta.

Constatação: — O homem tomou ás aves as azas. Pergunta:—e onde as foram ella buscar?

E se é uma obra prima para nós ter creado a aviação, que genio não seria preciso para crear uma ave!...

D'onde é necessario concluir,—ou a ave é infinitamente mais intelligente de que nós, o que não é lisongeador nem verdadeiro, ou alguem existe, infinitamente intelligente, que creou a ave.

Eis o atheismo desmentido!

*

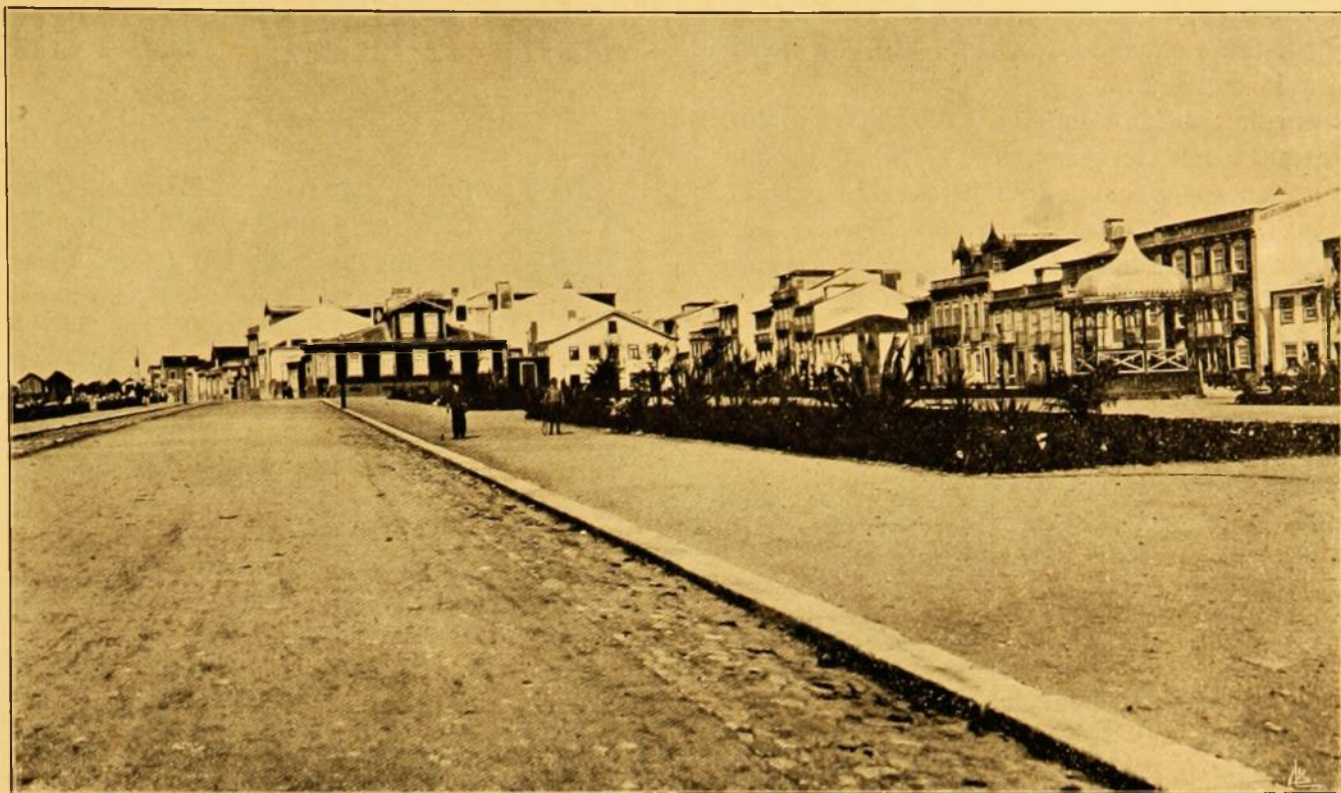
Um outro desmentido dá a aviação: ao *antipatriotismo*.

N'estes tempos de internacionalismo, no meio de theorias que apresentam as patrias como invenção malefica, a bandeira como um farrapo, e o exercito como uma praga, a aviação nasceu.

Apparentemente, que deveria ella produzir?

Ao que parece, deveria collaborar com os sem-patria: porque, emfim, era utilizada para demonstrar a inutilidade das fronteiras, transmontando-as alegremente, apezar dos seus limites, das sentinellas, dos guardas fiscaes, dos fortes e das metralhadoras. «Não ha patrias sem fronteiras; ora, quanto a fronteiras, bem vedes o caso que faço d'ellas!»

Pois bem: nada d'isto!... E se, especialmente entre nós, ao mesmo tempo que a aviação se eleva, o patriotismo se levanta, não ha n'este facto uma simples coincidencia. A lei da patria é de tal maneira natural que a propria aviação soffre a lei da fronteira. A' hora a que escrevo estas linhas, as nações concertam-se, não para demolir as fronteiras cá de baixo, mas para crear as fronteiras lá de cima. Havia a terra allemã e a terra franceza: d'ora-'vante haverá o ar francez e o ar allemão.

POVOA DE VARZIM — Praça do Almada

POVOA DE VARZIM — Passeio Alegre

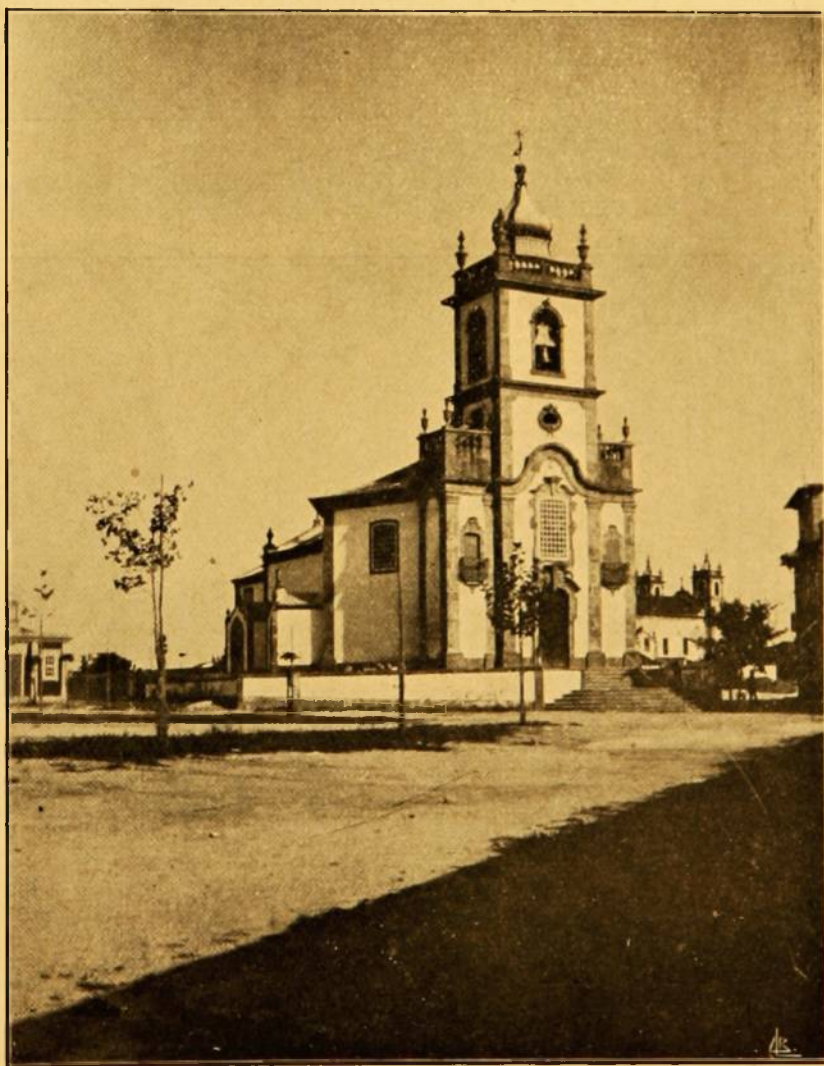
Mais ainda. Com outros elementos que fastidioso seria enumerar aqui, a aviação contribuiu para nos lembrar que uma ferida sangra continuamente no coração da França e, que jaz perto d'ella, um membro amputado, que talvez lhe pudesse ser restituido: a cirurgia faz hoje identicas maravilhas. O que não ousava pensar-se outr'ora, pensa-se hoje... e a aviação é um exemplo. Tanto mais ciosos somos do nosso legitimo direito, quanto mais meios possuimos, de o fazermos respeitar.

*

O ultimo desmentido da aviação é o *materialismo*.

Por esta palavra entendo eu, sobretudo, esse materialismo pratico, que faz com que o homem, sem negar a sua alma, a si mesmo não inquira se tem uma, e a rasteje no lodo das necessidades quotidianas quando a não atasque na lama das paixões aviltantes.

Observae, pelo contrario, um campo d'aviação. Tentae, — que não é difficil — adivinhar o que vão pensar actores e espectadores, os *aviadores e o publico*.

Os *aviadores?* Imaginae o que póde valer aos olhos de quem paira nos ares — e cujo menor desvio póde causar a morte — as discussões puramente politicas, as luctas entre radicaes e socialistas, as guerras do Alecrim e da Mangerona, as pequenas e multiplices combinações do arrivismo desenfreado... Lá de cima, como elle vê o homem pequenino!... O Palais-Bourbon parece-lhe minusculo castello de cartas... Feliz em respirar um ar mais puro, é com pezar que vê chegar o momento de se pôr em contacto com as nossas pestilencias...

POVOA DE VARZIM — Capella de N. Senhora das Dôres

Além d'isto, elle sabe que deve ao publico o

pagamento do espectaculo que lhe está offerecendo... deve-lhe o exemplo do sangre frio, da pertinacia, e da coragem...

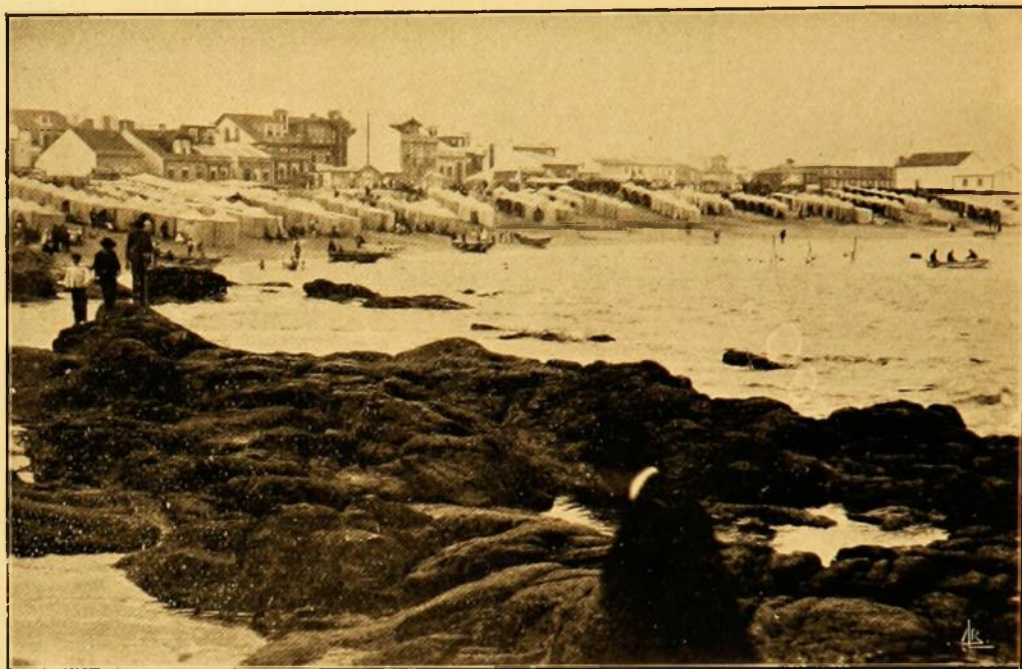
E por fim, obriga o publico a olhar para o alto.

Porque è esta, forçosamente, a attitude do publico. Foram aos cinematographos durante a estada de Affonso XIII em Paris? Viram, nos films, o campo de Buc? Todos, desde o mais pequeno soldado até ao presidente da republica e ao rei de Hespanha, todos olhavam... para o céo!

E esta posição é benefica para o homem. Tantas coisas nos convidam a olhar para a terra! Deus, todavia, creou-nos para olharmos para o céo: a posição vertical é nossa — e sómente nossa — e os nossos olhos foram accêsos para fitarem o firmamento... Ora, é precisamente isto o que o aviador nos obriga a fazer: *excelsior, mais alto*, é a sua divisa, e elle nol-a impõe a todos. E á força de tanto olharmos para o alto, acabaremos por lembrar muitas vezes e melhor comprehendermos aquella phrase de Santo Agostinho: «Como a terra me parece feia, quando contemplo o céo!...»

DUPLESSY.

Um milagre do Papa

No dia 5 d'este mez, no *Bureau de Constatations*, em Lourdes, entrava uma senhora acompanhada de um joven, figura meditativa, de adolescente que vae perseguindo um sonho intimo e doce.

POVOA DE VARZIM — A praia dos banhos

Era a sr.ª Beaumont e seu filho Godofrêdo, de 22 annos.

O Dr. Boissarie ergueu-se da sua cadeira, veio ao encontro d'elles, e, voltando-se para os assistentes, não occultando a commoção que sentia, apresentou:

— «Vemos todos os dias miraculados de Lourdes. Eis aqui um miraculado do Papa.»

Sollicitada pela extranha curiosidade dos presentes a sr.ª Beaumont contou a historia do milagre operado por Pio X sobre seu filho:

«Tinha este 3 annos e meio quando abcessos lhe perfuraram os tympanos. Otite media muito dolorosa que o prostraria enfermo para sempre a despeito dos tratamentos de muitos especialistas. Os tympanos haviam-se reformado, mas cobertos de nodosidades, de cicatrises: os ossiculos ankylosados recusavam-se a funccionar. Já nada esperavam os medicos. Um d'elles aventou um dia a ideia de uma operação. A mãe desolada, pediu-lhe esclarecimentos. E o proprio medico hesitava.

POVOA DE VARZIM — Um aspecto da praia

N'um café:

— Não ha coisa como a gymnastica para a saude; duplica as forças e alarga a vida.

— Mas nossos avós não faziam gymnastica e não obstante...

— E' verdade que a não faziam, mas bem vê como já lá vão todos.

— Minha senhora, é preciso trepanar para libertar os ossiculos, e ainda assim o resultado é *dubitativo*.

A familia multiplicava as peregrinações a Lourdes, quasi annualmente. Ainda em 1912 por lá veio, sem resultado, ao regressar de Salies de Bearn. O joven, sombrio, desesperançava-se, rezando sempre. Quiz ir a Roma com a peregrinação de agosto-setembro 1912, conduzida pelo P. Garnier. Os seus companheiros de viagem notaram aquelle moço, soffrendo, silencioso, que não queria mostrar a sua enfermidade e a espaços trocava raros monosyllabos com sua mãe, desditosa, cercando-o de mil ternuras.

O doente e sua mãe tinham fé no poder das Chaves da Egreja, no poder do Papa e da Virgem Maria que ambos iam invocar. Prostraram-se sob a benção pontificia, na recepção geral dos peregrinos de França; mas nenhumas melhoras vieram recompensar a sua fervente esperança!...

Iam abandonar a Cidade Eterna, quando a 10 de setembro, ás 11 horas da manhã, um favor providencial lhes permittiu haverem dois cartões para uma audiencia particular. Tomaram logar, com outros doze privilegiados na sala das recepções, contigua ao gabinete de trabalho de Sua Santidade.

O Santo Padre appareceu, e, rapidamente, passou por deante do semi-circulo dos seus felizes visitantes, escutando cada supplica, abençoando-os.

O Papa chegou junto da sr.ª Beaumont.

—Santo Padre, abençoae a minha familia e curae o meu filho, disse a mãe, emocionada.

POVOA DE VARZIM—Sahindo para a pesca

Olhou-a o Pontifice, n'um olhar ineffavel de bondade, deu-lhe o annel a beijar e passou adeante.

—Santo Padre, dignae-vos curar-me, supplicou o joven, ajoelhado deante d'elle.

E o Papa parou para lhe perguntar em francez:

—Tens fé?

POVOA DE VARZIM—Voltando da pesca

Pio X fallára a meia voz. O doente não o ouvia. A mãe respondeu por elle.

—Sim, Santo Padre, temos fé.

Pio X, recuára um passo. Ignorava a doença do rapaz. Tocou por tres vezes a fronte do joven de Beaumont murmurando.

—Sim... sim... sim...

Já Sua Santidade abençoava um outro assistente. Os fieis presentes nada ouviram d'este curto dialogo. Apenas o P. Garnier se espantára com a demora um pouco maior do Papa deante da mãe e do filho.

Godofrêdo de Beaumont, esse, ouviu distinctamente os tres *sim* do Papa. E o seu reconhecimento silencioso fundiu-se em lagrimas d'alegria. Sua mãe, porém, nada percebe, e quando Sua Santidade desappareceu ella ainda para elle estende os braços supplices intercedendo por seu filho.

POVOA DE VARZIM—O mercado do peixe

POVOA DE VARZIM—Tomando o banho (Clichés de J. Carlos R. Almeida)

Desolada, volta-se para este, mas vê jubilo no seu olhar. «Estou curado!»—diz-lhe elle, e ambos partem, levando no coração um hossanah d'acções de graças.

O ultimo especialista que tratára Godofrêdo de Beaumont examina-o apoz o regresso. Constata que o poder auditivo de cada ouvido, precedentemente desegual, permanece desegual, mas duplicou d'um e d'outro lado. Ainda faz outra constatação importante. Os tympanos continuam no mesmo estado, os ossiculos sempre ankylosados, e no entanto a audição melhorou nitidamente. E' o facto frequente de Lourdes: a lesão persiste, mas a funcção restabelece-se.

O cardeal Andrien quer ver o moço curado. Este, com o seu abbade accedeu aos desejos do Prelado, que o interroga:

—Então, sr. abbade, constatou de facto algumas melhoras?

—Oh! Eminencia, para o confessar, era preciso fechar todas as portas da sacristia, gritar, e nem assim estava seguro de que elle me ouvisse·

—E agora?

—Agora, confessa-se como toda a gente.

Eis a narrativa da sr.ª de Beaumont, simples

como o amor maternal, fervoroso como elle. E' a narração da verdade.

E porque o é, nós repetiremos a prece da Egreja:

Dominum conservet eum et vivificet eum!...

PRAIAS PORTUGUEZAS == A POVOA DE VARZIM

Grande copia de photographias da risonha praia da Povoa, a predilecta dos banhistas do norte, podiam dispensar-nos da banalidade de umas palavras elogiosas, que teem fatalmente que ser banaes, por mais rendilhadas que queriamos fazel-as, toucando-a da nivea espuma que se enrola nos recifes poveiros como gracil-manto de arminho.

Ao contrario de outras terras que se mantem n'uma estiolisadora conservação de velhos habitos, respeitaveis aliás, a Povoa de Varzim tem progredido e se tornou uma praia moderna e luxuosa que já não fica mal collocada ao compararmo-la com as elegantissimas de Ostende, San Sebastião e Nice. E o que esses e outros grandes centros europeus ganham no luxo capitoso, o perdem na expressão de belleza natural, e tranquillidade beatifica que exornam todos os recantos d'este Portugal tão lindo.

A excursão d'Aveiro á Povoa de Varzim
Os excursionistas dirigindo-se para os Paços do Concelho onde receberam os cumprimentos de boas vindas.

Não ha praia portugueza, (e Portugal é todo elle uma extensa praia) que não tenha bellezas e encantos; mas a Povoa de Varzim tem entre as companheiras um logar de distincção, tão recheada é de panoramas formosissimos, e de expressões peculiares e muito mais da belleza.

A Povoa de Varzim bem merece a predilecção dos banhistas, e bem na merece a dedicação dos seus filhos, concorrendo á compita para engrinaldar cada anno a sua terra com novos melhoramentos.

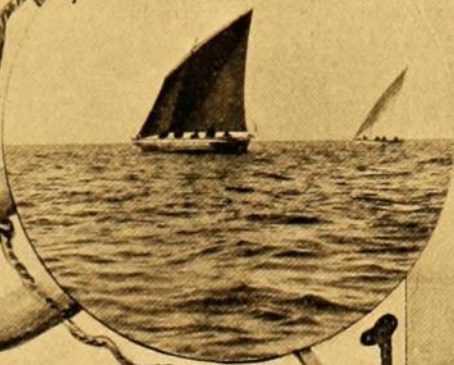
A excursão d'Aveiro á Povoa de Varzim
O desfile dos excursionistas na Praça do Almada

(Clichés do rev. Aurelio de Faria.)

Se eloquentes são as photographias que enserimos, tambem não é mysterio para ninguem que tenha, com um anno de intervallo, visitado a encantadora Povoa de Varzim.

A construcção de novos edificios, a abertura de largas ruas dá á villa um cunho accentuado de elegancia, que muito bem lhe fica e alinda o seu aspecto.

Depois, n'estes mezes da estação calmosa, quando a frescura das ondas convida a aspirar a plenos haustos as brisas marinhas, a Povoa acena-nos como uma miragem de sonho attrahindo para ella, suavemente as populações citadinas.

Povoa de Varzim
Á volta da pesca
Quando o mar está calmo
Aproxima-se a tempestade
Armando a vela
Na maré baixa

No toldo depois do Almoço

Ao argaço depois do sol posto

Passeio de barco

No banho

As Vagas

(Clichés de Rebello Junior.)

PORTO - Uma festa na Foz do Douro

A egreja parochial de S. João da Foz onde se realisou a festividade

Com uma numerosa e distincta assistencia realisou-se no passado domingo, 10 do corrente, uma sympathica festa na egreja parochial de S. João da Foz do Douro, a primeira ali celebrada depois que aquelle templo foi restituido ao culto catholico.

De manhã realisou-se a tocante cerimonia da primeira communhão a um grande numero de creanças devidamente preparadas para este acto religioso, seguindo-se a festa ao «Corpus Christi» que ali se festejava com toda a solemnidade n'aquelle dia.

Foi orador nas duas festas o reverendissimo Snr. D. Antonio Barbosa Leão, Bispo do Algarve, que de tarde administrou o sacramento da Confirmação a numerosas pessoas.

Sahindo da festa

O Snr. Bispo do Algarve sahindo da egreja

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»

Fastos do Catholicismo

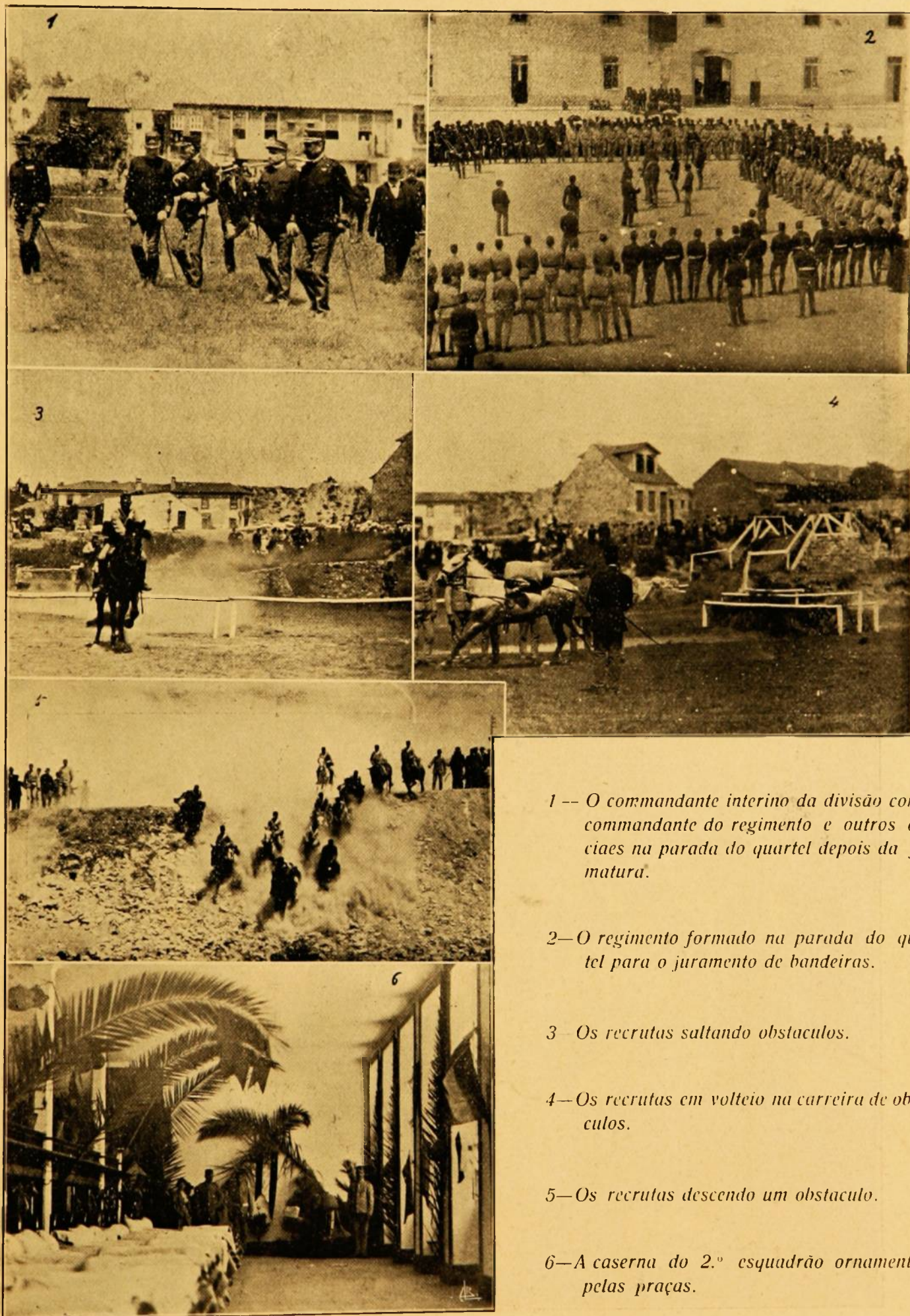
Uniforme dos capellães militares na Allemanha

E' muito recente um decreto do imperador Guilherme, descrevendo o uniforme que os capellães militares devem usar em caso de guerra ou mobilisação.

Compõe-no um viatorio de cotim escuro, com gola voltada avivada de roxo. Calça de panno egual, por terem montada, presa nas botas. No chapeu igualmente avivado de roxo-violeta as armas do Imperio e uma cruz, em esmalte.

No braço esquerdo, a braçadeira da Cruz-Vermelha. Uma cruz peitoral de oiro fica presa a uma cadeia. Além d'isso, os capellães catholicos trazem a estola roxa nas marchas e no campo de batalha.

Dando a conhecer esta curiosa determinação não queremos deixar de fazer notar que a Allemanha protestante sustenta e muito honrosamente um corpo de capellães *catholicos*.

PORTO. O regimento de cavallaria 9 em festa

1 — O commandante interino da divisão com o commandante do regimento e outros officiaes na parada do quartel depois da formatura.

2—O regimento formado na parada do quartel para o juramento de bandeiras.

3—Os recrutas saltando obstaculos.

4—Os recrutas em volteio na carreira de obstaculos.

5—Os recrutas descendo um obstaculo.

6—A caserna do 2.º esquadrão ornamentada pelas praças.

BARCELONA. — Associação do Menino Jesus de Praga

Meninas fabricando os enxovaes.

Esta instituição fundada em 1904 tem quasi por fim exclusivo fazer enxovaes para meninos pobres recemnascidos.

E' dirigida por uma junta de senhoras e tem organisado um coro de meninas que se dedicam a costurar para os pobres, administrando-lhes tambem o ensino da doutrina christã.

Vestindo um dos protegidos da casa.

DEPOIS DA VICTORIA

O rei Constantino da Grecia e o seu primeiro ministro estabelecendo as condições da paz.

PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL
Joaquim Antonio Pereira Villela.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500

Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.

Numero avulso	60

Numero 9 Braga, 30 de agosto de 1913 **Anno I**

DOURÃES CASTRO
Cirurgião-Dentista
Largo do Barão de S. Martinho, 10
BRAGA
Numero Telephonico: — 258
Doenças da bocca e dos dentes; tratamento natural da atonia da dentição nas creanças lymphaticas e escrophulosas.
Collocação de dentes artificiaes pelos systemas Work, Carlavan, Conteneau e Bellegarde.
Correcção das anomalias dentarias por apparelhos de pressão contínua e alternativa.
Consultas desde as 8 horas da manhã ás 5 da tarde todos os dias não santificados.

Revista litteraria semanal de informação graphica

PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL — **Joaquim Antonio Pereira Villela.**

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 30 de agosto de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 9 — Anno I

PENAFIEL—Egreja parochial

(Cliché de Braz Ferreira de Souza)

Chronica da semana

IX

NADA impressionou tanto a opinião do paiz, certamente, do que a execução jornalistica do chefe evolucionista, nas columnas do *Dia*. As revoluções, todas ellas teem os seus ideologos. A' falta de pensadores, a nossa tem-nos e teve-vos tambem. Antonio José d'Almeida é um d'elles.

Na sua eloquencia de tribuno escondia-se um segredo de seducção para as multidões que o escutavam, rangendo os dentes, se elle os rangia, procurando reproduzir no olhar as ascuas de fogo que iriavam o seu.

Affonso Costa revelou-se no poder. Era a reserva da demolição republicana, ouso mesmo dizer, o mais fiel interprete do espirito jacobino que dominou toda a propaganda do partido, e inevitavelmente, segundo as observações da psychologia das multidões, havia de fructear no desvairamento e na intemperie politica que soffremos.

Antonio José d'Almeida, por seu lado, não era nem é um homem de governo. Tem a audacia das apostrophes, apenas. Terminando o periodo doidejante dos comicios, terminado estava tambem o seu papel de politico activo.

Affonso Costa escalou o poder: Antonio José d'Almeida ficou no supedaneo do altar onde jurára o sacrificio da vida.

Isto é o que Moreira d'Almeida acaba de frizar triumphantemente no *Dia*, e que tanto faz lembrar a phrase celebre do chanceller prussiano:

«Não possuimos eguaes ideias em politica, quando d'ella nos occupamos como amadores, na frivolidade d'um dilettantismo, e quando uma situação imperiosa, gravissima, nos obriga a responder pelas nossas acções.»

Convido agora os leitores a desviar a attenção da politica... para não escandalisar um conspicuo patriota que nos remetteu um numero da revista, com estes profundos dizeres garrafalmente escriptos na tarja da capa: *Cheira a thalassaria como burro!...*

Como veem, é impossivel definir melhor o olfacto do cidadão irritado, e só resta pedir-lhe que não empregue o seu tempo a cheirar quanto papel lhe venha ás mãos, só pelo louvavel proposito de destrinçar na pituitaria a sua côr politica...

... Vi ha dias desfilar uma companhia d'um regimento d'infantaria. A certa altura, divisei n'uma fileira quatro rostos conhecidos: quatro seminaristas, quatro futuros padres!...

Garbosos, direitos, como os melhores da força, olharam para mim e sorriram-se... No antigo regime, eram naturalmente isentos do serviço militar os rapazes votados ao sacerdocio. A lei de separação aboliu esse privilegio, que era porventura uma justa reparação, e uma necessidade, para que a educação espiritual do padre mais perfeita se tornasse.

Continuei o meu caminho atraz dos soldados, estrada fóra, e envoltos na poeira, sob um sol abafante que prenunciava trovoada, o tropear da sua marcha e os rufos do tambor, davam uma impressão de força, de surdo rugido e de ameaça.

Sob o copado d'um sobreiral, o bivaque desdobrou-se, e emquanto uns recrutas se estiravam no arrelvado, outros iam dessedentar nas fontes e n'uma taberna lôbrega, e o rapazio carifranzido do logar admirava surprêso o polido das espingardas e bayonetas ensarilhadas; — approximei-me a saudar os meus quatro amigos.

Um sargento, acoitado debaixo d'um alpendre, olhava-me supercilioso... suspendendo a leitura do *Mundo*.

Não sei se os bons rapazes soffreram alguma insinuação cavillosa pela minha approximação, mas o certo é que não liguei nem ligo importancia ao zêlo comico de semelhantes defensores da Republica.

A certa altura, apoz á troca de cumprimentos, perguntei:

— Então vocês o que são afinal? Seminaristas ou recrutas?...

— E' preciso saber de tudo, retorquiu-me um d'elles. Não imagina a ignorancia e a depravação de muitos dos nossos camaradas... Nós somos ambas as coisas: recrutas e seminaristas.

Stendhal não disse que *les seminaristes sont les enfants de troupe de l'Eglise?...*

O clarim tocava a reunir para recomeçar a marcha. Despedimo-nos. Já afastado da força, ainda ouvia o tropear cadenciado da marcha, surdo, depois tenue... até se dissolver no ramalhar das arvores viridentes... E a phrase de Stendhal não me esqueceu. Oxalá estes, os quatro seminaristas-recrutas, a não esqueçam tambem.

F. V.

Aljubarrota!

14 de agosto de 1385

NUNCA é tarde para memorar gloriosos feitos, para colher d'elles as profundas licções para a existencia futura, e apurar, na sua comprehensão nitida, o sentimento nacional.

O anniversario d'Aljubarrota é um d'elles. Atufal-o no olvido ou na indifferença é um crime, uma prova de inepcia.

Registemol-o, pois, n'estas paginas da *Illustração Catholica* que desde o inicio se vem dedicando á divulgação da tradição religiosa e politica portugueza.

Quinhentos e vinte oito annos dobrados sobre os campos memoraveis onde se derimiu o prelio heroico, sente-se ainda na sua recordação intelligente e ousada, que gira nas veias do povo a seiva perenne e renovadora d'uma crença nos destinos a que o Deus d'Ourique o votou!

Quem foi a Aljubarrota com o Mestre d'Aviz e o Condestavel?

A independencia nacional. No exercito portu-

guez, conclue Pinheiro Chagas, havia unidade de acção. Foi a *«carriagem dos portuguezes»* — no dizer expressivo de Fernão Lopes — que insultou toda a gallhardia orgulhosa dos castelhanos.

Que é que exsurge de Aljubarrota? «Uma nação formada, acclamada, baptisada em sangue» — responde Oliveira Martins.

E' parallelamente, a conjuncção d'estes dois elementos de unidade e bravura, que alli em Aljubarrota argamassa o edificio nacional, solidifica-o de novo, apoz as retaliações das guerras civis, durante a dominação da rainha adultera.

O sol de 14 de agosto de 1385 veio encontrar nas almas dos peões, do rei e de Nun'Alvares, a resolução robusta de pelejar para viver. O arcebispo de Braga, espargindo exhortações lembrava as palavras do Evangelho: *Et verbum caro factum est*. E os soldados, bisonhos e serenos, traduziam:

«Que verdade, verdade, é muito caro este feito, mas se Deus quizer ha de sahir de bom mercado».

D. Nuno Alvares Pereira, o Condestavel portuguez

Mais tarde, quando os ginetes castelhanos trucidam os poltrões que buscam na fuga a salvação da pelle e o pregão da propria vergonha, — são ainda os mesmos soldados que commentam: «Morrer por morrer, mais vale morrermos como homens».

João de Monferrat, o brioso cavalleiro gascão, dizia ao Mestre d'Aviz: «Tenho assistido a sete batalhas campaes, e nunca vi soldados com mais resoluta physionomia...»

Eis o segundo exemplo que Aljubarrota nos offerece: a coragem no cumprimento d'um dever patriotico.

Um illustre historiador chama a Aljubarrota o

primeiro signal da *guerra democratica*. Bom será, porém, não introduzir na critica o fogueteio dos termos campanudos. Apoz a trajectoria que a nacionalidade segue atravez a primeira dynastia, phase rudimentar de delimitação do territorio cujos maiores estadios se marcam em Ourique e no Salado; em face da desorganisação e desorientação do paiz calcado pelas patas da cavallaria invasora, contaminado pela bastardia de muitos caracteres Aljubarrota não deve capitular-se de *guerra democratica*, porque tal expressão nada significa perante a historia e perante as leis militares: aquella só nos revela o facto *democratico* com todas as suas consequencias antagonicas com a tradição portugueza, transpostos quatro seculos; e estas, quer olhadas as circumstancias da epoca medieval, quer consideradas modernamente, apenas constatam a *democracia* na guerra, em 1792, na organisação dos batalhões voluntarios da Revolução, formação militar de perniciosos effeitos, que as maiores auctoridades repudiam e condemnam (1).

D. João d'Almeida
Capitão do exercito austriaco, preso em Chaves quando se deu a segunda incursão dos realistas portuguezes. Está na penitenciaria de Lisboa a cumprir pena maior em que foi condemnado pelo tribunal de guerra.

(1) Ainda ha dias foi proposto ao Parlamento da França, a eleição d'uma delegação parlamentar ou commissão civil do exercito, para seguir junto do estado-maior as manobras e os serviços de reorganisação militares, como prefacio d'esses commissariados geraes do exercito de que o jacobinismo nos deixou tão amargas recordações; e *una voce*, tal ideia foi relegada como um preconceito anachronico.
«Imaginae um Jaurés a discutir um movimento de tropas em campanha!—escreve um diario parisiense. Imaginae um generalissimo obrigado a explicar a evolução d'um corpo d'exercito a ignorantes, em vez de o fazer executar bem e depressa!»

Não! Aljubarrota é antes a sancção pelas a[rmas], da obra eminentemente patriotica que Joã[o] das Regras orienta, amolda e retoca nas côrtes [de] Coimbra, é a providencial refacção da unidade n[a]cional, é a ultima étapa d'um periodo de formaçã[o] laboriosa e lenta, é um povo que raspa com a s[ua] tenacidade um futuro largo, e sacóde a fronte im[]maculada quando no grande mysterio do mar echô[a] aquella voz de sonho e de aventura que começa [a] perturbar n'um delirio de gloria, a alma do i[n]fante, — berço d'um mundo novo!

Hoje ainda, é pela bravura, pela unidade, pel[o] cumprimento do dever patriotico que a nação s[e] salvará. E' pela aniquillação de todos os dias subs[]tituindo a delação pela altivez d'um *senão, não* a[n]tigo, a preocupação partidaria pela harmonia de t[o]dos, o culto das formulas pelo culto dos antepas[]sados, que Portugal se salvará...

Convençamo-nos d'estas verdades ha pouc[o] ainda ennunciadas por um grande orador nosso, que resumem toda a licção d'Aljubarrota: «Edu[]quem-se as almas ao contacto salutar das nossa[s] glorias, dos nossos poetas, dos nossos soldados dos nossos ousados navegadores. Voltemos ás fon[]tes puras de inspiração nacional: pensemos e[m] portuguez: escrevamos em portuguez: trabalhemo[s] como portuguezes: despertemos a adormecida alm[a] nacional!»

F. D'ALMEIRIM.

FIGURAS DA BEIRA

II

P.e Antonio Roseira

QUEM entra em Lamego pelo norte, ou an[]tes pelo oriente, vê diante de si u[m] horisonte alegre e amplo, com a not[a] muito artistica do Sanctuario dos Re[]medios n'um fundo em que ha tons de verdura qu[e] sorri. Avista-se ao longe a linha alpestre de Penu[]de, e nem a figura pardacenta do castello quadran[]gular consegue impôr então aquella severa triste[za] que, depois, entrando a cidade, o velho monument[o] como que imprime sempre a tudo.

Dr. Manuel Lopes Roseira
(Deão da Sé de Lamego) fallecido

Até a serra de Penude parece festiva e fecun[]

da. O poder da luz especial] d'aquelle viso de ao pé da Ortigosa alegra todos os relevos, dá alvuras ás cortinas de pedra negra que desabam da serra das Meadas, amplifica, á força de o animar, o panorama que até Santa Cruz ondula, golpeado de caminhos curtos, ás vezes quasi covas, alevantando tambem casas de campo, raras, mas brancas.

Mas, na Ortigosa, á direita de quem entra, ha um arremedo de Bairro Novo, com elegancias de moderna aristocracia. E', defronte da linda vivenda Ferraz, uma linha de casas altas e novas, mas logo dominadas pelo Collegio de Lamego que, n'um plano superior, se estende, enorme, todo de

D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro
(Bispo de Lamego, fallecido)

granito, com muitas e largas janellas sobre o valle em que soluça o riosinho que catadupa nas Lages, valle que, da estrada da Ortigosa, parece um mysterioso abysmo, disfarçado por culturas.

O edificio é magestoso pelo poder e vastidão e pela eminencia do local. Attrae e subjuga o olhar. Rodeiam-no vegetações medianas que elle vence com magestade. Perto, ha a cinza de olivaes raros, dispersos, caminhos rusticos, restos de pedreiras.

O Collegio de Lamego é um estabelecimento em tudo poderoso. Sem elle, não teria Lamego o lyceu, nem teria a receita, a animação, a vida, que representa o seu grande internato. O seu actual director, P.e Alfredo Teixeira, pulso firme, espirito lucido, solido caracter, valorisa-o com austeridade e, ao mesmo tempo, com bondade, paternalmente, com uma tal devoção de filho da terra lamecense, que nem parece d'ella ser um dos mais amados filhos adoptivos. Dir-se-hia o apaixonado thesoureiro d'uma tradição de amor e luz.

Mas quem o fundou foi um santo, um grande missionario de todo o bem, o Padre Antonio Joaquim Lopes Roseira. Bem sei que o verdadeiro fundador foi, como reza uma portaria, datada de 6 de Julho de 1861, o dr. Manuel Roseira, irmão do adoravel Padre Antonio.

Mas o dr. Roseira, professor illustre, não era um pedagogo consummado. Ecclesiastico notavel, sem duvida, preoccupava-se de preferencia com planos de grandes progressos locaes e regionaes, e d'ahi, veio o apaixonar-se muito pela vida politica. Exercia o professorado durante algumas horas por dia, mas nem tinha vocação nem tempo para a gerencia aturada do Collegio. Assim, Padre Antonio foi depressa o director, o trabalhador sem egual.

Installaram o Collegio nos Fornos, á Sé. Ahi fui eu, com cinco annos de edade, receber as primeiras lettras. Lembra-me a minha entrada. Casa vasta, mas fria. Um guarda-portão curioso, o velho Marcellino, fungando pitadas enormes. Escadaria de negro granito. Ao cimo, um grande relogio de sala. Chegava alli vivamente o odor especial das padarias em actividade. Um murmurio immenso: o de trezentos estudantes, distribuidos por muitas salas, estudando ou dando lições, zumbindo como abelhas.

Eu entrei, apresentado por meu pae, que, por si-

Dr. Miguel Moreira da Fonseca
(Lamego)

gnal, teve de me puxar as orelhas por não me assoar— confesso-o humildemente. Veio um prefeito, homem de largas barbas grisalhas, que mais tarde se ordenou, o *Padre Bento*. Eu devia cumprimentar, e metti um dedo na bocca, outro puxão d'orelhas e então ouviu-se a minha voz. O futuro Padre Bento, vendo-me tão pequenino, chamou-me *botões de casaca*, ao que eu, amigo da paz das minhas orelhas, entendi que devia responder: — *Muito obrigado!*

Riu Padre Bento. Meu pae riu, vaticinando-me pilheria e malicia. Mas, n'isto, appareceu um padre baixo, nutrido, bexigoso, de côres vivas, olhos pequenos, penetrantes, mas affectuosos. Era o Padre Antonio Roseira. Tremi. Padre Antonio, a principio, tinha um ar aggressivo.

Pois era um santo, o santo que sempre vi durante os vinte e tantos annos que o tive por amigo, e sempre mestre, estremecido segundo pae.

JOSÉ AGOSTINHO.

Deante da porta doirada

O snr. Alfredo olhou terceira vez para o relogio e exclamou com alterada voz.

—Seis e meia, e o menino sem vir.

Aquelle senhor era bastante severo e não tolerava que se interrompesse a ordem estabelecida em sua casa, quando não houvesse para isso fundados motivos. Methodico em tudo, do mesmo modo que acudia pontualmente ao trabalho, gostava que ás seis da ta.de tudo estivesse, prompto para jantar. Eram seis e meia e seu filho Manuel não tinha chegado!...

A filha, encantadora menina de doze annos, tremia. A mamã tinha secca a garganta e procurava engulir saliva, assustada ao imaginar o par de bofetadas que seu filho ia ganhar, logo que assomasse no degrau da porta. Por isso, murmurou:

—Não te cegues, Alfredo. Quem sabe o que lhe terá acontecido?...

O cavalheiro contemplou-a... E' verdade que a sua mulher podia ter rasão.

N'isto resoou a campainha.

—Elle ahi está!—disse a menina.

O pae levantou-se irado, disposto a receber seu filho de modo bastante brusco, mas sua mulher —sempre mãe!—conteve-o:

—Não é justo que o castigues antes de ouvil-o.

Esta sensata reflexão fez com que o severo cavalheiro se assentasse novamente.

Então na sala de jantar appareceu Manuelzinho, rapaz de quatorze annos de edade, fino, guapo, intelligente. Seus olhos francos e expressivos, fixaram-se no rosto ennevoado de seu pae.

—Então esta é que é a hora de vir, meu filho? perguntou a mãe, que desejava evitar a seu filho um mau boccado.

O jovensinho, não respondeu tão depressa como seu pae desejaria. Este gritou-lhe:

—Responde, imbecil!

O pequeno tartamudeou:

—Estive... n'uma... n'uma visita.

—Visitas a estas horas? V. mente!

E furioso, de novo se levantou o snr. Alfredo, depois de dar uma palmada sobre a mesa, na qual tremeram as jarras e os copos, e dançaram os pratos.

Avançou para o seu filho, disposto a castigar-lhe a mentira, coisa que o cavalheiro odiava, quando se sentiu preso por dois braços muito debeis e que, por isso mesmo não podia desprender de si com força. A menina, abraçada ao seu papá, dizia com voz lacrimejante:

As ultimas corridas de bicycletas em Braga

1—Manuel Alves Machado, primeiro premio. 2—Mario da Costa Palmeira, segundo premio. 3—Antonio Correia Bettencourt, terceiro premio. 4—Henrique José Urze, quarto premio e 5—Alberto Correia Bettencourt, quinto premio.

—Não, não lhe bata, papá!

O pequeno, ainda que o temor lhe abrazava o rosto, teve animo para dizer com arrogancia.

—Não é mentira! Eu não minto!

—Não mentes?... Atreves-te a dizer que não mentes?

—Sim, senhor!

Aquella cathegorica affirmação deteve a colera paterna.

—Explica-te, então, disse o snr. Alfredo.

A mãe, com a habilidade e talento proprios da mulher, interveio:

— Comamos primeiro, se te parece, disse. A hora passa e não é justo fazer esperar os creados, que trabalharam todo o dia. Depois temos tempo de explicações.

O snr. Alfredo era razoavel, cedeu.

a mãe, que tu faças visitas, demais a estas horas. Onde estiveste, meu filho?

A voz doce, melodiosa, acariciadora, de sua mãe, fez-lhe levantar a cabeça de sobre o prato onde parecia ir abysmar-se, e os olhos do joven fixaram-se no rosto, bello ainda, da dama, e as suas pupillas dilataram-se, cheias dos amorosos effluvios de sua mãe. E com o olhar fixo n'ella, fallou, com voz que se ia tornando viril, de expressão facil e segura:

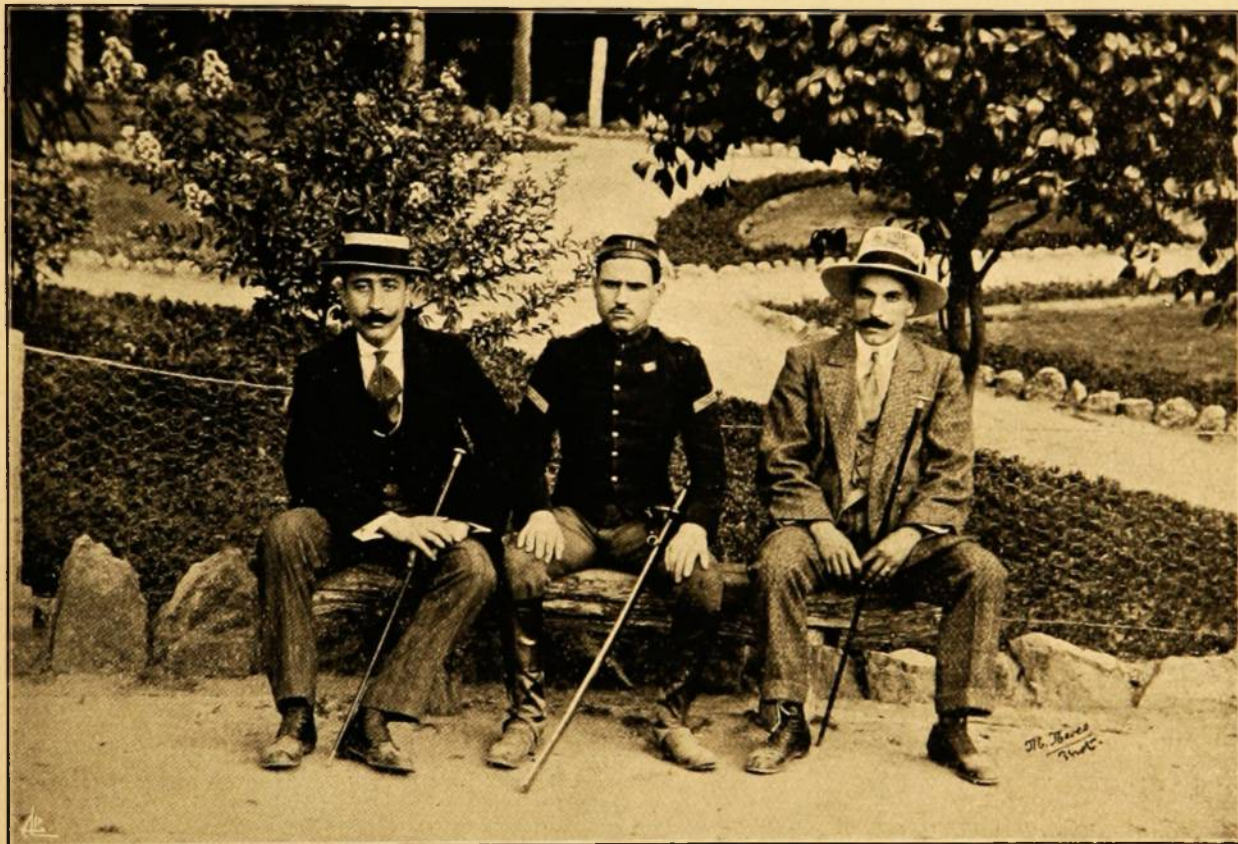
— Deante do Sacrario!

O pae ficou attonito. Não suspeitava que seu filho saisse com tal declaração.

O rosto de Maria resplandeceu de jubilo.

Os olhos da mãe inundaram-se de lagrimas.

— Deante... de que Sacrario? pôde dizer o pae.

— Deante do da Parochia.

A commissão da corrida de bicycletas

Antonio Pedro da Costa Veiga, Claudino Alves Rodrigues e José Simão Vaz.

Começou, pois, silenciosamente o jantar. Sem embargo, depressa encontrou logar para censurar as pessoas desordenadas.

— E' preciso inculcar nas creanças — disse o bom pae de familia — o amor ao methodo, porque toda a desordem é coisa diabolica, por insignificante que pareça. E o caso de hoje não é assumpto de somenos importancia. Pois que? será licito a um filho fazer esperar os seus paes?... Chega um homem a sua casa cansado de trabalhar, debilitado, exhausto e não póde receber o alimento de que necessita para refazer as exgottadas forças, porque o seu filho, um rapazola de quatorze annos, tem que fazer visitas... Visitas ás seis e meia da tarde!... Ora! como se todos fossem tontos!...

Manuel comia e calava, mais córado do que uma papoula.

— Certamente é extraordinario, accrescentou

— Mas a egreja está fechada a esta hora.

— A mim deixam-me entrar pela sacristia. O sacristão é bom homem, e além d'isso, sabe que não vou commetter desacato algum.

— Porém, meu filho — interrogou a mãe, porque não vaes a outras horas?

— Eu vou todos os dias, quando saio do collegio, mas hoje detive-me mais tempo porque...

— Porque?

— Porque agora, n'estes dias curtos do inverno está a egreja ás escuras.

— Não vejo que relação... disse o pae.

— Sem duvida, não me explico bem.

— Procura, então explicar-te.

— Verá... As aulas occupam-me todo o dia e não posso acompanhar a mamã quando [illegible] e ao laus-perenne, de modo que, se não fosse de[illegible]is do meu estudo, não podia ir. Vou, pois, porque... necessi-

to d'Elle! e porque está só no Tabernaculo e devo acompanhal-o sequer um poucochinho!... E quando está mais só é a essa hora, de tarde! Todos vão descansar, comer... Sim, tudo isso é justo, mas não é justo que Elle fique só... e quão sósinho está!...

Ninguem comia. Todos escutavam. Até o criado que servia á mesa, tinha ficado com um prato na mão e sem se mover, escutando o sympathico rapaz. Este accrescentou:

Hoje fui um pouco mais tarde do que o costume. Eram quasi seis horas. A egreja estava ás escuras. Não se ouvia o mais leve ruido. Cheguei deante da grade do Sacrario e ajoelhei. Ardia a luz da lampada enviando, atravez do crystal vermelho, um fio de luz encarnada que se reflectia, sangrento, sobre a doirada porta apóz a qual, Deus vivo, vestido de branco, me esperava... nos espera sempre a todos... Recordei a phrase de um santo bispo que, todas as tardes, tomava o baculo e apoiado n'elle se dirigia ao sanctuario da sua capella, para visitar o Solitario da Eucharistia. Chegava, e, com o baculo, dava um suave golpezinho na porta do Sacrario e dizia: «Senhor, estaes ahi? Pois aqui tendes um escravo vosso.» Recordei isto e disse ao Senhor: «Meu Jesus, que fazeis ahi? Esperaes-me? Pois eu estou aqui!...»

O joven calou-se. Maria perguntou:

— Que mais?

E elle disse:

— O ponto de luz vermelha parecia crescer. Tomava a forma de um coração... E eu adorei!...

Depois, mudando de tom,accrescentou o joven.

— Manasinha, se o mundo soubesse o que é estar a sós com Deus, deante do Sacrario, deante da porta doirada que reflecte a luz da lampada, n'estas escuras tardes de inverno, entre as sombras do crepusculo, sem testemunhas, sem ninguem que não seja o mesmo Deus! Se saboreassem a intimidade de Christo, solitario de amor, preso no Tabernaculo!... E eu.... nem que me castiguem, não o deixo sósinho.

O jantar terminara; Alfredo deu graças e levantou-se. Ao passar junto de seu filho, deteve-se. Poz-lhe a mão sobre a cabeça e disse:

— Deus não quer nada desordenado... Nem sequer as tuas visitas!... Isto é, apressou-se a dizer, se por visitar a Nosso Senhor, occasionas prejuizos a teu proximo. Talvez não reflexionasses no que te digo. Assim,'pois, por hoje te perdôo.

Afastou para traz a cabeça de seu filho e beijou-o na fronte, mas o rapaz levantou os braços e se abraçou com elle chorando, chorando como um pequerrucho de quatro annos.

—Está bem! Está bem!—exclamava o sr. Alfredo.

Penafiel—Festa de Santa Martha.
Aspecto do arraial.

Penafiel—Festa de Santa Martha
A passagem da procissão no campo do Ouro
(Clichés do nosso corresp. phot. J. Abreu.)

E quando se pôde desprender d'aquelles laços tão puros e tão fortes, retirou-se seccando com o dedo uma lagrima que, impertinente, se enredara nas pestanas.

Ao chegar á porta da sala de jantar voltou-se, já sereno, e disse a sua mulher:

— Se n'isso não vês inconveniente, de amanhã em diante jantaremos ás seis e meia... Para que o menino... *não o deixe só...*

MIGUEL ALVAREZ CHAPE.

Dr. Manuel d'Arriaga

(No seu quarto, ainda convalescente)

(Cliché do nosso corresp. phot. em Lisboa).

LISBOA. Egreja de Santa Maria de Belem e convento dos Jeronymos

Foi fundada por D. Manuel I que arrasou a pequena ermida do Restello que alli existia e onde Vasco da Gama velou a noite na vespera da partida para a India, para construir alli a imponente e sumptuosa egreja de Santa Maria e convento dos Jeronymos.

Com esculpturas do mestre Nicolau «o Francez» tendo sido o projecto do insigne João Castilho e do architecto Boytaça ficou uma das mais surprehendentes obras, a que bem alcunharam a *epopeia de pedra* do reinado de D. Manuel.

As obras só vieram a findar na regencia de D. Catharina, viuva de D. João III.

O interior da egreja de3 naves de 88 metros de comprido, 23 de largura e 49 de altura no cruzeiro, é imponente.

Entrando o portico, que serve de vestibulo, vê-se á direita um altar de pedra, por cima do qual está um oratorio envidraçado do Senhor Jesus dos Navegantes; dizem que aqui se disse a missa a que assistiu Vasco da Gama e seus companheiros no dia 8 de julho de 1497 em que embarcaram para a sua aventurosa viagem sendo acompanhados d'alli até á embarcação por grande concurso de povo.

Entre outras bellas capellas tem:—a *capella-mór* em estylo romano, notavel pela architectura e por dois ricos pulpitos. A *capella Vasco da Gama:* que guarda os tumulos do grande navegador, Camões, e do rei D. Sebastião.

Egreja de Santa Maria de Belem e convento dos Jeronymos

Villa Nova de Gaya == Festa de N. Senhora da Saude

Um aspecto da romaria

Teve uma enorme concorrencia de forasteiros a romaria que no passado dia 15 se realisou junto á povoação dos Carvalhos, freguezia de Pedroso, concelho de Gaya, em honra de N. Senhora da Saude.

As gravuras que hoje publicamos apresentam varios aspectos d'esta importante romaria e da grandiosa procissão onde o povo, n'uma attitude respeitosa, assiste ao desfile do religioso acto.

O pallio cobrindo o Santo-Lenho

Novidades velhas e verdades que o não são

A «Broteria», no fasciculo relativo ao mez de julho ultimo, reproduz o final d'uma conferencia que o professor Armando Gautier fez na universidade de Paris, em fevereiro d'este anno, sobre «preconceitos acerca da alimentação normal».

A julgar pelos termos que emprega, parece que o illustre cathedratico se persuadiu de que tudo quanto disse estava por dizer. Se assim o pensa, está redondamente enganado. Em muitos auctores que já não vivem, e de varias escholas, abundam similhantes ensinamentos, quiçá menos preconceitos. Se de entre estes escolhermos o grande apostolo e patriarcha da hydrotherapia, padre Sebastião Kneipp, encontramos, no «Vivei Assim» e nos «Cuidados com as Creanças» mais verdade, mais verdades,—como em nenhum auctor, em harmonia com o Evangelho e com as leis da natureza — intuição incomparavelmente mais profunda e, sobretudo, um cunho de sinceridade que parece privilegio exclusivo d'aquelle caracter.

Mas isto é o menos. O que me chamou a attenção e deu origem a estas breves considerações são estas duas proposições, tão erroneas como contradictorias:

«....... nada de vegetarismo absoluto com suas *laboriosas* digestões, (o sublinhado é meu) o qual *não basta* ás exigencias da actividade moderna; .... acabe-se com a abstenção *pueril* de bebidas fermentadas que dão alegria á mesa e energia ao organismo para resistir melhor á fadiga e aos agentes morbidos».

Laboriosas digestões?! Não basta ás exigencias da actividade moderna?!

Estas affirmações estão naturalmente desmentidas pelos factos: Nem todos precisam de ser vegetarianos como nem todos o podem ser. A verdade, porém, é que «as exigencias da actividade moderna» uma como vertigem ou phrenesi que parece ter-se communicado aos proprios seres insensiveis, inutilisam muitos individuos que no regimen vegetariano ou frugivoro podiam manter o equilibrio das forças e da saude, continuando a prestar serviços á sociedade e á familia.

N'um vegetariano ou n'um frugivoro são as digestões incomparavelmente menos laboriosas, que n'um comedor de carne e apreciador de guisados e ensopados.

Ha, todavia, estomagos arruinados que em virtude do habito, e só d'elle, não são capazes de digerir fructa nem certos vegetaes.

Andor de N. Senhora da Saude

*

A abstenção de bebidas fermentadas não é pueril, e affirmal-o tambem não é pueril porque é escarnecer da verdade e insultar a natureza.

O articulista da «Broteria» cobre tal doutrina com a auctoridade de Gautier, sendo certo que, para estropiar a verdade e negar factos ninguem pode ter auctoridade. Além d'isso, melhor que eu conhece a chronica de certas ordens religiosas cujos membros gosavam, para assim dizer, uma verdadeira immunidade contra muitas doenças e molestias, o

que não pode ser senão effeito da abstinencia da carne e das bebidas fermentadas.

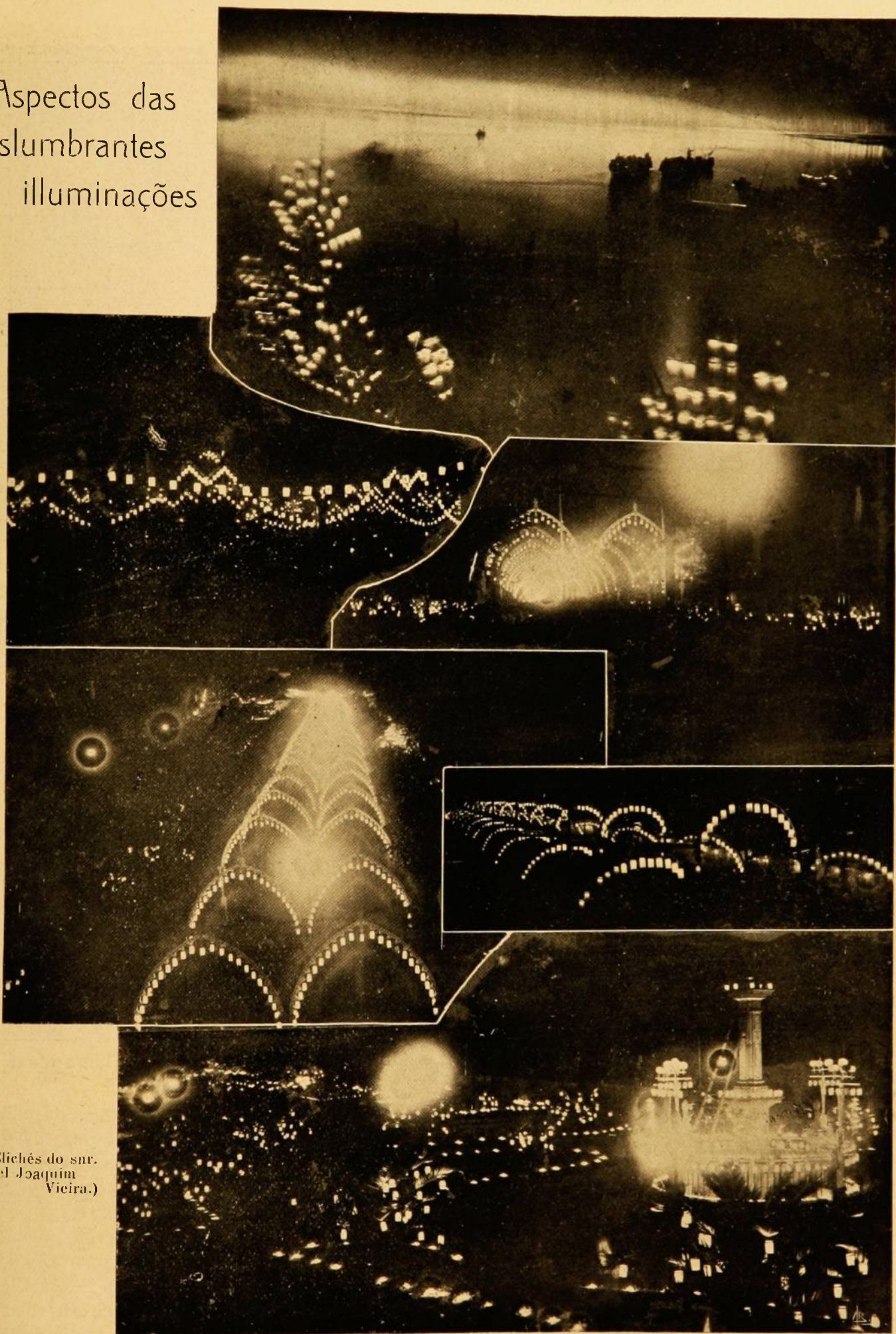
Como as proposições ventiladas affirmam simplesmente, eu nego simplesmente. Quando alguem provar que são verdadeiras eu provarei que o não são.

DOURÃES CASTRO.

Um devoto cumprindo a promessa

O povo assistindo ao desfile da procissão

VIANNA DO CASTELLO. As festas da Agonia

Aspectos das deslumbrantes illuminações

(Clichés do snr. Manuel Joaquim Vieira.)

1—Surpreza da Ponte metallica sobre o Lima. 2—Illuminação do Jardim Publico. 3—Aspecto da illuminação da Avenida Camões. 4—Outro aspecto da illuminação da Avenida Camões.
5 — Illuminação do largo da Agonia. 6 — Illuminação do Jardim de Mercurio.

As festas d'Agonia. Concurso hyppico

N'esta linda cidade de Portugal, a celebrada princeza do Lethes, realisaram-se nos dias 17, 18, 19 e 20 do corrente as tradiccionaes festas e feiras francas em honra da Virgem d'Agonia que se venera na capella da sua invocação, a qual fica situada no Campo do Castello, sendo esplendida a vista que d'ella se disfructa por se encontrar edificada n'uma eminencia.

O alferes Maia descendo uma rampa

O capitão Margaride n'um bello salto

Decorreram essas festas com o maior brilhantismo e com uma desusada concorrencia de milhares de forasteiros tanto nacionaes como estrangeiros que alli foram admirar as bellezas e os encantos da formosa cidade do Lima e gosar essa enorme romaria minhota onde o tradicionalismo se mantem e a alegria popular, carinhosa e boa, se expande.

O capitão Martins de Lima n'um salto d'altura

O capitão Lussignam saltando um obstaculo

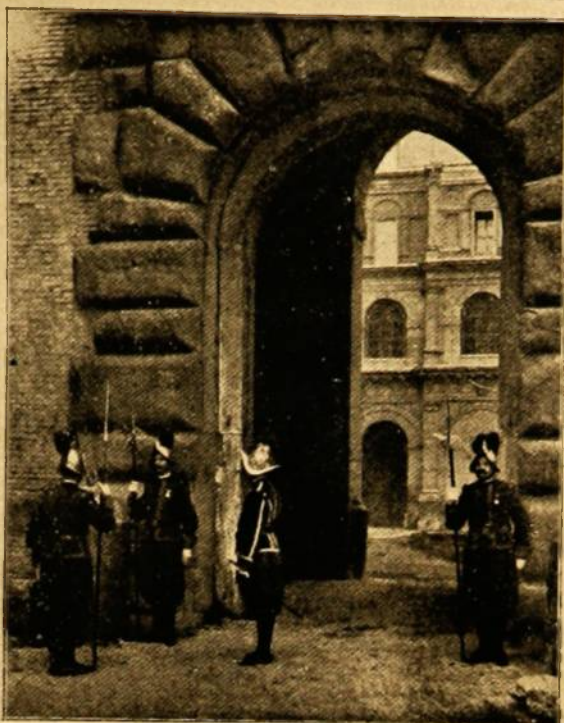
(Clichés do sr. Manuel Joaquim Vieira)

Publicamos alguns aspectos das illuminações dos dias 17 e 19 que foram deslumbrantes, sobresahindo a da Avenida Luiz de Camões e jardim de Mercurio, onde 60:000 lumes davam a essas arterias marginaes um aspecto phantastico, e bem assim um aspecto da cachoeira luminosa, peça de fogo de 600 metros confiada á competencia artistica do fogueteiro José de Castro, d'aquella cidade, que na ponte metallica cerca das onze horas da noite do dia 20 e por occasião da serenata no Lima, appareceu com uma saudação aos forasteiros no fundo escuro d'esse quadro de maravilhas.

Inserimos tambem n'este numero alguns aspectos do concurso hyppico official promovido pelo Sport Club Viannense que n'aquella cidade se realisou com enorme concorrencia de distinctos officiaes do nosso exercito.

Foram umas festas explendidas a que assistiram milhares de pessoas, que ficaram verdadeiramente encantadas com ellas.

NOTAS DO ESTRANGEIRO

O coronel Repond, commandante da guarda suissa

A rendição das guardas á porta do Vaticano

O capitão Glasson, instructor dos recrutas da guarda, que foi demittido

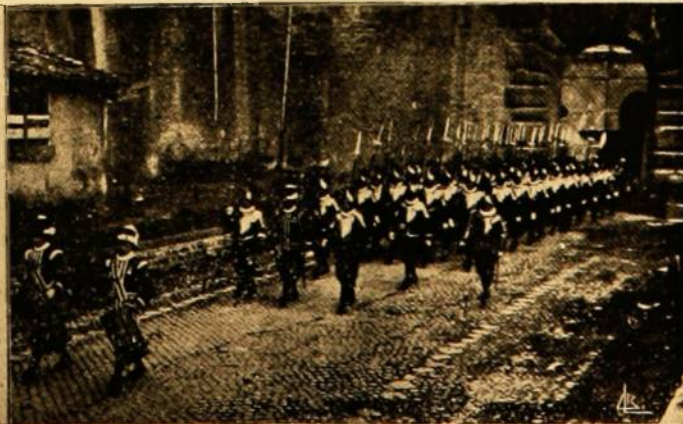
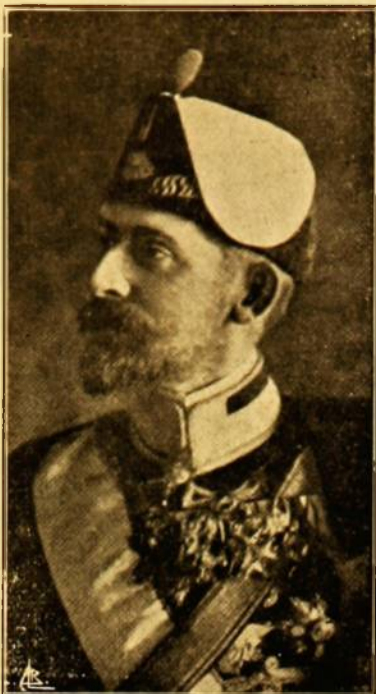
Uma insubordinação na guarda pontificia

A imprensa anti-clerical de todos os paizes pouco ciosa da verdade, procurou ultimamente aproveitar-se de um lamentavel successo occorrido na guarda suissa do Vaticano para d'ahi lançar o descredito ao governo Pontificio.

A pequena insubordinação teve a seguinte origem: O coronel Repond, commandante da guarda suissa receando que o governo italiano por occasião d'uma sublevação popular de elementos exaltados não prevesse á defeza do Vaticano como é obrigado pela Lei das garantias quiz convertel-a n'uma tropa regular, convenientemente disciplinada, ordenando exercicios militares e impondo certos preceitos tendentes a salvaguardar a honra da pequena guarnição. Alguns suissos não aceitaram com bom grado as novas condições e d'ahi tomaram o pretexto para tentativas de rebellião.

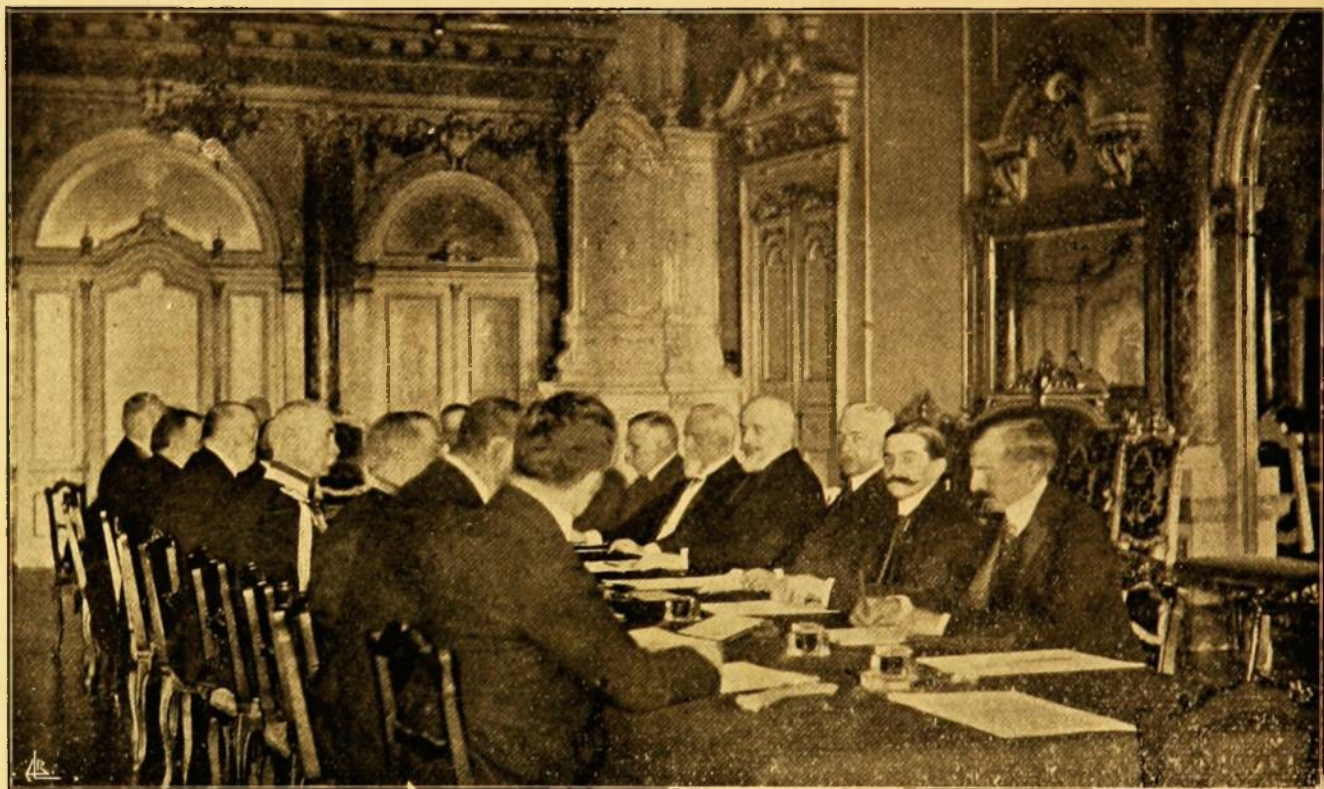
Um inquerito a que se procedeu deu em resultado a expulsão de tres e a immediata demissão do capitão Glasson e de uns treze suissos. Ao commandante Repond foi mantida a confiança, e approvada a sua medida para a restauração da antiga disciplina.

A bandeira pontificia e a sua guarda

Os exercicios contra os quaes se insurgiram os guardas pontificios

Uniforme que muito lhes agrada e que vestem nas paradas

O principe Fernando da Rumania, herdeiro do throno e general-chefe do exercito

† D. Joaquim Pérez Sanjulian

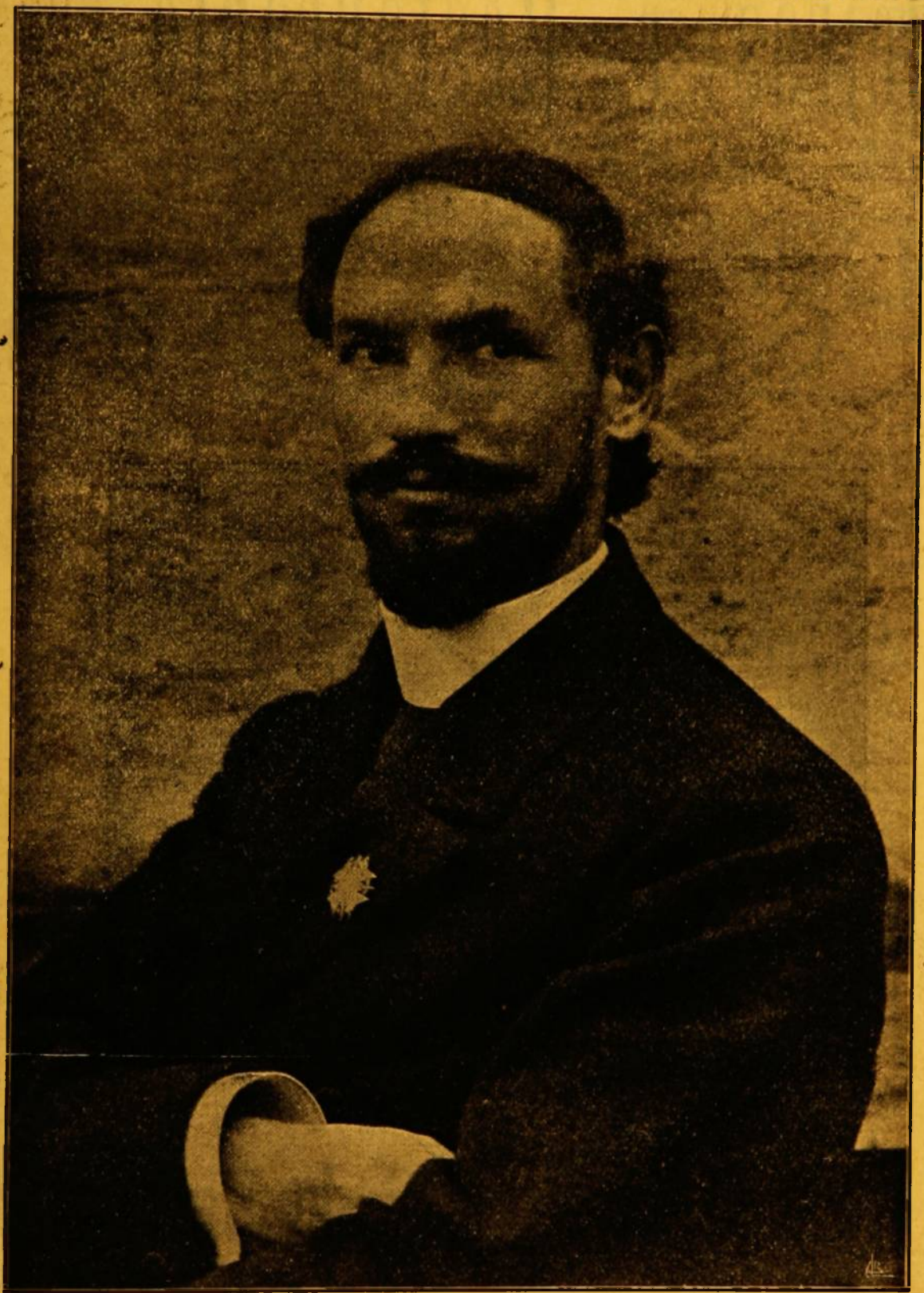
Sacerdote de vasta cultura, publicista illustre e orador de nota, que mereceu justos elogios pelas suas obras doutrinaes em defeza da religião. Foi cathedratico do seminario de Lugo, d'onde era oriundo.

O rei Carlos da Rumania, da casa de Hohenzollern

Conferencia de Bucarest

Reunião plenaria dos delegados dos Estados Balkanicos, onde se resolveu a paz.

Constantino, rei da Grecia

Pedro 1.º, rei da Servia

Fernando 1.º, tzar da Bulgaria

Padre Manuel Fernandes Gomes Himalaya

eminente sabio e celebre inventor portuguez

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 10 — Braga, 6 de setembro de 1913 — **Anno I**

Frigideiras e Restaurante

Casa do Cantinho

Largo de S. João do Souto

Estabelecimento mais antigo

e acreditado n'este genero

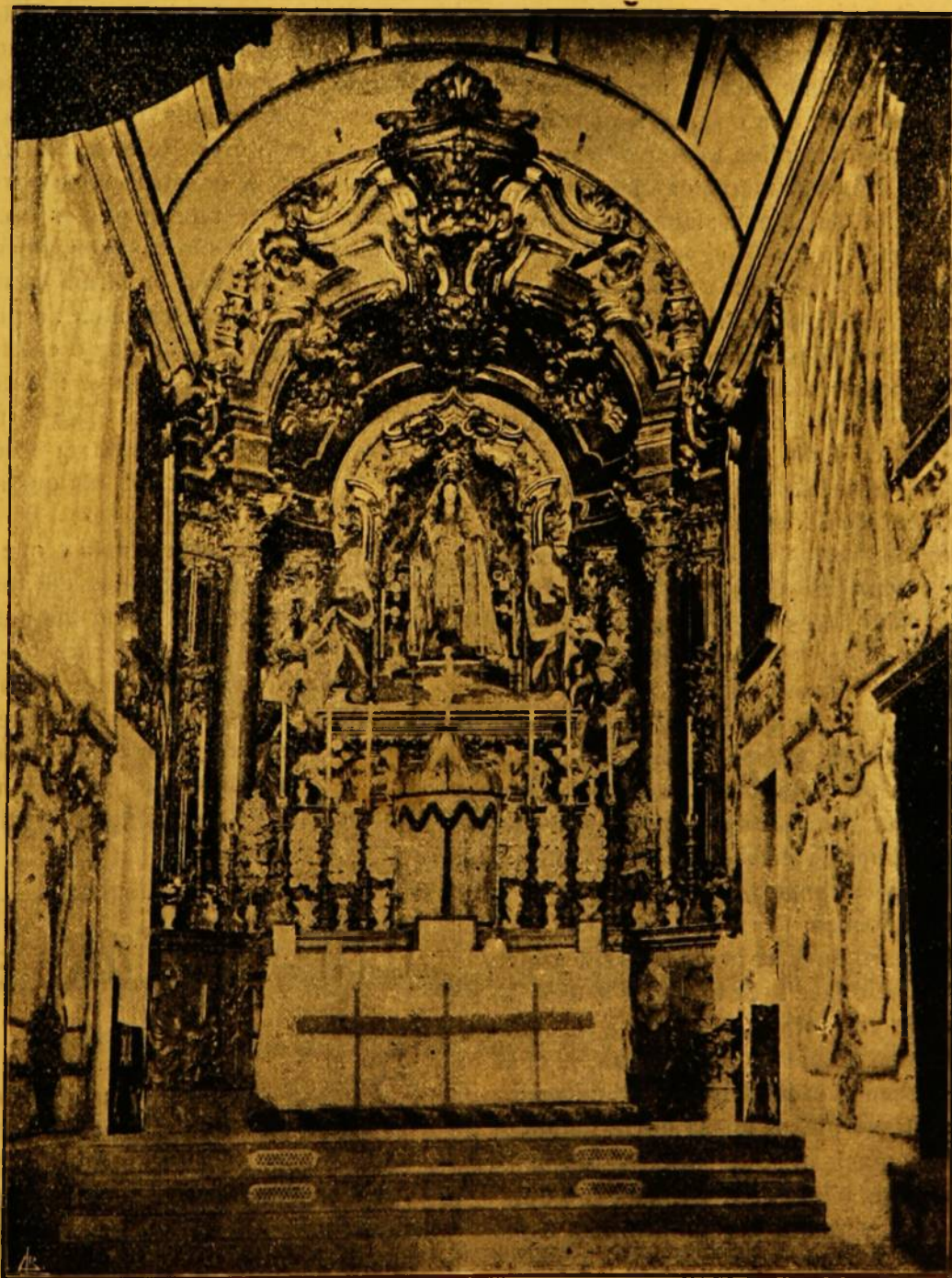
Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 6 de setembro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 10—Anno I

VIANNA DO CASTELLO—Altar-mór da capella de N. Senhora d'Agonia.

(Cliché do phot. amador sr. Eusebio Rocha).

Puristas e relaxados

DESDE que veio a lume a nossa revista, chovem as cartas na redacção, que é um louvar a Deus!

Pois diremos aqui muito á puridade quaes são as que mais nos agradam: de fóra postas as que trazem... vales do correio, as que mais estimamos são as que trazem criticas, reparos, alvitres, dictados pelo desejo de aperfeiçoar e fazer progredir a nossa obra. Que nem para outro fim estimamos o *vil metal* que nos chega dos novos assignantes. Puzemos peito a esta empreza sem intuitos mercantis, e melhor que ninguem o pódem crêr aquelles que nos criticam com conhecimento das difficuldades de toda a ordem que offerece um commettimento d'este genero em Portugal.

Mas revertamos ás criticas. Agradecendo-as todas, inda aquellas que podiam vir em tom menos irritante, queremos tratar hoje das que se referem á parte litteraria. E para começar, louvamos a Deus por inda haver quem zele a pureza da lingua patria! Disso não recórdamos que auctor, mas façam de conta que o dizemos nós, que o signal mais seguro da dissolução irremediavel d'um povo é o desprezo da propria lingua. Não affirmaremos que isto seja rigorosamente exacto. Quiçá possamos, recordando o que escreveu Victor Hugo— que o scepticismo é a cárie da intelligencia — estabelecer que o signal mais seguro da corrupção fatal d'uma nacionalidade é a ruptura das tradições religiosas, scepticismo que caria, fura e apodrenta as intelligencias, resultando d'ahi feder o que se escreve e diz, como halito de bocca mal cuidada.

Como quer que seja, corre o dever, a quem se propõe, n'um periodo de decadencia, sustar a marcha do mal, de envidar todos os esforços para que a restauração do organismo decadente abranja tambem as funcções superiores da intelligencia, desde os actos de fé até á expressão correcta do pensamento. De combater, n'uma palavra, o scepticismo em todas as suas fórmas, que é a cárie e o abastardamento da lingua, que é o mau halito. E diga-se a verdade, se lhe não acudimos, anda ahi já tão deteriorada a lingua dos nossos maiores, que não tardará que nos vejamos precisados de adoptar, por decôro, uma lingua estrangeira, que é como quem diz uma dentadura postiça.

Ora succede que os deveres nem todos são assim bons de cumprir, nem faceis de apontar. E este de pôr a correr mundo uma revista, em terra provinciana, e em ocasião de estiagem litteraria, já com o cunho de irreprehensivel casticismo na linguagem, é pouco menos que utopia. A nossa unica resposta aos criticos mais impacientes podia ser aconselhar-lhes que vissem com olhos quinhentistas as publicações de maior brilho que se publicam na capital...

Mas como o peccado alheio não dispensa da virtude propria, diremos que á pureza da parte litteraria da revista iremos consagrando os cuidados que requer. Advertimos, porém, duas coisas:

A primeira é que nos manteremos equidistantes do caturrismo exagerado e da libertinagem desenfreada—que mais não seja por precisão de seguir o meio termo, á mingua de bom piloto que nos guie a mareagem pelos mares da vernaculidade, onde ha escolhos temerosos, arcaismos, pedantismos, etc.

Nem estamos sós n'este empenho. N'uma obra hespanhola, de Martinez Ruiz (Azorin)—*clásicos y modernos*—encontramos alguns periodos que offerecemos aos mais intelligentes dos nossos Aristarchos:

«No escriptor tudo depende do instincto; toda regra é inutil, e todo estudo no tom do estylo levantado ou prosaico. No *instincto* e só no *instincto* estriba tudo...

«A vida é o que faz a obra de arte. A obra em que haja vida será bella, apesar de todas as incorrecções de estylo. Não nos afanemos em fazer o qne faziam os escriptores de ha tres ou quatro seculos. Vivamos apaixonada, livremente e sem rigorismos de escolas, o nosso tempo...

«Entre o *vulgo litterario* — não entre os verdadeiros artistas — julga-se que um estylo é castiço quando se molda sobre construcções, vozes e maneiras de dizer dos escriptores do *seculo de oiro.* Se os escriptores de hoje são castiços, porque se *tingem* com a construcção e o vocabulario dos do seculo XVII, resulta que estes escriptores de ha tres seculos... não são castiços, porque elles, os grandes estylistas, não imitaram os de dois ou tres seculos antes. E chegaremos ao paradoxo, verdadeiramente absurdo, de que o casticismo consiste em imitar uns escriptores que são castiços... porque o não foram, isto é— adeante com o enredo!—que o casticismo estriba em fazer o contrario, *imitar*, do que fizeram os escriptores que são a mais alta representação do casticismo».

A segunda advertencia é que não podemos ver com indifferença agitar se em torno de nós a nova geração litteraria, e fechar-lhe descaroavelmente as portas da nossa casa. Deixemol-a vir aqui pelejar, com toda a vivacidade indisciplinada dos soldados bisonhos, mas ardentes e generosos. Como não desconcertem a ordem de batalha, no essencial, fechemos os olhos a qualquer infracção dos artigos secundarios do regulamento disciplinar.

E temos dito.

Chronica da semana

X

ACABAM tristemente uns restos de decôro que travavam nas almas jacobinisadas os impulsos de intolerancia, e aqui e além, paiz em fóra, surgem casos repugnantes de insultos que emporcalham, de sarcasmos que enojam: um individuo que regista um cachorro sob o nome de Jesus Christo, um outro que ante a propria mãe, arrasta pela lama das ruas imagens de santos...

A maioria do paiz parou attonita, assombrada ante a villania dos vituperadores; o restante da população preferiu aturar em silencio as candentes verberações d'aquella... e fingir que não ouvira...

Nós vemo-nos obrigados a declarar que outra não poderia ser a attitude dos zelotes do radicalismo portugues.

Pois que esperavam os senhores?

Acaso pensaram um dia que n'este rincão debruçado sobre o mysterio do mar, a Providencia guardaria os seus eleitos? Que por havermos uma tradição historica fulgurea e uma tradição religiosa notavelmente provada, escapariamos á verminação pôdre das doutrinas immensamente deleterias do liberalismo politico e á dessoração dos sentimentos religiosos, na alma do povo?!

Ingenua e luminosissima utopia!

E' quasi impossivel prevêr e determimar a successão das phases d'um movimento caracterisada e perversamente revolucionario, como este que vem saccudindo a nacionalidade portugueza, lentamente primeiro, depois, agora, precipitadamente.

Mas se não é possivel estabelecer uma *logica das revoluções*, no emtanto, dentro do limite geral dos seus excessos, tornam-se relativamente assentes um certo numero de factos: e estes, a que alludimos, pertencem indiscutivelmente a este numero bem como aquell'outro d'uma auctoridade prohibir o uso de casacos compridos aos sacerdotes sob o pretexto ridiculo de que elles não são mais que habitos talares...

Não é nosso intuito justificar taes abominaveis arbitrariedades e tão procazes affrontas. O protesto energico e ordeiro, mas inflecto e tenaz, constitue uma exigencia dos espiritos cultos e das consciencias impolluidas.

VILLA NOVA DE GAYA — Egreja da Serra do Pilar

Sómente, não vamos na onda dos espantos e das exclamações afflictivas porque ainda para nós muito vale o dito celebre: o que tem de ser, tem muita força...

Protesto, diziamos — e de facto, sente-se que, apesar de tanta putrescencia, de tanto egoismo, se vae esboçando em Portugal uma opinião formada, garantida, como reacção contra a desordem. Ella operou o que as retaliações do passado não lograram fazer: a unidade de sentimentos e ideias quanto á necessidade, d'um renascimento tradicionalista não só na ordem religiosa como na orde politica. «Os maiores admirau ›res do passado são os melhoıes obreiros do futuro» — escreveu um critico illustre.

Sem duvida, é esta a linha geral do nosso trabalho futuro e não póde ser outra.

Tivemos crros e cultivamos vicios perigosissimos. E' preciso que os estudemos serenamente e imparcialmente para os expungirmos dos modelares quadros de patriotismo e de abnegação, que constituem, alem d'um contraste, o titulo do nosso orgulho nacional.

A divisa é só uma: trabalhar com o espirito e o coração para apagar por uma vez as velhas culpas, que a todos pertencem.

Banir todas as causas de divisão, fazer comprehender áquelles que são destinados a orientar, o impreterivel dever d'um esforço commum,—eis a grande preocupação.

A critica historica não nos cabe, por emquanto. Faça cada qual por seu lado o que deve, e Portugal será dentro em breve um Portugal maior...

Veem a proposito estas ligeiras considerações: a campanha politica da opposição toma indiscuti-

velmente um aspecto inedito entre nós, pelo vigor e pela uniformidade dos seus ataques, e na escassa, ou antes demasiadamente dispersa, imprensa catholica começa de fallar-se gravemente a linguagem solemne das horas decisivas.

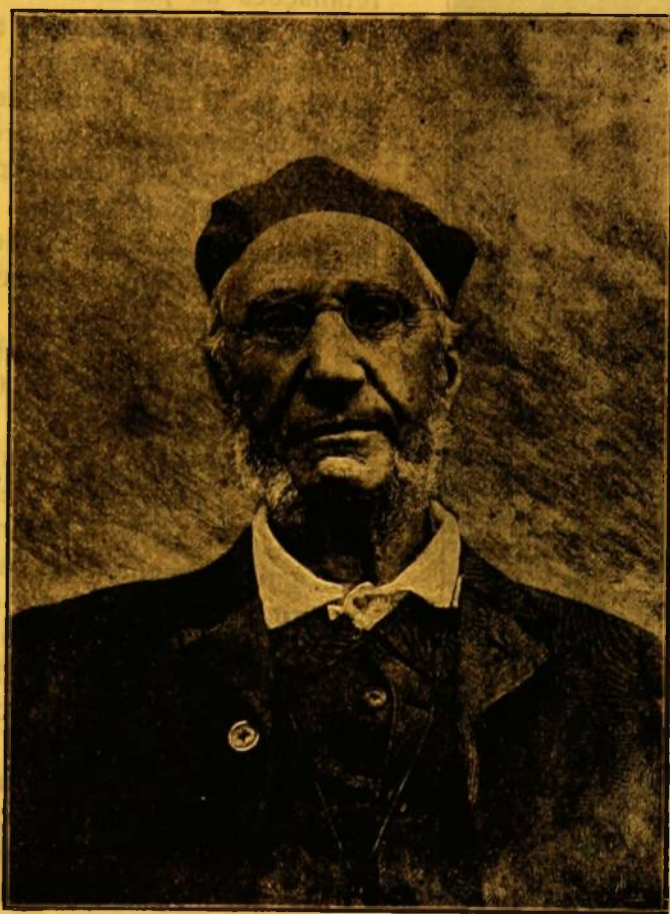
E á *Illustração Catholica* compete declarar o seu modo de vêr e afirmar o seu incondiccional apoio aos novos trabalhos de reorganisação nacional, que já se estão encetando.

Eis o motivo por que esta chronica não assoma hoje floreada ou chistosa.

Os leitores não perderão nada com isso, e o auctor sentir-se-ha satisfeito por haver cumprido o seu dever politico e religioso, dizendo a verdade núa e crúa...

F. V.

Emilio Olivier

QUANDO as garras do invasor roubaram á França duas provincias, como espolio d'uma guerra sanguinolenta, rasgaram tambem no seu peito um sulco profundo logo molhado pelo mais puro sangue.

Emilio Olivier

Atravez de todas as crises tremendas, a que só o genio francez soube resistir, jamais a recordação da expoliação do seu territorio, se dissipou no seu espirito e na sua alma.

Como Déroulède cantou:

«La mort n'est rien, vive la tombe
Quand le pays en sort vivant!
En avant!»

E ainda hoje, ao descer da lagea tumular sobre o cadaver de Emilio Olivier, crepita de novo esse grito vibrante de condemnação e de dôr, que lança sobre a memoria do antigo presidente de conselho, uma rigorosa culpabilidade perante a historia e perante a patria!

Não ha perdão, não ha porventura clemencia!...

E' certo que algumas vozes pregoáram indulgencia, mas a mór parte dos juizos foram severos.

Não podendo dar aos leitores uma nota biographica precisa e detalhada de E. Olivier, vamos expôr, resumindo, a opinião que o seu trespasse provocou.

Um dia, Lamartine apresentou-o a Guizot, como um moço «ardente e optimista», e este deixou tombar dos labios estas palavras: *Vous avez raison monsieur, d'être optimiste; les pessimistes sont des spectateurs!*

Poderia dizer-se que esta phrase de Guizot, explica e mareia toda a vida politica do velho que agora morreu.

Aquella fé robusta em si mesmo, a viril ingenuidade dos homens de 1848, guardou-a Olivier até ao fim. Acceitou a guerra decidido e confiado: *d'um cœur léger que le remords n'atourdit pas*, como um dia elle disse no parlamento — e ainda retirado ao silencio dos livros elle ficou fiel ao seu ideal d'outr'ora, trabalhando unicamente por desfazer e esclarecer aquillo que chamava a sua *lenda politica*. Napoleão III continuou a ter no seu espirito o privilegiado lugar d'um amigo que a cadeia ferrea da desgraça ligou para sempre, perante a historia. De cada vez que alguem ousava proferir deante d'elle a fatidica evocação: «Alsacia-Lorenna», obtinha como resposta: «Nice e Saboia».

A data de 15 de julho de 1870, vincara se-lhe na alma com o poder d'uma obsessão. Esperou que duas gerações passassem sobre os acontecimentos que fizeram com que a França perdesse o seu prestigio, e começou a escrever o seu depoimento, a sua historia com todo o fogo d'um coração novo. embrechando-a de documentos, cantada na eloquencia magistral, que elle elevadamente possuia.

«Era a eloquencia feita homem, escreve René Doumic. Nas sessões ordinarias da Academia, era com prazer que tomava a palavra: desenvolvia a sua opinião em forma de discurso: logo depois, todos estavam subjugados pelo encanto do seu verbo. Lembro-me d'uma discussão em que elle tratava de Lamartine. Foi o seu mais brilhante improviso, mescla de recordações pessoaes, aspectos politicos, em subitaneos e poderosos arrancos .. Elle pintava os actores e nós viamol-os; tracejava scenas e parecia qne assistiamos a ellas. Um dia, Henrique Houssaye, vibrando ao sahir d'uma das suas frequentes visitas, dizia-me: «Nunca na vida ouvi cousa mais perfeitamente bella». Seria justo que se accrescentasse: «mais impressionante tambem...»

O seu temperamento oratorio empolgava-o. Os livros publicados tão assiduamente, em que elle procura justificar-se, liam-se e leem-se ainda com um intenso prazer intellectual.

Que pensar d'este homem?

Desvairado em chimericos sonhos, tanto pelo seu caracter como pelas suas intenções, Emilio Oliver não merecia talvez esta expiação tão dura. Mas só pelos effeitos, só pelos resultados praticos, julga o povo das obras dos seus mentores, e a opinião franceza não esquece que a falta de previsão de Olivier, escreveu a pagina degradante de Sedan.

O erro fundamental de toda a sua obra foi o preconceito liberal e a teimosia, que d'elle se apoderou, de fazer participar democracia n'um regime, como o imperio, que só poderia viver pela dictadura.

O desfecho era inevitavel: ás desordens no interior corresponderam successivos desbaratos na ordem dos negocios externos, e o *imperio liberal* foi o sudario d'uma raça.

Este culto pela Liberdade, perduravel e constante fez com que mais tarde, nas columnas da *Croix* elle a defendesse contra as abusivas intrusões do lacismo, contra a injustiça dos perseguidores da Egreja de que a todo o momento elle fallava com respeito.

Eis a opinião geral ácêrca de Emilio Olivier.

Elle expiou bem todo crime que o seu liberalismo archaico originara... Apezar das suas tremendas responsabilidades, se fossemos francezes, haver-lhe-hiamos perdoado...

F. D'ALMEIDA.

VILLA NOVA DE GAYA—Imagem de N. Senhora da Gloria (Vulgo do Pilar)

que se venera na egreja do antigo convento da Serra.

FIGURAS DA BEIRA

II

P.e Antonio Roseira

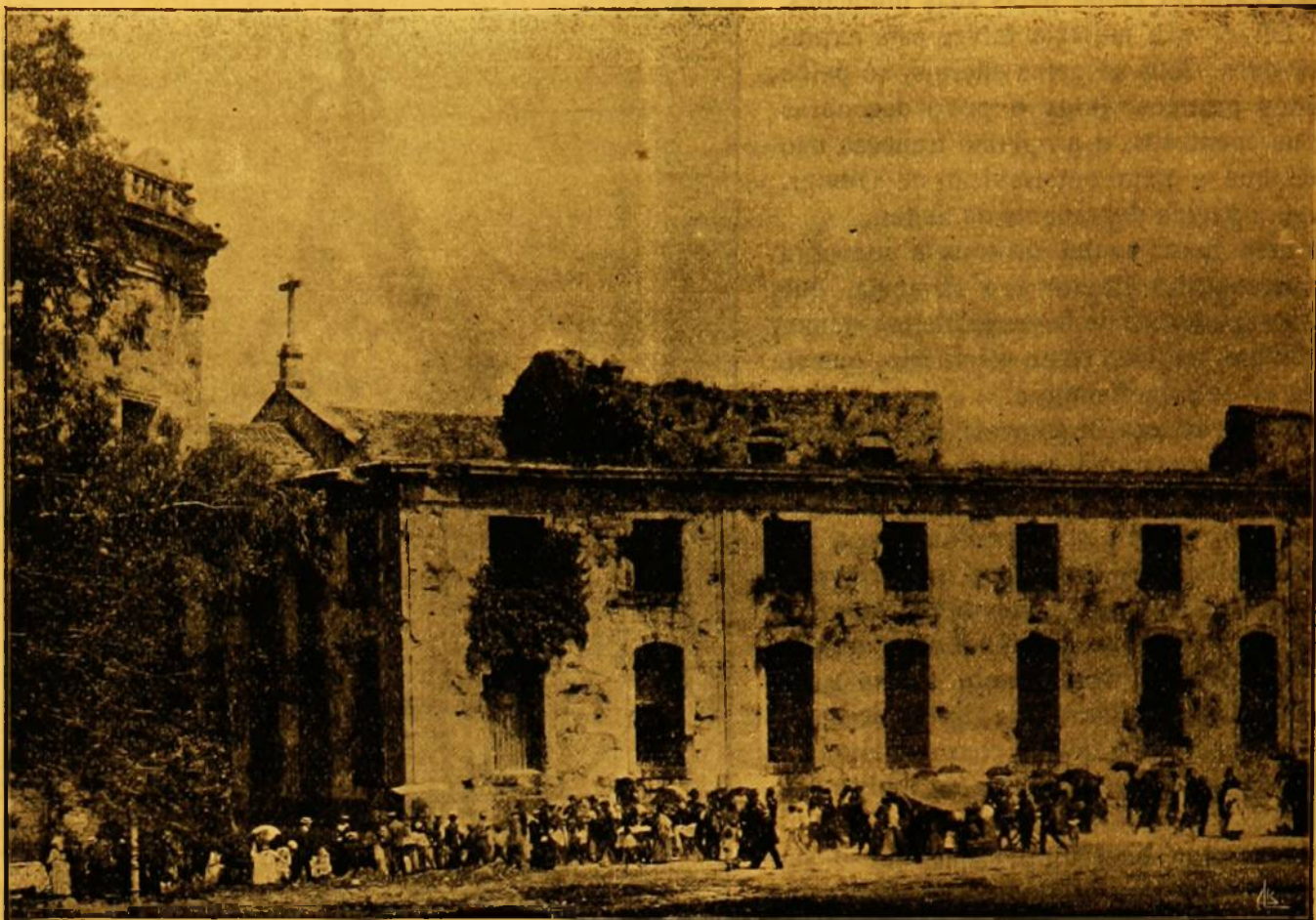
(Conclusão)

O collegio mudou depois para Santa Cruz, perto do quartel de infanteria 9. Alli estudei quasi todos os preparatorios, alli... me adestrei na sciencia dos recrutas tomando ares tão bellicosos, que muitos julgaram palpitar em mim um futuro Attila. O templo de Santa Cruz, encanto e amor do P.e Luiz Florida abbade da Sé, grande apostolo, attrahia-me muito tambem, principalmente quando prégava o conego Costa Pinto, o maior prégador do seu tempo na Beira, o fino litterato, o grande espirito, que, mais tarde, desappareceu no tumulo, no Alemtejo, sob soffridas provações lancinantes.

Padre Antonio estava no vigor da vida. Era rispido de disciplina, sabedor como poucos, de humanidades. Latinista eminente, tudo era n'elle amor-paixão pelos classicos. Mas, n'aquelle saber apaixonado, n'aquelle engodo estranho pelos latinos florescia sempre o mais alto espirito religioso. Nunca se traduziu um verso de Virgilio ou de Homero, que o não commentasse elevadamente com a melhor philosophia christã.

Era aspero nos modos? Era. Por vezes parecia duro. Mas nunca punia sem ter os olhos humidos de dôr. E assim todos o adoravam, até aquelles que só parecia teme-lo.

Tinha uma graça portuguezissima, quasi com laivos d'um novo Gil Vicente. Assim adorava os repentes de homem sanguineo, ancioso pelos maiores progressos de todos.

O seu coração, avêsso a exteriorisações piegas, era porém, admiravel. Todos os dias, chegava um rapazito livido, mal vestido, de modos enleados. Seus paes eram indigentes. Nem sequer tinha livros. Padre Antonio dava-lhe pão, sentava-o ao lado dos internos, vestia-o, instruia-o, e tinha sempre para elle uma brandura enternecida. Não o deixava nunca, formava-lhe a alma com devoção, e quasi sempre o acompanhava até ao Seminario onde o continuava a proteger com ardor e ternura.

VILLA NOVA DE GAYA—Parte do antigo convento da serra do Pilar em ruinas

(Clichés do phot. amador Julio G. Loureiro).

Muitos, e dos melhores, curas d'almas da diocese de Lamego vieram d'esses rapazinhos, em tudo famintos, salvos, esclarecidos, valorisados, pela caridade limpida do Padre Antonio.

O santo ecclesiastico detestava a politica. Por isso, não vivia muito com o irmão, o dr. Roseira, Arcypreste, e depois Deão, da Sé de Lamego. Mas, se a politica disfarçava os pedidos n'um gesto caritativo, Padre Antonio estava ao lado d'ella, dava-lhe tudo que tinha, sem uma vacillação, sorrindo diante do sacrificio, feliz por soffrer, por se abnegar, por semear ingratidões.

A cada passo, esvasiava a algibeira no soccorro do infortunio. Exploraram-no verdadeiros e falsos mendigos. constantemente, em esmolas sempre avultadas. Não dava só cobre, dava prata, dava oiro, ás vezes um punhado de libras, se as tinha, se até o permittiam as grandes obras que trazia na Ortigosa, no actual grandioso edifficio.

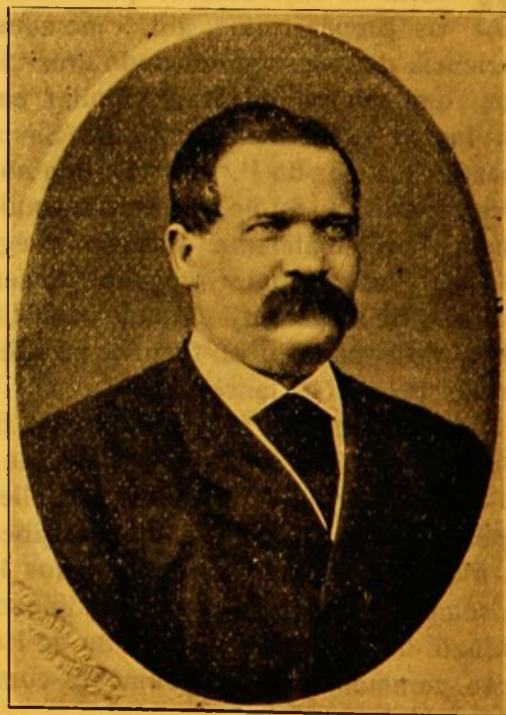
E enchia-se assim de dividas, de amarguras, esquecendo-se sempre d'ellas, á primeira supplica, á primeira lagrima do mais desconhecido mendigo.

Um dia, tarde de julho, largara eu pela collina dos Remedios acima, em ardente caça aos grillos. Faltara, para fim tão epico, á aula de historia. Vergonhosa pagina de minha vida, se era a guerra aos pobres grillos, só para os sepultar na gaiola de papelão, o que me afugentava do dever!

De subito, ao pé d'um pinhal, estaquei estarrecido. Padre Antonio, que eu supunha no collegio, descia a caprichosa estrada que vem de Vizeu. Seguia-o um velho andrajoso, lamuriante, pedindo cinco réis.

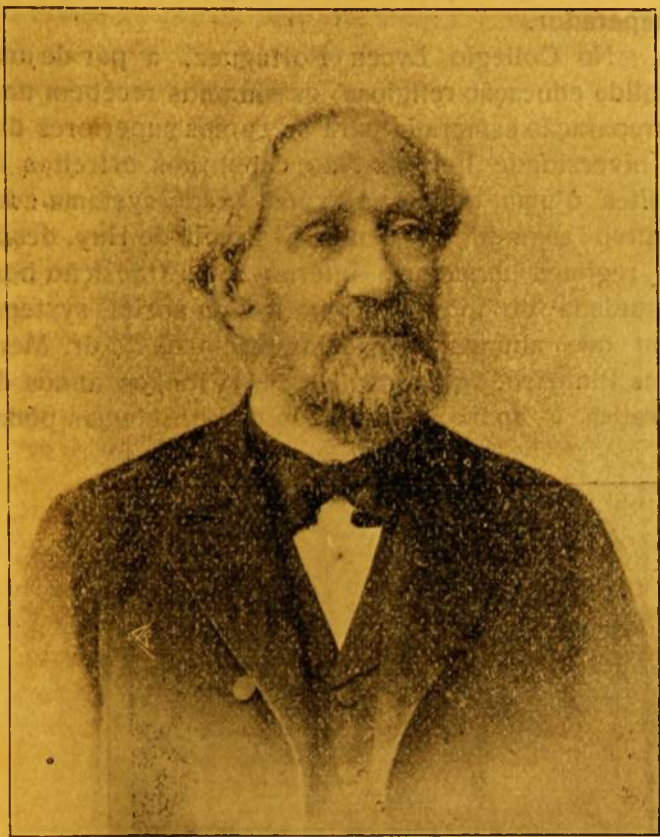
Mal tive tempo para me esconder n'uma giesta onde fui o pavor de dois volumosos lagartos. N'isto, Padre Antonio, parava, d'olhos na estrada deserta, esperando pelo mendigo. E voz do santo ecclesiastico disse com brandura estranha:

—Já lhe disse, meu amigo, hoje não trago nada. Mas vá ao collegio, vá . . .

— Senhor — volvia o velho — ando até sem camisa.

Antonio Alves Pereira da Fonseca

(Lamego)

—Sem camisa ?! Espere ahi!

Padre Antonio, com grande terror meu, subiu para o lado do giestal. Despiu-se vertiginosamente. Tirou a camisa, d'um linho alvissimo. Vestiu-se de novo sem ella. Depois, desceu, entregou a camisa ao velho, e repetiu: —*Vá logo ao collegio, vá. Aqui não tenho dinheiro.*

Belchior d'Albuquerque Barata
(Lamego)

E seguiu pela estrada a baixo com rapidez febril. E até morrer, com mais de oitenta annos, Padre Antonio foi sempre isto: um sabio e um santo, o homem de modos mais bruscos e de coração mais angelico.

José Agostinho.

NOTA—Padre Antonio Joaquim Lopes Roseira nasceu em Covas do Douro a 31 de desembro de 1818. Frequentou as aulas em Braga onde se ordenou. Foi, na sua aldeia, professor particular e parocho encommendado, tendo lá como discipulos Antonio d'Azevedo Castello Branco e José d'Azevedo Castello Branco que se internaram depois no collegio de Lamego.

Foi o Padre Roseira abbade em Borbella (Villa Real). Depois lecionou particularmente em Lisboa d'onde quiz seguir para o Brazil, dissuadindo-o d'isso Francisco Roseira, seu irmão, que lhe lembrou a ideia do collegio depois posta em pratica pelo dr. Manuel Roseira e por Padre Antonio.

Foi professor de latim, por decreto de 19 de julho de 1862, nas aulas secundarias de Lamego, e, em 1880, professor e secretario do lyceu, estabelecimento devido quasi só á enorme frequencia do seu collegio.

Annunciam a um chimico o suicidio de um de seus amigos que se lançara á agua para evitar as miserias da vida,

—Isso não é uma solução! —exclama o chimico. Porque o homem não é soluvel na agua.

Á beira mar:

Vão passando as gaivotas, embaladas
Nas salsas ondas d'esse mar de rosas:
Brancos flocos de espumas vaporosas
Lhes tremulam nas azas orvalhadas;

E da praia, as conchinhas variegadas
Alvejam pelas dunas arenosas,
Quaes fragmentos de pedras preciosas
Dispersos pelas ondas prateadas.

Ao pôr do sol, lá quando o ceu e o mar
Se confundem, minh'alma de vidente
Embebia se em fundo meditar:

Reminiscencias, que evocava a mente,
Das vagas ao constante murmurar,
Nas brumas se esvaiam, lentamente . . .

Zulmira de Mello.

Fastos do Catholicismo

Synodo diocesano de Soissons

O que acaba de reunir em Soissons, sob a presidencia de Mons. Péchenard, com 106 dignatarios e delegados do clero, é o primeiro depois do que se reuniu n'essa diocese em 1908. Procurou-se tornar mais salientes algumas disposições e restaurar pontos olvidados da disciplina.

Na primeira sessão tratou se dos seguintes pontos: a primeira Communhão privada das creanças; o canto da egreja; canto gregoriano; curso e escolas de canto; pronunciação do latim; fundação de escolas chris'ãs; adoração perpetua e adoração nocturna. Sobre estes assumptos, foram lidas memorias interessantissimas.

E em Portugal? Ha quantos seculos não se reunem synodos nem concilios provinciaes? A auctoridade episcopal póde, é certo, legislar a disciplina de accordo com a geral da egreja, e assim o tem feito; mas o espirito ecclesiastico não é tal.

Pois bem necessario era a reunião de Synodos e Concilios. Cá por casa só existem constituições perfeitamente anachronicas.

Novas curas milagrosas em Lourdes

A peregrinação nacional franceza que esteve em Lourdes a semana preterita, viu jubilosamente que vinte dos seus enfermos se levantaram curados miraculosamente. Louvores a Maria Santissima.

Um collegio portuguez no exilio

Desembarcaram a semana passada em Vigo e Lisboa 23 alumnos do Collegio Lyceu Portuguez estabelecido ha dois annos em Huy, na Belgica. Aproveitamos o ensejo para dar aos leitores da *Illustração Catholica* uma noticia d'aquelle modelar instituto de ensino para prestar homenagem ao seu Ex.^mo Director, o snr. dr. José Luiz Mendes Pinheiro, exlente da Universidade de Coimbra, catholico integral e raro exemplo de indomavel energia.

O Collegio Lyceu Portuguez, de Huy, succedeu ao Collegio Lyceu Figueirense, da Figueira da Foz, onde se achava installado em soberbos edificios construidos especialmente para esse fim. A tormenta revolucionaria, que varreu do solo portuguez tantos centros de ensino, levou tambem para longe o Collegio da Figueira, creação da iniciativa particular do dr. Mendes Pinheiro, que para se consagrar inteiramente ao seu apostolado de educação abandonara o seu logar na Universidade de Coimbra. Convencido de que educação sem base religiosa é construção na areia e reconhecendo a impossibilidade de continuar a ministrar livremente no seu collegio a educação catholica, fugiu para a Belgica nas vesperas de ser preso, como já o fôra o sub-director, o dr. Guilhermino Augusto Alves, que ha pouco se lhe foi juntar em Huy, depois de 23 mezes passados no Limoeiro, na Relação do Porto, na Trafaria e na Penitenciaria de Coimbra.

Na Belgica, terra de liberdade e uma das nações mais adeantadas da Europa, installou o Collegio n'um riquissimo palacio, de que damos hoje uma photographia, e não olhou a despezas para o dotar com um professorado competente, sendo notavel que já varios professores tem sahido do Collegio para occuparem lugares de distincção, como ainda ha pouco o dr. Luiz Fouarge, belga, doutor em sciencias naturaes, e actualmente repetidor na Universidade de Liége, e o snr. Bernardo Cassidy, inglez, que no verão passado recebeu honroso convite para ir passar as ferias no palacio imperial da Austria, como professor de inglez de um neto do imperador.

No Collegio Lyceu Portuguez, a par de uma solida educação religiosa, os alumnos recebem uma preparação esmerada para os cursos superiores das Universidade belgas. Não cabe, nos estreitos limites d'uma noticia a exposição do systema educativo seguido no Collegio Lyceu de Huy, desde o regimen monetario interno até á transição bem estudada do internato para a vida social, systema em que abundam as ideias originaes do dr. Mendes Pinheiro, amadurecidas em já longos annos de pratica e apaixonado estudo dos problemas pedagogicos. Paralellamente á formação da intelligencia, do coração e do caracter, cura o collegio de desenvolver as forças phisicas por meio dos desportes no vastissimo e principesco parque, de que damos tambem uma vista; além do foot-ball, da gymnastica methodica e de toda a especie de jogos, ha officinas no collegio para trabalhos nacionaes, publica-se um jornal composto no collegio e redigido pelos alumnos e teem escolas de natação, passeio no Mosa que limita por um lado o parque, etc.

Edificio do Collegio

De resto, qualquer que fosse o systema seguido no collegio Lyceu Portuguez, bastava o facto de estar estabelecido na Belgica para que a permanencia n'elle dos alumnos fosse já uma lição proveitosa. Com effeito, nada mais oportuno para formar a nova geração portugueza do que levar o maior numero possivel de jovens a observarem

pessoalmente quanto se póde fazer n'um povo pequeno e menos favorecido da natureza que o nosso. Aquelle espectaculo de energia, de actividade, de bom senso; aquella pujança de industria, de commercio, de sciencia, de arte e de vida religiosa, não podem deixar de impressionar efficazmente os espiritos juvenis, rasgando-lhes vastos horisontes e afervorando-os n'um santo ardor de collaborarem na restauração da Patria portugueza. E o dr. Mendes Pinheiro, profundo observador, tem a arte de fazer observar.

Parque do Collegio—A estatua de Pedro Eremita

Sentimos que a sua modestia tenha frustrado todas as tentativas que fizemos para lhe apanhar o retrato que devia figurar aqui ao lado das photographias do Collegio. O que elle, porém, não póde impedir é que d' aqui recommendemos o seu Collegio a todas as familias desejosas de formar seus filhos na escola d'um homem que tão bem sabe alliar a profundidade da sciencia com a integridade da fé, tudo a realçar um caracter de tempera diamantina, dos de antes quebrar que torcer.

A Franc-Maçonaria na America

NA America tem tomado um espantoso desenvolvimento as Lojas maçonicas, americanas funccionam em numero de dezeseis mil, das quaes um milhão e um quarto de iniciados pertencem á America do Norte.

Estes 1.275:930 membros da Franc-Maçonaria tem operado a conquista da democracia do ultramar: nos Estados Unidos, a imprensa está imbuida das suas doutrinas; são mestres de escola, da magistratura, do parlamento e do governo; os presidentes da republica os patrocinam; os ministros e bispos protestantes frequentam em grande numero as suas reuniões, e não é raro ver nos templos «christãos» a primeira prece ser rezada, segundo os seus ritos, pelos seus dignatarios.

Tambem as lojas americanas nas suas declarações officiaes, apregoam a «tolerancia» universal e a fraternidade; rendem homenagem ao «Grande Architecto», exigem o respeito á autoridade e a pratica dos «bons costumes»; seus filiados são communmente louvaveis cidadãos, honestos industriaes, bons paes de familias.

Que ha que julgar n'estas aparencias? O que existe para além d'esta fachada? Se estes franc-maçőes americanos são, effectivamente, boa gente, de que modo e com que fim se lhes explora a credulidade?—Tão graves questões receberam agora uma resposta.

*

E' um primoroso estudo do sr. Arthur Preuss publicado n'uma revista americana.

Cheio de seguros e exactos documentos, expõe a doutrina maçonica segundo as obras classicas de Mackey, *Grande Pontifice Geral* do «Real Arch.» e Albert Pike, *Soberano Grande Commendador*, do Supremo Conselho meridional do rito escocez.»

Ora eis em duas palavras o que ensinam estes mestraços.

«O dever d'um aprendiz contem-se por completo nas virtudes do *silencio* e do *segredo*». O segredo que é a essencia da instituição, é occulto aos iniciados como aos profanos. Porque ha duas classes de maçőes: 1.º Os que sobretudo gostam de se banquetear e aos quaes appellidam ironicamente «membros do grau do garfo e da faca». 2.º Os maçőes sabios.

Os primeiros, que são a immensa maioria, ignoram por completo o sentido dos principios maçonicos. Elles podem ser «brilhantes» quer dizer estarem bem ao par do ritual e das cerimonias da iniciação sem penetrarem o seu occulto sentido.

De resto a «Luz» maçonica é transmittida por graus e aos olhos dos «mações *esothericos*» mais de metade da hierarchia maçonica não passam de profanos.

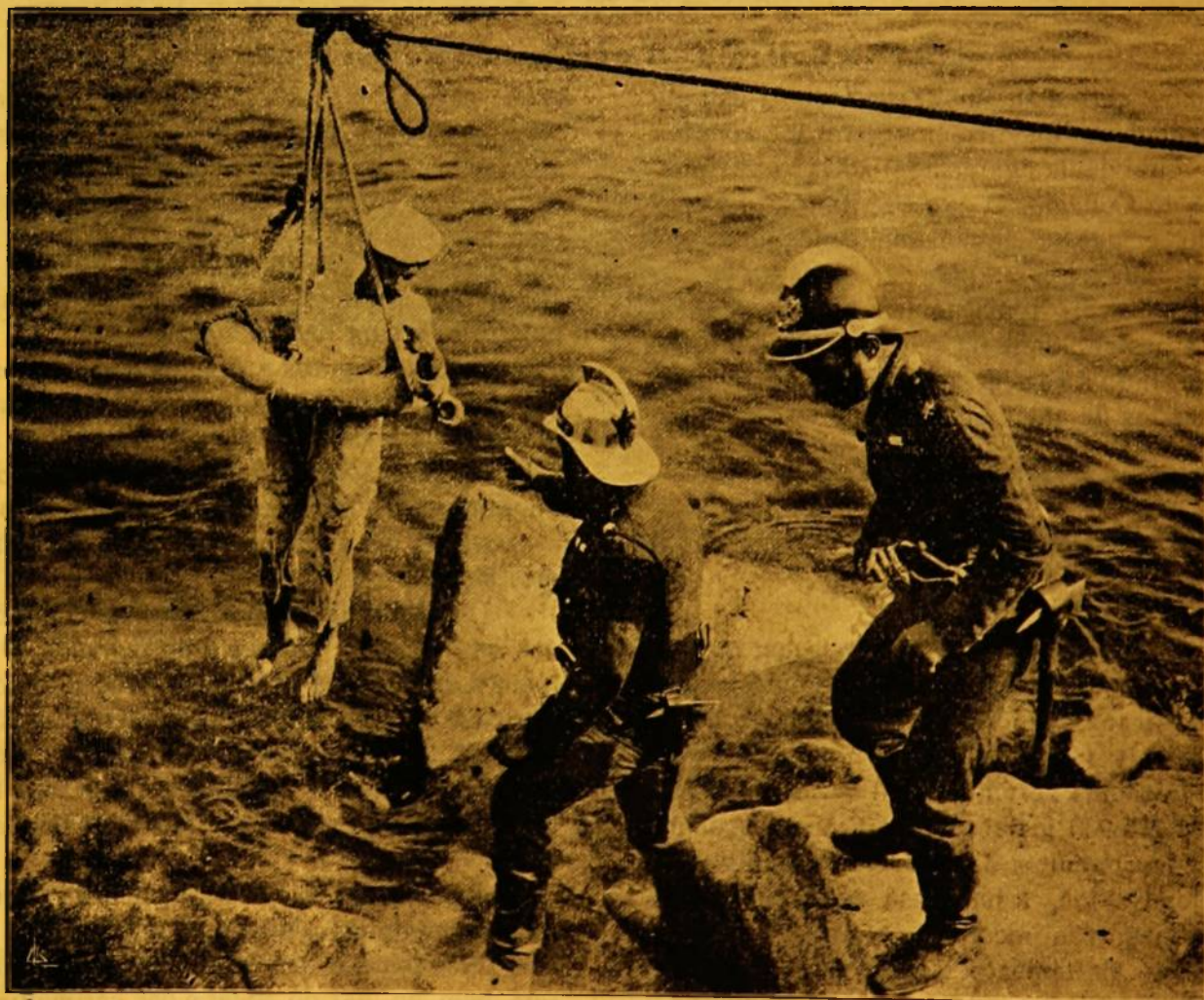
Na instrucção ao Cavalleiro Kadosch (18.º grau escocez) diz-se que uma parte dos symbolos é mostrada aos iniciados mas *elles são intencionalmente induzidos ao erro por meio de enganadoras interpretações;* falla tão eloquentemente o sr. Pike, e de egual maneira Mackey.

Eis de que modo nos Estados-Unidos, como em toda a parte, a historia verifica como é bem fundada a condemnação que já em 1738 proferiu o Papa Clemente XII contra estes «inimigos da segurança publica» que escondem os seus designios sob a affectada mascara de uma probidade natural.

Promovido pelo nosso presado collega «O Commercio do Porto» — realisou-se, num dos ultimos domingos, em Leixões, um brilhante festival para inaugurar um signal sonoro, adquirido por subscripção aberta no mesmo jornal e para render publica homenagem aos heroes que no salvamento dos naufragos do «Veronese» deram provas da sua intrepidez.

Esta festa a que concorreram milhares de pessoas decorreu animadissima cumprindo-se á risca os diversos numeros do programma.

Após a sessão solemne foi dado o alarme para um simulado naufragio na barra.

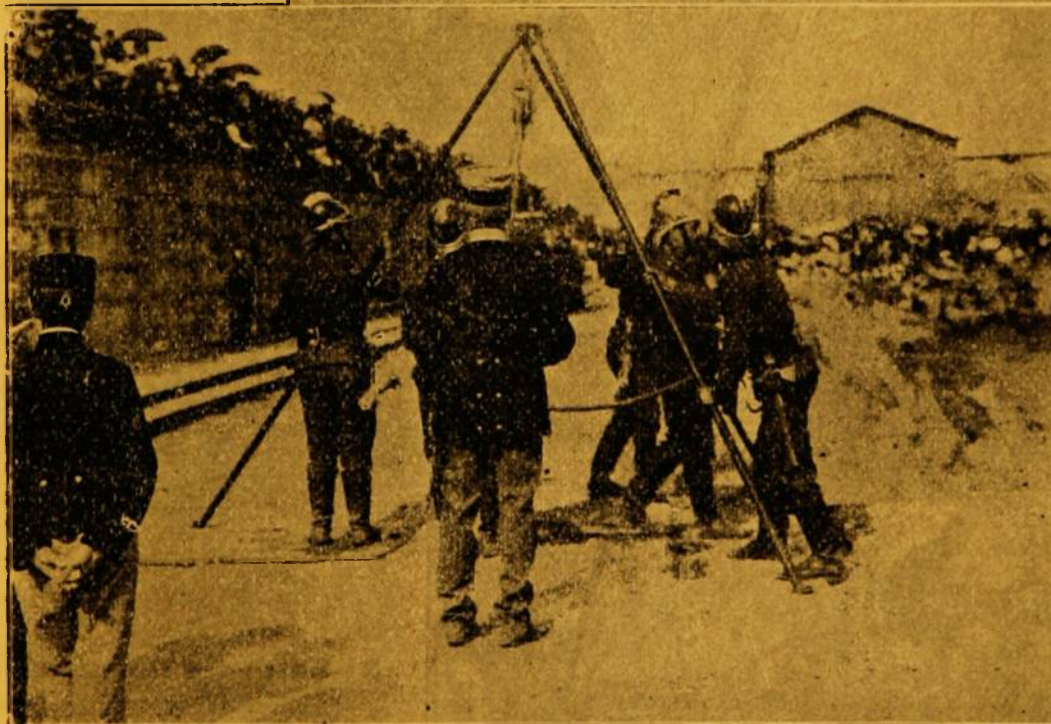
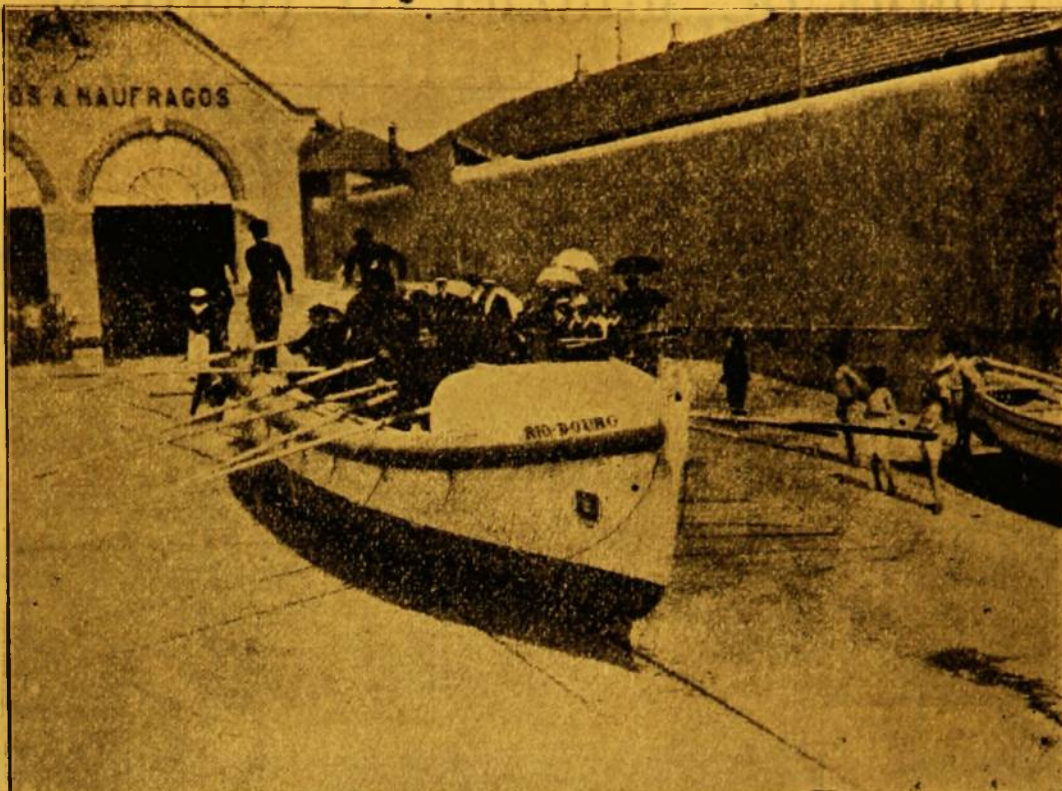
Com a maxima rapidez os tripulantes dos dois barcos salva-vidas que alli se encontram «Leixões» e «Rio Douro» compareceram no posto. Desde o signal de alarme até serem postos os dois salva-vidas a fluctuar não se gastaram seis minutos sendo

O salvamento de um naufrago pelo cabo de vae-vem

tudo feito sem o menor incidente.

Em seguida realisaram-se as corridas de barcos regionaes a véla, de lanchas-automoveis e de barcos de remos.

Juntamente com as corridas effectuou-se no molhe norte do porto de Leixões, o exercicio de socorros a naufragos pela Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios de Mattosinhos-Leça de Palmeira.

Depois de os bombei-

1 — O salva-vidas «Rio Douro» sahindo em soccorro dos naufragos.

A ceremonia da inauguração do signal sonoro com que rematou o programma da festa foi de um grande brilhantismo, sendo geraes as demonstrações de regosijo pela inauguração de um melhoramento d'elevado alcance para a navegação.

2—Os preparativos para o salvamento.

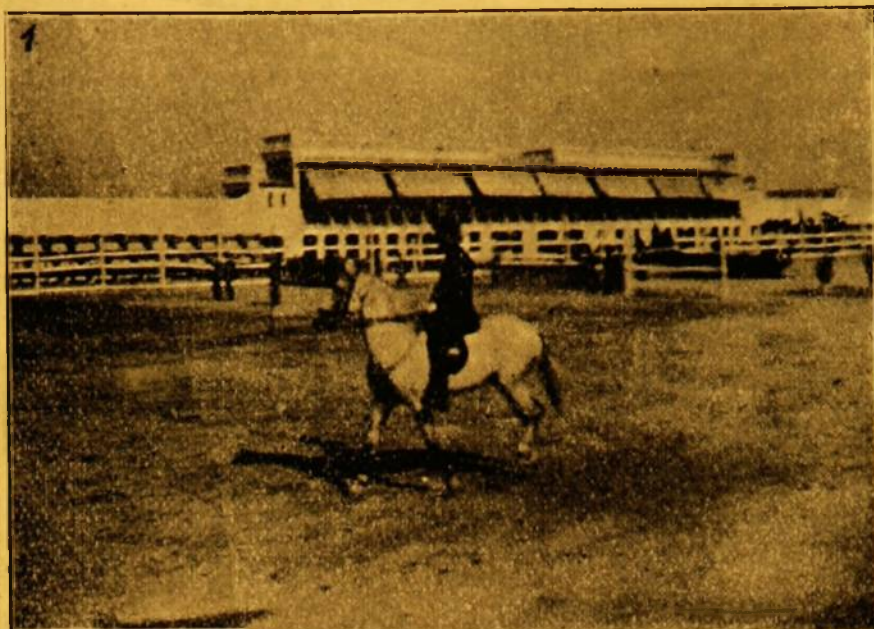
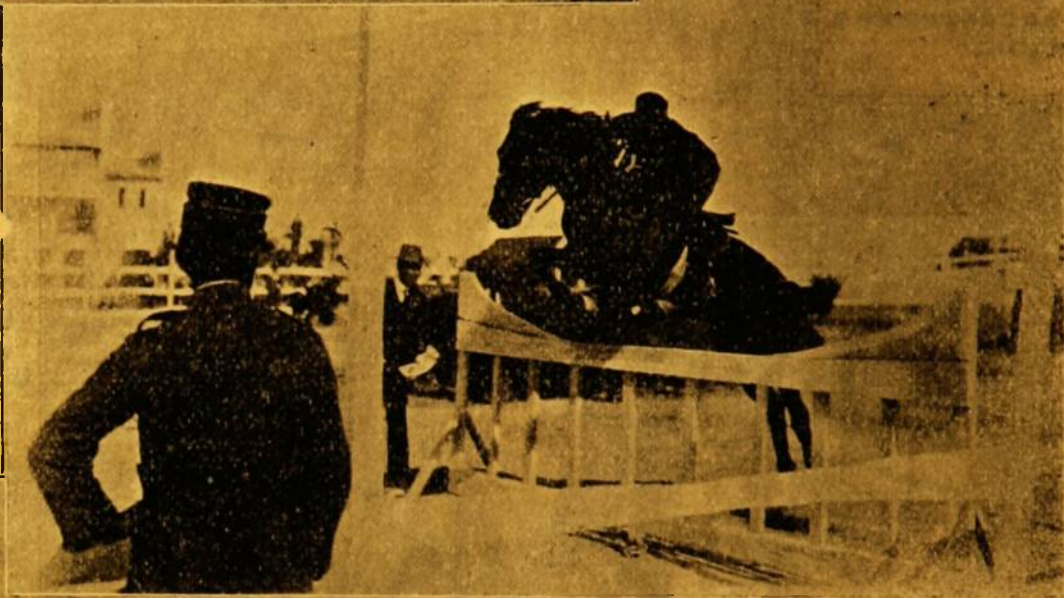
ros estarem nos seus postos, foi lançado um foguetão para bordo da «Neiva», fundeada a cerca de 150 metros do molhe.

Acto continuo foi estabelecido o cabo de vai-vem sendo unanimemente applaudidos todos os trabalhos dos bombeiros.

Proximo da «Neiva», andavam os barcos salva-vidas "Rio Douro" e «Leixões», afim das respectivas tripulações prestarem serviços a qualquer eventualidade.

3—Lançamento do foguetão para estabelecer o cabo de vai.vem

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

POVOA DE VARZIM. O concurso hyppico

1—Um dos concorrentes aguardando o signal de largar

2—Grande salto de cancella.

3—Salto em largura

4—Um magestoso salto á dupla vara.

(Clichés do sr. Lopes Pereira).

Casamento do Senhor D. Manuel de Bragança

O senhor D. Manuel de Bragança e sua augusta esposa a princeza Victoria cujo consorcio se realisou no passado dia 4 do corrente acompanhado de sua mãe a senhora D. Amelia e seu sogro o principe Guilherme de Hohenzollern.

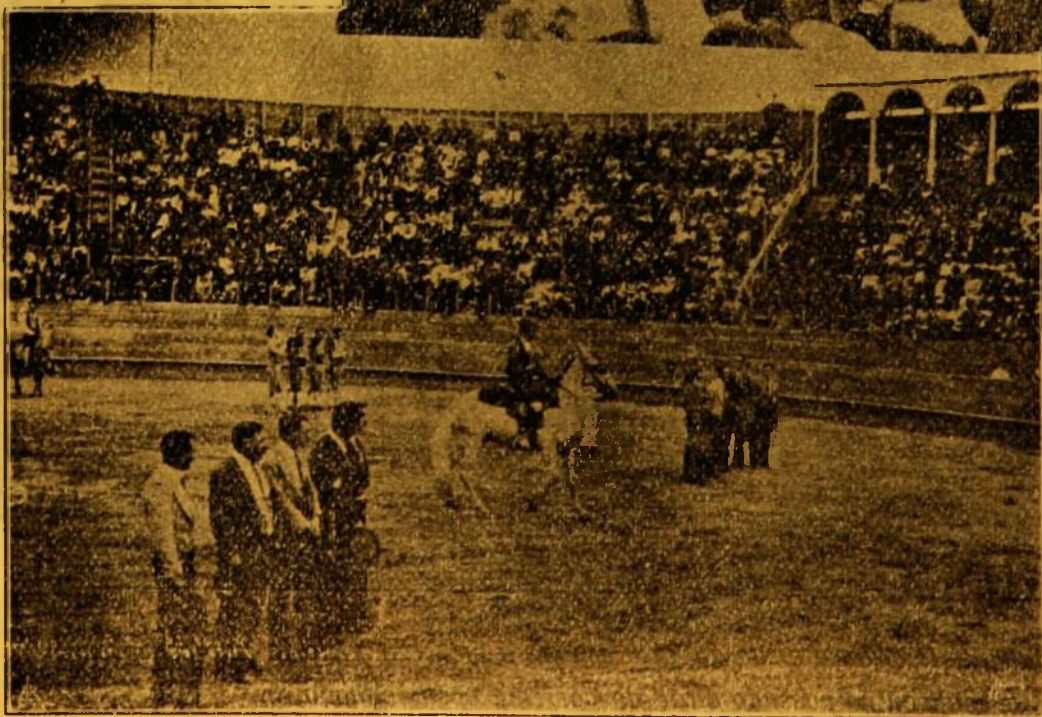
Vianna do Castello--As festas da Agonia

UMA GARRAIADA

As presidentas d'honra:

Da esquerda para a direita: Ex.^mas Sr.^as D. Elisa de Vasconcellos, D. Estella Abreu Teixeira, D. Herminia Magalhães Queiroz, D. Maria Mendes Norton e D. Augusta Craveiro.

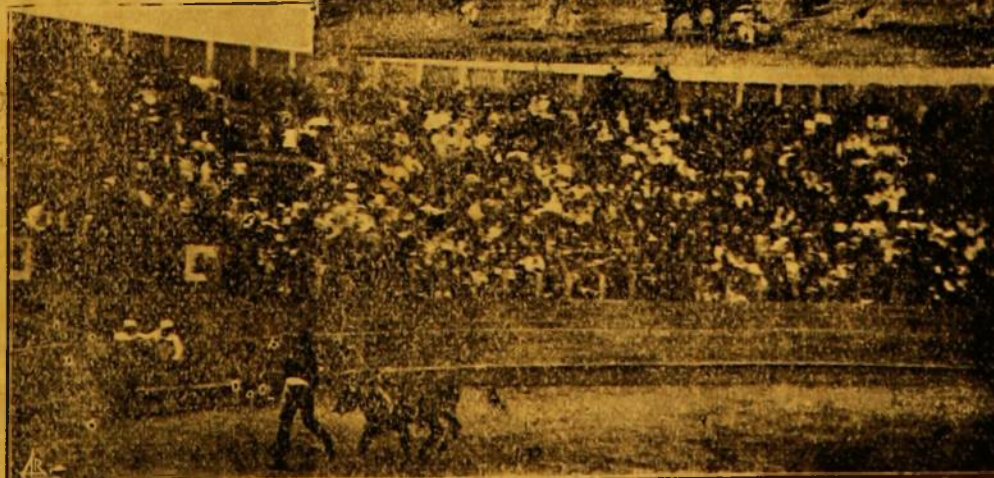
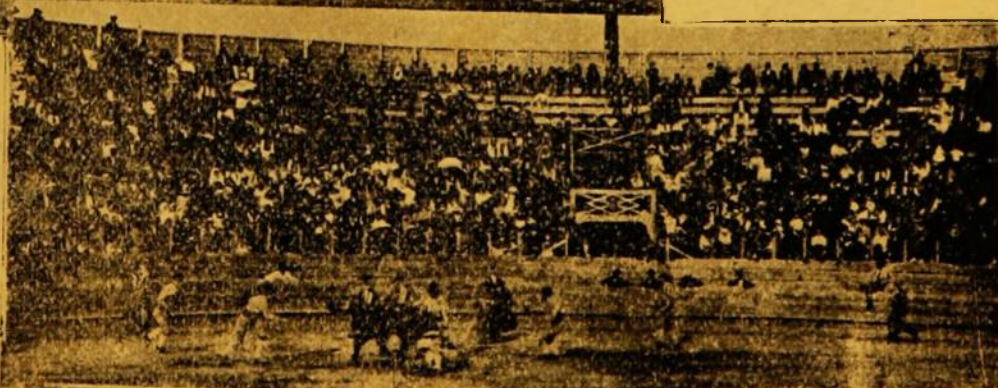
Cliché do sr. Rubens Martins.)

Um aspecto da assistencia na sombra

Aspectos das cortezias: Cavalleiro o sr. Alfredo Machado. Bandarilheiros, da esquerda para a direita o sr. Luiz Leiva, dr. João d'Alpoim, A. Pereira, J. Lomba, A. Vieira, Santa Martha, J. Coelho, A. Monteverde, Alpes Cunha e R. Evangelista.

Uma pega do snr. Arnaldo Couto Vianna

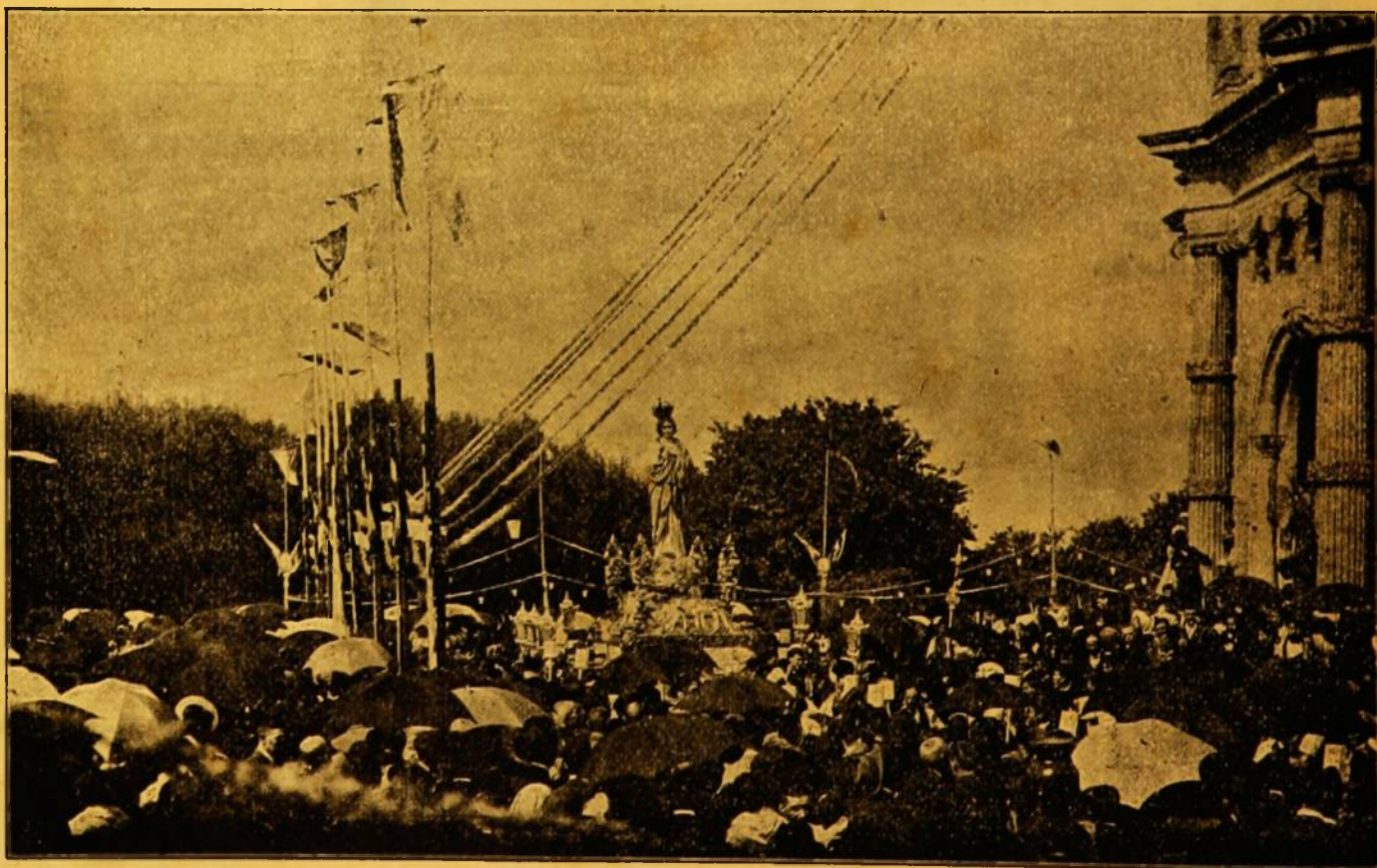
Um par de ferros do sr. Arthur Pereira

Um bello par de ferros do snr. dr. João de Alpoim

Uma pega movimentada

Um bello par de ferros lo sr. José R. Coelho

(Clichés do snr. João C. d'Almeida)

BRAGA. As festas á Virgem do Monte Sameiro

O monumento da Virgem e o novo templo

O povo assistindo á passagem da procissão

A VIRGEM

Quadro de RAPHAEL — Museu Real de Berlim

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500

Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.

Numero avulso 60

Numero 11 — Braga, 13 de setembro de 1913 — **Anno I**

Collegio Povoense

FUNDADO EM 1907

Pensão annual — 120$000 reis

POVOA DE VARZIM

A MAIS LINDA PRAIA DO NORTE DE PORTUGAL

Estabelecimento modelar, optima installação, clima maritimo saluberrimo

Lecciona instrucção primaria, curso geral dos Lyceus e curso commercial

Os alumnos habilitados por este Collegio tem obtido sempre bom resultado nos seus exames

Pe Manoel R. Pontes
DIRECTOR

Artigos Photographicos

As maiores novidades em chapas, aparelhos, productos, cartonagens e papeis.

Fornecedores dos principaes estabelecimentos scientificos.

Photographia artistica
Photo-miniatura
Photo-pintura

Quarto escuro e machina de ampliação á disposição dos amadores.
Lições praticas de photographia.
Acabamento de todos os trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os artigos do seu commercio

Mandam-se catalogos gratuitamente contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR
MAGALHÃES & CARVALHO
43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. — Director, F. de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR — Antonio José de Carvalho. — ADMINISTRADOR — Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 13 de setembro de 1913 — REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* (Antiga R. da Rainha—Braga) — Numero 11 — Anno I

BRAGA — Festas do Sameiro. — O andor da Virgem sahindo do templo.

Chronica da semana

XI

Para que negar? O facto que attrahiu as attenções durante a semana foi o casamento do monarcha desthornado D. Manuel de Bragança... Seria mais que ousadia, occultal-o, depois de o proprio governo, com a sua inhabilidade peculiar, lhe haver dado as honras d'um *casus belli*, apprehendendo na alfandega de Lisboa uma prenda de noivado, ordenando que no dia 4 cessassem os toques de sinos — não fôsse o som do badalo acordar nos peitos realistas os aquietados furores revolucionarios...

E ao cabo, o governo teria procedido não só delicadamente, como habilmente, facilitando ou pelo menos não impedindo as manifestações congratulatorias e festivas dos partidarios da monarchia, embora pensasse, como pensa, no resultado diplomatico d'um consorcio d'esta ordem...

Era precisamente este o commentario a glosar ácêrca do casamento do snr. D. Manuel; mas se, por um lado a incompetencia de taes assumptos melindrosos nol-o impede, por outro, a intuição clara dos leitores nos aponta a desnecessidade de mais palavras. Como portuguezes rejubilamo-nos pela justa consagração que uma união com tão excelsa casa principesca representa para um compatriota por todos os titulos illustre.

São insondaveis os horisontes do futuro. Ha crises que salvam, como ha crises que aniquillam. De nossa parte é que não podemos fazer outros votos senão de que o casamento do snr. D. Manuel de Bragança redunde no melhor bem para a Patria, que de todos carece para o seu levantamento material e moral, para a conservação das suas gloriosas tradições religiosas e politicas.

Não queremos vêr no enlace de Sigmaringen o fim remoto ou proximo da Republica. Se ella tem condições de triumpho, certamente não serão as representações officiaes dos dois maiores soberanos da Europa que entravarão a sua carreira ascensional, assim como, se as não possue, não ha-de ser exclusivamente o matrimonio do sr. D. Manuel que marcará a data do seu trespasse ao tumulo da Historia.

Porque certos peralvilhos já por ahi boquejam nos centros do bom-tom, que elles parecem querer transformar em chancellarias: — Agora, é que não acredito...

E os bismarckianos bandarras passam effectivamente a *não acreditar em nada* — o que constitue uma incontestavel vantagem para socego de todos...

Tornou-se hoje uma verdade, que elles, os *snobs* da realeza, são os melhores e mais dedicados sustentaculos da republica.

Desconhecem aquillo que póde chamar-se a virtude da intransigencia. Em Portugal não ha intransigentes, e, quer pela sua situação de meridionaes, quer ainda, pela incontestavel necessidade urgente de se crearem convicções, os portuguezes deveriam ser intransigentes, não d'aquella intransigencia que roça pelo fanatismo, pela obsessão, pela mania, que cria o jacobinismo e vive na athmosphera venenosa das intolerantes represalias, que pratica o mal pelo mal; mas d'aquell'outra, firmada na cultura mental, enquadrada na tradicção do espirito e da alma, que pratica o heroismo com reflexão, e vê na coragem a condição do dever.

— Ah! meu amigo — dizia-me ha dias um sacerdote cultissimo, que procurou nas investigações da archeologia, o remanso exigido pelas desillusões da hora presente — eu comprehendo, eu comprehendo agora os padres de 1834, homens d'uma só fé que tudo arrostaram pela sua crença e pelas suas ideias!...

E o illustre sacerdote tinha razão. O commodismo invadiu-nos, envenenou-nos.

Vejam como são minoria aquelles humildes que padecem nas prisões por amor a um ideal politico e religioso que foi abandonado pelos seus *soit disant* defensores estrenuos!...

Como elles são nobres, grandes, puros, no meio d'uma burguezia sorna, calentosamente preversa, cynicamente ôca de opiniões!...

A tempera rija, timbrada, forte, dos portuguezes de ha 80 annos vasou-se-lhes nos corações, e elles dão hoje ao mundo um espectaculo elevado de martyrio e uma prova clara de que ha ainda na nossa terra o germen fecundo d'um Portugal maior.

Não sabemos se ao desbordar das taças lavradas, no castello allemão o pensou alguem na sua situação, no seu *isolamento esplendido*. Se tal não acconteceu, praticou-se uma clamorosa injustiça, uma negra ingratidão!

O passado tem n'elles o seu symbolo, o presente o seu castigo, o futuro a sua esperança!

F. V.

Dobadoura

Dobadoura, vae girando,
Que a meada não é má:
Até se póde ir cantando.
Oh, que bem que a linha dá!

Emquanto assim vás rodando,
Tu gemes — porque será?
E eu, dobando e mais dobando,
Penso em quem bem longe está.

Se tu gemes, dobadoura,
Como enamorada moura,
Pela linha que te veste...

Como não hei de eu gemer,
Tristemente, em meu viver,
N'este meu viver agreste?!...

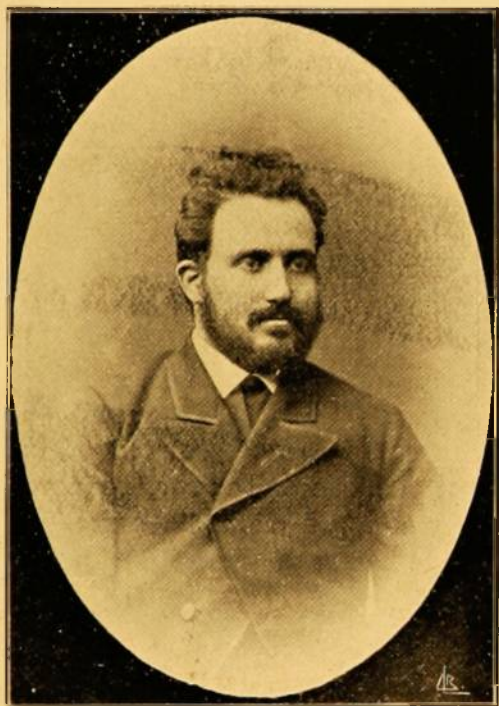
Francisco Sequeira.

FIGURAS DA BEIRA

V

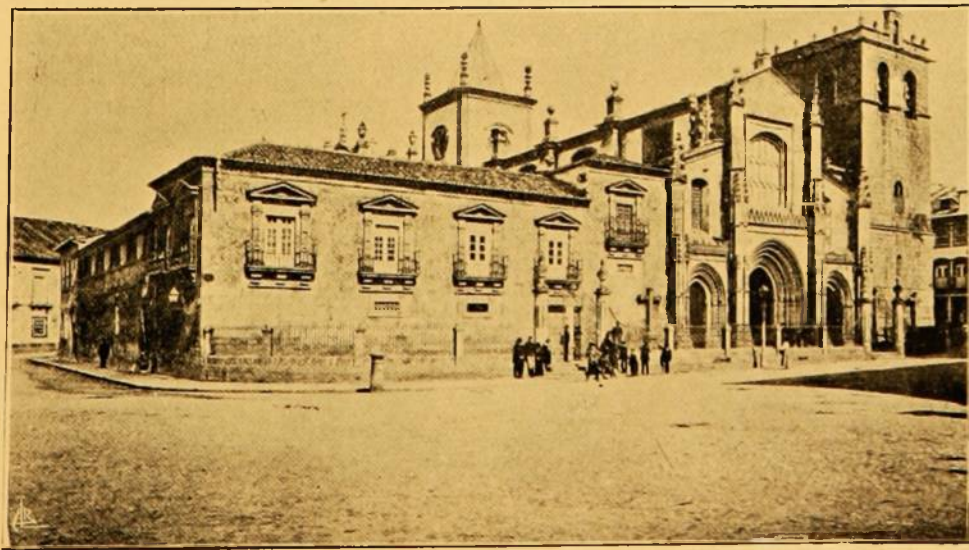
Dr. Manuel Roseira

Lembra-me como se fôra ha horas, hoje mesmo. Meu pae, o santo ancião que possue metade da minha alma, era n'esse tempo um bello homem de trinta e seis annos, fronte escampada, a reverberar intelligencia, os pequenos, mas vivissimos, olhos cheios de alegria, penetração e graça.

Forte sem ser muito musculoso, sorridente nos

Visconde de Guedes Teixeira

(Fallecido em 1890)

ademanes e na palavra, d'uma actividade prodigiosa, admiravel de bom-senso, prestadia, cheia de honradez, meu pae não era, como nunca foi, um politico obstinado.

Liberal, e por natureza benevolo e tolerante, comtudo, se lhe valorisassem o pendor, ou antes as saudades da meninice, eu creio — ainda que elle proprio ache isto phantastico — que não antipathisaria demais com um austero e intelligente absolutismo. Entretanto, julgava-se constitucional, embora profundamente monarchico, não admittindo, como outros liberaes, que a realeza nova era uma transição para a republica.

Lamego era pertença então dos regeneradores, fontistas inabalaveis. Tinham tudo na linda e melancolica cidade: o dinheiro, as honras, o prestigio, a linha aristocrata. Imperavam, triumphavam, representavam a cidade, o concelho, uma boa parte do districto. Capitaneava-os o Visconde de Guedes Teixeira, pae do poeta Fausto Guedes. O Visconde seria um grande homem em qualquer parte, como a seu tempo veremos.

Os progressistas, por signal homens cheios de indignação, tinham como chefe o Visconde d'Armeiroz, por demais parecido, em alguns traços, ao Monsieur Alphonse de Daudet.

Engrossavam esse partido os *artistas*, nome generico dos pequenos industriaes, sapateiros, funileiros e alfaiates. Eternos candidatos a burocratas, como o bom e saudoso Eduardo Metello — figura hirta e ingenua — lhe davam certa agitação clamorosa. Mas o verdadeiro chefe era Antonio Pinto Cardoso Coutinho, um Bismark provinciano, ironia mansa e amarga, enorme visão pratica dos homens e das coisas, mediocremente culto, mas d'uma sagacidade e serenidade tão profundas, que mandava sempre, até quando parecia obedecer.

Entretanto, o supremo conselheiro era já o dr. Manuel Roseira, figura singular no physico — olhos perfurantes, fronte enorme e face d'um rubro de cobre — e notavel pela mentalidade, pela prudencia, por um opportunismo raro, pois que não travava, quando preciso, os proprios enthusiasmos democraticos. Liberal d'alma, apezar de intensamente religioso, sincero, até ingenuo, a despeito da verdadeira astucia com que fazia politica, o dr. Roseira só perdeu um tanto da hegemonia, ao surdir o mallogrado, o meu querido dr. Cassiano Neves, seu alliado na famosa deposição do Visconde d'Armeiroz, ha muito reduzido ás pittorescas proporções de Grão-Lama.

LAMEGO — Sé

Meu pae era regenerador, mas, como toda a gente, respeitava o dr. Rozeira. Entretanto, desejaria muito que eu não fosse discipulo d'um progressista — porque o progressista passava por suspeito de meio republicano, de inimigo da velha ordem.

Mas — é o caso — um dia, teve que dizer-me: — José, vais frequentar rhetorica com o snr. dr. Roseira nas Aulas Secundarias. Agora vê como te portas...

Eu tinha doze annos, mas reparava muito em todas as attitudes de meu pae. As palavras

d'elle trahiam uma preoccupação intensa. Quem seria o dr. Roseira? Seria só o sabio professor? Seria um gigante severo, implacavel, um Adamastor de batina? Assim o julguei. Por tal prisma me affiz a vêr o dr. Manuel Roseira.

JOSÉ AGOSTINHO.

E, comtudo, como sabe bem despir por algum tempo a mascara artificiosa da civilisação, que impudorosamente hypocritas zelamos cuidadosamente n'esta farça tetrica que é a vida das cidades, e tornar por algum tempo a ser homens, em plena natureza! Convida-nos o perfume dos prados, onde o trevo aromatisa o ambiente, chama-nos o recesso dos bosques onde os robles entrelaçam as frondes em mysteriosa penumbra, e nos attrahe o murmurio da lympha despenhando-se de graniticos socalcos em rendilhadas catadupas... Lá o socego e a paz aquietam o coração farto de pular, a limpidez das fontes parece feita para lavar-nos os ultimos resquicios do pó contaminado que nos macula as mãos nas agglomerações dos homens, babylonias e ninives do seculo XX......

Mas ouvi a toada cariciosa dos campos; o rumorejar das franças segreda-nos um Nome; o perfume das boninas dirige-Lhe thymiamas; o murmurio das aguas canta-Lhe suaves psalmodias, o segredo da espessura abobada-Lhe templo; os invios penhascaes levantam-Lhe altares e na contemplação das bellezas da natureza o genio humano sente-se pequeno deante d'Elle sem que, comtudo deixe de trillar no amago do seu ser, no coração o hymno que a mente lhe segreda e que João de Lemos tão harmoniosamente cantou:

«Gloria a Deus! entre os fumos do incenso
Entre os gratos perfumes da flôr;
Gloria a Deus porque é bom, porque é immenso
Gloria a Deus entre hymnos de amor.»

Gloria a Deus, sim, porque a sua Mão poderosa e benefica distendeu tantas bellezas entre os espinhos por onde se arrasta o homem após a expulsão do Eden. O que seria elle, quando esta morada de desterro arrebata, quando a não maltratam estupidamente as convenções sociaes, n'estes traços de belleza, esthesis suave que arrebata, encanto supremo que extasia!

Por esses campos fóra... quem tivesse a Musa do Poveretto d'Assis brindando termos de caricia á natureza irmã! Qual refugio mais terno, e onde melhor se sentisse a presença de Deus, belleza eterna, inexgottavel fonte de emoção, do que um Alverne mystico, onde o irmão lobo coreasse no possante uivo, o balido da irmã ovelhinha e onde de fabrico do homem só houvesse um tecto de ramos entretecidos de colmo, por onde se filtrassem, captivando a nossa alma, as argentinas badaladas das Ave-Marias?...

R. C.

BRAGA—A festa da primeira communhão ás creanças da freguezia de S. Paio de Pousada. Os fieis sahindo do templo,

(Cliché José R. Pereira Villela).

Por esses campos...

As populações citadinas, n'esta quadra do anno, bella sem duvida, mas phaetontica de mais, gostam de debandar como flocos de espuma lançados ao meio d'um tanque. As praias e as thermas reproduzem os quadros de luxo das urbes irrequietas; a minoria aspira nos reconditos suavissimos dos bosques e dos prados as emanações salutares de exhuberancia vegetal, tão cheia de vida como desprovida de artificio.

Chamou-se a isto *veranear*, importando mais esse gallicismo, que a nossa alfandega litteraria mais parece premial-os do que applicar-lhes razoavel tributação. Todavia, se já os romanos, chegada a estação canicular iam fazel-a nas villas campestres, desafivelando a toga ceremonial, hoje mais se cura em requintar nos logares de luxo, sejam elles as praias elegantes, as thermas ruidosas ou certas regiões campezinas...

A missão da mãe tem um dos primeiros logares entre as funções sociaes mais importantes.

GRANDE COLLEGIO UNIVERSAL

Edificio do Grande Collegio Universal

Grupo de alumnos internos

ESTÁ definitivamente installado na Avenida da Boavista, n.º 28, no Porto, o Grande Collegio Universal.

Não é um collegio novo, porque data de ha tres annos, tendo colhido durante este periodo os mais nobres e honrosos louros. N'uma arrojada iniciativa, que merece calorosos e vibrantes applausos de todas as pessoas que se interessam pela causa da instrucção, os seus illustre directores adquiriram na mais bella rua do Porto—n'essa ampla arteria que se chama a Avenida da Boavista — uma vasta quinta que se estende até á rua Oliveira Monteiro, é ahi, n'um soberbo palacete, de construcção moderna e elegante, adaptado com arte e bom gosto, augmentado com largueza e criterio, que se estabeleceu o *Grande Collegio Universal* de nomeada distincta em todo o paiz. Obedeceu a nova installação a um harmonico plano, estudado reflectidamente e executado a primor.

Um team de foot-ball

a alegria da luz, arrastando e estragando os mais formosos annos da vida entre paredes escuras e empenadas, dispondo apenas d'uma nêsga de terreno, onde não podem saltar na ruidosa expansão dos seus enthusiasmos juvenis.

Ha por ahi uns edificios velhos e desconjuntados, que, em resultado das adaptações defeituosas a que os sujeitaram, apresentam um aspecto disforme, senão grotesco.

Em casas alugadas, a adaptação é sempre difficil e raro feliz, umas vezes por causa dos aleijões de nascença, outras em virtude das exigencias e opposições de senhorios ávidos e caprichosos, que só attendem aos seus ganancioso lucros...

Ahi a vida das creanças não decorre alegre e desaffogada, entre diversões e jogos que desenvolvam e robusteçam o organismo e a acquisição de conhecimentos que fecundem a intelligencia:—parece esmagál-as o pesado ou estreito edificio, que

Outro grupo de alumnos internos

Certo, não é de somenos importancia o edificio, para o alto fim da educação. Estamos habituados a ver as creanças e os jovens, encerrados em casas acanhadas e sombrias, sem a benção do ar e lhes faz a noite na alma...

E' por isso que bons edificios para collegio eram o de Campolide, e do Espirito Santo, em Braga, hoje infelizmente encerrados: tão bons que

aquelles mesmos que eram hostis ás ideias que alli se defendiam, viam-se obrigados a reconhecer a sua excellencia, como hoje confessam que não têm melhores casas para lyceu.

Justo é,porém, declarar que o edificio, onde está installado actualmente, na Avenida da Boavista e da rua Oliveira Monteiro, o *Grande Collegio Universal*, não lhes fica atraz em proporções grandiosas, belleza de aspecto e commodidades para os fins do ensino. Nada lhe falta:—situação magnifica no mais luxuoso bairro do Porto, decorada de predios esbeltos e graciosos, marginado de formosos jardins que deleitam a vista e asseguram a saude; edificio amplo e majestoso, de corredores largos, de salões vastos, de aulas espaçosas por onde o ar e a luz circulam n'um cantico de alegria e n'uma garantia de bem-estar e confôrto.

Um grupo de alumnos externos

O terreno destinado aos recreios é muito extenso e protegido por arvores frondosas.

Quem percorrer as varias dependencias do edificio, dotado de um balneario explendido, de um bom gabinete de physica e chimica e de um mobiliario apropriado, tem a impressão de que se deve viver bem alli, n'uma atmosphera de avanço intellectual e moral.

Em espectaculosos reclamos de differentes collegios, fazem-se por vezes referencias encommiasticas a modellos importados do estrangeiro, como se fossem a ultima palavra da pedagogia e da sciencia. Temos visitado, em intuito de estudo, os mais importantes estabelecimentos de ensino da França, Belgica, Italia e Inglaterra, e por isso sabemos perfeitamente o que esses retumbantes annuncios conteem de exagerado e visionario.

Está-se até a propôr como mobiliario escolar mais perfeito aquelle que a experiencia vae aconselhando lá fóra a pôr de parte. A pretexto de maior commodidade, usam-se carteiras de engrenagem complicada que só teem a vantagem de durante o tempo de estudo, ensaiar o estudante applicado varias posições, como manifesto prejuizo do seu approveitamento e do dos seus collegas.

D'est'arte, agradou-nos constatar que os directores do *Grande Collegio Universal*, não descurando em mobiliario e methodos de ensino o que de

Alumnos que terminaram o curso commercial

melhor lá por fóra *viram com seus proprios olhos*, não vão na corrente de innovações espalhafatosas, de resultado duvidoso ou provadamente contraproducentes.

A todos, pois, que teem filhos a educar, impõe-se uma visita ao alludido collegio.

A orientação do ensino é moderna e pratica, como significam as visitas de estudo aos museus, monumentos e estabelecimentos industriaes.

O professorado, constituido por alguns dos mais abalisados professores do extincto Collegio de Santa Maria e de outros vultos notaveis pela sua illustração e zêlo, tem já uma larga experiencia do ensino.

As linguas são ensinadas por professores das respectivas nacionalidades.

Ajunte-se a isto que da direcção fazem parte o dr. Moraes de Almeida, advogado distinctissimo, com o curso de theologia e direito e os revs. Santos Brito e Fonseca Pinho, que foram dois valiosos auxiliares dos padres do Espirito Santo no antigo Collegio de Santa Maria.

Ha quem prefira os Collegios fóra da cidade, mas é um engano nocivo, porque além de a educação não ficar mais barata, como é facil vêr-se, nunca no campo se dispõe de um professorado tão distincto e de outros recursos valiosos de ensino, em contacto permanente com a orientação seguida nos lyceus.

Pela sua invejavel situação, o *Grande Collegio Universal* alia os bens do campo ás vantagens da cidade.

P.

Monumentos de Lisboa

Museu d'artilharia

Um dos melhores e dos bellos museus de Portugal é o museu d'artilharia de Lisboa fundado por decretos de maio de 1840 e dezembro de 1851.

Torna-se notavel pelas magnificas obras

Sala Affonso Henriques

(Clichés do nosso corresp. phot. em Lisboa)

Sala Vasco da Gama

de talha, estatuas e quadros de grande valor assim como ricos azulejos, bustos, panoplias etc.

Uma das salas mais ricas é sem duvida a de *Vasco da Gama* de que damos photographia impressionando fortemente o visitante pelas grandiosas decorações e riqueza de ornamentações.

Pelas paredes bellos quadros de certos reis, uma rica tella de Manini que esteve na exposição de Paris em 1900.

Tem tambem o busto do grande Vasco da Gama, (que se vê na photographia, canhões, bombardas, etc., dos seculos XIV, XV e XVI.)

Outra rica sala é a moderna denominada *D. Affonso Henriques,* onde entre outras preciosidades se vé, como a photographia representa, a armadura do mesmo rei fundador de Portugal e diversas outras de guerreiros d'aquelles tempos.

A fachada d'este bello edificio, que não podemos dar n'este numero, é uma bella execução do grande esculptor portuguez Teixeira Lopes.

Ficará para outro numero.

Na estação do caminho de ferro:

Os senhores sabem se minha mulher veio?

Um viajante:

—Homem, essa agora! Pois não sabe que o comboio descarrilou e houve muitas victimas!

—Isso não tem nada que vêr com minha mulher.

—Porquê?

Porque trazia bilhete de ida e volta.

VIANNA DO CASTELLO — Concurso Hyppico

(Cliché do Sr. Roberto d'Espregueira Mendes.)

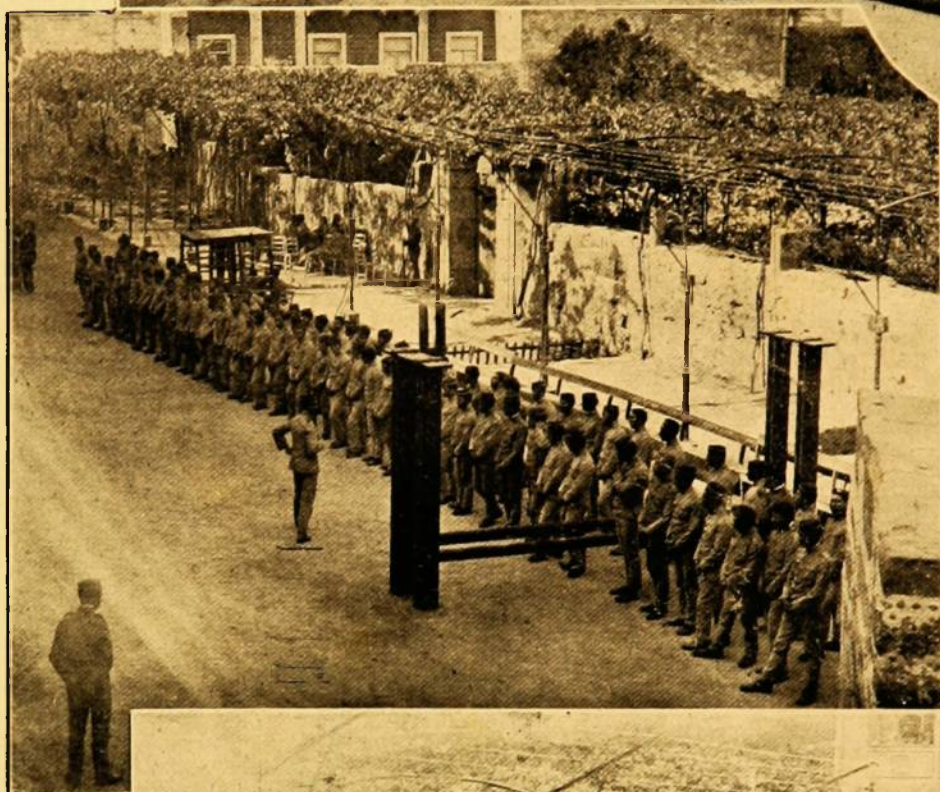
Um trecho da assistencia

(Clichés do Sr. Manuel Joaquim Vieira.)

Salto da «Banqueta de Vianna» pelo Sr. Moura Borges no Cicrate.

Salto de parelhas—Os Srs. Ciriaco Costa e A. Maia

BRAGA. O juramento da bandeira em infanteria 29

1 — Aspectos da parada por occasião dos exercicios sportivos.

2— Os novos recrutas antes do juramento de bandeiras.

3— Os novos recrutas fazendo exercicios de gymnastica sueca.

O conselheiro Candido Oliveira

No terceiro numero d'esta «Illustração Catholica» offereci a noticia consoladora e emocionante da conversão d'esse distincto vulto brazileiro que honra a sua Patria pelo seu saber e elevados cargos conferidos ao seu merito.

Hoje, continuando, vou dar uns traços biographicos do illustre conselheiro convertido, que benevolamente me foram offerecidos por quem muito o aprecia e estima.

São elles irrefutavel resposta aos homens da *actualidade*, a quem mostra onde se acolhem os verdadeiros sabios, que todos se curvam reverentes perante os ensinamentos da Egreja Catholica.

O conselheiro Candido Luiz Maria de Oliveira nasceu na cidade de Ouro Preto, na então provincia de Minas Geraes, a 6 de Julho de 1845.

Foram seus paes o tenente-coronel Candido Theodoro de Oliveira e Luiza Maria Agostinha de Oliveira.

Fez seus estudos de preparatorios no Lyceu Mineiro.

Seguindo para S. Paulo ahi fez em Fevereiro de 1861 todos os exames necessarios para a matricula na Faculdade de Direito sendo em todos elles approvado plenamente.

A 27 de Novembro de 1865 recebeu o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociaes. Recebeu o grau de Doutor em Direito em 1901.

Durante a sua vida academica redigiu um jornal politico «7 de Setembro» e escreveu diversas monographias juridicas na revista do Ensaio Phylosophico Paulistano, Atheneu Paulistano, Culto á Sciencia, Instituto Juridico e Tributo ás Lettras, tendo sido Presidente e orador das associações Atheneu Paulistano, Ensaio Phylosophico e Culto á Sciencia sendo ao concluir seus estudos eleito socio benemerito das mesmas.

De regresso á sua cidade natal (Ouro Preto), foi nomeado em Fevereiro de 1866 Procurador Fiscal da Thesouraria de Fazenda e Promotor Publico da comarca de Ouro Preto.

Em Julho de 1867 passou a exercer o cargo de Juiz Municipal da cidade de Curvello.

Deixando a magistratura em 1871 dedicou-se á politica sendo eleito successivamente Presidente da Camara Municipal do Curvello, deputado provincial em quatro legislaturas, deputado geral nas legislaturas de 1878 a 1886.

Foi nomeado senador do Imperio em 1886, lugar que occupou até á Proclamação da Republica a 15 de novembro de 1889.

Exerceu o cargo de Ministro e Secretario do Estado dos Negocios da Guerra no Gabinete de 6 de Junho de 1885 e de Ministro da Justiça no gabinete de 7 de Junho de 1889 fazendo assim parte do ultimo ministerio da Monarchia n'elle occupando tambem interinamente a pasta de Ministro da Fazenda.

Foi leader da Camara dos Deputados durante os Ministerios presididos pelos conselheiros Martinho Campos e Lafayette, assim como chefe da opposição aos ministerios do conselheiro Saraiva e Barão de Cotegipe.

BRAGA—A ex.ma snr.a D. Antonia Baptista Pinto, professora official na freguezia de S. Lazaro com as suas discipulas approvadas este anno nos exames do 2.o grau

tendo n'este caracter organisado em Montevideu uma parte do Codigo de Direito Internacional Privado Americano de que fôra encarregada a 5.ª Commissão.

E' membro effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro e do Instituto da Ordem dos Advogados.

E' socio correspondente dos Institutos Historicos de Minas Geraes e do Ceará.

O conselheiro Candido de Oliveira além de ter feito parte do Conselho do Imperador do Brazil é Commendador da Ordem da Rosa e Grã Cruz da Ordem de Sant'Anna da Russia.

PINHEIRO DOMINGUES.

Chegada do Grupo das Madrugadas a Rio Tinto

Em 1896 foi-lhe confiado o lugar de redactor em chefe da folha monarchica «Liberdade» de que eram collaboradores o dr. Carlos de Laet, conselheiro Basson, conde de Affonso Celso e outros monarchicos.

Este jornal foi incendiado pelos jacobinos e estudantes da Escola Militar com consentimento das auctoridades policiaes, pelo que teve o conselheiro Candido de Oliveira de abrigar-se no interior do Estado de S. Paulo escapando assim ás ameaças de morte que lhe foram feitas por essa occasião.

Quando foi proclamada a Republica foi deportado para Europa onde permaneceu até Junho de 1891.

De regresso ao Brazil estabeleceu seu escriptorio de advogado no Rio de Janeiro achando-se até esta data no exercicio de sua profissão.

E' actualmente Director da Faculdade Livre de Direito e lente da cadeira de Legislação Comparada.

Publicou além de numerosos artigos politicos nos jornaes *Liberal Mineiro, Rebate, Combate, A Justiça, A Liberdade* — as seguintes obras: «4 volumes de discursos parlamentares», «Curso de Legislação Comparada» (1 vol. de 600 paginas,) «a Eleição Directa», «o Recurso Extraordinario»; «Epanaphoras Juridicas» e numerosos trabalhos forenses que fazem 4 grossos volumes.

Fez parte da Commissão que em 1910 organisou os projectos de Codigos do Processo Civil e Criminal e é actualmente membro da Commissão Internacional de Jurisconsultos

Fastos do Catholicismo

Juventudes integristas na Hespanha

Reuniram-se ha dias as juventudes integristas do Norte da Hespanha, que estão trabalhando com muito ardor.

Como é de uso em taes congressos, realisaram-se academias litterarias e sessões doutrinaes muito brilhantes, e unindo ao estudo e acção a oração e a pratica religiosa, houve uma communhão geral de todos os jovens politicos reunidos.

O banquete foi cheio de animação. Amigos e inimigos reconhecem unanimemente a grande transcendencia do acto que realisaram os integristas.

E... quando se organisarão os integristas portuguezes?

Os socios do Grupo das Madrugadas almoçando ao ar livre em Rio Tinto

(Clichés de Teixeira Mendes).

PORTO. A festa de S. Bartholomeu—Um aspecto do arraial

O arcebispo de S. Domingos

A proposito da passagem de Mons. Nouel pelo porto de Cadiz tem-se a imprensa (até mesmo a catholica) referido á sua demissão de presidente d'aquella republica.

Convem esclarecer. S. Ex.ª Rev.ma, auctorisado pelo S. Padre, acceitou a presidencia *provisoria* da republica para promover a pacificação de grupos hostis, e, nos termos constitucionaes, essa presidencia *só podia durar dois mezes*. Findos elles, o arcebispo saiu, apesar de instado pelo governo e parlamentares a que se demorasse excepcionalmente dois annos pelo menos.

O arcebispo, todavia, insistiu pela retirada, não só porque realisou o fim principal que se houvera em vista; como porque o governo e o seu successor na presidencia adoptaram como programma a mensagem presidencial que havia feito e á qual a republica vae dever uma era de grande prosperidade.

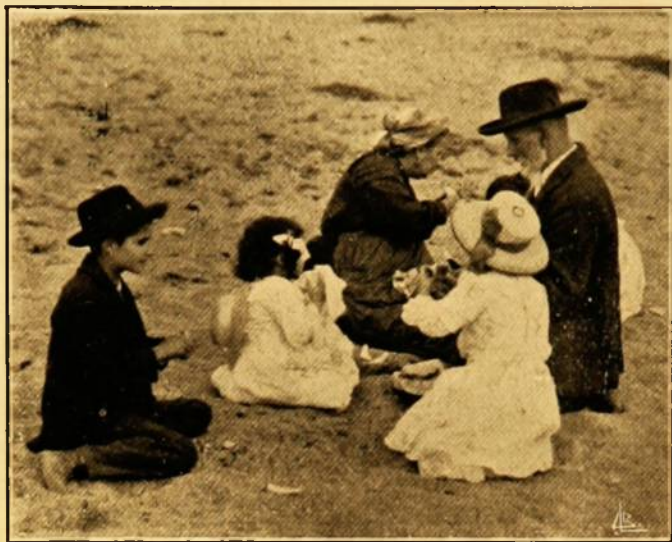
Depois de sahir da presidencia, o snr. arcebispo foi a Roma fazer a visita *ad sacra limina*, e agora regressa ao seu paiz, onde continuará a ser o que é, um bispo modelar.

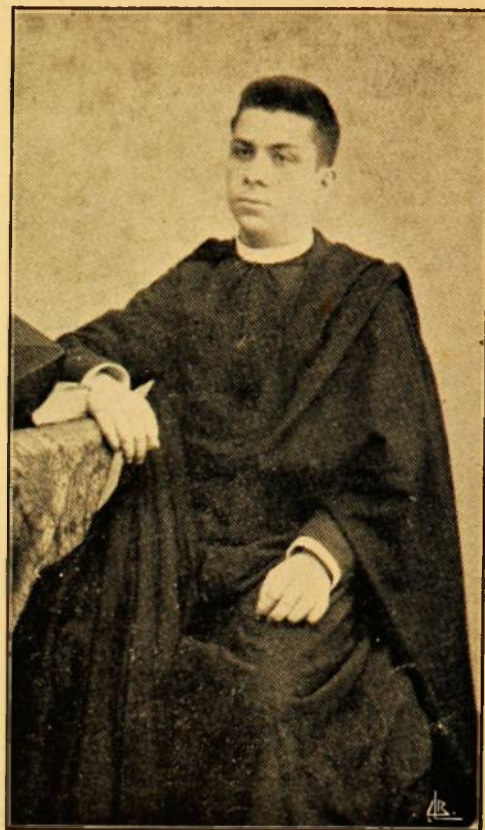
Comprando melancias

Em volta do carro comprando melancias

O Dogma catholico e o direito de replica

Ha pouco tempo foi citado perante o tribunal correccional de Tournai um jornal catholico, que se tinha negado a inserir uma replica no qual se continha a negação da presença real nas especies eucharisticas.

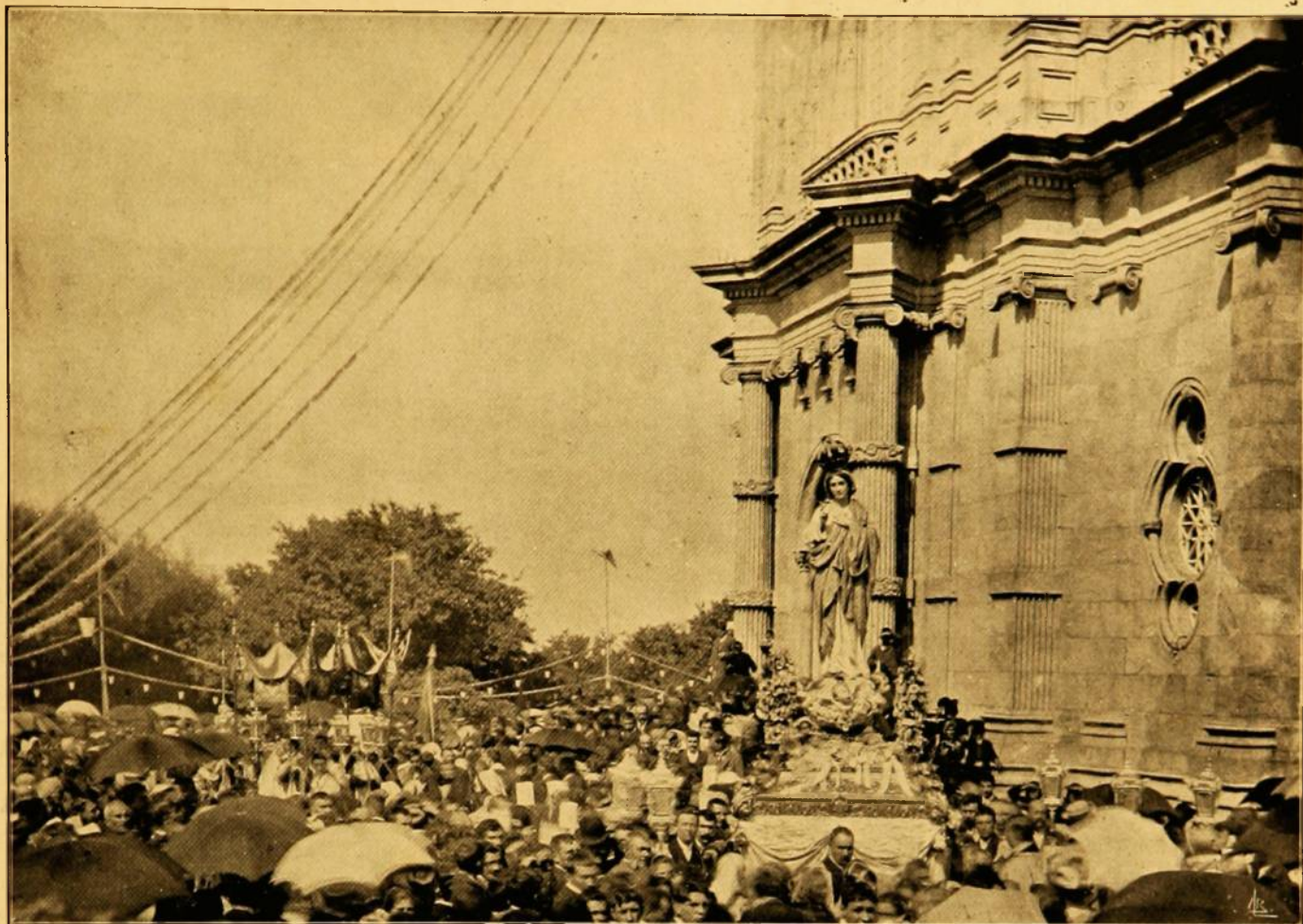
O Tribunal, porém, deu razão ao nosso collega, dizendo que os termos da replica conteem uma proposição directamente contraria ás crenças religiosas dos leitores do periodico, a que foi dirigida, e não é admissivel que, sob pretexto de replica se faça publicar um periodico as heresias mais contrarias.

Os avós e os netos comendo a melancia

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

P.^e José Joaquim Pereira Villela

presbytero bracarense e apreciado jornalista catholico fundador do bi-semanario «Echos do Minho». Nasceu em 6 de janeiro de 1876 e falleceu em 10 de setembro de 1912.

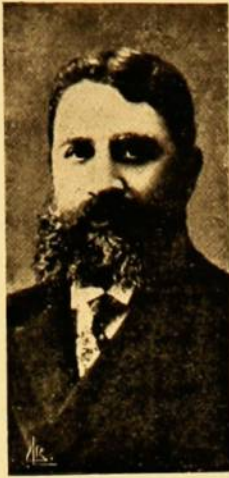
Braga. Ainda as festas do Sameiro

A direcção dos «Amigos de Santo Antonio»

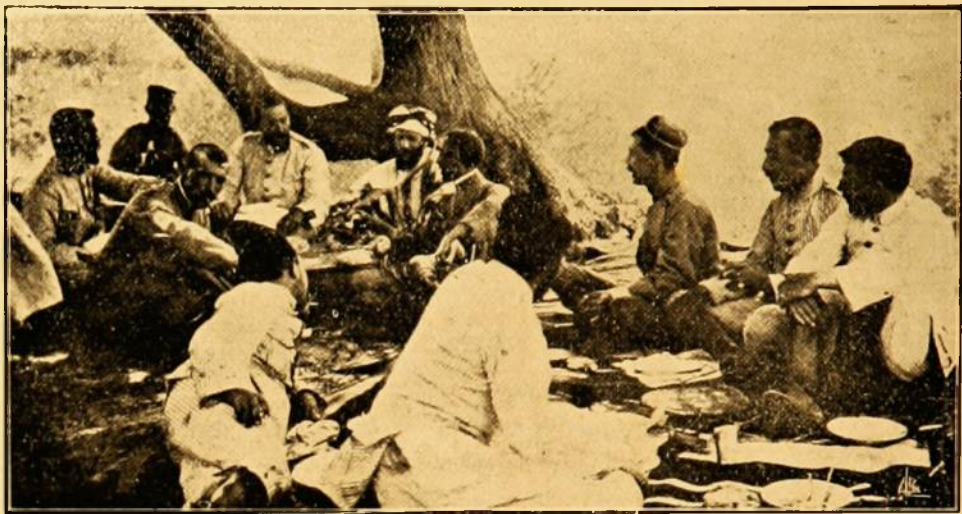
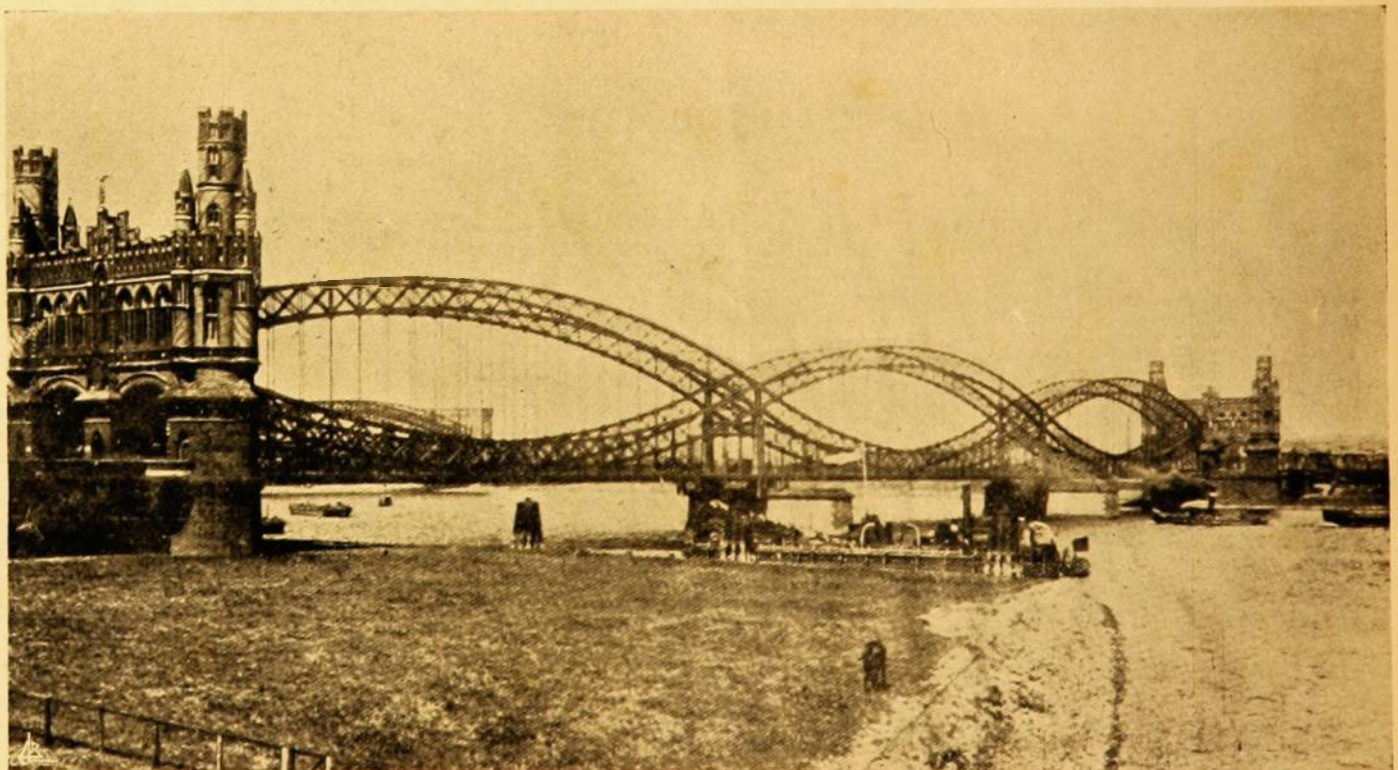
organisadora da ultima peregrinação portuense á Virgem do Sameiro

O cortejo religioso passando em frente ao templo.

Um aspecto das ornamentações.

(Clichés de João Jorge Guimarães).

NOTAS DO ESTRANGEIRO

Radoslavoff, novo chefe do governo bulgaro.

Dr. Sun-Yat-Sen, chefe da revolução da China.

Yan Chi-Kai, presidente da republica da China.

O Bey d'Arzilla rodeado de commandantes e officiaes hespanhoes aos quaes convidou para jantar.

Ponte gigantesca que acaba de ser inaugurada sobre o Elba, em Hamburgo, e que constitue uma das maravilhas da moderna engenharia.

ROLLAND

o clarim que tocou á carga em Sidi-Brahim e que aos 92 annos acaba de ser promovido a official da Legião d'Honra

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR
Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500

Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.

Numero avulso	60

Numero 12 — Braga, 20 de setembro de 1913 — **Anno I**

Artigos Photographicos

As maiores novidades
em chapas, aparelhos,
productos, cartonagens
e papeis.

Fornecedores dos principaes
estabelecimentos scientificos.

Photographia artistica
Photo-miniatura
Photo-pintura

Quarto escuro e machina de
ampliação á disposição
dos amadores.
Lições praticas de photographia.
Acabamento de todos os
trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os
artigos do seu commercio

Mandam-se catalogos gratuitamente
contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR
MAGALHÃES & CARVALHO
43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO

Collegio Povoense

FUNDADO EM 1907

Pensão annual — 120$000 reis

POVOA DE VARZIM

A MAIS LINDA PRAIA DO NORTE DE PORTUGAL

Estabelecimento
modelar,
optima installação,
clima maritimo
saluberrimo

Lecciona
instrução primaria,
curso geral
dos Lyceus e curso
commercial

Os alumnos habilitados por este Collegio tem obtido sempre bom resultado nos seus exames

DIRECTOR *P.e Manoel R. Pontes*

Revista litteraria semanal de informação graphica

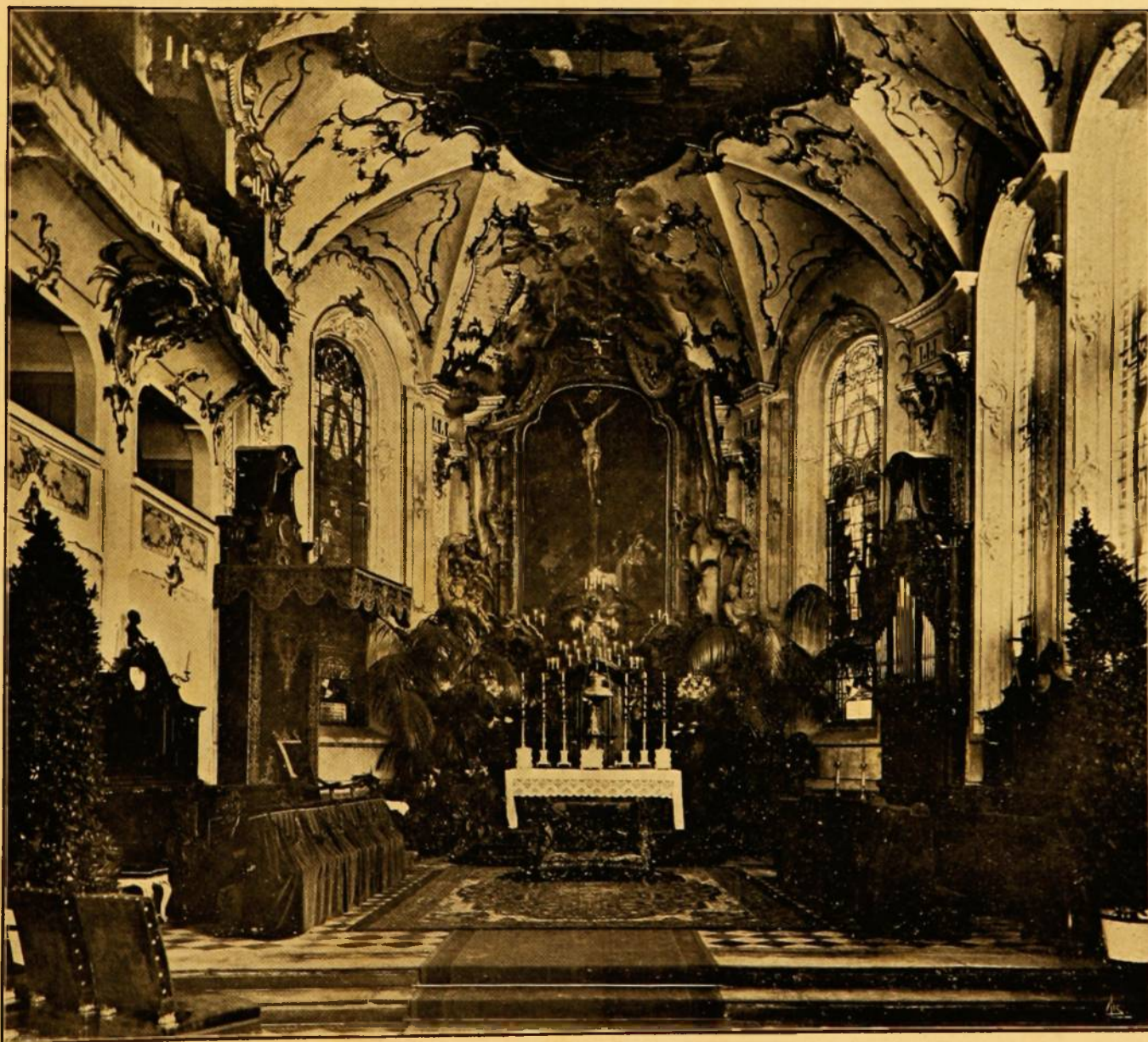
Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, F. de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 20 de setembro de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 12 — Anno I

Interior do templo do castello de Sigmarigen, onde se realisou o consorcio do Senhor D. Manuel com a Princesa Augusta Victoria.

(Cliché do sr. W. Niederastroth da firma Selle & Huntse, de Potsdam, phot. das casas reaes e imperiaes allemãs, enviado directamente para a «Ill. Cath.)

Chronica da semana

XII

Nunca, desde o advento da Republica, foi tão violenta, tão fulminante, a campanha da opposição monarchica na imprensa.

Não é uma manifestação de desespero, mas uma liberdade que se vae conquistando, na retravada lucta, uma valvula que se abre sobre pressão elevadissima.

Eu quero acreditar que nos ultimos dez annos, não houve em Portugal uma campanha semelhante, assim como não receio affirmar que a audacia desorganisadora dos governos republicanos, e sobretudo do actual, constitue um exemplo de tenacidade quasi sem precedentes. Tenacidade do orgulhoso, do ambicioso, do megalomano — se quizerem; mas tenacidade, mão de ferro, audacia, no cumprimento pleno d'um programma politico, na sua imposição brutal á consciencia d'um paiz apavorado.

Mais tarde, quando a historia vincar o seu definitivo juizo sobre esta crise suprema da vida portugueza, será esta a grandiosa licção a aprender.

Vexar quando não ha resistencia, é relativamente facil, mas gargalhar quando o inimigo não perde um golpe, e continuar, e teimar no arbitrio, na illegalidade, como se as criticas não colhessem, representa incontestavelmente uma apreciavel qualidade, dentro de certos limites, é bem de vêr...

Quer no periodo da dictadura de Franco como nos fatidicos mezes do ministerio Teixeira de Souza, a opposição e o combate deram-se apenas a dentro das parcialidades partidarias: um governo contra um *bloco*, um *bloco* contra um governo.

Hoje, não é assim. As opposições republicanas não honram o seu titulo. Parecem antes sentinellas do poder, aguardando a subida dos alcatruzes.

Partido monarchico não existe — mais, não póde, nem deve existir.

De sorte que a guerra dá-se directamente entre o governo do snr. Affonso Costa e o paiz.

Porque é este o aspecto inedito da campanha opposicionista de que o *Dia* e a *Nação* são orientadores e arautos, mas que perdurará embora estes dois jornaes caiam na arena sob o cutello da censura ou da suspensão.

A principio, ella foi dispare, não havia logica no ataque, se bem que o inimigo fosse o mesmo. Dentro em breve, porém, revela-se uma ordenação nas fileiras, o fogo é mais bravo e impiedoso, e opera-se o contacto entre a opinião publica e os orgãos de opposição.

E a grande verdade é que, como por mais de uma vez o teem confessado os proprios jornalistas do regime, existe hoje em Portugal, se não uma *opinião* ou uma *convicção* monarchica, uma corrente que deseja a restauração depois de se desilludir a beneficios do systema republicano.

Quaes os fautores d'esta situação?

Não nos enganemos: não foram só os desmandos do alto que crearam as impertinencias de baixo. Ao *Dia* e á *Nação* deve a Republica, na sua maior parte, o isolamento que a asphixia, e cava sob o soclo da sua estatua o inevitavel fim.

O *Dia* fez a conquista da opinião *liberal:* a *Nação* afervorou a opinião *reaccionaria* — para nos servirmos de termos vulgarisados. A Republica conta hoje a seu lado, apenas, os soldados que possuia em 5 d'outubro (e nem todos) aos quaes a escorrencia dos pusillanimes, dos commodistas, se foi juntar... por medo.

Na eira politica, Moreira d'Almeida e Franco Monteiro malham alternos, imperturbaveis, como velhos guerrilheiros que não deixam um palmo de terra ao adversario.

Qual o effeito final dos seus esforços, não nos cabe determinal-o. Por emquanto, a situação dos dois contendores é a que acabamos de vêr. Não nos lancemos em temerarios juizos, que, no dizer de Camillo, são muitas vezes ança para grandes culpas.

Sejam quaes forem as consequencias, nós, como o pretor de Tiberio, lavamos d'ahi as nossas mãos...

F. V.

Fra Angelico

Debaixo de um certo aspecto, eu não conheço nada na arte comparavel a este homem. Fra Angelico!

Houve quem tivesse mais energia como Miguel Angelo, mais graça nos rostos como Corregio, mais mimo como Perugino, mais idealidade na forma como Raphael, mais poesia como Leonardo de Vinci, mais colorido como Ticiano; mesmo n'aquelles seus contemporaneos, mesmo ainda no tempo em que a pintura era tudo interior e não mirava senão á expressão, havia Signorelo, os irmãos Lorenzetti, um Arcagna, um Giovanni Bellini. Mas ninguem, nunca ninguem no grande campo da arte, egualou Fra Angelico pela sua sinceridade, pela sua doçura, pela suavidade da figura, pelo mysticismo, pela crença ardente que animava todos os seus frescos, todos os seus quadros; nem Botticeli nem Frei Filippo Luppi em Florença, nem Menici em Siena, nem Verrochio na Lombardia, nem Durer na Allemanha, nem os Van Eyck e Neuling nos Paizes Baixos nem depois Murillo em Hespanha, nenhum, apesar dos seus sentimentos religiosos e da sua crença viva, chegou áquella suavidade, áquella especie de voluptuosidade mystica de Fra Angelico!

Vivendo retirado do mundo, mettido na sua cella do convento de S. Marcos, vestido do seu habi-

to dominicano, este homem extraordinario conseguiu criar uma obra artistica que passa por cima de todos os seculos e que será immortal, porque foi a mais sincera de todas, porque foi unica entre todas.

A Raphael oppozeram-lhe rivaes, em vida Sebastiano del Piombo, depois o Garofalo em Ferrara, Alonso Cano em Hespanha, o proprio Raphael Mengr na Allemanha; A Miguel Angelo oppõem-se-lhe Donatelo como esculptor, Bramante como architecto e muitos mais como pintor. Ha quem se haja sempre levantado contra a divinisação de certos pintores, contra Rubens e contra Velasquez, contra Raphael e contra Ticiano, contra Corregio e contra Leonardo de Vinci; todos teem tido os seus maldizentes, os seus denegridores desde Chimache até Goya. — Ha um porém, deante do qual todos os artistas se curvam, todos os homens de gosto admiram e que todos os que amam a arte veneram—este homem é Fra Angelico.

Nunca, por nunca ser, se levantou um critico de nome a ridicularisal-o, nem mesmo o positivista Taine, nem mesmo o atrevido Stendhal! E' que cada obra de arte se salienta sobretudo por um caracter e o caracter que se salienta nas obras de Fra Angelico é enorme, ninguem lhe pode passar além. Concebe-se um colorido mais fino que o de Ticiano ou de Murillo, uma fórma mais ideal que a de Raphael ou a do Savona, uma acção mais dramatica que é a de Carracci ou a de Dominichino, uma graça mais fina que a de Corregio e a de Boticelli, um naturalismo mais franco que o de Velasquez, uma fuga mais franca que a do Tintoretto e a de Goya, um realismo mais profundo que o de Rembrant ou o de Caraveggio, mas não se concebe um mysticismo mais doce, mais suave, mais sobrenatural do que o de Fra Angelico.

Fra Angelico punha-se de joelhos para pintar as suas madonas e chorava deante dos seus Christos; elle não corrigia nunca as suas obras, certo, como elle dizia, que era Deus que guiava a sua mão. Taine fez bem em comparal-o com uma flôr vivendo dentro d'uma estufa, separada do contagio exterior. Elle foi o pintor mais crente e mais sincero de todos. Certamente nas suas figuras ha ainda muitos defeitos, nas suas formas por vezes uma certa sequidão, nos seus movimentos, pouca larguеza, mas ninguem o imita na doçura dos rostos, na bondade da expressão, na sublimidade do seu mysticismo, no sonho celeste de todas as suas pinturas. O beato Angelico não foi, porém, só um pintor de madonas. Quem não conhece ou quem não ouviu fallar, pelo menos, da capella de Nicolau V do Vaticano, do *Juizo Final* do museu Belle Noti de Florença, d'aquelles anjos, unicos na arte, com que elle circumdava as suas Madonas, e da *Crucifixão* do Convento de S. Marcos de Florença?

Na patria da pintura de Madona, Fra Angelico não occupa o logar proeminente de Raphael; no emtanto uma grande parte das suas obras foram consagradas á glorificação da Virgem, bastando-nos

BRAGA—Escola de repetição. O regresso do regimento de infantaria 8

(Cliché de João J. de Souza Guimarães).

citar por isso a *Coroação da Virgem* do museu do Louvre, a idealissima *Coroação da Virgem*, uma das obras primas do museu do Uffiz de Florença. Tambem Fra Angelico como os principaes primitivos italianos, de Cimalne, não primava pela pintura da Madona, em ponto grande por assim dizer. No grande tabernaculo do museu do Ufficio em Florença póde dizer-se que das cinco grandes figuras que o compõem a Virgem é a peor; o contraste entre a Virgem, de tamanho natural, e aquelles anjos divinos, conhecidos de todos, que a cercam, prova como Fra Angelico, como os primitivos flamengos, era sobretudo artista quando pintava pequeninas figuras. Os seus mais bellos typos de Madona são os da *Coroação da Virgem* do museu do Uffizio de Florença, a Madona *della Stella* do convento de S. Marcos da mesma cidade, a bellissima Virgem, expressão de bondade e doçura do grande *Juizo Final* da Academia das Bellas Artes.

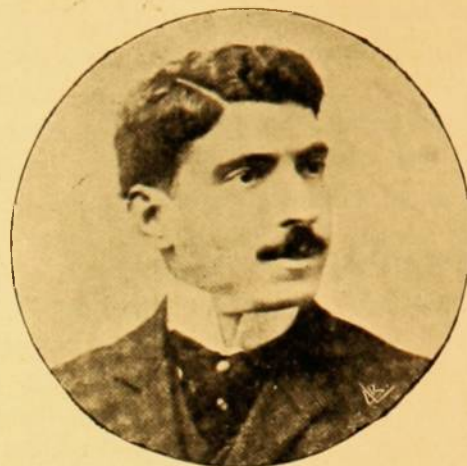
ALFREDO SERRANO.

Em um exame de dentistas:

— A dentição humana comprehende os primeiros dentes, ou dentes de leite, depois os incisivos, os caninos, os molares...

Tenha a bondade de me dizer: que dentes veem em ultimo logar?

O examinando, depois de reflexionar:

Os dentes postiços.

Alfredo Serrano

Passou no dia 17 do corrente o anniversario da morte d'este illustre escriptor.

Alfredo Serrano foi um critico d'Arte muito erudito e um catholico que honrou a sua crença. Damos hoje aos leitores um admiravel estudo seu, ainda inedito, sobre Fra Angelico. Brevemente serão publicados pela casa editora Magalhães & Moniz as suas "Questões d'Arte„ e em seguida as suas "Conferencias sobre o mal da Renascença„, "Rembrandt e a sua obra„, a "Pintura Hollandeza„ com alguns magnificos estudos sobre o Pangermanismo, os Judeus, etc.

VIANNA DO CASTELLO — Ornamentação da Praça da Republica

(Cliché do snr. Roberto d'Espregueira Mendes).

Nossa Senhora do Porto d'Ave

ooo

Na freguezia de S. Miguel de Tahide, a poucas dezenas de metros da margem direita do poetico Ave e a 5 kiometros de distancia da Povoa de Lanhoso, séde do concelho, encontra-se o bello Sanctuario de Nossa Senhora do Porto d'Ave, o primeiro do Minho em valor topographico como artistico, depois do Bom Jesus de Braga.

Data a sua origem dos meados do seculo XVIII com uma capellinha cita no local onde actualmente se encontra o passo do nascimento da Virgem, e para onde fôra transportada a milagrosa imagem por um devoto professor de aquelle tempo, que particularmente a venerava na sua escola depois de ter impedido que como inutil a enterrassem.

Attrahidos pelos prodigios e sobre tudo pela milagrosa ascensão da modesta imagem em uma noite, como rezam os archivos do Sanctuario, em breve a concorrencia do povo alli se tornou grande, e pedindo lenitivo para os seus grandes males com aquella fé innocente e pura, caracteristico das almas limpidas, deixavam em troco o obulo da esmola.

Estas augmentaram e com ellas se iniciou e foi proseguindo a construcção do Sanctuario que hoje admiramos nas encostas da colina, como a debruçar-se langoroso e a espelhar-se nitido nas aguas crystalinas do rio que lhe passa aos pés.

Uma sumptuosa egreja erguese mesmo no sopé do outeiro, e a cortar-lhe as vertentes em linhas de regularidade e symetria, bem talhados escadorios ligam terreiros arborisados, lindos jardins de flores e lá no alto em zig-zag as simples mas esbeltas capellinhas que representam os passos da Virgem Santa. A arte não é de todo estranha a este conjuncto, encontrando-se com frequencia formosos rendilhados e arabescos, lindos lavrados em granito, e, encimando piastras circulares, estatuas de pedra d'uma regularidade e perfeições admiraveis.

Mas a belleza da paisagem, o panorama que d'alli se desfructa!.. E' um d'esses pedaços do Minho ante cuja contemplação a alma do sentimentalista se sente alfim transportada á realisação do sonho.

Tive sempre especial predilecção pela belleza rude da natureza, e por isso me perco muitas vezes na contemplação estatica de, como, estes grandes quadros—qual o poeta que só idealisa amores na fonte das cachoeiras, nas vélas brancas das canoas, ou ao longe, como azas de espuma, no horisonte do indefinida. E' que o painel que d'alli se descortina parece mais a forma indecisa d'um sonho de phantasia que a correcção dos traços d'uma scena real e palpavel. Campos de verdura succedem-se em frente ao Sanctuario quasi a perder de vista, e ao meio o rio em caprichosos e phantasticos arabescos, parece uma serpente immensa reflectindo ao sol do meio dia a sua escamosa superficie.

Como é linda, docemente linda, a belleza campestre, a paysagem n'um requebro langoroso a nu-

POVOA DE LANHOSO—Sanctuario de N. Senhora do Porto d'Ave

blar-se em aromas como as estrellas limpidas nos vapores da noite!

Como é bello ir contemplar alli o sol nascente a doirar as campinas, ir aspirar á tarde o perfume da briza, ouvir o bulicio das folhas, sobre tudo vêr o sol reclinar-se no poente. Ah!... só a contemplação d'este ultimo quadro merecia uma visita ao Sanctuario!

O rio é como um traço de fogo, as nuvens semelhando castellos da legenda agrupam-se lá ao fundo, e os ultimos raios do astro rei, doiram ainda as grimpas das ultimas capellas. Desappareceram... E' a hora do crepusculo...

Uma das capellas dos passos da Virgem

(Clichés de F. Brito).

Na egreja o sino toca ás Ave-Marias... E' essa hora tão melancolica, que tanto se harmonisa com o coração que ama, essa hora que Garrett cantou em versos maviosos, e que em outros tão sentidos descreveu o sceptico poeta que teve Albion por berc Missolonghi por tumulo

Avé-Maria! This the hour of prayer!
Avé-Maria! This the hour of love.

F. BRITO.

Fastos do Catholicismo

Jesus Christo glorificado na Republica Brazileira

Em Bello Horizonte realisou-se ha pouco a solemne reposição da imagem de Nosso Senhor no palacio da justiça e sala do tribunal. Da matriz de S. José foi a imagem conduzida processionalmente ao publico edificio, no meio das exclamações do povo, por uma commissão de doutores em leis.

No adro da matriz celebrou-se missa campal, ouvida attentamente pela devota assistencia.

No palacio da justiça o rev. padre Julio Maia fez uma eloquente allocução á qual respondeu o meretissimo juiz com um discurso devotissimo.

Para celebrar o successo, realisaram-se á noite grandiosos festejos na cidade de Bello Horizonte.

Jesus Christo vae conquistando o Brazil que o nosso Portugal lhe deu e para Elle conquistou. Mas a nossa Patria permanecerá apostata do christianismo que foi a sua gloria no passado?

Em nossa mão está respondermos, porque a Patria será o que nós quizermos.

A Servia e o Vaticano

Com certa insistencia tem corrido mundo a noticia de uma approximação ao Vaticano feita pela Servia.

Uma commissão de diplomatas servios, diz-se, está disposta a ir a Roma para entabolar negociações concordatarias com o Santo Padre acerca das relações entre a Egreja e o Estado.

Tem difficultado a realisação d'este desejo os habitos servios, avido este paiz de ter a Egreja escravisada, segundo as tradições slavas.

Todavia parece que actualmente a Servia, n'uma melhor comprehensão da necessidade politica d'agora está disposta a dar á Egreja uma verdadeira liberdade. Nem de outro modo o Vaticano acceitará uma concordata.

Os ruthenos no Canadá

A hierarchia catholica vae ter mais uma séde episcopal.

A Santa Sé acaba de crear o bispado rutheno do Canadá, para o serviço ecclesiastico dos povos d'essa raça que teem emigrado para o Norte da America.

Reunião de Jornalistas

A imprensa bracarense já ha muitos annos se não reunia, tão divorciados andavam os seus membros, mas esse interregno de indifferença terminou a semana finda com uma festa de confraternisação, alvitrada por Antonio Ribeiro, velho jornalista, mas sempre novo no talento, e carinhosamente acceite por todos nós.

E para essa reunião tão intima e tão familiar, em que velhas dissenções deveriam desapparecer para dar logar a um vivo e forte espirito de classe, foi escolhido o secular cenobio de Tibães, sob cujas abobadas recitaram psalmos os freires de S. Bento e por cuja cêrca esses mesmos freires se embeberam na contemplação profunda da obra maravilhosa de Deus, esculpida no roble giganteo a cujo tronco musgoso soube agarrar-se a hera, no verde esmeralda do prado esmaltado de innocentes boninas e no gorgolear dolente da agua que cahia, n'um rythmo suave de mystica poesia.

E a cupula azulada do céo a cobrir essa cêrca, fazia-a um outro mundo bem differente d'aquelle em que fervilhavam talvez tantas intrigas e se espalhavam odios e malquerenças.

Mas ainda hoje lá se respira a mesma uncção religiosa que o decorrer dos seculos não soube fazer desapparecer, porque se tudo alli nos falla do passado, tambem nos enleva a alma e a transporta á majestatica pureza do Infinito!

Foi em Tibães que nos reunimos, e lá passamos horas do mais intimo convivio, recordando episodios de outr'ora, relembrando epochas de lucta jornalistica, fallando dos nossos mortos que foram gigantes, como dos que, embora humildes pigmeus, gastaram o melhor da sua vida n'este escabroso e por vezes difficil mister, para assim nos estreitarmos mais e nos unirmos n'um grande abraço de solidariedade inquebrantavel.

Mas alguma coisa mais era preciso fazer:—lançar os alicerces d'uma Associação de Jornalistas e Homens de Lettras, que fosse um baluarte seguro e irreductivel onde nos podessemos refugiar para a defeza legitima d'uma classe bem digna de maior respeito e de mais funda sympathia.

Os jornalistas bracarenses junto ao lago da cêrca de Tibães

E esses alicerces foram lançados, porque todos tinhamos a comprehensão nitida dos beneficios resultantes d'uma tal aggremiação.

Unidos, sim, embora sigamos ideias e principios diametralmente oppostos, porque sendo obreiros da mesma vinha, a mesma ferramenta manejamos.

. . . .

Não ficou em Tibães, junto do grande lago em cuja margem nos brindamos, uma lapide commemorativa d'essa encantadora festa: — contentamo-nos em inscrever os nomes no livro dos visitantes do secular convento, gravando-os nós tambem aqui n'esta pagina da «Illustração», pagina que será mais

tarde um fragmento de historia, se bem que a nossa debil penna não possa dar-lhe o brilho que merece. Eil-os:

Antonio Ribeiro, Jacintho Fernandes, Pereira Villela, Ribeiro Braga, Baptista Ribeiro, Delfim Alves, Vicente Braga, Sá Pereira, José Miguel e Theotonio Gonçalves.

Os que faltaram por motivos imprevistos, comnosco estiveram em espirito: — a nós se uniram no mesmo abraço fraternal.

Foi em 4 de Setembro. Nenhum de nós esquecerá este dia...

12-IX-913.

VICENTE BRAGA.

Os jornalistas bracarenses nas escadas de S. Bento

Um padre

Mas, senhor abbade, observára a velha creada do padre Courbesol, — subir ao alto da serra por uma noite d'estas é caminhar de encontro á morte.

Ao que o moço padre singelamente respondera:

—O pobre Rougnac está agonisante, e o meu dever é levar-lhe, sem demora, os soccorros da religião. Traz-me o capote, Marianna.

Os jornalistas bracarenses á porta da egreja do antigo Convento

E apezar das supplicas da boa mulher, o padre Courbesol envergou o capote crestado pelo sol do verão e desbotado pelas chuvas do outomno; enrolou em volta do pescoço um lenço de lã preta, e, enterrando o chapéo até ás orelhas, partiu, levando junto do coração a hostia consagrada, penhor de resurreição e de vida... *«Ego sum resurrectio et vita...»*

Era uma noite medonha de inverno. Desencadeava-se uma d'aquellas tempestades de neve, cuja violencia desconhecem os habitantes das grandes cidades. Furor cego, surdo e mudo! Trevas brancas !!

Levando curvada a cabeça e hombros, disposto assim a resistir ás forças hostis da natureza, o padre Courbesol, como serrano que era, escalou com denodo aquella região granitica, arborisada e quasi deserta do Lozére, que corresponde ao antigo Gévuedan. Nevava... E o padre não era mais que um ponto negro no meio d'este diluvio branco! O vento glacial, agreste, fustigava-o, arrojando-lhe os flócos ás faces.

Offegante, e sem poder continuar a ascensão via-se obrigado a parar de momento a momento. Uma cinta de gelo—ou de fogo—apertava-lhe a cabeça...

Marianna tinha talvez razão. Seria n'este caso o dever superior ás forças humanas? Era licito retroceder ao presbyterio? Mas o padre em si mesmo repelle logo este pensamento... Lá em cima, n'uma choupana miseravel, espera-o um moribundo para se reconciliar com Deus. Um ignorante, um jornaleiro, um d'estes pobres que Christo entre todos amou... *«Ego sum resurrectio et vita...»* Não lhe assiste o direito de privar o desgraçado dos effeitos da promessa divina. E o padre Courbesol, forte contra a tormenta, volta a galgar as veredas escarpadas. Attingirá o fim?

Emquanto lucta passo a passo contra a borrasca, ha com effeito n'uma misera choupana da serra, meio enterrada na neve, um coração exhausto, cujas pulsações tardias e incertas são dominadas pela anciedade.

Durante muito tempo o tio Rougnac viveu acurvado sobre a terra, trabalhando brutalmente como um cavallo ou como um boi, sem se lembrar de que existe um Deus, senão para blasphemar o seu nome. Mas agora esmaga-o a angustia suprema. A' medida que o seu olhar se ennevôa, o seu espirito obscuro illumina-se...

Sim! Esqueceu-se de Deus, deixou-se influenciar pelos espiritos fortes das tabernas, mas... hoje vae morrer... E, lembrando-se das palavras de esperança e de vida, que lhe ensinaram na sua infancia, pediu um padre como os feridos imploram agua, e os naufragos soccorro!.. De vez em quando supplica á mulher que vá vêr lá fóra... o vento glacial, o vento mortal impellindo os flócos de neve penetra pelas fendas da porta... Mas ella nada vê, senão as

PORTO — Escolas de repetição

O general da 3.ª divisão snr. Ribeiro assistindo á passagem das tropas para as manobras.

Artilharia 6 em marcha

trevas brancas da serra sem nenhuma luz, nem sombra, nem som!..

Então, entre o moribundo que lucta com a morte e o padre que lucta com os turbilhões de neve, estabelece-se uma especie de corrente magnetica... O desejo desesperado do primeiro não será tambem uma força, como que uma alavanca que vem fortalecer a intrepida caridade do sacerdote? Este, porém, vê-se forçado a parar de novo. O circulo de gêlo confrange-lhe de cada vez mais a fronte, e, como lamina mortifera, o frio penetra-lhe no coração.

De novo o invade a fraqueza humana. Pensa na mãe e na irmã, pobres mulheres que n'elle concentram o seu piedoso orgulho, e de quem é o unico arrimo n'este mundo! Dentro em pouco tinham projectado vir viver com elle. E a tentação torna-se ainda mais insidiosa. E' novo, tem um coração ardente de zelo e uma longa serie de obras a iniciar. Mas que importa? logo responde a si mesmo. A obra que esta noite tem que cumprir é levar o viatico ao velho moribundo, e salvar aquella alma ainda á custa da sua vida terrena.

Que receia? «*Ego sum resurrectio et vita...*» Não abriga porventura no seu peito o proprio Verbo, auctor d'esta formal promessa?

E o humilde abbade de Lozére prosegue a sua marcha, offegante e transido.

— Meu Deus! fazei com que eu não morra no caminho!...

— Não vês nada, mulher, não ouves nada? balbucia lá no alto da serra o moribundo, emquanto que em redor d'estas angustias e de tantos esforços supremos para retardar a morte, se desencadeia todo o horror invernal e nocturno das montanhas.

E ao passo que n'aquelle local ermo e pavoroso se desenrola este drama mudo e sobrehumano, ha nas cidades salões sumptuosos, onde raparigas e mulheres ricamente ataviadas deslisam nos braços dos seus pares, emballadas com rythmos voluptuosos e brilhantes...

Ha, nos theatros mulheres de olhos pintados com *kohl*, de labios coloridos de carmim, trajadas de vestidos phantasiosos, que choram lagrimas fingidas, imitam gritos e soluços... e se esforçam por excitar os nervos das pessoas saciadas ou pervertidas, com dramas ficticios, cujo enredo se resume n'uma aventura de amor... Quando o verdadeiro drama, o unico, o que prevalece sobre todas as declamações e comedias sociaes, se representa n'aquelle corpo miseravel sacudido pelos espasmos da agonia:—uma alma ignorante e culpada... em presença do seu juiz!... Moribundos ha tambem nas cidades a esta mesma hora, mas moribundos felizes, a cuja cabeceira em plena noite, basta o timbre de uma campainha para ser chamado o ministro das misericordias divinas. Mas ai! Ha tambem homens no goso da melhor saude, que a sympathia ou a cegueira popular, tornaram grandes, e passam dias trabalhosos combinando planos para que os homens se encontrem sós, nús e desprotegidos em frente do mysterio do Alem...

PORTO—Os regimentos de infantaria 6 e 31 seguindo para os exercicios

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

Ha sabios, ha philosophos que passam a vida inteira, a sua breve e árida vida, a escrever livros compactos, para demonstrarem que a alma immortal não existe, e que se esforçam por arrancar do misero coração humano, triturado pela vida, toda a crença, toda a esperança... acumulando provas d'esse nada ou inventando-as, se tanto julgam necessario. E comtudo homens ha d'este caracter, que um dia, esmagados por aquillo a que elles proprios chamaram o *Desconhecido*, havendo perdido as garantias, que até então lhes devam os seus solidos pulmões, os seus estomagos satisfei-

tos, as suas pulsações bem rythmadas, sentem necessidade de vêr fluctuar sobre si a sombra refrigerante de um habito religioso, de ouvir palavras de vida, depois de terem arremessado tantos outros para as podridões da morte!

Mas não! Nada existe agora senão a branca tempestade da serra... e aquellas duas almas, que se chamam uma á outra...

— Meu Deus! Chegarei lá acima?

E o padre Courbesol parece que só respira lufadas de fogo.

Ha sem duvida n'este momento, nos conventos dispersos pelo mundo fóra, mulheres de coração puro, que rezam pela salvação dos peccadores...

Talvez tambem suba alguma prece isolada para o ceu... «Coração agonisante de Jesus, tende compaixão dos moribundos...»

A tempestade de neve parece diminuir de intensidade... Emfim!... Emfim!... Uma frouxa claridade atravessa o nevoeiro esbranquiçado.

O padre attinge o fim, readquire forças... Atordoado e transido entra em casa do moribundo.

E pouco depois a alvura unica ou antes luminosa da hostia consagrada eleva-se e parece palpitar entre os seus dedos tremulos... «*Ego sum resurrectio et vita...*»

*

Alguns dias depois os jornaes, ditos clericaes, annunciavam n'uma breve noticia sob esta epigraphe «Um padre victima do dever» a morte do moço padre Courbesol que, tendo conseguido regressar ao presbyterio, ficára logo de cama, fulminado por uma congestão pulmonar.

Traducção de GRAZIELLA.

Sol poente e sol nascente

Houve tempo em que tu me desejaste
E o teu olhar ingénuo me seguia
Como se eu fôra o sol e tu a haste
D'um helianto, erguido á luz do dia.

Eu fiz-me n'esse tempo desdenhoso,
Não quiz ouvir a supplica eloquente
Que o teu limpido olhar, caricioso,
Fez ao meu coração de adolescente.

Mudámos, ambos. Hoje, és tu senhora;
E eu escravo, submisso e soffredor;
Eu desprezei o teu romper d'aurora
E tu desprezas hoje, o meu sol pôr...

ALBERTO DINIZ DA FONSECA.

NA PRAIA DA AGUDA

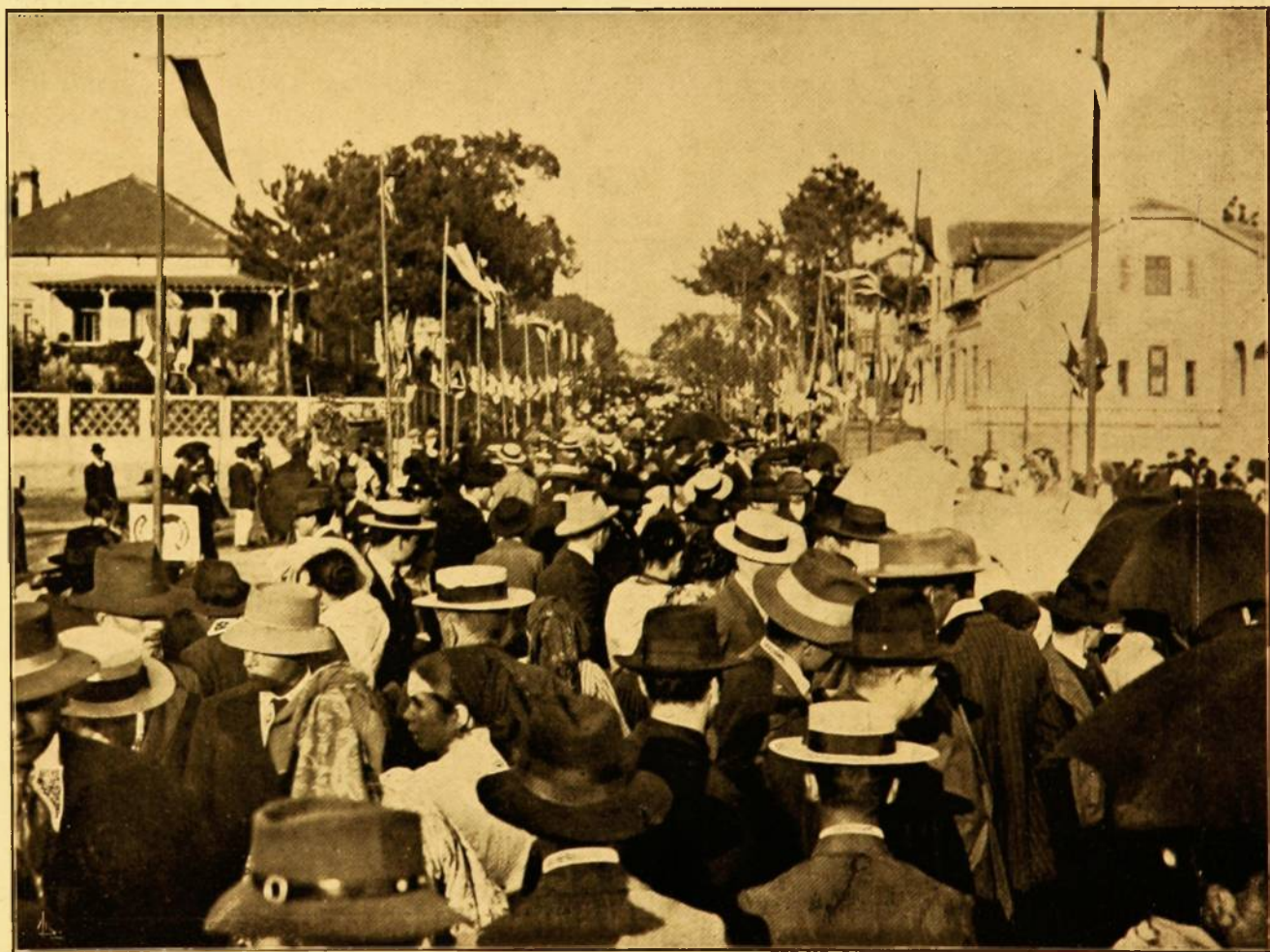
Romaria da Senhora de Nazareth

N'um dos ultimos domingos realizou-se na pittoresca e encantadora praia da Aguda a importante romaria da Senhora de Nazareth que este anno, devido á amenidade do tempo, teve uma concorrencia extraordinaria de forasteiros, principalmente do Porto e seus arredores.

Todos os numeros do annunciado programma foram cuidadosamente executados sobresahindo a parte religiosa que foi revestida do maximo explendor.

A assistencia de fieis foi consideravel, constituindo isso uma eloquente manifestação da muita religiosidade do nosso bom povo.

Como ellas vão para a festa

Na praia d'Aguda — A romaria da Senhora de Nazareth
A capella onde se realisou a festividade religiosa que foi enormemente concorrida

Um aspecto do arraial na festa da Senhora de Nazareth
(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

ESPINHO. Torneio de tiro aos pombos

Um aspecto da assistencia

Outro aspecto da assistencia

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

O CONSORCIO BRAGANÇA-HOHENZOLLERN

No dia 4 do corrente mez celebrou-se, no castello principesco de Sigmarigen, o casamento do Senhor D. Manuel II de Portugal, com a serenissima princeza de Hohenzollern-Sigmarigen D. Augusta Victoria.

A cerimonia do casamento foi celebrada na egreja do castello que estava esplendida e artisticamente ornamentada, officiando n'ella o Em.^{mo} D. José, Cardeal Netto, patriarcha resignatario de Lisboa, cujas riquissimas vestes de Principe da Egreja despertaram nos habitantes do principado curiosa attenção. O Em.^{mo} Cardeal fôra quem baptisara e dera a Primeira Communhão ao infante D. Manuel, em Lisboa.

O Rev.^{mo} Bispo D. Beuron, abbade de Einsiedeln proferiu uma tocante allocução aos regios consortes.

O castello de Sigmarigen

onde se realisou o casamento do Senhor D. Manuel de Bragança

Foram padrinhos, por parte do Senhor D. Manuel, seu tio D. Affonso de Bragança e D. Carlos de Bourbon, de Hespanha; e por parte da serenissima princeza D. Augusta, o principe de Galles, de Inglaterra, e o infante Augusto Guilherme, filho do imperador da Allemanha.

A familia Hohenzollern e o Senhor D. Manuel tinham nos dias precedentes recebido na estação os seus numerosos convidados, da maior fidalguia europeia, estando representadas nas festas do casamento as principaes casas reinantes da Europa.

No banquete de festa, em que tomaram parte vinte principes e princezas e 74 aristocraticos convivas, o principe Guilherme de Hohenzollern Sigmaringen proferiu a seguinte allocução:

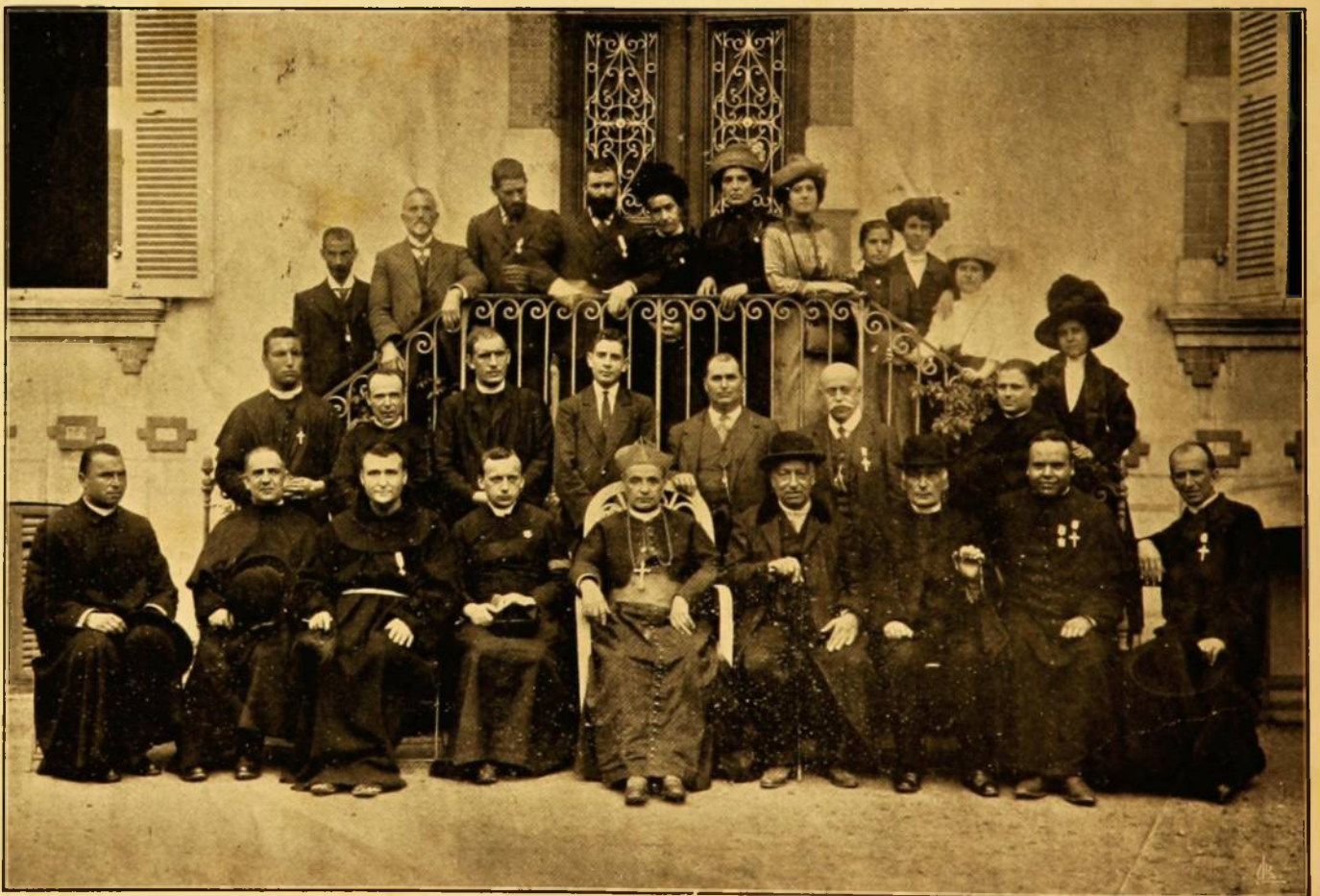
«Minha querida filha, acabas de celebrar por toda a vida a união que o teu coração desejou e vais abandonar a casa paterna para seguir teu marido. Comtigo sabe o sol d'este palacio e, se formulo hoje os mais ardentes e mais intimos votos de felicidade, não é sem reconhecimento por tudo quanto fostes para mim, por tudo quanto me déstes na tua infantil confiança e no teu fiel amor. A partir de hoje, pertences para sempre a teu marido. Sê para elle um auxilio, um apoio, a companheira das suas alegrias e das suas dôres, prestando-vos risonha a todos os sacrificios. Sêde a sua felicidade e o seu raio de sol, tanto nos dias sombrios como nos bons dias.

Meu querido Manuel, levas para casa tua joven esposa, que alegremente te seguirá para toda a parte onde a queiras levar. Esta união que sómente desperta nos vossos corações uma radiosa esperança, impõe-te tambem serios e graves deveres. Sêde-lhe na vida guia e meta. Sêde tambem o homem para quem ella levantará os olhos com venturoso orgulho. Pela terceira vez, em menos de cincoenta annos, as illustres e antigas casas de Portugal e de Hohenzollern unem os seus destinos. Que d'ahi resultem muitas bençãos. Aos nossos votos juntam-se as orações dos que o throno de Deus esclarece, de tua querida mãe, da minha querida filha, de teu querido pae, meu bom Manuel, e é do alto que elles vos abençoam. Uma palavra mais, um derradeiro voto; praticae na vossa casa, a divisa da minha familia, «Nihil sine Deo», e que todos os anhelos se reunam n'um unico grito: Vivam os jovens esposos, sua magestade o rei D. Manuel e sua magestade a rainha Victoria!»

Foram numerosos os portuguezes que assistiram ao casamento, com suas fardas e condecorações. A senhora D. Amelia de Orleans-Bragança era acompanhada pela sr.^{a} D. Izabel Saldanha da Gama, e condes de Figueiró. O Senhor D. Manuel tinha como camaristas os srs. marquezes do Fayal, Lavradio e visconde de Asseca.

Os Noivos, seus augustos Paes, principes e outros convidados, no parque de Sigmaringen

Grupo tirado no parque do castello de Sigmarigen.— Os augustos noivos, a senhora D. Amelia de Bragança e o principe Guilherme de Hohenzollern com outros principes

(Clichés do sr. W. Niederastroth da firma Selle & Huntse, de Potsdam, phot. das casas reaes e imperiaes allemãs, enviados directamente á «Ill. Cath.»)

LOURDES—D. Sebastião de Vasconcellos, venerando Bispo de Beja, rodeado d'um grupo de portuguezes

(Cliché do phot. Ferdinand Viron).

A ceremonia inaugural do Palacio da Paz em Haya

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500

Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.

Numero avulso	60

Numero 13 Braga, 27 de setembro de 1913 **Anno I**

Chronica da semana

XIII

HA annos, perguntava um amigo de curiosidades qual a pagina mais lida nos jornaes. A consulta obteve como resposta, que era a terceira, a pagina dos telegrammas politicos e, logo depois, a primeira, a pagina do artigo de fundo e dos *echos*. Quer dizer, então, como hoje, como ha cem annos, a politica absorve as attenções do publico. E' natural, justo e proveitoso...

Todavia, ha quem opine que é pelos annuncios que deve ser começada a leitura d'uma gazeta, e continuada nas secções noticiosas. Optamos por não estabelecer mais que a conveniencia de a leitura se estender a todas as paginas, e sobretudo não olvidar os *fait divers*.

De facto, nas resumidas palavras d'um titulo, póde revêr-se a moralidade d'um povo.

Ante-hontem, por exemplo, apparecia ao alto de duas columnas d'um dos grandes diarios portuguezes esta legenda importantissima: a *serie do sangue* presidindo á narrativa d'um crime, horroroso como todos os crimes que veem enodoando o nosso dia-a-dia burguez.

A *serie do sangue!* O reporter que tal escreveu não pensou talvez na incisiva expressão das suas palavras; julgando haver atirado ao publico simplesmente um bolo de escandalo, cifrou n'aquellas quatorze lettras o anathema d'uma epocha, o vicio d'uma educação social, a putrescencia que babuja os flancos d'uma nacionalidade. Foi um pintor bizarro d'esta sociedade morphetica...

E' preciso lêr a secção noticiosa dos jornaes, relêl-a, medital-a.

A narrativa esmiuçada d'este assassinio vale mais que os artigos de fundo visando o *superavit*, a comedia do presente de noivado para o snr. D. Manuel, ou a nomeação arbítraria de professores sem concurso para a universidade de Lisboa.

E insensivelmente uma interrogação nos salta ao espirito e nos tortura a consciencia:

Entre nós, tiveram alguma vez os delictos tal frequencia, os crimes tal ferocidade?

O insigne medico criminalista Laccassagne affirmou que a sociedade tem os criminosos que merece.

Nós desconhecemos as revelações das estatisticas, mas acreditamos que ellas indiquem um progressivo augmento da criminalidade em Portugal. Não é necessario que a velhice nos pocirasse os cabellos, para nos recordarmos de que, felizmente, na epocha da nossa infancia, um phenomeno tão inquietante não se demostrava virulento e ameaçador como em nossos dias.

Já não se trata de accidentes isolados: é uma gangrena generalisada, cujas causas infecciosas urge descarnar, explorando os focos da podridão, fibra a fibra, n'uma analyse detalhada e aguda, expondo-as á clareza rutilante do sol.

Ora, como escreveu Delafosse, o mal na sua synthese não é sómente a antithese do bem, é a condição de todas as forças maleficas, de todos os elementos pathogenicos em guerra chronica contra a ordem social.

E que nos offerece a ordem social portugueza? Precisamente, o espectaculo d'uma desorganisação e desmoralisação avassalladora, e tanto mais perniciosa quanto não é ella apenas devida ás sugestões dos propagandistas avulsos, filtrados como serpes, atravez das camadas ignorantes do povo, mas tambem directamente propulsionada e ajudada pelo proprio Estado.

O crime é um indice de desmoralisação, eis uma verdade que póde catalogar-se no grupo das rudimentares e mais inilludiveis...

E não assistimos nós a um verdadeiro assalto contra a instituição basilar da ordem social mais perfeita — a familia, abertas pela gazua da lei as portas do divorcio, que a dissolve, e da neutralidade escolar, que no ensino primario, secundario e superior, completa essa mesma dissolução? Não ouvimos nós ahi, soprado pela tuba do poder, o principio da detenção da propriedade, que pretende quebrar o laço mais estavel da ordem domestica, e desequilibra e faz retrogradar ou pelo menos paralysar o progresso material d'um povo?

De relance, nenhum d'estes golpes accusa responsabilidade no augmento da criminalidade, mas se o não envolve immediatamente, para elle mediatamente contribue, e quem descer á destrinça minuciosa das causas secundarias e dos symptomas, constatará innumeros factos, que o comprovam.

Nós corremos risco de perdermos aquillo que muito impressivamente apontava Buisson, o grande apostolo do laicismo, em 1908, n'uma reunião realisada em Londres: — «esse minino de religiosidade diffusa que a pequena democracia helvetica e a grande republica norte-americana cuidadosamente guardaram.»

Não ha moral sem Deus. A neutralidade, em these e em hypothese, não é mais que o desconhecimento voluntario de Deus, a capa com que pretende ensinar-se a negação do seu culto.

A nossa historia está sendo infamemente deturpada em compendios de instrucção primaria, e com raras excepções, o nosso professorado persiste tal qual o tracejou a penna sangrenta de Fialho, n'um prefacio historico.

Que fazer?

Traduzir para portuguez a formula do nacionalismo catholico francez: — *Restez chez vous*, e explical-a.

Reclamar e alcançar o imperio de Deus na escola, porque, como disse Gerson, o christianismo não é senão uma grande esmola feita a uma grande miseria...

... E' preciso lêr as secções noticiosas dos jornaes... relêl-as e meditai-as...

F. V.

Poemas Pequeninos

ANJO DA ORAÇÃO

Em frente de uma imagem da Virgem orando

Vi um Anjo todo branco
da côr das neves dos lagos,
junto do throno do Altissimo,
soltando cavos gemidos
com grandes gestos sentidos,
e desmanchados nos ares.
Loiros cabellos caídos
roçavam seus calcanhares.

E aquelle Archanjo branquissimo
da côr das neves dos lagos,
tinha um sorriso tristissimo,
como um amor sem afagos,
e os pequeninos que morrem,
com doces sorrisos vagos...

Perguntei:—Quem é este Anjo,
côr de um lirio que fenéce,
à mingoa d'agoa corrente,
ou a lua em seu poente
quando a alva a empallidece?...

E disseram-me:—E' a Virgem
que é Mãe da Mágoa e das Dores,
e chóra os lutuosos males
dos filhos que andam nos valles,
dos prantos e os máos suores,
dos lutos e os dissabores...

E eu disse então soluçando,
ao Anjo dos olhos castos,
todo o meu peito arquejando,
e os meus joelhos de rastos,
sobre a poeira do chão:

Sublime Anjo Feminino,
o teu terno coração
é um cofre diamantino
cheio de um sangue divino
como o Copo da Paixão.

O' chave de oiro dos céos!
réza por mim ao meu Deus,
que eu rézo tambem aos teus
mimosos pés de joelhos,
feitos dois rios meus olhos,
correndo na tua mão.
— Tu és do Ideal a Aza!
— E's braza que se fez lagrima!
— Lagrima feita perdão!...

Cascaes, Chalet das
Andorinhas 4 | 9 | 913.

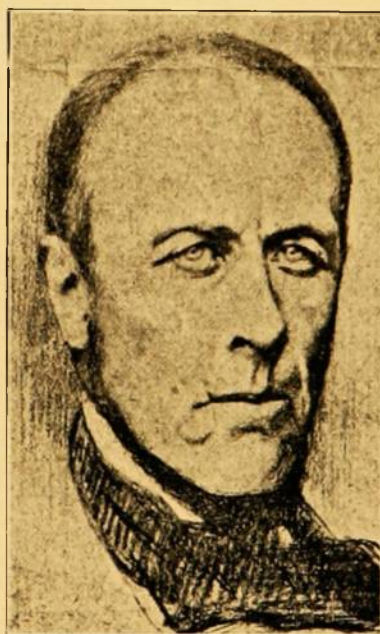
GOMES LEAL.

Alexandre Herculano

(ESBOÇO)

HERCULANO é a rijidez solemne d'um templo romanico, com a imponencia subjugadora das suas linhas, na possante construcção das suas muralhas. Pelas circumvações escusas e frias das capellas rumorejam suaves e plangitivos, como aquelles canticos das religiosas do mosteiro da Mater-Dolorosa, no caminho de Legio, os threnos de um velho orgão— a sua crença christã, simples, emotiva, relembrando os psalmos biblicos, e a fé d'aquelles que morreram nos eculeos romanos.

Commemorando o anniversario do seu passamento, nós não pretendemos mais que avultar a sua figura litteraria. Filho d'um seculo eivado de liberalismo, soldado d'um regime que entrava em Portugal para combater a tradicção, natural, mas não justo, era que elle enfermasse dos seus exagêros e vicios e enfileirasse ao lado do que julgava a opinião culta da Europa.

Hoje, se vivesse, elle comprehenderia melhor do que ninguem a fallencia das doutrinas de que

Alexandre Herculano

foi patrono e arauto, ao vêr que na ordem politica, o liberalismo levou á desunião nacional, á dissolvencia dos costumes, ao pleno triumpho d'aquella *internacional vermelha* que elle tantas vezes combateu; e na ordem religiosa, á perfidia do modernismo, que a mentalidade mais brilhante do nosso seculo escorraça, e que visa a aniquillar a crença christã desde a simplicidade d'um sentimento, á floração d'uma doutrina.

Elle veria como a sciencia recuou perante o Dogma, como se opéra o renascimento catholico do mundo, como o prestigio e a infallibilidade do Pontificado é uma salvaguarda da paz universal, como

as ordens religiosas são acolhidas e desejadas nas nações mais adeantadas no caminho da civilisação, como o christianismo integral, o catholicismo, surge, velha e gloriosa arca da salvação, como, na phrase d'um illustre pensador de nossos dias, o Pontifice romano representa um principio superior ao liberalismo: a civilisação moderna, todo o *positivo* do mundo contemporaneo!

«Herculano, diz Serpa Pimentel, era approximadamente um cismontano, um jansenista como Pascal, um velho catholico como Doellinger. Era sobretudo um espiritualista christão, que julgava a religião ao mesmo tempo uma verdade positiva e uma necessidade social, o christianismo compativel com a liberdade, e a moral do Evangelho a unica base solida da civilisação e do progresso».

«O liberalismo olha-os com suspeitas que os factos justificam»... «Se (os institutos monasticos) se restaurassem entre nós, succederia, o que succede quasi por toda a parte: ir-se-lhes-hia encontrar a roupêta de Santo Ignacio debaixo da cogula benedictina ou augustiniana».

Não é apenas a feição litteraria que torna comparaveis os dois escriptores, é o mesmo erro religioso que os irmana: — um e outro pretenderam realisar a divisa do *Avenir: catholicizar o liberalismo*, que a Encyclica *Mirari vos* reprovou, porque a Egreja não pode admittir em these ou como ideal, que o erro tenha ou obtenha os mesmos direitos que a verdade.

O Deus do liberalismo é o *Dieu republicain*, de Musset, que Maurras compara ao *laisser faire et laisser passer* de Leão Say.

Uma camponeza de Sigmaringen offertando um ramo de flôres aos regios noivos.

Quer isto dizer que tudo o que Herculano escreveu acerca da religião é condemnavel? Não.

E' preciso não esquecer que, por exemplo, são da sua penna magistral as paginas do *Parocho d'aldeia*, combatendo o protestantismo, que a sua lyra cantou a *Semana Santa*, a *Arrabida*, a *Cruz mutilada*, que a sua voz pediu pão para as religiosas de Lorvão quando em agros dias, desfiavam aos paramentos do convento perolas com que, pela venda, alcançassem a grangearia do seu sustento!

E' preciso não esquecer que Herculano nunca renegou a sua fé em Deus e que até ao ultimo momento viu na Cruz a salvação do mundo!

Tinha a religião da Liberdade, a que o seu pensamento philosophico o encaminhava. Oliveira Martins, que descreve n'uma synthese admiravel todo o seu vulto, chamou-lhe «um D. João de Castro da burguezia e do seculo XIX.»

*

Houve tempo, quando depoz a velha clavina de pederneira do cerco do Porto, em que se embrenhou nas contendas rudes da politica. Deslocada se achou n'aquelle meio de ficções a sua alma que não tinha refolhos de hypocrisia. No parlamento, em 1840, elle mesmo se confessa *depaysé*, e os seus raros discursos tomam uma entoação academica, sem argucias vivas de combatente, sem argumentos capciosos. Na sua estreia parlamentar, depois de affirmar que «não gastára uma rogativa, uma carta ou uma palavra» para alcançar o seu logar de deputado, referia-se áquellas «cadeiras da camara, que tantos ambicionam sem se lembrarem de que se convertem muitas vezes em instrumento de martyrio, se as não queremos tornar recordação de remorsos, que nos acompanhe por toda a vida.»

Já se percebe na cadencia severa das suas pa-

Escreve ainda este escriptor que Herculano não pode ser comparado a Lamenais, e allega que este passou de ultramontano e demagogo a racionalista, ao passo que o solitario de Val de Lobos ficou defendendo sempre as mesmas ideias. Tal não cremos: A religiosidade de Herculano não o preservou contra a versatilidade.

Acerca dos institutos monasticos escreveu elle:

«Feliz do mundo, os monges não maldigas.
Do que em Deus confiou não escarneças.»

Mais tarde, porém, no entrecruzar das polemicas, diz o seguinte:

lavras o tremente soluçar d'uma desillusão, a dilaceração do seu soffrimento moral, todo o travôr immenso da sua alma, que deixou laivos sanguentos de tortura nas paginas da obra collossal que esculpiu. Dir-se-hia que nascera com o coração esgarçado nas urzes d'uma fatalidade desesperada. São roucos rumores de tempestade as *Poesias*, tendo por negro fundo rolos torvos de nuvens, obumbrando o azul do céo. A sua prosa é mascula e austera, e o seu plectro tem sons cavos como o silvo do vento nas torres das velhas cathedraes...

«Eu amo o sopro do vento, como o rugido do mar, porque o vento e o oceano são as duas unicas expressões sublimes do verbo de Deus, escriptas na face da terra. Depois é que surgiu o homem e a podridão, a arvore e o verme, a bonina e o emurchecer.»

O Senhor D. Manuel de Bragança e sua augusta esposa. O diadema offerecido pela colonia portugueza no Brazil.

A morbida tristeza do romantismo encontrára n'elle um interprete e uma predisposição intima.

...13 de setembro de 1877. Sentado sobre as ruinas desconjunctas de todos os seus affectos, vendo morrer a sonhadora creança que elle estremecêra com paternal amor, porque tinha como elle o senso espiritual da bondade e da melancolia, o Mestre percebe já nas crebras pulsações do seu peito exanime o avisinhar da morte. E manda escancarar as janellas do seu quarto para que entre luz, envia um osculo de saudade ás oliveiras pardas e merencoreas, ás franças amarellecidas já com os primeiros halitos sêccos do outomno proximo, ao vento que esfusia nas ramalheiras das arvores toadas plangentes; e de subito arroja pelas edades fóra, na vibração exhauta dos ultimos suspiros, aquella phrase amára, que é de todos os tempos por ser o commentario excruciante do Desalento !...

F. D'ALMEIRIM.

Estações do caminho

INSTALLO-ME no compartimento e abro a janella do meu lado.

Vae a tarde em meio, uma tarde de formoso ceu azul. Tiro a carteira e preparo-me para tomar notas, na supposição de que as hei de achar por esse caminho fóra, por mais que sobre as folhas brancas que tenho diante de mim paire uma ligeira inquietação que parece dizer-me: e se não houver?

— Ha de haver, — responde o meu lapis resolutamente, começando a escrever.

— Chega uma senhora loira, elegantissima, *ainda* bella, d'essa belleza algo *fanée*, muito cuidada no toucador, mas ainda brilhante e atrahente.

Veio acompanhal-a o marido, deixou-a installada e despediu-se d'ella carinhosamente no mo-

mento da partida, a tempo que vinha entrando no compartimento um capitão de cavallaria, bello typo, porte distincto, que se sentou junto da dama loira.

Ao pé d'ella sinto-me pequena, aqui na penumbra do meu cantinho.

Com o meu vestido barato de luto aliviado, sombrinha preta, sou em verdade muito *pouca cousa* ao lado d'esta mulher, que parece encher o vagão com a magnificencia da sua pessoa.

Incommodam-me um pouco os subtis aromas de que vem perfumada, mas volto a cara para o campo que me offerece generoso os seus na brisa que vem abanar-me com as suas azas correndo á compita com o comboio.

Emquanto vou escrevendo de vagar, penso que conheço aquella senhora. Sim, não ha duvida, já me lembro do nome d'ella e do esposo, um casal rico e feliz.

Ella é boa, piedosa, mas as suas virtudes privadas tem-se mostrado até hoje, segundo rezam as chronicas *mundanas*, obumbradas pela casquivanice incorrigivel, exagerada.

Possuida d'esse vicio social, que a maior parte das mulheres cultivam com triste affeição, a viajante observa o official que está ao seu lado e o official tirou tranquillamente do bolso um jornal e pôz-se a lêr.

A senhora olha para elle assombrada. Como? Ha um homem de sociedade ao pé d'ella que a não admira, que a não contempla extasiado?

Decerto é a primeira vez que semelhante coisa acontece á dama loira, porque o desasocego da sua surpresa é manifesto, e, como ella não se digna fixar em mim a sua attenção soberana, descobre o despeito sem se importar com a minha presença, sem pensar que a uma mulher, por muito «pouca cousa» que seja, nunca lhe passam despercebidos os manejos de outra em artes de casquilhice.

Mas eu folgo com a honra do desdem que aquella belleza *em declinação* me concede, porque assim observo com inteira liberdade as suas manobras e vou rindo muito, volvendo o rosto para a bafagem do campo!

A senhora, após breve meditações de assombro, resolveu sem duvida que se não prolongue esta situação de irritante indifferença entre os seus atractivos pessoaes e a obrigada galantaria que deve ser timbre de todo joven bem nascido. E a sua primeira medida de *ataque* consiste em fingir que quer abrir uma janella e não póde; isso sim, impossivel, não póde!...

Mas o capitão está tão enfronhado na leitura do jornal que não se dá por alludido. Ella, depois de o observar indignada, acabou por dizer-lhe com voz insinuante:

GUIMARÃES.—Dois aspectos do Foot-Ball

— O cavalheiro *tinha* a bondade de me abrir esta janella? Não sou capaz...

O homem levantou a cabeça surprehendido e disse promptamente:

— Com todo o gosto.

Baixou a vidraça sem a menor difficuldade e tornou a sentar-se, filado ao jornal, sem prestar mais attenção que a indispensavel aos vivos agradecimentos da senhora por tão pequeno serviço.

Impaciente a mais não poder, a minha visinha desenvolve sem a mais leve dissimulação os encantos da sua garridice imperiosa.

Entre varias outras *sortes*, executadas com mestria digna de melhor causa, collocou um lin-

Guimarães.—O Foot-Ball

1.º team.— Primeiro plano: *José Augusto, Manuel Mendes, Manuel Pires e Henri Platano.* Segundo plano: *Antonio Dantas, Antonio Guimarães e Joaquim Pinto.* Terceiro plano: *Antonio Pinto, José Fernandes, Gualdino Pereira, Antonio Jordão e Casimiro Fernandes.*

dissimo pé no assento fronteiro, deixou cahir o lencinho de renda, pôz o agazalho, tirou o veu... e, successivamente, baixou o pé para apanhar o lenço, tornou a desabotoar o *figaro* porque estava muito calor, e, quanto ao veu, é provavel que o torne a pôr, porque com elle fica muito mais favorecida. O official, esse, continua mergulhado na leitura.

Por fim a senhora sente-se agoniada — naturalmente, com tanto trabalho! — e muda de lugar e trata de abrir outra janella, *com tão má sorte* que tambem «*não vae*» e ao fim d'outra fingida porfia torna a dizer com mellifluo acento:

— Ai, o cavalheiro desculpe, tenho que o incommodar outra vez! — e procura refinar os cumprimentos, emquanto o militar corre outra vidraça, sorri, dobra o jornal, ageita-se a um canto e fecha os olhos...

Vem cahindo a tarde.

A dama loira *não tem mais nada que fazer*, e o guapo capitão adormeceu suavemente.

Despertou n'uma paragem, sem duvida muito a tempo, porque se soergueu, olhou para a estação, levantou-se, disse, boas noites! e sahiu. A senhora assomou-se para o ver e tinha nos olhos algo de furor de raiva.

Elle não se voltou e ella suspira, suspira então com amargura, com despeito, como se lhe fugisse uma illusão...

A illusão da sua belleza, o prazer de ver-se sempre admirada, sempre seductora!

Ainda que me parece que a viajante tem agora os olhos empanados por uma nuvensinha de pranto, viu no banco o jornal esquecido pelo official na sahida precipitada. Pegou n'elle, mirou-o com rancor e atirou-o pela janella.

Creio que nas dobras do papel ia uma lagrima.

Já não rio. A decepção d'esta mulher faz-me pena, precisamente por nascer de causa tão insignificante, tão nescia.

Ao observal-a, compadecida, vejo com surpreza que socega facilmente e deixando descahir para umas maneiras vulgares todos os fatigosos artificios dos seus gestos apurados, abre o seu elegante saquinho de viagem, tira uma caixa de doces e põe-se a comer bonbons com apetite...

Não tenho tempo de me deixar tomar de grande assombro, porque chegou o termo da minha viagem.

Ao descer do comboio detenho-me um momento n'um grupo formado no caes.

Foi uma pobre mulher que perdeu no caminho o bilhete de terceira, e a quem o revisor, no cumprimento do seu dever, entrega um supplemento que a pobre não tem com que pagar.

Roga angustiada e explica uma e muitas vezes que não subiu para a carruagem sem bilhete. Traz adormecida nos braços uma creancinha muito rachitica e, por unica bagagem, uma miseravel cesta. E' nova, mas a formosura fugiu-lhe ha muito, truncada em flôr pela desgraça. Viaja por precisão, sem illusões, sem dinheiro, com o filhinho debil, cheia de fadigas...

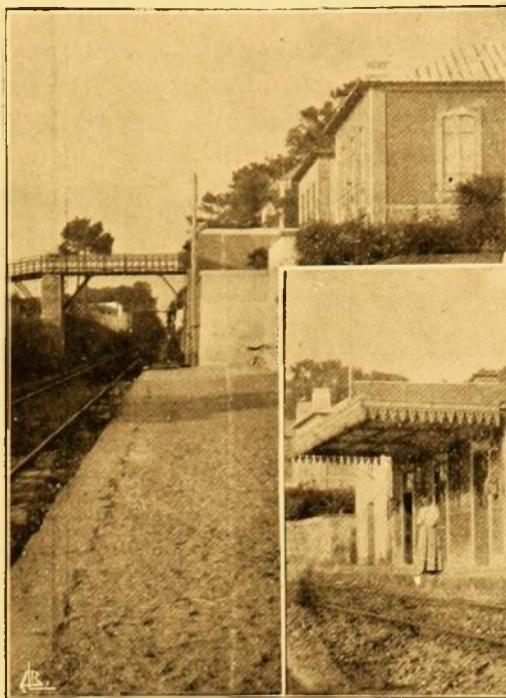
2.º team.—Primeiro plano: *Henri Platano, Antonio Mello, Edmundo Clegg e Antonio Miranda.* Segundo plano: *Eduardo Costa, Manuel Guize e Arlindo Souto.* Terceiro plano: *Abilio de Freitas, Joaquim Alves, Avelino Ferreira, Antonio Ferreira e Jayme Gervasio.*

(Clichés de Luiz do Souto.)

Agora sim que me commove uma compaixão verdadeira, profunda!

Comprometo-me a pagar o bilhete á infeliz e fico ao pé d'ella emquanto o comboio parte, deixando-me pesarosa pelo remorso pungente de me ter interessado um só instante pela contrariedade

ephemera e banal da outra passageira, que atravez das «estações» da sua vida, facil e bella, sabe e póde curar os arranhões do orgulho enchendo a bocca de guloseimas...

CONCHA ESPINA DE SERNA.

MOLEDO DO MINHO — A avenida principal da praia

Um aspecto da linha ferrea e da estação do Moledo

ECHOS DO MEU QUARTO

(IMPRESSÕES DA PRAIA)

Na musica...

ERA a hora do concerto...

Como nos outros dias debaixo dos toldos estavam dois velhos dormindo uma soneca e varios grupos, apiguilhando com cerveja a prosa politica das gazetas...

Entrei no salão e atirei-me sobre um canapé...

Nos renques de cadeiras principiavam de crescer os grupos de senhoras, de vestimentas claras... sedas luzentes e penachos esgrimindo, no enthusiasmo dos cumprimentos...

Estava eu observando o combate de duas d'estas rubras cristas... reflectido e multiplicado pelos enormes espelhos que ornamentam o salão, quando lá do alto o contrabaixo soltou o primeiro mugido, para afinar...

*

Logo atraz de mim tinham vindo sentar-se duas respeitaveis mamãs, que discutiam acaloradamente a primazia das queijadas sobre não sei que outra qualidade de pasteis de nata!...

Deixei de ouvil-as quando o sexteto entrou no *Chant du soir* de Schuman... o que obrigou as mamãs a continuar em surdina a sua espirituosa discussão...

E eu puz-me a escutar e a musica d'uma tristeza harmonica e indefinida accordou-me na phantasia um scenario de poente, onde havia notas sombrias de contrabaixo... as meias tintas da violeta... os alaranjados do violoncello... e os escarlates do violino... emquanto o piano timbalava de mansinho como a imitar o gorgeio da passarada...

E tanto me embebera n'esta visão que a nota dolorida, com que o violino finalisa... me deu a impressão do ultimo beijo do sol, de côr já esvaida na hora crepuscular...

*

Tinha crescido a assistencia...

As respeitaveis mamãs tinham deixado as queijadas para entrarem em assumptos mais graves...

Grupo de banhistas tirado na fortaleza de Insua, pequena ilha a pouca distancia da praia de Moledo.

(Clichés do rev. P. Amorim Junior.)

—Pois não... Ora essa!... Para mim a praia é tudo... Nunca falto...

—Eu tambem gosto muito... a Zitinha é que não tenho visto...

Ao fundo do salão acaba de entrar um grupo de meninas vestidas de branco... seguidas de dois ou tres rapazinhos, tão imprescindiveis n'esta decoração... como a cauda n'um vestido de noivado...

Todos os olhares poisam sobre ellas como borboletas cubiçosas.

E' que constituem o grupo elegante... a fidalguia seleccionada e distincta...

Approximam-se. N'um aristocratico desmazello trazem ainda as *raquettes*, para que as burguezinhas vejam com inveja que ellas vêm de jogar o *tennis*!...

Abancam em grupo... como uma grinalda de rosas... n'um esfusiar de risos de saudação... e abrem logo conversa animada...

Chegam-me phrases:

—*Você* (!...) não se faça velha... Não vá faltar á festa...

. . . .

—Ah! descanse... As suas filhas são galantinhas não ficam por casar...

. . . .

—*Você* não notou ainda que se não conhece ninguem... Antes *d'esta coisa* eu conhecia aqui toda a gente...

. . . .

*

Fui ver no programma o nome do trecho que principiava:

Passeio de Siegfried... de Wagner.

Mas em vez de embalado pela melopeia, deslisar por entre a ramaria sonhadora do velho rio das lendas e das balladas eu encontrei-me alheado da musica a sorrir...

E' que me lembrava de repente, em passeio, pelos tempos em que eu tinha doze annos, da ideia que então fazia d'um salão de gente fina...

Que requintes de graça eu imaginava...

Como eu idealisava dialogos vaporosos, arrendados de espirito...

Aquillo é que deve ser!... pensava eu, quanta illustração... quantos conhecimentos para esmaltar de graça uma conversa perlada ao reflexo dos brilhantes, n'uma atmosphera de perfumes...

Afinal para meia hora de cavaco n'um salão de gente fina... basta ter saboreado queijadas!... E quanto a espirito n'estes minguados tempos quasi se dispensa... é a carne quem se mostra em demasia, atravez das rendas caprichosamente despidas...

E tornei a sorrir...

. . . .

E este sorriso tenho eu deixado desabrochar livremente, cada vez que pela vida fóra, preciso dar o golpe de misericordia n'alguma moribunda illusão!...

BANCO DE PÉ.

«Taça Vianna Tourino Club»

offerecida em 1906 por S. M. Rainha D. Amelia e ganha este anno pela 2.ª vez pelo «Club Fluvial Portuense» a quem ficará pertencendo definitivamente para o anno no caso de a ganhar novamente.

(Cliché do snr. Manuel Joaquim Vieira).

O casamento Bragança-Hohenzollern

O nosso bom amigo sr. conego Illidio Costa escreve-nos para rectificar a noticia que nos tornamos echo de ter o Rev.^mo Bispo D. Beuron proferido uma allocução aos regios consortes.

Foi, porém o Rev.^mo Archi-abbade de Beuron, D. Ildefonso Schober. Este D. Ildefonso esteve em Portugal no fim do seculo passado, celebrando em S. Bento da Victoria. N'essa occasião, era elle Dom-abbade de Seckan e com elle travou relações aquelle nosso amigo; depois foi transferido para Archiabbade de Beuron, no principado de Hohenzollern-Sigmaringen.

Quanto á confusão parece ter-se originado assim:

O Rev.^mo Principe-abbade de Einsiedeln não esteve alli; mas a abbadia de Beurou tem por titular Santa Maria de Einsiedeln. O telegrapho transtornou a informação misturando tudo... E a «Illustração Catholica» foi na onda.

Fastos do Catholicismo

A Allemanha quer um cardeal

A Allemanha pretende, e parece estar em vias de conseguir, a creação de um cardeal de curia. E' outro profundo golpe na inepta França que cortou as relações com o Vaticano exactamente quando a nação sua visinha, e, sobretudo, sua rival, procura insinuar-se no animo da Curia Romana, cuja excepcional força moral e diplomatica só desconhecem os que de politica internacional não sabem o nome.

Mas a França achou bonito enveredar pelo caminho do jacobinismo e agora é que vae reconhecendo que esse caminho é sempre um desastre.

Gymnastas catholicos no Vaticano

Estes dias tem estado em Roma os membros de varias sociedades gymnasticas, que foram amavelmente recebidos pelo Papa, em especial audiencia.

Tem chamado a attenção dos romanos o seu garbo e delicadeza, sendo admirados o aprumo e distincção com que percorreram a cidade e seus monumentos mais notaveis.

Não passou tambem despercebida aos jacobinos que em toda a parte são eguaes, e quando os visitantes regressavam de Civittá Vechia onde tinham ido em amena digressão, insultaram-nos e os apedrejaram. Gente heroica, certamente!

COLLEGIO POVOENSE

Fachada principal do Collegio

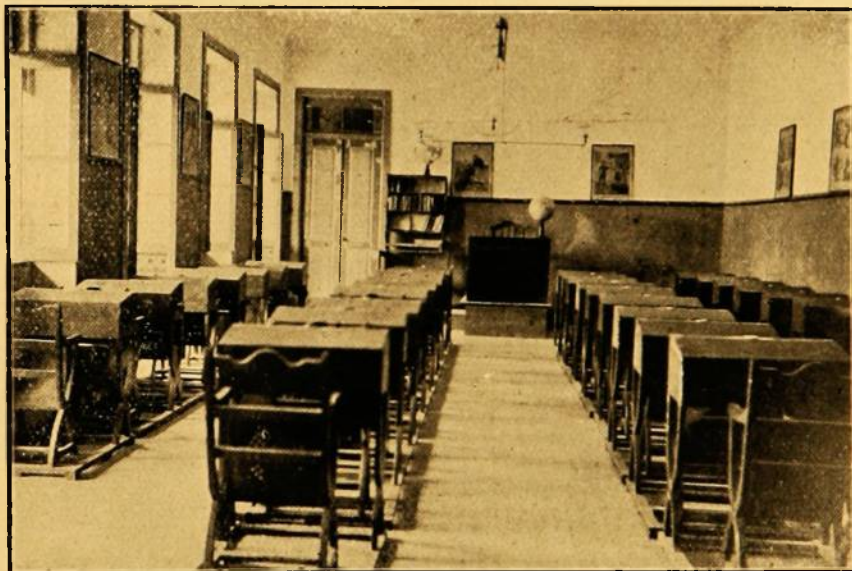
VISITAMOS ha dias este collegio fundado em 1907, que actualmente está installado n'um magnifico palacete, na Avenida Mousinho de Albuquerque, expressamente construido para este fim, e por isso satis-

Um dos dormitorios do collegio

faz a todas as prescripções hygienicas exigidas em estabelecimentos d'este genero.

O seu director nos disse: *Não receiar confrontos com outras casas similares.*

A saude dos alumnos, sob este ponto de vista, acha-se assegurada. Tanto os dormitorios, como o salão de estudo e aulas são amplos e excellentemente ventilados, não havendo o menor perigo de se respirar um ar viciado, que tão graves prejuizos póde trazer á economia vital.

Isto com uma alimentação abundante e sadia — quatro refeições diarias — garantem o desenvolvimento moral dos educandos e o avigoramento de forças, facil de verificar no aspecto que apresentam.

Ao lado das vantagens que se encontram na sua magnifica installação e bem cuidado regimen alimentar, ha a notar a acção benefica do clima d'esta linda praia, *a mais bella e preferida do norte de Portugal.*

Distante poucos metros do mar, gosa este collegio todos os beneficios da vida á beira-mar.

Tem banho e passeio diario na longa avenida que ladeia a praia na extensão de alguns kilometros, ou de barco, junto á costa, permittindo-o o tempo, jogos, gymnastica, etc., como o exige uma educação physica completa.

Como a maior fortuna que se póde adquirir é a saude, e como toda a educação, que não tenha por base o desenvolvimento perfeito e harmonico, é falsa e prejudicial, a ella prestamos todas as attenções, não poupando esforços para conse-

Salão de estudo

guir o seu fim — *mens sana in corpore sana.*

Não quer isto dizer que releguem para um plano secundario a educação intellectual. Não. Masque ? nunca sacrificam a educação intellectual, prova-o exuberantemente o resultado dos trabalhos que nos mostraram: — *desde a fundação d'este collegio até ao presente, ainda alumno algumi alli habilitado, foi reprovado nos seus exames.*

Todos os alumnos de 2.° grau — Instrucção Primaria — teem-se habilitado em um só anno e bastantes tem feito as primeiras classes do lyceu em dois annos.

N'este collegio ha o Curso Ge-

Refeitorio do collegio

ral dos Lyceus, Curso Commercial e Instrucção Primaria.

Os alumnos do Curso do Lyceu podem frequentar as aulas do collegio ou as do Lyceu da villa, conforme a vontade das familias. Ha n'isso ampla liberdade, podendo escolher o que mais conveniente julgarem.

A educação moral é tambem tratada com o cuidado que exige a sua importancia na vida social e no futuro dos individuos. *Sem exageros, mas tambem sem transigencias ou fraquezas cumprem o seu dever.*

Apresenta, pois, este collegio vantagens bem notorias para ser preferido pelas familias que desejam vêr seus filhos illustrados, fortes e bons.

Além da educação intellectual bem cuidada, offerece toda a saudavel e tonificante riqueza que a proximidade do mar encerra para as creanças.

Dos seus amplos dormitorios, abertos sobre um rasgado horisonte, aspira-se francamente a aragem salina do mar.

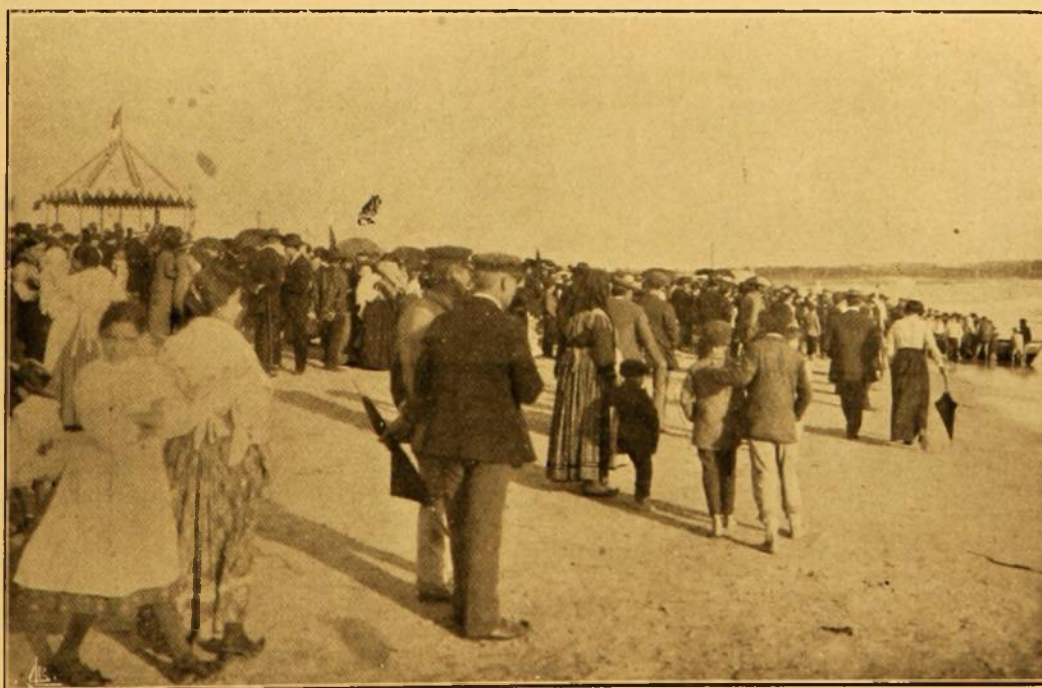
Visitem, podendo ser, o edificio do collegi,o para vér que não exageramos as suas vantagens, e peçam o regulamento, aonde podem vêr quão economica é a pensão a pagar.

A humanidade póde contar com um futuro ditoso, se as mães desempenharem rigorosamente a sua missão.

Parte lateral do collegio e recreio

Grupo de Seminaristas dos Açores que ultimamente foram ordenados pelo Snr. D. Francisco, venerando Bispo de Lamego.

PORTO. Uma festa em Mattosinhos promovida pelos banheiros

Um aspecto da festa

Outro aspecto da festa em Mattosinhos

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

Vianna do Castello. — Tourada

As cortezias n'uma das ultimas touradas

Aspecto da sombra n'uma das ultimas touradas

(Clichés do sr. Manuel Joaquim Vieira).

PORTO. O incendio em Campanhã

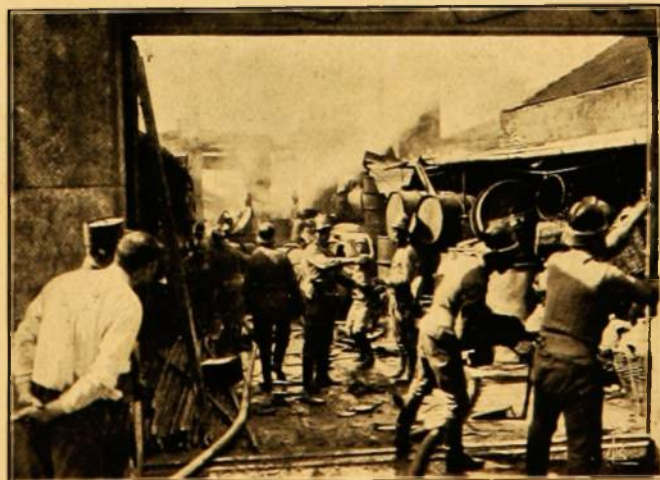
Fachada do predio incendiado.

N'um dos ultimos dias manifestou-se um violento incendio n'um amplo predio da rua de Miraflôr onde o snr. Adolpho Höff tinha um importante deposito de drogas, gazolina e outros materiaes.

O incendio foi devido a ter-se inflammado uma lata de gazolina que um operario estava soldando. No armazem, estavam mais seis homens que ao darem-se as primeiras detonações ficaram desorientados.

Do predio incendiado nada se salvou de valor sendo os grandes prejuizos cobertos por varias companhias.

Latas de gazolina inutilisadas pelo incendio

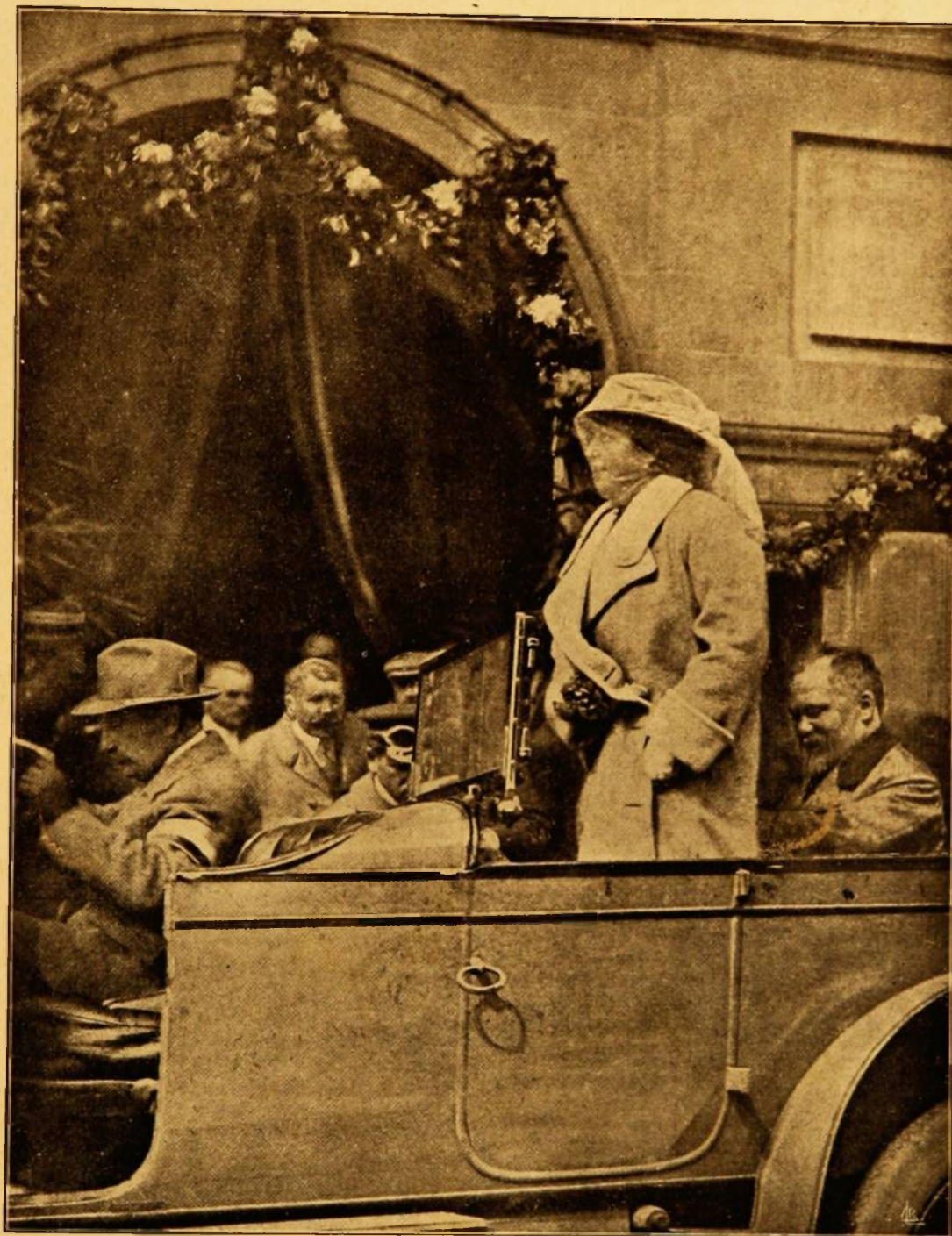
Os bombeiros trabalhando na extincção do incendio

Os bombeiros retirando os escombros

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

NOTAS DO ESTRANGEIRO

A capital bulgara sauda o regresso das suas tropas

A infantaria bulgara desfilando deante do tzar, da familia real e do estado-maior

O tzar Fernando acompanhado dos seus generaes, cobertos de flores, atravessa as ruas de Sophia

M.^me Poincaré e o presidente da Republica Franceza visitam Brive

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500

Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.

Numero avulso	60

Numero 14 Braga, 4 de outubro de 1913 **Anno I**

Collegio Povoense

FUNDADO EM 1907

Pensão annual — 120$000 reis

POVOA DE VARZIM

A MAIS LINDA PRAIA DO NORTE DE PORTUGAL

Estabelecimento modelar, optima installação, clima maritimo saluberrimo

Lecciona instrucção primaria, curso geral dos Lyceus e curso commercial

Os alumnos habilitados por este Collegio tem obtido sempre bom resultado nos seus exames

DIRECTOR *P.e Manoel R. Pontes*

Artigos Photographicos

As maiores novidades em chapas, apparelhos, productos, cartonagens e papeis.

Fornecedores dos principaes estabelecimentos scientificos.

Photographia artistica

Photo-miniatura

Photo-pintura

Quarto escuro e machina de ampliação á disposição dos amadores.

Lições praticas de photographia.

Acabamento de todos os trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os artigos do seu commercio

Mandam-se catalogos gratuitamente contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR

MAGALHÃES & CARVALHO

43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 4 de outubro de 1913 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* (Antiga R. da Rainha—Braga) | Numero 14 — Anno I

VILLA DO CONDE—A egreja matriz.

Bello monumento nacional fundado por D. Manuel I

Chronica da semana

XIV

Isto de suspensões de jornaes está sendo como as sezões: é dia sim, dia não, como diria Gervasio.

O *Dia* é o bode expiatorio das iras rubras das auctoridades, e mais doloroso se torna o supplicio, dada a cavillosa indifferença com que os restantes collegas consentem os attentados á liberdade d'um companheiro.

A lenda da solidariedade profissional dissolve-se ante a crueza de tintas com que se coloreia a realidade; não passa hoje d'uma mentira a mais, contada no avultado numero das que nos tempos faceis da opposição foram utilisadas como cimitarras inclementes, fulminando o coio dos tyrannos...

Talvez os poetas expliquem a truculenta sanha da policia por um parallelo com o *cahir das folhas*, agora, no outomno, que já surge com as primeiras chuvadas e os primeiros frios, céos pardos, e a taciturnidade das tardes bafejadas d'um halito sêcco e leve de febre que mirra e flagella,—tempo de doenças, como o povo vaticina.

O governo, porém, recobra forças na Praia das Maçãs, vem de vez em quando a Lisboa tomar *douches* applicadas pela mão distrahida dos regadores das ruas, preparando-se para as apotheoses das festas do anniversario da Republica, e para a parada dos carroceiros, na Avenida, que certamente enlevará a curiosidade dos congressistas estrangeiros ao conclave do Livre Pensamento europeu, convocado pelo snr. Magalhães Lima.

E é prova de gratidão o auxilio e patrocinio prestado pelo nosso meio official a esta reunião.

Livre pensamento e maçonaria são synonimos, no diccionario politico e religioso, e o snr. Magalhães Lima—que se parece immenso com o Marquez de Pombal por ter o nome de Sebastião—já declarou lá fóra que a republica cumpriu e está cumprindo admiravelmente as injunções do Grande Oriente.

De sorte que podemos applicar a Portugal a phrase caustica d'um eminente prelado francez : — «não vivemos sob o regime republicano, vivemos em maçonaria»; e é bom accrescentar que mais ou menos vivamente tem sido o nosso ambiente inquinado por ella desde os alvores do constitucionalismo.

Ainda está por fazer toda a historia d'esse periodo, bem aclarada, embrechada de tantos episodios symptomaticos, que exporão á luz o veneno que nos depauperou, e malsinou o caracter a tal ponto que o perigo andava a nosso lado e não attentavamos n'elle.

A's vozes discrepantes retorquia-se com apôdos de reaccionario e serventuario dos jesuitas, e no emtanto o desfecho dos acontecimentos e a sua direcção, mostram que caminhamos na senda da expiação da grave culpa de não as havermos attendido.

Em 1877, por occasião do anniversario da sua elevação ao solio pontificio, Pio IX avisava os peregrinos portuguezes:

«Tendes um terrivel e poderoso inimigo—é a impetuosa maçonaria que quer destruir em vós todos os vestigios do catholicismo.»

Ouvidos foram os avisos do Papa. Fructificaram em acção?

De maneira nenhuma.

Para elucidação, abramos as paginas d'uma obra recente do snr. Borges Grainha, que, a par de inexactidões, conserva revelações e confissões de grave importancia—a *Historia da Maçonaria em Portugal*. Um mappa dos diversos orientes da maçonaria portugueza e dos respectivos grãos-mestres desde 1804 a 1912 e quasi todas as paginas, desvendam-nos afinal com o descaramento d'um vencedor em trapaças, que durante esse tempo tão longo, e tão precioso para o levantamento e para a unificação moral da nação, nós fomos governados pela maçonaria, pelos seus aulicos, pelos seus grãos-mestres, entre as quaes se nota em 1849... um conego Eleuterio Castello Branco e em 1843 o celeberrimo padre Marcos que representava junto do Imperador brazileiro a qualidade de Papa, para não fallarmos em purpurados principes da Egreja.

... E' uma hora de expiação, uma hora de desenganos, uma hora de verificações a nossa!...

Mil oitocentos e trinta e quatro representa na historia patria um fosso para além e para aquém do qual correm duas epochas bem diversas, acêrca de cujo valor o intermino cortejo dos exemplos sociaes nos vae escrevendo a sentença unanime e inflexivel...

F. V.

Roma, 20 de setembro

Este o grande dia da Italia official, mas, apesar das bandeiras desfraldadas, das fanfarras, dos cortejos pomposos que percorrem as ruas, sente-se que fluctua no ar uma certa melancolia. N'esta epocha do anno, quasi fica sómente em Roma a gente proletaria. E esta—ainda a mais ardorosamente patriotica — tem a memoria do coração, mais fiel que os ricos e os afortunados. Guardou recordação estranhamente viva d'aquelle Papa, cuja santidade a voz do povo já proclamou, d'aquelle pae dos pobres, e tambem verdadeiro gentil homem que foi Pio IX. E n'este anniversario do dia em que a força desapossou o Pontifice da sua soberania secular, compraz-se ella em rememorar o Papa cujo derradeiro gesto foi uma benção!...

Conheci em Roma um velho que servira outr'ora no exercito pontificio. Nunca faltava, em 20 de setembro, na praça de S. Pedro. Aqui, ajoelhava sob as columnadas, durante o tempo de recitar uma oração, olhos presos n'aquella janella em que

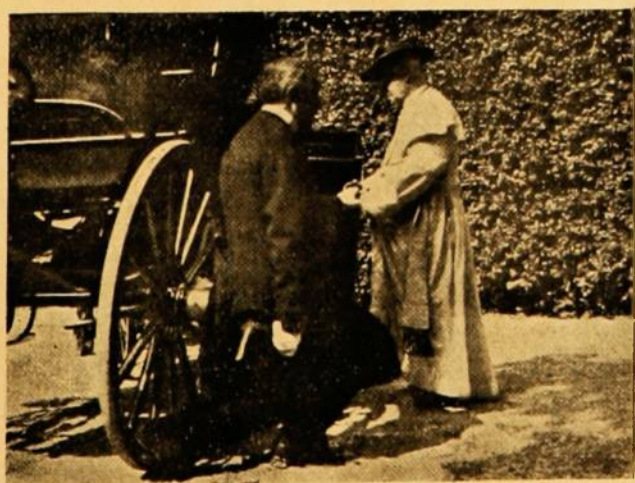
Pio IX appareceu pela derradeira vez. E caminhava depois até S. Lourenço *extra muros*, em peregrinação ao tumulo do Santo Padre.

Como todos os velhos, sentia-se feliz este veterano de heroicos prelios em defeza da Egreja, evocando as suas recordações. Concluia eu das suas narrativas que Pio IX foi um Papa extrema-

affirmava que *em casa dos Mastai-Ferreti, até os gatos eram liberaes*. Mas nimbava-o já a aureola de Santo.

Conta-se que, na abertura do Conclave em que devia ser eleito, o cardeal Lambruschi foi visitar na sua cella S. E. Micara, decano do Sacro Collegio, e perguntou-lhe qual seria, na sua previsão, o novo Papa.

O descanço na varanda do Vaticano

O trabalho ao ar livre

O passeio matinal nos jardins do Vaticano

Ultima photographia de S. S. Pio X

mente popular. Possuiu o coração, o espirito e as circumstancias que emolduram magnificamente a sua figura espiritual e doce.

Popular, era-o já antes da sua elevação ao pontificado. Um dictado, corrente então na Italia,

—Se o diabo fizer a eleição, respondeu-lhe maliciosamente o antigo Franciscano, serei eu ou vós.

Se o espirito de Deus a ella presidir, teremos por Papa a Mastai-Ferreti.

O coração de Pio IX, foram sobretudo os pe-

queninos e os humildes quem melhor o conheceu. Ao tempo da sua soberania temporal, muitas vezes o encontravam a pé, a branca sotaina coberta por um sobretudo preto, percorrendo os bairros miserandos.

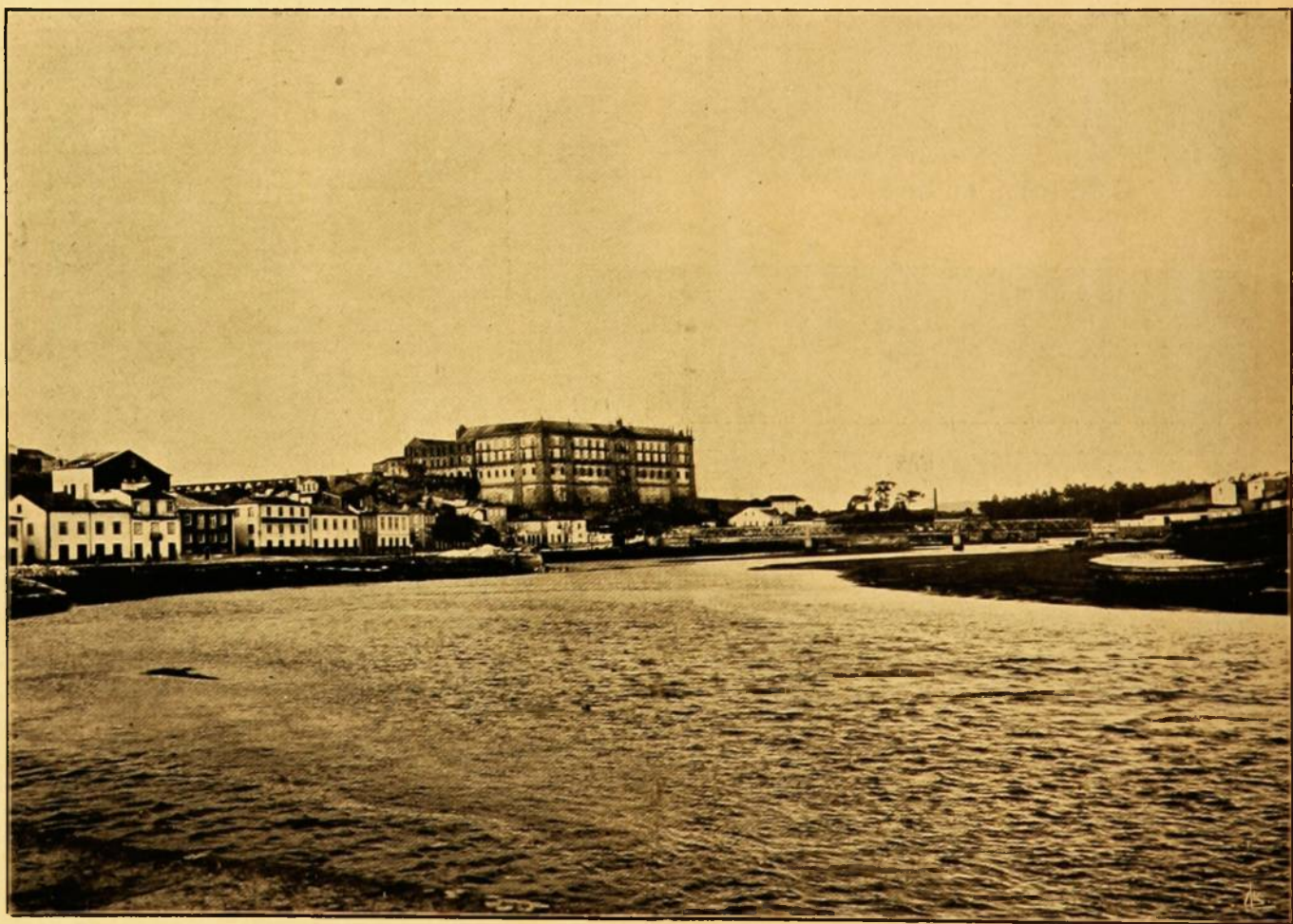
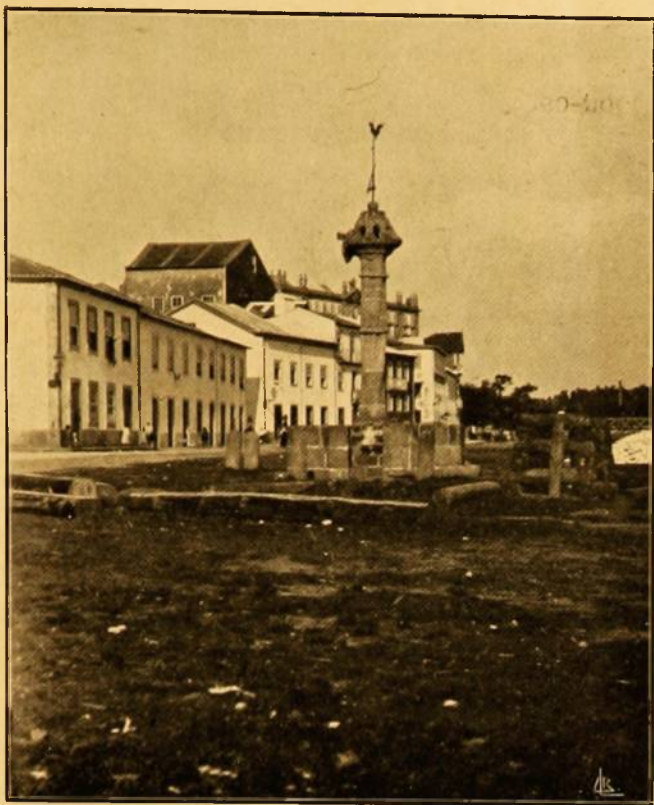
Após o 20 de setembro de 1870, foi nos jardins do Vaticano que recebeu as *suas creanças*.

Os recantos e as alfombras d'estes jardins, repetem o seu nome. Habituado a uma vida activa, lá passava muitas horas dos seus dias, e para lá reservava a recepção das commissões, e as audiencias populares. Uma manhã de 1875, como viesse sahindo da matta, avistou um grupo de pastores da campina romana.

Conduzida pelo seu cura, esta boa e piedosa gente trazia em homenagem ao Papa cordeiros enfeitados, e suas mulheres, trajando pittorescamente, carregavam-se de flôres e de morangos perfumosos, colhidos nos pomares da Aricia e de Nemi. Pio IX approximou-se d'elles, abençoou-os, acceitou as suas dadivas, e deu-lhes em troca uma medalhinha de prata, acompanhada de uma espirituosa critica ao novo governo:

—Meus filhos, aqui está alguma coisa que já não vêdes ha quatro annos: dinheiro em prata, e não em papel!

Ainda n'estes jardins recebeu elle, uma manhã, uma deputação dos habitantes do Transtevero.

VILLA DO CONDE—Campo da feira

VILLA DO CONDE—Vista parcial

VILLA DO CONDE—O pelourinho

Queriam absolutamente vêr o Papa, que os jornaes diziam precariamente enfermo. Pio IX voltava do seu passeio.

—Fizestes bem em vir, meus amigos, lhes disse. Todos os catholicos estão aqui em sua casa, mas vós mais ainda, porque sois os mais proximos visinhos do Vaticano. D'esta maneira, vêdes com os proprios olhos se o Papa é vivo ou morto, se caminha ajudado por muletas ou arrimado a uma bengala, se passa bem ou mal. Emfim podeis testemunhar áquelles que vos pediam noticias, ácêrca da saude do vosso velho visinho. Ora, n'este momento, não vae mal, o velho visinho, vosso Pae que vos traz a todos no coração, meus queridos filhos. O bom Deus ainda lhe concede um pouco de força para cumprir a sua missão.

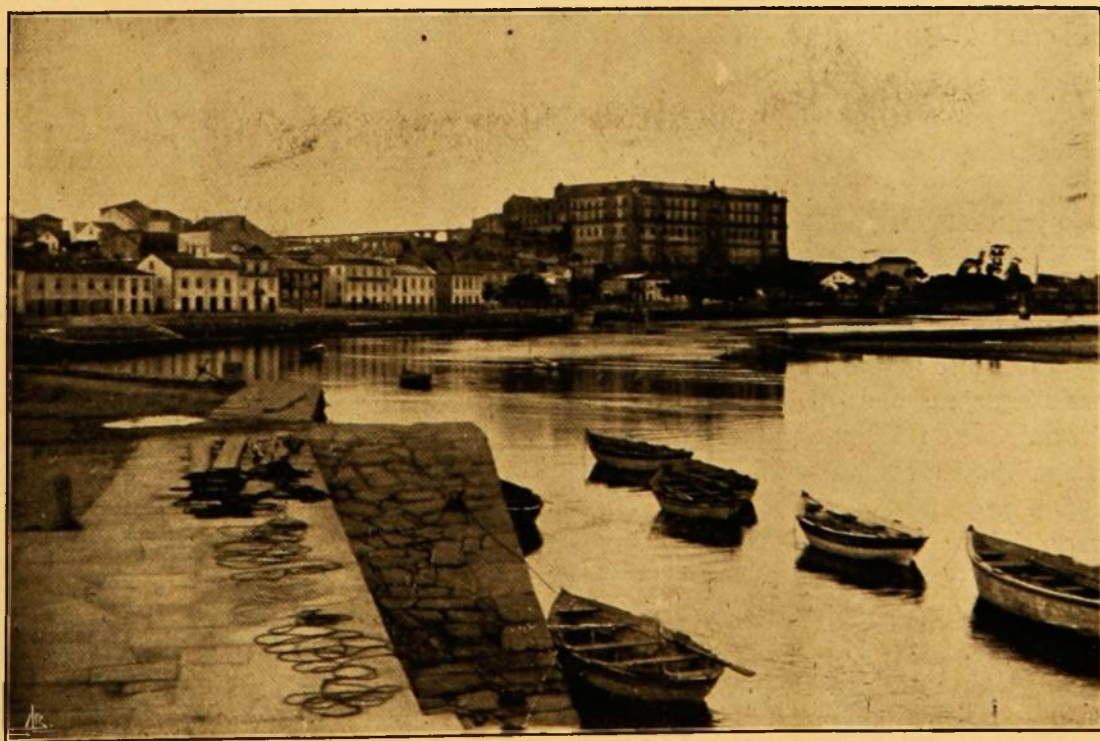
A sua affabilidade encantadora que lhe ganhava a dedicação de quantos d'elle se acercavam, ou a sentiam, uniam-se por vezes, a um espirito brandamente gracejador e incisivo, que justiçava ridiculos e reduzia pretenções a poeira.

O principe de Bismarck e o seu embaixador, M. d'Arnim, sentiram-lhe os effeitos! Uma regra d'etiqueta não permittia a entrada nos pateos interiores do Vaticano senão a carruagens atrelladas a dois cavallos. O embaixador allemão pretendeu um dia entrar, n'uma carruagem tirada apenas a um cavallo. Os guardas oppuzeram-se, e Bismarck intimou ao diplomata uma ordem de se retirar de Roma immediatamente, se lhe não fosse concedido chegar, em tal carruagem, até ao primeiro degrau da escadaria pontificia. Planeava o chanceller prussiano a provocação d'um escandalo. Mas a pezada insolencia germanica quebrou-se contra o artificio italiano.

Pio IX fez escrever a d'Arnim, pelo cardeal Antonelli, que «Sua Santidade, tendo piedade das angustias da diplomacia, permittiria d'or'avante aos representantes das grandes potencias que viessem ao seu palacio com um quadrupede qualquer.»

Pio IX, era emerito em dar, sorrindo, licções inolvidaveis. Duas damas italianas haviam-se apresentado na audiencia, com penteados de extraordinaria altura e farfalhice, cuja extravagancia se salientava no meio das mantilhas pretas e do simples arranjo dos cabellos que é de bom tom adoptar em semelhantes conjuncturas. Nada escapou ao Papa: perguntou o nome de tão excentricos personagens.

—São as damas Guerrieri, responderam-lhe.

—Ah! sim, tornou Pio IX muito alto para ser ouvido. Bem as reconheço pela cimeira do capacete!...

A popularidade de Pio IX era enorme tambem na America. Os americanos expressavam-lhe a sua dedicação com um senso pratico que lhes é peculiar, mas tambem com um *humour* que contentava o Santo Padre.

Ainda é lembrado no Vaticano um bom bispo d'alémmar que um dia pediu para vêr o Papa. Segurava na mão uma grossa vara coberta de veludo que o convidaram a abandonar, tal como a etiquêta o exigia.

VILLA DO CONDE—O caes

O bispo recusou: não podia caminhar sem aquelle appoio. Foram contal-o ao Papa.

—Que entre! que entre, disse Pio IX. Se traz uma bengala, julgo que não é para me zurzir com pancadas!

O bispo foi introduzido. Então, depoz a sua vara aos pés do Santo Padre deplorando nada lhe offerecer de mais digno d'elle. A vara era uma barra d'oiro massiço!

... Foi a 19 de setembro de 1870 que o povo de Roma viu pela ultima vez o Papa no meio d'elle. Pio IX dirigira-se á praça de Latrão onde bendiçoou as suas tropas e os seus fieis. Depois, reentrou no Vaticano, d'onde não mais sahiu.

No dia 20, pela manhã, o exercito italiano atacou a Porta Pia. De madrugada, o corpo diplomatico accorrêra junto do Soberano Pontifice e assistira á sua missa. Pelas 9 horas, o Papa recebeu os diplomatas no seu gabinete de trabalho em que se passou solemne quadro. Em curtas phrases commoventes, Pio IX recordou uma outra circumstancia critica do seu pontificado, a sua partida para Gaêta. Devêra então a sua salvação à dedicação do ministro da Baviera, o conde Spaur, e á intelligencia de sua esposa, uma franceza, que com o concurso do embaixador da França, d'Harcourt, tinha organisado a evasão do Papa.

—Eu queria poder dizer-vos, Senhores, accrescentou elle, que conto comvosco e que um de vós, terá a honra de arrancar a Egreja e o seu Chefe á atribulação, como out'rora. Mas os tempos mudaram, e o pobre velho Papa já não conta com ninguem cá na terra!

A's 10 horas, um official do general Kanzler trouxe a noticia de que a brecha se abrira e o assalto era imminente.

A situação era desesperada.

Pio IX desligou então as suas tropas do juramento de fidelidade e recommendou os seus soldados aos representantes das nações christãs que o rodeavam.

Algumas horas mais tarde, o exercito pontificio, reunido na praça de S. Pedro, esperava o signal da partida. Umas apoz outras, as companhias movimentavam-se e tomavam a direcção da Porta Angelica.

Os zuavos ficaram os ultimos.

No momento em que iam pôr-se em marcha, o coronel Allet, um heroe descendente de heroes (1), que os commandava, deu voz de formar quadrado, a face para o Vaticano.

E tirando a sua espada, n'uma derradeira saudação ao seu soberano, atirou á alma incendida dos seus bravos soldados, ainda uma vez, o grito de batalha e de fé, que elles repetiram:

—Viva Pio IX, Pontifice e Rei!

O brado dos jovens heroes de Castelfidardo chegou ao coração do Papa, que annos antes os saudara, n'um transporte: *ecco i miei zuavi!* mas agora, fechado, prisioneiro voluntario, no fundo do seu palacio.

Pio IX marchou vivamente para a janella que as suas mãos tremulas abriram, estendeu os braços, e abençoou ainda, aquelles que elle amava, e chamava as suas creanças!...

E desde este dia, e depois d'esta benção, jámais foi visto o Papa ás janellas do Vaticano...

MARCOS HÉLYS.

(1) O coronel d'Allet era descendente d'aquelle que na batalha d'Ivry, commandava os suissos que haviam dito: *Pas d'argent, pas de Suisses.*

O coronel nada tinha com isto. Mas quando na manhã da batalha, Henrique IV passando a cavallo deante do regimento, exclamou: *Ides ver quem se bate sem dinheiro*, o coronel respondeu: *Sire, acabaes de assignar a minha sentença de morte*. E fez-se matar á testa do regimento, que não hesitou em seguir o seu exemplo.

N. do T.

VILLA DO CONDE—Panorama visto da barra

(Clichés de J. Carlos R. d'Almeida)

FIGURAS DA BEIRA

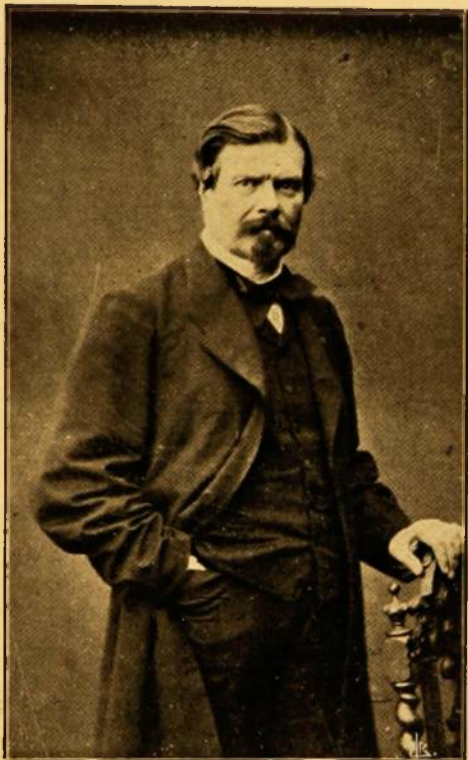
VI

Dr. Manuel Roseira

(CONCLUSÃO)

AS Aulas Secundarias eram no rez-do-chão do paço episcopal. Sala severa, com muito de cathedratica. A tribuna do professor, mais alta do que o pequeno amphitheatro em que nos sentavamos, visionando já o tom e o perfume classico das bancadas universitarias. O velho Almeida, o bedel, careca e rugoso, impoz-se-me logo muito, e o dr. Roseira, ao falar-

nos, levemente gago, estorcendo um tanto a bôcca de labios muito sanguineos, aterrou-me, immobilisou-me.

Ao pé de mim, ficava o Joaquim Carmelino Gomes, que não sei se ainda é professor em Tarouca, rapaz liliputiano de estatura, escarninho, incorrigivel caçador de môscas. Até esse estava sério, co mo eu, como o Accacio Guimarães, torcido e carrancudo então, como o João Mendes, já finado como seu pae, como o Alfredo Mendes, que foi o ultimo governador civil de Lisboa na monarchia, como Antonio Serpa, o Manuel de Jesus Menezes, os Vieiras Ribeiros...

José Isidoro Guedes
(1.º visconde de Valmôr, fallecido ha muitos annos)

Mas passaram os tempos. O dr. Roseira, tão severo, era afinal, tolerante, como, sendo gago, era a cada passo eloquente. Sabedor, muito amigo dos aspectos anedocticos, grande respeitador de Herculano, Castilho e Garrett, como de Quintilliano, Boilau e Candido Lusitano, n'elle o rhetorico era todo regra e praxe, como paixão era n'elle tudo que ensinava sobre as litteraturas da Grecia e Roma. Commovia-se ao falar de Virgilio, sorria deliciado estudando Horacio, aprumava-se, rigido e grave, ao destacar Tácito.

No ensino da Poetica, era todo castilhiano. Que, á prioridade, Castilho mais o empolgava do que Garrett. Depois de Camões e Bocage, de José A. de Macedo, cuja *Meditação* sabia de cór—apezar de ser o dr. Roseira tão camoneano e liberal — o *grande cégo* era o seu *poeta:* devéras o seu *homem.* De Garrett, o que mais o enlevava eram as *Virgens da minha terra,* porque o dr. Roseira adorava o chiste leve e artistico, e até a pesada graça lusitana.

Volveram os tempos. Eu segui a torrente, espumosa e louca, da minha juventude.

Quando despertei para a vida pratica, encontrei na tranquilla quinta das Lages, pittoresca vivenda, o affecto, o prestimo, e protecção do dr. Roseira.

Eu tinha uma gazeta bi-semanal. Era apparentemente progressista. A rigor, o que ella pretendia era demolir os predominantes, feri-los com furia, ás vezes com ironia, como se tal fosse a minha missão nitida.

Pobre de mim! Vacillava entre a fé e a descrença, aturdia-me no ataque a todos os que julgava poderosos e monopolistas de qualquer coisa — dinheiro ou influencia.

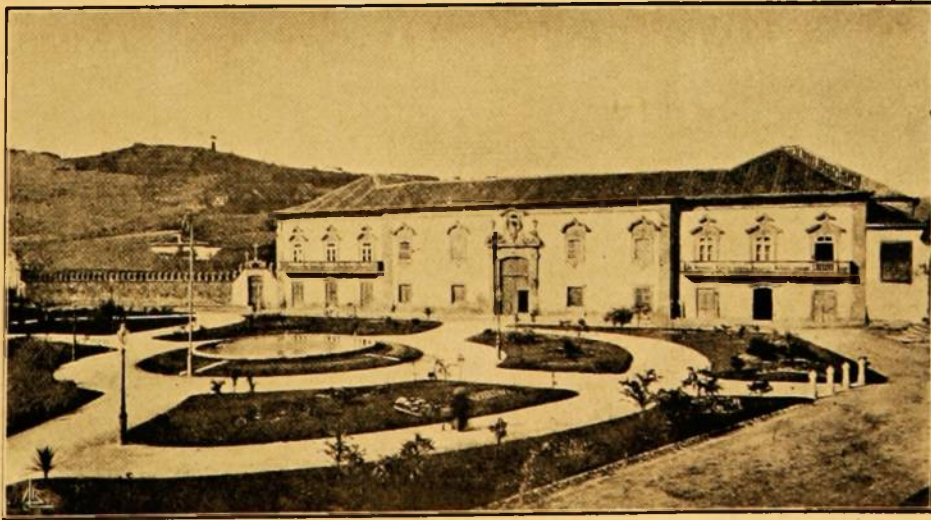
Porque? Nem eu o sabia. Assim, semeei ideias demagogicas, quasi acatholicas.

Depois, tive repellões de arrependimento. Encontrando o dr. Roseira, offereci-lhe a folha, e ouvi-lhe a mais estranha conciliação entre a liberdade e a religião.

Ao pé d'elle batalhei pelos progressistas, ainda que sem orthodoxia. Depois cahiu-me o bi-semanario. Mais tarde, tornei-me a encontrar com o dr. Roseira, a amparar-me um semanario que eu queria fazer religioso, sem saber como.

Frequentei-lhe as famosas *ceiras* de bacalhau, onde encontrei o Par do reino dr. Macario de Castro, o dr. Cassiano, o espirituoso João da Silveira, Monsenhor Alves da Fonseca, Ayres de Lemos, Oliveira Castro, Manuel Quintella, Costa Junior, José de Vasconcellos...

LAMEGO—Paço Episcopal

Entretanto, o dr. Roseira servia, quanto lhe era possivel, os interesses regionaes e locaes de Lamego. Fundador do grande Collegio, unica razão de ser do Lyceu, o qual, com o dr. Cassiano, dotou com uma bibliotheca de 2:000 volumes, o seu prestimo era tão constantemente valorisado como o seu prestigio. Coração sempre aberto como a bolsa, como a mesa, a sua chefatura politica nunca origou com a

mais ardente fé religiosa. Chegou a ver mal Antonio Candido por correr que o grande orador defendia o ensino neutro. E poucos, como elle, admiravam o grande orador.

Mas os achaques, a vida politica, um regimen tumultuario de saude, inutilizaram-no aos setenta annos. Agonizou largos mezes, com um ar desconsolado, quasi tragico.

Sempre chefe do seu partido, embora já muito nominalmente, foi preciso verem-no morto, livido como um lençol, para lhe não sollicitarem mais a caridade e a bonhomia.

JOSÉ AGOSTINHO.

NOTAS—Manuel Antonio Lopes Roseira, nascido a 2 de novembro de 1829, era filho de Antonio Rodrigues Roseira e da Umbellina Lopes Esteves, natural de Covas do Douro, concelho de Sabrosa.

Frequentou no Seminario de Lamego de 1850 a 1853, e iniciou a ordenação com tonsura e menores a 1 de janeiro de 1«53, obtendo o presbyterato a 9 do mesmo mez. A 13 de junho do mesmo anno de 1853, foi para Coimbra onde fez os exames preparatorios, matriculando-se depois na faculdade de Theologia. Bacharelou-se em 1858.

Iniciou o Collegio de Lamego em outubro de 1859. A portaria de 3 de junho de 1861 auctorisou-o a ensinar particularmente as disciplinas do ensino dos lyceus.

Conego da Sé da Guarda por decreto de 26 de abril de 1860, não tomou posse, sendo transferido para a Sé de Lamego, sendo a posse a 9 de março de 1862 e desde este anno até 1874 foi professor official no Seminario.

A 30 de julho de 1868, foi nomeado professor interino de Portuguez e Litteratura nas aulas secundarias. A interinidade foi elevada à effectividade por decreto de 7 de maio de 1885.

Arcypreste da Sé de Lamego por decreto de 20 de dezembro de 1896, foi nomeado depois Deão da mesma Sé, tomando posse a 17 de novembro de 1889.

Foi valioso o seu prestimo na creação do Lyceu de Lamego em 1880.

De 1901 em diante, deixou todo o serviço externo. Falleceu a 10 de janeiro de 1907.

VIANNA DO CASTELLO.—Um naufragio.

O barco de pesca 5859 da Povoa de Varzim que na noite de 2 do corrente naufragou nas pedras de Cambôa, sendo salvos cerca da meia noite os seis tripulantes, quasi exhaustos de forças, pois luctaram durante algumas horas com a furia do mar, pela jangada dos soccorros a naufragos de Vianna do Castello a cuja praia foi arremessado desconjunctado.

(Cliché do phot. amador sr. Mannel Affonso.)

BRAGA— Festa da primeira Communhão das creanças da freguezia de S. Martinho de Dume. O povo sahindo da egreja.

(Cliché do sr. Joaquim Soares)

COISAS DA MINHA TERRA

Nas vindimadas

OOO

Como um esbelto e ousado cavalleiro, o Sol, brandindo a sua flamejante espada d'oiro, investiu denodado contra o soturno exercito de trevas que velava a face da Terra, desbaratando-as e pondo-as em fuga desordenada.

E agora, ufano e bello como um heroe das eras medievaes, eil-o, na sua marcha triumphal e glorio-

BRAGA— Festa da primeira Communhão das creanças da freguezia de S. Martinho de Dume. Um aspecto da processão.

(Cliché do sr. Bento Rodrigues)

sa, n'uma apotheose de luar e n'um enthusiasmo de fogo!

Da Terra saudam-no as aves entoando gorgeios d'amor, os rios, canticos epicos e as fontes, murmurios de ternura.

Florestas e montanhas curvam a fronte á sua passagem; e o mar, n'um delirio immenso, applaude-o, constantemente.

O homem aproveitando os beneficios que elle derrama, bemdil-o no intimo do seu coração.

Lá surge uma ranchada alegre de vindimadores com cestas e escadas ao hombro, raparigas de saia sofraldada, olhos brilhantes, risos nos labios e braços nus.

—Que lindo dia!

—Hoje sim! nem uma nuvem. Appetece trabalhar!

—E rir.

—E cantar:

> Sol amigo, barco d'oiro
> Navegando no alto mar:
> Quem me dera andar comtigo
> Pelo céo a navegar.

—Cantas como uma sereia, Maria.

> Por eu ser nova não cuides
> Que me fio em teus enganos
> Quem nasce com pouco tino
> Não no ganha á custa d'annos.

O sino do campanario que vemos d'aqui alvejando entre o arvoredo, ergueu n'este momento a voz alegre e metalica repicando festivamente:

> Dling, dling, dlon!
> Dling, dling, dlon!...

—Temos baptisado?

—Não. Foi *anjinho* que morreu.

—De quem?

—Foi o filhinho da Rita do Eido.

—Coitadinho! e elle estava doente?

—Não, não estava, ao menos que se soubesse; mas ha tempos andava amarellinho, amarellinho! hontem de dia deu a affligir-se muito, cada vez mais, até que, de noite, ficou-se como um passari-

nho! ai! a pobre da Rita sempre tem um desgosto!

—Podera não! uma creança tão linda. Ainda para mais, morreu-lhe, não ha muito, o homem, na flôr da edade!

—E' verdade, é verdade! Pobre Lourenço! o filhinho, não sei, mas, decerto, morreu do mesmo mal. Vem chegando a *queda da folha* e a tysica dizem que se passa dos paes aos filhos...

Um sopro de tristeza, uma recordação amarga, ennublou a fronte dos vindimadores.

As mulheres suspiraram e os homens emmudeceram.

Lá em baixo, no centro do valle o sino continuava:

Dling, dling, dlon!
Dling, dling, dlon!...

Tinham chegado aos campos aonde iam vindimar. As arvores onde se abraçam as vides turtuosas e imbelles offereciam á vista, por entre a espessa ramagem, abundantes e formosos cachos d'uvas pretas.

dias, de faces levemente queimadas pelo ardor dos beijos do Sol.

Fizeram rodilhas de folhas de milho, collocaram os cestos á cabeça e ellas ahi vão a caminho de casa para lançarem as uvas no lagar.

Caminham em passo lento porque as uvas este anno degargam-se em vinho. Já o môsto lhes escorre pela testa.

—Ai, Theresa, disse uma das raparigas, as uvas este anno dão que fazer: tomára que se acabem as vindimas. Como os cestos escorrem! ensopam-nos o cabello!

—Ora! não faz mal, respondeu a outra. E' vinho, e o vinho é alegria.

O sino que se callara por algum tempo recomeçou:

Dling, Dling, dlon,
Dling, Dling, dlon.

—Ai, pobre da Rita do Eido, disse aquella que se chamava Theresa. Tenho uma pena d'ella que nem fazes ideia, Maria. Em menos de um anno lá ficou sem o marido e sem o filhinho!

PORTO—A festa da Senhora da Luz na foz do Douro. Um aspecto da festa

Dentro em breve levantaram-se as escadas, inclinaram-se ás arvores, subiram os vindimadores, e as cestas, abarrotadas d'uvas, entre cantigas e gargalhadas, iam a despegar nos balseiros e lagares.

—Theresa, Maria? venham cá, disse o snr. Antonio da Bouça, que era o patrão. E' preciso irem levando cestos d'uvas para o lagar, que ha já bastantes cheios.

As duas indigitadas para levarem os cestos approximaram-se. Eram duas raparigas novas e sa-

—E' verdade, Theresa!

—Quando me lembro do Lourenço, um rapagão *féro* e bonito! (1) e eu que estive quasi a ser mulher d'elle!

—Ai, sim! elle fallou para ti muito tempo! nem me lembrava...

—Para cima de dois annos.

—E depois? como vos desaviestes?

---

(1) No Minho é muito vulgar, o emprego do vocabulo *féro* com a significação de bem nutrido.

—A bem dizer, olha que não foi por coisa nenhuma...

—Ora essa!

—Costuma-se dizer—guardado está o bocado p'ra quem tem de o comer. E' porque já não tinhamos de ser um p'ro outro.

—E olha que tivestes sorte em não casares com elle. Estavas a esta hora viuva e assim, estás solteirinha que não ha vida melhor.

—Visto isso, então, fazes conta de ficar solteira?

—Emquanto me não apparecer coisa que me *adite*...

—Ah! então, obrigada! n'esse caso para que me gabas a vida de solteira?

E limpou uma lagrima que lhe saltava pelas faces. Depois continuou em voz commovida:

—Nós gostavamos bastante um do outro. Chegamos, por muitas vezes, a fallar da vida que levariamos depois de casados e não contavamos com outra coisa; mas a gente põe e Deus dispõe!

Uma vez, faz agora annos, fomos á romaria da Senhora do Allivio; em lá chegando, depois de darmos duas voltas, o Lourenço metteu-se com os amigos a beber (que elle da pinguinha gostava!) e deixou-me para lá com as outras moças da freguezia.

Entretanto, um rapaz desconhecido começou a olhar-me, a olhar-me! mas eu, como estava á espera do Lourenço, não fiz caso d'elle; afinal, depois

PORTO—A festa da Senhora da Luz na foz do Douro. Outro aspecto da festa

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

—Porque é a mais alegre.

—E queres perde-la?

—Não queria, não! mas as outras casam-se tambem e a gente parece que se envergonha de não ter quem a pretenda...

—E' assim, é; mas, nós as mulheres somos bem tolas em nos casarmos. Vê lá tu! a pobre da Rita, em pouco tempo quantos desgostos não soffreu! não me sae da lembrança! apesar d'ella não gostar de mim!... como o homem, o Lourenço (Deus falle com a alma d'elle!) tinha sido meu namoro e, quando me encontrava, ainda gostava de rir-se commigo, ella, acho que tinha medo que eu lh'o tirasse...

—Quer não, que, agora, está guardado em logar seguro, debaixo da terra ninguem irá busca-lo.

—Coitado! Deus lhe perdoe!

de esperar horas e horas sem que elle apparecesse, já meio agastada, principiei a fallar para o tal com o fim de me desaborrecer.

Vae n'isto, chega o Lourenço! foi o inferno! pegaram-se á bulha! tudo eram cabeças rachadas, porque os amigos d'um e do outro ajuntaram-se; tudo eram pragas contra as mulheres e sobre tudo contra mim, de modo que eu estava bem desgostosa e arrependida por ter ido á romaria. Por fim tudo se acommodou; mas eu não tornei a ver lá o Lourenço. Pelo caminho tambem me não appareceu.

Ai! como eu vinha, Maria! não chorava por vergonha; mas em casa, de noite, quando me vi sósinha, chorei, chorei, chorei! não preguei os olhos.

No domingo seguinte o Lourenço appareceu lá pelo logar; mas eu é que não appareci. Tambem estava zangada.

Eu soube mais tarde que elle se arrependera do que fizera no Alivio; mas eu sabia lá o que elle tinha no coração!

Como eu lhe não appareci, elle tornou-se a agastar; emfim, andamos muito tempo de caprichos um com o outro, até que elle entrou a fallar com a Rita do Eido. O pae d'ella gostava do rapaz e principiou a animal-os promettendo duzentos mil reis dados no dia do casamento, de modo que, um dia, sem eu saber de nada, leram-se na egreja os proclamas que annunciavam o casamento dos dois. Ai! nem sei como não desmaiei com a paixão e com a vergonha.

O que eu chorei no dia da boda d'elles! Calou-se para disfarçar um importuno suspiro.

No entanto o sino continuava:

Dling, dling, dlon!
Dling, dling, dlon!...

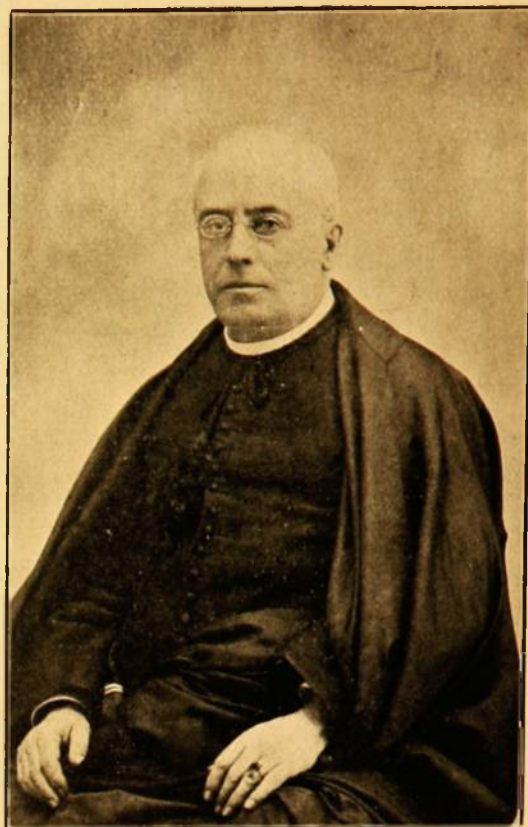
Setembro de 1913. JOÃO DO OUTEIRO.

Jesus

N'uma serena tarde memoranda,
A sua bocca de maguadas linhas
Disse esta phrase commovente e branda:
"Deixae-as vir a mim as creancinhas...„

E nunca se acabou a vibração
D'aquelle doce e caricioso apello;
Chega ao Natal e as creancinhas vão,
Maravilhadas, a beijal-o e a vel-o.

E o bom Jesus cuja tristeza ingente
Lhe ensombra no Calvario o rosto fino,
Para attrahil-as mais suavemente
Desce da Cruz e torna-se menino.

AUGUSTO GIL

Padre Manuel das Neves Pinto Brandão

(Fallecido em 28 de abril de 1911)

Sacerdote exemplar, piedoso, muito enthusiasta para promover, em Lisboa, festas explendidas com rigor lithurgico e por quarenta annos assiduo visitante do Santissimo Exposto em Lausperenne.

Um grupo de condemnados politicos na Penitenciaria de Coimbra.

O abastecimento das aguas da cidade de Braga

Em tempos idos ao fundar uma cidade procurava-se a proximidade de grandes cursos de agua para abastecel-a, ou que o entre-solo fosse d'ellas abundante. Hoje, já não é preciso isso, pois quando as cidades estão longe dos rios, a engenharia os traz para dentro d'ellas. Assim fez Lisboa com o Alviella e Braga o está fazendo com o nosso Cavado.

D. João V abasteceu a capital com um aqueducto que é um monumento. Um outro filho de D. Pedro II, ainda que natural, o sr. D. José de Bragança, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, pela mesma epocha canalisou para esta cidade, abastecendo os publicos chafarizes, a agua das *Sete-fontes*; agua abundante e fresca que aquelle logar offerece copiosamente.

Dr. Domingos José Soares,

distincto clinico bracarense e presidente da camara municipal que deu principio aos trabalhos para o abastecimento das aguas da cidade.

Copiosamente, é um termo relativo, pois agora já não chega para o serviço da população que cresceu, augmentando tambem com mais acurada civilisação as suas necessidades. Por isso, muito avisadamente andou a camara presidida pelo sr. dr. Domingos José Soares, começando o trabalho de abastecimento das aguas, alguns annos ha. A' que actualmente está gerindo o municipio coube a gloria de os levar a satisfactorio termo, o que é para a cidade um melhoramento importantissimo.

Machinismo destinado á elevação das aguas do rio para o reservatorio

A falta de agua na cidade tem-se sentido n'estes ultimos tempos, para se satisfazerem as necessidades hygienicas de uma população, que hoje sobe já de 20:000 almas.

A abertura de novas arterias, a ligação por meio de carros electricos a Prado e ao Bom Jesus, o lançamento de jardins e alamedas ajardinadas, tudo isso demanda o uso de muita agua, que tambem se gastará em regas nas ruas, para as limpar e dar-lhes um aspecto de limpeza a que não es-

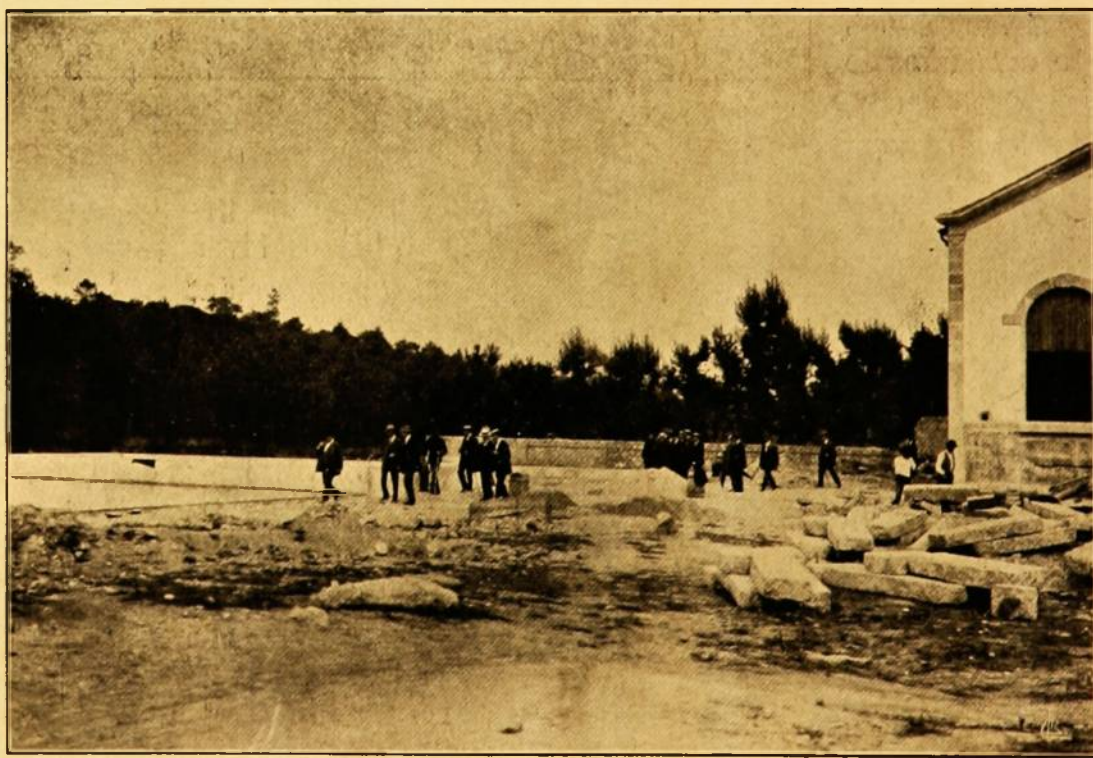
Albano Justino Lopes Gonçalves,

major de infantaria 8 e presidente da actual commissão municipal em cuja gerencia foi concluida a grande obra do abastecimento das aguas.

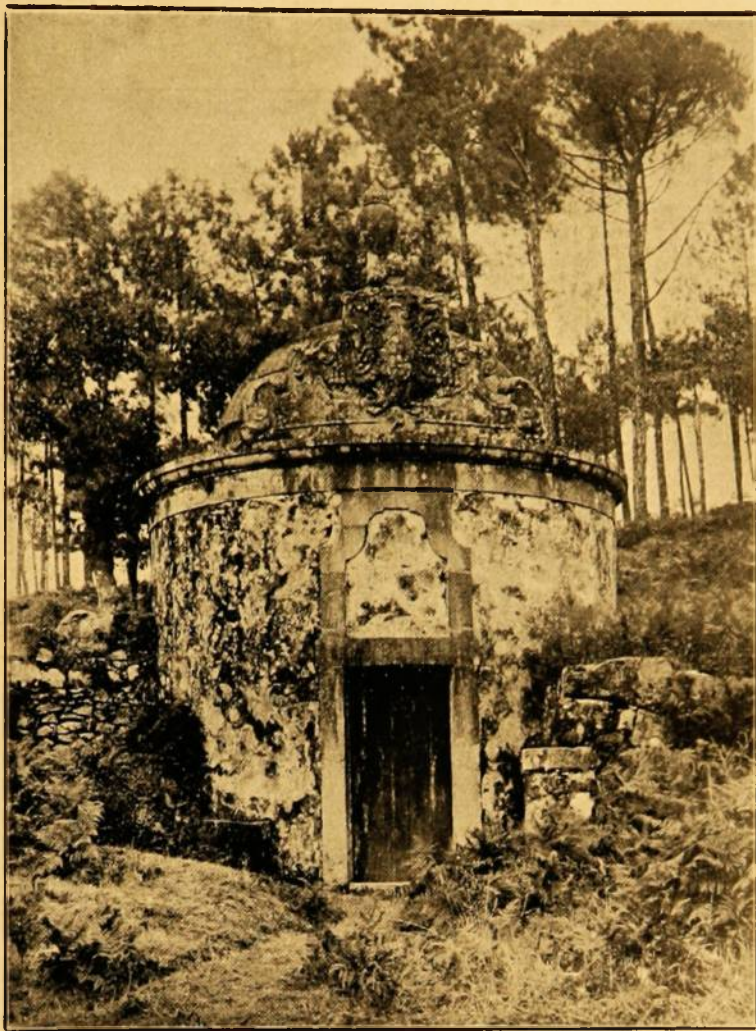
O sr. governador civil, commissão municipal, imprensa e mais convidados, chegam á margem do Cavado para inaugurar o machinismo.

tão habituadas. Por isso, este melhoramento é, sem duvida, o mais importantes dos que ultimamente se têm emprehendido n'esta cidade.

Quando a camara de que fizemos menção discutiu qual a agua que se devia captar uns propunham a do rio, outros, porém, desejavam que se trouxesse de mais alto, do monte, o que, por dispensar machinismos, compensava o dispendio de mais extensa canalisação.

A agua preferida pelos engenheiros foi a do Cavado captada em apropriados tanques e filtros junto á ponte do Bico. Ahi possantes machinismos, inaugurados recentemente com assistencia das auctoridades, da imprensa e muitos curiosos, a impellem para dentro de fortes tubos de ferro que galgando alguns kilometros de extensão, e a

Parte da casa das machinas e o reservatorio á margem do Cavado.

altitude de 200 metros a vão jorrar no deposito de Guadelupe. D'este, uma rede complicada a distribue por toda a cidade. Nas esperiencias se tem gasto alguns dias; todavia é bem possivel que, quando estas notas cheguem ás mãos dos leitores, já n'esta redacção corra a lympha refrigerante roubada ás aguas do Cavado.

Braga deve estar verdadeiramente reconhecida para com os cavalheiros que constituiam a camara da presidencia do sr. dr. Domingos José Soares, pois ao seu trabalho e dedicação se deve um melhoramento de tanta importancia como o do abastecimento das aguas.

Um dos primitivos depositos para o abastecimento das aguas nas Sete-Fontes,

obra do Arcebispo e Senhor de Braga D. José de Bragança

Não deve, porem, esquecer-se a actual commissão municipal presidida pelo snr. major Albano Justino Lopes Gonçalves que teve a felicidade de, durante a sua gerencia, ver concluida um obra tão necessaria e util para o que concorreram enormemente os seus esforços.

A «Illustração Catholica» publicando os retratros dos srs. dr. Domingos José Soares e major Lopes Gonçalves presta assim homenagem publica á sua dedicação por esta linda terra.

Os visitantes em retirada.

(Clichés do sr. Bento Alves da Silva, empregado nas offic. do sr. Fanzeres).

NOTAS DO ESTRANGEIRO

NOTAS DO VATICANO.—Audiencia concedida pela Papa aos gymnastas catholicos—Foram visitar Sua Santidade varias secções que em Roma, e em honra das festas constantianas, tiveram um concurso internacional. O Papa recebeu os gymnastas na praça interior, de S. Damaso, commovidissimo deante d'aquella nobre e bella juventude que o acclamava.

O Cardeal Vives y Tutó—Falleceu recentemente este religioso hespanhol, da ordem dos capuchinhos. Era uma das figuras mais imponentes da corte pontificia, e gosava a maior confiança de Pio X, como já antes de Leão XIII, que lhe incumbira missões importantissimas, revelando-se então um grande diplomata. Era escriptor de nomeada, grande amigo de Portugal, e, tendo estudado a fundo os problemas actuaes, foi um dos martellos do Modernismo, que combateu como lhe cumpria. Deixa no Vaticano profundas saudades pela sua agradabilissima amabilidade, e pelo espirito piedoso que sempre o animara.

FRANÇA—Os habitantes de Verneuil-la-Côte saudando Poincaré

A caravela de prata offerecida pelos monarchicos de Lisboa ao Senhor D. Manuel de Bragança

(Magnifica obra executada nas officinas dos srs. Leitão & Irmão, de Lisboa)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500

Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.

Numero avulso 60

Numero 15 Braga, 11 de outubro de 1913 **Anno I**

Collegio Lyceu Portuguez

HUY (BELGIQUE)

DIRECTOR—José Luiz Mendes Pinheiro

Situação magnifica. — Educação moderna.
—Instrucção primaria e secundaria completas.
—Preparação para as universidades belgas.
—Professores de diversas nacionalidades para o ensino das linguas.

Este collegio veio substituir o antigo Collegio Lyceu Figueirense, da Figueira da Foz. N'elle encontram os alumnos as vantagens d'uma educação moderna, n'um dos paizes mais avançados da Europa, sem augmento de despeza.

Viagens e todas as despezas por conta do Collegio, mediante o pagamento d'uma annuidade fixa, cuja importancia não é superior ao total das despezas a pagar em collegios portuguezes.

Pedir prospectos ao director.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

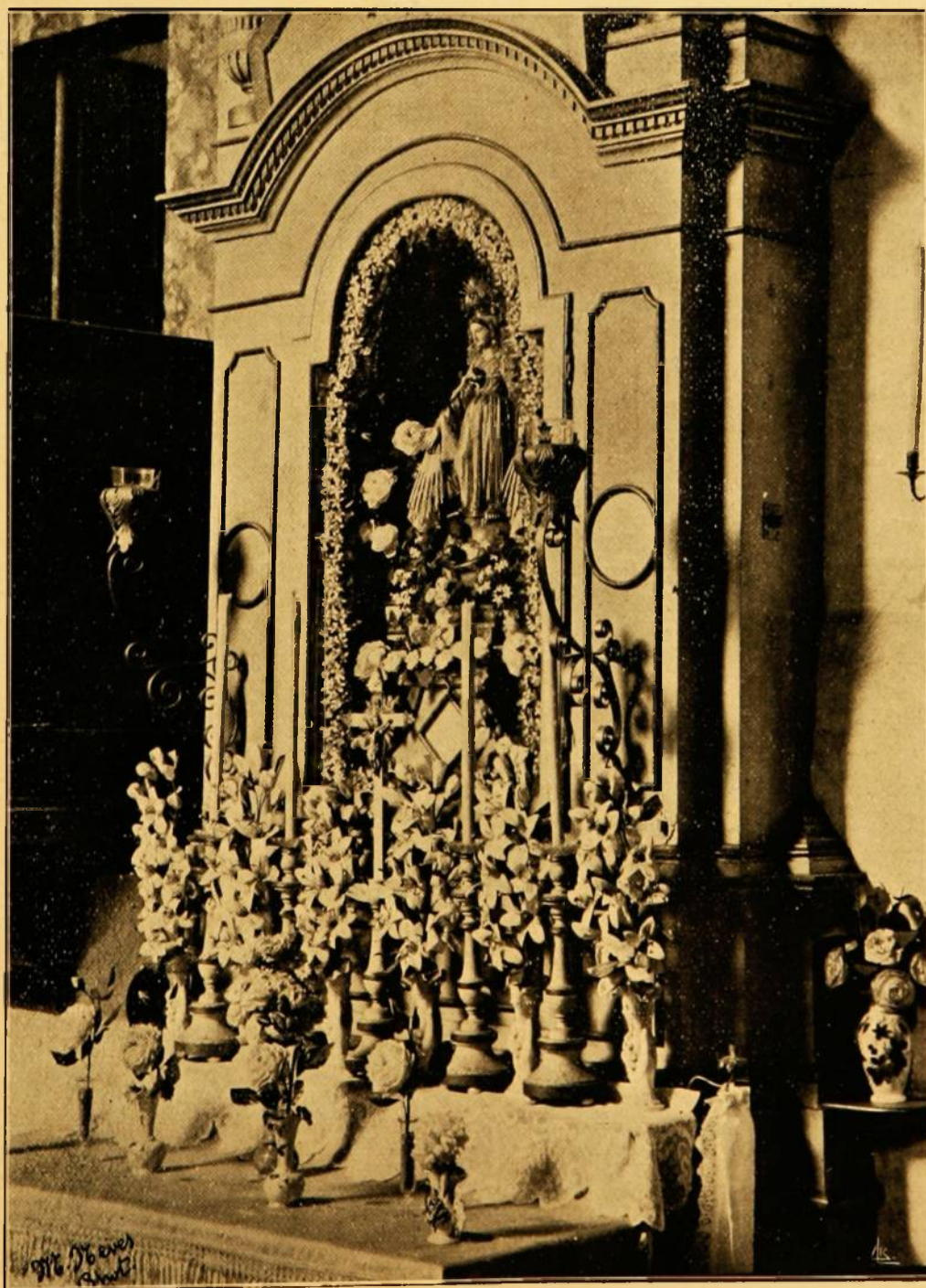
Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 11 de outubro de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 15 — Anno I

BRAGA—Capella das Convertidas. O altar de N. Senhora das Graças

Chronica da semana

XV

LEMBRAM-SE os senhores d'aquelles tempos em que os jornaes gemiam sob a tinta das parangonas vehementes, estremecendo em raivas patrioticas, indicando ás massas o recinto dos comicios como refugio bemdiçoado em que a sua colera se poderia expandir pelas gargantas, anathematisando a tyrannia?

Por um phenomeno explicavel na ordem politica, tal expediente desappareceu da imprensa republicana. O comicio da opposição em Algés vinha annunciado em modesto aviso, como um facto deslocado, excepcional, *demodé*, no scenario das batalhas politicas portuguezas de nossos dias. Elle serviu apenas para avultar ainda mais o premio de desillusão que a republica offerece aos seus soldados. A exclamação de Affonso d'Albuquerque ao receber as espadas, como galardão das victorias que a sua alcançara para lustre da corôa, repete-se com persistencia pelos seculos fóra como consequencia inevitavel de todos os sacrificios, quando a ingratidão ou a ambição dos homens encontra azo para mostrar-se.

E todavia o comicio constituiu pela sua frequencia, vivacidade, e até pelo seu pittoresco, uma das armas mais utilisadas por opposições e governos portuguezes nos ultimos annos.

A realidade desbotou os enthusiasmos, e deshabituou-nos de taes espectaculos. Os tribunos de hontem tornaram-se em coisa muito peor, que são os estadistas de hoje, e ás apostrophes sangrentas que incendiavam, substituiram-se as meias-tintas com que os detentores do poder rebocam as ideias, e as pasquacices dictas com ar emphatico.

Outros tempos, outros costumes,—maxima verdadeira, cheia de actualidade, como vem de provar-se na infamia enlodada em escorrencias de alcouce, que certos pretensos sacerdotes do jornalismo atiraram aos recemcasados de Sigmaringen. Até a delicadeza se perdeu entre os escombros e o fragor da derrocada!...

Todo este desfalque moral, muito maior e mais perigoso do que o material, advém-nos em linha recta do amargurado desalento que nos innoita.

Nós atravessamos talvez a crise de pessimismo mais aguda dos ultimos tempos. A propria juventude aproveita a dôr das suas feridas d'alma para murmurar pesadas lamentações, e parece que a esperança, o seu mais ridente sonho, aquelle desprendimento feito de alegria sã que é muitas vezes germen de rasgos heroicos, se dilue e liquefaz em lagrimas.

Todo um côro de desenganos nos atrôa, e vem crescendo das paginas dos jornaes para as dos livros, das conversas particulares, fugidias impressões de momento, para os discursos e as conferencias.

Fallam os velhos pelas asserções dos moços, e estes comprazem-se em dar-se apparencias de decrepitos.

Nós fomos sempre um povo atreito a melancolias, mas a falta de fé, de coragem sadia, acabrunha-nos d'uma forma doentia. Urge sahir d'ella.

O desalento é a atmosphera da subserviencia, o ambiente favorito da cobardia, o melhor cumplice dos tyrannos.

Vermitando-nos o coração, impede ao mesmo tempo que o paiz se unifique, que as suas energias se adunem, e faz morrer nas gargantas as vibrações dos canticos audazes.

Diz o dictado que demasiado riso é falta de sizo, mas é mais proprio dar tal significado á demasiada tristeza, e n'isto vamos acompanhando a velha regra de que os exagêros se tocam...

Perguntava Chateaubriand: — porque anda tão alegre e alvoroça a infancia, e a velhice porque anda tão melancolica e abatida?

E respondia:—é porque á infancia ignora tudo e a velhice tudo sabe!...

Ora, as nossas gerações juvenis contrariam precisamente a natural explicação do grande escriptor.

Que sabem ellas?

Nada. A vida corre-lhes instavel, bem sabemos. Acordaram aos bramidos da tormenta, e quasi poderiam exclamar: — esta epocha não nos pertence!

Mas é, precisamente, porque estes tempos não vão propicios ao desbotoar do seu sangue e das suas flôres... que ellas tudo ignoram. Porque a velhice ainda póde trucidar a esperança, fazendo-a estorcer-se nas ferreas tenazes da sua experiencia, ainda póde dizer ao mundo novo que lateja nos flancos do velho mundo: não me seduzes, já sei tudo!

Mas a juventude, não. Ella não póde justificar o desanimo pelo que vê, porque não tem conhecimento d'elle. A juventude não póde reduzir-se á estreita situação d'essas moscas varejas que, encerradas em casa, zumbem infatigaveis contra as vidraças das janellas; vêem o céo, a luz e o ar, a liberdade; caminham doidejantes para ellas, mas encontram pela frente o illusorio vidro, de cuja existencia não suspeitavam, e contra o qual renovam seus assaltos inultos, sempre sonhando o sublime!...

Deixemos os velhos carpindo sobre as folhas mortas que dançam macabras a ronda dos sepulchros!

Salvemos a alegria, a esperança, a coragem heroica, a audacia revolta das gerações novas, ensinemol-as a amar a propria vida como um formosissimo dom de Deus, para que os seus sorrisos de pavor amarulento volvam em outros tantos de colorida e sanguinea fé.

... E ainda quando a provação não cêda á paz, ella, a juventude, preitejando a Deus, e elevando a Patria, morrerá a cantar... por amor de ambas!...

F. V.

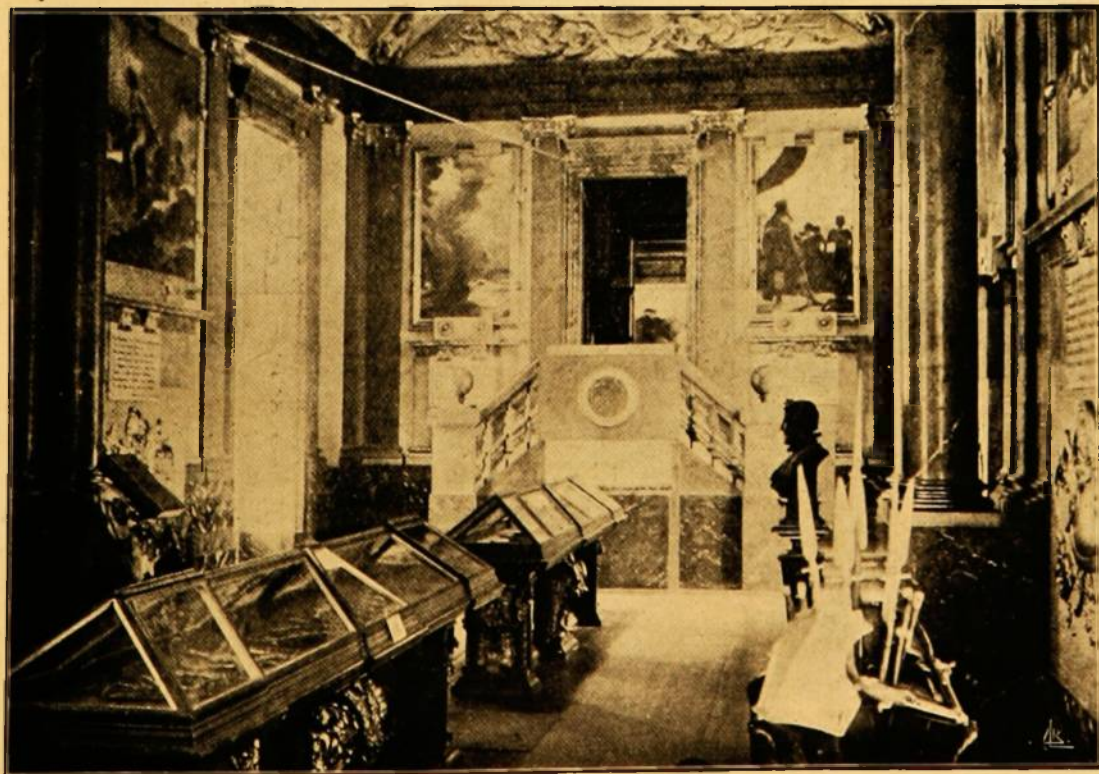
Arredores de Lisboa

PALACIO DE QUELUZ

E' um dos mais bellos edificios de Portugal. Enorme, situado n'um explendido local, tendo em volta um enorme jardim (quinta) de deliciosas sombras e agradaveis caramanchões que convidam ao descanço é um dos pontos preferidos por nacionaes

Palacio de Queluz

e estrangeiros que vão admirar o bello palacio da antiga côrte portugueza.

Historia: Em 1667 habitou o palacio o infante D. Pedro tendo alli urdido a conspiração de que resultou a abdicação de D. Affonso VI e a fugida da rainha D. Maria Francisca de Saboia. O que de resto parecia o palacio fatidico para esses casos pois que tambem foi lá que a rainha D. Carlota Joaquina urdiu quasi todas as suas espantosas intrigas não só de familia, como politicas.

Foi seu architecto Matheus d'Oliveira que construiu a fachada principal que lembra o sumptuoso Versailles.

Descripção: Em estylo Luiz XV, puro, os seus salões, alguns bastantes arruinados ainda conservam restos das antigas bellezas que os ornamentavam. Da sala dos espelhos, sendo todas as suas paredes e pilares forradas de magnificos espelhos hoje muito detiorados, segue-se o antigo quarto de dormir de D. Luiz, *toilette* que foi de D. Carlota Joaquina e mais tarde, alcova de D. Maria Pia. Passando-se pelo chamado *quarto do somno* vae-se ao bello quarto de *D. Quixote* onde existe a cama de ferro, vulgar, onde morreu D. Pedro IV. Tem no tecto e paredes bellas pinturas allusivas ao romance de Cervantes.

Nos bellos jardins ha encantadores grupos em marmore, muitos bustos collocados em bons plynthos de pedra e uma lagoa forrada de valiosos azulejos. Obras importantes se estão alli fazendo para restaurar a magnifica sala do throno e outras.

Emfim um *Eden* perfumado e delicioso onde a côrte gosava um agradavel descanço em estação de verão, e as delicias dos romances amorosos e cavalheirescos.

Monumentos de Lisboa

Museu d'artilharia

A *Sala Camões* do museu d'artilharia de Lisboa tem um aspecto grandioso e é uma das melhores do grande edificio. Nas paredes bellos quadros de Collumbano todos inspirados no grande poema - os Lusiadas -. «Venus defendendo os Portuguezes no concilio dos Deuses», Ignez de Castro exorando D. Affonso IV», «Despedida dos Navegadores na praia do Restello» etc.

Tem um busto em bronze do grande epico, egual ao que está na gruta de Macau; a edição manuscripta dos «Lusiadas» dois bellos quadros de Condeixa «O Adamastor» e «O Gama avistando o Cabo»; etc. etc. *J. M.*

Museu d'artilharia—Sala de Camões

SUPERAVIT

(VARIAÇÕES)

ooo

PORQUE se me mette pelos olhos em toda a parte o mafarrico do *superavit*, já lhe ganhei mal e não pequeno. Rabujices de velho, sim senhores, mas nem assim menos birrentas. Aos pobres latins, escorraçados das escolas, não lhes sorri melhor fortuna pela imprensa periodica.

E não é por os não quererem lá; ao contrario, por o não quererem em demasia é que será o erro. Caso raro sahir escorreita, das mãos dos srs. compositores de gazetas, uma phrase latina; muito raro mesmo.

E comtudo não cessam de injectar latim por aqui e por acolá, não só os amadores de jornalismo nas horas vagas, até os proprios jornalistas de officio.

Elle dá sua graça á composição, dá um certo ar de distincção aristocratica como um par de luvas perfumadas. Convirá mesmo assim, para o effeito desejado, que pouco uso tenham as luvas e delicado o perfume. D'outra maneira seria usar as luvas que a mãe deu a cada um.

Tambem o latim, coitado d'elle! de tão usado e amarrotado por mãos impiedosas, até mette pena.

Agora todos derriçam no *superavit*, o qual por geito ou por força tem de morrer contra o pobre do *deficit*, que nunca lhe fez mal nem podia.

E' facil de perceber: Se o *superavit* (sobras) exprime abundancia no tempo passado, que tem lá isso com o *deficit* (faltas) que é penuria no presente? Então ninguem mais poderá ser como «Pedro Cem que já teve *(superavit)* e agora não tem» *(deficit)?*

Oh senhores! Se até «com aguas passadas não moem moinhos», como arranjaremos em nossos dias este phenomeno da providencia financeira, de uma fartura *passada* não curar a lazeira *presente?*

E' assim que se ha-de matar a fome, relembrando a edade de oiro? Assim não fez, muito o contrario, o «filho prodigo», buscando a casa paterna para tirar o ventre de miserias. Passou do *superavit* ao *deficit*, para voltar de novo... ao *superavit?* —não, ao *superat;* que o outro não valia duas cascas de alhos, liquidado em pouco tempo como se viu.

Como querem os senhores agora com um *superavit* arrepanhar o *deficit*, se até as 7 vaccas gordas

BRAGA—O Snr. D. Francisco, venerando Bispo de Lamego, conferindo ordens sacras na egreja do Seminario

(superavit) do sonho de Pharaó, ao sahir do rio tão lusidias e trementes as carnes que era mesmo um louvar a Deus, foram devoradas pelas 7 magras e esqualidas *(deficit)?*

E depois considerem que supposto o *deficit* grammaticalmente tenha carinha de rapaz do nosso tempo na sua qualidade de *presente* do verbo *deficio*, biologicamente é mais velho que o irmão *superavit*, nado e baptisado aqui ha dois dias.

E sendo mais velho, não cede ahi com duas razões os direitos de primogenitura. Para nossa maior quesilia, ainda em cima sempre velho e sempre moço, o tratante!

Ahi vai prova:

Haverá ahi uns 50 annos ou mais, uma tarde em que, no adro de Guadelupe em Braga por ali enxameava a colmeia escolar para *julgamento* de novatos, um dos *advogados* não sei já porque atalhos trouxe á balha o *deficit*, e tão bem se houve na explanação do exdruxulo palavrão e com tanta graça e pilheria que *juiz*, *delegado*, *advogado*, *testemunhas*, *réus* e o respeitavel publico em pêso desatou em applausos irreverentes, intercalados de risos e ápartes subversivos até darem com o tribunal em pantana. No fim o orador (era o Moraes, da Povoa de Varzim) foi cumprimentado pelos seus numerosos ouvintes e ali mesmo ganhou as esporas d'oiro da eloquencia franca senão tribunicia, ficando desde então a ser conhecido pelo Moraes—*deficit*, ou simplesmente *Deficit* com *d* maiusculo.

Ha 50 annos e pico, notaram bem? Pois do *superavit*, nem palavra! Não é que não existisse a idéa, que sempre anda no *deficit* como aspiração, mas o Moraes—Deus lhe fale n'alma! não era capaz de perpetrar semelhante... achado, digamos assim. Que não diria elle se lh'o apresentassem assim tão mal vestidinho, tão fedelho e já com figados de tigre para matar o *deficit!* Era um pagode, pela certa...

—Mas então?

*

Mas então, para que se os dois campeões encontrem apostados no campo aberto, faz mingoa comparecer frente a frente, como quer a lei da cavallaria; ou ser *actualisados*, avançando para o «presente» o *superavit* na fórma de *superat* ou se tal se póde, recuando ao «passado» o *deficit* com a gravidade de um *defecit* (1).

LAMEGO—Grupo de creanças da catechese da freguezia da Sé
(Cliché do phot. amad. sr. Annibal Rebello).

Em pouco está o remedio: um *e* no logar de um *i*, e fica salva a patria e a gente socegada.

Quem seria então o inventor d'esse enguiço do *superavit*, que me tem azoinado os ouvidos d'alma? O pae da creança todos conhecem; que elle proprio baptizasse, não é liquido nem curial. Inclino-me antes a que esse officio o tenha desempenhado algum dos numerosos assessores que nunca faltam aos grandes homens.

Fiquemos por aqui, e se houver logar irá o resto.

FREI MARTIM CATURRA.

---

(1) Notem os srs. compositores: *defecit*, não deficit. Tem um *e* na segunda syllaba qne lhe dá muita graça.)

Soror Santa Clara

Oh! minha Irmã, como estou contente por a ter encontrado. Não sabia a grande desgraça que acaba de acontecer na cidade?...

—Não, foi uma das suas filhas, a quarta ou a quinta, com um rosto tão bonito como o seu, Irmã.

Esta purpurisou-se e, por occultar a sua confusão, fez um leve movimento de impaciencia, logo percebido pela sua interlocutora.

—A rapariga, hontem, approximou-se da lampada de alcool sobre a qual sua mãe punha a aquecer o *biberon* para o mais novinho e...

SERNANCELHE—Grupo das creanças da freguezia de Arnás (Beira) que ultimamente receberam a 1.ª Communhão

Assim fallava uma mulheraça obesa, sordidamente entrajada de farrapos, deante d'uma rapariga, linda como as Virgens de Rubens, o rosto meio coberto por largo chapeu, e uma longa capa, de religioso feitio, descendo dos hombros.

— Que foi então? perguntou a gentil menina, n'uma voz doce e musical?

—Foi em casa da snr.ª Martin. Sabe, aquella que tem tantos filhinhos que até causa desolação vêr uma tal ninhada.

—Deus abençôa as grandes familias!

—Felizmente... se não fosse isso... dos homens pouco havia a esperar... A prova é que elles expulsaram a Irmã do hospital, onde fazia tanto bem aos pobres d'este mundo. A esta evocação de tão amargo quadro, a secularisada teve um suspiro, mas, retomando o fio das perguntas, continuou:

—A snr.ª Martin cahiu de cama?

O dignissimo arcypreste de Tarouca que presidiu á festa da 1.ª Communhão.

(Clichés do amad. sr. Ayres A. Gomes.

—E...

—O reservatorio rebentou, queimando-se terrivelmente nas mãos.

—Como devia ter soffrido a pequena!...

—Isso nas mãos não é nada: cobrem-se com umas luvas para parecer bonita. Mas a cara...

—Então, tem alguma coisa na cara?

— Uma estilha de vidro arrancou-lhe um pedaço da face. E a pequena vae ficar horrenda quando se curar! Ella, que era formosa como os anjos! Como quer a Irmã que ella encontre um marido?

—Ainda lá não chegou: o principal é que fique curada. Obrigada pela informação, irei já a casa da snr.ª Martin. Até á vista!

E Soror Santa Clara partiu açodada para os seus affazeres.

Sahida d'uma familia d'industriaes, desdenhara da fortuna e das vantagens inherentes. Piedosa, caritativa, vira o seu destino no humilimo labor das Irmãs hospitaleiras.

Quatro annos da sua juventude estonteante, passara-os ella em cuidados desvelados e penosos dos desgraçados que o soffrimento acabrunha. Bruscamente, um decreto viera expulsal-a do posto de sacrificio escolhido, atirando-a para a vida mundana que ella julgára haver abandonado para sempre.

Mas, volvida ao seio da familia, continuara o seu trabalho de dedicação, de sacrificio, nos casebres lobregos da miseria.

Por vezes, visitante obscura, ia consolar um chefe de familia agrilhoado ao catre d'um hospital d'onde um odio macabro havia escorraçado os habitos religiosos. Assim lográra a estima dos medicos, vira crescer, desabrochar para si, a affeição do povo que, apesar de haver retomado o appellido de familia e leigos trajes, continuava a chamar-lhe Soror Santa Clara.

PORTO — O vapor «Lisboa» onde ultimamente se deu um grande incendio a bordo

(Cliché de J. d'Azevedo).

N'aquella manhã, depois de ter levado o seu obulo a um velho enfermo, cujo quarto illuminára com sorrisos, Soror Santa Clara não demorou a visita. Installado o doente n'um leito apropriado, bem munido de jornaes com que afogaria o tédio, a Irmã correu para o bairro operario. Transpondo charcos de lama, acarinhando as creanças que n'elles patinhavam, respondendo amavelmente aos bons-dias das creadas, saudando até aquellas que, por fanfarronada, a miravam desdenhosas, alcançou a habitação onde pernoitava a snr.ª Martin e a *sua ninhada.*

Contrariamente ao costume, ruido algum se ouvia. Nem a gritaria das creanças, nem recriminações da mãe atarefada. Tão profundo silencio presagiava grande dôr. Com o coração trespassado de angustia, Soror Santa Clara apressou o passo, e abriu a porta da pequena casa.

Avergada sobre a unica cadeira da salêta, a mulher, com a cabeça occulta nas dobras do avental, soluçava convulsivamente, todo o magro corpo agitado em sobresaltos. Proximos d'ella, agrupados timidamente, seus filhos, n'uma apavorada mudez, não ousavam mecher-se, tanto assombrava as suas almas tenras, a attitude de sua mãe.

Ao abrir-se a porta, a snr.ª Martin, ergueu o olhar. Quando reconheceu a recemvinda, o seu desgosto, a sua dôr resfolegou em gritos tumultuosos.

Mas Soror S nta Clara, conservava a sua calma perante este diluvio de lagrimas sangrentas, e em breves palavras atenuou a crise de desespero que agitava a pobre mulher.

—Vejamos, disse ella logo que poude fazer ouvir-se, não se perdeu toda a esperança. Queimaduras, curam-se depressa. Sua filhinha é robusta e ha-de restabelecer-se rapidamente.

—Oh! minha Irmã, não são nada, as queimaduras. Os medicos do hospital dizem que não ha perigo nenhum. Mas a face

ESCOLAS DE REPETIÇÃO—Prado. O regimento de infantaria 29 em frente á capella de S. Sebastião

d'ella! Mordida, arrancada toda d'um lado, como se a tivessem aplainado...

—E' preciso dar graças a Deus, por haver conservado a vida a sua filha, snr.ª Martin. Poderia havel-a chamado a Si, com tão terrivel accidente.

—Teria sido melhor!

—Blasphema!

—Mas attenda bem, minha Irmã! Uma creança tão linda desfigurada! Como quer que ella se case, assim, com um rosto despedaçado. Uma rapariga solteira, n'esta vida, só é bôa para morrer á fome.

—E eu? não sou tambem uma rapariga solteira?

—Oh! mas a Irmã, tem fortuna e é muito sympathica, póde vencer em qualquer occasião. Mas a minha filhinha? Ah! que o bom Deus poderia leval-a, e eu já não ficaria maguada. Agora nunca mais a poderei fitar...

—Vae vêl-a agora?

—Vou, o medico pediu que eu e meu marido, fossemos ao hospital, logo depois da sua visita aos clientes. Alguma desgraça nova a conhecer!

—Acompanhal-a-hei, snr.ª Martin!

E assim é que a bôa mulher, depois de confiar a *ninhada* a uma visinha, partiu para o hospital ao lado da joven religiosa.

O pae, um tecelão, esperava-as deante do portal. Bem quiz bravatar um pouco, para mostrar e justificar a sua fama de espirito forte, mas os olhos de Soror Santa Clara focavam-n'o tão simples e brandamente que elle retirou, contrafeito, o rôto chapeu que lhe cobria a fronte pallida.

Mostrando o bilhete que recebera, o operario obteve passagem do carrancudo porteiro. Conduziram-os para o salão, onde, sobre um pequeno leito, a creança gemia sob a pressão das faxas dos seus pensos. O medico aguardava-os, rodeado por alguns estudantes. Ao verem Soror Santa Clara acompanhando gente tão miseravel, estes ultimos, rapazes ricos da cidade, tiveram um riso ironico. Mas a Irmã parecia que os não vira, respondendo apenas á cordeal saudação do clinico.

—Mandei chamal-os, disse o doutor, em primeiro logar para os serenar. As queimaduras são graves, mas curaveis. Sua filhinha sahir-se-ha bem. Resta a ferida da face.

Vae deixar um sulco profundo que desfigurará a pobre creança, a menos que...

—A menos que?... repetiu a desolada mãe anciosa.

—Alguem consinta em prestar-se á operação da enxertia humana.

Este termo espantára o casal, mas não fôra por elle comprehendido. O operario olhou para sua mulher, depois para o medico, e, alçando os hombros, perguntou, desconfiado:

—O que é essa operação? Alguma experiencia que o snr. quer fazer com prejuizo para nossa filha? Não o quero: nem, por sermos pobres, nos devem considerar como carne de amphiteatro.

O medico ia a irritar-se com esta reflexão brutal e a mandar embora pura e simplesmente o insolente, quando Soror Santa Clara se adeantou.

—Meu amigo, o que o doutor lhe propõe não é de forma alguma uma experiencia. Quando por

PRADO—O regimento de infantaria 29 preparando-se para partir

(Clichés de J. S. Guimarães).

aqui estava, via fazel-a muitas vezes, e sempre com alegria para todos.

—Mas o que é? inquiriu ainda a mulher, mais confiada pela affirmação da sua caridosa companheira.

—Uma operação muito simples: tirar carne a um individuo são para com ella substituir a que falta ao ferido.

—Então, minha filhinha voltaria a ser tão linda como d'antes?

—Palavra, que sim, responde o doutor, a quem tal conversa divertia. Isto vae fazer-lhe talvez mais uma covinha, mas ambas as faces ficarão eguaes.

—Então, disse a mãe, póde fazer de mim o que quizer, estou á sua disposição.

—Não, declarou o operario, serei eu!

E começavam de questionar, quando, n'um gesto, o medico lhes impoz silencio:

—Inutil, disse elle n'um tom um pouco triste, não sei se posso tentar essa operação... n'este momento. Sua filhinha ainda tem febre... os snrs. estão incommodados. E' preciso calma, que diabo, é preciso calma!...

Os olhos claros da joven secularisada adivinhavam-n'o, habituados a lerem os seus pensamentos. Elle curvou-se para ella, e, baixinho, accrescentou:

—Alcoolicos ambos, a chaga do povo!

Soror Santa Clara teve um estremecimento de horror, ante aquella retirada da sciencia. Os pobres paes não ousavam crêr n'uma renuncia, perguntavam a data possivel da operação.

—Será mais tarde, mais tarde! respondia evasivamente o medico.

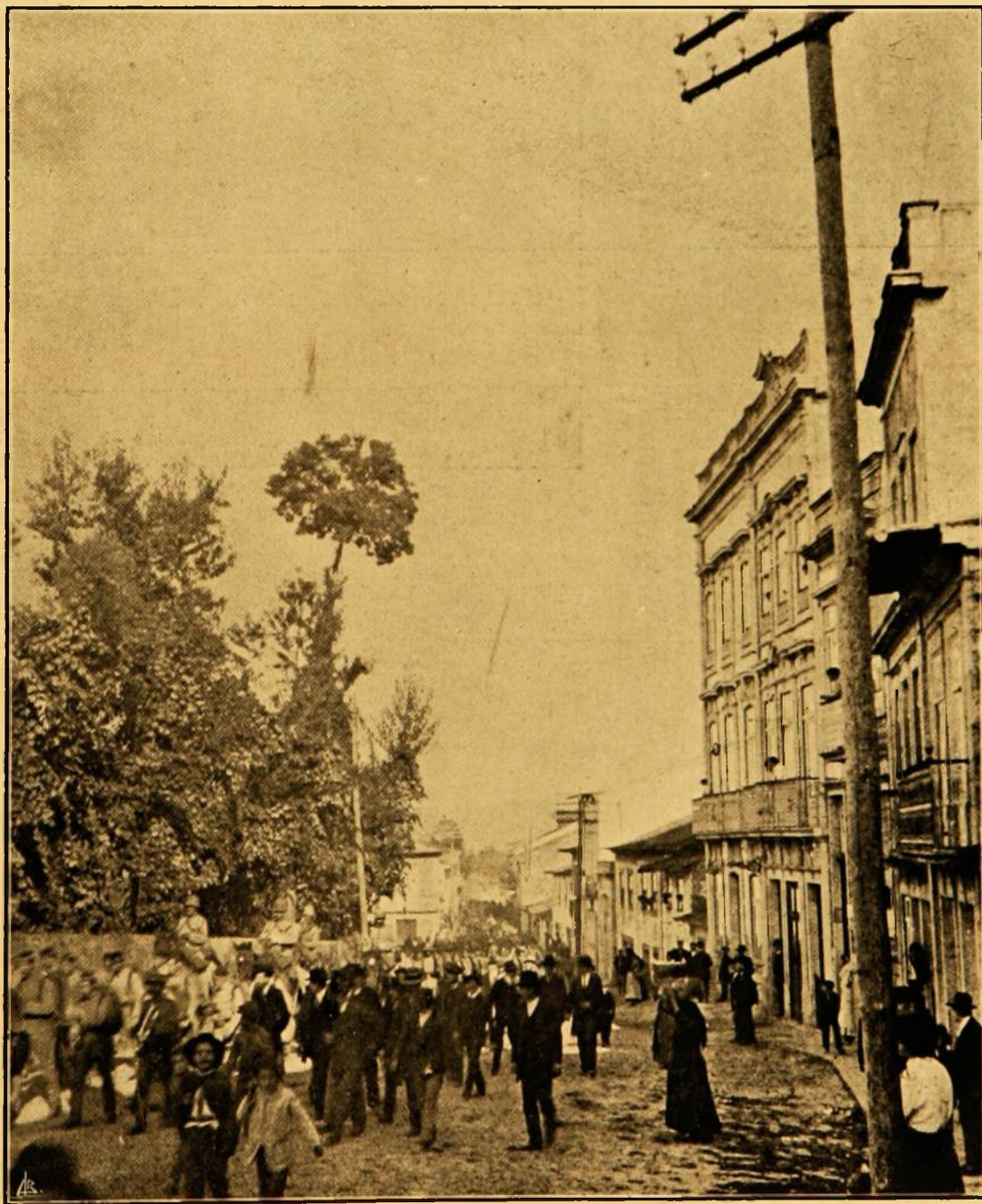
Mas a um canto do salão, sob a sua ampla capa, Soror Santa Clara tremia.

Depois, repentinamente, rosada, avançou para o medico e, estendendo-lhe o braço nu, bello na firmeza das carnes sãs, disse-lhe:

—Tire d'aqui o que é preciso, doutor, ainda ficará bastante com que sirva os pobres.

O doutor teve um sobresalto de espanto e quasi de indignação. Esboçou um gesto de recusa. Mas perante a attitude firme e decisiva de Soror Santa Clara submetteu-se e respeitosamente se inclinou.

Atraz do mestre, os estudantes sarcasticos sentiam a sua ironia esvair-se, e lagrimas perlavam as palpebras. Elles tambem, profundamente revolvidos pelo sacrificio, prestavam homenagem áquelle soberbo exemplo de amor ao proximo, de caridade christã!

ELSE.

Passagem do regimento de infantaria 29 em S. Jeronymo de Real

(Cliché do snr. Americo F. da Silva).

VIANNA DO CASTELLO—O regimento de infanteria 29 na freguezia de Darque

(Cliché do phot. amad. Eusebio Rocha).

BRAGA—Regresso do regimento de infanteria 29. O povo assistindo á sua chegada

A casa dos meus avós

(INÉDITO)

Não é castello, ou torre alevantada
No cume d'algum monte pedregoso,
Nem palacio, de marmore, ostentoso,
De meus avós a secular morada.

Alli não existiu barão famoso
Que fosse antigo chefe de mesnada,
Ou almirante de indiana armada,
Que voltasse opulento e glorioso.

Mas lá tiveram na campestre lida
Meus avós a pacifica existencia
Dos que a ambição não morde, nem abrase.

Ai que invejavel, venturosa vida
De quem na placidez da consciencia
Nasceu, viveu, morreu n'aquella casa!

Timpaia — agosto de 1913.

A. D'AZEVEDO C. BRANCO.

Fastos do Catholicismo

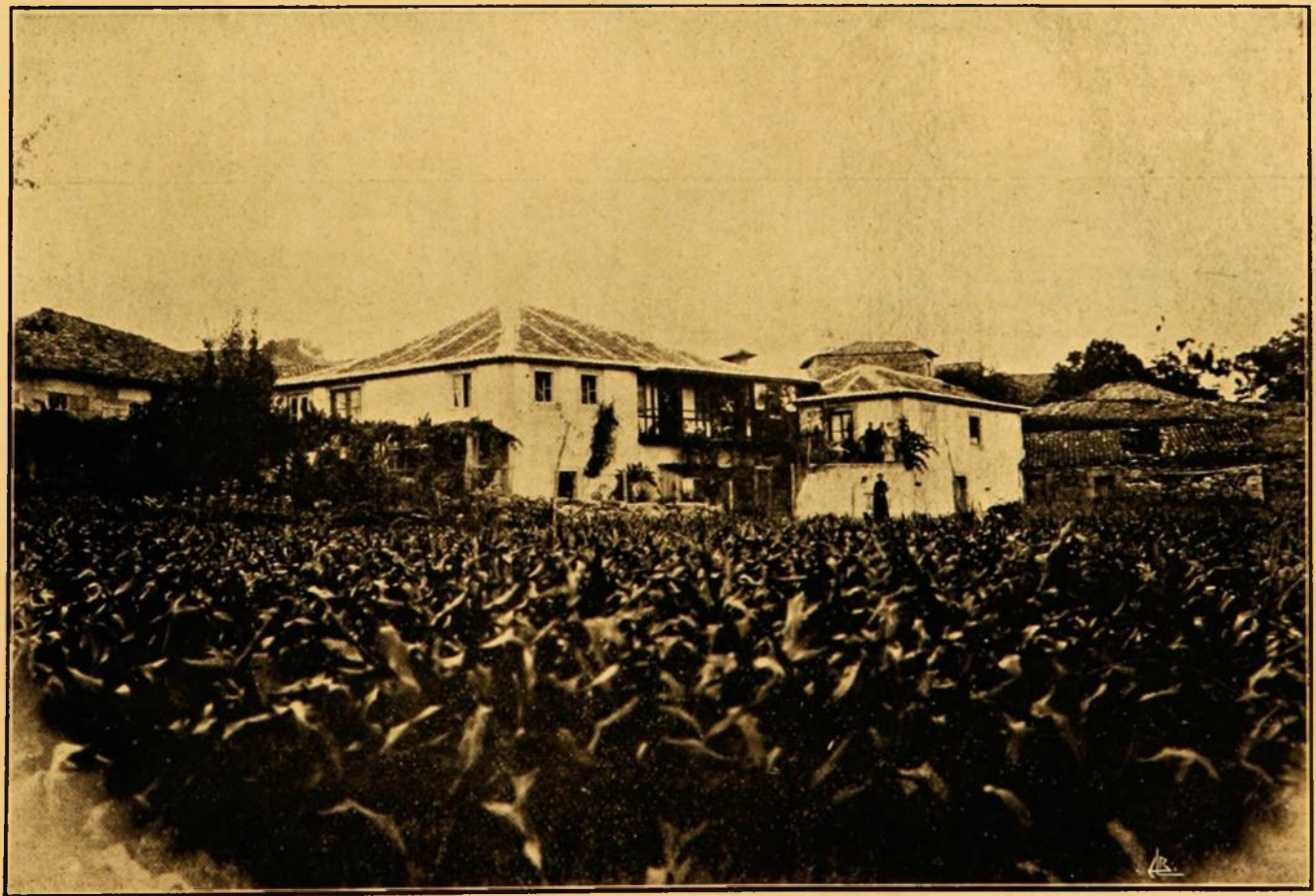
A Bulgaria encaminha-se para o catholicismo.

E' muito consolador registar o movimento que se desenha na Bulgaria em favor do catholicismo. Os bulgaros, indignamente illudidos pela Russia schismatica, que posterga as suas aspirações, e perseguidos pelo *Phanar* Constantinopolitano, acabam por reconhecer que sómente a verdade os livrará.

A tendencia de liberdade, e de egreja nacional que a Bulgaria mostra, e que tem parecido a maior difficuldade para o imperio do catholicismo, é hoje a melhor garantia de Roma. Ao passo que os gregos *orthodoxos* lhe impõem a lythurgia hellenica, e o Santo Synodo os força á lingua e ceremonias slavas, o Papa concede-lhes o uso do bulgaro e cerimonial proprio, segundo o rito de S. Cyrillo e Methodio.

Congresso de esperantistas

Realisou-se em Roma o congresso internacional esperantista, com exito memoravel. N'elle, o rev. Padre José Planas, delegado dos barcelonenses, propoz se proclamasse padroeira dos esperantistas a Virgem da Esperança, titulo.

A ideia, muito feliz, por ser *L'Espero* o hymno do esperantismo, e d'este provir o proprio nome, foi recebido com grande applauso.

SAMARDÃ — Casa onde foi educado Camillo Castello Branco

Espinho--A festa da Senhora da Ajuda

A capellinha de Nossa Senhora da Ajuda

Um aspecto da concorrencia de forasteiros

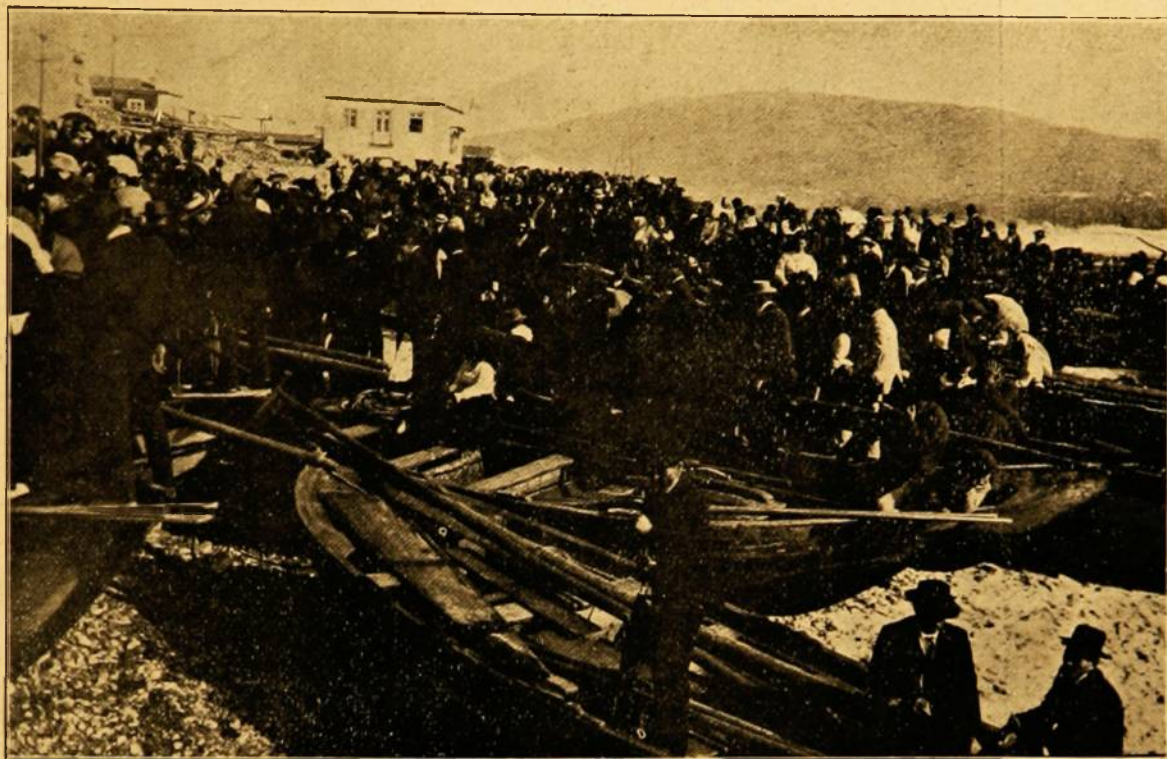
A procissão

O andor de Nossa Senhora da Ajuda

O povo assistindo á passagem da procissão

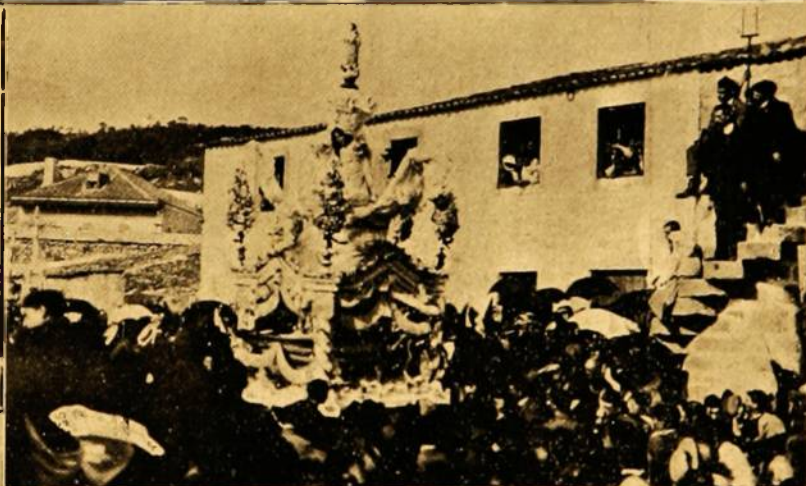
O pallio sob o qual é conduzido o Santo Lenho

(Clichés de ... Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

PRAIA D'ANCORA=Festa da Senhora da Bonança

1—O povo aguardando a chegada da procissão.

2—Na praia a Imagem voltada para o mar.

3—Aspecto das ornamentações e a capellinha onde se venera a imagem de N. Senhora, cuja tradiccional festa chama áquella praia milhares de forasteiros.

(Clichés do phot. amad. sr. Manuel Affonso).

LOURDES—Peregrinos brazileiros que ultimamente visitaram a Virgem de Lourdes seguindo depois para Roma a levar aos pés de SS. Pio X o testemunho do seu amor filial

Acompanham os peregrinos os seguintes prelados: *O Eminentissimo Cardeal Arcoverde, Arcebispo do Rio de Janeiro, que por um ligeiro incommodo de saude ficou retido em Paris. — D. Jeronymo da Silva, Arcebispo de S. Salvador da Bahia, primaz do Brazil. — D. Severo Pimenta, Arcebispo de Marianna. — D. Francisco da Silva, Bispo do Maranhão.— D. Francisco de Assis, Bispo de Porto Alegre. — D. Manuel de Oliveira Lopes, Bispo de Alagoas. — D. Augusto Alvaro da Silva, Bispo da Floresta.—Juntamente com o episcopado brazileiro vê-se o Ex.mo e Rev.mo Snr. Bispo de Beja, que a convite do Snr. Arcebispo da Bahia, tomou parte nos actos religiosos.*

A porta principal da egreja matriz

(VILLA DO CONDE)

(Cliché do sr. Joaquim Adriano)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500

Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.

Numero avulso 60

Numero 16 — Braga, 18 de outubro de 1913 — Anno I

CANDIDO BACELLAR
medico e jornalista

"Manual de Hygiene e
Therapeutica
PERANTE A
OBSTETRICIA E A PEDIATRIA,,
ou Cuidados medicos e familiares
com as mães
(Antes, durante e depois do parto)
E
Soccorros ás creanças

**Conselhos ás noivas e
assistencia ás familias**

PREFACIANTES: *Ex.mos Drs. Gaspar Fernando de Macedo e D. Leonor Amelia da Silva.*

A' venda na Livraria Escolar de Cruz & C.ª, de Braga, e nas mais livrarias do paiz.

COLLEGIO BOA ESPERANÇA

Para educação de meninas

Internas, semi-internas e externas

SOB A DIRECÇÃO DE

Maria Isaura d'Araujo Ogando

POVOA DE VARZIM

Este collegio, torna-se recommendavel aos paes de familia, não só por estar situado no mais bello local da villa, como pela competencia pedagogica da sua directoria e corpo docente. O carinho dispensado ás educandas, a esmerada educação moral e intellectual, a abundante alimentação de 1.ª ordem fornecida, os dormitorios com amplas janellas por onde entra bastante ar e luz, tudo quanto podem desejar as familias mais exigentes, alli se encontra a satisfazer por completo.

Toda a alumna instruida n'este collegio, alem d'uma primorosa educação intellectual, sahirá habilitada a ser uma perfeita dona de casa e a executar as peças do seu vestuario até os proprios vestidos de passeio.

Collegio Lyceu Portuguez

HUY (BELGIQUE)

DIRECTOR—José Luiz Mendes Pinheiro

Situação magnifica. — Educação moderna.
—Instrucção primaria e secundaria completas.
—Preparação para as universidades belgas.
—Professores de diversas nacionalidades para o ensino das linguas.

Este collegio veio substituir o antigo Collegio Lyceu Figueirense, da Figueira da Foz. N'elle encontram os alumnos as vantagens d'uma educação moderna, n'um dos paizes mais avançados da Europa, sem augmento de despeza.

Viagens e todas as despezas por conta do Collegio, mediante o pagamento d'uma annuidade fixa, cuja importancia não é superior ao total das despezas a pagar em collegios portuguezes.

Pedir prospectos ao director.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

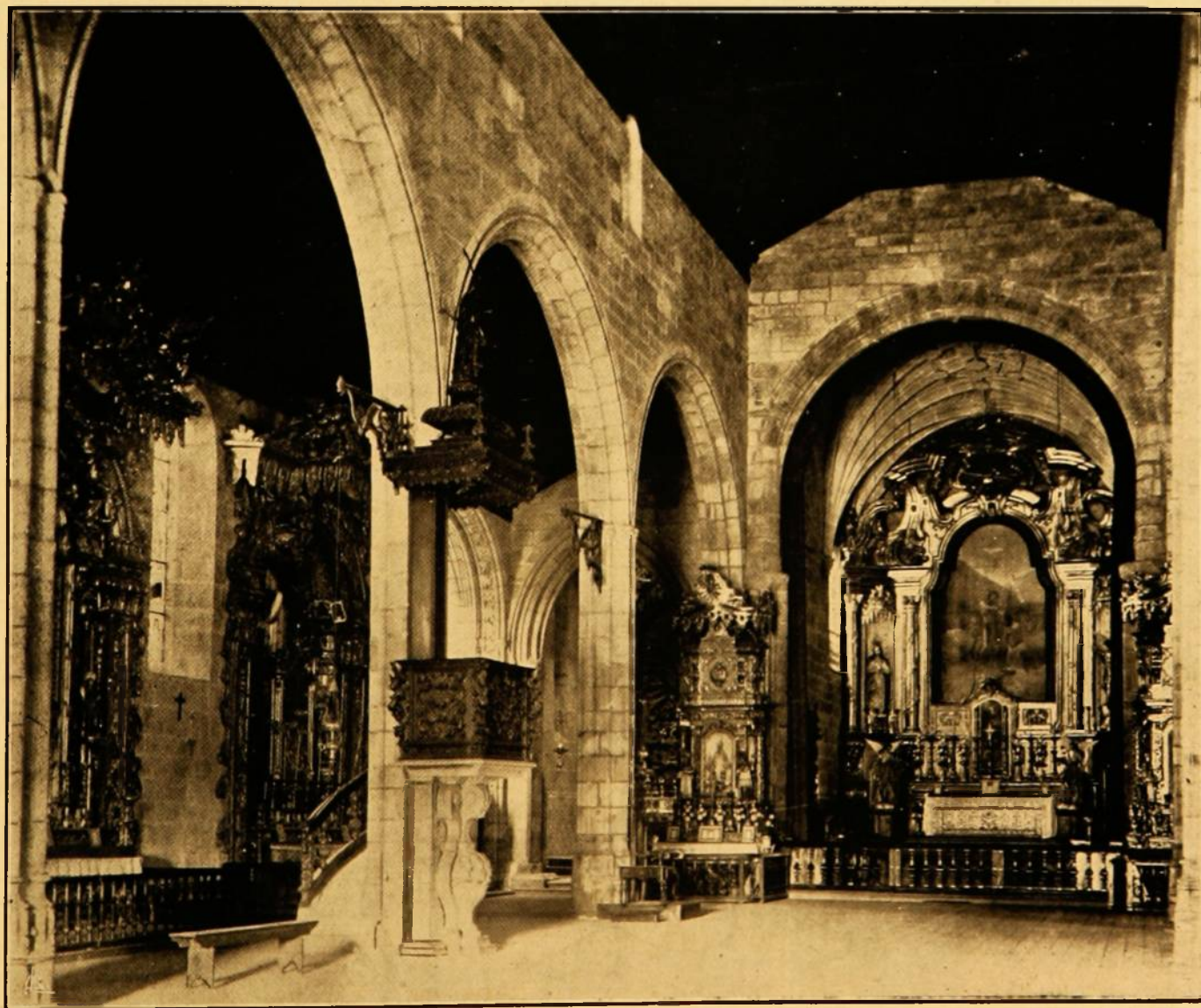
Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 18 de outubro de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 16 — Anno I

VILLA DO CONDE—Interior da egreja matriz

Chronica da semana

XVI

Uma correspondencia da capital franceza para um diario portuense annunciava ha dias que por celebrarem a faustuosissima data de 5 d'outubro de 1910, um grupo de portuguezes depuzera no pedestal da estatua de Diderot um ramal de flôres viçosas, em homenagem ao pensador que melhor representou e defendeu a ideia culminante da Revolução.

Seria opportuno relembrar aqui que por motivos estranhos á sua omnipotente vontade, a Junta Liberal não realisou em Lisboa de comparsaria com o elemento official mais vistoso, a projectada saudação aos chamados martyres da revolução portugueza, que um distincto e muito illustrado jornalista italiano irreverentemente definiu uma mudança de ministerio, um pouco mais barulhenta.

Não entremos agora a escoldrinhar qual seria a qualidade do obstaculo encontrado pela junta lisboeta, tanto mais que as festas do anniversario republicano foram prejudicadas pela chuva e o mau tempo; nem tampouco nos prendamos com a opinião de Luigi Barzini acêrca do movimento de ha tres annos, sobre o qual um livro recente de Alvaro Chagas vem projectar alguma luz, e clarear aspectos ainda inéditos.

O que, porém, fica de logico e coherente na celebração d'esta data, e que simultaneamente, mais que a aguda definição de Barzini, ajuda a determinar a natureza e caracteristicas da acção revolucionaria, é indiscutivelmente aquelle ramo de flôres, deposto por mãos portuguezas no pedestal da estatua de Diderot, em Paris.

Diderot nasceu em Langres a 5 d'outubro de 1713. Nada mais conforme, portanto, do que o gesto do grupo de compatriotas a que nos referimos, saudando o antepassado e precursor do regime por elles preferido.

Entre todos os encyclopedistas Diderot erguese chefe, assim como na analyse da anarchia dominante, Diderot se encontra no logar dos fautores responsaveis. Ha entre Rousseau, Voltaire e Diderot divergencias capitaes. O auctor do *Contracto social*, como disse Brunetière, tem por chave do seu systema o dogma da Providencia. O sarcasta de Verney é um theista que, até á hora ultima, não ataca de frente a pessoa divina de Jesus.

Diderot, porém, é o materialismo atheu em toda a sua nudez. Para elle ha uma só realidade: a materia, que é eterna, viva e fecunda, da qual promanam, a vida, a intelligencia e o sentimento.

Do alto da pyramide da *Encyclopedia* elle anathematisa o christianismo, a ideia de ordem, a propria moral.

«Se fosse possivel, que 20.000 habitantes de Paris conformisassem estrictamente a sua conducta, pelo *Sermão da Montanha*, haveria tantos loucos que o tenente da policia não saberia que fazer d'elles, porque todos os nossos manicomios seriam poucos».

O christianismo é, nas paginas da *Encyclopedia*, o grande flagello da humanidade.

E Diderot abate, n'um golpe simultaneo, todo o mundo moral—«as leis foram inventadas por um punhado de velhacos, de gatunos e de tyrannos que até hoje dominaram o mundo. Desconfiae sempre d'aquelles que desejam a ordem».

Assim, era proclamada pela primeira vez, a ideia essencial da anarchia por excellencia: — nem Deus, nem senhor!

Mas no proposito de derruir a sociedade passada, elle corróe ainda a sociedade moderna, atacando, n'uma furia demente, a moral tradiccional, a moral commum, que é a arma de defeza da humanidade contra a dissolução dos seus costumes e das suas leis.

Torna-se difficil excerptar da sua obra, tanta grosseria e impudor ella desborda.

Apreciando se o casamento é ou não conforme á natureza, escreve:—«Se entendeis por casamento a preferencia que uma femea concede a um macho sobre todos os outros machos ou a que um macho dá a uma femea sobre todas as outras femeas, preferencia mutua, em consequencia da qual se fórma uma união mais ou menos duradoira que perpetua a especie pela reproducção dos individuos, o casamento está na natureza».

«O pudor é uma virtude imaginaria». «Pode um pae desposar a sua filha, uma mãe o seu filho, um irmão a sua irmã? Porque não?»

E idealisando como Thomaz Moore a sua ilha da Utopia, exemplifica o seu ideal que lembra nateiros de lama, onde cevados rebalsam as enxundias em gozos libertinos!...

Contorcemo-nos todos n'uma crise terrivel, crise social mas por isso mesmo crise moral.

Que offerece Diderot, o patriarcha da Revolução, o antepassado illustre da Republica, como remedio a applicar sobre ella?

A negação de Deus, o predominio exclusivo do instincto, a desordem social, a anarchia, emfim! Bonnot, o quadrilheiro acrata que aterrorisou a França, reclamando n'um documento celebre, o direito de *viver a sua vida*, apenas repetiu o pensamento do encyclopedista, o direito do instincto.

Ah! os portuguezes que o saudaram foram de rigorosa logica. Diderot é um avoengo illustre do republicanismo liberal!...

Não é ahi pregoado pelos intellectuaes vermelhos que a Republica é uma philosophia social? E não arvoram em dogmas intangiveis d'essa mesma philosophia, de cuja acceitação plena fazem condição de partidarismo extreme, o predominio do Estado e a laicisação da sociedade, desenvolvidos depois na heresia proteiforme do liberalismo, sob os campanudos titulos de *democracia, solidariedade, tolerancia, civilisação e espirito modernos, e neutralidade?*

Reduzindo o casamento a contrasenso inadmissivel e antagonico da natureza ataca-se a familia.

Hasteando a desordem ás alturas d'uma regra de redempção social, repudia-se a propriedade.

Apontando a religião como flagello mordaz, ou estreita velhacaria, quebra-se aquelle par de azas que Taine dizia indispensaveis para elevar o homem acima de si mesmo, acima da sua vida rastejante e dos seus limitados horizontes.

Concedendo á licenciosidade e ao adulterio fóros de legitimidade, que resta d'aquellas qualidades moraes, e em particular da qualidade que, na phrase de Renan, dá sempre a victoria a uma raça sobre os povos que menos a conservam—a castidade?

... Sigamos passo a passo a caminho do republicanismo liberal: tem sido esta a sua obra.

As flôres depostas no pedestal da estatua de Diderot, são afinal o unico traço de coherencia, entre as contradicções que diariamente constituem a materia prima da opposição á Republica, e assombram a ingenuidade ignorante de certos visionarios serodios...

F. V.

O tango...

NÃO negarei que é com dor que vejo entrar em salões ricos, estrellados de luzes faiscantes de cristaes, esta coisa barbara que se chama «tango». Eu sei que a moral é, em muitos labios carminados de cereja, finos e caprichosos, uma attitude elegante que realça preversamente a sempre tentadora cabeça de uma mulher linda, encarecendo a exquisitice do peccado... Mas, em nome da Arte e do volvente encanto feminino, que já esse colosso de genio que foi Goette disse que era eterno, eu peço-vos, senhoras minhas, que não danceis o «tango».

Ensinaram-nos que as bellas artes eram cinco: —a architectura, que, baptisando-se, se chamou arte gothica, o que quer dizer a arte de fazer entrar no céo uma flôr de pedra cujo perfume se chame alma; a esculptura que eu suponho os homens roubaram a Deus depois que Elle formou o homem do nada, para repetirem todos os dias esse milagre divino; a poesia, ou seja a enamoração da alma, antes do seu casamento com a eterna Belleza; a pintura. isto é, a poesia da Côr, a visão polychroma do drama magnifico da Luz; a musica, que é talvez a harmonia doce da alma tirada pelo arco do sentimento... Mas eu creio que ha mais uma: — é a dança...

A dança é a bella arte do rithmo harmonioso e bello; é como que uma musica que tomasse corpo e ficasse sempre espiritual e pura, n'uma atmosphera poalhada de oiro reluzente que nenhum vento de paixão

VILLA DO CONDE—O Pellourinho ultimamente restaurado

perturbasse, onde as almas ensaiassem movimentos coordenados, rithmicos, com a calma magestosa da arte sublime e o respeito sagrado de um rito religioso; é como que a geometria do rithmo — uma geometria sagrada, colorida, onde houvesse logar para a alma, em que cada linha tivesse som, todo movimento sentido — uma geometria que fosse ao mesmo tempo poesia e musica...

Eu creio que já se não dança assim...

Não sei onde vi que uma celebre dançarina dançava gravemente, com os olhos baixos, um tirso na mão, como se fosse sacerdotisa pagã executando uma dança liturgica...

E já vão longe os tempos em que as danças eram um torneio lindo de gentileza, arte e galantaria... Oh, esses salões de outr'ora, onde o bom gosto e a decencia se davam as mãos! Sob a florescencia de fogo dos lustres e o fogo scintilante das

VILLA DO CONDE — O castello

pratas, envolta em rendas fluctuantes onde ardiam pedrarias ricas, como estrellas no sequito d'uma rainha, a Dama passava triumphante, rainha do sorriso, sem que sobre ella poisasse arquejante, um desejo ruim...

Senhora da graça, o homem mal ousava aflorar-lhe a ponta fria dos seus dedos de cera, em fuso, como se temesse offende-la... Deante d'ella, esbelta e serena como um marmore branco que um artista grego cinzelasse, depois de contemplar a esplendorosa mocidade de Venus, o homem inclinava-se em mesura de côrte, grave e respeitoso, mão no peito e alma ajoelhada... Era como se elle aspirasse, de joelhos, o perfume de uma flôr preciosa...

Mas hoje já se não dança assim...

A dança era a arte summa da delicadeza, um galanteio cheio de respeito e graça, timido e harmonioso, como se se dirigisse a uma santa do altar. A Dama era rainha, sentada na côrte do Respeito. E o cavalheiro temia tocar-lhe como se violasse o encanto de uma deusa...

Hoje... violou-se o encanto... Já não é o ser delicado e reinante deante do qual o homem vinha confessar-se adorador... E' apenas a mulher fragil, com os olhos liquidos de desejo, amortecidos, arrastada n'um turbilhão hallucinante de paixão por um homem brutal que a preme contra si, — a ella que desmaia, abandonada, com a cabeça sobre o hombro d'elle, sem encanto e sem realeza... E' uma camelia rubra desmaiada, apertada na mão de um macaco com cio...

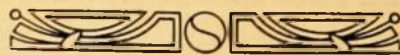
Está escripto: — a mulher só reina pelo encanto: Quebrae-o. Volver-nos-ha escrava de sangue remordido de ardencias peccaminosas... e inestheticas...

O tango!...

E ha quem no dance!... — E' a paixão ardente da savana, escaldante, uivando, mordendo..., com seivas virgens e selvaticas esbrazeadas pelo sol ardente! Vêde-los? O cavalheiro cravou os dedos crispados n'aquella cinta alvorotada, e ella enrosca-se n'elle, colleante, serpentina... Cobra!

Perdoae, senhoras. Mas se quereis conservar a vossa realeza da graça e do sorriso e do bem, não danceis o «tango»!

— O «tango» e até... a valsa...

GONÇALVES CEREJEIRA.

Villa do Conde

(NOTAS A CORRER)

ooo

ILLA do Conde é, de par com uma das mais encantadoras praias do norte, um velho burgo historico.

Enumerar os seus monumentos, archivar os lances generosos e alevantados dos villacondenses, a evolução crescente e rapida das suas industrias e do seu commercio, o seu desenvolvimento material, o seu adoravel Ave — é fazer, esmiudadamente, a sua historia gloriosa.

Que dizer do convento de Santa Clara, d'uma magnificente grandiosidade, debruçado sobre o rio, evocando outeiros, tragedias de amor, elegias de dôr, almas simples e boas, em cujas campas reflorem lirios como Berengaria?

A egreja matriz, cuja benemerita restauração se deve, na sua mór parte, á cuidadosa e intelligente iniciativa de Mons. Ferreira, erudito archeologo, é uma das mais pujantes e typicas affirmações do chamado — *manuelino.*

Villa do Conde foi berço de navegadores e apostolos, de poetas e cabos de guerra, de marinheiros obscuros, de rendilheiras afamadas.

Edificio onde se realisou a explendida Exposição Industrial

Na descoberta do caminho maritimo da India, um Faria de Figueiredo acompanhava Vasco da Gama; D. João Gaio, arcebispo de Goa, era sobre um theologo de tomo, um roteirista emerito; Fr. João de Villa do Conde evangelisava por longes paragens, como Fr. João Baptista, bispo de Cabo Verde; Fr. Estevão de Azurara e Fr. Raphael da Madre de Deus, martyrisados; Mariz Carneiro, cosmographo de D. João IV brilha entre os mais afamados pilotos do seu tempo. Romasio tem para um marinheiro villacondense cujo nome se ignora, expressivas palavras de louvor. Lopes Negrão e Correia da Rocha, foram capitães esforçados e heroicos. *Et j'en passe...*

Um grupo de graciosas rendilheiras

De Villa do Conde, sairam, em repetidos reinados os afamados pannos de trés para grande parte das embarcações de alto e pequeno bordo, que se faziam ao Levante e á cata de novos mares e novas plagas.

As primeiras marinhas conhecidas, são as de Villa do Conde, deslocando em antiguidade as de Aveiro, que grande numero de escriptores, na esteira do prolixo auctor da «Geographia Historica» dão como os primeiros.

Industria bem tradiccional, bem caracteristica, reveladora de um acurado e subtil senso artistico, é a das rendas. A exposição

Exposição Industrial—Secção de Marcenaria. Mobilia para quarto
Expositores: snrs. Bom Pastor e Araujo

Exposição Industrial—Productos da Casa de Correcção

encerrada ha dias e visitada de centenares de forasteiros, é a affirmação mais exhuberante e clara de quanto vale e, prodigiosamente, pode crescer tal industria.

Maravilha de perfeição e bom acabamanto, gosto esthetico, d'uma infinidade de pormenores infinitesimaes que espanta; essa aiada, fragil e adoravel teia de aranha, de linha subtilmente entretecida é seguramente a prova do fino espirito educado dos artistas villacondenses.

Da referida exposição resultou bem patente o *savoir faire* d'esses artistas: trabalhos de marcenaria, couros lavrados, encadernações, lapis da «Por-

nota elegante e *rafinèe*, as duas adoraveis palestras do sr. Luiz Trigueiros o finissimo *diseur* e subtil psychologo dos «Corações femininos», o contista inegualavel e portuguezissimo dos «Contos de Fadas».

Ao cerrar da epocha, quantos não partirão com saudade; e mais de um olhar murmurará muda e expressivamente a galante quadra seiscentista de Jorge de Castel-Branco:

«Partem, Senhora, tão tristes,
Meus olhos por vós, meu bem,
Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns, por ninguem.»

C. R.
(banhista em Villa do Conde.)

Exposição Industrial—Rendas confeccionadas nos «ateliers» dos snrs. Barros & C.ª, do Porto

(Clichés do snr. Joaquim Adriano).

tugalia»—mil e uma coisas em que os nossos olhos se extasiaram, e em que o coração dos villacondenses deve ter reflorido e rejubilado.

D'algumas photographias publicadas, melhor e mais lucidamente resulta quanto acabamos de, *à la diable* esboçar. O velho castello roqueiro sobre a foz do Ave; a branca ermida de Sant'Anna eminente ao rio, tapetando o monte, as tradiccionaes e afamadas feiras, etc.

E a fechar, n'uma curta digressão — a praia, plena de diversões, que uma pleiade de distinctas *habitués* prepararam incansavelmente: ghin-kanas batalhas de flôres, carreiras de bicycletas, pic-nics, *bals-de-têtes,* parodias hilariantes a concursos hyppicos, uma festa minhota, e a requintar mais a

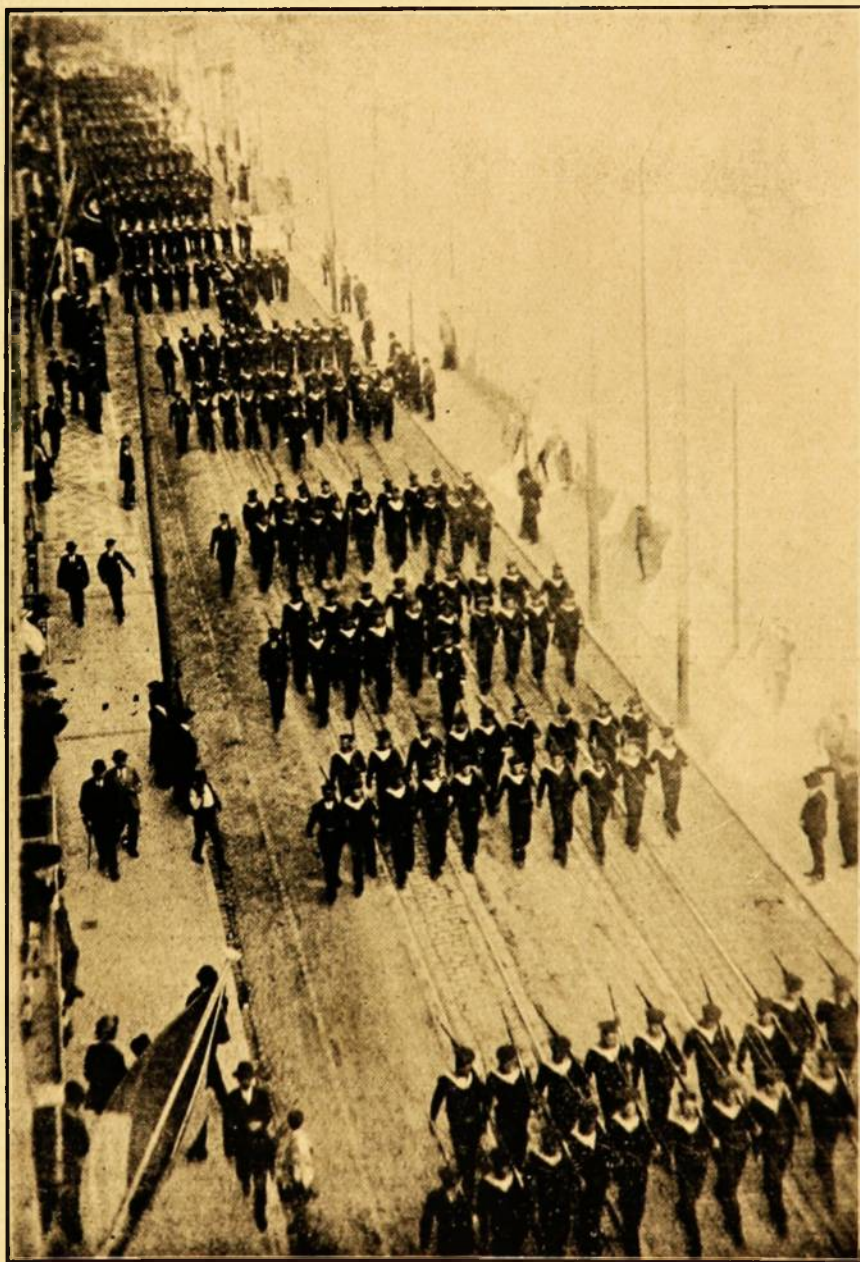
A morte do funccionario

(DO RUSSO)

CERTA noite, o bello Ivan Dmitrich Tcherviakof, empregado publico, achava-se assentado na segunda fila de *fauteuils,* vendo representar, atravez das lentes da sua lunêta, os *Sinos de Corneville.* Olhava maravilhado as transmudações da scena, e sentia-se transportado aos cumes da mais perfeita beatitude. Mas de subito, o rosto contrae-se-lhe, os olhos pestanejam-lhe, a respiração soffreia-se-lhe, e... atchim! espirrou.

Não é censuravel que alguem espirre, seja onde fôr; os moujiks espirram, os chefes de policia espirram; espirram mesmo, ás vezes, os conselheiros! Tcherviakof tambem nada se impressionou; assoou-se tranquillamente ao lenço, e, como pessoa bem educada, examinou os circumstantes para ver se o seu espirro havia perturbado a alguem.

O' vergonha! Notou que um velhote assentado deante d'elle, limpava vigorosamente o polimento da calva, rosnando quaesquer palavras. E n'este velhote, Tcherviakof reconheceu o general Brizjalof, do ministerio das vias e communicações do imperio.

LISBOA—O snr. presidente da Republica, ministro da marinha e estrangeiros, assistindo da janella da camara ao desfile dos marinheiros

LISBOA—Os marinheiros em marcha pela rua do Arsenal

—Offendi-o, pensou. Elle não é meu chefe, mas ainda assim, é necessario que lhe peça desculpa.

Tossiu um pouco, e, curvando o busto para a frente, murmurou ao ouvido do general:

—Que Vossa Excellencia me desculpe. Sujei-o por descuido... não foi de proposito.

—Isso não é nada, não tem importancia.

—Peço que me desculpe. Vossa Excellencia comprehende bem que não era minha vontade fazel-o.

—Então, faça favor de sentar-se. Deixe-me ouvir.

Tcherviakof sorriu estupidamente, mudou de posição e fixou o palco. Olhava, mas já não gosava a felicidade anterior, torturava-o certa inquietação. No intervallo, approximou-se de Brizjalof e murmurou, concentrando toda a sua coragem:

—Eu sujei a Vossa Excellencia. Queira perdoar-me. E' evidente que não era para...

—Vamos, então? bastou. Já esqueci isso, e o snr. ainda me vem contar a mesma historia, disse o general agitando nervosamente as belfas.

—Diz-me que esqueceu tudo, e todavia os seus olhos são de fogo, commentava de si para si Tcherviakof, espreitando de soslaio o general. O peor é que elle não me quer fallar. Mas era preciso explicar-lhe que não tive inten-

ção nenhuma... que foi só por effeito de uma lei da natureza... E' capaz de julgar que eu lhe queria escarrar em cima da cabeça! E se o não acredita agora, ha-de vir a pensal-o mais tarde...

Chegando a casa, Tcherviakof narrou á mulher a sua indelicadeza, e pareceu-lhe que ella encarava a questão muito levianamente. Primeiro, tremera de assombro, mas logo se tranquillisára ao saber que Brizjalof não era o *verdadeiro chefe* de seu marido.

—Ainda assim, vae ter com elle, disse ella, poderia o general pensar que tu não sabes estar ao pé de gente.

—Pois é isso o que me preoccupa! Desculpei-me, e elle nada respondeu para me socegar. E' verdade que não houve tempo...

o snr. que é que deseja? Continuou o general dirigindo-se a outro individuo.

—Não me quer fallar, pensou Tcherviakof, empallidecendo. E n'esse caso quer-me mal. Não, eu não posso deixar passar uma coisa d'estas... Eu vou explicar-lhe tudo. Quando o general terminou conversa com o ultimo pedinte, e se preparava para entrar no gabinete, Tcherviakof correu atraz d'elle:

—Se ouso incommodar a Vossa Excellencia, segredou elle, é, posso garantil-o, n'um sentimento de... contricção. Queira Vossa Excellencia persuadir-se de que não foi de proposito.

A face do general encolerisou-se. E com um gesto de aborrecimento:

—O senhor está a troçar commigo! resmungou,

LISBOA—Parada de bombeiros. Desfile das viaturas em frente á camara

(Clichés do nosso corresp. phot. em Lisboa)

No dia seguinte, Tcherviakof, barbeou-se, vestiu o seu uniforme novo, e partiu para casa de Brizjalof com o fim de prestar as suas explicações. Ao entrar na salla de recepção, viu um grande numero de pessoas apresentando memoriaes que o general guardava passando pelo meio.

Depois de haver attendido muitos sollicitantes, chegou junto de Tcherviakof e levantou os olhos.

—Vossa Excellencia recorda-se talvez, começou o empregado, que espirrando, hontem no theatro, sujei-o por descuido, por inadvertencia. Queira Vossa Excellencia desc...

—Que bagatella... sem a menor importancia! E desapparecendo por detraz do reposteiro.

—Não ha escarneo nenhum em tudo isto, repetia comsigo mesmo Tcherviakof. Que mal póde haver? Bem vejo, que para general, não comprehende as coisas sufficientemente. E já que assim é, tambem não mais pedirei desculpa a semelhante fanfarrão. Que vá passear! Escrevo-lhe, mas não torno a casa d'elle. Ah! não, nunca mais...

Assim reflectia Tcherviakof quando chegou á porta da sua casa.

De facto, não escreveu ao general. Durante largo tempo deu tractos á imaginação, mas não

chegou a redigir a carta. No dia seguinte, porém, decidiu-se a ir explicar-se de viva voz:

—Hontem, vim incommodar a Vossa Excellencia, começou elle quando o general lhe lançou os olhos. Vim importunar a Vossa Excellencia, mas não para troçar, como Vossa Excellencia disse ou quiz dizer... Vim desculpar-me de o ter sujado quando espirrava... E não era a rir que assim procedi. Como é que poderia arrogar-me a insolencia de rir? Se a gente se puzesse a rir, como é que seria mantido o respeito devido áquellas pessoas... como direi?...

—Fóra d'aqui! rugiu de repente o general.

—O quê?! perguntou ainda Tcherviakof, aniquillado de espanto.

Fastos do Catholicismo

Dentro em pouco realisar-se-hão em Italia eleições geraes. Como é costume já, a imprensa tem dado curso a boatos de espantosa malignidade, por esse motivo. As agencias, que recebem da maçonaria o santo e a senha, propalaram que no Vaticano corria poderosamente a intriga, pois ao passo que alguns queriam que fosse livre o voto, outros instavam pela abstenção.

Essas noticias astutas tiveram já o seu desmentido. O *Osservatore Romano* publicou uma nota da Sociedade União Romana, referente ao caso em

ESPINHO—Batalha de flores. Aspecto da assistencia

—Já na rua! repetiu o general batendo o pé, freneticamente.

Alguma coisa se rompeu no ventre de Tcherviakof, que nada vendo nem ouvindo, se dirigiu para a porta e sahiu titubeante para a rua.

... Chegando machinalmente a casa, despiu o seu lindo uniforme novo... deitou-se sobre o canapé... e morreu!...

TCHÉKHOF.

Certo aristocrata diz a um banqueiro:

—Acabo de jantar com um poeta que á sobremesa nos regalou com um epigramma excellente.

O banqueiro fixando o seu creado:

—A'manhã, em vez de fructa, quero para a sobremesa epigiammas. Aqui nunca comemos d'isso.

questão, e ella preceitua a abstenção dos catholicos nas proximas eleições, em Roma.

Como não ignora ninguem a situação de Italia é excepcional. Os catholicos de Italia podem livremente votar sem outras restricções senão as da moral, isto é votando só em candidatos catholicos ou nos menos indignos para evitar males maiores. Os catholicos, porém, dos Estados Pontificios, usurpados pelo rei da Sardenha só podem exercer o seu direito civico n'um caso muito excepcional em que seja necessario combater um grande mal, apresentando-se uma candidatura absolutamente impia.

Aos catholicos de Roma, porém, se prohibiu o tomarem parte na vida politica da Italia unificada, porquanto a minima ingerencia, em taes condições, é um reconhecimento, tacito embora, do latrocinio da Porta Pia. Esta é a disciplina applicavel ao ca-

so, e sobre isto não ha no Vaticano intrigas, e nem sequer duas opiniões.

Succede, ás vezes, que nos meios catholicos se discute se, n'um determinado caso, convem ou não dispensar da prohibição os habitantes dos Estados Pontificios, comtudo d'essa discussão serena nasce não a miseravel intriga, mas a sapientissima direcção dos povos.

* * *

Em Roma existe uma associação, nunca assazmente louvada, de protecção ás jovens. O commercio vergonhosissimo da mulher, commercio pintado magistralmente por escriptores e conferencistas, da firmeza de pulso e sagacidade d'aquelles que trataram esse problema social no congresso catholico de 1895 em Lisboa, preoccupa todas as nações.

ESPINHO—Um dos carros que tomou parte na batalha de flores

ESPINHO—Batalha de flores. O carro das rosas

Todas as nações, excepto a nossa, porque as obras sociaes ainda não entraram em nossa patria.

A sociedade romana a que acima fazemos referencia dirigiu uma circular aos ministros de Correios e Telegraphos, ou seus directores geraes, pedindo que seja defeso ás meninas menores de 18 annos receberam cartas na Posta-restante.

Sem duvida que tal resolução será opportuna e de uma certa importancia, todavia... ficam ainda as quartas paginas de certos jornaes.

* * *

Palavras que merecem ser archivadas são as de Marcel Blat n na sua these de doutoramento. Anticlerical, como elle é, as suas palavras tem o valor de serem insuspeitos.

«Tendo passado por hospitaes —diz elle,—onde ha enfermeiras religiosas e por outros onde não ha senão leigas, pude fazer o confronto...

As religiosas sabem melhor que as enfermeiras leigas fallar aos doentes, amal-os e consolal-os...

Não pude deixar de reconhecer

ESPINHO—Batalha de flores. Carro das lavradeiras

que nas irmãs, ha um admiravel espirito de dedicação e caridade».

E' eloquente a confissão, feita, como fica dito n'uma these de doutoramento. O esplendor da verdade, que triumpha.

*

Está reunido em Paris o congresso annual da *Croix*. Esta importantissima casa editora franceza innunda o seu paiz de jornaes, revistas, folhas e livros baratissimos. E' uma obra de grande benemerencia, e á qual se deve a rechristianisação incipiente d'aquelle paiz irmão.

O congresso annual destina-se a juntar ideias e esforços pondo em contacto os trabalhadores da obra, disseminados por toda a França. Quando teremos em Portugal congressos assim?... Quando se unificará a acção da nossa imprensa?...

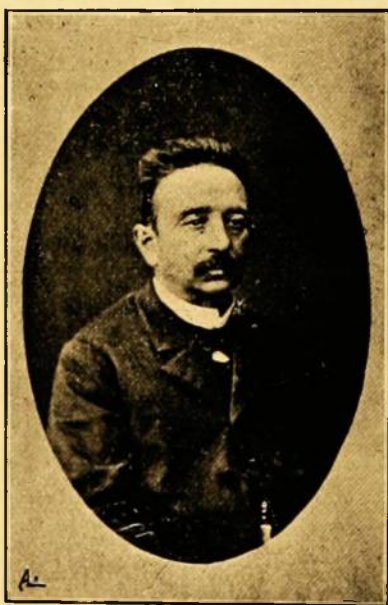
R. C.

ESPINHO—Batalha de flores. Carro dos japonezes

(Clichés do J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

O Mestre Azevedo

(17—X—1897)

Era assim que chamavam a João Marques Soares d'Azevedo, que foi director do *Commercio do Minho*, mas ha dezeseis annos já derrubado pela morte.

João Marques Soares d'Azevedo
JORNALISTA BRACARENSE
(fallecido em 17 de outubro de 1897)

Era conhecido tambem por João da Rita, porque nos seus tempos de rapaz, quando caixeiro, estivera na casa da Ritinha, velha capellista da primitiva rua de Santo Antonio.

O João Azevedo, que desde muito novo se dedicara ás lettras, só mais tarde é que passou a ser o Mestre Azevedo, quando nomeado professor primario para a escola da suburbana parochia de S. Paio de Merelim.

Era homem d'uma vasta cultura intellectual, muito longe, portanto, de ser o mestre-escola vulgar, pois que ao mesmo tempo que se dedicava ao commercio, ia fazendo o seu curso lyceal, que chegou a concluir.

Deixou no jornalismo bracarense um enorme rasto de luz, tornando-se celebre pelo fino humorismo da sua penna e pela sua audacia de combatente, escrevendo sempre com a maxima correcção.

Retalhos da sua alma de artista ficaram esparsos nas columnas do *Commercio do Minho*, do *Regenerador*, do *Amigo do Povo*, e de outros periodicos locaes de então.

Uma grave doença viera pôr termo á vida do gigante, depois de lhe tirar o uso da razão.

Teve um grande coração e fôra, sobretudo, um crente profundo, pondo a sua penna, sempre que era preciso, ao serviço da sua inquebrantavel fé.

E isto bastaria para recordal-o hoje com saudade...

VICENTE BRAGA.

FIGURAS DA BEIRA

VII

Dr. João Mendes de Magalhães

NÃO era João Semana. Esse *simile* pertencia, completamente, admiravelmente, ao dr. José Correia da Silva Menezes. Mas tambem não era nenhum d'esses medicos solemnes, de olhar sobranceiro, de attitudes

conselheirescas, que vendem mais caros ainda os sorrisos do que as proprias receitas.

Figura nativamente distincta, alto, membrudo, de physionomia aberta, clareada por uma doce ironia, era impossivel esquecê-la, depois de vista uma só vez. Impunha-se o vasto e liso da fronte, a expressão intensamente analysta do olhar, a nobreza do nariz aquilino, e até a como que conjugação typica da suissa farta com o bigode, alliança verdadeira que lhe dava á face uns longes de Guilherme I da Prussia.

o caracter. O coração! Foi o coração que o matou, um dia antes ou um dia depois de se finar seu irmão Manuel Mendes de Magalhães, escrivão de direito.

João Mendes era essencialmente um bom. Na quasi rigidez da attitude, liam todos, os menos psychologos, um sensitivo que pretende inculcar-se homem forte contra impressões sentimentaes. Mas, á beira dos enfermos, o dr. Mendes transfigurava-se. Primeiro, era o suggestionador sem egual que com a presença só curava muito mais ainda do que com os remedios. Palavra cheia de fé perfeita, religiosa dentro do prestigio scientifico, levantava de subito as forças dos mais doentes. Era proverbial: *Chamem o dr. Mendes, e eu terei saude.* Elle ia, mal receitava, e curava quasi sempre. Era o seu grande coração o grande medico. Dir-se-hia que curava, porque amava enternecidamente os doentes. Se elle asseverasse que uns grammas de agua distillada eram de um infallivel elixir, o enfermo acreditava, ingeria a agua, e salvava-se, ás vezes, da morte fatal. Com tal poder suggestivo só conheci um medico—eminente pelo saber, pelo prestimo, pelo caracter—o dr. Souza Christino, que julgo viver ainda n'um dos pittorescos arredores de Barcellos.

LAMEGO—Festa de N. Senhora dos Remedios.

1.—Carro de N. Senhora da Assumpção.

2—Carro da cidade, offerta do commercio.

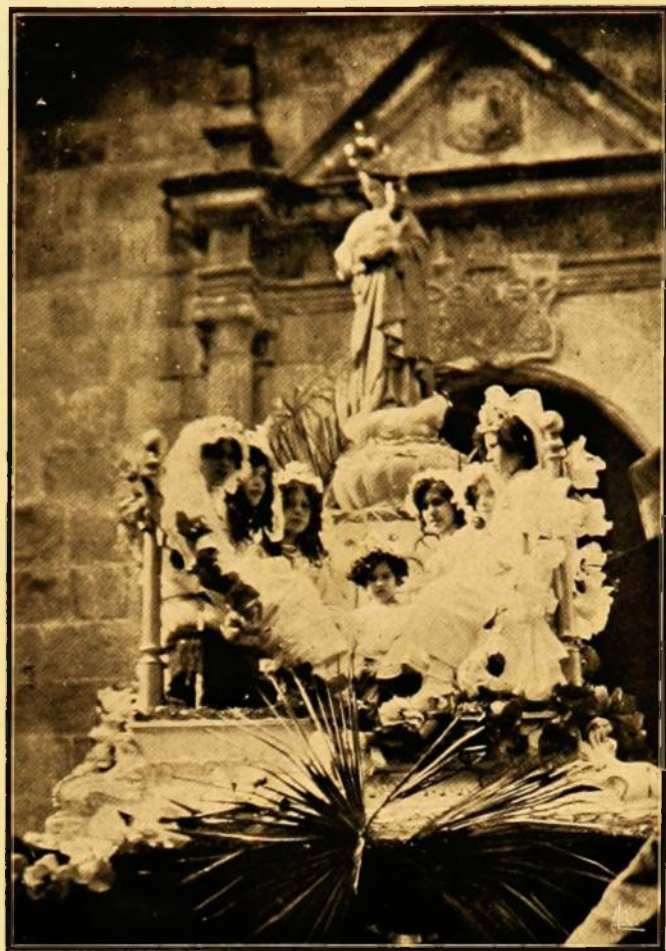
Mas, ouvido, o hypnotismo, emanado da sua pessoa, era singular. Dominava, sendo sóbrio de palavras, muito preciso e conciso de linguagem. N'elle como que tudo era substancial, profundo sem espavento, claro, simples e, comtudo, nitidamente scientifico. Entretanto, o chronista era delicioso. Tinha phrases rapidas d'um chiste inédito, inolvidavel pela dicção finissima e, afinal, despretenciosa.

Sobre tudo isto, era o professor ponderado e pratico, inimigo de narizes-de-cêra, sensatissimo de criterio pedagogico. A sua aula de mathematica no Lyceu era tão attrahente pela orientação clara como fecunda pelo solido ensinamento.

Mas, se o talento o distinguia, admiravelmente o impunham o coração e

Mas, quando João Mendes era adoravel, era quando o enfermo era pobre. Então em tudo se transfigurava. Tornava-se singelissimo, como que humilde, conselheiro e enfermeiro gratuito, quasi sacerdote pelo que fallava de Deus, offerecendo-se todo áquella miseria dolorosa—no sa-

Carro da Santa Familia, offerta dos operarios

ber, na força suggestiva, no alento complexo e completo, até no recatado abrir da bolsa. E era vêlo depois, ao sahir da pobre mansarda. Trazia os

Carro de N. Senhora dos Remedios

(Clichés do phot. amad. sr. Annibal Rebello).

olhos marejados de lagrimas. Porquê? Elle explicava: *E' porque não posso ouvir choradeiras...*

José Agostinho.

Chegada á egreja parochial da musica e mordomos de N. Senhora das Dôres

Os estandartes que iam na frente da procissão

Vianna do Castello

Festa de Nossa Senhora das Dôres

Teve uma concorrencia extraordinaria a festividade ultimamente realisada na populosa freguezia de Santa Martha de Portuzello em honra da Virgem das Dôres, cuja devota imagem tem no povo d'aquella região um sincero e fervoroso culto.

Além dos numeros costumados em festas d'esta natureza faremos notar a parte religiosa a que a commissão organisadora dos festejos soube dar um explendor digno de registo.

A seguir publicamos algumas gravuras com aspectos da procissão cujos *clichés* devemos á amabilidade do distincto amador photographico snr. Antonio Vianna.

A procissão e o andor de N. Senhora das Dôres

(Clichés do phot. amad. sr. Antonio Vianna).

BRAGA—O snr. ministro da justiça ┼ conversando com alguns republicanos á porta do Hotel Gomes & Mattos

(Cliché de João J. Souza Guimarães phot. da «Ill. Cath.»)

POVOA DE VARZIM—Grupo de professoras e alumnas do importante Collegio Boa Esperança

NOTAS DO ESTRANGEIRO

Uma grandiosa obra de engenharia

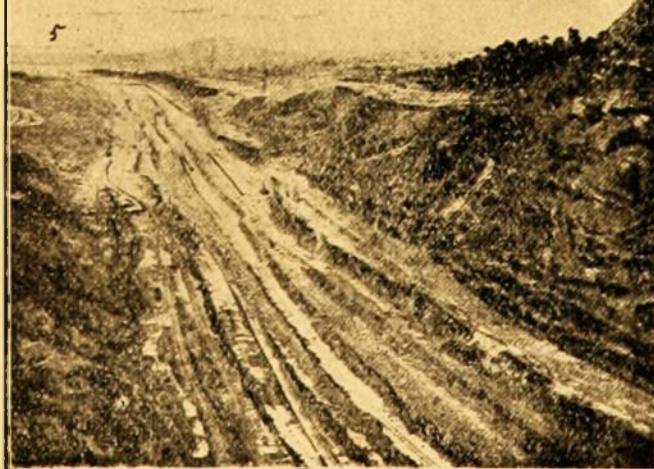
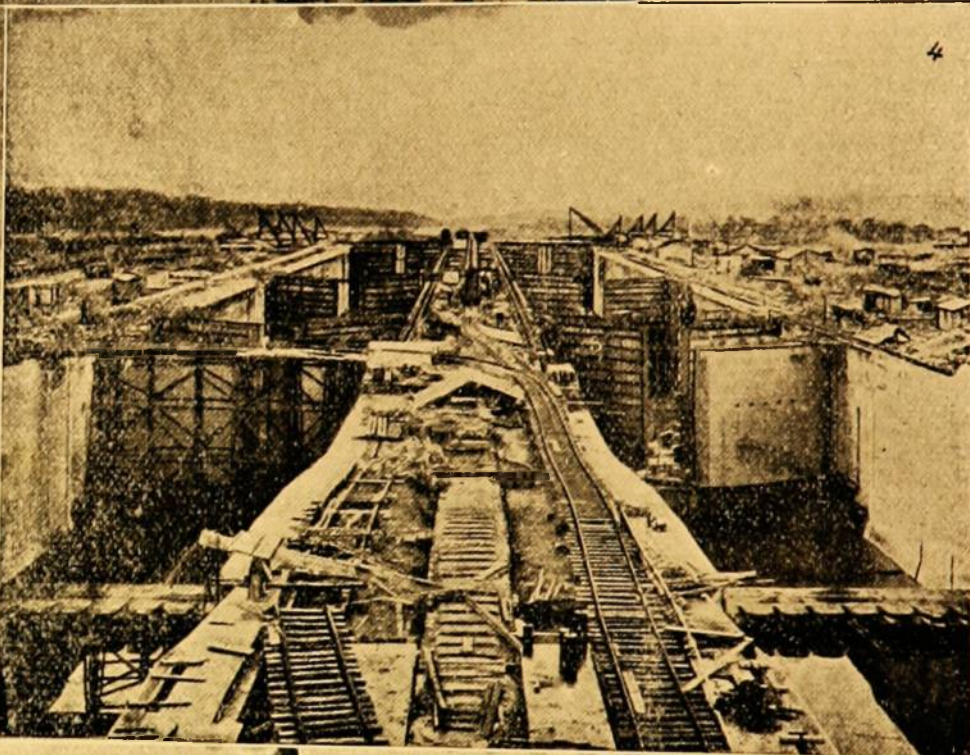
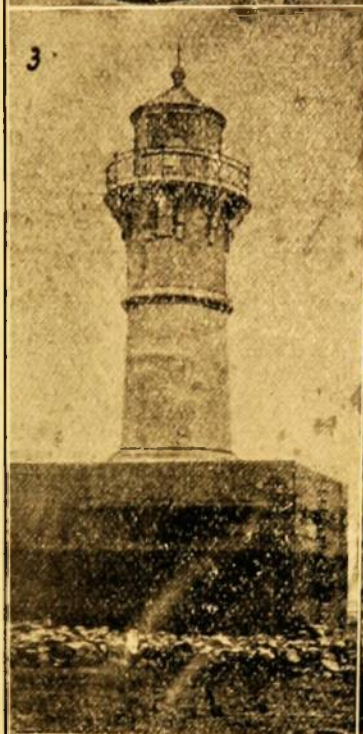
1—Wilson engenheiro director.

2—Vista do canal do Panamá.

3—Pharol para auxiliar a passagem do canal.

4—Os diques de Gatun ultimamente concluidos.

5—O córte de Culebra visto da parte sul do canal.

6—Molhes em construcção.

Claustros de Nossa Senhora da Oliveira
(GUIMARÃES)

(Cliché de Luiz do Souto)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500

Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.

Numero avulso 60

Numero 17 Braga, 25 de outubro de 1913 **Anno I**

Collegio Povoense

FUNDADO EM 1907

Pensão annual — 120$000 reis

POVOA DE VARZIM

A MAIS LINDA PRAIA DO NORTE DE PORTUGAL

Estabelecimento modelar, optima installação, clima maritimo saluberrimo

Lecciona instrução primaria, curso geral dos Lyceus e curso commercial

Os alumnos habilitados por este Collegio tem obtido sempre bom resultado nos seus exames

DIRECTOR *P.e Manoel R. Pontes*

Artigos Photographicos

As maiores novidades em chapas, aparelhos, productos, cartonagens e papeis.

Fornecedores dos principaes estabelecimentos scientificos.

Photographia artistica

Photo-miniatura

Photo-pintura

Quarto escuro e machina de ampliação á disposição dos amadores.

Lições praticas de photographia.

Acabamento de todos os trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os artigos do seu commercio

Mandam-se catalogos gratuitamente. contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR

MAGALHÃES & CARVALHO

43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

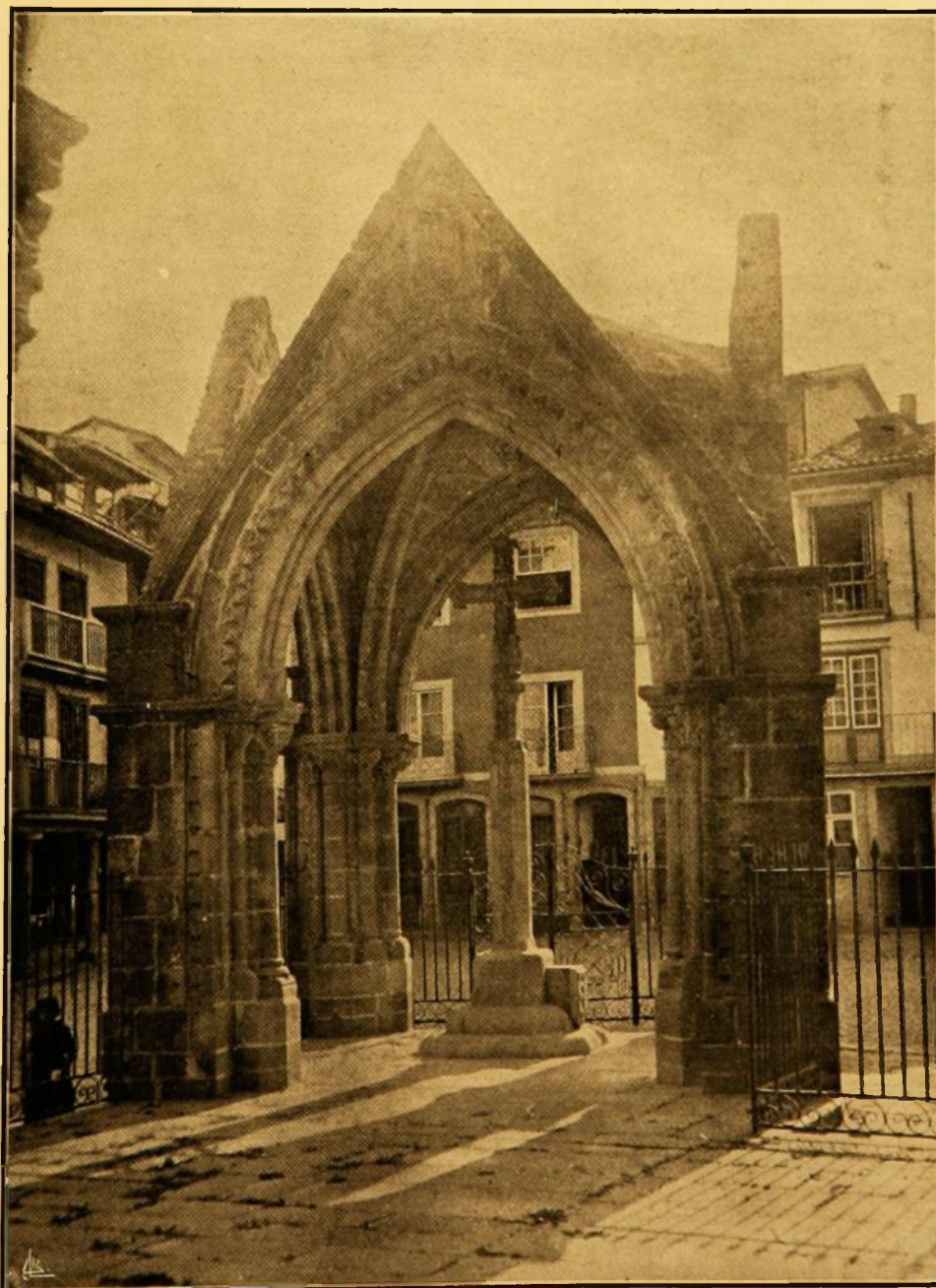
Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 25 de outubro de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 17 — Anno I

GUIMARÃES—Padrão de Nossa Senhora da Oliveira

(Cliché do phot. amad. sr. Luiz do Souto).

Chronica da semana

XVII

HA uma expressão portugueza que resume e define admiravelmente, e até com certo pittoresco, a presente situação politica republicana : é *tocar a quebrado...*

Dos campanarios dos partidos chegam-nos sons desesperados, só comparaveis aos das sinetas de bordo em momentos de naufragio imminente. Não é apenas o lamento carpido sobre o cadaver d'uma ideia, mas a visão cruciante da voragem arrancando á alma um grito aphonico de pavor!...

Constatemos o facto, abandonando aos meteorologistas a predição de novas modificações athmosphericas e aos enfatuados senadores o largo e tremebundo gesto que acompanhará a resabida e banalissima formula: *Caveant consules.*

Não é muito difficil aventurar qual a resposta dos consules. Um sorriso olympiaco e sereno lhes passeará nas faces como roxeado lirio desabrochando na humida terra d'uma sepultura, e a multidão retribuirá a honestidade que os consules lhes promettem com cortejos ullulantes de acclamações, ou mais praticamente, em votos eleitoraes.

Deixemol-os!... «Como os doentes e as creanças, os homens apaixonados deixam-se levar por baldas esperanças», disse Bossuet. Quando especuladas as causas da decadencia tudo se conhecer mais tarde, mesmo a immundicie, então se julgará imparcialmente sobre quem deve recahir o opprobrio e a quem deve dirigir-se a piedade.

Deixemol-os! Volvamos a assumpto mais puro que o fetido marnel da politica, a um sacrificio sancto de existencias suscitado só pelo amor de Deus, que um boletim parochial apontava, ha não muitos dias, a titulo de pedir para esse abençoado e abençoando gesto de caridade as esmolas das almas christãs. Não revelamos aqui o nome da freguezia, nem o do logar onde floresce tão piedoso asylo.

Fazemos resaltar apenas o contraste que se nota entre os odios corruptores dos ultimos resquicios de sanidade moral de certas classes hoje preponderantes, o alastramento da vingança tenebrosa, o trabucar de diatribes que invadem a vida particular de qualquer; entre esta insania e inconsciencia que, malbaratando as valorosas qualidades do povo, lhe dilaceram no coração o amoravel thesouro da sua crença, e procuram em tregeitos bruscos e brutaes, atabafar-lhe na garganta o grito indomito da sua liberdade; e o punhado obscuro de victimas d'esse mesmo odio e d'essa mesma insania, que, fieis interpretes do bello espirito christão, arrostam, n'uma rebeldia seductora e pertinaz, os decretos de oppressão, pagando os rancores, os vituperios, as vaias, com o prestimoso desvelo prestado aos que soffrem e teem sêde da divina justiça!

Vivem, por certo, ignorados do grande fausto das subscripções espectaculosas, em que a esmola é lançada e temperada como um pouco de viadade e tambem um tanto de represalia ou de protesto: vivem longe do pregão das virtudes entrajadas de *réclamos:* não fallam d'elles os cavaqueadores dos botequins: não ha talvez quem se lembre—no meio de tantos protestos, de prosa crua, desdobrados em *cartas abertas* ou acoitados sob o capote do anonymato, em *cartas de um leitor assiduo* aos directores dos jornaes—não ha talvez, diziamos, quem se lembre d'este protesto valioso, d'esta revolta mais legitima porque é feita pela caridade alevantada contra o egoismo, pelo amor contra a inimizade, por Deus contra aquelles qne blasphemam, pela liberdade contra a prepotencia satanica...

Embora! Nem por isso, elles deixarão de o praticar porfiadamente, com a energia que só a consolação de bem fazer fornece e franja de oiro.

Quem sabe, comtudo, se auxiliada por todos os que sentem o avigorar da fé, a cada silvo da violencia e da perseguição, essa obra não seria germen de um movimento mais amplo, e do amor que a vivifica não radiaria um exemplo soberanamente grandioso a servir de broquel contra investidas dos loucos, se não lograsse suster, como supplica e homenagem, a execução do seu abominavel plano de expulsão das Irmãs de caridade?

Recordou-nos este modesto afan caritativo, aquelle episodio da vida tumultuosa dos *boulevards* parisienses, tão incisivamente narrado por Cunha e Costa, e que mais nos fere de vergonha.

Não valem insultos nem protervias contra a simplicidade d'aquelles habitos religiosos, e por toda a parte—mesmo em hospitaes portuguezes—medicos illustres proclamam o inexcedivel merito e aptidão dos religiosos e religiosas de ordens caritativas, como seus auxiliares.

Bourget, n'um admiravel estudo sobre o grande cirurgião lyonez Poncet, publicado recentemente na *Revista Hebdomadaria,* alludia a este reconhecimento affirmado por incontroversas auctoridades:

«Poncet começára os seus estudos no pequeno seminario de Belley. Guardava, d'esta educação, um profundo respeito pelas coisas religiosas. Nos corredores do seu hospital, não cruzava com uma irmã de caridade sem se deter para lhe fallar. Ha dois ou tres annos, ao regressar de Italia, encontrou á entrada do hospital um dos seus alumnos. «Adivinhe o que aqui tenho»—disse-lhe Poncet mostrando a mão fechada. «Aposto se... E' um rosario que prometti trazer de Roma á irmã X... não fui a Roma, mas trouxe-lhe o rosario...» Um grande crucifixo de bronze ornamentava a sua sala de operações. Quizeram arrancar-lh'o. E elle energicamente se oppoz: «Paguei-o com o meu dinheiro, disse, é muito meu, ha-de ficar alli!»

Perguntará o leitor porque viemos dos tedientos tiroteios politicos até estas narrações de virtudes suavemente christãs.

E o chronista justificar-se-ha com as proprias palavras do auctor da *E'tape:*—é que «por estes tempos de estreito fanatismo anti-clerical de mesquinhas perseguições não é inutil relatar semelhantes feitos...»

F. V.

OS NOSSOS BISPOS

D. Antonio Mendes Bello, venerando Patriarcha de Lisboa

Nasceu em Gouveia no dia 25 de julho de 1842. Eleito Arcebispo de Mytilene em 24 de março de 1884 foi transferido para a diocese do Algarve em 13 de novembro de 1884 e em 19 de dezembro de 1907 promovido a Patriarcha de Lisboa.

LUIZ VEUILLOT

13 d'outubro de 1813.

A rasoira do tempo poupa sómente aquelles predestinados ao triumpho que rompem as vagas espumejantes de malquerenças, detrações e injurias, como heroes lendarios espostejando infieis no entrevêro de rijas pugnas, e ao sol rutilante surgem alfim, mostrando no elmo o sulco de mil golpes frustrados e no aço polido que lhes cinge o peito bravo, os signaes de estocadas ineditas !

Luiz Veuillot

Muitas, muitas vezes, a opinião dos coevos lhes é açoite e as suas boccas golpham diatribes amargas e asperrimas criticas, em vez de entoarem consagrações em hymnos de louvor. Mas annos transpostos, projecta-se um novo clarão sobre a individualidade que a memoria teima em não arremessar ao sepulchral esquecimento, ouve-se, crescendo poderosa e altisona, uma voz austera, a da Justiça, clamando o seu nome, recorda-se na remembrança dos posteros tal ou tal singularidade, resalta uma virtude das lettras d'uma phrase, sobrepuja o talento, e como artista argamassando os troços d'uma estatua, dentro em pouco se levanta para a admiração das edades e dos homens, uma figura mascula que honra uma raça, illustra uma historia , attesta o vigor e a seriedade d'uma ideia !

... Luiz Veuillot foi um d'esses. Nós, que nos libertamos de preconceitos de castas, que repudiamos as palavrosas tiradas, e seguros da disciplina intellectual, encontrada na religião catholica, temos acima das questiunculas miserrimas um principio mais nobre:—nós assistimos com alegria ao resurgimento d'essa genial figura de guerreiro, de pensador, de crente que se chamou Luiz Veuillot. Como na hora do seu apartamento do mundo para o seio de Deus, curvam-se hoje ante elle adversarios e amigos, e volvidos cem annos, Veuillot é saudado modelo de Apostolo, giganteo soldado, digno, ah! bem digno da defeza do ideal eterno da Cruz ! Morreu com os seus braços, retêsos pela crispação do ultimo extertôr, atados aos braços do Symbolo da Redempção, e parece que alguma coisa da Sua gloria nimbou a fronte encanecida do herculeo fundador do *Univers!*

Como elle é grande! e como as novas gerações n'elle deparam a realisação completa do seu desejado mestre !

Nos façons ne restent elles pas l'oeuvre indestructible des regards qui nous ont suivis et jugés durant notre enfance ?— escreveu Bourget. Applicado tão verdadeiro e encantador conceito á vida de Veuillot, poder-se-hia dizer que o bracejo do cruzeiro de Boynes, o ambiente christianissimo da sua casa natal, a viva e perdurante recordação de seus paes, estabeleceram na sua alma uma robusta estructura, um residuo de fé, que, atravessado o periodo curto d'um desalento particular a edades moças, germinou, floresceu e fructuou os primorosos dotes, que foram e são ainda o timbre da alta admiração que lhe consagram.

Porque Veuillot foi a flôr d'uma geração, e o cruzeiro de Boynes é um monumento a attestal-o.

A eloquencia empolgante do P.e Jauvier recordou-o ha dias n'uma oração em que a arte e a verdade se abraçavam.

O Cruzeiro de Boynes falla-nos da avó do grande batalhador da causa da Egreja.

Era no tempo soturno e grave do Terror. A canalha da região sobreexcitada com proclamações revolucionarias, projectára derrubar o cruzeiro.

O povo chorava apavorado de tamanha audacia. Marianna Bourassier, a avó de Luiz Veuillot, envergonhou os poltrões. — «Que venham, gritava ella ao povo da aldeia, brandindo um machado. Ao primeiro que se atreva a tocar na Cruz de Jesus Christo, abro-lhe a cabeça!»

Um sopro vivificante beijou as almas dos camponios. Agglomeraram-se em torno do Cruzeiro, e em face de tal attitude a horda covarde e impia bateu em retirada.

Este gesto da aldeã passou para a vivida recordação dos descendentes, symbolisou-lhes a vida, retemperou-lhes a alma; e Veuillot narra-o algures, na sua obra, com uma galhardia jovial e forte, como a propria fé que o robustecia !

Ao lado do povo tambem elle se manteve: não do povo que conspurcava o seu nome attentando contra a sublimidade da religião, mas d'aquell'outro, formado pelos heroicos e piedosos camponezes que guardavam no lar, a tradição bem-

dita do seu culto! Nunca esqueceu a humildade da sua vida infantil, ainda nas horas mais tormentosas. Quando seu pae morreu, experimentou uma sensação amarissima, mas não de rancor ou odio social:

«Um clarão de verdade funebre, dizia elle, faz com que eu maldiga não do trabalho, da pobreza ou das minhas penas, mas da grande iniquidade social, a impiedade, que arrebata aos pequenos d'este mundo a compensação que Deus quiz dar á inferioridade da sua sorte. E eu sinto o anathema a estalar na vehemencia da minha dôr!»

Amarrando ao pelourinho do sarcasmo, da infamia e do egoismo sordido o burguez velhaco que sorria ás facecias de Voltaire; causticando a sua exploração desmarcada, que olvidava os direitos e as almas a salvar n'este mundo: — Veuillot, cumpria gratamente uma religiosa virtude, e realisava praticamente uma aspiração interior da sua vida.

Tomando o partido da defeza da sociedade christã, contra a perfidia dos governos, obedece ainda aos dictames da sua consciencia de crente e de francez. E é tão implacavel na guerra, a ponto de alguem dizer que elle fez a policia da Egreja Catholica. Leva deante de si, chicoteados, o liberalismo, o gallicanismo, a corrupção do ensino, a apostasia e o crime.

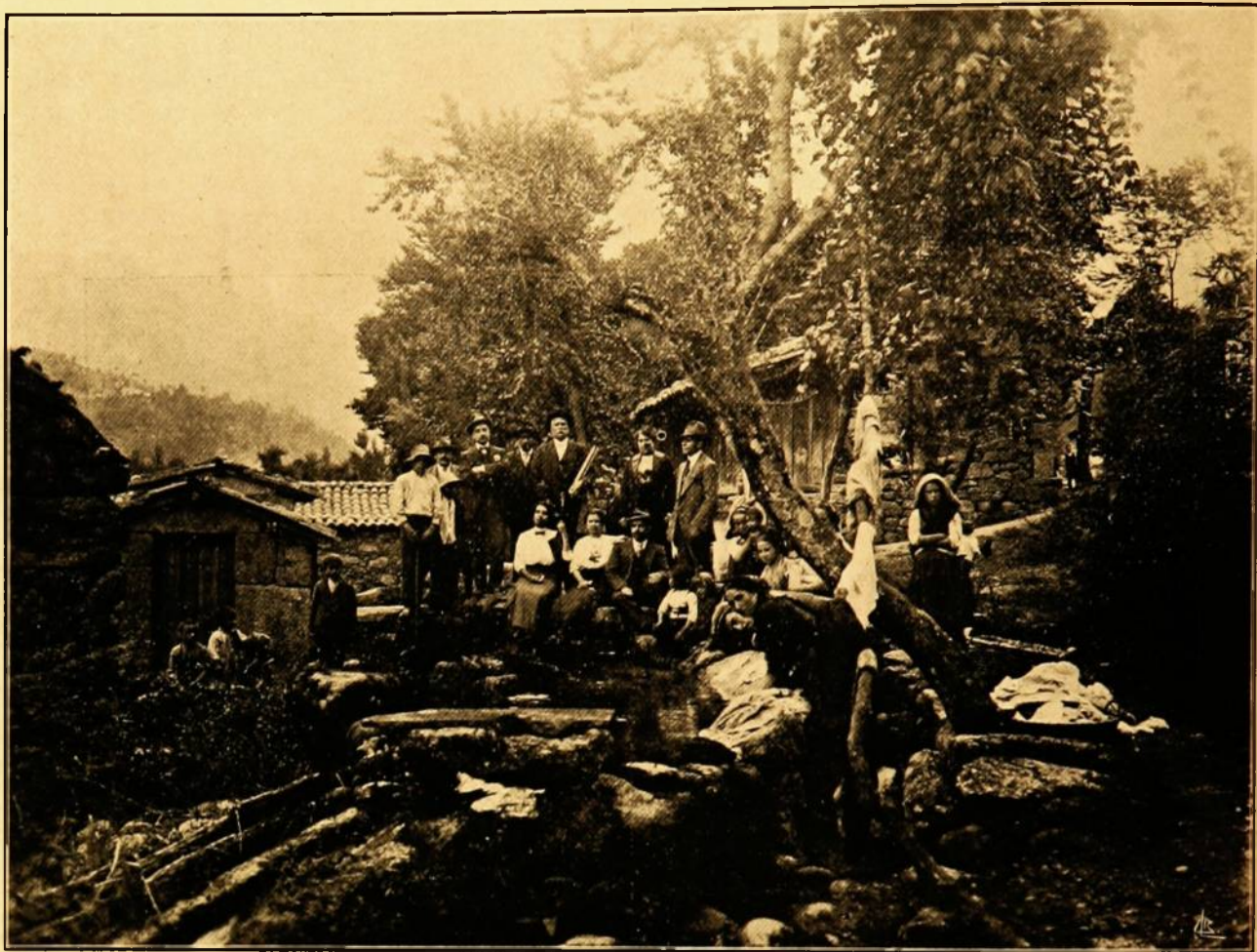
«Foi um pamphletario soberbo, escreve insuspeitamente Gustavo Lanson, cujo absoluto desinteresse e humildade profunda lhe puzeram á vontade o temperamento; escriptor poderoso, alimentado nos velhos mestres, no commercio dos quaes desenvolveu a sua originalidade, possuidor d'uma grande intelligencia litteraria, escreveu paginas que hão de viver pela vivacidade mordaz do espirito ou pela côr violenta da paixão.»

Força indomavel da Egreja, força conscientemente intrepida, tudo Lhe deu: e embora o não comprehendessem alguns dos que mais aproveitavam dos seus serviços, elle jamais cançou no bom combate, porque sabia que a maioria o considerava seu interprete. O clero parochial adorava-o, e n'uma viagem pela França, vinha acolhel-o ao caminho para ouvir da sua bocca o brado de coragem. E Veuillot amava os parochos do seu paiz: queria-lhes com uma bondade sincera de irmão no sacrificio d'uma vida inteira... Um sorriso de Pio IX e um applauso do clero parochial faziam-lhe crepitar o coração em labaredas de bravura. Tudo pela Egreja!

GEREZ—Festas ao SS. Coração de Jesus. Aspecto da procissão

E' difficil estudar a sua concepção politica se arredarmos o seu amor á França e a Deus. Partidario da legitimidade, crendo na Auctoridade e na unidade nacional, elle aprecia os acontecimentos segundo aquella divisa. Via o Papa atravez do Rei, e por isso defendeu a realeza do conde de Chambord. «Se nem sempre tem direito á nossa adhesão, escreve muito justamente Mauricio Vallet n'um livro recente, sempre merece o nosso respeito, porque indefectivelmente elle quiz servir a Deus e a Egreja, defendendo ou combatendo o Estado.»

Mas embora Veuillot nos apparente rispidez da imprensa. Pratiquei n'ella durante a minha vida e não a amo: poderia dizer que a odeio: mas ella pertence á ordem dos males necessarios. Os jornaes tornaram-se um tal perigo que é necessario crear ainda maior numero d'elles. A imprensa só póde ser combatida pela imprensa, e neutralisada pela multidão.

Juntemos torrentes ás torrentes e que todas ellas formem um pantano, ou, se assim quizer, um mar. O pantano tem lagunas, e o mar, os seus momentos de somnolencia. Veremos se será possivel lá construir uma nova Veneza!»

GEREZ—Um grupo de aquistas no lavadouro em Villar da Veiga

(Clichés do phot. am. snr. Julio Maia).

endurecida, «amando o jornalismo da polemica, e a polemica para confundir os tolos», elle é um coração cheio de ternura. Leiam-se as paginas em que elle descreve a santa morte de sua esposa, o desvelo com que elle rodeia a educação de seus irmãos e filhos, a sua amizade tão pura a Eugenio Veuillot, aquellas suas cartas adoraveis a Carlota de Gramont, a narração dos seus serões, durante a calma das noites silenciosas, que mais o convence de que elle *aime à aimer,*—observe-se toda esta face da sua vida e teremos em nossa frente um Veuillot inédito, dôce, espirituoso e delicado, repousando a penna de combate, n'uma intimidade que encantou Saint-Beuve!...

Em 30 de setembro de 1871, escrevia elle a Quid'beuf estas significativas palavras que corroboram as impressões antecedentemente expostas: —«São-lhe conhecidos os meus sentimentos ácêrca

Em 1883, o colosso é derrubado pela morte. Olhando tristemente o pedestal deserto, e desertos os bastiões heroicos do *Univers*, sentiu-se bem funda a magua por tão fulminante perda, e por muito tempo se ouviu o fragor da ruina! Mas jamais foi olvidada a sua memoria! E hoje, na celebração do centenario do seu nascimento, a todos cumpre tomar como exemplo aquelle que pediu este simples mas eloquente epitaphio para o seu tumulo:

«J'ai cru: je vois!»

F. D'ALMEIRIM.

Cambiantes do Outomno

QUANDO chega outubro e as primeiras chuvas encharcam os caminhos e ensopam os campos, um fremito de maguada e friorenta tristeza percorre a terra despojada do oiro das searas e das tintas frescas das uvas.

E' o preludio das invernias bravas, dos moles nevoeiros, toucando as serras laceradas e barbaras, que as aguas arregoam em coleras espumantes e as neves corôam em poalhos brancos, da brancura dos luares que, ahi por janeiro, caiam a desolação polar das paysagens.

E' o outomno que passa no seu luctuoso cortejo de agonias, desnudando as arvores amarelecidas a emergir da nevoa e laivadas pela luz incerta e suavemente triste d'estas manhãs perladas de agua e macias de sol, com trilos de cotovias a acordar os lavradores e perdizes cantando timidamente, nas encostas semeadas de castanheiros, entre a cabelugem do matto, de tons verde-negros e o silencio carinhoso das ribeiras.

No progressivo e brando declinar dos dias, sente-se o languido quebranto da natureza, em pasmos de enervada e soffredora melancolia, mergulhada a terra inteira n'um deliquio de penumbrosa e scismadora tristeza.

A vida exuberante que floriu n'uma orchestração magnifica de sons e aromas como que se dilue na magua dos crepusculos e se côa á alma inquieta dos que vão mundo em fóra desfolhando as pétalas das suas illusões, n'um trilho de eriçados e penetrantes abrolhos.

Estação de poesia e de sonho, tornou-se a inspiradora de muitas obras de arte que, em vôos largos de commovida interpretação, assignalam o dolorido poema das coisas—folhas que cahem, ventos que zimbram desesperadamente as arvores de troncos velhos e encarvoados, sons que morrem ciciantes na desolada agonia da fraga dura e hostil, aguarelas de esmerada côr a que serve de fundo o perfil das oliveiras, que a neblina esfumilha, a distancia, na saudade dos poentes irisados.

Os quadros de Rubens e Chéca — o *Rapto de Proserpina*—traduzem n'um symbolismo de arte pura, o gradual arrefecimento da terra, a quietude somnolenta das seivas, a ancia, o desespero, a dôr dos que vão arrebatados para a morte. Percebe-se que a florescente e esbelta filha de Ceres, roubada aos prados da Sicilia, se estorce receiosa e apavorada nos braços possantes e vigorosos do raptor.

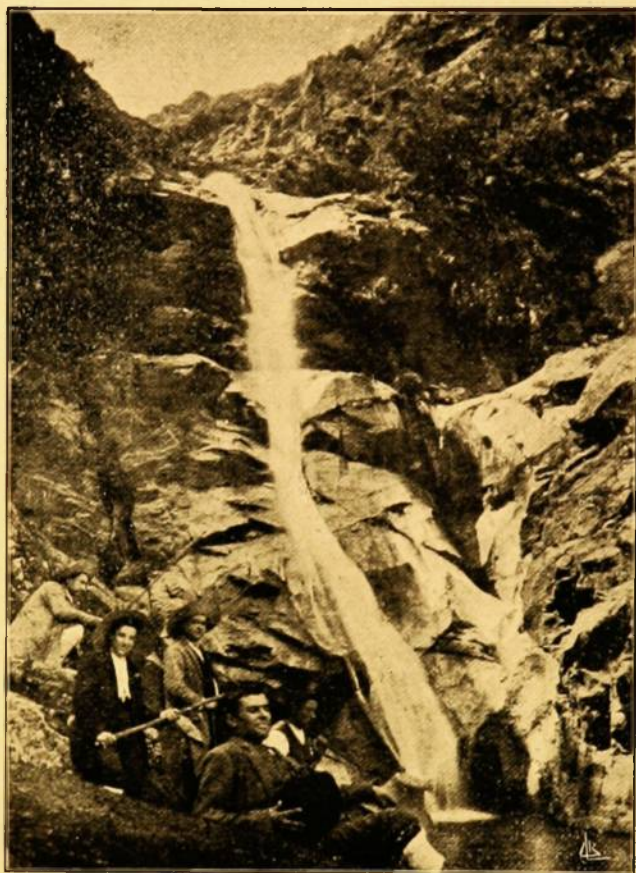
BRAGA—Socios da Juventude Catholica da Veiga de Penso no "Penedo das Lettras Douradas„

(Cliché de J. J. Souza Guimarães.)

Em Rubens ha mais sensualismo e menos força. E, como estas, outras obras de pintura trascalam o encanto inebriante da estação que passa e começa com as vindimas, a faina tão caracteristicamente nacional sob a torreira do sol, na enleiada ternura das nossas trovas populares, de um sabôr tão sentidamente portuguez e de uma delicadeza emocionante.

A pintura inspirou-se, por vezes, n'esta labuta agricola e a poesia cantou o vinho. Horacio e João Penha renderam ao fresco nectar afervorado culto.

Inspirado nos seus effeitos, Velasquez em *Los Borrachos* do Museu do Prado, foi surprehendente de belleza.

Cingem-no lendas de piedosa devoção. Creação genial, aquellas figuras são de uma realidade que esmaga. Topamol-as a cada passo pela vida fóra, dominadas pelo alcool, emboldriadas do visco das tabernas.

RIBEIRA DE PENA—«Cascata do Pico»

(Cliché do rev. J. Barrias)

Vindimas! Outomno! Morrem no ar sereno os ultimos aromas, ouve-se um fremito de azas riscando o poente em braza...

De longe, da praia tumultuaria chegam adeuses: é o *flirt* que finda entre suspiros brandos.

Mais longe ainda sagra-se Pombal em prata, com *superavit* e tudo...

JOÃO DE CASTRO.

P.[e] Antonio José Torrinha Machado

(Natural da freguezia de Ronfe, concelho de Guimarães).

E' um sacerdote muito virtuoso e illustrado e conhecidissimo na provincia do Minho pelo seu grande zelo apostolico.

O burro e o cordeiro

TINHAM travado um burro e um cordeiro amiga conversação no seu estabulo.

—Hoje deram-me treze pauladas — dizia o burro. Bem contadas as tenho.

—Doeram-te muito? perguntou o compassivo cordeiro.

—Psst! regularmente. Tenho a pelle a isso costumada. E a ti?

—Uma pedrada nas lãs — pouco doe — porque tive tentações de pastar n'um campo de trigo.

—Que vida, deus Jupiter, que vida!— clamou o burrico dando um suspiro que fez ondear as bambinellas de teias de aranhas cheias de pó e suspensas do tecto.

—Que vida!—repetiu o cordeiro, como um echo do asno.

O burro era homem, digo, asno de juizo, e depois do suspiro, dirigiu ao bom do cordeiro estes considerandos:

—A vida de quem está sujeito é muito triste, meu cordeiro. Olha que vida tão differente a de outros animaes que não estão sujeitos: mandam e triumpham. Ouviste fallar do leão?

—Eu só ouvi fallar do lobo. Quão feliz é o lobo!

—E o leão como é feliz! Esses, sim, que disfructam. Esses, sim, que vivem bem! esses, sim, que... Brrr!...

—Sabes, amigo, o que hontem ouvi ao dono?

—Tu dirás.

—Pois dizia o contrario do que dizes. Dizia que é bem desgraçado aquelle que governa, e sobretudo, desgraçado o tyranno. Dizia que os de cima são mais infelizes do que parece, e que aquelles que não teem lei nem freio são mais desgraçados do que aquelles que vivem sob a lei.

—Dizia-o para tu ouvires, mas a mim não me engana. Antes queria ser leão do que burro. Que desgraça, burro!

—E não ser eu lobo! Sou cordeiro, que desgraça, cordeiro!

—Não haverá remedio, deus Jupiter? Onde está a tua justiça?

—Deus Jupiter, ouve-nos.

—Jupiter.

—Jupiterrr...

Jupiter não foi surdo aos clamores dos dois animaesinhos.

—Asno — disse elle, — queres ser leão?

—Sim...

—Cordeiro, queres ser lobo?

—Sim... beeee.

—Então, ahi vae.

O burro sentiu que as orelhas se faziam pequenas, que a bocca lhe crescia, e os dentes se afiavam, que lhe cahiam os pezunhos e, debaixo d'ellas assomavam formidaveis garras.

Tambem ao cordeirinho manso cairam os pezunhos e nasceram-lhe unhas e dentes e com elles, energia e fereza.

O leão deu um rugido; de um salto quebrou a porta do estabulo e se lançou á rua seguido pelo lobo. Toparam com o cão de fila d'aquella casa.

—Ah! ladrão! — disse-lhe o lobo. — Quantas vezes me privaste de comer o que eu queria!—e de uma mordidella arrebentou-o.

Os rugidos do leão e os ladridos do cão ferido alarmaram a visinhança. Todos se encerraram em suas casas. A uma janella assomou um homem com espingarda e despediu ás duas feras saraivada de chumbo. A maior parte tocou ao leão que o recebeu nas ancas, tocando ainda ao lobo parte d'elles.

—Auggg, uivou o lobinho, e o leão deu um terrivel grito.—Para o bosque, nosso reino. Aqui nos matam e, com o rabo entre as pernas fugiram despavoridos.

—Maus principios—murmurou o lobo.

—Bem maus,—respondeu o outro.—Amanhã desquitar-nos-hemos.

Com a comichão do tiro passaram má noite. No dia seguinte levantaram-se assaz aborrecidos e, como a fome apertava, o leão disse:

—Cada qual que faça pela vida—e, sem mais explicações, afastaram-se.

Estalavam os ramos sob as patas do rei das selvas, e fugia a caça medrosa. Saltou uma lebre; o leão correu atraz d'ella. Pulava, saltava, desesperam-se! Duas horas de insensata corrida! Fugiu a lebre; o regio caçador deitou-se entre o matto, cansado, faminto. Quiz comer herva como em outros tempos—que tempos aquelles—mas os seus dentes não eram para verduras, nem o seu estomago tambem. O sopor da debilidade começou a invadil-o. Ouviu ruido; levantou-se de um pulo; sacudiu a melena... Um cavallo fugia, ajaezado, corria doidamente. Ao longe seguiam-no homens a cavallo. O leão incauto não via nenhum perigo, além d'isso, era rei dos bosques; que lhe importavam perigos? Deitou-se entre o matto. O leão deu um pulo e caiu sobre o dorso do cavallo, que relinchou de terror, e continuou correndo com o terrivel ginete em cima d'elle. O leão colheu-lhe o pescoço entre as fouces, ouviu-se rugir os ossos triturados e o cavallo caiu ao solo. Então o faminto rei do bosque começou a sorver-lhe o sangue. Resoou uma descarga, e duas ou tres balas se cravaram nas carnes. O seu sangue real misturou-se com o do cavallo. Quiz vingar-se: mas os homens tinham subido ás arvores. Perdia sangue, julgou morrer e arrastando-se como pôde, chegou á cova. Alli encontrou o lobo, a quem faltavam uma orelha e o rabo, e tinha a bocca meio despedaçada. Uivava o pobre, quando chegou o leão moribundo.

—Ai!—disseram em duo as duas feras.

BRAGA—Uma festa em Tibães. A processão sahindo do templo

—Cura-me que me esvaio— supplicou o leão. O lobo, que não estava tão mal ferido, vedou com umas hervas as feridas do seu amigo: elle mesmo vedou as suas. Refizeram-se um pouco; e contaram as suas desgraças. O leão narrou as que soffrera.

—E tu como perdeste orelha e rabo?—perguntou o lobo.

—Tinha fome—respondeu este. Fui atraz d'um rebanho; o mastim me investiu e como elle tinha colleira, nos cravos d'ella feri os queixos. Elle, entretanto, arrancou-me uma orelha e o rabo. Ai!... Jupiter, Jupiter... Quem fosse cordeiro!

BRAGA—Tibães. Outro aspecto da procissão

—Jupiter, Jupiter... Quem fosse burro!—disse o leão.—Antes soffria, mas comia sem cuidados, davam-me alguma paulada, mas cuidavam de mim e me guardavam.

—Como a mim. Guauu! Jupiter torna-me cordeiro.

—Jupiter, torna-me burro!

E Jupiter que é um pobre deus, compadeceu-se outra vez dos dois miseraveis e n'um abrir e fechar d'olhos tirou-lhes a ensanguentada pelle, converteu-os na sua primitiva forma e conduziu-os ao estabulo.

—Recordas-te, burro, do que fomos? Queres repetir a oração a Jupiter?

—Não me tentes. Vejo agora como o amo tinha razão de fallar como fallava dos que não teem lei e dos que a ella vivem sujeitos. Conformemo-nos com a nossa sorte e meditemos devagar a nossa aventura.

—Meditemos.

O asno, meditou com effeito, comendo de vagarinho o penso. O cordeirinho, cheia a pança, ruminava tambem devagar, devagarinho.

Ouvia-se fóra o som dos chocalhos das cabrinhas, o cacarejar das gallinhas, a cantilena d'uma mulher entre o tilintar dos utensilios da cosinha... A paz da casa!...

M. S.

Fastos do Catholicismo

Por toda a parte é a Juventude a escolhida phalange da vanguarda da acção catholica. A franceza ha poucos dias em numero de 2:500 peregrinos foram de longada até Roma, onde S. Santidade a recebeu no pateo de S. Damaso, onde costuma conceder audiencia aos peregrinos.

Estes cantaram n'aquella esplendida praça interior do Vaticano um hymno em honra de Joanna d'Arc.

No dia seguinte realisou-se no Palace Hotel um banquete de confraternisação, offerecido pelo presidente da Juventude Catholica italiana aos peregrinos da Juventude Catholica franceza; os brindes trocados n'esse banquete foram um primor de delicadeza e carinho, recordando a fraternidade dos povos latinos no ideal christão.

*

De Lourdes regressou recentemente uma bella e numerosa peregrinação portugueza conduzida á Gruta pelo nosso collega *Universal*, de Lisboa. Descrever o enthusiasmo que despertam aquelles logares santificados pela presença de Maria Santissima, era tarefa tão grata como inutil pela mesquinhez das palavras com que a poderiamos fazer.

*

Durante a peregrinação franceza e emquanto se fazia na esplanada a tradiccional procissão, o aviador Malesherbes, do exercito francez, andou pairando com o seu magnifico monoplano sobre a gruta, fazendo no ar sereno caprichosas voltas. Foram quinze durante a procissão, correspondendo cada uma, a uma dezena do Rozario, que nas alturas resava o valente aviador pelos enfermos que via a seus pés na esplanada dos milagres de Maria Immaculada.

BRAGA—Tibães. O pallio

BRAGA—Tibães. Um grupo de bracarenses na cêrca do velho convento benedictino

FIGURAS DA BEIRA

VIII

Dr. João Mendes de Magalhães

(CONCLUSÃO)

E agora o caracter. Regenerador ferrenho, braço forte do fontismo local, nunca trabalhou para si. Se as honras se lhe offereciam, repellia-as, tão inabalavel de gesto e resolução sincera, que ellas desistiam de o procurar. Mais d'uma vez o quizeram para deputado. João Mendes corria com a sua habitual graça e indicava com vehemencia os que julgava dignos da, n'esse tempo, sagrada missão. Assim, foi procurador á junta geral do districto quasi á força e, não podendo resistir ás solicitações para representar o povo de Lamego em côrtes, chegou a acceitar, mas preparando tambem os motivos de desistencia, que não tardou muito podê-la apresentar sem grande prejuizo partidario. E que adoravel alegria a d'elle, quando se viu libertado do que julgava pretencioso destaque!

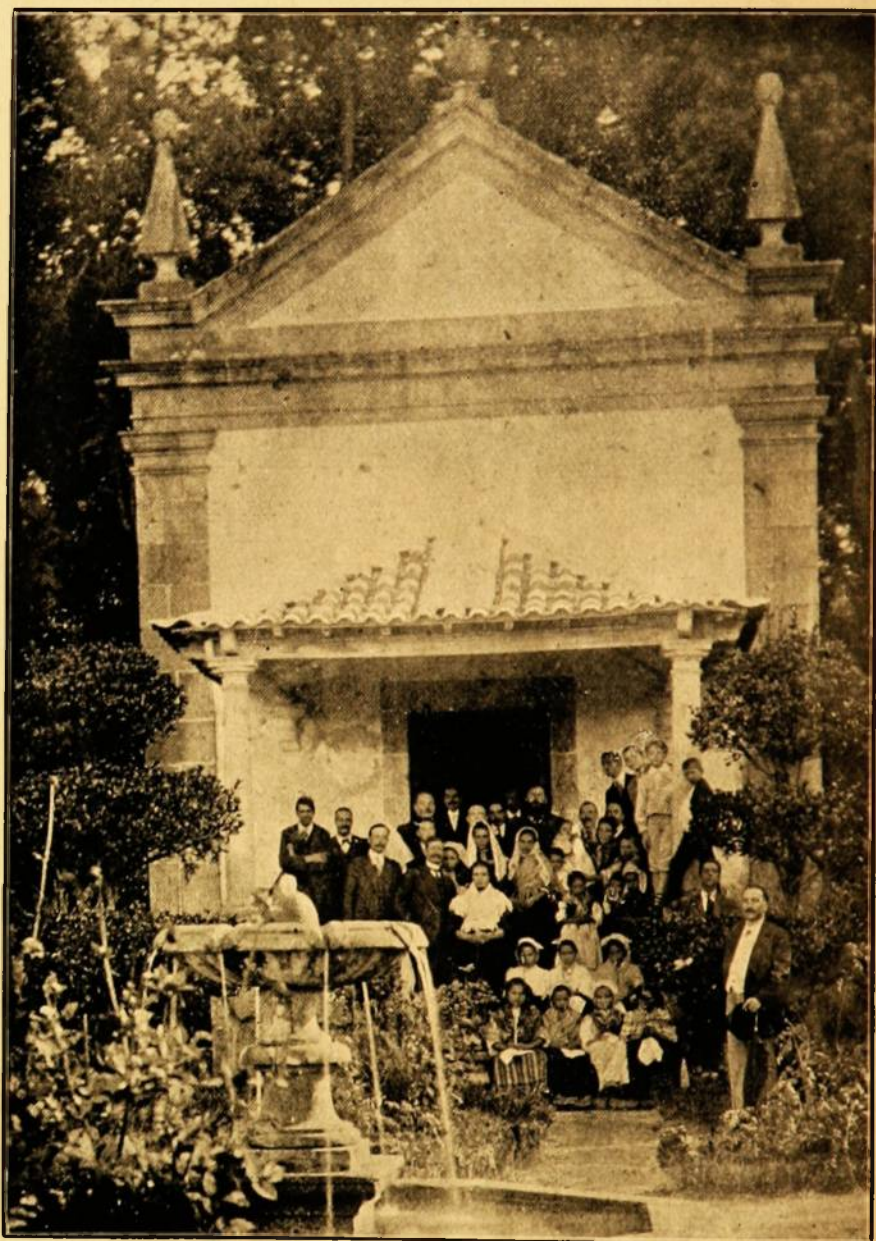
Entretanto, todo elle era a familia e os interesses da sua terra. Todos os melhoramentos de Lamego lhe deveram auxilio e conselho. O facciosismo encontrou sempre no dr. João Mendes um inimigo denodado e integro. Amado, por isso, pelos mais ferozes adversarios, fez o bem com magnanimidade e utilidade. Avesso a gloriolas, não excitava invejas, conquistava corações. Mas nem esta conquista, legitima e digna, aproveitava para si: valorizava-a antes, com tocante paixão, a favor dos interesses da sua terra.

E, depois da sua terra, tudo eram os seus filhos. Desposado com uma senhora de educação nobilissima, D. Maria Amalia Ramalho Mendes, deu-lhe Deus filhos e filhas de nativa e rara distincção. O primogenito, João, promettia um grande medico e tambem grande tribuno. Parecia forte, apezar de bastante pallido.

Era uma figura já dominadora. Fronte ampla, coroada de cabellos um tanto açafroados. Alto, com uma linha esbelta e firme. Voz fluente, imaginação viva, um saber precoce. Tudo n'elle eram esperanças. Medico, e já notavel, finou-se, porém, inesperadamente em 1889, fulminado por uma vertiginosa tuberculose.

Esse filho levou ao dr. João Mendes grande parte do coração, da vida. E, comtudo, ficaram-lhe filhos de esperançoso valor mental e moral: Alfredo Mendes, official superior de estado maior, deputado, governador civil de Lisboa, em 5 de Outubro de 1910, provavel ministro da guerra se a Monarchia se tivesse defendido; Arthur Mendes, engenheiro, intelligencia limpida e caracter cheio de pureza; Accacio Mendes, advogado de verdadeira eloquencia, hoje inspector primario; Albano Mendes, official da armada; Carlos Mendes, funccionario municipal na sua terra... e ainda as filhas, senhoras que em tudo, na linha, nas prendas e na virtude, honram seus irmãos.

Das filhas levou-lhe Deus uma, desposada com o dr. Accacio Guimarães... homem que singularmente me julga ainda o mesmo tavanez pedaço de cidadão que eu fui em tempos de mocidade. (Por signal, que ainda não póde hoje apartar do mais flagrante desequilibrio mental o meu antigo estouvamento. Deus lhe perdoe, caso se engane muito).

O dr. João Mendes, quanto a mim, começou a agonizar depois da morte do primeiro filho. Come-

BRAGA—Tibães. Um grupo de romeiros junto á capella de S. Bento, na cerca do antigo convento

(Clichés do phot. am. sr. Julio Loureiro)

polgou-o emfim. Cahiu, porém, como um forte — sorrindo e abençoando. Seus filhos, os Magalhães Ramalho, viram-no morrer suavemente, d'olhos em Deus. E o lucto d'elles foi o lucto de toda a cidade. Porisso, o dr. João Mendes, estando morto desde 1897, continua vivo no coração de Lamego e da Beira.

JOSÉ AGOSTINHO.

NOTAS

Nasceu a 7 de junho de 1836, em Cambres, cercanias de Lamego e falleceu a 30 de dezembro de 1897, Bacharelou-se em medicina, tendo sempre ora *accessits* ora *premios*. As mesmas distincções alcançou na faculdade de mathematica que frequentou até ao segundo anno, como na de philosophia qne frequentou até ao terceiro.

Formado, concorreu ao partido medico de Mesão-frio onde viveu até 1866, anno em que, muito solicitado por amigos e admiradores, foi para Lamego. N'esta cidade foi depressa o primeiro medico. Professor de mathematica nas Aulas Secundarias, da mesma disciplina o foi no Seminario desde 1869 e depois subdelegado de saude do concelho.

Em 1880 ficou professor effectivo de mathematica no Lyceu, como até então o fôra no Seminario. Em 1881, foi reitor do Lyceu, cargo que exerceu, com todos os governos, até 1896, quando o logar de reitor foi legalmente incompativel com o de professor.

Foi procurador á antiga junta geral do districto e excellente administrador do concelho em 1892. Em 1897, foi por deveras apontado por todos os conterraneos para deputado. Vice-presidente da commissão executiva do seu partido, era, com o dr. Miguel Moreira da Fonseca e com o conde d'Alpendurada,um dos meihores apoios do politica do visconde de Guedes Teixeira.

FOZ DO DOURO—Antes do banho

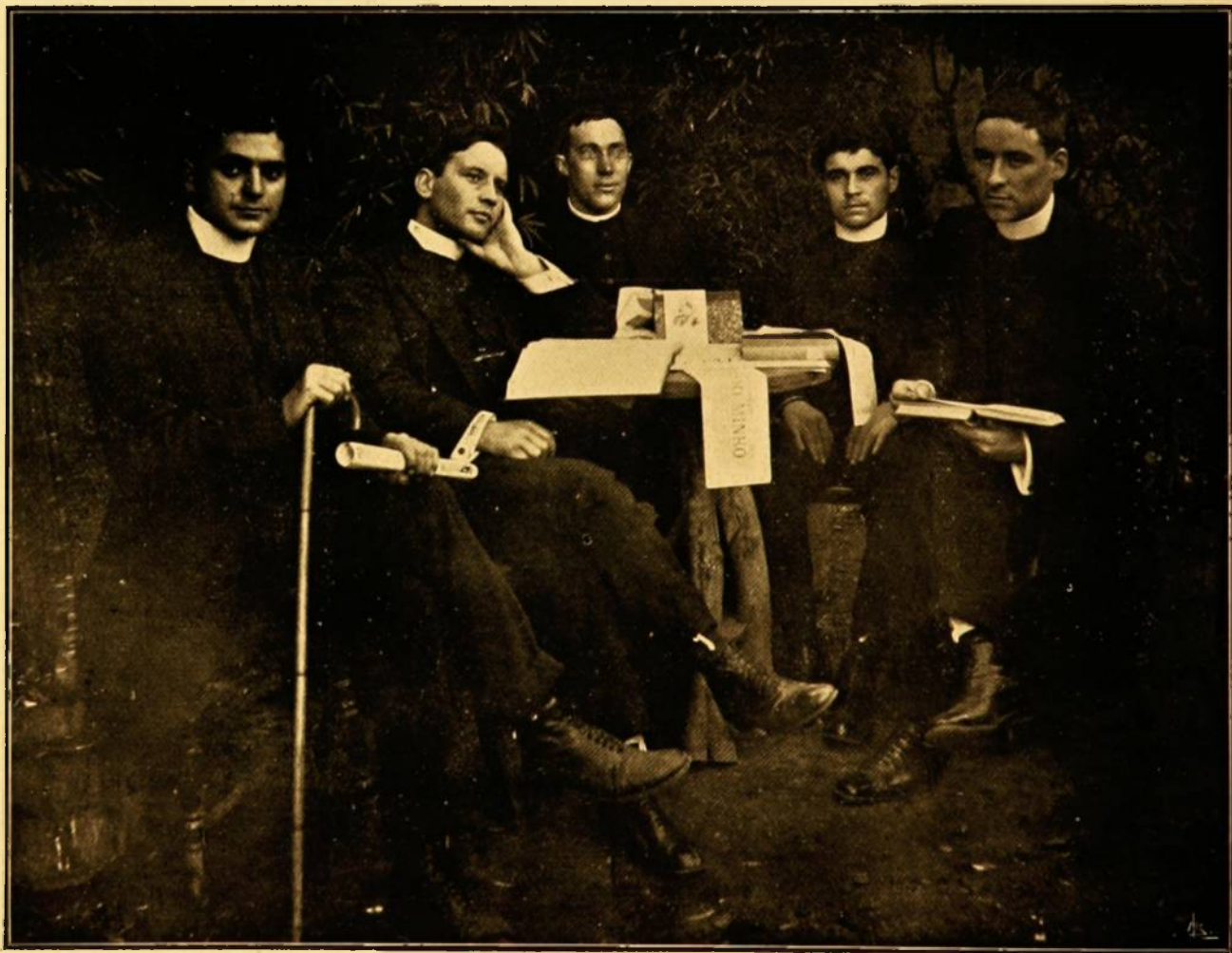
çou a soffrer do coração. Era mais triste a sua bondosa ironia. Frequentemente se conhecia que as palavras brotavam de lagrimas reprimidas. Fraquejavam-lhe as vigorosas pernas. Respirava mal. A's vezes, para descançar o coração, fazia como Garrett: parava a conversar, a mirar um objecto frivolo. Mas a enfermidade progrediu e em-

Depois do banho

Creanças brincando com a areia

(Clichês de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

APULIA—Festa da Senhora da Guia

N'esta linda praia realisou-se uma importante festa a Nossa Senhora da Guia que foi muitissimo concorrida. A' passsagem da procissão na praia houve sermão ao ar livre.

BRAGA—Os novos presbyteros ultimamente ordenados pelo venerando Bispo de Lamego na egreja do Seminario

(Cliché do phot. am. snr. Manuel da Silva Isidoro)

LISBOA -- O ultimo indulto

Presos politicos sahindo da Penitenciaria

Um grupo de indultados a caminho do governo civil

(Clichés do nosso corresp. phot. em Lisboa)

NOTAS DO ESTRANGEIRO

Poincaré em Hespanha

MADRID—O presidente da Republica Franceza chega á estação do Norte e é apresentado por Affonso XIII ao governo

MADRID—Poincaré saudando o povo que o acclamava.

PORTO--Exposição de chrysanthemos em Passos Manuel

Um ramo com 140 flores n'um só pé — Expositor Dr. Luiz de Souza

(Cliché do distincto phot. amador sr. Augusto Chaim Junior.)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500

Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.

Numero avulso 60

Numero 18 — Braga, 1 de novembro de 1913 — **Anno I**

CANDIDO BACELLAR
medico e jornalista

"Manual de Hygiene e Therapeutica

PERANTE A

OBSTETRICIA E A PEDIATRIA„

ou Cuidados medicos e familiares com as mães

(Antes, durante e depois do parto)

E

Soccorros ás creanças

Conselhos ás noivas e assistencia ás familias

PREFACIANTES: *Ex.mos Drs. Gaspar Fernando de Macedo e D. Leonor Amelia da Silva.*

A' venda na Livraria Escolar de Cruz & C.ª, de Braga, e nas mais livrarias do paiz.

Modo de ajudar á missa

Destinada ás catecheses da Doutrina Christã

Acaba de publicar-se este folheto, cujo preço é de 20 réis.

Vende-se na administração da «Illustração Catholica».

Collegio Lyceu Portuguez

HUY (BELGIQUE)

DIRECTOR—José Luiz Mendes Pinheiro

Situação magnifica. — Educação moderna.
—Instrucção primaria e secundaria completas.
—Preparação para as universidades belgas.
—Professores de diversas nacionalidades para o ensino das linguas.

Este collegio veio substituir o antigo Collegio Lyceu Figueirense, da Figueira da Foz. N'elle encontram os alumnos as vantagens d'uma educação moderna, n'um dos paizes mais avançados da Europa, sem augmento de despeza.

Viagens e todas as despezas por conta do Collegio, mediante o pagamento d'uma annuidade fixa, cuja importancia não é superior ao total das despezas a pagar em collegios portuguezes.

Pedir prospectos ao director.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 1 de novembro de 1913 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* (Antiga R. da Rainha—Braga) | Numero 18 — Anno I

BARCELLOS—Capella-mór da egreja do convento de Villar de Frades

(Cliché do phot. am. F. Soucasaux.)

Chronica da semana

XVIII

Cerremos o olhar n'esta hora, ante a dôr de tantos, e elevêmo-nos acima, muito acima, do quadro de vindicta logica que ahi se desenha, e ameaça perpetuar-se periodicamente.

Alcemos os espiritos a outras espheras, d'onde a patria se visione livremente, na sua total complexidade, porque o problema que ella representa, não é de solução que se encontre nas retaliações dos partidos nem nas questiunculas de confrades.

Tem-se dicto e redicto que o paiz carece de reformas; e ninguem mente quando o assevera. Esta reformação não póde, porém, operar-se a golpes de cimitarra, antepondo como condição da sua viabilidade um novo colorido de taboletas.

Ha um verme roaz a envenenar as raizes da sua existencia:—uma carencia absurda de convicções, um fundo moral que se desgasta, uma intelligencia commum que delira nos primeiros assomos da loucura e da idiotia.

Se n'este paiz, o raciocinio fosse mais sereno e mais claro, se os arrancos da sua meridional paixão fossem temperados pela opportunidade e pela necessidade bem comprehendida d'uma salvação geral que abrangesse a gregos e troianos,—já não veriamos a anarchia governativa uivando contra sua mãe, que é a anarchia do povo; já a dôr não apagaria o lume sancto de muitos lares; já se haveria callado a voz da violencia, e seria mais accelerada e mais efficaz a marcha do progredimento nacional.

Não somos atreitos a pessimismos, mas certo é que a revezes nos perpassa, ante a alma conturbada, aquella phrase de Chamberlain sobre as nações moribundas.

Digam-nos o que lucrou o paiz com as organisações revolucionarias e as furiosas arremettidas do poder, e como é possivel uma reforma no paiz, sem uma longa preparação civica que renove as suas qualidades e virtudes tradiccionaes?!

Digam-nos o que aufere a causa da realeza com milhares de lagrimas, e o prestigio das instituições com dictaduras funambulescas?!

Porque espera o paiz? perguntava Moreira d'Almeida quatro dias antes do movimento revolucionario abortado. Por nada, responderia elle, se consciencia tivesse para comprehender que não lhe convém a paz de pantano em que apodrece.

O paiz não tem outra attitude, senão a dos condemnados que a morte vem pouco a pouco asphixiando, e que de braços cruzados pacientemente aguardam a suprema expiação distillando o derradeiro escarneo.

Não pertencemos, felizmente, ao numero d'esses burguezes de ventre inflado, que veem as necessidades communs e impreteriveis pelo preço do bacalhau ou pela somma do ordenado que recebem; não nos contamos entre os corrilhos de abastardados portuguezes, filhos legitimos d'um liberalismo traidor que invadiu Portugal em 34, que aplaudem todas as covardias comtanto que não os accordem da somnolencia das séstas, nem lhes perturbem as suporosas digestões de giboias.

Queremos a coragem das opiniões, a franqueza de caracter, palpitando sob o panno de todas as fardas! Queremos a intransigencia de convicções, intelligentemente firmadas.

Mas abominamos os exagerados, os desvairados de qualquer facção que provocam a desunião nacional e hão-de, por, fim atirar á sanha das estranhas cubiças da primeira hyena que nos accuda ás fronteiras, em vez de um punhado de bravos, em vez de uma nação armada de heroicidades florentes, de galhardias sãs, vibrante como o grito das coleras de oito seculos de independencia—um osso esburgado ou um espantalho de pardaes...

F. V.

A' memoria de minha mãe

Na dôr, na magua intensa que ora sinto
Meu coração de filha atravessar,
Quando o morto prazer vem devorar
O desgosto cruel, lobo faminto;

Do pensamento atroz no labyrintho,
Se os olhos para o Céo ouso elevar,
Mysteriosa mão me vem guiar,
Fazendo-me esquecer o goso extincto.

Aos pés do Omnipotente ergo uma prece,
Escuta commovido. A sua bondade
Embala minha dôr, logo a adormece.

Que seria, meu Deus, da humanidade,
Se tua mão piedosa não viesse
Adoçar as agruras da orfandade?

Braga, outubro de 1913.

Elvira Neves Pereira.

Perdida!...

Som derradeiro d'um eterno canto
Onda sonora que a gemer se esváe,
D'ameno dia moribundo encanto,
Astro que longe, muito longe, vae:

Illusão morta, fonte d'este pranto,
Que noite e dia dos meus olhos cae!
Ouves ainda o brado que levanto
E que do afflicto coração me sáe?...

Se comprehenderas a saudade immensa
Que n'estes versos tristes se condensa,
Se comprehenderas este infindo amor!...

Talvez que não ousasses apartar-te
De quem, se era ditoso por amar-te,
Ai! por perder-te, á vida tem horror!...

João do Outeiro.

A PRAGA

ESTAVA a expirar o adusto dezembro.

O sol ardia desde outubro com o furor inclemente de um castigo, seccando as fontes, mirrando os extensos campos tristes onde o gado mugia, extenuado e magro, levantando para o ceu fulvo os grandes olhos mansos e resignados. Ventos aridos abrazavam como o halito da natureza em febre. Pairava um cheiro forte e acre de queimadas e os dias, tacitos e longos, de um esplendor vivissimo, pela hora média velavam-se de uma nevoa fina como a evaporação tremula de um fogo. A alma canóra e meiga das florestas desertara acossada pelo flagello ardente e era tão extraordinario o apparecimento de passaros durante os rispidos calores que o chilro d'uma camaxirra ou o chalrado d'uma jandaia eram tomados alegremente como presagios felizes.

O terror alarmara os sertanejos supersticiosos. Era tal o desanimo que todas as almas desesperadas, n'um mesmo impeto de fé, voltaram-se para Deus com tamanho ardor que, mesmo dos campos, á luz caustica, d'entre o rumor bucolico dos rebanhos, subiam córos religiosos dos vaqueiros; e nas fontes, onde subsistia um pouco de verdura, velhas negras escravas emborcavam os pucaros e caladas, contemplativas, esquecidas do tempo, fica-

OS NOSSOS BISPOS

D. Augusto Eduardo Nunes, venerando Arcebispo de Evora

Nasceu em Portalegre em 31 de março de 1849; eleito Arcebispo titular de Perge em 13 de novembro de 1884, e metropolita de Evora em 1890.

vam olhando o lento e escasso esfiar d'agua, atolando os pés na areia encharcada onde cães morrinhentos offegavam estirados, farejando, com volupia, o frescor da humidade.

Pescadores, descendo e subindo o rio, cantavam saudações ao propicio anno novo, singrando ao sabor da brisa sertaneja leve, impregnada do cheiro quente do rastolho. Em todos os cantos havia a mesma prece ao Senhor para que o anno que vinha fosse melhor que o velho, que entristecera tanto lar e banhara de lagrimas o rosto a muita creatura victimada no affecto pela peste que flagellara o sertão verde e virgem, sempre sadio e viçoso, tão desbravado entretanto n'esse bissexto expirante.

Logares deliciosos, sitios de amena e appetecida sombra, preferidos de todos para as preguiçosas séstas do meio-dia, nem o mesmo gado procurava; murchos, pecos, arrasados pelas soalheiras, não mais floriam—tinham sido tomados pelos mortos que alli iam dormir o ultimo somno e, em vez das madresilvas e das rosas silvestres, ramos de flôres bravas mirravam na solidão engrinaldando funebremente os cêpos das cruzes, em cujos braços seccos, á tarde, ao luzir das primeiras estrellas, rolas iam chorar sentidas saudades tristes.

Velhas senzalas ermas, escancaradas ao tempo, apodreciam sem que ninguem as procurasse a não ser o cão familiar que errava entrezilhado, ganindo a sua tristeza e a sua lepra, saudoso e faminto, farejando os caminhos d'antes trilhados pelo dono e recolhendo, á noite, ás cinzas frias do borralho domestico. E continuamente, n'um dobre funebre o sino de Santa Eulalia espalhava pelo fundo sertão os seus soluços de bronze.

Nossa Senhora da Piedade

Esta imagem de Nossa Senhora da Piedade venera-se em uma ermida situada no cume de um outeiro, a pequena distancia da notavel villa de Loulé.

E' extraordinaria a devoção dos povos, não só do concelho de Loulé como de quasi todo o Algarve, para com a Virgem da Piedade.

Ao crepusculo evolava-se do sitio um cheiro mystico de incenso e de myrrha e subia de todos os tectos, como de thuribulos, a espiral azulada das defumações que se faziam para enxotar a peste emquanto as velhas religiosas desfiavam rosarios correndo a casa, tremulas, ao ciciar das rezas, varrendo os cantos com a vassourinha benta ou com feixes de palmas das que alastraram o caminho de Jerusalem quando o burrico paciente que Jesus cavalgava trotou nas pedras da cidade dos lirios.

Longe, no fundo sombrio do horizonte de serras onde o sol vertia os raios derradeiros, roncavam, merencoreas e lugubres, as guaribas soturnas e, de espaço a espaço da solidão calma dos profundos valles vinha, n'uma ondulação de gemido, magoada e enternecida, a toada da cantiga dos tropeiros que desciam, rumo da cidade, tangendo a cavalhada.

E as noites, de uma impassibilidade morna, cahiam sobre os campos ameaçando com as estrellas o proximo amanhã calamitoso e flammineo.

Se alguem adoecia, como a esperança fugira de todas as almas, os parentes reuniam-se em conselho e, emquanto o enfermo agonisava, com os olhos abrazados de febre fixos no registro do crucificado, pendente do muro, entre rosas murchas, discutia-se o logar do enterro, lembravam-se paragens á margem molhada e sempre em sombra da fonte da Saudade ou o alto de uma collina guardada por um ingazeiro que elle tanto procurava quando era de levar ovelhas ou mesmo para pensar, afastado e só, entre as hervas de bom cheiro que florescem pelo Natal. E antes que expirasse já a sua alma estava encommendada á clemencia de Deus e, para envolver-lhe o corpo, a mais carinhosa das mulheres perfumara um lençol de linho com alecrim do campo e favas de baunilha.

Nas culturas mortas amarellecia ao tempo a palha dos milhos seccos e era muito vêr-se reluzir ao sol a foice de um captivo roçando o matto, de onde fugiam aos galões, tontas e espavoridas, cotias timidas. O verde e tenro arroz novo morria nos tremedaes resequidos e os papagaios chalravam famintamente nas ramadas dos ipês folhudos, pontilhados vistosamente de pequeninas flôres de ouro.

Campeiros, por mais ousados que fossem, temendo o sol negavam-se a pastorear, protestando todos com a mesma phrase sinistra feita á morte: «A *bicha* anda damnada por ahi...»

atrás das outras, estalando os bicos, aos pés juntos, hirtos, duros como flechas.

O sol ardia flammejante, côr de ouro, no ceu fulgido.

De tempos a tempos, pelo meio-dia, vinha das bandas das serras, um rumor surdo, um ronco longinquo de trovão—amontoavam-se nuvens plumbeas, outras brancas, muito claras, resplandeciam; cahia um silencio pesado e adormecedor, a calma envolvia tudo; os ruidos augmentavam de vibração —retumbava. De repente uma larga sombra varria a terra; escurecia. O ceu tomava uma côr negra, amontoavam-se rolos de nuvens tumidas, sentia-se como que um oceano suspenso —era a chuva que vinha. Mas, para a tardinha, um vento de fogo espanava o espaço e, rubra, enorme, silenciosa, a lua nascia, da côr do sol, e ia subindo, sinistra e sanguinea, empallidecendo e diminuindo aos poucos. As preces continuavam e, pela noite alta, uma velhinha santa sahia á varanda da casa que os *senhores* haviam abandonado, fugindo á epidemia e, de instante a instante, clamava no silencio badalando uma campana:

—Misericordia, meu Deus! e em toda a redondeza no côro repetia profunda, mysteriosamente: «Misericordia!»

PORTO—As ultimas corridas. Partida dos corredores em motocicletas

Lento e lento, uns após outros, foram desertando todos os camaradas de sorte que o gado, acostumado a pastar nas campinas viçosas, mugia e balava esquecido no espaço estreito de um cercado velho, mordendo o capim que lhe jogavam aos feixes, ruminando brotos rachiticos nascidos na terra fossada pelos bacoros, empastada de lama onde zumbiam moscas.

A's vezes, nas balsas que desciam o rio, impellidas a varejão por cinco ou seis negros reluzentes, de tanga apenas passada á cinta, levantava-se um berro gemebundo, e, quem olhasse, veria todos os braços fortes alçados para o ceu, alguns erguendo os varejões á maneira de lanças, os olhos altos, as boccas escancaradas, vozeirando o mesmo grito: «Valha-nos Deus!» que era um clamor de piedade para um companheiro que agonisava, estirado nos páos da balsa, o peito exposto á luz, zurzido de moscas, gemendo, emquanto as *ciganas* grasnavam nas margens, olhando os camalotes de aningas que desciam ao sabor d'agua e as garças finas, alvas, esguias, passavam no ar, umas

Partida dos ciclistas fortes

Abriam-se todas as casas, jactos de luz alastravam a terra e de novo, lenta e vibrante, a campana tinia.

Toda a gente de Santa Eulalia, ao mystico reclamo, corria ao terreiro claro, enluarado, onde o vulto da velha, negro e hirto, n'uma immobilidade de estatua, esperava como uma iniciada em extase. Vinham á frente as mulheres, a pequenos passos,

humildes, como um bando fraco de victimas seguindo para o sacrificio—caminhavam balbuciando, algumas com os filhos ao collo ou escarranchados ao flanco. Velhas fanaticas bradavam, parando de instante a instante para gemer supplicas, batendo pancadas brutaes nos peitos magros. Homens, n'um grupo cerrado, seguiam attrahidos, a cabeça baixa, calados e taciturnos.

Junto da velha prophetisa rustica paravam fazendo um circulo e ajoelhavam-se. Todos os braços agitavam-se n'um mesmo movimento, vozes soturnas resmoneavam acompanhando a uncção do «Pelo signal!»—depois cahia um silencio tragico quebrado abruptamente pela voz emphatica e prophetica da velha tirando a reza, até que, n'um reboante e formidavel côro, todas as vozes cantavam alto na quietação do luar para que a prece fosse além dos astros, muito além, até Deus, o dominador das pestes, o bemfeitor dos mundos.

Um vento forte curvava os ramos; repetia-se o côro no murmulho das arvores. Não longe cães errantes uivavam.

Leopoldo Futscher, vencedor do 1.º premio

A retirada fazia-se lenta e gravemente, como em scenario.

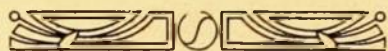
Subito, todas as luzes desappareciam e, isolada, mais funebre, a campana, pela ultima vez, tinia.

Corria um sussurro surdo: era como a passagem macabra da Peste.

COELHO NETTO.

A canção da pereira

I. — Havia no extremo da aldeia uma pereira grande: parecia na Primavera um ramo de flores. A casa do jardineiro era ao lado do caminho; tinha uma porta de pedra que semelhava um castello. Perrine era a filha do jardineiro. Eramos noivos.

Partida dos ciclistas fracos

II.—Tinha dezesseis annos. Como eram rosadas suas faces! Foi sob aquella pereira que lhe disse: Perrine, minha Perrine, minha Perrine, quando nos casamos?

III.—Tudo n'ella sorria: seus cabellos brincando com o vento; seu talhe esbelto; seus pés calçados em pequeninos sóccos; suas mãos, que faziam descer os floridos ramos para aspirar as flores; sua fronte pura; seus alvos dentes entre os seus labios rubros. Ah! amava-a!—Nossa boda será para o S. Miguel—me disse—se não fôres soldado do imperador.

IV.—No dia do sorteio accendi uma vela, porque me feria o coração a ideia de partir para longe d'ella. Louvada seja a Virgem! tirei o numero mais alto. Mas a João, meu irmão de leite, tocou mau numero.

Encontrei-o chorando e dizendo:—Minha mãe! Pobre mãesinha!

V.—Consola-te, João, que eu sou orphão. Não queria crêr quando eu lhe disse:—Vou partir por ti. Perrine veio fallar-me no portão com os olhos cheios de lagrimas: eram mais bellos que o seu sorriso. Ella me disse:—Fizeste bem; és bom: vae querido Pedro, eu esperarei.

VI.—Direita, esquerda, direita, esquerda, accelerado! Avante, marchem! Chegamos d'esta sorte até Wagram! Pedro, firme! eis o inimigo. Vi uma linha de fogo. Quinhentos canhões troavam sem cessar: o peito estava oppresso pelo fumo, o pé escorregava na sangueira.

Eu tive medo e olhei a traz.

Antonio Joaquim Ferreira, vencedor do 4.º premio.

(Clichês de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

VII.—Para traz estavam a França e a aldeia; e a pereira cujas floras em fructos se tornaram.

Louvado seja Deus!—Avante! Direita, esquerda volver! Apontar, fogo! A' bayoneta!—Ah! Ah! Bello recruta! — Rapaz, como te chamas? Pedro, senhor.—Faço-te cabo.

VIII.—Perrine! Minha Perrine! Cabo! Viva a guerra! São de festa os dias de batalha! Para subir no exercito basta marchar. Direita, esquerda! —E's tu, Pedro?—Sim, Magestade! Colhe umas divisas.

Havia muitas nos braços dos cahidos.

IX. — Obrigado, senhor e até Moscow. — Na enorme planicie de neve, um caminho orlado de cadaveres; aqui o rio, alli o inimigo: d'ambos os lados a morte!

—Quem põe em linha o primeiro pelotão?—Eu, senhor!

—Sempre tu, capitão. E deu-me uma cruz de cavalleiro.

X.—Louvado seja Deus! Perrine, minha Perrine, vaes ficar orgulhosa de mim. A campanha terminou; tenho a minha licença. Tocam os sinos ao nosso casamento! O caminho é longo, mas vae longe a esperança. Alem d'esse monte está a minha aldeia. Já vejo o campanario, parece que o sino toca.

XI.—Toca. E a pereira? O mez das flores chegou e sem embargo não distingo o ramo florido. N'outro tempo via-se de longe; então estava erguido. Tinham cortado a arvore de meus amores. Teve flores, as flores tão bellas, mas seus ramos dispersos jaziam pelo solo.

XII.—Porque repicam, Matheus? — Para uma boda, senhor capitão. Matheus não me conhecia já. Uma boda! dizia a verdade. A noiva era Perrine, minha Perrine, alegre e mais bella do que antes. João, meu collaço, era o noivo.

XIII.—Ao meu redor diziam todos: «Amam-se». —Mas, e Pedro? perguntei. — Qual Pedro, respondiam. Tinham-me esquecido já.

XIV. — Ajoelhei á porta da egreja. Roguei por Perrine e por João: tudo o que eu amava. Concluida a missa colhi uma flor da pereira, pobre flor murcha, e continuei meu caminho sem olhar para traz. Louvado seja Deus! Amam-se: serão felizes.

XV.— Senhor. —Já de volta, Pedro? — Sim. — Tens vinte e dois annos, és commandante e cavalleiro. Dar-te-ei, se queres, por mulher uma condessa.

Pedro tirou do seio a flor emmurchecida, que da pereira despedaçada havia colhido.

—Senhor, meu coração é como isto. Quero só um posto na vanguarda para morrer como um soldado christão.

XVI.—Teve o seu posto na vanguarda. No extremo da aldeia existe a tumba de um coronel morto aos vinte e dois annos em dias de victoria.

Em logar d'um nome sobre a pedra, ha estas tres palavras: *Louvado seja Deus!*

PAULO FÈVAL.

Uma festa de arte

NÃO se apagam de todo ainda o echo dos brilhantes saraus e serenins, que outr'ora enchiam de gala os salões armoriados, por essa linda terra de Portugal...

D. Maria Julia de Meyrelles Gouveia

Aqui e além, alguma festa, cujo gosto se salienta mais apurado, acorda evocações da Renascença, quando a galanteria de nossos avós tinha espirito e leveza, e os punhos de renda não eram uma ficção graciosa...

Tal vem succedendo em Casaes-Novos, onde o sr. conselheiro Joaquim de Vasconcellos (Carvalho), cultiva, como timbre de familia, as tradições que aos fidalgos ensinam primores de delicadeza.

Casa de Casaes-Novos

N'esse recanto privilegiado d'Entre Douro-e-Minho, por onde já cantou as suas magoas o magoado poeta que foi Antonio Nobre, realizou-se, ha dias, com uma assistencia distincta e numerosa, uma elegante festa de homenagem á sr.ª D. Maria Julia de Meyrelles Gouveia.

Quem teve a felicidade de assistir a essa reunião, certo que não esquecerá as enlevadas horas de prazer espiritual, ali vividas, entre sorrisos e flôres, n'uma atmosphera de sonho...

O programma do sarau, superiormente organisado e executado, era de molde a satisfazer as mais requintadas exigencias estheticas.

Ao lado da *Marche du Taunhäuser* de Wagner, intensa de rythmo e colorida de harmonia, cahiram bem os versos rendilhados da *Zara,* realçados pela dicção primorosa de interpretes amadores e por um esmerado escrupulo de scenario e guarda-roupa.

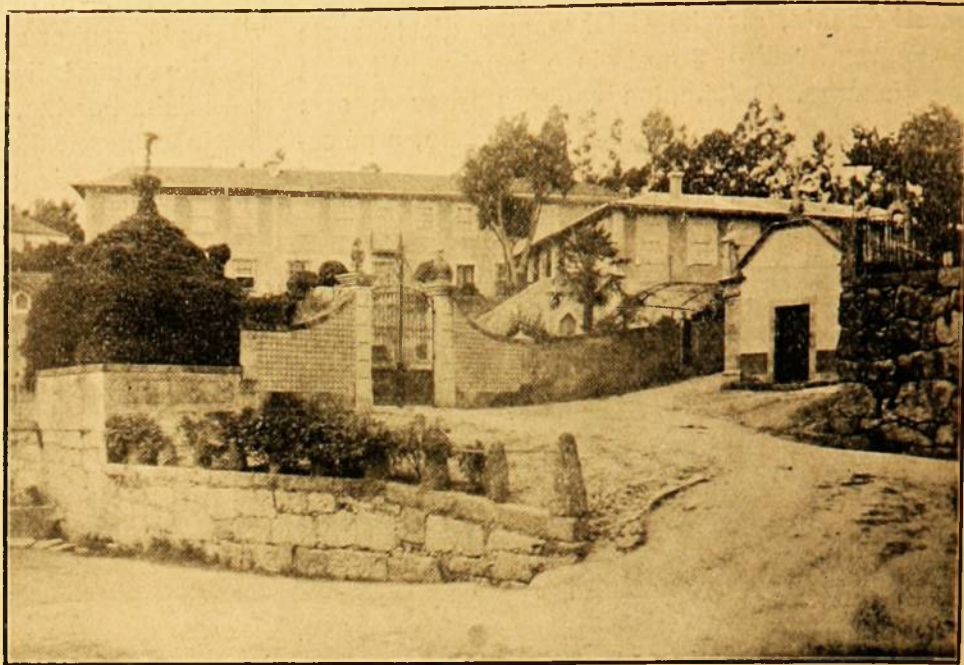
Abordando um episodio curioso da Reconquista christã, o P.e Donaciano d'Abreu Freire, — um novo de talento singular, ao mesmo tempo orador sagrado e poeta, cuja larga inspiração se vem authenticando gradualmente desde o *Regresso da Peccadora,* ha mezes publicado, — conseguiu pôr em confronto, n'uma antithese frisante, duas almas, que o mesmo ideal de amor illuminava: *Zara,* ardente filha do deserto, vinda d'um paiz onde o sol põe fogo no olhar e nas paixões, e *Florinda,* a personificação feliz do amor — resignado, occultando na sombra do convento o coração, que uma illusão desfeita amortalhou de lucto...

Para que os leitores possam avaliar o merito litterario do original *lever-de-rideau,* a *Zara,* transcrevemos para aqui um trecho da ultima scena, onde a coragem moral de uma virgem christã se manifesta e sublima, n'um piedoso gesto de renuncia:

SCENA XI

Conde

Então diz lá, Florinda, o teu pedido em paga
Da alegria que tenho em vêr este noivado.
Mas não te quero assim: dorida como chaga,
Triste como quem fez grandissimo peccado!

Cedo perdeste a Mãe!... Quero ser o primeiro
Em vêr-te satisfeita e alegre como aquelles.
Que querias pedir tu?

Florinda

Entrar para um mosteiro,
Para rezar por vós, para rezar por elles...

E para ser na terra uma piedosa crente,
Amando para a morte e amando toda a vida
O Noivo que não morre, o Noivo que não mente
E' santo o meu ideal: quero ser attendida!

Conde

Que pedes, filha?! Essa razão delira!...

Florinda (ajoelhando)

Meu Pae, a vida é curta, e misera, e mesquinha.
E' mentira a ventura, a vaidade é mentira...
Vivem da sua dôr as almas como a minha...

Quero entrar n'um mosteiro, esse seguro encanto,
Ninho d'almas do céo, de lagrimas enxuto,
Arca de Noé do diluvio do pranto,
Sacratissimo lar dos corações de lucto...

Conde

Bemdito seja Deus, que me arrebata a filha!
Seja o que o céo quer... Farei o teu pedido...
Deixa beijar-te a fronte, ó alma-maravilha!
Iremos ao mosteiro: o abbade é conhecido.

. . . .
. . . .
. . . .

P.e Donaciano d'Abreu Freire, auctor da "Zara"

In erpre es de «Zara» : *da esquerda para a direita,—Antonio G. de Vasconcellos, D. Julia de Vasconcellos Gouveia, Julio G. de Vasconcellos, D. Maria Antonia de V. Gouveia, José G. de Vasconcellos. D. Maria do Carmo de V. e Menezes, Rodrigo de V. e Menezes.*

Scena final da «Zara»

Sentimos não poder reproduzir inteiramente a *Zara*, cuja interpretação, confiada a amadores distinctissimos, foi coroada de muitos e bem merecidos applausos.

E bem assim os demais numeros do programma, a destacar um delicioso trecho de Rossini, em harmonium e piano, pela sr.ª D. Maria Antonia de V. Gouveia, e o Alegretto de Schubert, executado com rara perfeição pela sr.ª D. Maria do Carmo de V. e Menezes, que fechou com chave d'oiro a segunda parte do sarau.

Seguidamente á parte litteraria e musical, passaram os convidados a nova sala, profusamente illuminada e decorada, n'uma formosa disposição artistica, onde as manchas coloridas de begonias tuberosas, fazendo realçar as pratas e os crystaes, se combinavam n'um conjuncto deslumbrante.

Ahi foi servida uma ceia volante, primorosa, como tudo o em que preside a gentileza e o bom-gosto dos illustres donos da casa de Casaes.

Uma fonte no terreiro de Casaes

E após, começou o baile, que decorreu animado, dançando-se com *entrain* até de madrugada.

Foi, em tudo e por tudo, uma festa que marcou, e de que todos os assistentes levaram inesqueciveis impressões, relembrando com prazer a fidalga hospitalidade do sr. conselheiro Joaquim de Vasconcellos e de sua muito virtuosa esposa, a sr.ª D. Maria Francisca de Meyrelles Gouveia.

E foi, sobretudo, uma justissima homenagem á senhora D. Maria Julia de Meyrelles Gouveia, senhora que pela bondade subiu tão alto, que de toda a sua vida ha feito uma grande, commovedora lição de belleza moral...

Porto, outubro de 1913.

JOÃO RUELLA RAMOS.

SAUDADE

Felizes os que morrem no Senhor.
ESCRIPTURA SAGRADA.

ESPARGIR flôres sobre a sepultura dos nossos queridos mortos, é um dever sagrado que nos impõe a saudade n'esta *Via Crucis* de lagrimas, que é a Vida.

Espargir flôres sobre a campa dos que partiram para Além-tumulo, é dizer-lhes que o nosso espirito os acompanha n'essa cidade, que não carece de sol nem de lua, porque a alampada do Cordeiro os illumina e onde vivem felizes na beatitude eterna, emquanto nós, soffrendo a angustia de os ver partir com o coração a sangrar, nem sabemos olhar para o Céo, d'onde elles nos sorriem...

Tambem nós em piedosa romagem, vimos hoje depôr um ramo de lyrios, sobre a campa de Maria da Conceição Pinheiro Torres e Almeida, já coberta pelas flôres da saudade.

D. Maria da Conceição Pinheiro Torres e Almeida

(Fallecida em 28 de agosto de 1912)

Adejando apenas sobre a terra e vinda do Céo, para lá voltou a sua alma branca e pura como a flôr querida de Jesus.

Era a sua figura tão gentil e suave, tão doce e magoado o lindo olhar, expressão d'uma alma que parecia ver o mundo com lembranças do céo...

Ella tinha o dom da serenidade que exprimia nas suas palavras angelicas, mitigando as dôres d'alma que tanto nos affligem n'este valle de lagrimas.

Escrever a historia da sua passagem pela terra, seria cantar um hymno de louvor a Deus, pois ella deslisou no mundo fazendo bem, consolando os tristes, vestindo os nús, e dando paz aos que viviam na tormenta d'este mar revolto.

Podiamos dizer d'ella com Jesus: bemaventurados os mansos porque d'elles é o reino dos Céos.

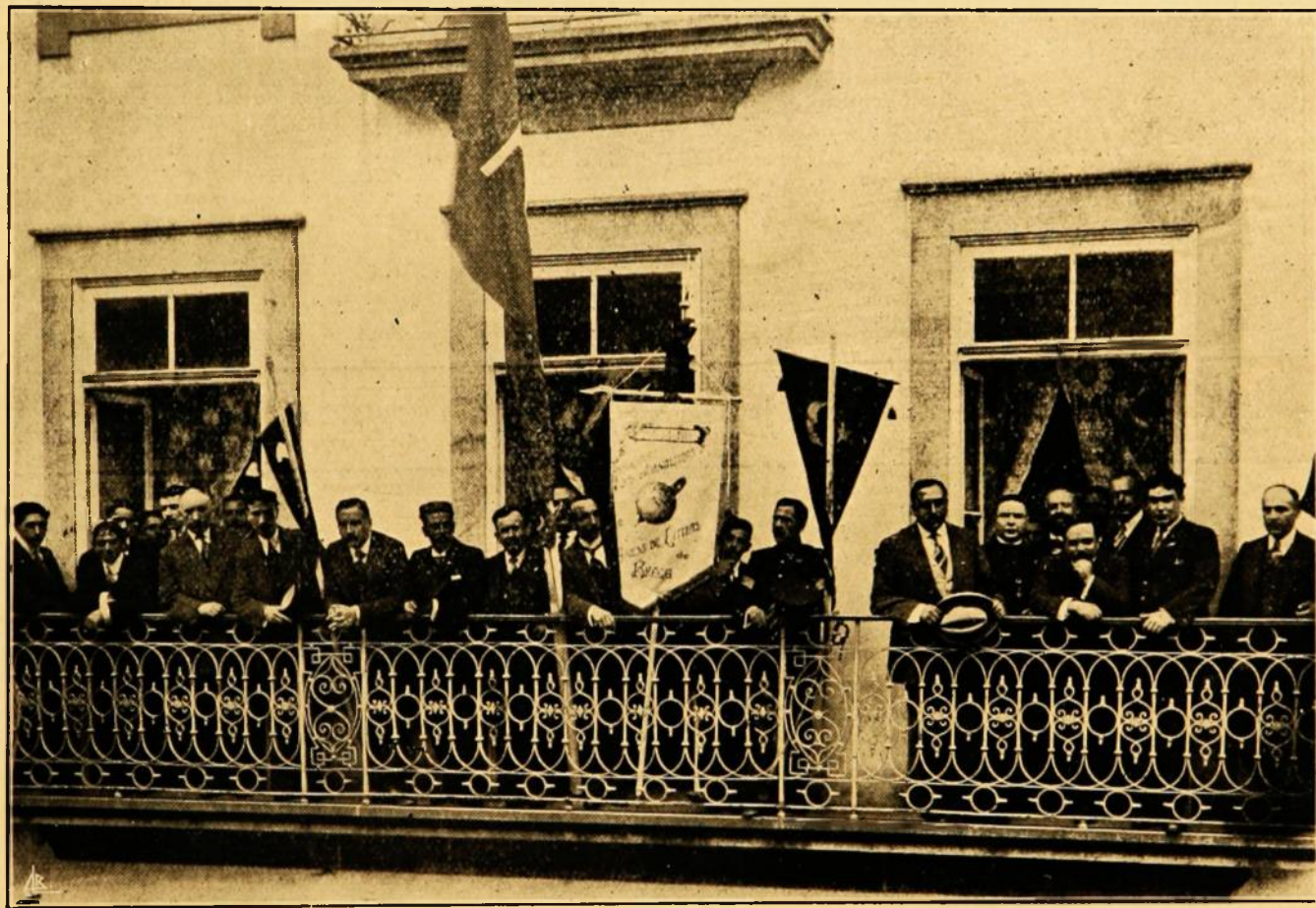
Maria Pinheiro tinha a candura dos espiritos celestiaes, a caridade das santas, a fé das martyres; morreu, quando tudo na vida lhe sorria, abraçando a Cruz, resignada.

E' no lyrio, a flôr predilecta de Jesus, que nós pensamos, quando nos acode ao espirito a visão encantadora que partiu ha um anno, para ir receber a palma dos bemaventurados, onde a esperava o seu querido e santo Pae, o sabio e benemerito Dr. Antonio Maria Pinheiro Torres e Almeida.

Deixemos desabrochar as flôres da saudade, regadas com o orvalho celeste e soluçar a nossa dôr em pranto commovido, mas não esqueçamos, que em noites escuras, scintillam as estrellas com mais fulgor e hoje, na escuridão da nossa alma, brilha a esperança, de que um dia veremos os nossos queridos mortos, para lá do azul extenso do Céo, com estranho esplendor.

Dia de finados, 1913.

MARIA SALOMÈ,

Passeio dos jornalistas bracarenses

BARCELLOS—Os jornalistas bracarenses na varanda da Associação Commercial

No dia 19 de outubro foram a Espozende, em amena digressão, os membros da nascente associação dos *Jornalistas e Homens de Lettras de Braga*.

Esperados pelos jornalistas de Barcellos e pela Associação Commercial d'esta villa, foram recebidos carinhosamente no edificio social d'esta prestimosa collectividade, á janella da qual se photographaram após a sessão de boas-vindas.

Em Espozende receberam-nos com uma amabilidade que excede todo o encarecimento, vendo-se engalanada em seu obsequio a formosa villa. Realisou-se uma sessão solemne na Camara Municipal, e depois um passeio aos «Cavallos de Fão», bello local para ser construido um porto, de cujas optimas condições hydrologicas fallam justamente os entendidos na materia.

A seguir houve reunião junto do monumento de Sampaio, distincto copo d'agua no edificio dos soccorros a naufragos, visita ao Theatro-Club, ao *Espozendense* e a varias collectividades e personalidades.

De varios aspectos da visita são melhor referencia do que as nossas desataviadas palavras as gravuras photographicas que inserimos, e remettemos o leitor que deseje mais circumstanciada noticia para o relato de toda a imprensa, nomeadamente para as chronicas dos *Echos do Minho*.

Falta, porém, imperdoavel seria não agradecer

aos collegas de Barcellos e Espozende, á Camara Municipal d'esta e associações das duas formosas villas as extremas provas de delicada attenção com que muito honraram os jornalistas bracarenses.

ESPOZENDE—Partida dos jornalistas em visita aos "Cavallos de Fão„

ESPOZENDE—Os jornalistas de Braga, Barcellos e Espozende, junto ao monumento de Antonio Rodrigues Sampaio

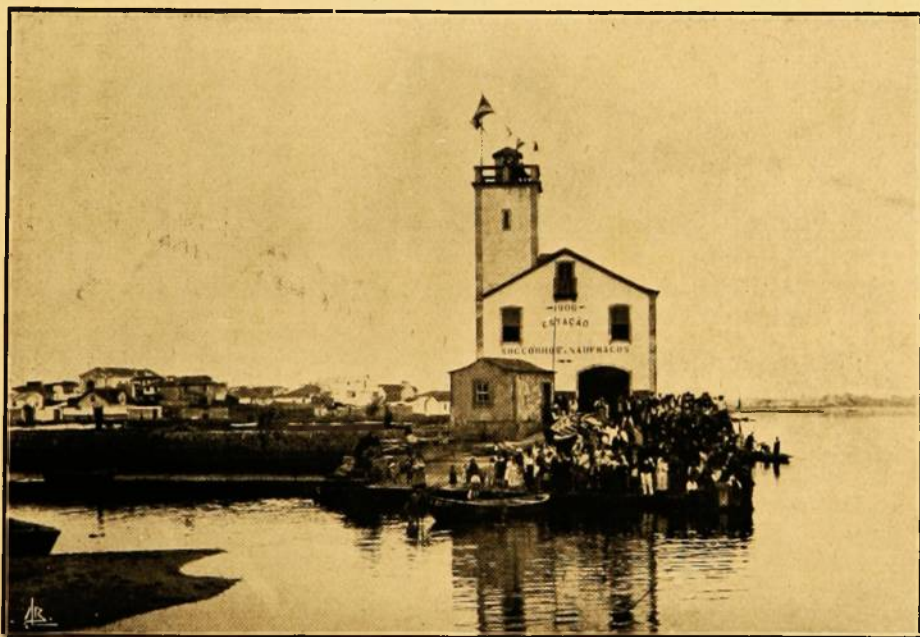
Fastos do Catholicismo

A aviação não é só o gigantesco esforço do progresso, o esplendido resultado de trabalhos scientificos, e grandioso monumento do valor humano. E' tambem campo aberto ao christianismo e acção catholica.

Brindejono des Moulines, é o celebre aviador francez que recentemente foi voar sobre o hospital de S. João de Deus para recrear os pobres doentes: o seu aeroplano foi solemnemente benzido por Mons. Gibier, no aerodromo Morane-Saulmier.

No acto da benção o illustre purpurado francez fez um discurso em que dizia, entre outras coisas não poder a religião desinteressar-se dos progressos da aviação. O ardente bispo francez saudou, como um futuro não remoto, o dia em que os apostolos das missões se servissem do aeroplano para levar o Evangelho e a civilisação aos povos mais longiquos.

ESPOZENDE — Edificio dos Paços do Concelho onde foi feita uma carinhosa recepção aos jornalistas.

(Clichés de J. J. Souza Guimarães.)

ESPOZENDE—O povo esperando o desembarque dos jornatistas

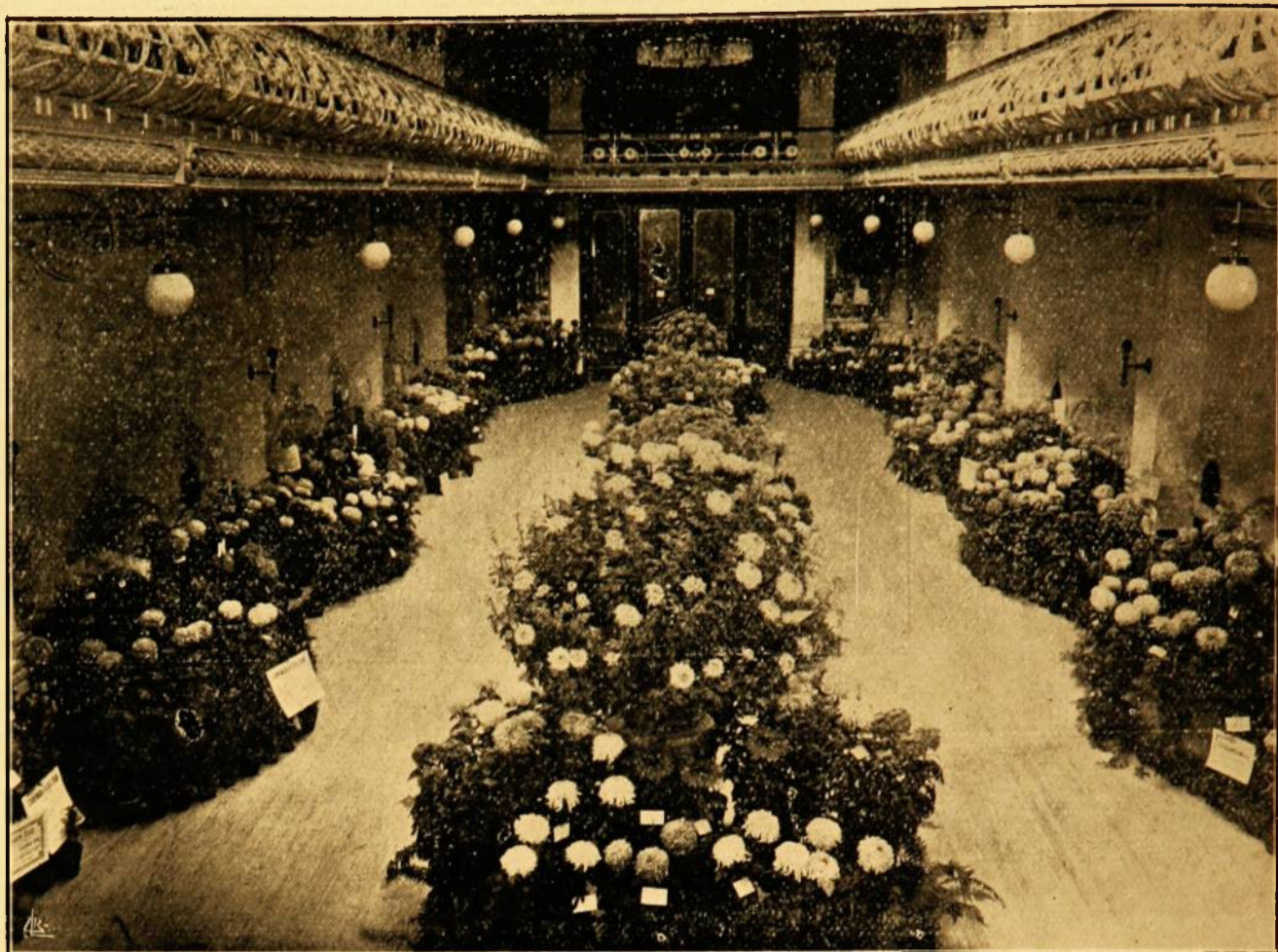
*

Os religiosos carmelitas tiveram uma ideia encantadora na sua simplicidade e symbolismo. Sobre as ruinas da torre de Babel que os homens suberbos edificaram poucos seculos após o diluvio, na esperança insensata de chegar ao ceu, ergueram uma imagem de N. Senhora das Victorias, abençoada pelo Papa. Eis como tantos e tantos seculos depois do seu pensamento, tem realisação o anhelo dos descendentes de Noé. Queriam elles chegar ao ceu por aquella torre, e ao ceu chegam na verdade por Maria, *porta caeli*, cuja estatua, obra do seculo 20 da era christã, se ergue sobre a obra do seculo 20 da era ante-christã.

Ao pé d'aquella torre effectuou-se a dispersão do genero humano; aos pés d'aquella torre mysteriosa que agora a emcima ha-de realisar-se a união de todos os homens.

PORTO--Exposição de chrysanthemos em Passos Manuel

O chrysanthemo Madame Carnot com 35 cent. de diametro

Expositores, srs. Alfredo Moreira da Silva & Filho

PORTO—Exposição de chrysanthemos no jardim de Passos Manuel em 19 de outubro de 1913. Um aspecto da exposição.

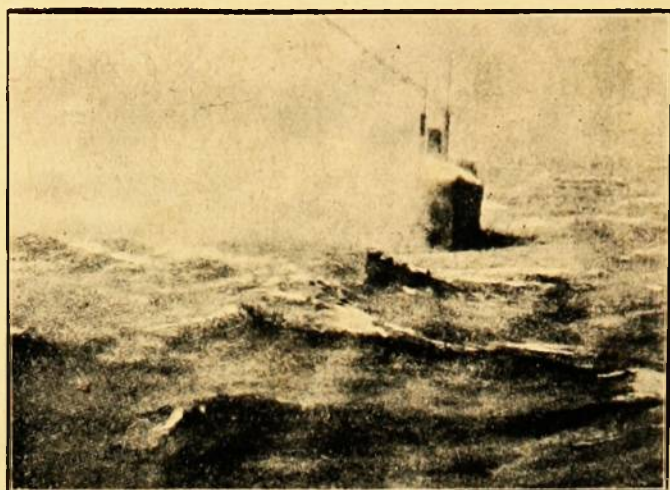
Exposição de chrysanthemos. Expositor o snr. Antonio Dias ao qual foi conferido o premio d'honra.

Exposição de chrysanthemos. Expositor o snr. Joaquim Moreira dos Santos.

Exposição de chrysanthemos. Expositor o snr. Luiz de Souza.

(Clichés do distincto phot. am. snr. Augusto Chaim Junior).

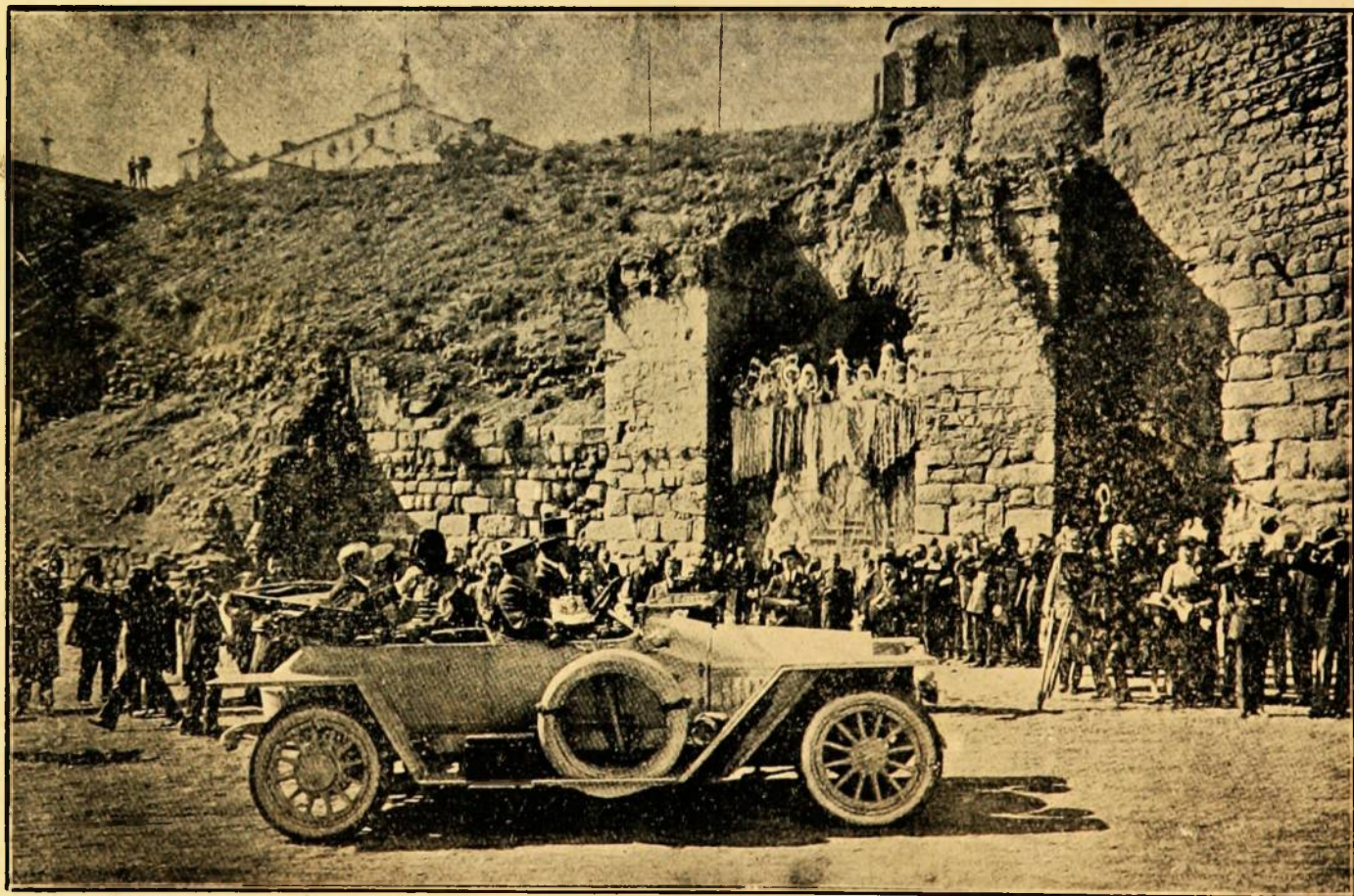
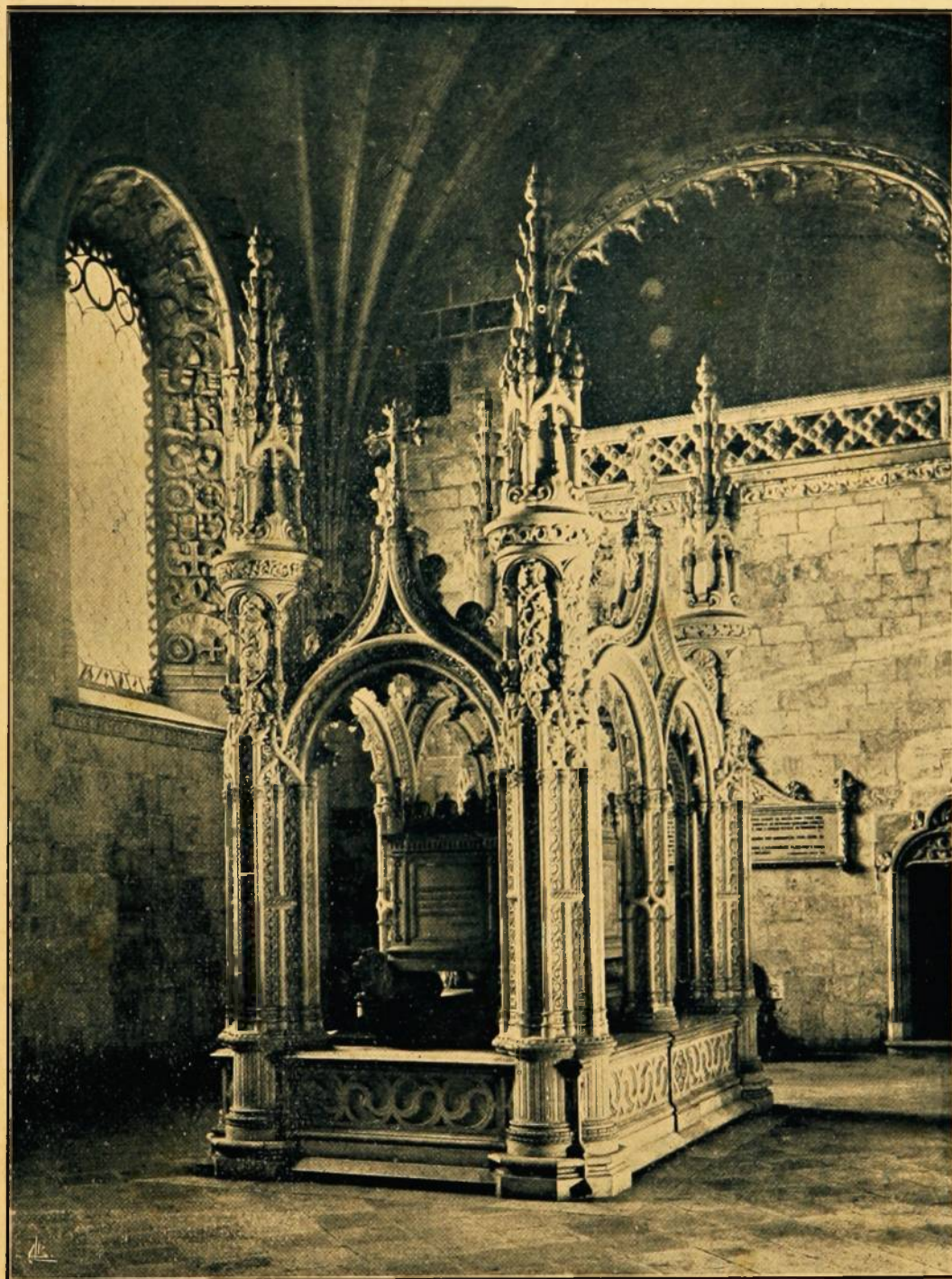
NOTAS DO ESTRANGEIRO

Um drama no mar

O paquete «Volturno»

Grupo de naufragos a bordo do paquete «Touraine»

O grande paquete «Volturno» da companhia *Urania* de Londres naufragou em pleno Atlantico a meio caminho da Terra Nova a Liverpool, em consequencia d'um incendio manifestado a bordo, causado por uma violenta explosão.

Apezar de todos os auxilios prestados crê-se que hão perecido duzentas e trinta e seis pessoas.

Poincaré em Hespanha

TOLEDO—O presidente da Republica Franceza e D. Affonso XIII são acclamados pelas damas ao chegarem ás portas da historica cidade

LISBOA--Jeronymos. Tumulo de Alexandre Herculano

(Clichê de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500

Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.

Numero avulso 60

Numero 19 Braga, 8 de novembro de 1913 **Anno I**

Collegio Povoense

FUNDADO EM 1907

POVOA DE VARZIM

Pensão annual — 120$000 reis

A MAIS LINDA PRAIA DO NORTE DE PORTUGAL

Estabelecimento modelar, optima installação, clima maritimo saluberrimo

Lecciona instrução primaria, curso geral dos Lyceus e curso commercial

Os alumnos habilitados por este Collegio tem obtido sempre bom resultado nos seus exames

DIRECTOR *Pe Manoel R. Pontes*

Artigos Photographicos

As maiores novidades em chapas, aparelhos, productos, cartonagens e papeis.

Fornecedores dos principaes estabelecimentos scientificos.

Photographia artistica
Photo-miniatura
Photo-pintura

Quarto escuro e machina de ampliação á disposição dos amadores.
Lições praticas de photographia.
Acabamento de todos os trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os artigos do seu commercio

Mandam-se catalogos gratuitamente. contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR
MAGALHÃES & CARVALHO
43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 8 de novembro de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 19 — Anno I

Nossa Senhora das Neves

(Esculptura de João Evangelista Vieira, artista bracarense)

Chronica da semana

XIX

Quem pensará na morte n'estes dias em que tudo parece hallucinado, em desvarios doentes?! Quem olhará as frigidas lapides d'um tumulo, se o grito estridoroso das paixões funestas parece haver chamado todas as attenções dos nossos compatriotas?!...

Talvez, porém, o resoar funereo dos campanarios e das torres das nossas cathedraes, evoque a recordação das vaidades do mundo, a voz dos mortos clame aos vivos a inanidade dos seus sonhos, e o pó das campas branqueie os seus cabellos! Talvez!...

Pois bem, pensemos n'ella! O mysterio attrahe-nos. Invisiveis existencias nos rodeiam, como olhares fuzilando na treva. Esta hora pertence á morte!

Ao pallido adeus da tarde agonisante e languida do outomno, fujamos aos vãos tumultos da terra e, sobre a face do tumulo impassivel, cingido de flores emmudecidas n'um soluço de mágua, vamos interrogar o silencio pesado do além!...

A solemnidade das tristezas segreda indefinidos pensamentos aos nossos espiritos, e o Campo-Sancto offerece ás piedades sentidas um incomparavel theatro de meditações lucidas e profundas.

Mas carpidas as lagrimas sinceras e piedosas sobre a memoria dos que Deus levou, esparsas as flores, erga-se o orphão, a viuva, a noiva magoada, o amigo, faça sobre ellas uma contensão vigorosa, e reconduza a mais largo horizonte o pensamento.

Vislumbre no cemiterio da sua terra todos os cemiterios da sua patria, faça com elles uma necropole gigantesca, marmorisada, phantastica, a que as alvinitencias do luar nevado dêem fórmas de sonho e a inverosimilhança das sombras, um monumento de rendilhadas lavrantarias medievas, em cujas brancas agulhas cante o vento de Portugal uma prece de seculos...

Então, o que foi explicará o que é, e desenhará o contorno vago do que será! A raça e o individuo encontrarão no seio do tumulo a sua definição, e a terra semi-cerrada representará as virtualidades do homem e da Patria!

A alma christã fraternisa com o tumulo, a festa dos mortos é a festa dos heroes e dos santos, a festa do povo, e, lirio albente, chamma da lampada d'um sanctuario, no montão de cinzas florirá uma esperança!

«Não é necessario dizer-vos que Deus nunca fére sem justiça e sem misericordia, e que o coração que elle parece esmagar, breve se reergue, pelo contrario, sob a Sua mão: chóro, mas eu amo: soffro, mas eu creio. Não me anniquillo, ajoelho-me!»—escrevia Veuillot.

Ah! este dia merece da nossa alma christã um hosannah! E que é um tumulo senão a passada de um dia na vida eterna, mais um degrau na escada mysteriosa que liga as gerações viventes ás gerações sepultas?...

Assim como a memoria e o espirito dos antepassados se prolongam n'uma familia, tambem a memoria e o espirito das multidões que a roçadoira funebre ceifou, se resuscitam na multidão que vive, e governam a patria. As luctas de hoje soam o mesmo fragor das disputas de hontem. O retinir de uma hora que passa, como folha ephemera cahindo dos ramos, no morno ar dos crepusculos outomnaes, alimento da terra humida que brotará novos ramos, — o retinir d'uma hora que passa, reflecte a batalha do passado a empolgar o presente. O portuguez de hoje é a conclusão dos portuguezes que o precederam, na escala da raça gloriosa e fulgente.

Olhada assim de alto a planicie longa, semeada de cruzeiros seculares, assignalando as jazidas d'um Egas Moniz, d'um Nun'Alvares, d'um Gama, d'um Albuquerque, de Camões, e de tantas outras columnas da apotheose rubra do velho Portugal, é de memorar n'este dia dos Mortos o destino dos vindouros. Avergôa-nos a cerviz a responsabilidade das acções que praticamos, é verdade. Mas o pensar nos exemplos de virtude santa, de brio heroico, ou de desgraça fatal, de desacertos e vicios, — ensina-nos uma alta licção de dignidade civica e de coragem moral. Qual a sua basilar affirmação? A radiação forte da Cruz accendendo as scintillações friamente energicas da Espada — a Religião e a Patria. Tudo o que transviar d'este principio benefico que garante a perduração da nossa independencia, da nossa unidade territorial e moral, como nação distincta e determinada, — perece e dilue-se como estolida concepção. Não o poderão negar os arautos d'um fementido credo que vê na religião o espectro do clericalismo e na patria o do militarismo aventureiro...

...Dia dos Mortos!

Nós sentimo-nos *um só* com os que Deus levou! Nós somos o despertar das humanidades adormecidas, a floração d'um sepulchro historico. O pó que calcamos, elaborou na retorta do Tempo a energia salutar que nos agita! As nossas gargantas sabem ainda estalar em gritos de loucura épica como os guerreiros que talharam na peninsula a Lusitania bella, ou modular o cantico suave dos seus trovadores, e a toada melancolica e branda dos seus idyllios!...

Portanto, como diz Bernardes, *levantae esses braços descahidos, confortae esses giolhos desmanchados e fazei sahidas direitas a vossos passos!...*

F. V.

Este mundo é um vasto e complicado labyrintho, em que o homem se perde, se a religião o não guia, e a virtude o não acompanha.

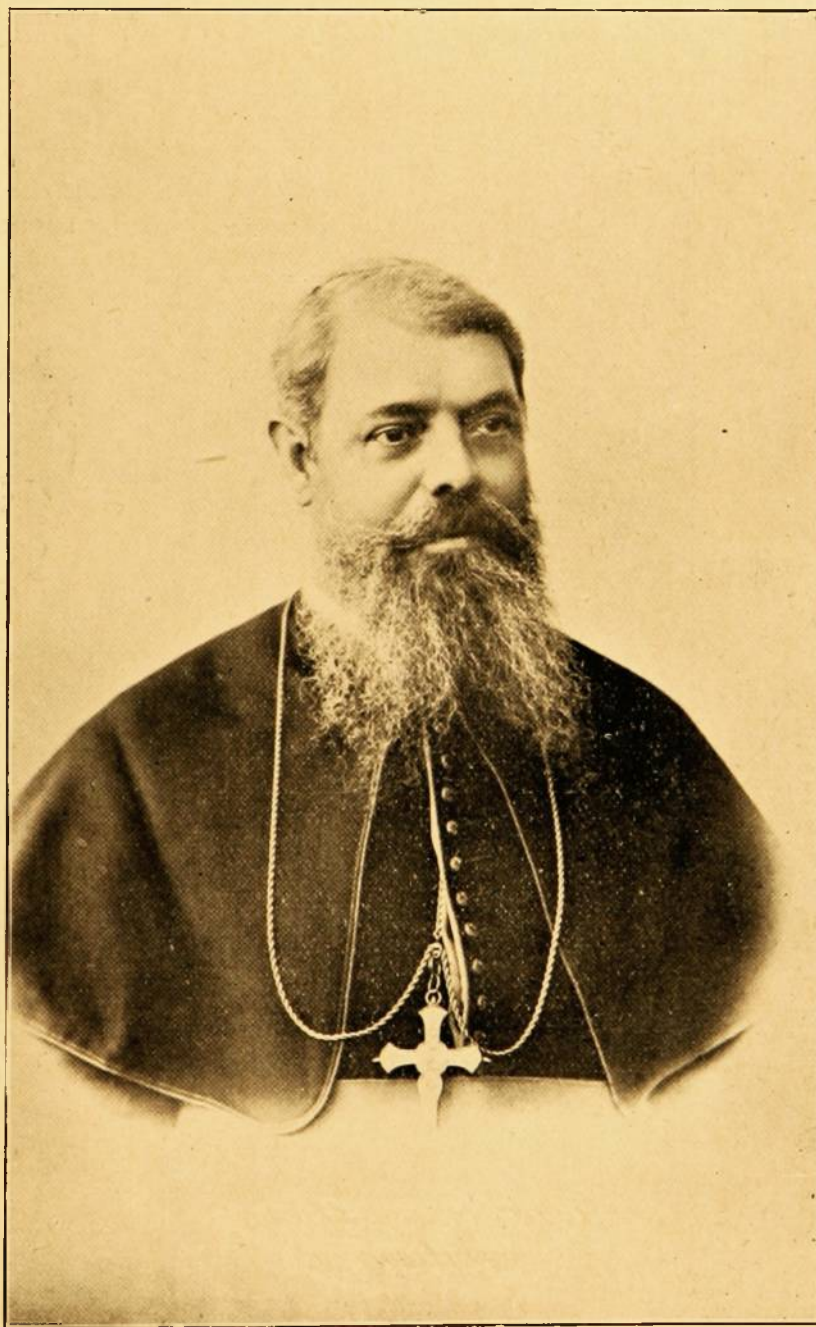
O nosso plebiscito

Encerramol-o, como avisamos, no ultimo dia de outubro, para que todos podessem pronunciar seus gostos sobre elle.

Descriminando as respostas recebidas, em numero de 115, ficam distribuidos os votos pelos tres sonetos publicados em o n.º 5 d'esta revista, da maneira seguinte:

Á VIRGEM MARIA NOSSA SENHORA, de Anthero do Quental	43
SONETO Á VIRGEM, de Rochefort.	12
A MAIOR DOR HUMANA, de Gomes Leal.	60

Regosijando-nos pelo interesse que o nosso primeiro plebiscito provocou, felicitamos tambem a Gomes Leal, cujo soneto A MAIOR DOR HUMANA recebeu a maior predileção dos concorrentes.

Os nossos Bispos

D. Antonio José de Souza Barroso
Venerando Bispo do Porto

Nasceu em 4 de Novembro de 1854. Tendo como missionario prestado relevantes serviços á Egreja e á Patria, foi em 1 de julho de 1891 eleito bispo titular de Hymeria e em 15 de Setembro de 1897 transferido para a diocese de S. Thomé de Meliapor. Em 20 de maio de 1899 foi nomeado Bispo do Porto.

ARGUMENTO

QUEM não conhece aquelle medico, não só na cidade, mas até na provincia e em Madrid, capital que elle desdenha profundamente? São muitas as coisas que desdenha e, entre ellas, o dinheiro. Desdenha-o com sinceridade, sem ostentação. Podia ser rico; a sua fama de mago, mais que de homem de sciencia, permitir-lhe-ia exigir fortes quantias, pelas curas incriveis que realiza, mas para elle existem a consciencia, a alma, a outra vida—um sem numero de causas que muita gente supprime por incommodas e tyrannicas—e limita-se a receber o que basta ao seu modesto viver desafogado. Não tem carruagem, em compensação, espera ter um lugar no ceu, ao lado dos medicos que tenham cumprido o seu dever de christãos; que alguns ha, e até no agiologio os encontramos, com auréola e tudo.

O doutor—chamemos-lhe o doutor Mengano—abre o consultorio ás 8 da manhã, e desde as 5, no inverno, tem gente esperando, á porta, na escada, e na sala de espera, se o creado o permitte. Lá dentro dividem-se os clientes, n'um aposento aguardam os que pagam, os ricos, n'outro, isolado, os pobres, os que não pagam. A consulta, invariavelmente, começa por um pobre; depois, um rico, e assim alternadamente, até que o medico, rendido de cansaço, necessitando já restaurar as forças com um frugal almoço, dá por terminada a faina do dia. Nunca se notou nem a mais pequena differença na duração das consultas gratuitas e pagas. Com o mesmo socego, com o mesmo interesse, novo e fresco, em cada caso, examina o doutor Mengano as orelhas pelludas d'um carregador do caes, ou os dentes limpos, esfregados com elixir, de uma menina aperaltada, a quem se dirige em termos severos e concisos, como um pedagôgo... Porque o doutor tem o costume de examinar primeiro os ouvidos e os dentes, e um dos seus titulos de gloria é ter curado até casos de loucura extrahindo, entre ironico e triumphante, uma bolinha de cêra d'um conducto auditivo.

Cousa nunca vista era que addiasse o doutor uma operação necessaria. Poucos preparativos, acção rapida, como de animal que se guia pelo instincto, e, nos resultados, uma felicidade que é caracteristica dos cirurgiões de genio.

LISBOA—Ultimos acontecimentos

A esquadra do Caminho Novo que foi assaltada pelos revoltosos vendo-se á porta o chefe Lourenço que foi preso pelos seus subordinados.

—Tanto apparato, tanto apparato para coisas tão simples! —costuma repetir, com desprezo, mofando um pouco da scenographia scientifica, que para elle não servia.—Ora, ora! As coisas fazem-se com muito menos espalhafato...

O mais curioso, em homem tão digno de estudo em sua psychologia, são decerto as suas ideas politicas e sociaes. Para as explicarmos teremos que retroceder até aos mysticos franciscanos da Edade Média, áquelles que promptos para a submissão, o fervor e a penitencia até morrer, amavam os pobres

LISBOA—Os destroços do jornal legitimista "A Nação„ depois do assalto

e os humildes e reprehendiam dura e satyricamente os defeitos do Papa. O doutor Mengano é um grande protector dos desherdados e tem sempre preparada para elles a generosa esmola da sua sciencia e o seu auxilio. Os poderosos da terra só os conhece quando soffrem, quando são misera carne enferma, eguaes ao pobre perante a dôr. Das meninas e senhoras, que o vão consultar muito aperaltadas e trescalando a perfumes, costuma chacotear pondo-as como rodilhas. Nem os personagens politicos nem os aristocratas, nem os ricaços impressionam o doutor. Filho do povo, recorda com prazer a sua origem, como recorda com transportes de intima gratidão o protector que custeou a sua carreira.

Snr. João d'Azevedo Coutinho

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa.)

Tudo o mais lhe é indifferente. Os que acodem a consultá-lo não passam de homens, e os seus orgãos enfermos não se differençam de outros orgãos encallecidos pelo trabalho, ou deformados e atrophiados pelos azares d'uma vida miseravel, por falta de alimento, por agruras, em fim. Humanidade dolente agora; pó e cinza amanhã—excepto a luminosa particula, o espirito, que prestará contas e será responsavel ante a justiça de Deus... No barro não estabelece distincções o doutor. Como não tem ambição nem vaidade, não se inclina deante de ninguem. Talvez se inclinasse até ao chão ante duas coisas sagradas: a maternidade e a innocencia. As mães que não amam com violento amor a seus filhos são-lhe antipathicas. O queixume d'um pae, d'uma mãe, abrandam-no, echoam em seu coração. —E o doutor não tem filhos.

Conformado com o destino e o trabalho com que se ganha o pão, detesta o doutor a agitação politica. A unica lei que conhece é a do trabalho. Ninguem menos *burguez*, que elle, e, comtudo, ninguem mais inimigo de gréves, comicios, arengas e luctas eleitoraes. «Marotos que folgam e marotos que medram!» E' como elle os define; e d'ahi não sae.

Um dia, n'aquella ante-sala do doutor onde se entre-ouvem conversas palpitantes de obscura esperança, e corre o vago estremecimento do maravilhoso, estava esperando um homem de seus quarenta e pico, blusa remendada, e acompanhado de um menino de onze annos, talvez mais, porque a enfermidade que o consumia fazia-lhe minguar a estatura, empecendo o seu desenvolvimento. A espera foi longa, e o alentado pae, para a entreter, tirou do bolso das calças um naco de pão e deu-o á creança para que o fosse comendo, o que elle fez sem vontade.

Chegou a vez d'elles, e, procurando não fazer barulho com os pés, entraram respeitosos no consultorio modesto, cujas montras altas, cheias de instrumentos e material cirurgico, relampagueavam com scintillações de aço ao raio do sol que coava pelos vidros da janella.

O doutor Mengano costuma interrogar rapidamente; ás vezes não interroga porque adivinha. Impondo as mãos, como um antigo thaumaturgo, costuma acertar, só com o tacto.

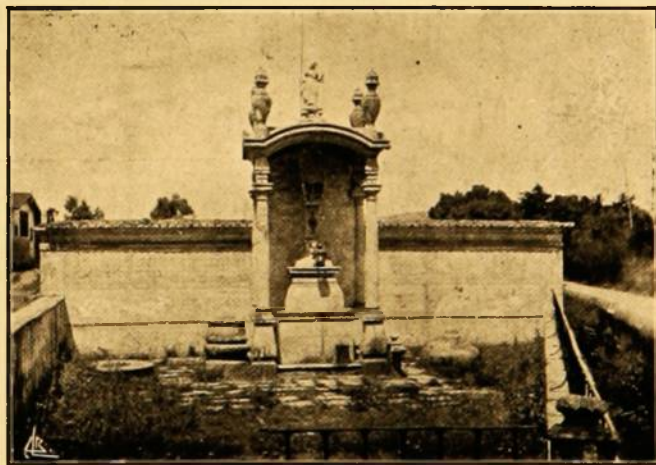
—Já sei, já sei o que é... O pequeno soffre d'um tumor... em fim, um caroço, não precisa de saber onde,—lá dentro, percebe? E tem que se tirar, e quanto antes. E' melhor agora que amanhã.

O pae coçava a cabeça, indeciso.

—E... isso... custará muito dinheiro, senhor doutor?

—Não lhe custa nada, santinho! Que lhes havia de custar? Volte vocemecê esta tarde com o pequeno. Farei o que se deve fazer, e ponho-lhe as ligaduras; vocemecê traz uma maca ou um colchão e leva-o para casa. Lá irei vê-lo uns dias, até não precisar de mais visitas, e acabou-se. Então vocemecê cuida que não sei que não é nenhum banqueiro?

—Sou um pobre operario, senhor doutor.

—Em que trabalha? Meu pae era serralheiro, sabe...?

Arredores de Lisboa—Carriche. O Senhor roubado.

Bello e interessante passeio na estrada de Lisboa a Odivellas é um encantador sitio cheio de agradavel vegetação.

Tem uma historia ingenua e simples. Conta-se que este Senhor, grande milagreiro, foi roubado de Odivellas e alli deixado pelos seus roubadores, tendo a gente do sitio com a maior piedade feito construir aquelle patamar com um nicho onde o collocaram.

—Sou carpinteiro de obra grossa... mas agora estamos em gréve.

—Em gréve ?— perguntou severo o medico, franzindo o sobr'ôlho e cravando o olhar na cara do homem.

—Sim senhor... Não é coisa má... com a gréve defendemo-nos dos patrões. Exercemos um direito sagrado...

—Bem, bem... Com que então, em gréve? Pois venha esta tarde, que eu cá o espero.

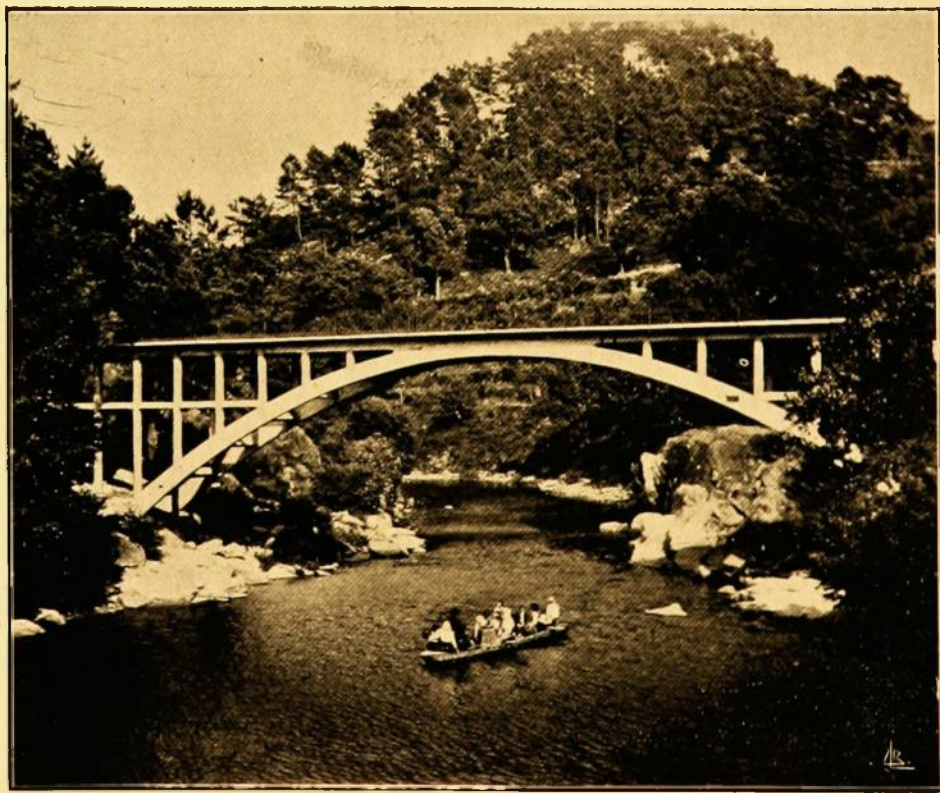
A' tarde, o doutor despiu a creança, estendeu-a em cima da meza e adormeceu-a com chloroformio, porque a operação era e tinha de ser demorada. Abriu d'um corte seguro, com a presteza assombrosa que o caracterisa, as costas da creança pela espadua, e foi alargando a incisão e isolando o tumor para o extrair. O pae, de pé, com a respiração afanada, olhava para o instrumento que sarjava e cortava aquella carne dos seus amores. Agitava-lhe os membros um tremor e resumbrava-lhe na fronte um suor frio. Que enorme ferida! Não lhe sairiam por alli as tripas, ao pobresinho? Não o despejariam como se faz a um pôrco? E quando lhe occorreu esta hypothese atroz, eis que o doutor suspende o trabalho, levanta o bisturi..., e, sentando-se junto da janella, pega n'um livro e põe-se a ler socegadamente.

— Que faz, senhor doutor? Não continúa? — perguntou o pae, ancioso.

—Não, homem... — exclamou o medico, tranquillamente.— Declaro-me em gréve!

—Como?—exclamou aterrado o operario, sem saber se o doutor Mengano falava sério ou estava brincando.

BRAGA — O pendão da nova Associação dos Jornalistas e Homens de Lettras de Braga

Pintura sobre sêda de Rebello Junior.

OLIVEIRA DE FRADES—Sejães. Ponte Luiz Bandeira sobre o Vouga

(Cliché do phot. am. Tono Eiza.)

— Pois está claro! Sou grévista tambem... Isto fica para outro dia. Adeus! Retiro-me, vou descansar.

—Mas... a creança? Ha de ficar assim a creança?

—Que tenho eu com isso? A gréve é um direito, é um direito sagrado.

—Mas, senhor doutor, o meu filho! O meu menino que está ali aberto, como morto? Senhor, por alma de quem lá tem no outro mundo...

—Tu crês no outro mundo?—perguntou muito serio o doutor. — Crês na alma? duvido d'isso, porque vos trazem para ahi embaídos, e já nem vós sabeis no que creis... Emfim, vou-me a dormir a sésta; estou em gréve, como sabes...

O pae, mais branco que cêra, começando a perceber

que aquillo ia devéras, que o filho morria, aberto, despedaçado, com o estertor que lhe causava o anesthésico, lançou-se de joelhos, gemendo, e implorou:

—Senhor, é meu filho! Eu sou seu pae, senhor! Sou seu pae!

—E' o que te vale, mariola!—murmurou o medico—e empurrando levemente o homem, para o desviar, encolheu os hombros, e continuou, e rematou brilhantemente a operação interrompida.

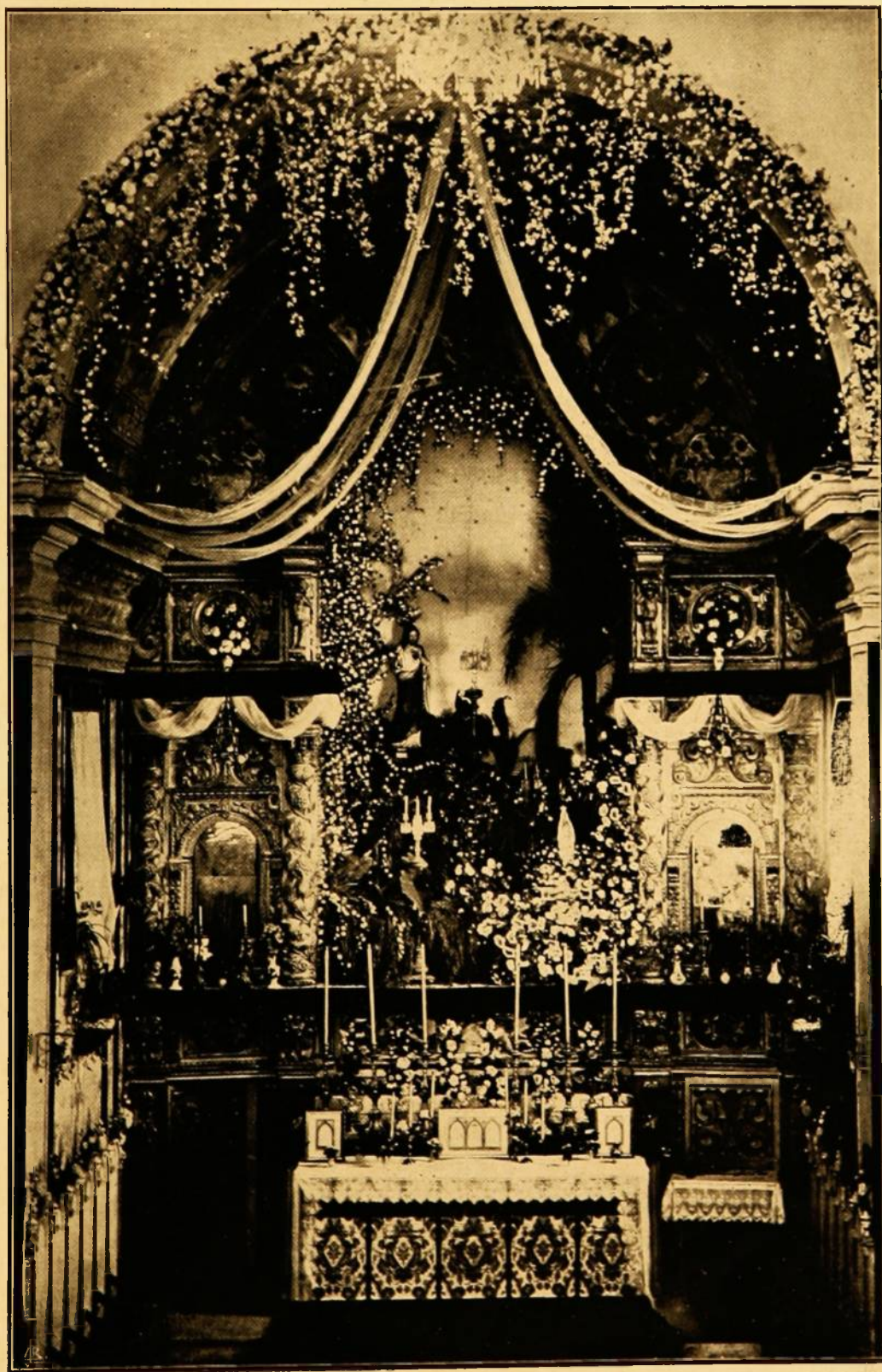
CONDESSA DE PARDO BAZÁN.

Vida intensa

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

COM as primeiras chuvas as cidades enchem-se, agitam-se outra vez. A nortada e a moda varrem do campo e das praias o ultimo bando dos ociosos. Ostende, Trouville, como um pandego tresnoitado, contrahem-se no ultimo bocejo e preparam-se para dormir. Biarritz e toda a costa idylica da civilisação e do snobismo, despeja as ultimas mundanas, os ultimos americanos neurasthenicos e abre os braços ao spleen dos Lords, á frivolidade das yankes loiras, ao cosmopolitismo da casta — amalgama de sentimentos, de vicios e de paixões, promiscuidade bisarra que vae desde os titulos do Gotha, aos nomes romanescos, crivados de pronomes, dos *croupiers*.

E' o inverno que chega, não pintado pelo classicismo do chromo, como um velho barbudo e glabro, olhos de satyro e pelles primitivas cobrindo-lhe o dorso cabelludo mas o inverno á moderna, que volta ás cidades oxigenado pelo iodo dos mares, lubrificado pelas cem mil mineraes da moda, encadernado no Davidson, a remirar a sua obra passada, a remecher na intriga presente—o fracasso das chancellarias na rapinagem dos Balkanes, o ultimo gesto do Kaiser, a ultima gravata do Tremlet, os dentes engastados de gemas da bailarina andaluza, a ultima encyclica do Papa, o eterno gesto pacificador do Czar.

E' um figurão diabolesco e cuidado, sem pellos, monoculo encravado, discreto no gesto e nas côres, que vem de S. James ás ceias esturdias do *Voisin*, que se arrasta na *carrera* á hora da confusão, que vae a Sofia, passeia em Schoenbrun, que

Loulé—Capella-mór da egreja parochial de S. Sebastião na festa do Sagrado Coração de Jesus

(Cliché do rev. José P. Callapez)

toma o seu aromatico café na esplanada do Catete, vae aos chás do *Ritz* e fuma uma cigarrilha doirada, nos divans mornos do Sultão. E' o agitador de todos os crimes e de todos os *flirts*, o perturbador da paz e dos ministerios, o incitador das intrigas galantes e dos mexericos protocollares. E' a confusão e o luxo, o conforto e a pandega, a vida, a balburdia que elle traz na sua *valise* leve, entre as gravatas e os perfumes,

O Verão, o seu rival romantico e piegas, a salubrisar-se no ar livre dos campos, na placidez morna das montanhas erguidas, a refrescar-se nas conchas tranquillas das praias, é a epocha da indecisão, do adiamento, do descanso.

Todos os problemas e todos os escandalos, casamentos e desordens, ministerios e guerras, as creações e os nomes, as loucuras e os crimes, se resolvem, se realisam, se perpetram no inverno. O Verão é o retemperar das forças, o tonificar das energias, a tregua mansa—parenthesis de calma no mar largo e agitado do enredo mundial.

Com as primeiras chuvas e as primeiras creações do *Paquin* tudo volta ao bulicio das cidades, até junto da multidão anonyma e sofredora, que calcada, esquecida, lá ficou entregue ao invariavel labutar, egual e certo dos dias inacabaveis de lucta. Accendem-se os fogões e as estufas, sahem as pelles, illumina-se a feeria dos lustres, nos salões e nos theatros, triumpham ou cahem as primeiras peças, surgem os primeiros livros, annunciam-se os ultimos progressos da sciencia com as ultimas invenções da moda e desde o gentleman gosador ao politico interesseiro, desde o nome authentico á actriz em voga, do sabio ao pintor, do burguez ao militar, tudo e todos, se agitam nos alfaiates e nas livrarias, nos custureiros e nos ministerios, nos ateliers e nos quarteis, nos theatros e nos cafés, na organisação do seu inverno, da sua temporada intensissima de vida.

E assim, as cidades que na sua vida cosmopolita e intensa são d'uma mechanica egualdade, parecem um bivaque macabro onde não se agrupem armas e canhões, mas onde se amontoem rendas e perfi-

N'uma caçada—Um pic-nic

N'uma caçada—Chamando os cães

(Clichés de F. Brito.)

dias, vaidades e paixões, tocadas ao mesmo bellico aparato que agita os acampamentos á hora anceada do alarme.

Em Madrid, a politica deu já a primeira nota frisante da estação. Os conservadores voltaram ao poder, muito embora, Maura e La Cierva, fiquem ainda de fóra a contemporisar com as furias radicaes. Mais uma vez se adia a questão. O problema politico hespanhol, vive ha dois largos annos, d'esta oppressão, d'este pesadello e Affonso XIII que é indiscutivelmente um grande Rei, longe de resolver, adia, arrasta mais um pouco, como a reviver a formula de Sagasta, que perante as mais graves questões, coçava philosophicamente a cara e esperava pelo dia seguinte. Ora adiar não é resolver, é quando muito baralhar, complicar, arrastar a solução. Dato, liquidará dentro em pouco, porque a sua funcção dentro da crise hespanhola é ainda o adiamento da questão. Melquiades Alvarez no jantar celebre, entre uma *paella* e um copo de Jerez, despenhou-se na monarchia e abre já os braços para o poder. Virá? O Rei, não se decidirá por nenhum. Adiará mais uma vez. Nem o conservantismo necessario de Maura, nem o reformismo theorico do neomantenedor do throno. Virá ainda a situação anodina, indecisa do adiamento. Desfeitos os liberaes, a crise da *espera* vae decompor, incinerar os conservadores. Affonso XIII com o seu feitio de castelhano ousado, tem um pouco o sport do perigo, d'ahi esta politica de equilibrios difficeis. Valente como é poderia ir directamente, abertamente até ao fim mas não quer e vae-se arriscando n'este zigzaguear de soluções.

A capella do Senhor das Angustias

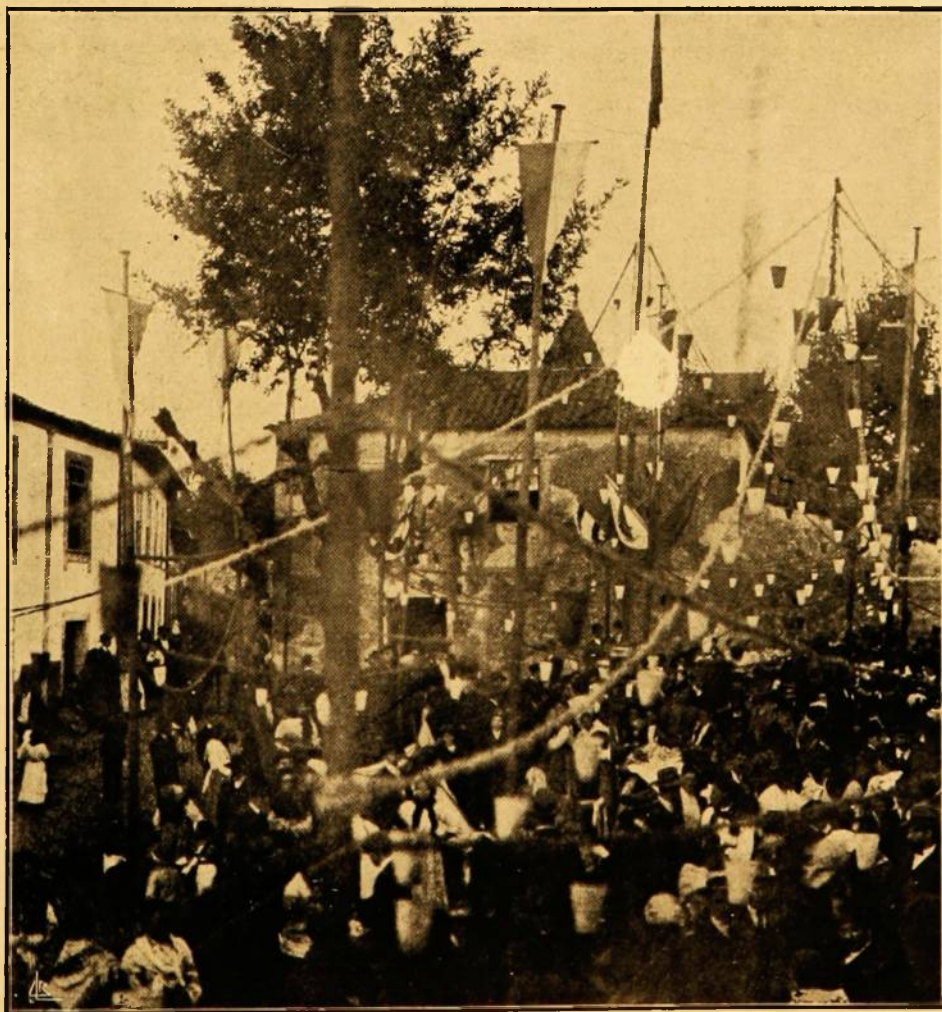
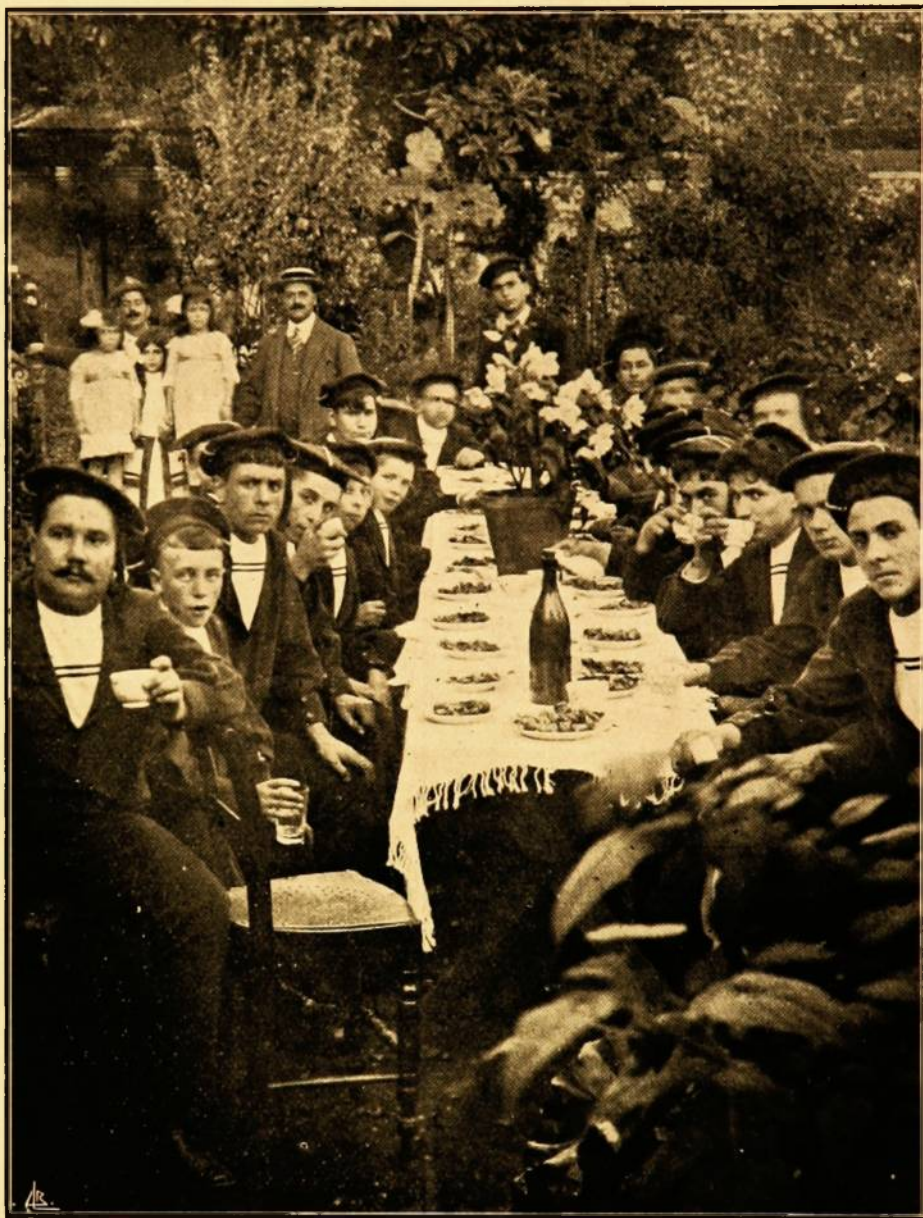
Esta capella sita no largo de Carcavellos, da freguezia de S. Martinho de Dume, foi feita no anno de 1880 a expensas do povo d'esta freguezia.

Mais tarde foi restaurada e ampliada por iniciativa dos Irmãos Soares, que para esse fim abriram uma subscripção entre a colonia dumiense, domiciliada no Brazil.

S. Martinho de Dume—Um aspecto do arraial

Afinal as realezas andam irrequietas.

O Kronprinz, o principe loiro e buliçoso da Prussia, sem o genio do pae tem como este, o amor do exibicionismo. Todos os dias os jornaes nos dão o relato d'um protesto contra uma lei, o extracto d'uma carta contra um homem. Hontem, rabujou com o chanceller do imperio, hoje revolta-se contra a propria familia. Quando toda a Allemanha suppunha liquidada uma velha questão, com o casamento do Duque de Cumberland com uma das filhas do Kaiser, é ain-

da o herdeiro do throno que impõe ao proprio cunhado, a renuncia aos seus direitos á corôa de Hänover.

E' afinal um irrequieto, um ambicioso talvez. Amanhã, quando o Kaiser reconhecer que até a sua divindade theatral, é humanamente fallivel ante a morte e o loiro Hohenzollern vier a reinar, a Allemanha ha-de soffrer d'este buliçoso espirito de contradicção. O pae, embora severo, lisongea-se — de resto como todos os paes — com esta traquinice politica do filho, mas a Allemanha fria e insensivel, minada pelo socialismo e pela ebulição latente dos seus estados dominados, receia pelo seu incerto amanhã.

Lunch offerecido pelo juiz da festa sr. Joaquim Soares á banda do Collegio dos Orphãos de S. Caetano que tomou parte nas festas

(Clichés do phot. am. sr. Joaquim Soares)

O que será esse principe buliçoso e traquina, no throno da confederação? E' a interrogação que hoje se desenha para alem do Rheno e de quem solemne ri mysteriosamente a ironia do destino, esta boa senhora trocista e mordaz, que justifica os maiores dislates e que faz com que o mesmo povo da Bulgaria que ha mezes nas horas do triumpho apupou os seus heroes, cubra agora de flores e de benção nas ruas engalanadas de Sophia o czar Fernando, regressado da guerra, espoliado, vencido...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Fastos do Catholicismo

O Catholicismo morre... dizem os sectarios. Mas os sectarios mentem.

Querem provas?

Tres altos Prelados schismaticos da Syria converteram-se ha dias ao Catholicismo.

Foi em Beiruth que o facto se deu, depois de terem assistido a uns exercicios espirituaes dirigidos pelo P.e Antonio Sathani, da Companhia de Jesus.

Talvez julguem qne esses tres schismaticos convertidos são uns ignorantes. Não são, antes muito illustrados; mas não deixa de ser revelador o que succede na França, centro, dizem, da civilisação latina.

Actualmente verifica-se um movimento de reacção em favor do catholicismo. Este renascimento é sobretudo accentuado na juventude.

Nas Escolas Normaes, a maior parte dos alumnos são catholicos praticos, e quasi todos inscriptos nas Conferencias de S. Vicente de Paulo. Nos Institutos e Lyceus não é menos eloquente a volta para a fé.

Ha poucos dias, quarenta alumnos da Polytechnica fizeram guarda durante uma noite inteira deante de Jesus Sacramentado, exposto em Montmartre.

Isto faz a juventude, propensa á dissipação. Isto em Paris, fóco da libertinagem internacional. Não é eloquente?

O Catholicismo morre... dizem os sectarios. Mas os sectarios mentem.

*

No dia 28 de outubro findo reabriu na Belgica, a Universidade de Lovaina; commemorou ella, solemnemente, a reabertura dos seus cursos.

Esta universidade tem um nome de grande importancia na civilisação universal. As sciencias philosophicas, segundo o espirito de S. Thomaz, tem na universidade de Lovaina, esmerados cultores.

Lovaina é, por ella, um dos centros scientificos que marcham á frente do progresso scientifico; como Coimbra no seu periodo aureo, ella produz obras, consultadas por todos os homens doutos.

No dia da abertura das aulas, uma nota typica e curiosa se pôde observar. Como a nova lei militar da Belgica a isso obriga, grande numero de estudantes estão nos quarteis. Por isso 400 jovens soldados-estudantes tiveram que ir do quartel, devidamente uniformisados e em columna de quatro, para poder assistir á missa do Espirito-Santo, na egreja de S. Pedro.

O espectaculo, novo como era, despertou geral curiosidade.

R. C.

Nunca façaes correr lagrimas aos infelizes. Lembrae-vos que Deus as conta; que nem sempre as azas do tempo as enxuga; e que, por vezes, marcam sulcos na face dos martyres do destino, dos abandonados pelo bem-estar social.

CANDIDO BACELLAR.

P.e Antonio Martins de Faria

(Fallecido em 16 d'outubro de 1913)

Foi um sacerdote muito virtuoso, muito illustrado e um poeta de reconhecida inspiração.

Minh'alma é triste

(INÉDITO)

E' meia noite, no areal sentado
Longe da turba que se agita além;
Minh'alma é triste como o céo sem lua,
Em noite escura que o inverno tem.

Minh'alma é triste como o negro crepe,
Que a mão da morte sobre a lousa pôz:
E' qual a noiva que ficou sem noivo
A' mão sinistra do sinistro algoz.

Minh'alma é triste como o dobre funebre
Do rouco bronze que diz dó, diz ai.
E' como o canto do levita augusto,
Quando o cadaver para a campa vai.

Minh'alma é triste; em tristeza immersa
Toda ralada de pungente dôr;
Eu amo o ermo de medonho aspecto
Que á virgem timida causaria horror.

Minh'alma é triste; quem me dera agora
Estar dos mortos na fiel mansão;
E dos dous mundos segredar com elles
Altos mysterios que segredos são.

Minh'alma é triste; nem da lua um raio,
Nem este rio todo de crystal,
Nem esta brisa que do mar bafeja
Pode fagueira mitigar meu mal.

Minh'alma é triste; nem Marilia um Anjo
Que do céo á terra para mim desceu,
Pode n'esta hora de amargura infinda
Dar-me alegria que p'ra mim morreu.

Risos alegres, divinaes prazeres,
Celestes mimos que a fortuna dá,
Dar-m'os agora não pudéra a sorte
Boa p'ra todos, para mim só má.

E' meia noite, no areal sentado
Longe da turba que se agita além;
Minh'alma é triste como o céo sem lua
Em noite escura que o inverno tem.

P.e ANTONIO MARTINS DE FARIA.

PORTO==Exposição de flores em Passos Manuel

Exposição de dahlias e begonias—Expositor Augusto Pinto Chaim Junior

Exposição de glycinas, palmeiras, etc.—Expositor Firmino Ferreira Monteiro

(Clichés do distincto phot. am. sr. Augusto Chaim Junior)

BRAGA—Primeiros corpos dirigentes da Juventude Catholica cuja gerencia termina amanhã

A "Illustração Catholica„ no Brazil

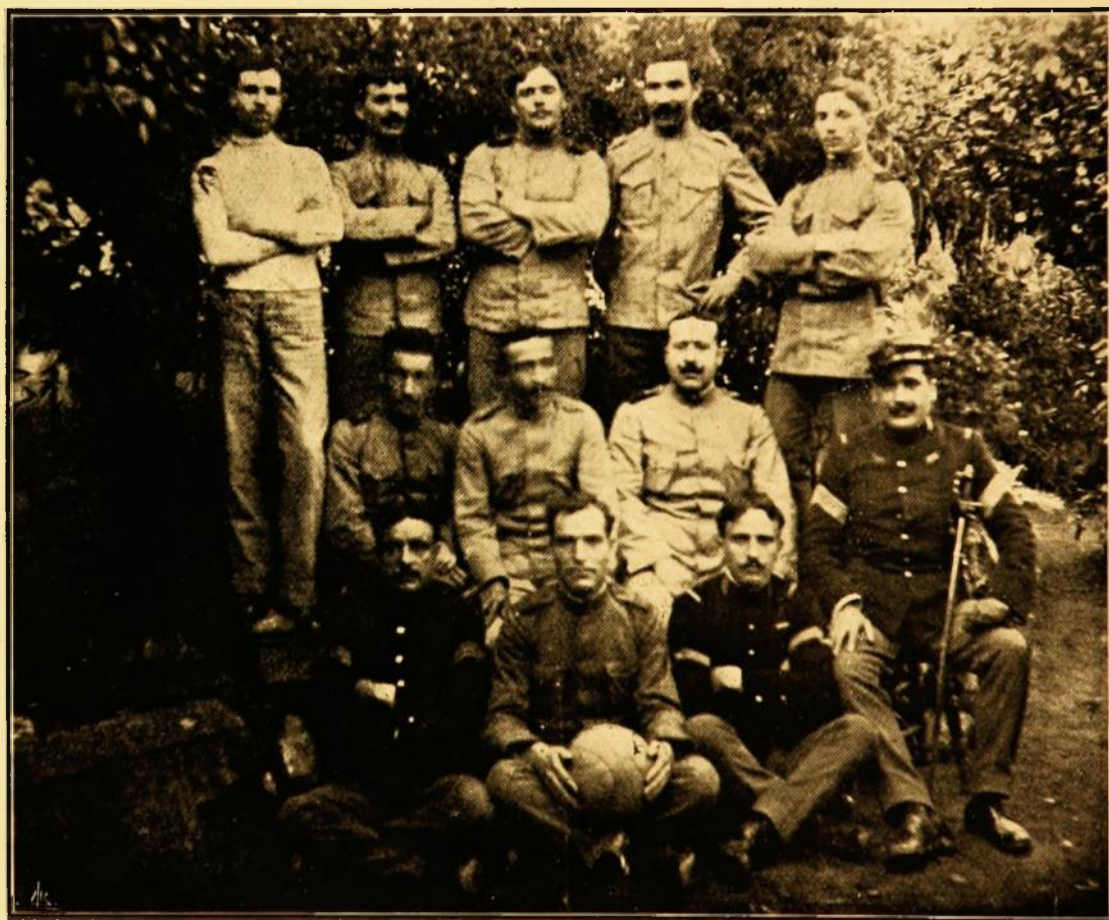
S. PAULO—O padre portuguez Luiz Augusto da Costa Veiga, actual vigario da Torrinha, diocese de S. Carlos, com um grupo das creanças que ultimamente receberam a primeira communhão

O "sport„ de Foot-Ball em Braga

1.° «team» do *Foot-Ball Club de Braga*, que tem jogado no Campo de D. Luiz 1.° com a «èquipe» dos sargentos de infantaria.

1.° plano: sentados, Antonio Correia de Carvalho Braga; Joaquim Martins e José Correia da Silva.

2.° plano: Antonio Xavier Correia Simões, Bellarmino Lemos e Antonio da Silva Gomes.

3.° plano: em pé, Urcinio Menici Malheiro; Horacio Moraes; Antonio da Costa Gomes; Gabriel d'Almeida Maia e Manuel Fernandes Costa.

"Équipe foot-baller„ dos sargentos de infantaria

Ao lado direito, o Juiz do Campo, 1.° sargento snr. Pereira da Costa.

(Clichés do phot. am. snr. Manuel da Silva Isidoro.)

Vianna do Castello — Tumulo de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres

D. Frei Bartholomeu nasceu em Lisboa, na freguezia de Nossa Senhora dos Martyres, em 1514, filho de Domingos Fernandes e de Maria Correia que eram ricos e de grande christandade.

Foi eleito Arcebispo pela Rainha D. Catharina que governava o reino na menoridade de seu filho D. Sebastião.

D. Frei Bartholomeu dos Martyres

Chegou a Braga a 4 d'outubro de 1559.

Escreveu o seu catechismo em 1560.

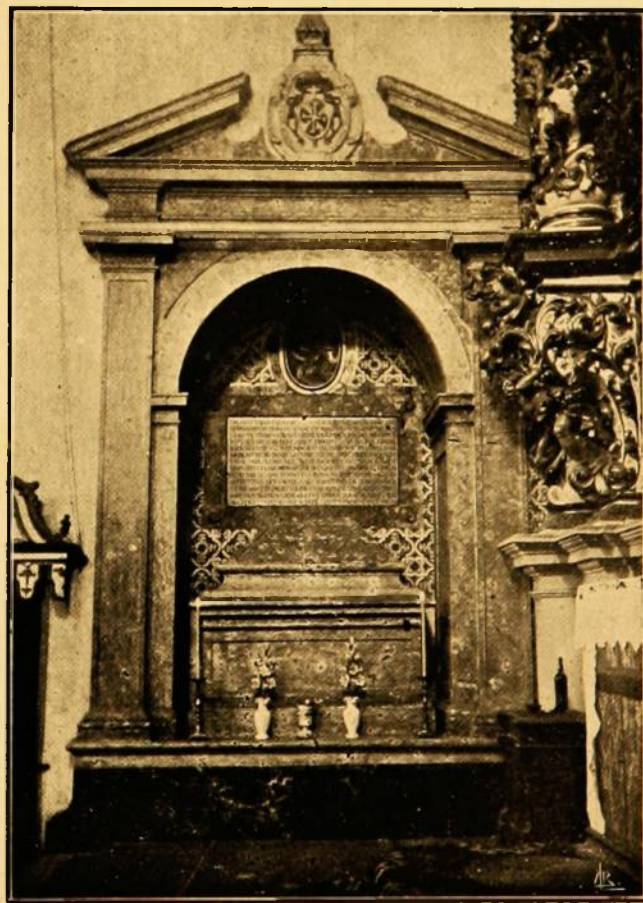
Chegou a Braga, vindo do Concilio de Trento em 1564, aonde se tornou notavel pelas ideias que manifestou.

Morreu em Vianna do Castello, depois de ter renunciado o Arcebispado de Braga, em 6 de Julho de 1590 entre as 7 e 8 horas da noute.

Sobre o tumulo em que repousam as cinzas d'este venerando prelado veem-se as armas de S. Domingos, e em volta a seguinte legenda que era a divisa d'aquelle notavel prelado:

"Ardere et lucere nolite conformari huic saeculo.„

Na pedrada do tumulo, que é do marmore de varias côres, lê-se:

"Deo optimo Maximo. Frater Bartholomeus de Martyribus Olysiponensis, Dominicanus, Hispaniarium Primas, Adam ter magnus hic situs est: qui ad Bracharensem sedem a cella ut ajebat, tanquam a regno ad crucem raptus, cum secunda post apostolos dispensandae Ecclesiae gratia, inter alios, ut sol inter minores stellas divinitus fulsisset Summis Pontificibus, Patribusque concilii Tridentini spectabilis, probatus, et charus, urbi et orbi notus aetate ingravescente sponte abdicata sede, cellam monasterii hujus, quod considerat, libens repetit: ubi et sancte vixit dilectus Deo et hominibus, et divina patiens ab osculo domini assumptus est: heu pauperum pater et religiosorum, amator pudicitiae, aemulatione martyr, professione doctor, sal terrae, lucerna ardens et lucens, rarum verorum Episcoporum exemplar, et velut adeps separatus a carne. Vixit annos 76. A professione Dominicana 62. A consecratione Episcopi 32. A regressu ad ordinem 8. Obiit anno Domini 1590. Die decimo sexto Julii. R. I. P. A.„

Egreja de S. Domingos — Tumulo de D. Frei Bartholomeu dos Martyres

(Clichés do am. Antonio José Gonçalves.)

O tumulo de D. Frei Bartholomeu dos Martyres foi aberto a 19 de Junho de 1877 por occasião da visita do arcebispo D. João Chrysostomo.

NOTAS DO ESTRANGEIRO

A MORTE D'UM CARDEAL

Com setenta e oito annos de uma vida exemplarissima e trinta e oito de episcopado falleceu ultimamente em Hespanha o eminentissimo cardeal D. Gregorio Maria Aguirre, arcebispo de Toledo.

Nascido em Pola de Gordon, nas Asturias, em 12 de março de 1955 cursou os estudos ecclesiasticos no Seminario de Leão tomando o habito de S. Francisco em maio de 1856.

Desempenhou varios cargos dentro da mesma ordem chegando a ser nomeado leitor perpetuo em Theologia e Canones e definidor honorario.

O cardeal D. Gregorio Aguirre, Arcebispo de Toledo

Nomeado bispo de Lugo em março de 1885 regeu sempre com superior criterio aquella diocese sendo elevado a arcebispo de Burgos em 1894. Recebendo o chapeu cardinalicio em 1897 foi em 1909 nomeado arcebispo de Toledo.

O enterro d'este insigne prelado constituiu uma imponente manifestação de sentimento na qual tomaram parte D. Affonso XIII, representado pelo infante D. Fernando, o nuncio de Sua Santidade e numerosos bispos.

Trasladação do cadaver do Arcebispo de Toledo para a cathedral

Grupo allegorico para o monumento da Guerra Peninsular a erigir em Lisboa

(Esculptura de José d'Oliveira Ferreira.) (Cliché de Marques Abreu.)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500

Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.

Numero avulso 60

Numero 20 Braga, 15 de novembro de 1913 Anno I

Collegio Povoense

FUNDADO EM 1907

Pensão annual — 120$000 reis

POVOA DE VARZIM

A MAIS LINDA PRAIA DO NORTE DE PORTUGAL

Estabelecimento modelar, optima installação, clima maritimo saluberrimo

Lecciona instrução primaria, curso geral dos Lyceus e curso commercial

Os alumnos habilitados por este Collegio tem obtido sempre bom resultado nos seus exames

DIRECTOR *P.e Manoel R. Pontes*

Artigos Photographicos

As maiores novidades em chapas, aparelhos, productos, cartonagens e papeis.

Fornecedores dos principaes estabelecimentos scientificos.

Photographia artistica

Photo-miniatura

Photo-pintura

Quarto escuro e machina de ampliação á disposição dos amadores.

Lições praticas de photographia.

Acabamento de todos os trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os artigos do seu commercio

Mandam-se catalogos gratuitamente. contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR

MAGALHÃES & CARVALHO

43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 15 de novembro de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 20 — Anno I

PORTO

Egreja
do Bomfim.
Altar de
Santo Antonio.

Cliché de
J. de Azevedo,
photographo
da
«Illustração
Catholica»

NO TECLADO...

Um piano! A estação em que elle chega aos salões, é tambem aquella em que finas mãos o tamborilam...

Assim, emquanto o *concerto europeu* se afana por nos dar o perfeito accorde, reduzindo a uma laboriosa harmonia as dissonancias balkanicas, os derradeiros salões urbanos, abencerragens de passada epoca gracil, que a prolongação das villegiaturas mantinha ainda fechados e recadados, reabrem agora á circulação mundana e juntam a longinqua symphonia dos *autobus* ao intimo rumor dos seus pianos.

Pertence o leitor ao numero d'aquelles que lhes teem horror? Muito severo é, então! Porque o piano em primeiro logar é solido, é um movel digno de o ser... Não se derruba á passagem ou ao roçar d'uma aba de casaco, como qualquer meza esperneada e leve, sustentando *bibelots* elegantes. E depois, é decorativo—um bello pedestal para uma sugestiva cestinha de *bonbons*, ou para uma taça a transbordar de cartões de visita...

Em cima d'elle ficam os vasos muito bem, e as flôres, tão altas e graciosas, como inclinadas sobre as jardineiras. Em summa, o piano é um movel que *supporta*, e n'isto vae excellente motivo para se dizer que vale a pena *supportal-o*...

Como obra de fortificação tem ainda o piano um apreciavel valor. E' conhecido o uso que ha tempos se introduziu de o collocar obliquamente, o teclado contra o publico, formando um triangulo com as paredes. Este triangulo é a fortaleza, Constantinopla por detraz das linhas de Tchataldja. Dentro d'elle podem abrigar-se, no decurso d'uma sonatina suavemente executada, a timidez e a innocencia. A trajectoria dos olhares indiscretos é radicalmente interceptada por esta trincheira opaca. Verdade é que, segundo os peritos em tal arte, os bastiões não impedem os massacres... mas n'este caso o compositor é a unica victima!...

Note-se que esta disposição offerece occasião para exhibir os magnificos *dessus* dos pianos. Os catalogos dos grandes armazens propõem, para tal effeito, a applicação de colgaduras cujo custo é tão elevado, ás vezes, como os proprios pianos, e esta observação não é para desprezar em certas fracções das classes ricas... Mais economicas, algumas donas de casa utilisam, n'estas circumstancias, veneraveis cachemiras de suas avós, que no reinado do rei-cidadão e dos chapeus abaúlados, tanta sensação causaram enfeitando excellentes hombros femeninos, mas que a moda impiedosa e versatil collocou por muito tempo em disponibilidade irremissivel.

E eis como os pianos apparecem bem trajados, mais bem vestidos até do que as pessoas. A harmonia das colgaduras prepara a harmonia dos sons...

... Não ficou provado que aquelle trecho foi tocado com perfeição: mas, no momento das felicita-

Villa do Conde.—Touguinhó. Ponte sobre o rio Este.

VILLA DO CONDE—Touguinhó. Um moinho nas margens do Este

ções, a ornamentação do pianc póde suggerir expressões particularmente felizes, como, por exemplo, que o executante é de certo estofo, ou que a sua execução foi deliciosamente velada...

As precedentes reflexões imperfeitamente se applicam, é escusado dizel-o, ao piano de cauda. O piano de cauda é aristocrata, não só porque é caro... mas pelo logar que para si exige,—e o seu logar nem sempre é o mais brilhante, nos salões da nossa epocha!

Alguns aposentos conhecemos que afogam o locatario melomano n'esta anciosa alternativa, ou de alojar o instrumento sem poder installar os ouvintes, ou de dar logar a estes sem accomodar o instrumento... Outro conhecemos, porém, que, soube resolver o paradoxal problema de tornar mais vasta a sua sala substituindo o piano direito por um piano de cauda. A forma do aposento era tal

BARCELLOS—Matriz e ruinas do Paço dos Condes e Duques de Barcellos e Bragança

que aquelle reduzia o espaço reservado aos visitantes, emquanto que a linha curva do piano de cauda indicava nitidamente a maneira de collocar as cadeiras para formar o *cercle* classico da conversa.

Todavia, não ousamos recommendar a receita a todos aquelles que lamentam a exiguidade dos seus salões, porque a solução, em tal caso arriscar-se-hia a ser differente. Verdade é que se lhes facultaria sempre o extremo recurso de fazer sentar os visitantes sobre o piano, o que alargaria evidentemente o horisonte...

Recordamo-nos ainda de outr'ora havermos tomado chá, com quatro companheiros, n'um quarto de estudante cujo mobiliario comportava um *fauteuil* e duas cadeiras. Felizes se deram por este achado os tres primeiros, mas o quarto empoleirou-se sobre uma mala e não foi o que peor se acampou, de todo o grupo. Accrescentae um piano e tereis já o espaço e o modo de duplicar os convites...

De resto, a vantagem do piano sobre os outros instrumentos—quanto á diffusão e ao successo—vem justamente de que o piano é um *movel*. Como tal, o piano é dotado de ubiquidade, de sorte que o pianista póde exercer em qualquer parte o seu talento sem levar a reboque os aprestos da sua gloria.

Tal não é, por exemplo, o caso do tocador de harpa, ou do violloncellista, ou do tocador de fagote...

O harpista só existe em sua casa; na de outrem, só toma existencia se se dá ao encargo de transportar a sua harpa.

Pelo contrario, o pianista, está seguro de, por toda a noite, encontrar pianos, como o automobilista, de encontrar petroleo. O piano tornou-se, pois, o instrumento universal, aquelle que é de accessivel aprendizagem a todas as meninas.

Se ellas emittissem a pretenção de estudar clarinete, semelhante velleidade subversiva produziria um justificado assombro na convivencia!...

Piano significa *brandamente*. Quantos teclados, porém, martellados á força de punho, teriam direito a achar o termo levemente ironico, por ventura uma abreviação de *piano-forte!*...

A designação primitiva envolvia simultaneamente a força e a doçura. O que prova a força do piano é a tendencia de algumas pessoas a transformar n'um engenho de guerra, quer offensivo, quer defensivo... Porque o piano é instrumento de re-

presalias, para certos espiritos vingativos e caturras que julgam que á barulheira se riposta com outra no mesmo tom; e d'ahi desvairadas gammas e ritornellos interminaveis. Citam-se obstinados sujeitos que alugaram pianos profissionaes á hora, para melhor sustentarem contra visinhança as hostilidades... musicaes.

Mas, premido pelos dedos de delicados artistas, a voz do piano torna-se aligera e suave, evocando os versos de Verlaine:

«Le piano que baise une main frêle
Luit dans le soir rose et gris vaguement,
Tandis qu'avec un trés léger bruti d'aile
Un air bien vieux, bien facil et bien charmant
Rôde discret, epeuré quasiment...»

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

HA dias, a severidade discreta do «*Hotel Esplanade*» foi perturbada pela exhibição alegre, d'uma festa absolutamente franceza.

Os fruidores d'acaso, d'esse magnifico Hotel berlinez— bavaros frios, hamburguezes interessados, principes e militares, francezes e yankées —tiveram occasião de presenciarem uma festa inedita e de verem desfilar por esses salões solemnes, o melhor de Berlim. O administrador-geral da casa Paquin, acompanhado d'uma legião de costureiros e modelos, trouxe para alli, as ultimas phantasias da moda e sob o pretexto galante d'um chá ao madamismo berlinez, abriu n'aquelles salões discretos uma succursal da sua casa da *rue de la Paix*. Uma orchestra de tziganos suspirou scherzos e noturnos, emquanto n'uma especie de palco adornado de rosas, os modelos-*vivos* da casa Paquin, exhibiram as ultimas e complicadas creações da moda d'inverno.

O successo da novidade e dos fatos foi enorme e Berlim em peso—apesar do seu inveterado odio á França—lá esteve tomando pacatamente o chá e admirando os vestidos *tailleur* do mais chic costureiro do mundo.

As nacionalidades vão assim lentamente, esquecendo aggravos e sensibilisando-se com os triumphos extranhos, lançando-se cordealmente nos braços uma das outras.

Universalisam-se, quasi, perante a arte e o bom gosto. Na Europa apenas a Hespanha reage e permanece inquebrantavel no seu orgulho nacional.

BARCELLOS—Casa dos Pinheiros e Pelourinho

O poeta sente-se emballado por esta melodia longinqua:

«Qu'est-ce que c'est que ce berceau soudain
Qui lentement dorlotte mon pauvre être?
Que voudrais—tu de moi, doux chant badin?
Qu'as-tu voulue, fin refrain incertain,
Qui vas tantôt mourir vers la fenêtre
Ouverte un peu sur le petit jardin?»

O piano alimenta o sonho e o recolhimento d'alma!...

Mas com uma condição:—que depois de haverem supplicado ao snr. X..., ou á snr.ª Y..., ou á menina Z... que por favor *toque alguma coisa*, e de pôrem n'esta supplica o tom mais delicado e insistente, não aproveitem a execução do trecho reclamado para abrir conversações particulares... Dir-nos-hão que o piano ainda n'este caso presta serviços, abafando as vozes, e impedindo o vosso visinho da direita de ouvir a interessante communicação que fazeis ao da esquerda...

Mas os sabios fabricantes, que outr'ora tão pacientemente aperfeiçoaram o cravo, pensaram certamente em prestar á humanidade mais artisticos serviços!..,

GABRIEL D'AZAMBUJA.

Este bom povo, ainda cheio de caracter, aferrado ás suas tradicções e que debruçado para o passado caminha para o futuro, só vibra com as suas coisas, só se convulsiona com as suas commoções.

O bulgaro Torkoff que volta appressado da guerra, para mandar a Loti o seu cartão de desafio, interessa-o porque no seu gesto medievo ha a bisarra galhardia do Quixote. O alegre passeante da Cibeles enthusiasma-se mais vivamente com a ultima estocada *del Fenomeno* que perante o relato fiel de uma carga do sr. Primo de Rivera, nas planuras do Garb. A alma da raça vibra esplende, canta, nas notas estridentes de um *organillo*, como a alma portugueza, geme e soluça, nos acordes d'uma guitarra. A Hespanha tem nas suas canções

Para o castelhano orgulhoso o mundo é a sua terra, como para o portuguez triste e sonhador, a sua terra é o mundo . . .

A Hespanha, vive de si para si. A paz de Constantinopla passou-lhe despercebida ante as declarações de Sanchez; o naufragio tragico do «Volturno» inteiramente indifferente em face da coleta cortada de Bombita.

Affonso XIII indultando os regicidas ou promulgando as leis de reformas sociaes, não conquista um applauso, mas quando illeso do attentado de Madrid n'um gesto galhardo de castelhano, sauda theatralmente a massa, arranca as ovações á multidão. No fundo, é a mesma galhardia de raça que vibra e destempéra, na alma do heroe e do toureiro,

POVOA DE VARZIM—Pic-nic realisado em Estella pela colonia balnear vimaranense

No primeiro plano a contar pela direita: a menina Adelia Fernandes, D. Ema Santos, D. Maria P. Mendes, D. Maria I. Fernandes, Manuel P. Mendes, a menina Anna P. Mendes, D. Maria A. Costa, Alfredo Ferreira, D. Francisca Queiroz, D. Ermelinda Costa, D. Maria Ribeiro, Affonso da Costa, Alexandrino Guimarães, D. Rosa Ribeiro, e D. Maria A. Fernandes.

No 2.º plano a contar pela esquerda: Joaquim P. Mendes, Ernesto Bravo, Fernando Folhadella, Armindo Freitas, Eleutherio Fernandes, o menino Miguel Faria, Casimiro Fernandes, Simão da Costa, D. Margarida Costa, José M. Fernandes, D. Amelia P. Mendes, e D. Anna M. Mendes.

(Cliché do phot. am. snr. Francisco P. Mendes.)

e nas suas castanholas, uma marcha estridula de guerra, como nós temos no fado, uma epopea de melancholia e de saudade.

Nas duas raças, a sua musica é a expressão da sua alma. A dolencia soffredora do fado fez-nos tristes, contemplativos, resignados, passivos; o esfusiar das suas *malagueñas* torna-os alegres, confiados, triumphadores, mas afinal como bons irmãos, tem a mesma indifferença, o mesmo encolher d'hombros perante as mais graves questões.

Um, é estroina, espalhafatoso, espadachim, a exhibição e o orgulho vestidas n'um gibão de velludo ou n'um jaquetão do *Poule*, o outro, galanteador e poeta, braço rijo á heroe, alma de sonhador — o sentimento e a bravura atravez do mantéu de Nun'Alvares . . .

na penna do jornalista, na espada do militar, no gesto largo ou tacanho do politico.

A visita de Poincaré a Madrid perturbou-o, porque foi a publica lisonja do seu orgulho; o accordo de Carthagena não o impressionou, porque nem deu por elle, preoccupado com o retiro de Machaco, ou o ultimo tango da Goya . . .

A Hespanha n'essa manhã clara de Carthagena entrou ostensivamente na triplice *entente* e supponho até que não esqueceu o visinho do lado, muito embora o lembrasse como bom irmão que é, — apesar das incompatibilidades de genio, — com a mesma interesseira ancia do filho segundo, que crivado de compromissos, pretende chamar a si, o morgadio chorudo do irmão.

O accordo de Carthagena, que um reporter in-

glez denunciou e a quem os ponderados desmentidos das chancellarias não podem tirar a importancia, sendo uma garantia para a politica internacional da Hespanha, é uma dolorosa ameaça para a situação de Portugal.

Afóra a regularisação d'uma acção commum para a pacificação de Marrocos, da garantia d'uma amisade leal, que permitte á França desguarnecer as suas fronteiras dos Pyrineus, o accordo, é infelizmente tambem uma complacencia do Quay d'Orsay para com a sua nova amiga, na segurança d'uma passividade de cumplice, no caso d'uma intervenção em Portugal.

A base 8.ª é pois uma ameaça perigosa para a integridade da patria, o esboçar d'um horisonte de catastrophe, no futuro incerto da nossa nacionalidade. No silencio das chancellarias e adentro das formulas banaes mas severas, do protocollo, já se ousa, perante o amanhã incerto da nossa patria, dispôr friamen-

LOURDES—A Peregrinação Portugueza promo

LOURDES—A ultima Peregrinação franceza

ı pelo jornal catholico de Lisboa "O Universal,,

te d'aquillo que é nosso e que só a nós pertence, á custa d'um titanico esforço.

E tanto mais grave se torna a ameaça, quando é certo que pela cabeça coroada d'esse Bourbon ousado e irriquieto, começam a perpassar os primeiros fumos d'um imperio theatral.

Portugal tem a sua integridade seriamente ameaçada. A base 8.ª de Carthagena é o primeiro golpe virado ao futuro da nossa terra...

E a Hespanha, que desde esse momento marca no equilibrio da Europa, não se alegra sequer, de tão absorvida nas suas predilecções,—as estocadas dos seus toureiros, os seus primeiros *estrenos* no *Eslava* ou a rethorica de D. Melquiades,—perante o gesto acolhedor da França que lhe abre de par em par as portas do concerto europeu.

A Hespanha adulada, engrandecida, não se mecheu; Portugal ferido de morte, n'esse momento, não se mecheu tambem mas

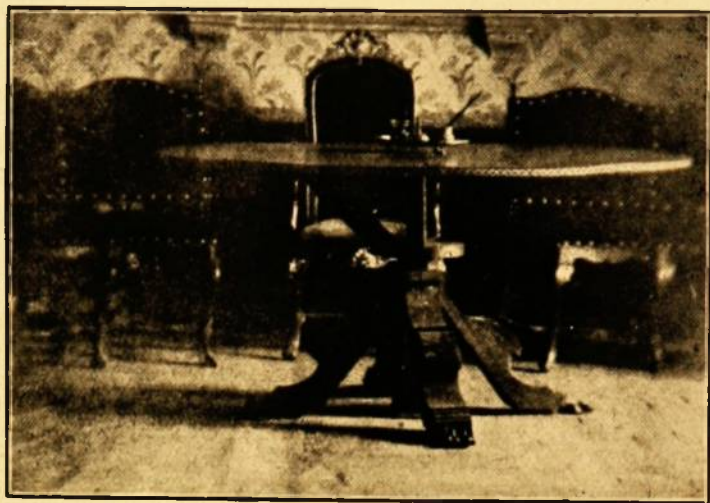
LOURDES—Um grupo de peregrinos brazileiros

vae mecher-se—(se vae!)—vae muito mais longe, vae ter afinal um terrivel gesto: encolher philosophicamente os hombros como Sancho Pança, como escreveu pittorescamente o snr. Julio Dantas,—atar as mãos na cabeça e como o macaco da fabula, deixar-se ir para o fundo...

Novembro de 1913.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

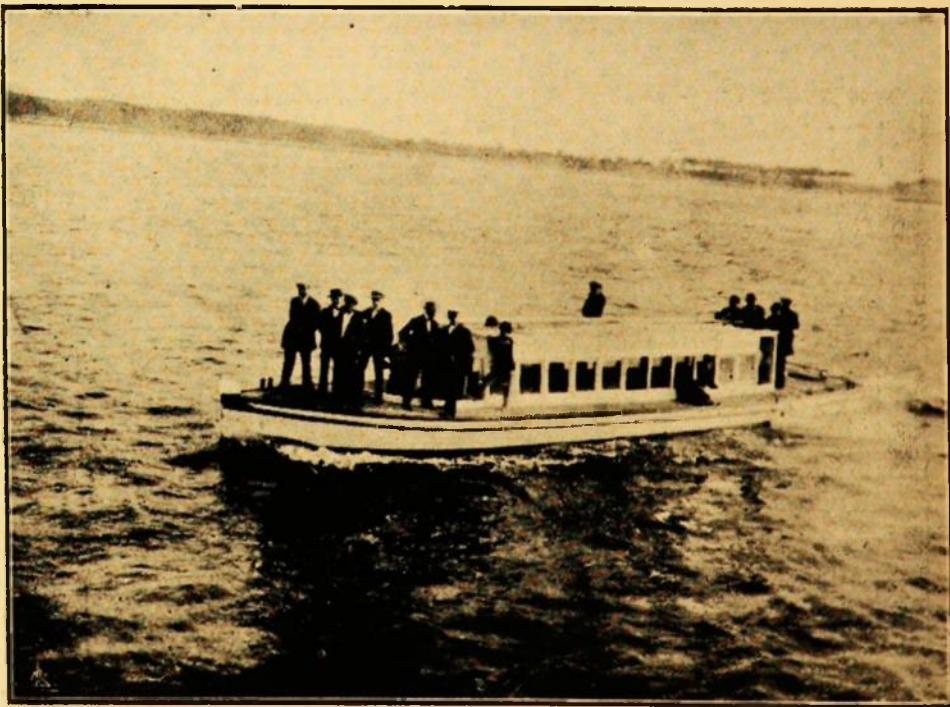
Secção historica

Existe esta mesa na Santa Casa da Misericordia da villa de Borba, concelho da

Mesa que serviu em Montes Claros

mesma, d'esta comarca de Villa Viçosa e districto d'Evora, na sala onde se reunem os Irmãos.

Apesar de nenhum merecimento artistico apresentar, torna-se comtudo digna de ser conhecida, pois a ella está ligado um importante facto historico. Perfeitamente redonda, tendo 1m,80 de diametro é de madeira de carvalho dividida em tres partes ligadas por dobradiças de prata, sem duvida para ser mais portatil, porque fecha-se com facilidade e em qualquer parte se póde acommodar. Foi esta mesa, segundo uma inscripção manuscripta no verso a que serviu ao primeiro conde das Galveias, general em chefe da cavallaria, na celebre e decisiva batalha dos *Montes Claros*, em que Portugal, a 17 de junho de 1665, apoz nove horas de encarniçada lucta, coberto de gloria, ficou victorioso contra o exercito hespanhol, commandado pelo marquez de Caracena, D. Luiz Benevides, cujo exercito foi dizimado com 4:000 mortos, e mais de 6:000 prisioneiros, sendo-lhe tomadas toda a artilharia, 3:500 cavallos e 104 bandeiras, que foram depostas aos pés da Virgem Nossa Senhora da Conceição, padroeira da freguezia matriz d'esta villa, onde se conserva ainda uma na capella-mór, apesar de decorridos duzentos e quarenta e oito annos!

Segundo a vi, é esta mesa de movimento giratorio, em torno do pé e porisso de presumir é pois, que d'ella se servisse, o conde das Galveias para juntamente com seu ajudante o tenente Roque da Costa Barreto e com os outros officiaes, talvez em conselho, estudar nos mappas os planos de combate. Mas uma pergunta nos acode: quando seria ella offerecida á referida Santa Casa da Misericordia?... Talvez na primeira occasião em que aquelle conde foi eleito seu provedor, que, segundo as melhores probabilidades por não haver escripturação, foi n'esse mesmo anno de 1665, pois por informações a que procedi desempenhou elle esse cargo varias vezes, sendo o anno de 1699 o ultimo. A referida legenda da mesa diz: "*Esta mesa deu-a Dinis de Mello de Castro, Conde das Galveias; era a que ele trazia na campanha em que se deu a batalha de Montes Claros; era o dito conde irmão d'esta Santa Casa.*„

Diniz de Mello de Castro, natural da Villa de Borba, onde nasceu em 1624, foi alcaide-mór da mesma Villa, e general em chefe do exercito do Alemtejo na guerra da Successão de Hespanha. Apesar d'isto viveu n'esta villa quasi sempre, e tanto é que casou na freguezia matriz da mesma, em 1660, com D. Angela Maria Lobo da Silveira, filha de André Mendes Lobo, governador do castello da villa

VIANNA DO CASTELLO—Um almoço em Barco do Porto

O barco automovel—Rio Lima—que de Vianna do Castello conduziu a Barco do Porto algumas das mais distinctas familias da sociedade elegante d'aquella cidade.

do Alandroal e depois mais tarde opulento lavrador.

Na freguezia matriz d'esta villa se baptisaram dois filhos do referido conde das Galveias dono da alludida mesa. Em 1665, em setembro, foi baptisado o seu filho Pedro de Mello de Castro que foi o 2.º conde das Galveias, que casou com D. Maria de Bourbon dos quaes nasceu o terceiro conde das Galveias, Antonio de Mello e Castro que casou com D. Ignez Lencastre; e em 1668 foi baptisado a 6 de dezembro, André de Mello e Castro, filho do 1.º conde das Galveias que aos 16 annos era deão da Capella Real d'esta villa e que depois de desempenhar varios cargos d'importancia em Portugal, foi nomeado em 1736 governador de todo o Brazil com o titulo de vicerei. Quando este se baptisou morava o pae no Paço do Reguengo d'esta villa.

Em 1666 professou tambem uma filha do mesmo 1.º conde das Galveias, por nome D. Maria, no Convento (Real) das Chagas. A esta filha dotou elle com trezentos mil; e mais tarde tambem no mesmo convento professou uma outra sua filha por nome D. Guiomar de Mello com a pensão annual de reis 20$000; e 400$000 reis de dote para o convento.

Foi tanta a affeição que o dito conde tinha por esta villa que em 1687 iniciou a reconstrucção da Fonte Pequena cujas despezas pagou, abonando o dinheiro de que mais tarde a Camara o embolsou.

A sua devoção para com a Virgem N. Senhora da Conceição era tanta, que elle offereceu duas corôas d'oiro macisso guarnecidas de valiosos brilhantes, em cumprimento, segundo se diz, d'uma promessa que fizera no periodo mais acceso da heroica batalha de Montes Claros. As duas corôas offerecidas foram, uma para o menino que ella tem nos braços. Teria esta imagem sempre este titulo?... Não pude ainda sabêl-o...

Um almoço em Barco do Porto — O desembarque do grupo em Barco do Porto

Um almoço em Barco do Porto—Gozando a belleza do panorama

Por isso ahi fica a pergunta, para outras pennas mais auctorisadas do que a minha tratarem do assumpto.

Villa Viçosa,
outubro de 1913.

ALBERTO GONÇALVES.

Importa prevenir os vicios, tanto mais que é facil evita-los e dificilimo o remediar os seus maleficios ditados pela voz ostenteadora da insensatez.

CANDIDO BACELLAR.

Fastos do Catholicismo

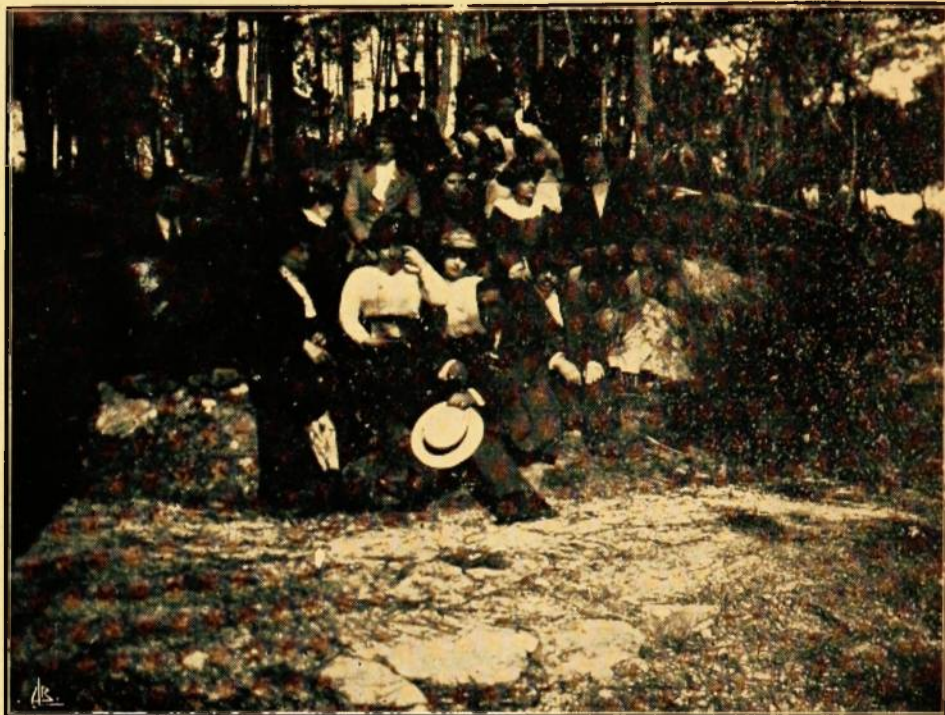
Muitas vezes se accusa o clero e a Egreja, de se intrometterem, demasiadamente, nas dissensões e luctas da politica.

E' quasi sempre falsa a accusação, e mais falsos ainda os intentos de dominação que se lhe attribuem. Algumas vezes, porém, é certo que o clero se mette nas luctas da politica, e é de um caso d'esses que vou fazer menção.

As recentes eleições na Italia foram, não só disputadissimas nas urnas, mas acompanhadas e precedidas por uma campanha de inaudita intensidade, que deu azo a lamentaveis successos, e verdadeiras batalhas entre os partidos.

N'uma povoação do Lacio superior tomaram as discussões eleitoraes esse aspecto de sangrenta ferocidade, e guerra civil. O parocho, vendo os dois partidos em campo, disputando-se posições a tiros, resolveu *metter-se* na politica, e foi para o theatro da lucta, para impedir que proseguisse a matança. Foram coroados os seus esforços, a lucta terminou: o ultimo sangue derramado foi o seu; quando se levantou entre os dois partidos como bandeira da paz, uma traiçoeira bala feriu-lhe o coração e prostrou o martyr da caridade.

*

Esteve recentemente na capital hespanhola o rev. P. João Badia. O fim da sua viagem foi travar relações com a Associação de S. Raphael para au-

Um almoço em Barco do Porto—Aproveitando a sombra

Um almoço em Barco do Porto—Um aspecto da meza na occasião do "lunch„

xilio dos emigrantes, que no visinho reino se está estabelecendo.

Começou na Allemanha esta instituição benefica, que muito tem trabalhado já em todo o mundo, especialmente n'aquelles portos onde a emigração é mais intensa. Os seus fins sympathicos, porque os inspira o humanitarismo, — perdão! — a caridade christã, que é alguma coisa superior, é amparar moralmente e materialmente tambem, aquelles que a necessidade arroja fóra da terra natal, e que, por terem ahi quebrados os laços d'affeições santas da familia e da patria, cahem muitas vezes em abysmos de immoralidade, ao mesmo tempo que grande parte d'elles são impudentemente explorados.

Estes males pretende remedear a Sociedade de S. Raphael.

*

Por iniciativa do Vaticano, em varios paizes do mundo estão sendo explicados todos os domingos, nas egrejas, as vantagens e beneficios que a sociedade deve á boa imprensa, e os damnos que lhe causa a imprensa irreligiosa.

São estes na verdade gravissimos pois que a moralidade e a verdade não vivem na athmosphera calida das paixões,—e nenhuma mais feroz do que a politica, desporto da maior parte da imprensa irreligiosa.

E com esse caracter da má imprensa se junta e emparceira a calumnia insultante e a mentira ignobil ou a zombaria voltaireana, quando tratam das coisas do catholicismo.

*

Está confirmado terminantemente que foi grande o triumpho eleitoral dos catholicos, na Italia pois a representação d'estes no Parlamento cresceu em numero de quatorze deputados.

Em todos os districtos em que os catholicos luctaram contra os republicanos, foi estrondosa e decisiva a derrota d'estes.

E' tambem notavel a disciplina com que os catholicos concorreram ás urnas, demonstrando um grande espirito de solidariedade, e plena confiança no triumpho.

... Mas, não está convencionado dizer-se na imprensa que a Egreja perde terreno cada dia?...

Um almoço em Barco do Porto. Outro aspecto da meza

(Clichés do phot. am. sr. Manuel Affonso.)

*

As Juventudes Catholicas desenvolvem-se admiravelmente em toda a parte.

Em Roma, com um conselho central, ha nada menos que 33 circulos de Juventudes, e são innumeros os centros desportivos catholicos; a França tem umas admiraveis e praticas Juventudes e em Portugal a acção catholica actual quasi se restringe á obra das Juventudes.

Outra noticia feliz nos communica a imprensa hespanhola: acabam de federar-se as Juventudes da Galliza, que effectuaram ha pouco um congresso importantissimo.

Por toda a parte a Juventude é a grande obreira da acção catholica. E quando a juventude se dedica a uma causa está assegurada a sua victoria,—humanamente fallando.

Quanto mais no caso presente em que o principal trabalhador é Deus!

R. C.

BARCELLOS == Viatodos. Uma espadelada

Uma espadelada na "Villa Maria Amelia„ propriedade do snr. Luiz d'Andrade Villares

Um grupo de senhoras portuenses com trajes minhotos na espadelada do snr. Luiz d'Andrade Villares

(Clichés do phot. am. sr. Antonio Braz d'Araujo).

PORTO -- Os fieis defunctos

O povo visitando o Prado do Repouso

O povo na avenida central visitando as campas

No Bolhão—O mercado das flôres

No Bolhão—Comprando flôres para depôr nas campas

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

BOM JESUS DO MONTE -- A menina Elsa Chaim junto á gruta

(Cliché do distincto phot. am. sr. Augusto Chaim Junior)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500

Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.

Numero avulso	60

Numero 21 Braga, 22 de novembro de 1913 **Anno I**

CANDIDO BACELLAR
medico e jornalista

"Manual de Hygiene e Therapeutica

PERANTE A

OBSTETRICIA E A PEDIATRIA,,

ou Cuidados medicos e familiares com as mães

(Antes, durante e depois do parto)

E

Soccorros ás creanças

Conselhos ás noivas e assistencia ás familias

PREFACIANTES: *Ex.mos Drs. Gaspar Fernando de Macedo e D. Leonor Amelia da Silva.*

A' venda na Livraria Escolar de Cruz & C.ª, de Braga, e nas mais livrarias do paiz.

Modo de ajudar á missa

Destinada ás catecheses da Doutrina Christã

Acaba de publicar-se este folheto, cujo preço é de 20 réis.

Vende-se na administração da «Illustração Catholica».

Collegio Lyceu Portuguez

HUY (BELGIQUE)

DIRECTOR—José Luiz Mendes Pinheiro

Situação magnifica. — Educação moderna.
—Instrucção primaria e secundaria completas.
—Preparação para as universidades belgas.
—Professores de diversas nacionalidades para o ensino das linguas.

Este collegio veio substituir o antigo Collegio Lyceu Figueirense, da Figueira da Foz. N'elle encontram os alumnos as vantagens d'uma educação moderna, n'um dos paizes mais avançados da Europa, sem augmento de despeza.

Viagens e todas as despezas por conta do Collegio, mediante o pagamento d'uma annuidade fixa, cuja importancia não é superior ao total das despezas a pagar em collegios portuguezes.

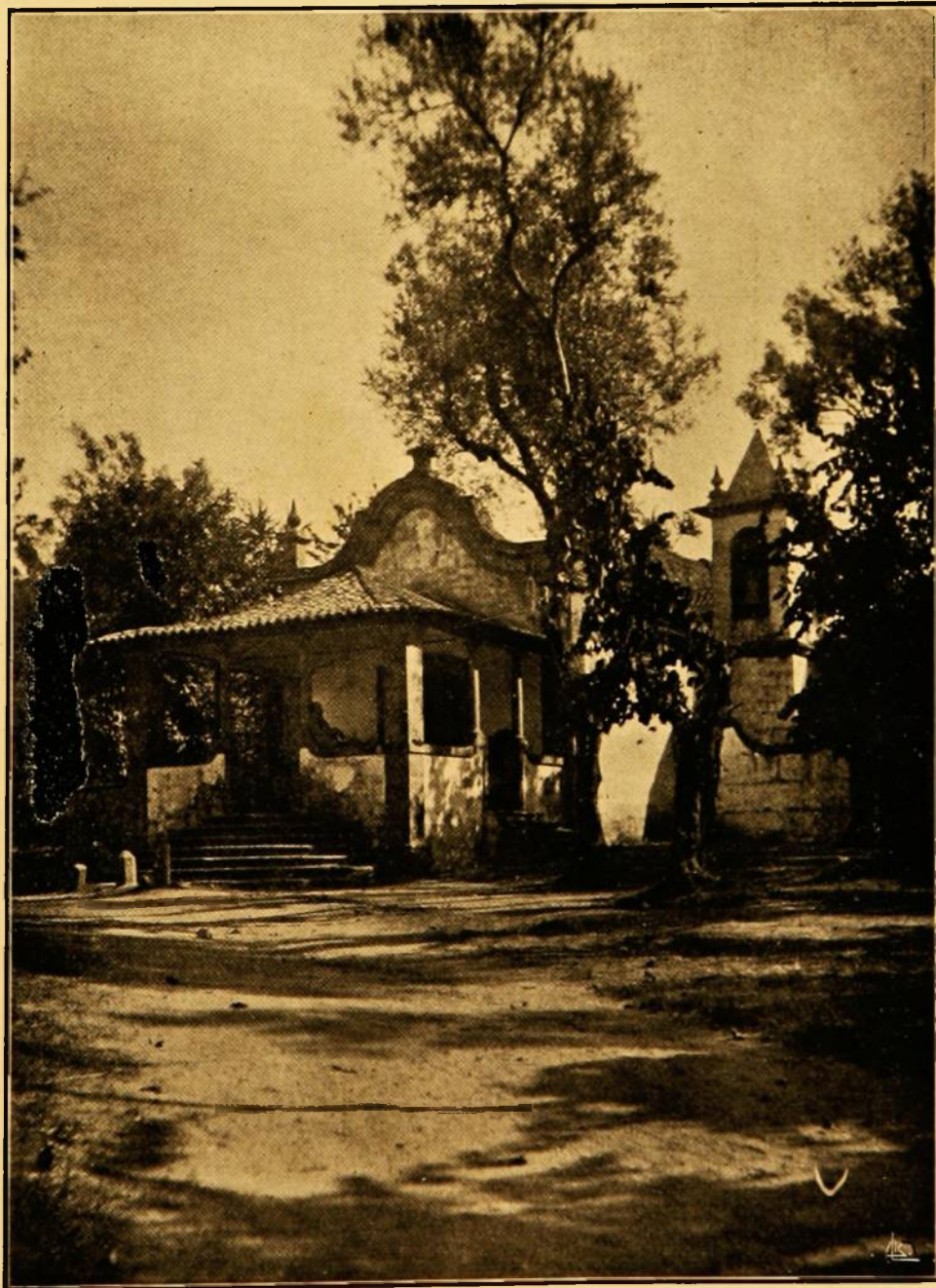
Pedir prospectos ao director.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 22 de novembro de 1913 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* (Antiga R. da Rainha—Braga) | Numero 21 — Anno I

GUIMARÃES—Capella de Nossa Senhora da Conceição

(Cliché do phot. am. sr. Luiz do Souto)

Chronica da semana

XXI

Porque é já conhecido dos leitores o resultado do ultimo acto eleitoral e porque não compete ao chronista o relato de taes acontecimentos, não diz esta chronica, mais do que o reconhecimento do facto consummado, embora sintamos profundamente não possuirmos linguagem empolada e resoante com que dirijamos ao governo a saudação merecida a quem... vence as eleições.

A eterna farça! Nas provincias do norte circulos houve em que o antigo regenerador pedinchou lamurioso para o evolucionismo e o progressista—sempre obsessão do progresso, é claro!—substituiu a côr da gravata e collocou, na galeria dos manes partidarios, o snr. Affonso Costa ao lado de Anselmo Braancamp.

E' muito possivel que o velho, o archaico Fontes não ature a comparação, ao contrario do que terá succedido com Mariano de Carvalho que gargalhará da pilheria, procurando embalde o celebre estadulho!...

A psychologia do eleitorado já está feita de ha muito. Revelou-se desde que a ambição subiu empavezada os degraus do poder e a politica se tornou n'aquella grande porca de seios turgidos, como o saudoso lapis de Raphael a definiu. O *nihil sub sole novum* é a grande verificação politica. Quem rebuscar pacientemente nas campanhas eleitoraes de todos os tempos, quer os *meneurs* se chamem Gracho e Druso, quer Hintze e José Luciano, quer Antonio José d'Almeida e Affonso Costa, encontrará a mesma phraseologia indignada, as mesmas insinuações ridiculas, as mesmas apostrophes e as mesmas accusações, com sensivel variante de circumstancias de momento. O *á urna* sempre se escreveu com as mesmas lettras, na mesma occasião e com o mesmo significado.

O unico caso de admirar é o apparecimento de listas independentes á bocca das urnas propiciando o suffragio! Independentes!

Em politica tudo se comprehende e tudo se explica, menos a chamada independencia. O independente é o zero, o anonymato; conta-se sempre á esquerda, nada vale. A independencia representa inalteravelmente, não o proposito de moralisar pelo equilibrio, mas a inveja, o despeito ou o commodismo espreitando as oscillações da balança para d'ellas tirar proveito. E' a espada de Brenno do interesse.

Quem entra na politica acceita-lhe todas as satisfações e todas as desgraças, todos os defeitos e todas as commodidades. Immiscuir-se alguem na batalha, a titulo de *touriste*, é calvo erro que não se admitte.

De resto... o Terreiro do Paço continúa sendo o laboratorio da redempção nacional. Hoje, como hontem, a onda de ociosos lhe passeia as arcadas. No reinado de D. Maria I já assim o descrevia Beckford n'uma das suas cartas: «o Terreiro do Paço, por onde seguimos caminho, estava cheio de ociosos de todas as classes e sexos, pasmados para as vidraças illuminadas do palacio, na esperança de vêr, n'um relance, a sombra momentanea de sua majestade, do principe, do confessor ou das damas, escoando-se d'um para outro aposento.»

A majestade hoje é outra, cremos que os principes e as damas desappareceram, e é provavel que o confessor ande por terras de exilio roendo as codeas do repasto: mas a pasmaceira conservou o antigo ar attonito e a quintilha de Tolentino evoca ainda com certa propriedade aquelles

«acerrimos jarretas
argumentando em gazetas.»

Que muito, pois, que ha dias, n'um wagon de caminho de ferro, ouvissemos um candidato (é escusado informar que foi eleito!) commentar d'esta forma um retumbante artigo de fundo d'um jornal do governo em que se verberavam afflictivamente as tranquibernias eleiçoeiras manipuladas em certo circulo transmontano:

—Que se roubem votos aos monarchicos, é justo: mas que se subtraiam aos republicanos, acho indecente!...

Sut me lusistis. Ludite nunc alios!

F. V.

APARTAÇÃO

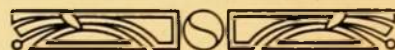
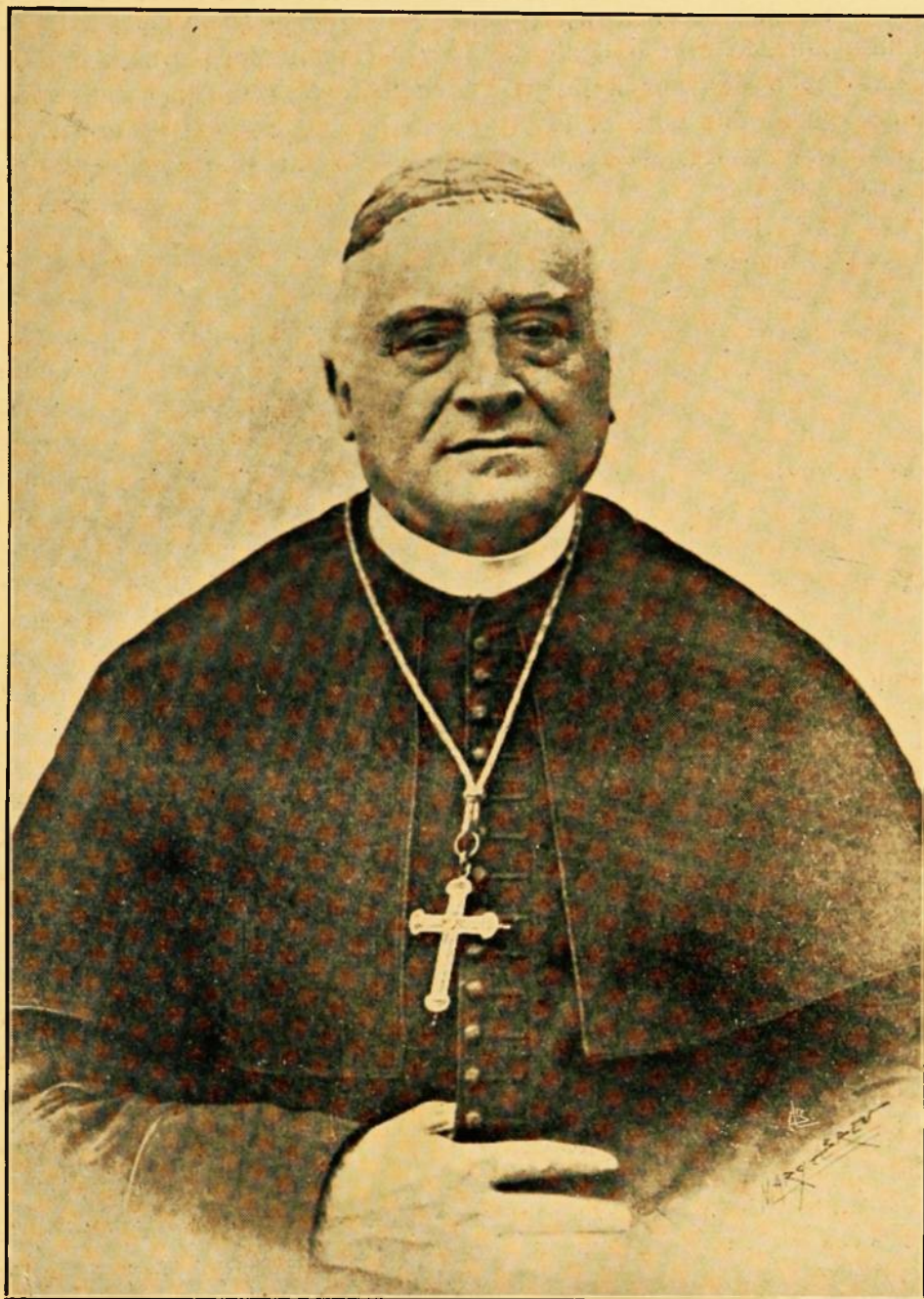
Emfim, de nada vale o fingimento.
Não és, não sou, não somos já creanças:
Canço d'ouvir-te, de escutar-me canças,
E assim, vivemos ambos num tormento.

Diversos rumos vão nossas esp'ranças,
Vae desunido o nosso pensamento;
Mas, tinha que chegar este momento,
Porque esta vida é feita de mudanças.

Não encontramos na amorosa taça,
Quasi exgotada, mel que satisfaça?
Quebremo-la e termine-se o festim.

Não temos um do outro amargas queixas.
Levas saudades? pois saudades deixas!
Mas preferivel é que seja assim!

31—8—913.

MARIO SILVA.

OS NOSSOS BISPOS

D. Manuel Correia de Bastos Pina

✝ BISPO DE COIMBRA; CONDE D'ARGANIL

Nasceu na Carregosa, a 19 de novembro de 1830; foi eleito no consistorio de 22 de dezembro de 1871 e acaba de fallecer em 19 do corrente, dia em que completava 83 annos.

Foi vigario capitular de Vizeu e depois governador de Coimbra, antes da sua eleição. Defendeu ardentemente os direitos episcopaes n'uma questão com a faculdade de theologia. Governou com energia e bondade a sua diocese. Creou um Museu de arte-sacra nos claustros da Sé, obra de insigne merecimento. Reformou os estudos ecclesiasticos fazendo adoptar no Seminario a philosophia thomista. Deixa valiosos escriptos em cartas-pastoraes e outros. Foi socio do Instituto.

A "Illustração Catholica,,

presta a homenagem sincera da sua admiração e respeito ao grande Bispo, decano do Episcopado portuguez, que agora desapparece de entre os vivos.

Uma lingua curiosa

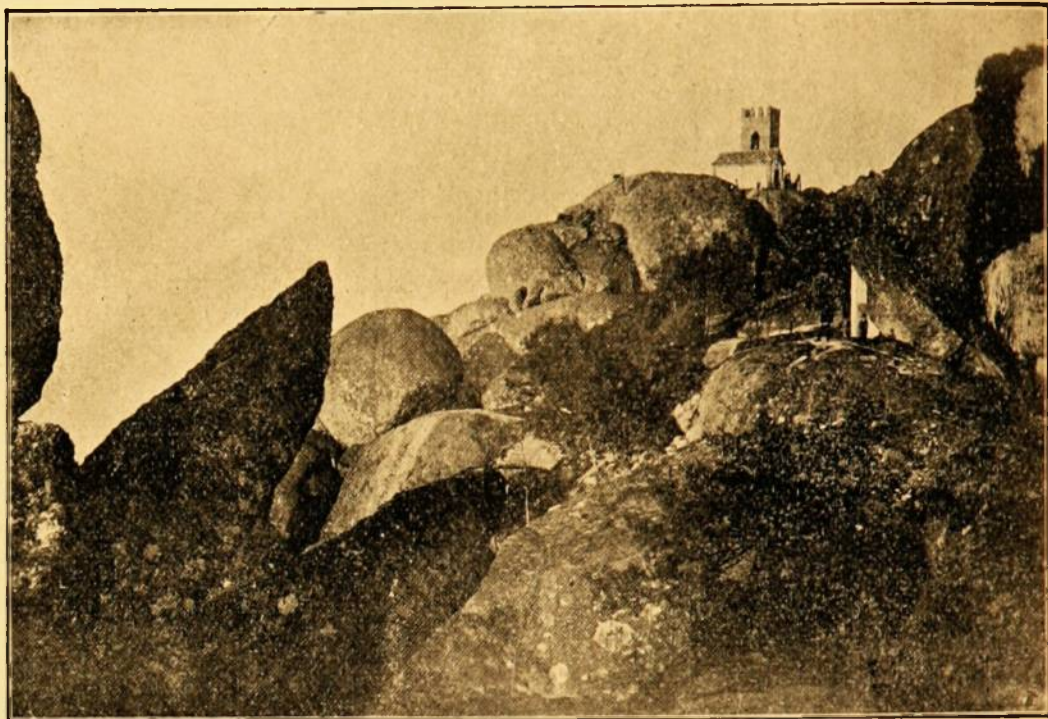
POUCAS pessoas haverá em Portugal, creio eu, que tenham estudado... o vasconço. Quem escreva em portuguez vasconço, ha muito, louvado seja o Senhor. Eu sou um d'elles! Mais que o desamor á lingua patria, é isso devido ao estudo das alheias. Hoje quero entreter dez minutos os leitores da *Illustração Catholica*, falando-lhes da ultima que aprendi, ou melhor, que tentei aprender.

E' o vasconço, a lingua dos vascongados.

N'outra occasião, com mais vagar (estou fazendo as malas para embarcar!) darei uma ideia mais desenvolvida do mechanismo prodigioso d'esta lingua veneranda. Tão veneranda que já alguem sustentou que foi a primeira que houve no mundo!

Por hoje, e para começar iscando á curiosidade dos leitores, vou transcrever um periodo de um artigo de fundo de um diario vasco *La Gaceta del Norte*, de Bilbau, periodo em que ha uma gralha typographica muito curiosa. Escrevia aquelle jornal em julho passado:

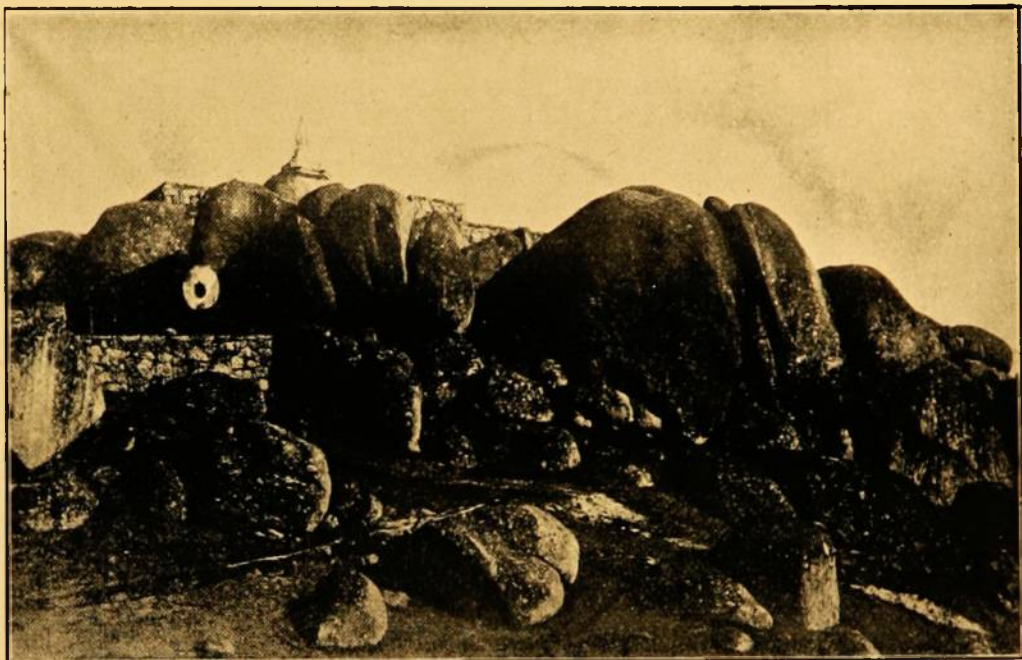
«Não é segredo para ninguem que a resolução dos enygmaticos problemas relacionados com a origem e o desenvolvimento da nossa raça e da nossa lingua, tentou desde ha muito os *anthropóphagos* (sic) e linguistas do mundo inteiro.»

Os *anthropóphagos!* Santo Breve da Marca! Ora os leitores, sem serem anthropólogos, hão de gostar de ler duas noticias sobre uma lingua que tem despertado tamanho interesse no mundo scientifico.

GUIMARÃES—Um aspecto da Penha

GUIMARÃES—O castello da Penha

A sciencia da linguagem, diz Ribary, philólogo hungaro, classifica o vasconço entre os restos mais preciosos dos tempos antigos, por causa da construcção prodigiosa do seu verbo.» E Champion, grammatico vasco, accrescenta: «A mim affigura-se-me como um edificio de colossaes dimensões, assente sobre amplos e resistentes alicerces. Se attendemos á abundancia e á solidez dos materiaes, denominamo-lo (ao verbo vasconço) trabalho de cyclopes; mas se levantamos os olhos para os seus esbeltos minaretes e as suas afiligranadas agulhas devemos chamar-lhe trabalho de fadas. Regularidade, proporção, harmonia nas grandes linhas; minuciosa riqueza nos seus infinitos pormenores. A nave severa é um formigueiro de fórmas: um bosque dentro de um templo grego. O nosso espirito começa attónito para acabar fascinado. As injurias do tempo perdem-se na formosura sem par do conjuncto.»

E para que o leitor acabe de espantar-se, e me peça que não falte á promessa de lhe fallar da lingu avasca, abro a veneranda *Apologia da lingua vascongada* de Don Pablo Pedro de Astarloa, e copio, a pag. XI do prologo da edição de Madrid—1803:

«Eu não tinha ainda examinado com a devida exactidão o verbo vascongado. Fixei o numero das suas *duzentas e seis* conjugações pelos presentes perfeitos do modo actual ou indicativo. Faltava-me observar se era pontual nos outros modos e tempos; queria tambem saber se, assim como soube aformosear-se com

GUIMARÃES—Penha. Estatua de SS. Pio IX e gruta de N. Senhora

Grupo de Foot-Ball Vimaranense promotor da corrida pedestre na encantadora montanha da Penha

De pé—José Ribeiro, Gualdino Pereira, Pereira Mendes, Alberto Castro, José Fernandes, Manuel Pires e Belmiro d'Oliveira.
Sentados—Arlindo Souto, Casimiro Fernandes, Antonio Pereira, Antonio Abreu, Alberto Vieira e Francisco Mendes.

esta immensa variedade de conjugações, soube ao mesmo tempo prescrever-nos regras que facilitassem a sua acquisição, aclarando-nos aquelle chaos de obscuridades que se apresentam ao entendimento, só com o ouvir que *cada um dos nossos verbos ha de ter duzentas e seis conjugações differentes, com duzentos e seis indicativos, duzentos e seis imperativos, duzentos e seis conjunctivos, etc. e trinta mil novecentos e cincoenta e duas inflexões pessoaes, e outras tantas participiaes,* que necessariamente devem resultar, para que aquellas conjugações fiquem completas.»

Se a estas horas o meu paciente leitor ainda não atou as mãos na cabeça é porque a tem á prova... de vasconço!

co e parte em castelhano. E até... tenho amor aos vascongados! Já escrevi, n'um livro que dediquei...; adeante!—que amava a Polonia e a Irlanda, porque soffreram e soffrem pela sua fé. Agora accrescento que amo tambem a Vasconia, porque no reducto das suas montanhas, defendidas atravez dos seculos com bravura de leões, conservam intacta a sua fé religiosa e o amor á terra natal. Amanhã, quem sabe? talvez o meu amor aos povos perseguidos, se durar o exilio, me leve á Finlandia, onde, como pelo gaelico na Irlanda, pelo polaco na Russia e na Allemanha, e pelo vasconço na Hespanha, ha um povo que lucta pelo respeito ao seu antiquissimo idioma.

Pois que lhes direi mais, hoje, senão que as horas que me deixam livres os meus trabalhos me são deliciadas pelo estudo do vasconço? Tenho o livro de Astarloa, a monumental grammatica, acima citada, de Arturo Champion, e leio todos os dias o *Euzkadi*, diario de Bilbau, parte escripto em vasconço e parte em castelhano.

Corrida pedestre. Partida

Quem sabe? Ha tantas nuvens negras no horizonte da nossa patria, que eu, estudando no exilio a lingua e a litteratura vasconça, lembro-me, ao ler o canto dolorido de Arrese:

Oh neure erri maite maitea!
Zakustaz triste negarrez...

«Oh meu amadissimo povo, vejo-te triste chorando...» — lembro-me se tambem algum dia, quando em Portugal já se não entender portuguez de Bernardes ou Vieira, teremos que ouvir algum bardo dolente repetir com o cantor vascongado, dos nossos prados desertos e dos rios que correm para o mar:

Gau eta egun chilioz dagoz
Ay, gara gaztelakuak!

«Dia e noite clamam com alaridos: ai, somos castelhanos!»

Longe vá o agouro... e tambem o temor de que lhes pretenda explicar, no promettido artigo, as *trinta mil novecentas e cincoenta e duas inflexões pessoaes* do verbo vascongado. Não! Escolherei alguns tópicos a menos sobre esta veneranda lingua, representada hoje em Portugal, entre outras coi-

Gualdino Pereira, vencedor do 1.º premio

Manuel Pina, vencedor do 2.º premio

sas, pelo appellido do sr. Presidente da Republica, Manuel de Arriaga, que vem a ser *pedregal:* de *arri-pedra* e a terminação *aga—reunião de...*

E posto isto á laia de engôdo, para attrahir os leitores, até á vista e... *Aurrerá!* que é como quem diz: *Avante!* em vasconço.

ARTHUR BIVAR.

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

Os jornaes do mundo voltam a insistir na questão balkanica e Fernando 1.º, que n'uma hora de sorte fez d'um principado remoto um reino audaz, anda agora titubeando por casa da parentella de Vienna, a com duas pennadas protocollares, o problema balkanico.

A guerra vae surgir. A calmaria longe de gelar as coleras, aguçou appetites, açulou desejos e poz á roda viva das novas ambições, as cabeças coroadas dos Reis em guerra.

A Turquia, quasi relegada para a immensidão da sua Asia submissa, volta a consolidar-se na Europa pela mão instigadora d'uma nova ambição—rehaver o perdido. O Czar Fernando póde conseguir a revisão, não conseguirá a paz.

O seu povo, agita-se n'uma sêde selvagem de vingança. Hontem acclamou-o, vencido, nas ruas de Sofia, com a mesma sinceridade com que hoje o ameaça de morte, se elle voltar sem a revisão. E' a inconsciencia politica a atiçar rescaldos, a armar braços vingadores. A inconsciencia collectiva é sempre o rebate sangrento da revolução e da guerra. Se fosse um latejar isolado poderia ser ephemero, dominado, mas a Bulgaria soffre do mal dos seus visinhos. Atravez da fria manhã da Rumania,

Jantar do grupo de Foot-Ball Vimaranense

(Clichés do phot. am. sr. Luiz do Souto)

supplicar a revisão do tratado de Bucarest, que foi um ruinoso desastre para os destinos do seu paiz...

A Turquia, já retemperada, espreita a hora compensadora da desforra e desde Belgrado ás praias distantes do Egeu, todos se olham desconfiados, n'aquella mansa attitude do *boxeur*, que refeitos os queixos do ultimo murro, ensaia pacatamente um novo murro...

A paz é uma ficção. Houve apenas a calmaria mas a tempestade ameaça e a tempestade voltará, desvastadora, horrivel. Afinal, seria um cumulo d'ironia, que a diplomacia ruidosamente fracassada n'essa sangrenta questão, tivesse agora liquidado nota-se já a mesma ebulição que abrasa e excita os estados vencedores ou vencidos.

Vão ainda bater-se. Hoje, ámanhã, vão baterse e ou a diplomacia fracassa pela ultima vez ou triumpha n'um rasgo e então pela ultima vez se pronunciará tambem a ultima palavra sobre o destino incerto d'esses povos.

Mas as chancellarias andam em maré d'azar e quanto á sinceridade das suas attitudes ha muito que discutir. A questão do *Zepelin* que foi um triumpho de cortezia, não liquidou e o estado maior allemão responde ao incidente, com a organização secreta d'uma nova esquadrilha aerea.

E' curiosa a incoherencia politica de tudo isto. A seguir sempre a qualquer conferencia de paz, sellada com os protestos pacificadores da Europa inteira, os arsenaes atulham-se de ferreas carcassas de novos cruzadores, as fabricas illuminam-se ao clarão sinistro de novos canhões fundidos. Foi por isso, que ha annos, a rir, entre um charuto e um *bock*, aquelle loiro principe, que então representava no concerto da paz os bons desejos d'um grande paiz, affirmou aos collegas, ironicamente: «Afinal a paz só se consegue augmentando os effectivos de guerra» e entre uma nuvem de fumo, o seu sorriso trocista vincou ainda a ultima ironia: «Não, não, armam-se para se não baterem...« Ora, afinal, afóra esta excepção sangrenta dos Balkans, em que o espirito da raça e a selvageria contida pela civilisação imposta, accendeu a rebellião, a guerra, hoje, é quasi um impossivel, reduzida como está ao papel infantil dos rapazelhos da escola, que com medo reciproco, se ameaçam, avançam mesmo, injuriam-se, invectivam-se, mas vão para as suas casas sem um murro trocado, receosos dos paes que podem esticar-lhe as orelhas juvenis.

VILLA VIÇOSA—Egreja matriz e cemiterio municipal

N'este caso, as orelhas são os regimens que receam os puchões dos socialistas que começam a dominar pelo medo.

Os ultimos *meetings* contra a guerra tem uma indiscutivel significação. A propaganda social que se estendeu e radicou, n'uma ligação estreita, vae desnacionalisando, dominando os resentimentos e preconceitos dos homens, universalisando-os perante a ideia. A'manhã se a guerra rebentasse, que não rebenta, os socialistas não hesitariam em oppôr a sua força organisada, contra a força armada que ia desorganisar e destruir. E' por isso, que ante as novas leis militares,—o augmento d'effectivos da França o alargamento dos quadros navaes da Inglaterra, a nova esquadrilha aerea da da Allemanha—o mundo encolhe philosophicamente os hombros, como a gente troça, nas feiras, do repontão marchante minhoto, de jaqueta d'alamares e espora de latão, que faz uma *varredoura* espalhafatosa para afinal nada varrer.

A França, esta agora mais preoccupada com a nova peça de Bataille, que com todo o bellico furor da sua inimiga d'alem-Rheno, a phantasiar, na imprensa, derrotas theatraes e Mr. Poincaré, estuda com mais attenção uma aproximação com a Santa Sé, que propriamente se interessa pelo novo cruzador-monstro, que dentro em breve vae sulcar as aguas de Brest.

Mais do que nunca se pensa a sério nas pazes amigas com a Curia. A França, que o snr. Combes fez passar pelo fracasso de hostilizar as proprias crenças, para satisfazer as ambições d'uma grey procura afincadamente encontrar o pretexto airoso para retomar o seu papel de Christianissima nação, intervir nos concilios, agitar purpuras, e até bem quizera poder resuscitar o seu uso de veto, morto com o anathema de Pio X.

O catholicismo em França,

VILLA VIÇOSA—Estação ferro-viaria

é hoje uma força esmagadora e tão grande, que em curtos annos dominou a furia vermelha que gerou a separação e collocou a patria na dura situação de vir delicadamente supplicar, o que ha pouco ainda poderia exigir pela concordata. Roma, vê, atravez d'uma habil reserva, este phenomeno politico e mantem-se inabalavel, dentro da sua intransigencia, que é hoje a sua grande força.

Mas é questão de tempo. Roma ha de ceder quando tiver garantias sufficientes e a França christianissima e contricta na pessoa vistosa do seu embaixador, atravessará de novo os *parquets* sagrados do Vaticano, com os protestos d'uma estreita amizade e... a insinuação discreta, d'alguns novos cardeaes.

PELA ALDEIA—Uma casa de campo

E emquanto no taboleiro xadresado dos estados, os politicos jogam a sua partida, lá para os confins da America um millionario caturra dispõe os seus preparativos para uma partida-monstro de xadrez.

Nos jardins do seu magnifico palacio de Boston, jogar-se-ha, dentro de dias, perante as auctoridades e a gente grada, uma rara partida de xadrez, para a qual a municipalidade instituiu um valioso premio.

PELA ALDEIA—Moinhos no rio Selho

O americano Thoomson, se não faz mais do que reeditar uma festa realisada ha annos, por um compatriota, promette, segundo o «New-York Herald», supplantar a primeira, com o luxo faustoso e o deslumbramento da segunda.

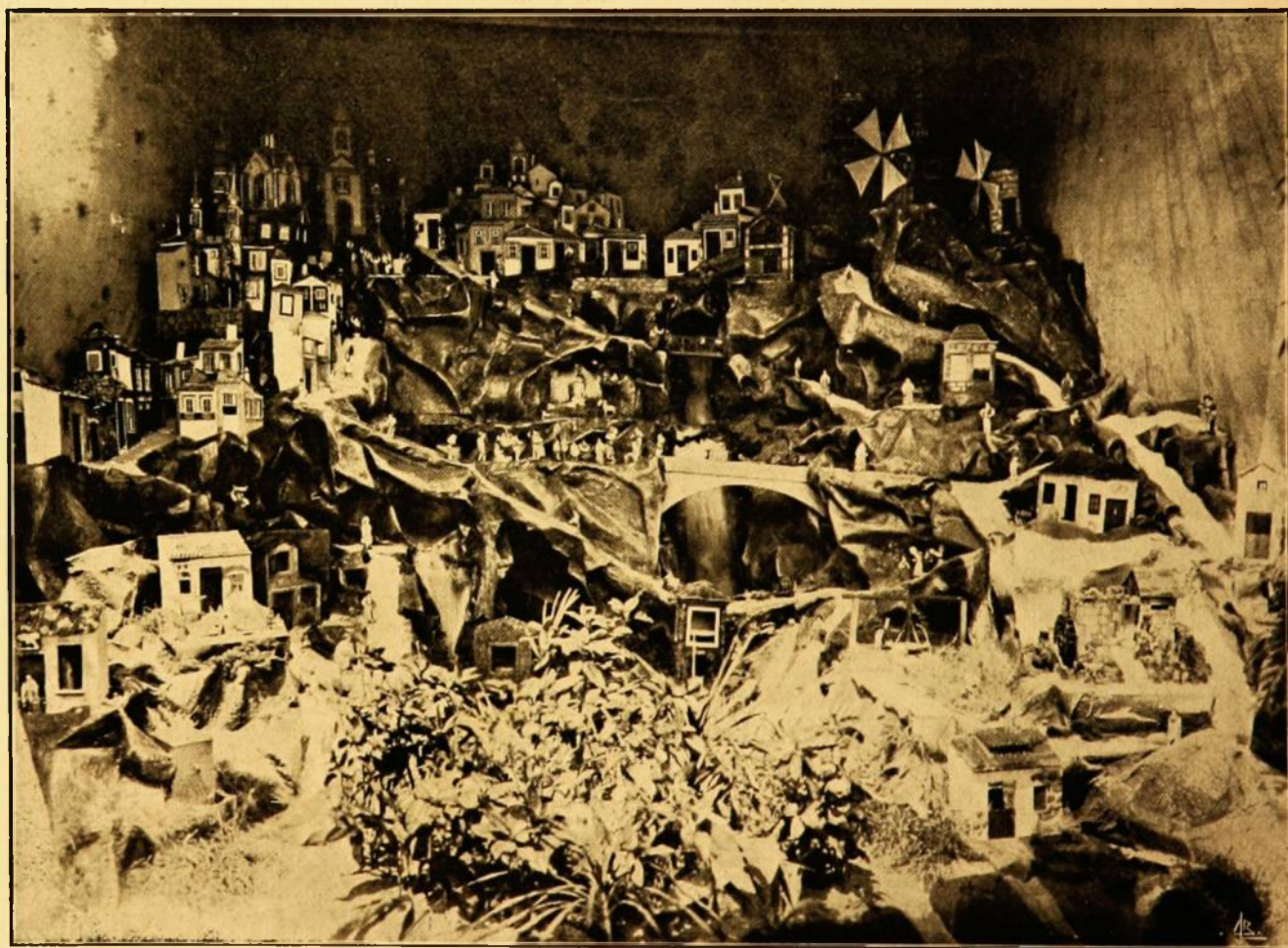
No jardim do seu palacio, desfeitos os canteiros, nivelado e coberto o chão d'um mosaico arabe, reproduzindo o negro e branco do jogo, dentro de dias, as 32 pedras do xadrez, humanamente representadas por homens e mulheres vestidas por um *costumier* parisiense, movimentar-se-hão, segundo a phantasia estrategica do esquesito Thoomson, que do alto d'uma tribuna coberta de brocado e oiro, vae apresentar o seu ultimo lance de xadrez. A seu lado, dois pagens munidos de cornetas acusticas transmittirão as ordens, que serão executadas pela extranha comparsaria e a cada lance, dois arautos solemnes, marcarão o jogo tocando em trompas de prata, um hallali guerreiro. O adversario que occupará uma tribuna egual e tem ás suas ordens outros tantos arautos e pagens é o presidente de um club cotado e um xadresista feroz.

A festa custará cem contos, accrescenta ainda o sollicito informador do jornal.

Cem contos!!! E lembrar que no mesmo jornal, que exhibe a phantasia do jogador caturra, vem um telegramma de Paris, annunciando que com os primeiros rigores do inverno, foram encontrados junto ao Sena dois homens mortos de frio, e que as auctoridades medico-legaes summariamente averiguaram que um dos desgraçados estivera dois dias sem comer.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Feliz aquelle, que sabe juntar bons livros ao pequeno numero dos seus amigos; que muitas vezes se retira da agitação do mundo para gozar do seu pacifico entretenimento; e que sempre d'elles tira mais serenidade, mais coragem e mais esperança.

PORTO—Jardim Passos Manuel. Salão de festas, onde se realisou a ultima exposição de flores

Gruta de S. João no Jardim de Passos Manuel

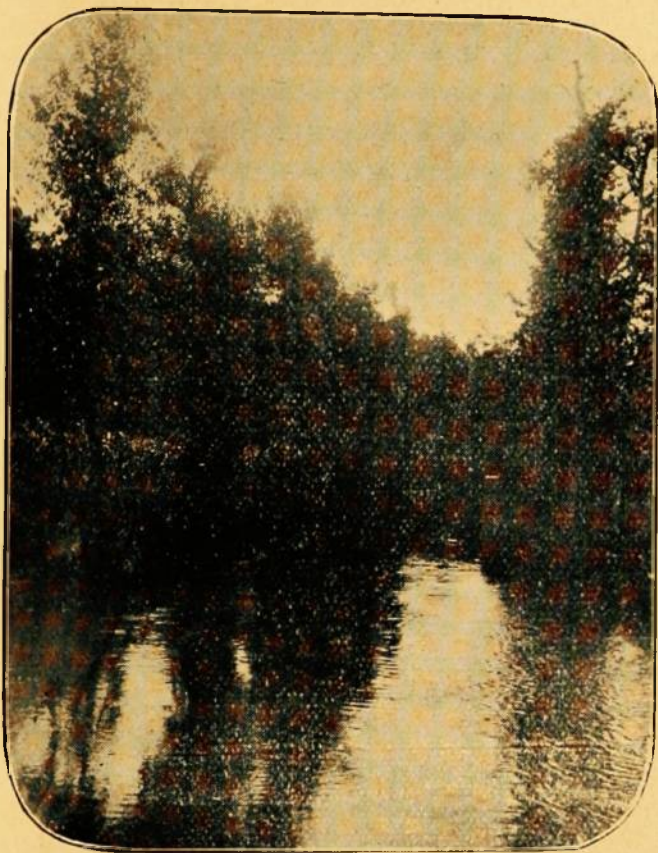
(Clichés do distincto phot. am. sr. Augusto Chaim Junior)

FIGURAS DA BEIRA

IX

Dr. José Correia da Silva Menezes

I

O dr. José Correia dava, a principio, quando no-lo apresentavam, a impressão d'um homem rude, hostil, facilmente propenso a bombardear o proximo tranquillo com catilinarias, ruidosas de apostrophes. Cumprimentado e tractado, o original medico descommunal fechava logo sobre nós perguntas estridentes, e depressa, em tom de descompostura, em voz gritada e implacavel, fazia a critica viva dos costumes de todos e, ás vezes — o que tinha mais graça — dos costumes de si proprio, ou de toda a sua familia.

PELA ALDEIA—Um aspecto do rio Selho

Foi sempre assim toda a gente, ou quasi toda, da numerosa e galharda familia Correia que inçou Lamego, emigrando de Barrô. Todos falladores, rijos de voz, impetuosos, causticos, mas tambem, além de talentosos e cheios de actividade, não raro dotados d'um coração magnanimo, d'um caracter puro.

D'esta linha integra e, ao mesmo tempo, curiosa, lhe veio um incontestavel predominio na vida lamecense durante mais de meio seculo.

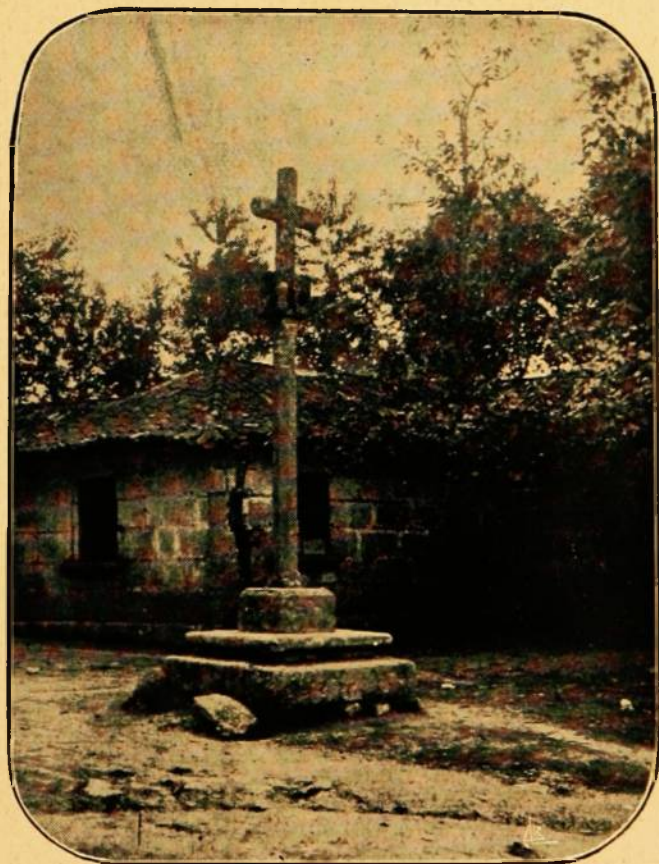
E' provavel que peccassem bastante por uma altivez neo-aristocratica, por um intenso amor-proprio de casta nova, ambiciosa de todo o poder. Os Correias formaram devéras uma dynastia de dirigentes, dando a Lamego dois medicos notaveis, que tambem eram rigidos politicos, e muitos commerciantes poderosos, alguns burocratas, um abbade, um poeta muito mais satyrico do que lyrico — Francisco de Menezes—um advogado, hoje professor de lyceu -dr. Oliveira e Castro—, emfim, dos melhores lamecenses, dos mais operosos e salientes, no seu cruzamento com varias familias, mas predominando sempre, como o bom azeite á tona da agua, no sangue novo a que se alliavam com majestade.

Comtudo, a sua acção foi, e tem sido, na essencia, quasi sempre benefica. Os defeitos eram fartamente compensados pelas qualidades: trabalho, honra, caridade, amor ás boas e fecundas tradicções, uma franqueza integra, superior a conveniencias.

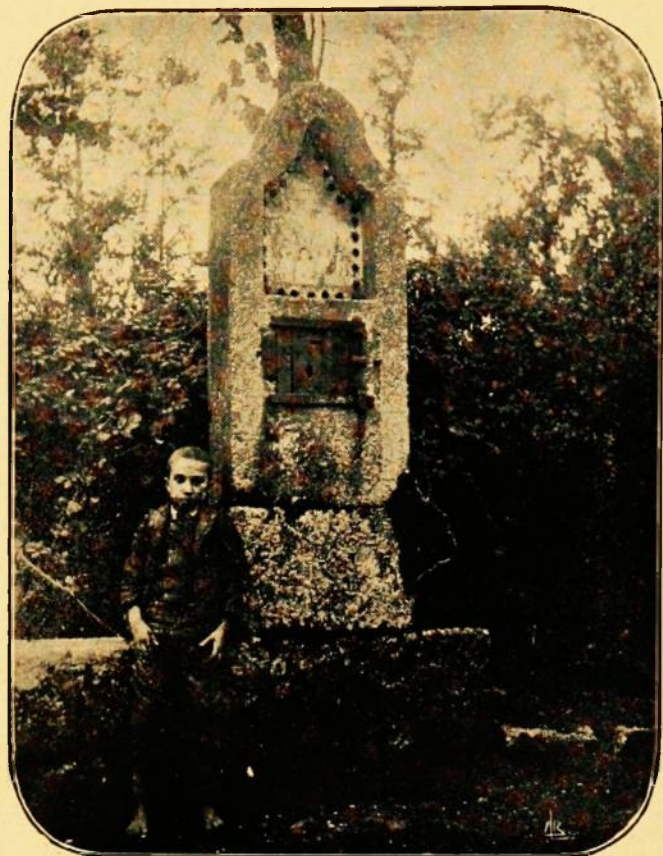
O dr. José Correia era uma encarnação perfeita do espirito dos Correias. Modos asperos, e alma generosa, irreverente com praxes, e intransigente com o menor symptoma de anarchia. Nunca muito bem com a vida moderna e, todavia, amigo da convivencia animada e ruidosa.

Hostil a vaidades, e cioso da hegemonia da sua familia. Liberalão bastante nas arengas verdadeiras que impunha, como escutadas, na conversa, e profundamente religioso, arraigadamente christão, inexoravel com *espiritos fortes*, a cada passo, com intransigencia, por vezes com aspereza fulminante.

*

Era notoria a sua descortezia desabrida. Saudava em tom de sarcasmo, e espirrava francamente nas barbas dos mais aprimorados. Visitando os doentes, conservava sempre na cabeça o chapeu alto, como um militarão que não larga o capacete, e entrava, mirando tudo com impertinencia: tecto,

PELA ALDEIA—Um cruzeiro

sobrado, paredes, quadros, reposteiros, teias d'aranha, mobilia, vestuarios, disparando, antes de mais nada, os seus rudes conceitos á queima-roupa.

Ao doente, mais o invectivava do que o examinava. Tomava-lhe o pulso, cantarolando, mandava-lhe deitar a lingua de fóra com um brado que podia abalar uma cordilheira. E, depois, eram sempre mais ralhos do que conselhos, uma trovoada aspera que, afinal, tinha o condão estranho de animar o enfermo, obrigando-o a ter appetite, boas digestões, bons nervos.

PELA ALDEIA—Umas alminhas

Sahia, como entrara, mirando e ralhando sempre. Mas, se o doente era pobre, deixava-lhe cinco tostões para uma gallinha e, ás vezes, mandava-lhe de casa vinho do Porto, do de 1810, para ser usado, ás colheres de sopa, dentro dos caldos. E ai d'elle, se poupava o precioso licor!

Trovejava... e deixava mais dinheiro.

Cá fóra, ao perguntarem-lhe pelo enfermo, respondia invariavelmente:—Tem mais falta de juizo do que de saude.

JOSÉ AGOSTINHO.

Arêna dos novos

PELA ALDEIA

QUANDO o sussurro da cidade nos convulsiona o pacato e pachorrento viver, dispondo-nos mal e nos entorpece o espirito, sentimos o ardente desejo da paz e do socego, a ancia intraduzivel de fugir, procurando o bem estar.

Chama-nos em convite franco e leal o ciciar das verdes folhas, o remurmurio e dolente requebro das ramarias, o frescor dos verdes campos, as *nuances* variadas que em chuvisco dourado o sol diffunde pelo *gobelin* graminoso dos campos e outeiros, o vergastar do aquilão que precipita no perigo as primeiras folhas abandonadas no solo, o viver alegre da aldeia, a bonomia simploria do forte e crestado lavrador...

Tudo ri, tudo nos convida abertamente ao socego...

E agora que pelos campos corre uma faina desusada de trabalhos alegres e divertidos, que o sol quebrando o bistrado sombrio das nuvens, cahe de leve, em iris, atravez do espacejante arvoredo coroando a tarefa pesada, e uma avelludada e amornecida aragem corta as faces quentes e suadas dos trabalhadores, e baloiça em ondas o pasto verde que em lameiros reverdece, é soberbo e bello admirar-se.

Cada passo que se dê é um enygma que apparece, um mysterio que se desvenda.

A nossa vista alinha-se com satisfação, e ardentemente desejosa pelas quebras graciosas e elevadas que se estendem, pelas modalidades que se distinguem, perdendo-se lá ao longe, na abertura rasgada de uma collina, onde serpea um filete coado de agua escondido pelo tojo espinheiro e pelos abraços apertados da giesta, reapparecendo pouco adeante a descoberto, em fio de prata, brincando de passagem com os fétos, saltando de pedra em pedra, sempre claro na sua correria. Passaros baloiçando-se nas vergonteas frageis das videiras, oc-

PELA ALDEIA—As vindimas

cultos pelas já mirradas folhas, pipilam assustadoramente, prenunciando a quadra outomnal.

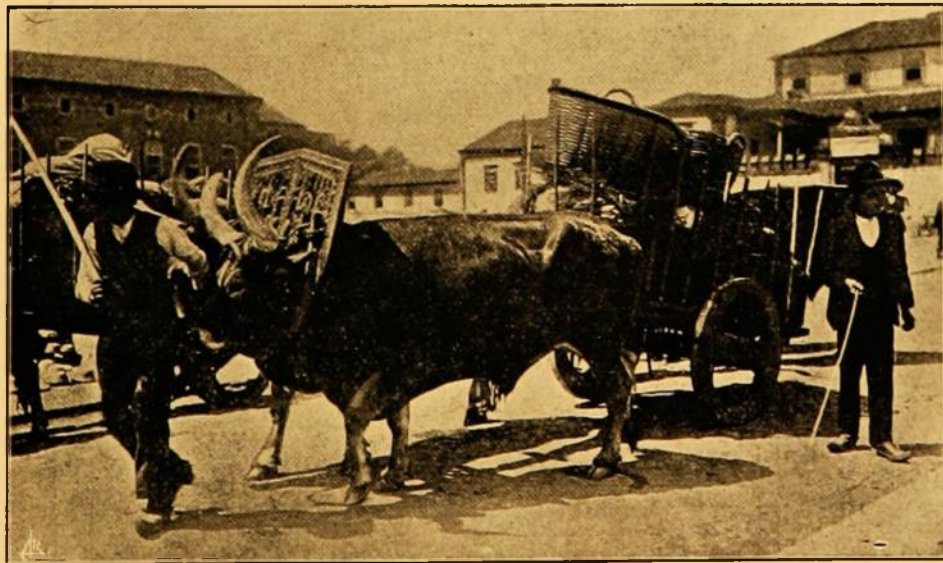
A harmonia uniforme e clara dos sons, o brilho bucolico e accentuado da luz, a insinuação macia dos aspectos naturaes, entoava onomatopaicamente com soberbas elevações, o epithalamio sagrado do amor, do trabalho e da vida...

Aqui, em arco, corpos lançados á terra com pujante vida, cortam d'um impulso e cerce, com simples e brando movimento de foucinha tatuada, a haste direita e folhenta do milho, de praganas ao

PELA ALDEIA—Conduzindo uvas para o lagar

cimo, tombando ao lado, em monte, sempre com rapidez e agilidade de braços.

Mais além aprecia-se um quadro — de mais vida, mais garrido, e por vezes facéto, pelos ditos repentinos, respostas promptas, descomposturas pesadas, gargalhadas cynicas e accintosas que se chocam e confundem n'uma algaravia emmaranhada: —é uma vindima.

Homens de musculos rijos e salientes, de pés tintos e dentes fuscos das *mouriscas*, em disputa, empunham escadas altas e desempenadas, correndo e calcando milho; raparigas trigueiras, de cabellos em desalinho, despejam, faces tintas de pudor, as pequenas e barrigudas *cestas* que descem do alto acompanhadas por ditos picarescos e estridulos de alegria; mulheres novas, córadas, de rosto oval, de nariz vermelho e suado e seios redondos, conduzem á cabeça, já esfalfadas, para o lagar, cestos de uvas quasi em mosto. Os ditos — muitas vezes acertados e hilariantes—chovem de cima inesperados, produzindo gargalhada geral. As mulheres córam com o dito apimentado e traiçoeiro, os rapazes dos *bagos* riem maliciosamente...

E' uma algazarra, uma permanente alegria. Diverte e dispõe bem...

Pelos caminhos pedregosos de rampas elevadas onde o silvão medra, pelas estradas pulverulentas e de solo môrno, caminha-se grande distancia sem que nada desperte e prenda a attenção e provoque a curiosidade investigadora, a não ser por vezes a passagem de um cançado caminheiro, ou o tropear lento e compassado de jumento arisco de moleiro, fustigado por insinuante e empoeirada moleirinha...

Seguindo sempre, encontra-se aqui, um pouco para além da estrada, uma cruz de cantaria empertigando o azul do espaço em recorte de braços abertos, como que querendo abraçar duramente, apertadamente, os desalentados e os pobres, para lhes segredar bem unida a seus peitos, que como elles, é desamparada, vivendo ao relento da noite, braços em constante piedade, sempre triste e desconsolada...

Alguns passos mais e encontra-se no reparto de um atalho, esbatidas e recortadas pelo declinar, em tira, do sol, umas *alminhas* já esverdiadas pelo tempo, desmanchadas e deslustradas pelo abandono impiedoso dos descrentes...

Se fôssemos revolver uma pequenina historia, transladando aqui algumas passagens, d'umas *alminhas*, contada por uma velhinha de cabellos brancos como fios de linho, de riso pallido nas faces enrugadas, entrecortada por soluços que lhe vinham da alma crente e que lhe abafavam na garganta as palavras tremulas, paralisando-lhe tambem os gestos imprecativos, seria o bastante para commover em desespero as almas menos sensibilisantes.

A. V.

PELA ALDEIA—Um carro puxado a bois

(Clichés do phot. am. snr. Francisco P. Mendes.)

Um estado é perdido, desde que as grandes agitações politicas tem por objecto, não as opiniões, mas os homens; e desde que o interesse publico serve de mascara aos interesses particulares.

Um casamento aristocratico

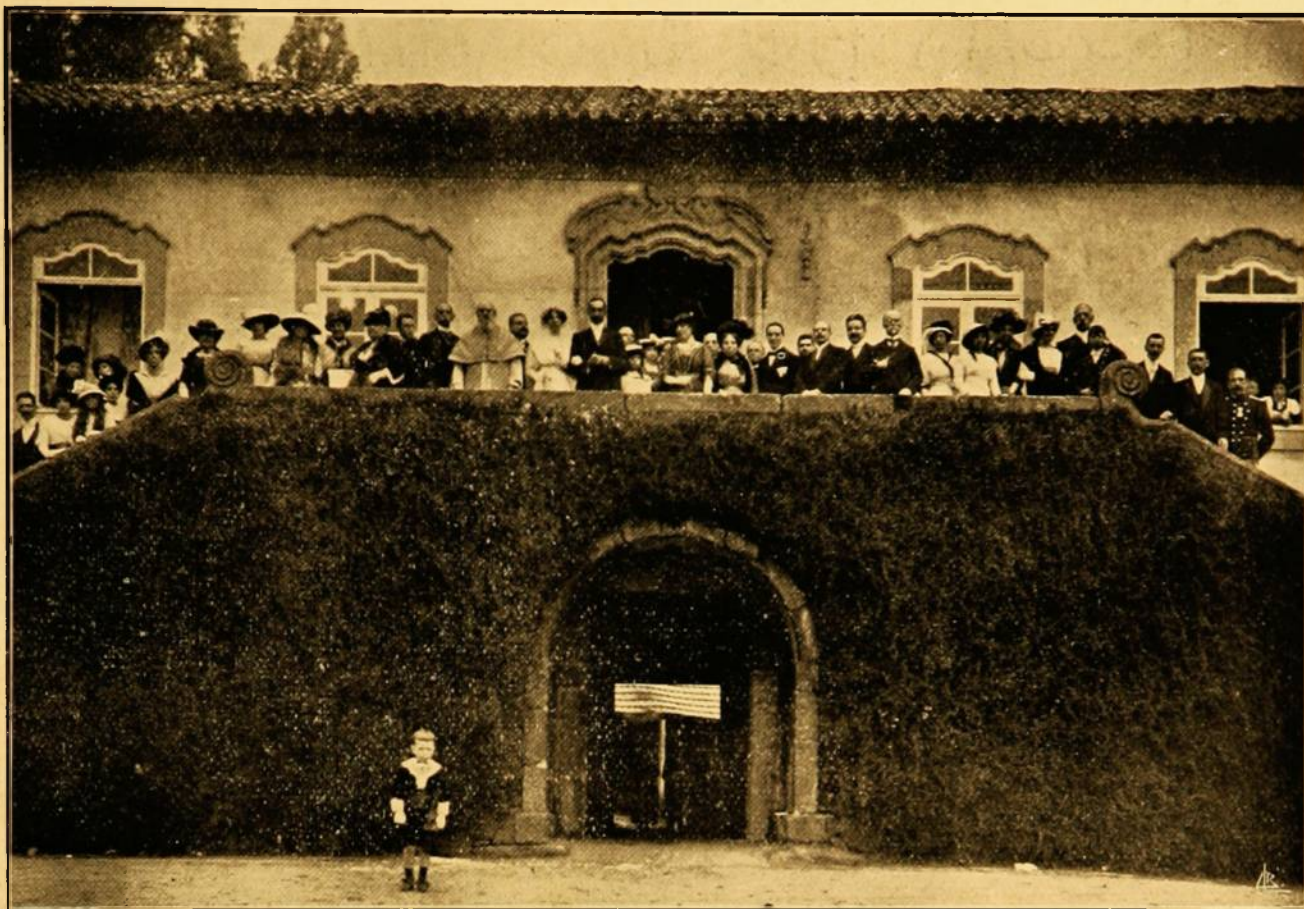
Na pequenina capella de S. Francisco, da illustre casa do Vinhal, em Famalicão, realisou-se, na passada quarta-feira 12 do corrente, o feliz consorcio da senhora D. Maria Rita Pinheiro de Azevedo Bourbon e Menezes, gentillissima filha do nosso amigo e distincto escriptor snr. José de Azevedo e Menezes Cardoso Barreto, e da senhora D. Maria Julia Falcão Pinheiro de Azevedo Bourbon e Menezes, com o sr. Luiz Maria da Costa de Almeida Ferraz, filho do snr. Custodio da Costa de Almeida Ferraz, da villa de Barcellos. Ambos os noivos são oriundos das familias mais nobres do Minho.

A cerimonia religiosa que revestiu o maximo brilhantismo e á qual se associaram os parentes dos noivos foi presidida pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso, venerando Bispo do Porto, que ao concluir o religioso acto fez uma eloquente allocução, celebrando em seguida a Missa, finda a qual lançou sobre os nubentes uma Benção Especial do SS. Padre Pio X.

Nos salões do palacete do Vinhal foi servido a todos os convidados, apoz a benção nupcial, um copo d'agua offerecido pelo illustre pae da noiva.

Aos noivos foram offerecidas muitas e valiosas prendas.

Os noivos sahindo da capella de S. Francisco, da casa do Vinhal

CASA DO VINHAL — Photographia obtida no dia do casamento, vendo-se n'ella alguns dos convidados

CASA DO VINHAL—Grupo dos noivos, pessoas de familia e convidados que assistiram á cerimonia

CASA DO VINHAL—Um aspecto do salão, vendo-se algumas das prendas offerecidas aos noivos

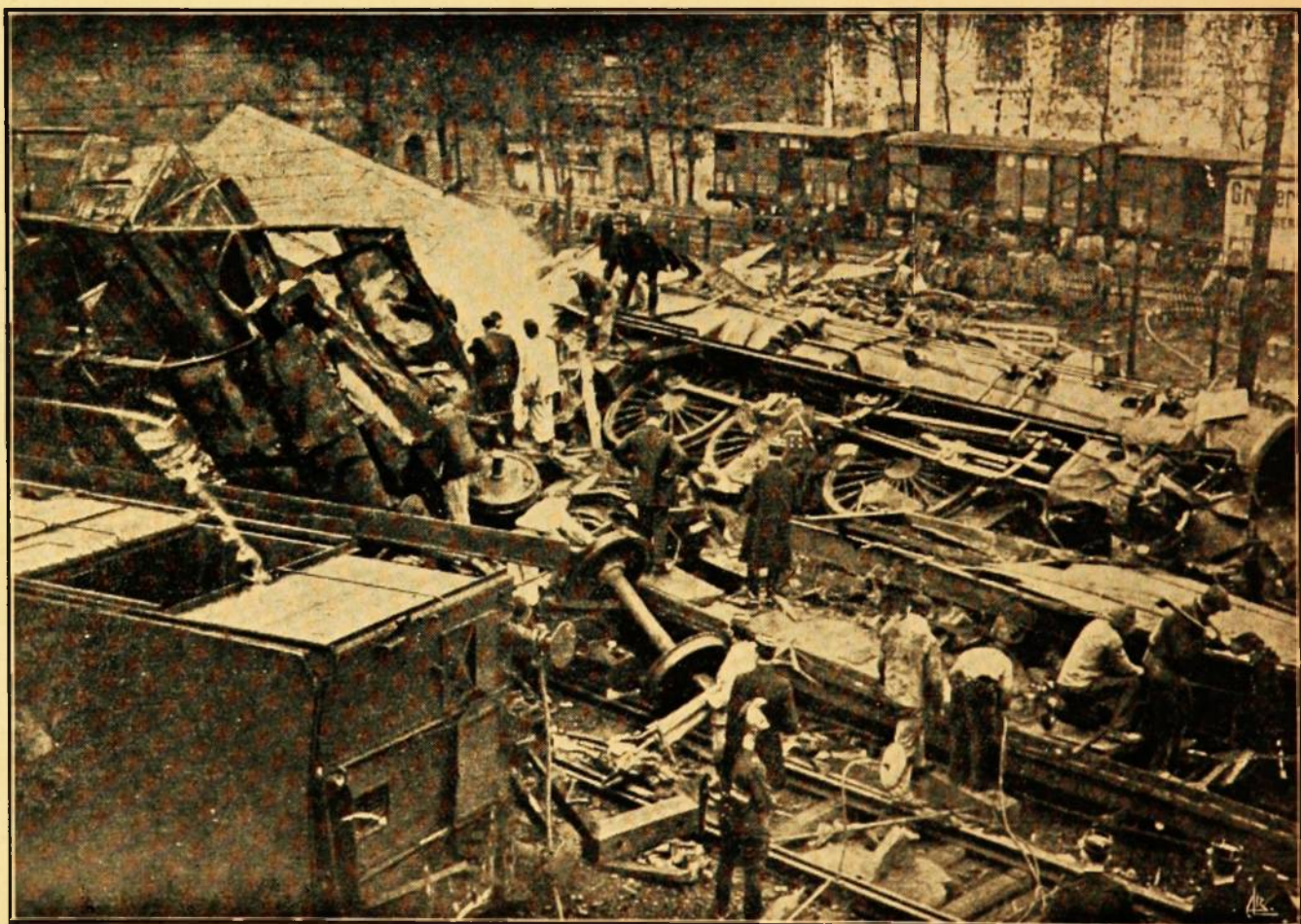
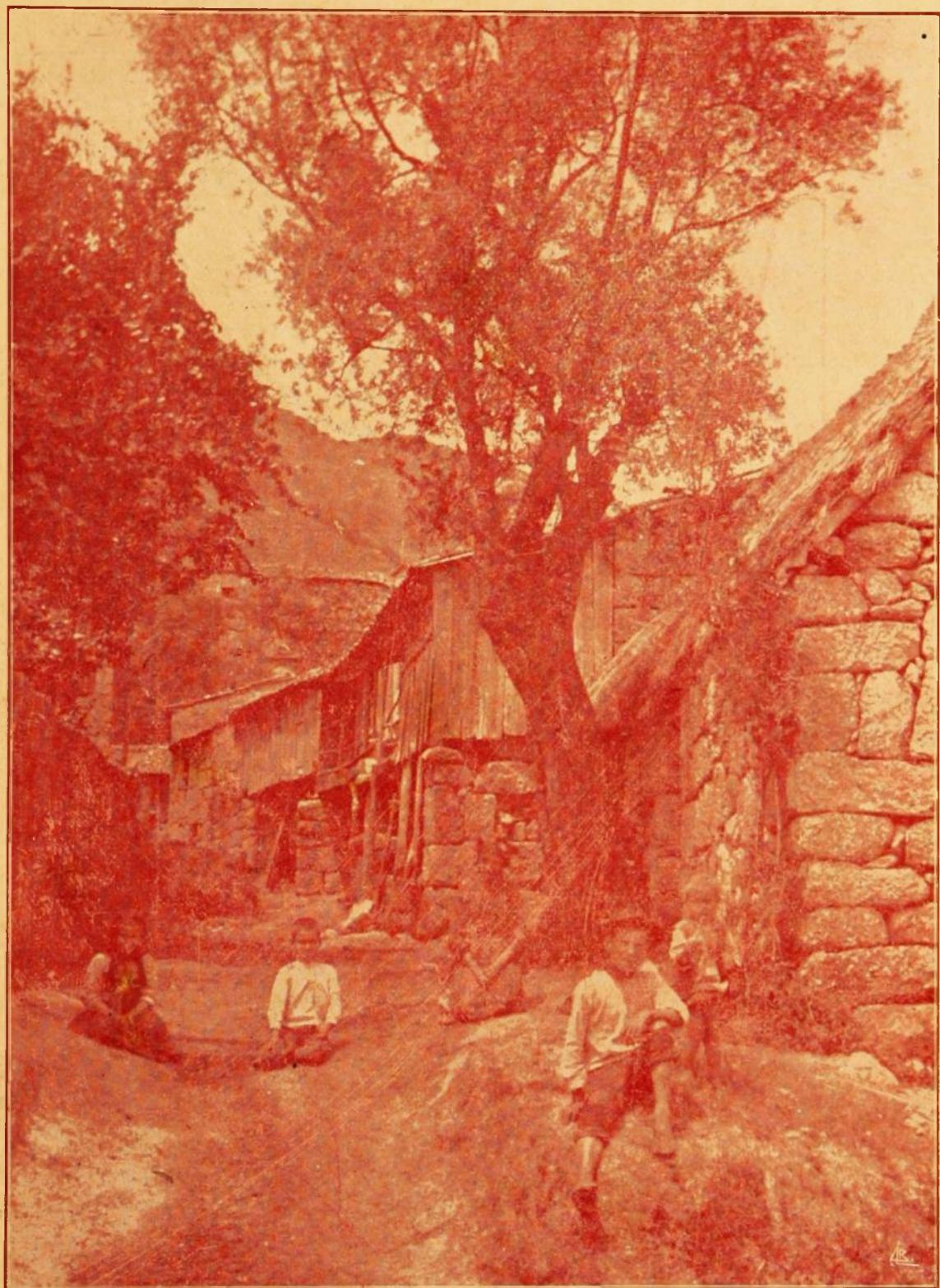
(Clichés de J. J. Souza Guimarães.)

NOTAS DO ESTRANGEIRO

A catastrophe de Melun

Os trabalhos de salvamento

A cincoenta metros da estação de Melun (França) deu-se ultimamente uma forte collisão entre o rapido que provinha de Nice e o comboio-correio.

A catastrophe foi attribuida á impericia do machinista que dirigia o rapido procedente de Marselha. Ignora-se o numero das victimas.

A locomotiva no meio das carruagens destruidas pelo incendio

Uma vivenda na aldeia

(Cliché do phot. am. sr. Alfredo Vieira Ferreira)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500

Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.

Numero avulso 60

Numero 22 Braga, 29 de novembro de 1913 **Anno I**

Collegio Povoense

FUNDADO EM 1907

Pensão annual — 120$000 reis

POVOA DE VARZIM

A MAIS LINDA PRAIA DO NORTE DE PORTUGAL

Estabelecimento modelar, optima installação, clima maritimo saluberrimo

Lecciona instrução primaria, curso geral dos Lyceus e curso commercial

Os alumnos habilitados por este Collegio tem obtido sempre bom resultado nos seus exames

DIRECTOR *P.e Manoel R. Pontes.*

Artigos Photographicos

As maiores novidades em chapas, aparelhos, productos, cartonagens e papeis.

Fornecedores dos principaes estabelecimentos scientificos.

Photographia artistica

Photo-miniatura

Photo-pintura

Quarto escuro e machina de ampliação á disposição dos amadores.

Lições praticas de photographia.

Acabamento de todos os trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os artigos do seu commercio

Mandam-se catalogos gratuitamente. contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR

MAGALHÃES & CARVALHO

43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO

Braga, 29 de novembro de 1913 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* (Antiga R. da Rainha—Braga) | Numero 22 — Anno I

FAMALICÃO—Altar da capella de S. Francisco, da illustre casa do Vinhal

Chronica da semana

XXII

PERDOEM-NOS os leitores se voltamos a cotar o espectaculo das ultimas eleições, que só o fazemos para mais uma vez salientar o traço inalteravel d'estes phenomenos politicos. O chronista sempre desadorou taes systemas de representação pretensamente nacional, e agora muito mais, n'esta altura de doutrinarismo politico em que o parlamentarismo abre fallencia, e se opera uma resurreição d'aquellas ideias positivas que ha vinte annos, em plena hypertrophia liberal, eram chrismadas de reaccionarismos poeirentos e archaicos, como as *phocas* da Universidade coimbrã.

A syndicalisação de todos os serviços publicos, como base d'uma representação genuinamente popular bem ordenada, tem seus antepassados nas velhas corporações medievaes, que em Portugal se mantiveram florescentes e altivas, emquanto os parlamentarismos importados não lhes coarctaram os bracejos.

... Iamos, porém, dizendo que convem salientar ainda o ultimo acto eleitoral. Elle não só reproduz a velha farça, com todos os seus jogos de scena, alçapões e *trucs* resabidos, mas accusa, nos processos politicos de combate, uma revivescencia e uma copia.

A victoria do governo, que alcançou uma maioria que attinge quasi a unanimidade, é apreciada nos jornaes com a mesma linguagem de ha cem annos. O orgão governamental proclama ao universo que o paiz acceita e appoia a obra do governo, emquanto as tubas da opposição, sentindo carencia de folego para maior barulho, ripostam dos arraiaes inimigos que o governo soffreu uma... *derrota moral* — bello euphemismo que esconde muita inveja de não ser mimoseado com semelhantes derrotas!

A Republica-jornal garante que a grande conclusão das urnas foi a indifferença pela Republica-regimen.

O *Mundo* pregoa precisamente o contrario:— que a indifferença do paiz fére profundamente a Republica-jornal e affirma a consolidação do regimen.

Se houvessemos paciencia para seguir o retravar da contenda, constatariamos que ambos teem razão, e nenhum a possue — e este apparente paradoxo não é de solução intrincada. O Zé Povinho continua a mostrar ao publico aquella face bonacheirona e aparvoada, aquelle gesto indecifravel, aquelle olhar cheio de inepcia e atonia, toda a figura, emfim, que só encontra simile na phrase caustica do grande jornalista: *albarda, real senhor!*

O senhor deixou de ser *real*, mas o certo é que a realidade da situação escravisante não acompanhou a mudança do rotulo. E elle, o celeberrimo povo soberano, que um humorista appellidou com espirito de Senhor da Canna Verde da politica, assiste passivo e mudo ao subir e descer dos alcatruzes, como que alheado ás coisas da terra, talvez a remoer no gasto cerebro uma vagarosa especulação de bom senso sobre a pertinaz existencia de cotão nos rôtos bolsos das calças.

Entretanto giram os gonzos da nora...

Dizia Gervasio que a politica portugueza lhe fazia lembrar um jogo dos rapazes, os quatro cantinhos, em que o parceiro que está de fóra só trata de desalojar o que está no canto para se pôr no logar d'elle.

Embora se inflammem as enunciações de programmas e os sagrados principios se arvorem, sempre no fundo a questão pessoal se desenha. O dicto de Mirabeau a Talleyrand póde applicar-se aos quadros hodiernos.

Ventilava-se na Assembleia Constituinte a eleição d'um presidente, e Mirabeau levantou-se para recordar aos seus collegas as responsabilidades de tal escolha, pelos predicados de caracter e condições de talento indispensaveis áquelle que haveria de presidir a tal cenaculo.

E foram tão transparentes as palavras do tribuno, de tal modo se ligavam as qualidades especificadas com a do orador que Talleyrand, com a subtileza habitual, não póde calar o commentario:

—Não falta senão um signal no que acaba de dizer o snr. Mirabeau; é que o presidente deve ser picado das bexigas!

Como é sabido, Mirabeau era muito bexigoso.

O que ainda não está apurado, é se os Mirabeau da patria lusa teem ou não o arrojo de indicar... as bexigas!

F. V.

SONETO

(MARINHA)

Poente de novembro. O ceu em chamma
Parece um predio a que pegasse fogo.
Chora por elle o mar e cresce logo
Para apaga-lo e em seu soccorro brama.

Mas o sol que não cede a nenhum rogo
Atcia as nuvens d'algodão em rama
E sua luz morrente mais se inflamma
Num derradeiro e grande desafogo.

Nuvens ardentes, leves, purpurinas,
Fojem espavoridas, fumegantes,
Quaes fantasticas aves de rapinas...

O sol ainda amúa alguns instantes.
Mas o mar cresce em furias leoninas
E a noite cáe, como cahia d'antes...

Porto
Collegio Almeida Garrett.

P.e DONACIANO D'A. FREIRE.

A alma de Kepler

Quem ha ahi que não conheça o immortal astronomo que se chamou Kepler? Pois esse homem de renome universal rematava assim o seu livro *Harmonie du Monde:*

O' Tu que pela luz da natureza nos fazes suspirar pela luz da tua graça, ó meu Deus e meu Creador, mil graças vos dou por terdes permittido que eu admirasse e amasse as tuas obras! Terminei o trabalho da minha vida com a força da intelligencia que me concedestes; annunciei aos homens a gloria das tuas obras, tanto quanto o meu espirito logrou comprehender a sua majestade infinita... Que a minha alma louve o seu Creador! E' por Elle e n'Elle que tudo existe, o mundo material e o espiritual, tudo o que sabemos e o que ainda não sabemos, porque muitas maravilhas ha ainda escondidas no seio da sua sabedoria infinita.

O que são os pigmeusinhos, que negam a existencia de Deus, ao pé d'este gigante do saber humano, que rasgou largos horisontes ás sciencias astronomicas? Em cada astro viu Kepler o nome bemdito de Deus, e nas leis que governam as suas revoluções outros tantos argumentos da sua sabedoria e omnipotencia.

Os nossos Bispos

D. Manuel Vieira de Mattos

(Venerando Arcebispo da Guarda)

Nasceu no Peso da Regoa em 30 de março de 1861. Foi eleito Arcebispo titular de Mytilene em 22 de julho de 1899 e transferido para a diocese da Guarda em 1 d'abril de 1903.

Tres Centenarios

No corrente anno, commemoram-se no seio da Egreja factos e nomes, que só por si enchiam e davam nome a um seculo.

Commemora-se a liberdade outorgada á Egreja pelo Edito de Milão, publicado em 313, e, segundo o qual, Constantino Magno tentou reparar os males passados e reparar o futuro da Egreja, affirmando n'esse documento illustre: *«que a liberdade religiosa não póde ser violada; que é necessario que cada um, nas coisas divinas, siga os dictames da sua consciencia»*. E como os christãos eram os unicos que não gosavam d'essa liberdade, o Edito insiste, dizendo: *«Queremos simplesmente que todos os que quizerem seguir a Religião christã, possam faze-lo sem receio e sem terem que soffrer pela sua fé»*. E com esta liberdade da Egreja, di-lo a Historia, veio naturalmente o progresso e civilisação dos povos.

Um outro centenario se commemora este anno, o do nascimento do grande polemista catholico Luiz Veuillot, no dizer de Julio Lemaitre: *«um dos cinco ou seis maiores prosadores do seculo dezanove»*. Combatente denodado, incomparavel escriptor, notavel pela claresa do estylo e energia do pensamento sempre original, Veuillot, no dizer do escriptor Pouchon: *«escrevia artigos de jornal, como ninguem, podendo dizer-se sem rival n'esse genero»*.

Christão-catholico desde os vinte e quatro annos, veio a sê-lo até á medulla, ignorando sempre o que era o respeito humano; em absoluta sujeição aos principios que norteavam o seu espirito, era admiravel pela rigorosa unidade de doutrina e perfeita harmonia da sua vida particular e publica. No seu tumulo merecia bem o epitaphio, que elle deixara n'um dos seus ultimos volumes:

> Placez à mon côté ma plume,
> Sur mon front le Christ, mon orgueil,
> Sous mes pieds mettez ce volume
> Et clouez en paix le cercueil.

Ha ainda um centenario a mais que se commemora este anno, o quarto centenario da morte do extraordinario papa Julio II. Governou nove annos, o tempo bastante para se manifestar um grande soberano, um ardente patriota, um administrador exemplar, ao mesmo tempo que piedoso e caritativo.

A sua grande preoccupação consistia em restaurar o poder temporal, domar as pretenções da Republica de Veneza, assegurar a independencia e prestigio da Santa Sé, libertar a Italia do jugo estrangeiro; eis o pensamento constante do augusto Pontifice, a occupação do seu reinado tão fecundo. Não descurou tão pouco a reforma da disciplina ecclesiastica, reunindo para esse fim, em 3 de maio de 1512, o 14.º Concilio ecumenico de Latrão. Infelizmente, a morte não lhe permittiu acabar a sua obra, cortando-lhe os fios da vida após a quinta sessão.

O insuspeito Gregorovius chamou-lhe um homem *«d'uma intelligencia universal, uma alma verdadeiramente real»*. Quando foi da terrivel fome de 1504, Julio II mostrou-se d'uma generosidade incomparavel para com os seus vassallos. O seu glorioso Pontificado não deixou todavia de ter os seus contratempos, pois viu-se obrigado a entrar na Liga de Cambrai contra Veneza, e na *Liga Santa* contra Luiz XII, rei de França, que se mostrava hostil á Egreja e inimigo da Italia. Comtudo foi generoso sempre para com os vencidos. Ao morrer, deixou os seus Estados esplendidamente reconstituidos, limpos dos salteadores que os infestavam e dos juizes concussionarios que os opprimiam.

Machiavel, não obstante seu adversario declarado, affirmou que—«o povo romano o adorava».

Foi Julio II quem creou a Guarda suissa, em 1506, que ainda subsiste, como a unica força militar do Vaticano. Dedicou-se, com rara energia, á defesa e propagação da Fé. Combateu a simonia, o duello e todos os abusos do seu tempo. Fomentou em extremo a construcção d'egrejas, palacios, conventos, fortalezas, pontes, estradas, aqueductos e outras vias de canalização.

O Papa Julio II

(Copia d'um quadro de Raphael)

Apparecendo na epocha da Renascença, não ficou indifferente a um tal movimento, protegendo extraordinariamente as lettras, as sciencias e especialmente as bellas-artes. Foi o Mecênas dos mais celebres artistas: Bramante, Miguel-Angelo, Raphael, Sansovino e tantos outros. Foi elle que lançou a primeira pedra da grande Basilica do Vaticano, e fez pintar os *stanze* a Raphael, e a Miguel-Angelo as abobadas da Capella Sixtina. Foi ainda elle que ligou de novo o Belvedére ao Vaticano, e

creou o celebre *Museu*, onde, ainda hoje, [se admiram o *Laocoon*, o *Hercules*, o *Appollo*, e *Minerva*.

Para os seus contemporaneos era Julio II o *terrivel;* mas, como diz mui justamente Rohrbacher, *«se n'elle houve antes um rei e um general do que um padre, é porque n'esse tempo assim era preciso um Papa, aliás Roma talvez viesse a ser uma segunda Avinhão»*.

Eis os tres centenarios que mais uma vez os catholicos solemnisam, com justa alegria e a maior consolação. E a proposito vem uma tal commemoração, hoje que os inimigos da Egreja mais uma vez pretendem fazer acreditar aos ignorantes que a Egreja é inimiga da verdadeira sciencia, progresso e civilisação.

Ponte do Lima. PADRE ROBERTO MACIEL.

PELA ALDEIA — Lavrando

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

MADAME de Thébes deixando-se entrevistar por um jornalista inglez, faz o juizo politico do novo anno que parece, não terá juizo nenhum... Prophetisando a guerra, a calamidade e a fome, a extranha franceza, affirma que o 914 será um anno mechido, variado de catastrophes, de desgraças,— gloria para uns, miseria para outros, mas, afinal, incerteza, anciedade para todos. Eu não creio na *fumisterie* bizarra de Madame de Thébes, mas não posso deixar de reconhecer que a exquisita senhora, tem um subtil espirito de observação que convem assignalar. Tem sobretudo, a qualidade suprema de conhecer os homens, os seus defeitos, as suas frivolidades, as suas ambições, as suas fraquezas e fazendo de tudo isto um recurso, soube intelligentemente installar-se na vida e alcançar a notoriedade.

Não vão imaginar, que a celebre pythonisa, é uma feiticeira vulgar, sumida n'um casebre escuro, a mecher-se dentro d'um scenario de lenda. E' uma senhora correcta, commodamente installada n'um luxuoso *apartament*, onde não falta um detalhe de conforto e um indicio de bom gosto. Não tem retortas refervendo philtros mysteriosos, mas tem com certeza, a um canto discreto do seu gabinete, entre *Maeplers* uma mesa discreta de chá. Alli, entre quadros e flôres pontifica solemne, divisando no horisonte dos estados e nas linhas das mãos, a felicidade, a desgraça, o triumpho ou a riqueza. E' sobretudo um espirito intelligente que vê, que vê com finura e por vezes com graça.

Póde não divisar o futuro, mas o que positivamente vê com nitidez, é o presente e isso, já não é pouco. Illustrada, culta — a argucia feminina ao serviço d'uma intelligencia viva—ella sabe tirar as naturaes illacções dos factos que se vão desenrollando ante o seu olhar perscrutador.

Nem as catastrophes da Hungria, as innundações da Inglaterra, a tranquillidade da Russia, ou a convulsão politica (mais uma) que ella destina á nossa terra —e que cautelosamente occulto não vá a biologia nacional considerá-la perigosa—passam d'uma blague mais ou menos pittoresca, mas onde indubitavelmente ella mostra que vê e que antevê quasi, é quando n'um rasgo d'intuição politica, se refere á convulsão intensa, que ha de agitar a alma do imperio germanico.

No horisonte politico d'essa grande nação o socialismo põe a primeira nuvem entroviscada de temporal... Da propaganda theorica, dos *meetings*, das conferencias, das affirmações rethoricas a massa do proletariado, ameaça avançar para o campo pratico da effectivação. Lentamente, habilmente, o socialismo theorico na apparencia foi estendendo os braços, enraizando-se, fortificando-se, hoje pouco, amanhã muito, na pequena affirmação, no grande

gesto, a subir, a intrometter-se, na escola ou no Reistachg, e dentro em pouco, estava em toda a parte onde devia estar. Os governos, não podendo resistir, queriam aproveitar, contemporisando, concedendo aos poucos, como a quererem graduar uma corrente que não podiam destruir.

Hoje, é uma força terrivel, um potentado que já não ameaça mas impõe, que se não mascara com theorias, mas que ataca de frente, para vencer. Remecheu toda a confederação, soube atear todos os odios, accender todos os desejos, pôr em ebulição latente todas as aspirações. E' a revolução social? Não, é cedo ainda... Virá, felizmente ou infelizmente, virá, avassaladora, perigosa com as suas grandezas e as suas desgraças, as suas furias, os seus excessos, mas mais tarde, longe ainda...

em frente d'um caso grave, não faz mais do que, debruçando-se attenta para os factos, e pesando detalhes, avaliando symptomas, por uma rara intuição de diagnose, fazer com segurança o diagnostico exacto do mal.

Mas os governos não se preoccupam e parecem descançar apparentemente tranquillos com a mesma sinceridade d'aquelle celebre Morgado minhoto, que na vespera d'uma penhora que lhe desbaratou a casa compromettida deu um grande baile.

O Kaiser parece tambem não se importar e deixa passivamente contagiar-se, do exibicionismo do filho. Um decreto recente prohibe aos officiaes do imperio que dançem o tango argentino e, o que é mais, que o vejam dançar. Decente ou indecente,

PELA ALDEIA — Uma esfolhada

(Clichés do phot. am. snr. Felix Cruz)

Por agora, breve talvez, segundo a affirmação de Madame de Thébes, o que vae surgir é a desmembração d'esse colosso, movida por mil interesses, que se chocam, odios que vão explodir, a remodelação da sua forma politica que póde ferir de morte a sua constituição actual.

Aquella attitude tranquilla que parece cobrir toda a confederação, abriga a effervescencia mais perigosa. E' um pouco como a fogueira romantica dos lares, que já em cinzas, se consome tranquilla e no fundo crepita ardente...

A Allemanha, póde rir-se da celebre pythonisa, mas se olhar para o presente incerto da sua politica, ha de vêr como ella viu um horisonte carregado. E' que a arrojada politica, como um medico

moral ou immoral, o tango, a dança nova dos *snobs* e dos salões equivocos se é frivolidade banal para accender as preocupações d'um Rei é coisa de somenos valia para encher as laudas frias d'um decreto. O tango triumphou em Paris. A reportagem *snob* de Mr. de Fouquiéres fe-lo correr dos cafés esturdios para os salões da gente... divertida. E assim como lançou o ultimo nó das gravatas a varinha magica d'esse Petronio em roupão marcou os primeiros passos lentos da dança sensual. Sem a galanteria da pavana, a nobreza do minuete, o tango é uma dança plebea. Entrou nas salas como o calão pela porta falsa do *snobismo*. Não tem delicadeza, não tem frescura... Irrita a retina moralista, como um nú grosseiro. E' viva, ondulante, lubri-

ca. Tem do tango a canalhice gaiata, da valsa talvez o apeitar inconveniente, de tudo um pouco,— mescla de esgares e de geitos, sensualidade e ternura, um arrastado excitante, requebros de baile antigo n'um scenario d'orgia... No theatro é uma liberdade, n'um salão, uma irreverencia... uma senhora não o póde dançar como muito simplesmente não póde bater o fado. Embora o supporte no tablado alegre d'um *music-hall* não o consente nos *parquets* d'uma sala. Dança-o todo o mundo, dirá alguma das minhas pacientes leitoras a quem a psychologia perfida de Prevot fez tremer a cabecita leve. Mas precisamente todo o mundo não é o bom mundo... A ranchada esturdia que se diverte, que se meche e agita e faz — é preciso reconhece-lo — o caracter interessante da vida intensa das grandes cidades, é, afinal, uma salada de sentimentos e de feitios — leviandades, fraquezas, mentiras, eu sei, uma miscellanea infernal de bellezas deliciosas, titulos authenticos á procura d'um dote, reputações duvidosas que as rendas dignificam, toda uma raça de *rastás* imbecis e de *lupins* disfarçados, com boa gente pelo meio mas que não é, não será nunca a boa sociedade afinal...

Entretanto quando a Allemanha ia desvanecida tentar os primeiros passos o imperador surge com a sua energica prohibição. Alguns jornaes já mexericam perfidamente que a ordem é uma affronta ao espirito francez que lançou a moda. Mr. de Fouquiéres, do alto da sua *pose* soberana, lançará a excommunhão da sua horda galante sobre o imperador mas o facto é que nenhum tenente ousado, de bigode eriçado e monoculo em riste se atreverá a desobedecer.

Na Allemanha o tango argentino liquidou, e, francamente, com razão. Pena é que se não inicie um movimento forte não sómente para impedir danças mas para impedir que sobre a fadiga dos latinos vá alastrando essa mancha de degenerescencia que bem poderia chamar-se o culto da corrupção e de que o tango, afinal, não é mais que um desgarrado sympthoma...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

PORTO — O povo esperando o resultado das eleições

(Cliché de J. d'Azevedo phot. da «Ill. Cath.»)

Templo de S. Domingos

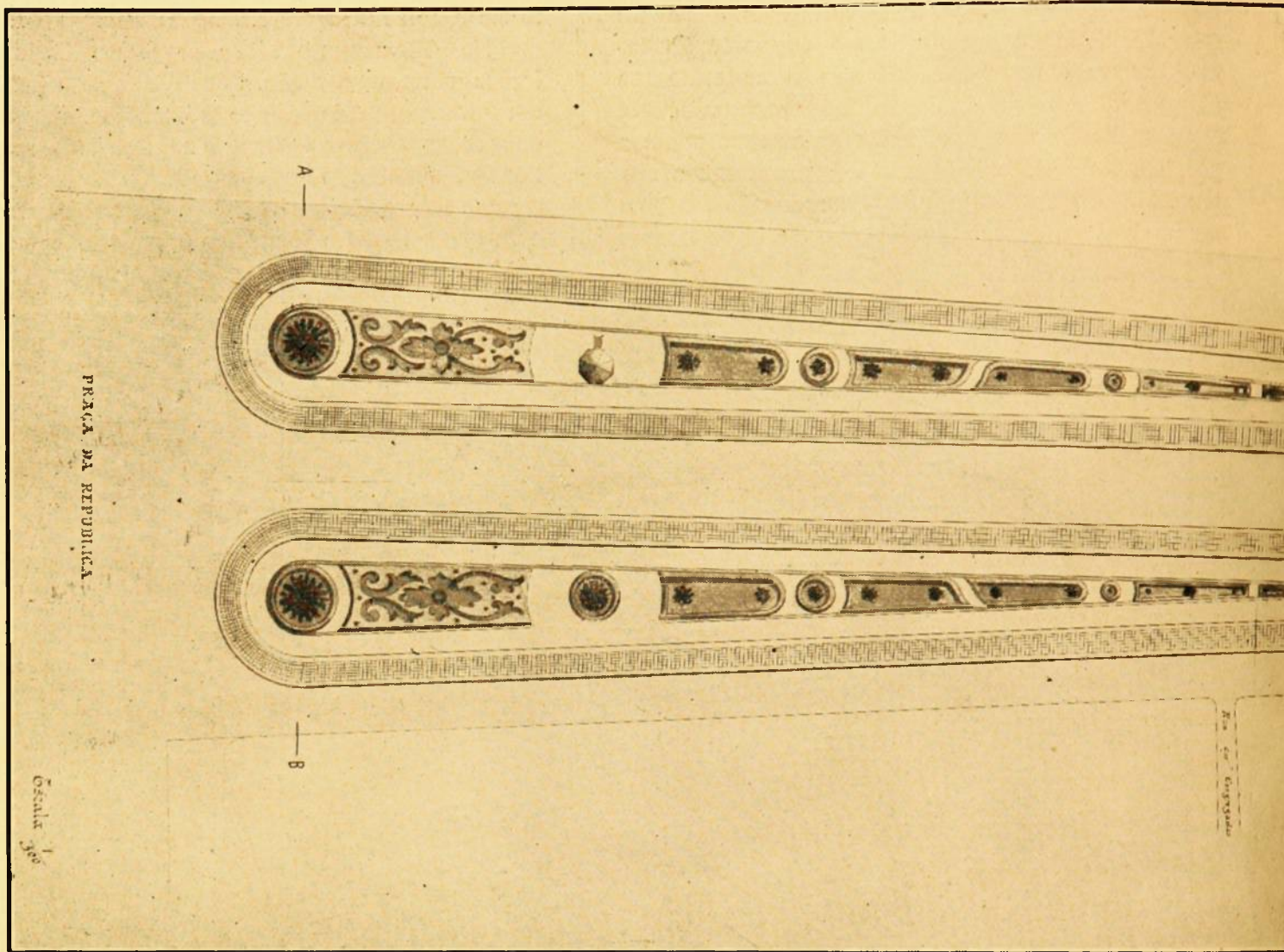
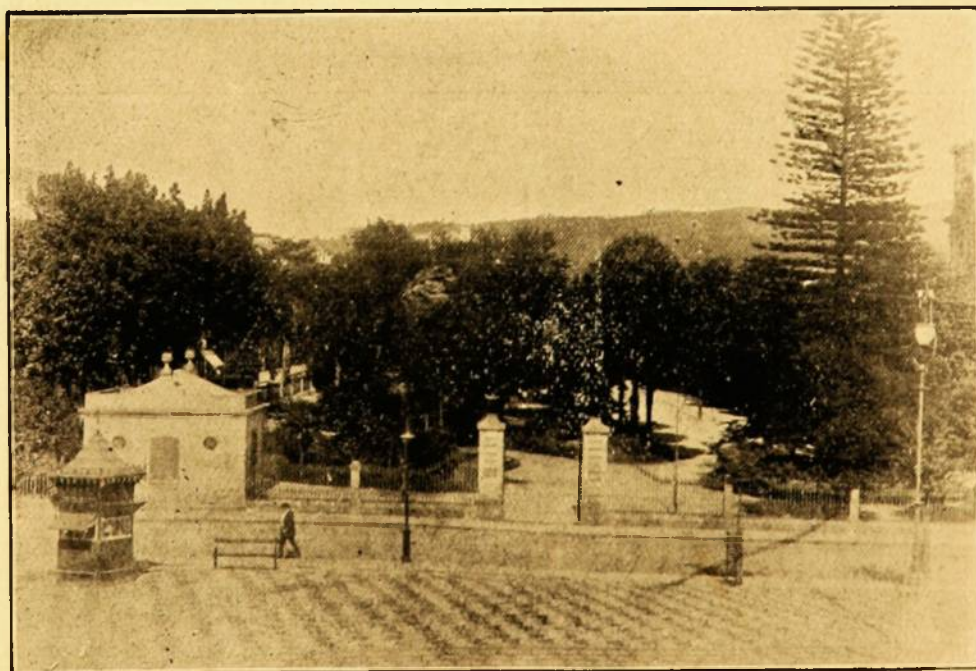
(VIANNA DO CASTELLO)

A 22 de janeiro de 1566 foi lançada a pedra fundamental d'esta egreja com toda a solemnidade pelo Arcebispo de Braga D. Frei Bartholomeu dos Martyres, fundador do convento do mesmo nome, cuja construcção havia começado em 1563; ahi se disse a primeira missa no dia 4 d'agosto de 1571, tendo-se acabado a construcção da egreja em 1576, sendo, depois da extincção das ordens religiosas, destinado o convento de S. Domingos para as repartições publicas, que ainda ali se conservam.

Ao lado da porta principal, vêem-se em pedra, as imagens de S. Pedro e S. Paulo.

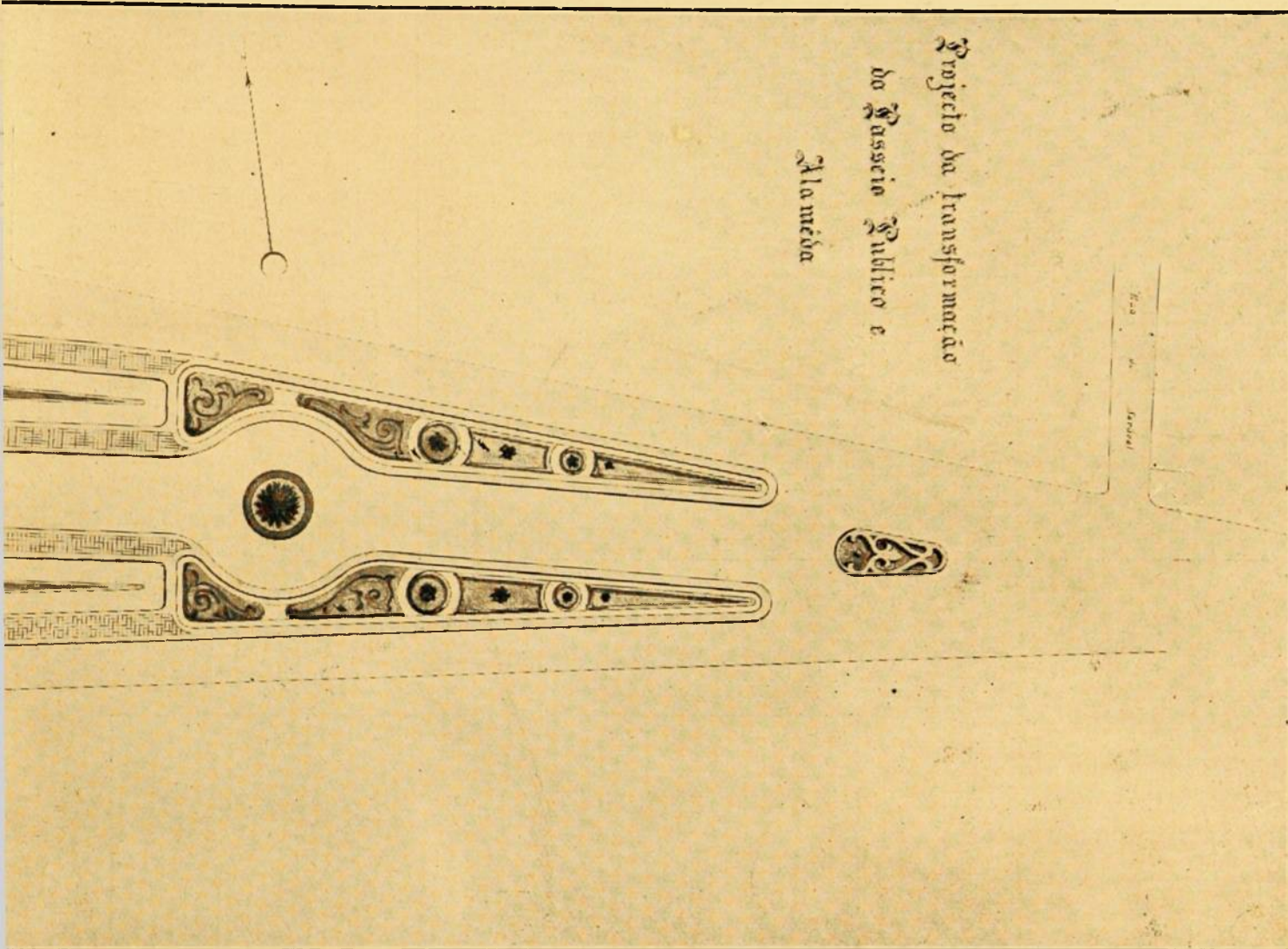
VIANNA DO CASTELLO — Largo e templo de S. Domingos

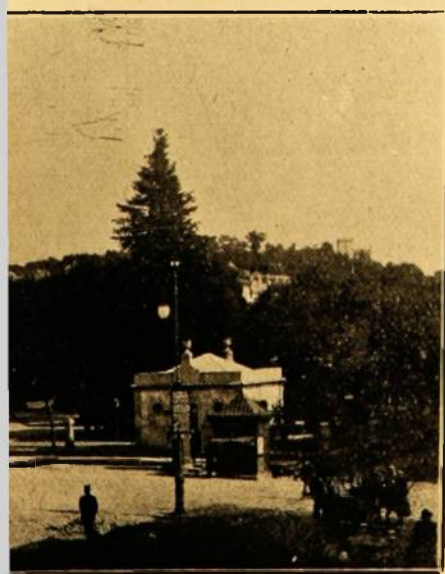
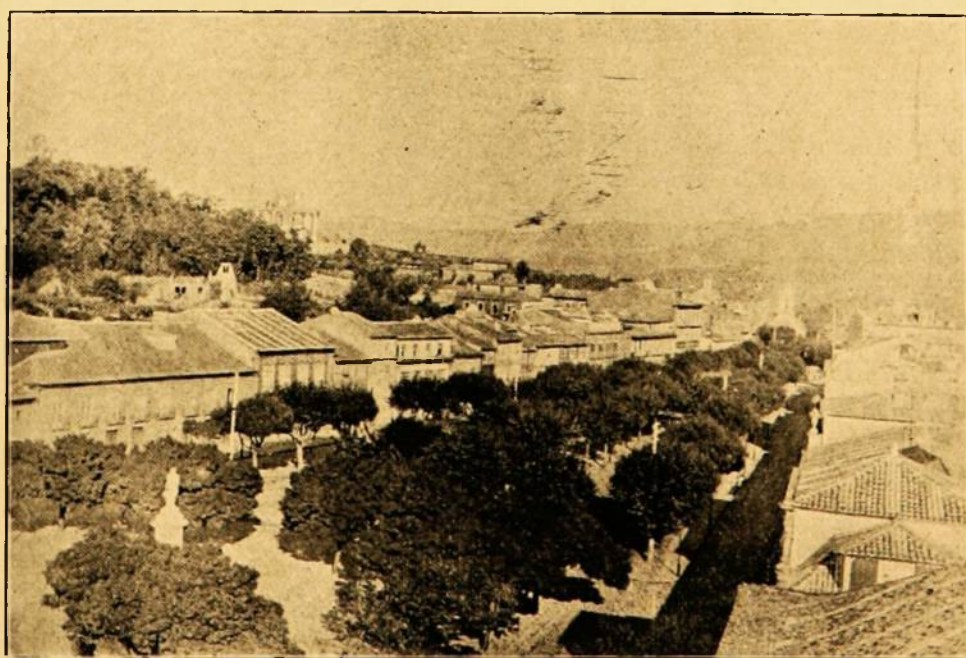
MELHORAMENTOS

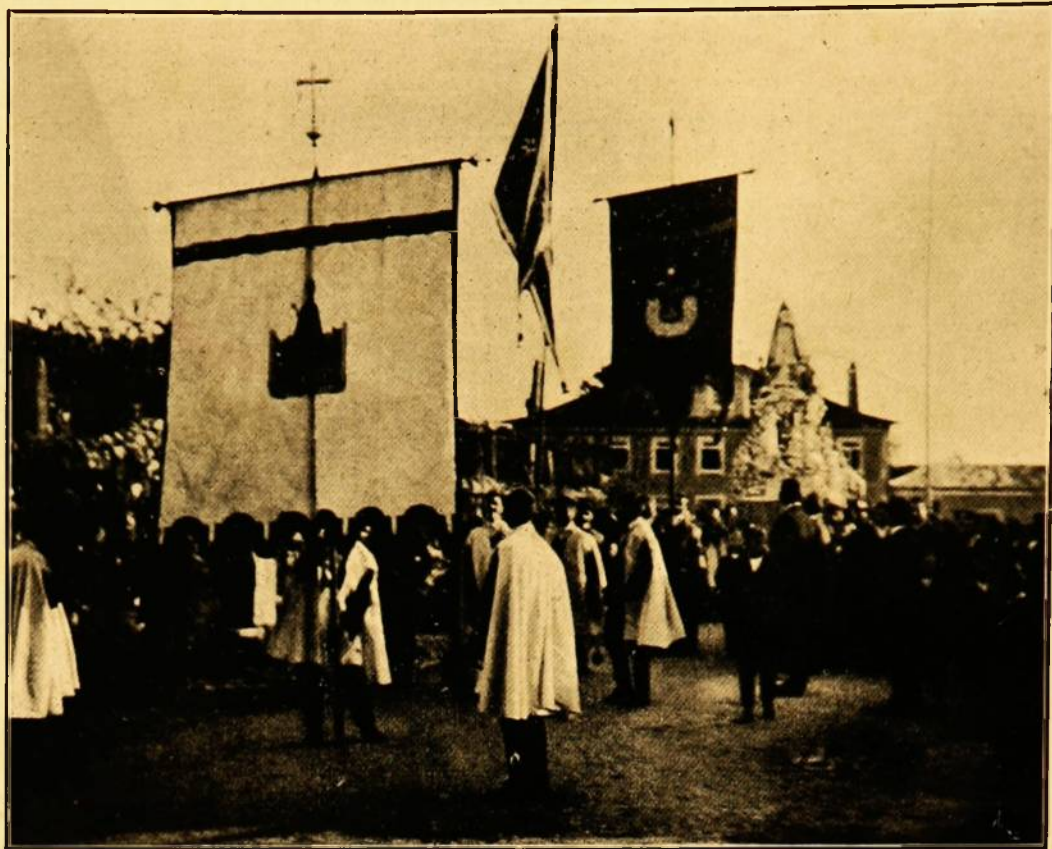
A transformação do Passeio Publico e

PROJECTO DA

O actual Passeio Publico (lado norte)

O actual Pas

EM BRAGA

Alameda n'uma ampla avenida

OVA AVENIDA

Cópia de um desenho de Rebello Junior)

lico (lado sul)

A Alameda do Campo de Sant'Anna

(Clichés do phot. am. snr. Felix Cruz)

VIANNA DO CASTELLO—Festa de Nossa Senhora do Rosario em Santa Martha de Portuzello. Um aspecto da procissão

FIGURAS DA BEIRA

X

Dr. José Correia da Silva Menezes

II

No intimo, o excellente homem ia apprehensivo, rezando pelo doente com um fervor que a exaggerada estatura mal occultava.

A todos que encontrava ia fallando com mau modo, como quem tem má vontade á desgraça, n'aquelle infeliz que não se tratava... porque não tinha recursos, nem sequer o de aproveitar o que lhe davam como esmola.

E concluia:

—Mande cinco tostões ao pobre diabo!

O seu prestimo era d'esta ordem: incansavel e violento.

Depois, quando lh'o agradeciam, ficava furioso. Tinham alguma coisa com as suas visitas de graça e com as *miserias* que dava? E, quando a visita era fóra da cidade, obrigando-o a sahir a cavallo, dando-lhe grandes longes do João Semana, então é que elle detestava os agradecimentos á clinica em tudo gratuita, perfeitamente abnegada.

Ouviram-lhe muitas vezes gritar, de cartola no alto da cabeça:

—Com seiscentas pipas, não serei senhor de de fazer o que quizer?

E, quando tal dizia ao doente reconhecido, ferrava-lhe sem falta uma arenga trovejante sobre o pouco juizo, sobre os avós que já se não lavavam e só comiam sardinha salgada e pimentões, sobre os lençoes mal lavados, sobre as tigellas engorduradas, sobre todas as coisas, incluido facilmente elle mesmo.

*

Grande alma, afinal! Nenhuma intemperie — nem os nevões colossaes dos invernos da Beira — o apavorava no cumprimento do dever. Chamado por um indigente a

O andor de Nossa Senhora do Rosario

horas altas da noite, e ás vezes quando rugiam verdadeiros cyclones, José Correia montava logo a cavallo, vestia o longo e velho capote, e ia vêr o enfermo com um afan que raro dispensava aos ricos.

Ia, trovejava sempre, deixava sempre dinheiro, e voltava a casa, ensopado até aos ossos, ralhando com o creado, com o cavallo, com o tempo, comsigo proprio.

A's vezes, vinha de olhos humidos e vermelhos. Mas ai de quem lh'o notasse! O velho medico corria-o com tal descompostura, verdadeira torrente de apostrophes, que o arrojado encolhia-se, gaguejando ter-se enganado.

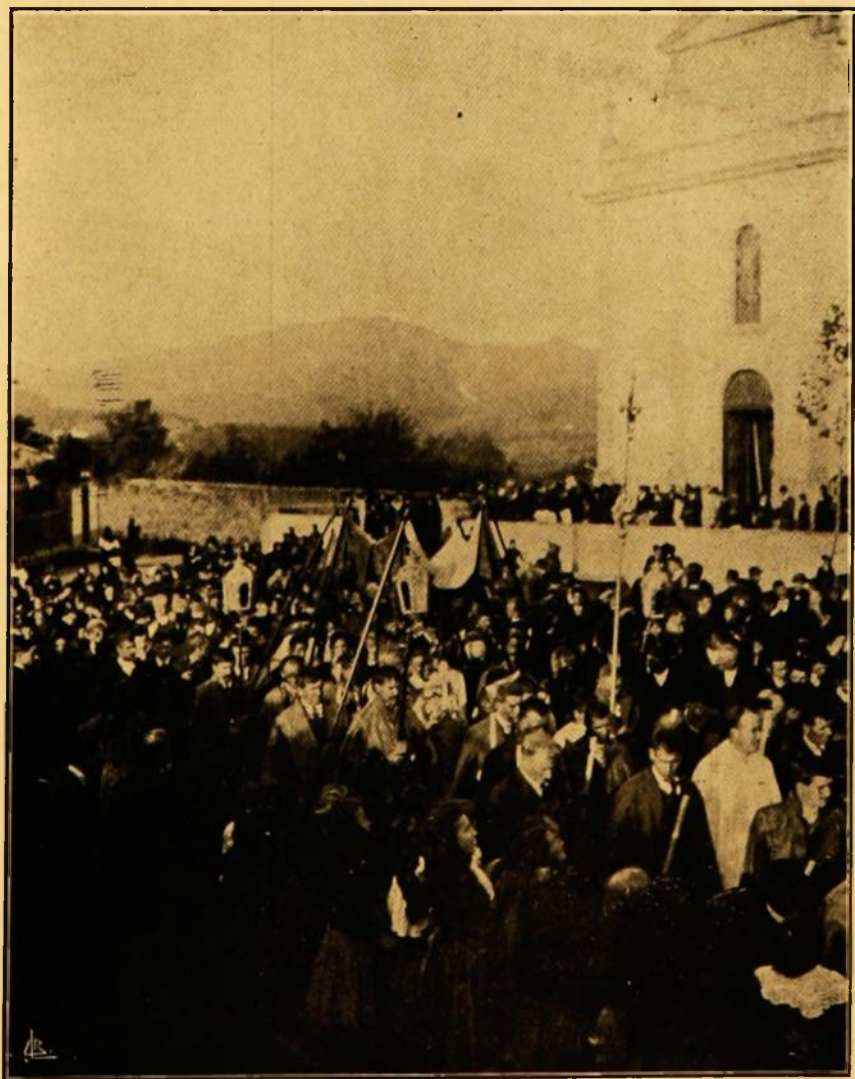
Em 1856, o colera-morbus devastou o concelho de Lamego. Como nunca, José Correia foi incansavel e heroico. Mal comia e dormia. Dava soccorros de toda a ordem a mil infortunados, desdenhoso sempre dos perigos do contagio e dos abalos da algibeira. Cahiam ás dezenas em volta d'elle doentes, até medicos e enfermeiros. José Correia nem sequer hesitava. Multiplicava-se. Ralhava com os doentes e com o colera, exhausto, mas de cabeça alta, não pensando em descanço ou alimentos, sempre sollicito, energico, abnegado, e sempre inexoravel contra todas as pieguices dos agradecidos.

Os estandartes

(Clichés do phot. am. sr. Antonio Vianna)

Finda a epidemia, offereceram-lhe uma condecoração da Torre e Espada. Desatou a rir, e fez uma sátyra cruel aos commendadores de todas as Ordens. Não queriam lá vêr pagarem-lhe o seu dever? Por acaso tinham a Torre Espada os medicos dos hospitaes?... E voltou as costas ao offerente, assobiando.

*

Medico do Hospital de Lamego durante 51 annos, da Associação de Soccorros Mutuos de N. S. dos Remedios durante 47, prodigiosamente activo até como lavrador dos seus modestos vinhedos, devotado com valentia á politica do Visconde de Guedes Teixeira e aos interesses regionaes e locaes, o que lhe roubava muito tempo e até dinheiro, José Correia chegou, forte e aprumado sempre, aos 81 annos, apezar de lancinantes desgostos—a perda d'um filho illustre, o dr. José Correia de Menezes, a incuravel doença d'uma filha, a morte prematura da esposa, a saude vacillante d'uma netinha adorada, emfim, o passamento de amigos eleitos e queridos como o dr. João Mendes e o Visconde de Guedes, dos poucos com quem ralhava uma vez por dia.

O pallio sob o qual era conduzido o Santo-Lenho

Mas o octogenario parecia ainda de ferro e aço, quando a doença, e a mais inesperada, o prostrou. Foi cruel e um tanto demcrada a enfermidade. Mas ninguem o viu com terror diante do tumulo. Creio até que, ao conhecer que chegava a morte, e depois de beijar o crucifixo, como beijou fervorosamente, ralhou ainda muito... com os assistentes por não terem a coragem de conter as lagrimas, de mostrarem, no lance, ao menos bons nervos, energia, rudeza de espartanos á força.

JOSÉ AGOSTINHO.

Grande "match" de foot-ball internacional

PORTO—«Match» de foot-ball—«Team» inglez

Organisado pela Associação do Foot-Ball do Porto realisou-se no passado domingo 16 do corrente o *match* internacional vencendo o *team* estranjeiro por tres *goals* a um.

Todos os jogadores portuguezes fizeram esforços para a victoria do seu *team* salientando-se entre elles os *keepers* Jauson e Valença.

PORTO—«Match» de foot-ball—«Team» portuguez

NOTAS—O dr. José Correia da Silva Menezes nasceu em Lamego a 12 de setembro de 1826. Formou-se em medicina, na Escola Medico-Cirurgica do Porto, em 1850. Foi cirurgião-ajudante de infantaria 9, deixando o serviço em 1861, quando era numero 1 para cirurgião-mór. Prestou os maiores serviços á Misericordia de Lamego que contemplou com o legado de dois contos, e foi um dos fundadores do Banco do Douro onde foi membro do conselho fiscal e presidente da assembleia geral. Tambem foi, por vezes, juiz primeiro substituto da comarca.

Fastos do Catholicismo

Em Madagascar são muito grandes os progressos realisados pelo catholicismo. Os vicariatos apostolicos, que eram dois, são cinco actualmente, e a população catholica, agora constituida por 700:000 habitantes, duplicou em poucos annos.

Em todas as partes progride o catholicismo; trabalhos ha curiosissimos que fazem a estatistica dos terrenos que vão augmentando desde ha um

seculo o seu campo de acção. E essa estatistica é consoladora.

*

Um dos mais consoladores symptomas da recatholisação da Inglaterra é o desenvolvimento que n'ella tomaram as ordens religiosas anglicanas.

E' sabido que desde Pusey ha nas altas intelligencias do anglicanismo um movimento accentuadissimo de regresso para Roma.

Os insignes Faber, Newman, Wiseman, e outros foram as primicias d'esse movimento, que tambem originou a creação d'essas ordens, que faziam seus triplices votos, e seguiam varias praticas do catholicismo.

A principal foi a benedictina que já felizmente voltou ao redil romano; e seguiu-se-lhe a franciscana que tambem tem dado contingente de conversões numerosissimas.

Ha, porém, muitas outras ordens religiosas protestantes e seria longa tarefa a simples enumeração. Todas ellas, porém, são mal vistas pelos protestantes exaltados, cada vez menos, aliás, como tendencia de romanisação.

E', porém, tão visivel essa tendencia, que pouco tardará em tornar-se catholica a nação anglicana.

PORTO—«Match» de foot-ball. Uma phase do jogo

Porto—«Match» de foot-ball. Um aspecto da assistencia

PORTO—«Match» de foot-ball. Outro aspecto da assistencia

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

BRAGA—Grupo dos hospedes do Hotel do Parque (Bom Jesus do Monte), que tomaram parte no «pic-nic» realisado no Monte Sameiro

(Cliché do distincto phot. am. sr. Augusto Chaim)

Foram numerosissimos, cerca de 50:000, os peregrinos que Sua Santidade recebeu durante o mez de setembro, e que quizeram lucrar em Roma o jubileu constantiniano. Muitos bispos os acompanharam, e entre as varias peregrinações tornou-se notavel a de 2:200 sacerdotes adoradores, e a de 1:200 jovens francezes.

*

Na Colombia, republica da America, esteve reunido, durante um mez, o primeiro congresso Eucharistico Nacional.

O enthusiasmo foi grande, em Bogotá, e em todo o paiz, mas o facto mais consolador foi sem duvida a participação official do governo da florescentissima republica colombiana. Foi sublime o discurso do Presidente do Senado, e a resposta de um liberal que renegou em plena camara os seus erros, fazendo uma profissão de fé eloquentissima.

Edificio da Escola Academica

Foi approvada uma lei de homenagem ao Santissimo Sacramento, e ao Papa, lei que vae ser gravada n'uma placa de marmore no monumento commemorativo.

*

Ha tambem um facto curioso que convém ser registado.

No dia 8 de setembro ouviu-se, pela primeira vez no Vaticano um canto em esperanto. Celebrava-se então, em Roma, o quarto Congresso internacional esperantista, e os catholicos que n'elle tomaram parte foram recebidos por Pio X, que lhes deu a benção sorridente. Entretanto os catholicos alli reunidos acclamavam o Papa na lingua do Dr. Zamenhof, cantando tambem o hymno *Ni volas Dio*, que foi acompanhado pela banda da Guarda pontificia.

ESCOLA ACADEMICA — BRAGA

Já se acha funccionando desde outubro este novo estabelecimento de ensino com cursos de instrucção primaria, secundaria e commercio. Installado no majestoso palacete das Hortas, indubitavelmente um dos melhores edificios de Braga, com amplos e arejados dormitorios, elegante sala de jantar e bello salão de estudo, fica situado em magnifica posição, d'onde se disfructa um encantador panorama e desviado do bulicio e sussurro da cidade, o que o torna incomparavel para o estudo.

Tem extensos recreios para os divertimentos e exercicios de gymnastica e são optimas as suas condições hygienicas.

Emfim a *Escola Academica* impõe-se ao interesse e preferencia de todos que desejam para seus filhos uma esmerada educação quer physica quer moral.

O edificio da Escola visto do lado norte

O seu corpo docente composto de homens de provada competencia e aturada experiencia é a garantia segura do que vale a instrucção ahi ministrada.

A sua direcção, escrupulosa em fazer observar os preceitos da hygiene e as regras do bom tom procura, pelos methodos de ensino, escolha do professorado, esmerado tratamento, egual para prefeitos e collegiaes, acurada educação physica e moral, fazer da *Escola Academica* um collegio modelo satisfazendo a todas as exigencias modernas e impondo-se ao publico pela excellencia das suas condições.

O mesmo edificio visto do poente

NOTAS DO ESTRANGEIRO

Os novos soberanos de Brunswick

A familia imperial da Allemanha

Da esquerda para a direita: o principe Joaquim (sexto filho do Kaiser); o principe Oscar (quinto filho); a esposa do principe Eitel; a princeza Victoria Luiza, unica filha do Imperador e actual Duqueza reinante de Brunswick, seu esposo o principe Ernesto de Cumberland; a esposa do principe Augusto Guilherme; a esposa do Kronprinz, herdeiro da Corôa; o principe Aldaberto (terceiro filho); o principe Eitel Frederico (segundo filho) e o principe Augusto Guilherme (quarto filho).

O Duque Ernesto Augusto e sua esposa a Duqueza Victoria Luiza na estação de Brunswick

Entrada triumphal dos novos soberanos na cidade de Brunswick

BOM JESUS DO MONTE -- Grupo de bons amigos

(Cliché de Edgar Pinto Chaim)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500

Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.

Numero avulso 60

Numero 23 — Braga, 6 de dezembro de 1913 — Anno I

Collegio Povoense

FUNDADO EM 1907

Pensão annual — 120$000 reis

POVOA DE VARZIM

A MAIS LINDA PRAIA DO NORTE DE PORTUGAL

Estabelecimento modelar, optima installação, clima maritimo saluberrimo

Lecciona instrucção primaria, curso geral dos Lyceus e curso commercial

Os alumnos habilitados por este Collegio tem obtido sempre bom resultado nos seus exames

DIRECTOR *P.e Manoel R. Pontes.*

Artigos Photographicos

As maiores novidades em chapas, aparelhos, productos, cartonagens e papeis.

Fornecedores dos principaes estabelecimentos scientificos.

Photographia artistica

Photo-miniatura

Photo-pintura

Quarto escuro e machina de ampliação á disposição dos amadores.

Lições praticas de photographia.

Acabamento de todos os trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os artigos do seu commercio

Mandam-se catalogos gratuitamente, contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR

MAGALHÃES & CARVALHO

43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 6 de dezembro de 1913 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republicc, 91* (Antiga R. da Rainha—Braga) | Numero 23 — Anno I

AÇORES—Ilha das Flôres. Altar-mór da egreja matriz de Fajanzinho

(Cliché do phot. am. snr. Bento Rodrigues)

Chronica da semana

XXIII

ACABA de encerrar-se o segundo capitulo do livro eleitoral—as eleições municipaes. Não veem para aqui longas considerações sobre a transformação dos municipios antigos, verdadeiros mantenedores das regalias e direitos populares, nos municipios modernissimos, cada vez mais modernos, verdadeiros mantenedores dos baixos interesses dos corrilhos locaes, das degladiações de caricatos senhores feudaes com loja de pezos e medidas ou com prosapias de napoleãosinhos de *biscuit*, das villorias e aldeias da provincia.

D'antes, capital e provincia eram coisa diversa; hoje, com os fumos egualitarios soprados pelas philosophias revolucionarias do ultimo seculo, o municipio é a capital em ponto pequeno e a capital um municipio em ponto grande... politicamente fallando, é claro!

A nota saliente d'estas eleições municipaes, foi a intervenção dos monarchicos na politica activa das localidades, embiocados em listas independentes. Apesar de certo luminar do regimen declarar que em plena vigencia da republica, não era licito consentirem-se manifestações monarchicas, o certo é que estas se realisam e se annunciam progressivamente, com mais vigor.

Isto só revela um erro de tactica dos realistas portuguezes. Os contos de reis, e não poucos, gastos com insurreições, teriam obtido melhor applicação se houvessem sido dispendidos com a formação d'um partido monarchico, destinado a... *partir* a republica. O portuguez vae para a urna com muito maior facilidade do que vem para a rua. Collocado entre o quadrado branco do voto e o cano da espingarda revolucionaria, sua, tressua, ata as mãos á barriga e á cabeça, n'um symptomatico gesto, e acaba por ir para a assembleia eleitoral! As revoluções são o pesadelo dos governos despoticos; mas em Portugal, onde tudo se verifica ao contrario, as revoluções passam a ser o tormentoso receio dos opprimidos.

Os realistas deviam talvez utilisar estas licções praticas do bom senso. A abstenção é uma força inactiva. Mata pela falta de viveres: ora tal resultado não é de prevêr na politica portugueza, não só pela carencia de educação civica necessaria, o que é lastimoso, mas sobretudo porque os estomagos lusitanos são d'uma *heroicidade* rara, cada vez mais rara, o que é lastimosissimo!

Emfim... o facto ahi está: os monarchicos vão ás urnas. E' um erro? não é?... Decidimo-nos a abandonar o problema ás ruminações dos dirigentes, saltando do theatro politico para o theatro *Sá da Bandeira*, do Porto, onde Italia Vitaliani acaba de representar *Maria Antonietta*, um drama historico em que a grande actriz expande toda a pujança do seu talento e attinge as culminações da Arte.

A bella austriaca, que,

> . . . . heroica e resoluta,
> Ouvira, com desdem, da plebe a injuria bruta,

tem em Italia Vitaliani uma grande interprete de dôr, de altivez e de martyrio. Mas, infelizmente, a peça é que não possue fidelidade historica, caminhando na senda da calumnia que os fautores e admiradores da revolução teem palmilhado vagarosamente, sem attender a outro fim senão ao endeusamento d'uma liberdade desbocada e maniaca que fez o Terror, a Communa, e a Anarchia.

Maria Antonietta é alli representada segundo a lenda inconscientemente forjada pela vilania dos pamphletos: conspurcada pela accusação d'uma nodoa moral que manchou para sempre a face de Hebert e dos seus carrascos, mulher frivola que dança macabramente sobre o abysmo, fazendo oscillar a corôa mal segura no penteado, despida de senso critico, d'uma judiciosa previsão e raciocinio ácêrca dos acontecimentos imprevistos, d'uma consciencia funda das realidades inextrincaveis! Eis o grande vicio da peça de Giacometti, que procurando evocar a figura da martyr, não occultou o perfido designio de justificar pela mentira o nefario crime que a furia revolucionaria commetteu.

Ainda que tal acontecesse, poder-se-hia allegar em seu favor o facto de não fugir á regra, aos typos femininos d'este seculo de grandezas e de defecções.

Mas não! Aquellas mãos nevirosadas e leves, que pareciam feitas para os jogos do Trianon, esboçam, no immenso delirio que atira para o monturo a França e a monarchia, um gesto de audacia, de valentia que fica imperecivel. Maria Antonietta cahe como heroina, cahe como rainha. E uma mulher, uma rainha, que foi martyr, deve altear-se e engrandecer-se no nosso respeito, perante as exhumações dos eruditos.

Uma serie de cartas descobertas recentemente no castello de Lofstad, pertencente aos descendentes de Fersen, é sufficientemente expressiva a tal respeito. Sabia-se que o fogoso e eloquente Barnave, tocado pela graça e pelo encanto invencivel da rainha, se improvisa defensor da monarchia periclitante: o que, porém, se ignorava é que entre os dois se estabelece uma correspondencia politica de alto valor sobre delicadas negociações. Propõem-lhe que obtenha o regresso dos emigrados e que seu irmão, o imperador d'Austria reconheça a Constituição. Ella discute o que ha de irrealisavel n'estas ideias, e consente em tornar-se medianeira. Mas é tarde. O incendio crepita e alastra. Todavia Maria Antonietta não o desconhece e exprime-se sobre elle, n'esta linguagem viril e intelligente:

«A anarchia renova-se por toda a parte com maior encarniçamento, as leis nada podem sem a força: onde está ella?

A confiança que tenho na coragem, na firmeza, no bom espirito d'aquelles que respondem a esta pergunta, serenar-me-hia, se todos se occupassem em restabelecer a ordem, que só póde ser firmada por um rei, tendo auctoridade para governar, com o apoio da lei e de harmonia com ella. Mas está na natureza dos homens, e sobretudo dos mediocres, tudo quererem mudar. E maiores desejos elles terão d'isso, quanto, pela propria razão que attrahiu tantos inimigos áquelles que teem a coragem de quererem a ordem, hão-de julgar ter ganho popularidade seguindo principios contrarios.»

Não ha n'estas phrases serenas uma acurada visão politica? Não é Maria Antonietta de facto, uma rainha?!...

Quando lhe offerecem a liberdade condicionada pelo abandono dos filhos, ella quebra a possibilidade da evasão, e encara e prefere a sorte horrenda que a espera. Consentiu alguma vez o amor de mãe sacrificio mais bello?

Nunca! Por isso escreveu um grande historiador que «uma approximação se impõe entre os brilhantes retratos em que ella surge, doce, sorridente, magestosa, sob o diadema dos cabellos loiros, e a desventurada que, na carreta sinistra, Pariz inteiro viu ao lado do carrasco succumbido,—embrulhada n'um velho chale—quasi cega, as curtas brancas madeixas açoitando as emmagrecidas faces.»

Não é grande apenas pelo martyrio: a bella austriaca, sente, julga, vê e adivinha o que se vae passar...

Hoje, perante a justiça da historia, ella lembra o lirio branco que o tufão curvou mas não abateu, e esse espectaculo da instabilidade das coisas humanas causa uma emoção egual á grandiosidade do seu infortunio!...

F. V.

Á IMMACULADA CONCEIÇÃO

(Soneto de Pio X)

Como com phrases pretender, Senhora,
Pintar tua belleza, se as mais bellas
Pallidas são, porque a despeito d'ellas
No céo sois retratada a toda a hora?

Beija teus pés a lua, o sol te adora,
O iris te envolve em dôces aguarellas,
Fulguram em teus olhos as estrêllas,
E é teu sorriso rosicler da aurora.

Assim, cruzando o infindo firmamento,
São tuas mãos jamins, rosas as plantas,
Teus labios mel, perfume o teu alento;

O amor te cobre, é musica feliz
Teu nome, e com elle Lusbel espantas,
Deus se compraz, e o homem te bemdiz.

Trad. de

S. B.

A IMMACULADA CONCEIÇÃO (Murillo)

O Catholicismo nos Estados-Unidos

A 6 de novembro de 1789, Pio VI nomeava John Carroll, Prefeito Apostolico dos Estados-Unidos, elevando-o ao mesmo tempo á alta dignidade de Bispo de Baltimore. Compunha-se então o rebanho do zeloso Pastor, de 30:000 catholicos, dispersos no meio da enorme multidão de protestantes. Havia apenas na nascente Republica, uma pobre egreja consagrada ao culto catholico.

Um seculo depois, em 1889, a joven Egreja dos Estados norte-americanos, celebrava o primeiro *Centenario* da sua fundação, e o Cardeal Arcebispo de Baltimore, successor de John Carroll teve a immensa consolação de contemplar em volta de si *oitenta e quatro* Bispos, todos dos Estados-Unidos, centenares de sacerdotes, de religiosos e religiosas de todas as Ordens e uma innumeravel multidão de fieis, clamando em unisono concerto: *Christo vive, Christo reina, Christo vence!*

Que sublime espectaculo!

Actualmente, na grande e florescentissima Republica dos Estados-Unidos, ha *dez milhões* de catholicos e *doze mil* sacerdotes. Só em New-York, a cidade da extrema riqueza e da extrema indigencia, existem cincoenta *Conferencias* de S. Vicente de Paulo, que distribuem pelos indigentes d'aquella Babylonia os enormes recursos pecuniarios fornecidos pela caridade inexgotavel dos catholicos americanos. Por sua parte as Communidades religiosas d'ambos os sexos, que vivem vida desafogada á sombra da liberdade que, na patria de Washington é algo mais que uma vã palavra, secundando o zelo dos Bispos, teem contribuido poderosamente para a prodigiosa expansão da Egreja catholica nos vastissimos dominios da grande Republica.

Um facto memoravel e de immenso alcance para o futuro religioso dos Estados-Unidos, assignalou as festas do *Centenario*. Foi a fundação (13 de novembro de 1889) da Universidade Catholica de Washington. Esta já hoje famosa Universidade onde os aspirantes ao sacerdocio recebem a par de uma esmerada educação moral, uma educação scientifica como a exigem as circumstancias do tempo, é mais um argumento a mostrar que a Egreja não se arreceia, antes promove, applaude e fomenta os legitimos progressos das sciencias que são outros tantos argumentos em prol das verdades da fé.

E' justo confessar que a expansão do catholicismo nos Estados-Unidos, durante o seculo XIX, se deve tambem, em grande parte, ás instituições politicas d'aquelle paiz, ideal d'uma verdadeira democracia. Assim o proclamou o Arcebispo de Philadelphia no seu monumental discurso nas festas do *Centenario. D'entre todos os cultos que existem aqui, o Catholicismo foi o que mais lucrou com a liberdade religiosa garantida pela Constituição americana. Se n'outros paizes e n'outras circumstancias foi salutar a união da Egreja e do Estado, na Constituição americana nada mais benefico do que a separação dos dois poderes.*

BARCELLOS—Ponte metallica sobre o Cavado

Que profunda verdade encerram estas palavras! Querem a Egreja separada do Estado? Pois bem, seja: mas concedam á Egreja a liberdade a que tem direito. Ao menos isso.

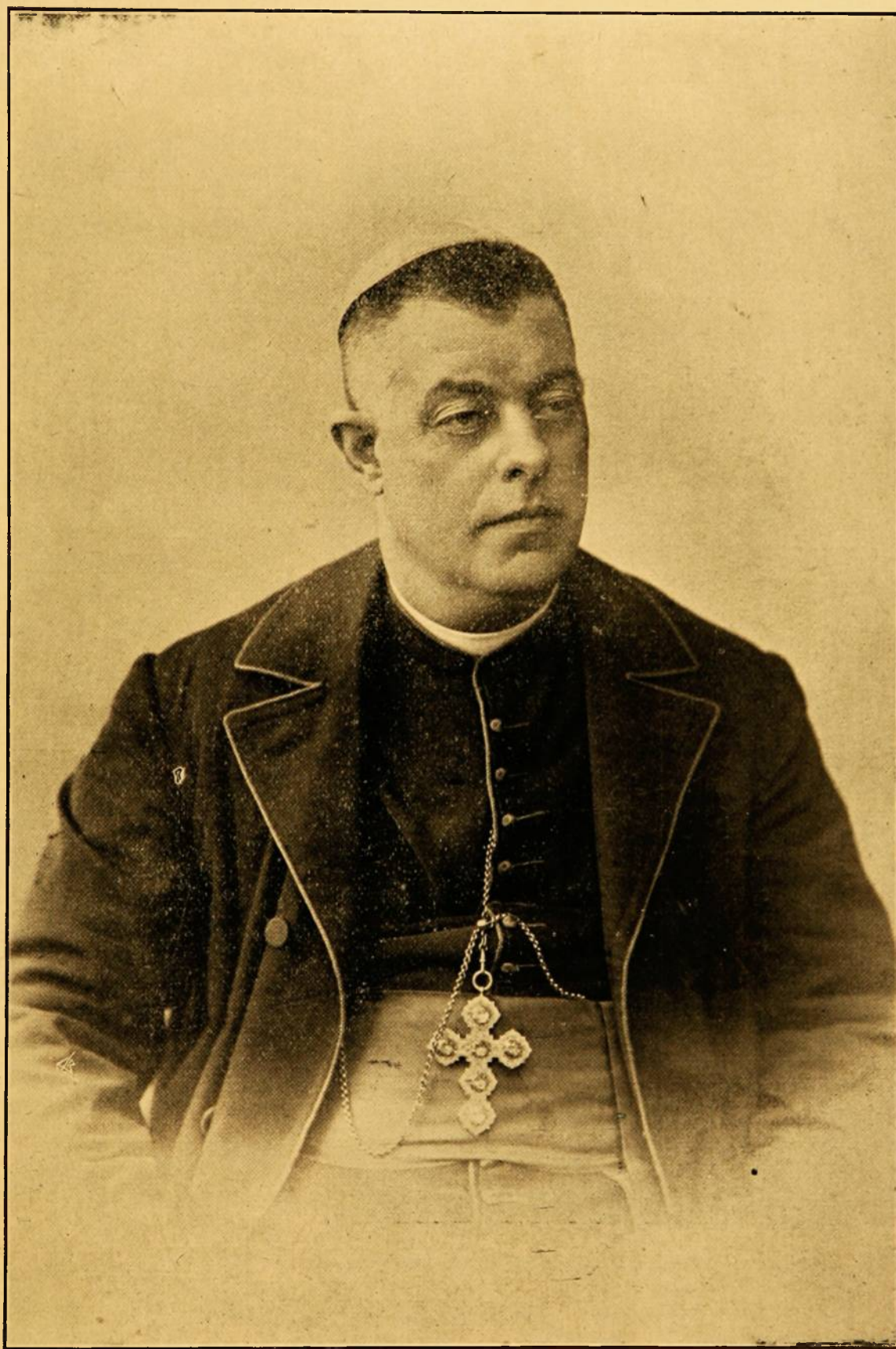
Se tal direito lhe for negado, nem por isso a Egreja succumbirá, como não succumbiu no Circo romano, nas Catacumbas, nas luctas titanicas que sustentou, e ainda sustenta, contra philosophos, sophistas, herejes e apostatas, sustentados pela força dos tyrannos de todos os tempos.

Que poder ha na terra que possa algemar a fé, de sua natureza expansiva? Já S. Paulo disse: *Verbum Dei non est alligatum* (1). E não é a Egreja a personificação augusta de Jesus Christo? (2)

Ora, Christo vive, Christo reina, Christo vence!

DR. SILVA RAMOS.

(1) II Thim. II, 9.
(2) Act. XXVI, 14.

Os nossos Bispos

D. Antonio Barbosa Leão
(Venerando Bispo do Algarve)

Nasceu em 17 de outubro de 1860. Foi eleito Arcebispo de Angola e Congo em 25 de abril de 1906 e transferido em 19 de dezembro de 1907 para a diocese do Algarve.

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

HA dias, n'um jornal de Madrid, appareceu —entre a ultima exhibição da Goya e as sensacionaes declarações do filho de Maura—a noticia, d'um novo livro da Condessa de Pardo Bazan, não se tratando como era de suppôr, d'um romance ou d'uma novella, mas muito simplesmente d'uma obra de culinaria.

Conhecer a Condessa de Pardo Bazan — Doña Emilia, como correntemente a denominam — é conhecer toda a litteratura da Hespanha contemporanea, tal a variedade e extensão da sua obra.

Na novella e no drama, no jornalismo e na critica, este altissimo espirito de mulher tem deixado a affirmação mais pujanle d'um fulgurantissimo talento.

Tem tocado todos os generos, abordado todos os problemas,perscrutado todos os sentimentos — o amor e a fome, a miseria e a grandeza, a lenda enternecida do passado e a tragedia mais intensamente real da actualidade. Faz critica social, com a mesma elegante firmeza, com que descreve as serranias gallegas ou a immensa *steppe* castelhana. Falla d'amor, de politica, d'almas e de paizagens, hoje a mergulhar-se na vida revolta dos nihilistas, a enternecer-se amanhã, nas paginas geniaes da existencia soffredora e piedosa d'um santo.

A sua obra, é como a sua conversa, variada, admiravel, imprevista e subtil. Não ha uma alma que desconheça, um livro que ignore, um detalhe que deixasse perder.

A sua memoria, réz-véz da sua cultura, deram a essa intelligencia admiravel uma maleabilidade extraordinaria.

Assim, a primeira novellista de Hespanha, é tambem—devido ao seu talento, que forçou os velhos preconceitos do tradiccionalismo — conselheira da instrucção publica.

D'uma actividade unica, o seu espirito não cança, a sua imaginação não pára e na tranquillidade da sua torre solarenga de Meyres ou nos salões da sua casa de Madrid, sem faltar a um dever de sociedade a que não pode furtar-se esse grande nome da arte e da nobreza de *Castella*, a Condessa de Pardo Bazan, que não perde uma partida de *tresillo*, não deixa um só momento de augmentar, com essa tenacidade que surprehende, a sua obra já vastissima.

Os seus romances, os seus livros de viagens, as suas obras de critica, moldadas n'aquella forma inconfundivel que a impõe como uma admiravel estylista moderna são a reconstituição flagrante da alma nacional, quer ella vibre e esplenda n'uma das lendas romanticas do *Belcebú* ou nas paginas admiraveis de philosophia e uncção do *S. Francisco d'Assis*, porque não perdendo um detalhe ou despresando uma minucia, a grande escriptora, vae brilhantemente traçando a psychologia d'uma raça.

A sua obra é a documentação viva da sociedade moderna, dos seus defeitos, das suas miserias e das suas glorias, como as obras de Camillo e do Eça serão para o investigador vindouro, o poderoso recurso de reconstituição da vida portugueza, na ultima metade do seculo passado.

VILLA REAL—Egreja matriz da freguezia de Parada de Cunhos

A sua galantaria proporcionou-me ha dias o ensejo de constatar em dois dos seus admiraveis livros, a veracidade d'esta affirmação e na dedicatoria amavel que acompanhava as duas obras, que a illustre novellista, me enviára gentilmente, do seu solar gallego *para entretener una hora de destierro*... eu vi justificar-se o carinho com que sempre falla da nossa terra, o enternecimento com que recorda as nossas cantigas, não como recompensa á justa admiração que por ahi lhe tributam, mas por uma saudade muito viva, até então, inexplicavel para mim. E' que a condessa de Pardo Bazan teve

na mocidade horas amargas d'exilio e nos salões da Brejoeira aonde se acoitou com seu marido, ouviu as cantigas que não mais esqueceu, como eu, annos mais tarde, quando voltar á minha casa de Portugal, hei-de lembrar tambem, com a mesma saudade, as canções alegres d'esta boa Hespanha, que amigamente amparou o meu doloroso exilio.

Afinal, começava a fallar o coração, ia talvez enternecer-me n'esta melancholia amarga, que só os banidos comprehendem, quando eu tenho que seguir o commentario da semana e dar a alegre nova, de que a Europa exulta com as declarações do snr. Antonio Macieira e vae mesmo modificar a sua politica, segundo as indicações—solemnemente feitas na Sociedade de Geographia de Lisboa — pelo grande chanceller.

Creio mesmo que Fernando do Bulgaria já não abdica, o Kaiser consentirá o tango, Asquith rasgará, com medo, os accordos secretos com a Prussia, os Balkans vão emfim pacificar-se e Pichon, no interior do seu gabinete do Quai d'Orsay, com aquella bonhomia de todo o bom francez, dirá n'um risinho de... admiração: *E'patant!... Parbleu!!!...*

VILLA REAL—Altar-mór da egreja parochial de Parada de Cunhos

E assim, a Europa inteira vae fazer girar a sua politica em novos eixos, invejosa, irritante mas forçada a ceder, não perante a força dos canhões, mas esmagada, confundida, perante os reptos rethoricos do diplomata collossal. A republica, achando que o Terreiro do Paço é acanhado para os seus gestos, vae mandal-o para Paris,—aquelle Paris que elle empalmou, deslumbrou, seduziu... Mas como a vida é—dizia algures o bizarro Wilde—uma serie de commoções e de contrastes, talvez só por esta razão, é que o cambio se não deslumbra e continua ferozmente a subir e as revistas financeiras, começam a entrever nebuloso, o amanhã incerto da nossa terra... E ainda haverá alguem, que n'um thalassico desespero, diga mal das instituições?!

Nada, nada, o tempo vae propicio para as republicas... o Mexico a China, são exemplos excepcionaes e depois, isto para traz não volta, como solemne e judiciosamente affirma á esquina da Havaneza, vergado ao peso das condecorações ominosas, aquelle celebre Accacio nacional que nos salões de Belem, luzindo a farda e as commendas, na noite de tres d'outubro, beijava enthusiasmado a mão do snr. D. Manuel II e dois dias depois, de jaquetão e botas de tacão á pratelleira, estreitava, effusivamente, a mão democratica do snr. Affonso Costa...

Mais um contraste!... Wilde, afinal tinha razão. A vida, é assim—cheia de contrastes e de... ridiculo...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

MÃE E FILHA

Não vae boa essa costura...
Olha cá: vês?.. é assim...
Sobre o joelho, bem segura,
E isto sempre até ao fim.

Vês o alinhavo? Procura
Coser direitinho... Emfim,
A gente sempre se apura,
Que é feio um ponto ruim.

Vês como eu estou cosendo?
Não se puxa muito a linha...
E' assim que has de ir fazendo.

Vamos: cose assim, filhinha...
Cose assim e tu verás
Que contente ficarás...

FRANCISCO SEQUEIRA.

Mealheiros

(CONTO PARA PEQUENOS E GRANDES)

Talvez os meus meninos mais pequeninos não saibam o que é um mealheiro? Pois fiquem sabendo que mealheiro, é uma caixa de madeira, ou de metal, com fechadura e chave; e uma fenda por onde se deita para dentro dinheiro; e só se abrem quando se calcula que já lá tem grossa quantia, que chegará para comprar aquillo para que estivemos juntando.

O ex.mo snr. commendador Antonio Rodrigues Ferreira Botelho,

residente no Rio de Janeiro e um grande bemfeitor da egreja de Parada de Cunhos

Mas os verdadeiros mealheiros; os queridos mealheiros da minha creancice são os de barro, os humildes mealheiros que custavam dez reis: são em fórma redonda, não teem fechadura, só teem a fenda para se deitar para dentro o dinheiro: não se podem abrir; e só fazendo-se em pedaços; só morrendo por nós, nos podem entregar o thesouro que lhe confiamos.

Chega o dia de julgarmos ter a quantia desejada e... zás, atira-se o mealheiro ao chão; e toca a procurar as moedas por entre os cacos de barro. Que alegria! que surpreza! tantos vintens! tantos dez reis! immensos cinco reis; e oh surpreza, tambem tostõesinhos que algum tio de quem somos validos, algum amigo da casa deitou para lá ás escondidas!

. . . .

Ora nós somos barro, do barro nos creou Deus, façamos da nossa vida um mealheiro enchendo-a de boas obras.

Que sejam virtudes as moedas para este mealheiro, e, depois, quando este barro se partir, quando a nossa alma sahir d'estes cacos, que encontre muitas virtudes. Não é deitar as moedas no mealheiro que nos dá gosto; é acha-las depois para as trocar por coisas que desejamos possuir, e assim que alegria, que consolação para a nossa alma quando ao sahir d'este mundo, ao apparecer diante de Deus Nosso Senhor levando um thesouro de virtudes, ouvir as Santas Palavras: «Vinde, vinde, amados de meu Pae; tive fome déste-me de comer; tive frio déste-me de vestir, estive triste consolaste-me; porque tudo que fizeste aos pobres, aos infelizes, era a mim que o fazias; vinde vinde amados de meu Pae».

Ora pois, meus pequenos, e meus grandes, comprae, comprae mealheiros; deitae para dentro moedasinhas; é muito bom ser poupado; mas ao mesmo tempo praticae as obras de misericordia, e, assim, tereis os dois mealheiros: um para este mundo; outro para o «outro».

. . . .

e que todos ouçam as Palavras que eu desejo ouvir «Vinde, vinde amados de meu Pae.....»

Lisboa, 913.

MARIA ALVARES.

Os filhinhos do exc.mo snr. commendador Antonio Rodrigues Ferreira Botelho

Entre os diversos caminhos, que se encontram no grande labyrintho da vida, examinae qual é o que se dirige á perfeição; depois marchae por elle com pé seguro e firme; e nem vos desanime a ideia de que talvez lhe não podereis vêr o fim; nem vos exponhaes á sorte de Icaro, começando por levantar vôos, não vos tendo dotado de azas a natureza.

O Kronprinz e o seu collaborador

O principe imperial d'Allemanha dá a ultima demão a um livro de imagens sobre o exercito prussiano e escolheu para seu collaborador na parte illustrada o pintor polaco De Kossak: este installou-se em Langfuhr, ha tres semanas, onde pinta uniformes e retrata o principe e sua familia.

De Kossak foi outr'ora o pintor favorito do imperador Guilherme, mas quando do fulminante discurso por este proferido em Marienburgo contra os Polacos, Kossak fez o que a dignidade patriotica lhe ordenou: rompeu todas as relações com a côrte, e foi calorosamente louvado por todos os seus compatriotas.

O snr. Manuel Pinheiro,
natural de Parada de Cunhos e actualmente residente em Santos-Brazil, generoso bemfeitor da mesma freguezia

Os Polacos justamente se surprehenderam pois, ao ver o artista nacional ao serviço do principe da Prussia, e seu hospede. Todos os jornaes verberam a sua defecção: um d'elles affirma que ao traçar o retrato dos principes, Kossak pinta simplesmente o seu caracter.

Kossak responde-lhes que não lhe era possivel declinar o convite: isto mesmo foi allegado por alguns senhores polacos que acceitaram a ceia do imperador na sua passagem por Posen, e que enfeitaram as suas casas em sua honra.

Isto só prova que na Polonia, ao lado dos que soffrem, combatem, e esperam sem covardias, outros ha que o favor do alto attrahe tão fortemente que o preferem á estima da nação.

Ha casos semelhantes, algures...

HORTO — Jacintho de Mattos

Ha quarenta annos, ainda quando no Porto apenas se esboçava o gosto pela cultura das flôres, fundou-se este estabelecimento de proporções modestissimas. O favor publico, porém, animando a iniciativa do seu fundador, fe-lo pouco a pouco ir-se desenvolvendo.

A seriedade que sempre presidiu ao seu commercio, multiplicou-lhe a clientella e d'ahi a sua expansão sempre crescente.

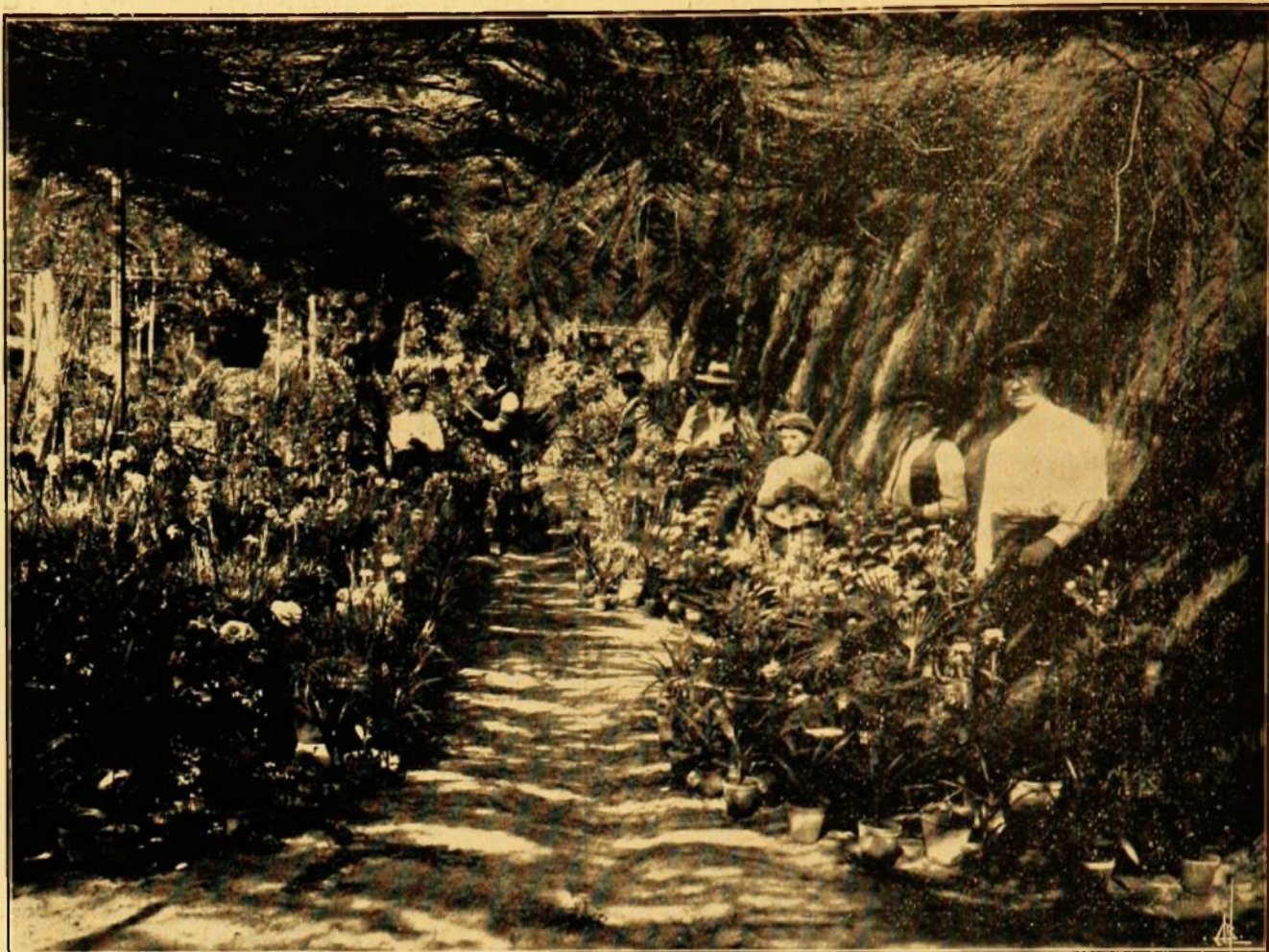
Hoje, a casa Jacintho de Mattos, mantendo intactas as suas tradicções chegou a um periodo de desenvolvimento que nos enche de justificada consolação.

Este estabelecimento é hoje um dos primeiros do paiz; mas não só em Portugal elle conquistou a preferencia, como tambem em Hespanha, especialmente nas provincias do norte, tem-se affirmado com trabalhos que muito o honram.

Em correspondencia directa e constante com as principaes casas estrangeiras da especialidade; com um pessoal technico numeroso e habilitado, e dispondo de vastos terrenos onde se acham installados os seus viveiros, a casa Jacinto de Mattos acha-se habilitada a bem se desempenhar de todos os trabalhos de suas especialidades, ainda os de maior importancia.

Finalmente o valor dos seus meritos constata-se facilmente com os trabalhos executados em todo o paiz e parte de Hespanha, e com os premios, medalhas e diplomas com que tem sido distinguido nos certamens a que tem concorrido:

6 premios d'honra, 153 medalhas d'ouro, prata e cobre, 1 diploma de merito, 12 diplomas de 1.ª classe, 1 diploma de 2.ª classe e 1 diploma de Menção honrosa.

ARCOS — Nossa Senhora da Peneda — Vista geral

PORTO—Horto-Jacintho de Mattos. Uma exposição de cravos

PORTO—Horto-Jacintho de Mattos. Um aspecto das estufas

(Clichés do dist. phot. am. snr. Augusto Chaim.)

FIGURAS DA BEIRA

XI

Dr. Antonio Alves Pereira da Fonseca

A familia Alves da Fonseca, fortificada pelo seu cruzamento com a familia Almeida, ha meio seculo quasi rivalisa em predominio, na cidade de Lamego, com os ruidosos Correias, os quasi omnipotentes.

Os Alves são tambem verbosos, mas menos gritantes. A sua loquacidade é mais como que discreta, com certo tom até de confidencia. Os Correias, além d'isso, são mais terra á terra, mais praticos, ou, pelo menos, não tão affeiçoados á vida imaginosa e artistica. Comtudo os Alves, parecendo menos positivos, nem por isso deixam de ser penetrantes na vida util e economica. Dir-se-hia que o seu espirito romantico é todo mais de cabeça do que do coração, mais pendor de dilettantismo gracioso do que preoccupação fundamental, absoluta.

Seja como fôr, a familia Alves tem dado a Lamego muitos dos seus melhores filhos: o Padre José Alves da Fonseca, abbade de S. Thiago d'Anta, que foi um dos melhores prégadores e poetas do seu tempo; o dr. Antonio Alves, o advogado eminente de quem venho fallar; o dr. José Antonio Alves d'Almeida, ecclesiastico, formado em direito e theologia, professor illustre, finado pouco depois dos trinta annos de edade; João Alves Pereira da Fonseca, intelligente commerciante, conversador original que do Pará, onde vivera muitos annos, dava notas pittorescas e profundas; D. Isabel Alves P. da Fonseca, senhora de uma rara gentileza mental, moral e physica, modelo peregrino de caridade e vivissimo, hypnotico talento; emfim, o dr. Vellado da Fonseca, mentalidade superior tão de golpe desapparecida em plena juventude, muito tragicamente.

E não fallo nos vivos. Um d'elles, Monsenhor D. Francisco Alves P. da Fonseca, espirito vivo e generoso, é mais que septuagenario, e soffre dolorosos achaques, vencidos, porém, por uma bella e energica organisação physica e moral. Daria paginas interessantes colher a sua figura original em varios lances da vida humana, como a sua relativa apathia de agora, mutuando saudades com outros anciãos, piedosamente nostalgicos dos tempos idos... sem consolo e extasis ainda hoje.

*

O dr. Antonio Alves Pereira da Fonseca foi rigorosamente um advogado e, como que por desfastio, ás vezes um politico. Notavel, desde a Universidade, pela viveza, pelo poder limpido da dialectica, pela phrase attica, radiosa, luminosamente sobria, e ainda pela profunda e rapida visão do criterio, achou depressa pequeno para si o fôro de Lamego, e foi viver em Lisboa.

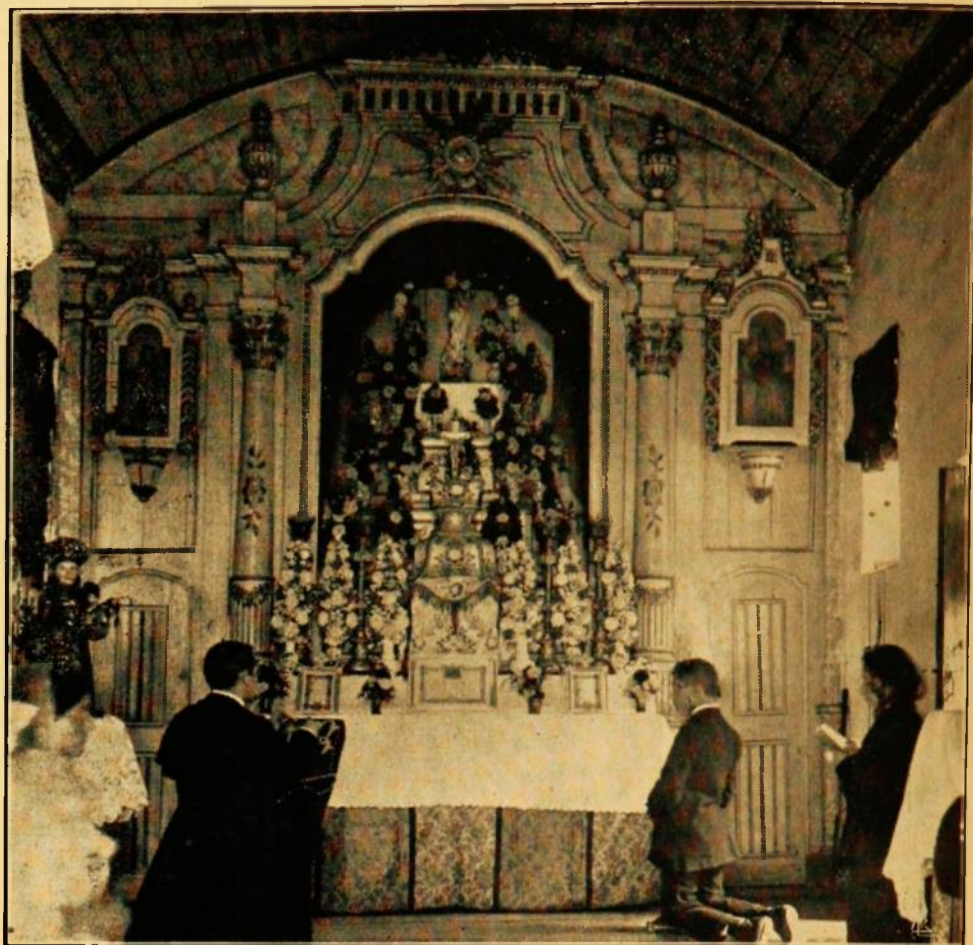
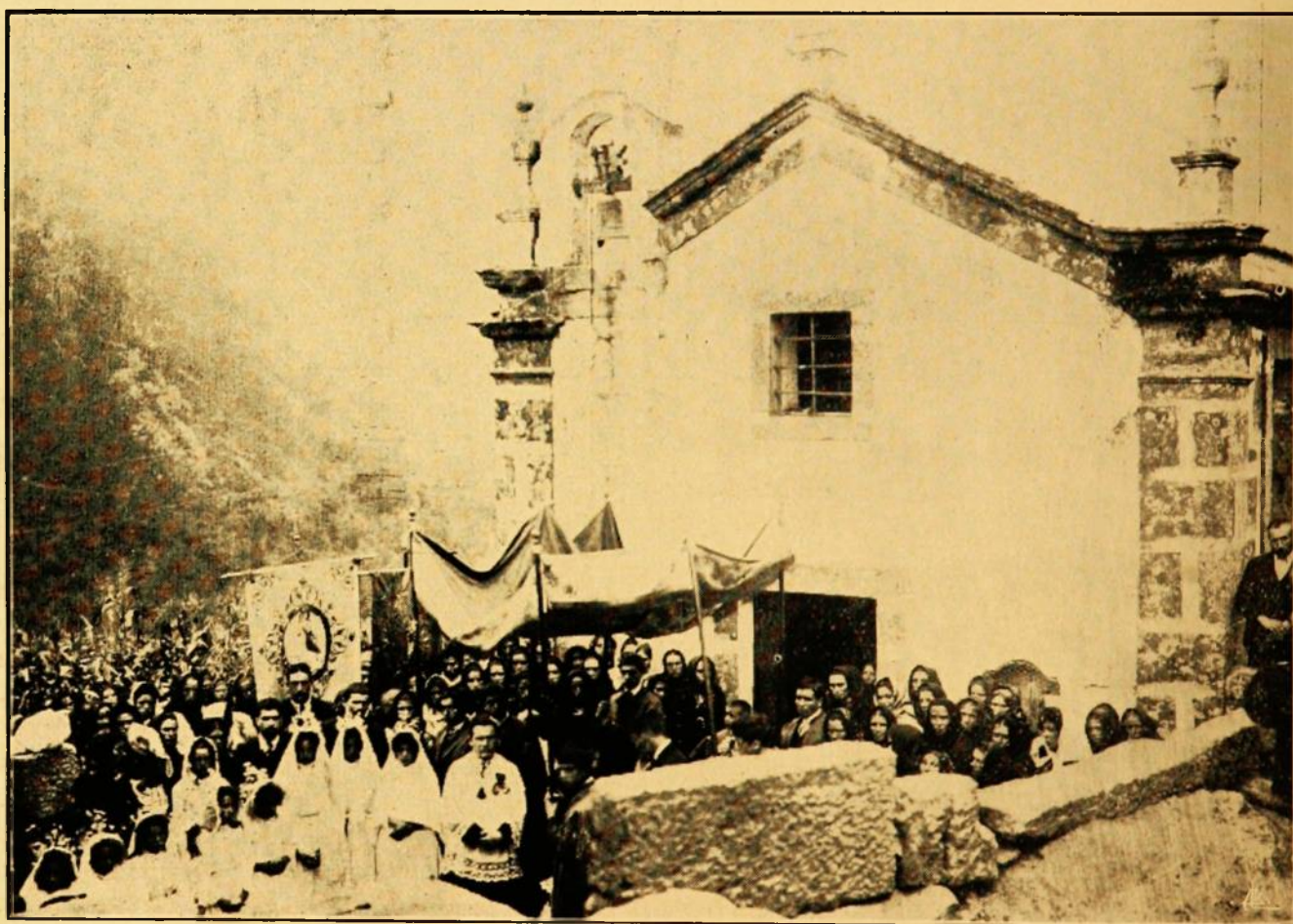
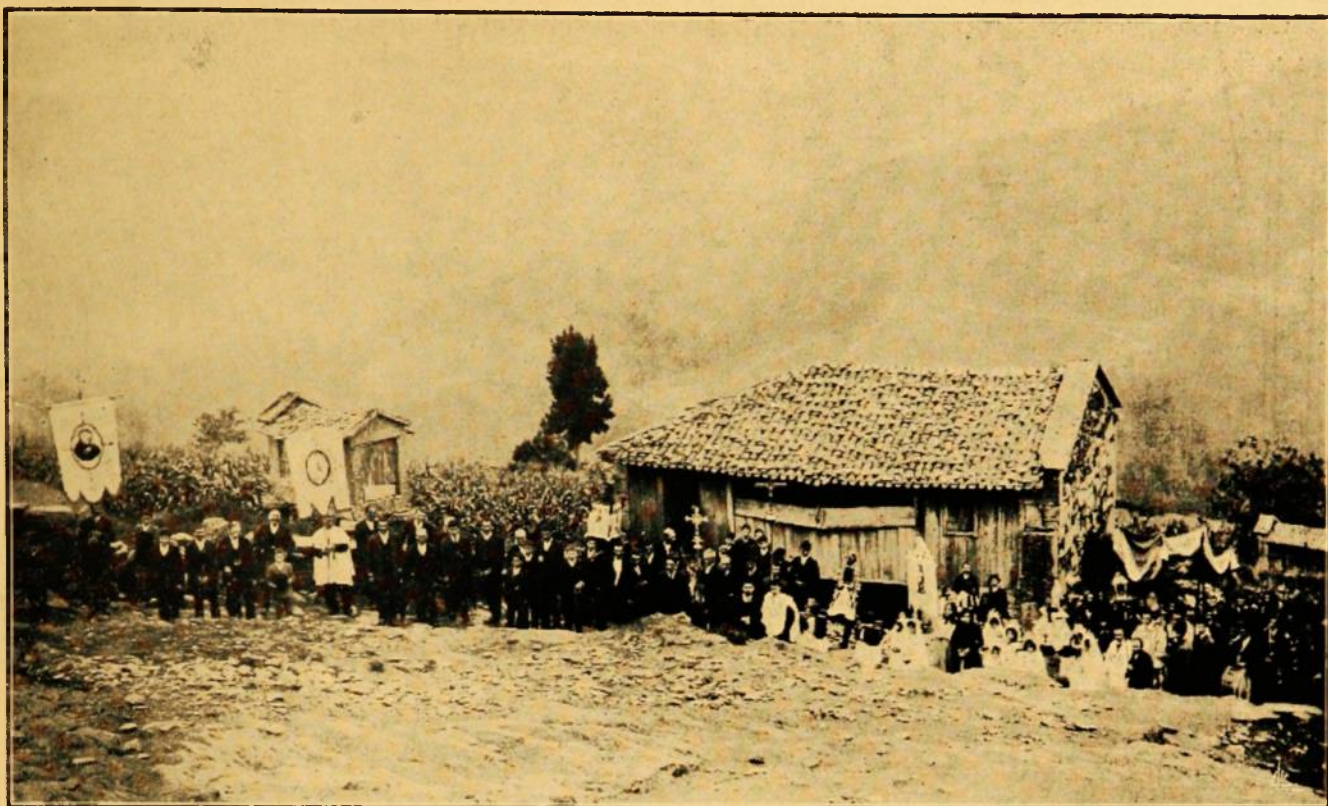
MONSÃO — Riba de Mouro. Vista geral de Cavenca

Nos escriptorios do grande jurisconsulto dr. Silva Bruschy praticou com devoção e brilho, tornando-se depressa uma auctoridade respeitada em todas os questões de direito, e em especial no tocante á vida administrativa.

Mas, com tanto saber, a inspiração, seu dote como que atavico, nada perdia em impeto e nervo. Sendo talvez o mais calmo e ponderado dos Alves, o mais paciente e simples na vida domestica, e em geral uma figura que podia parecer incaracteristica, não lhe sopitou nunca os pairos da mente a grande sciencia juridica, seu distinctivo e gloria entre os maiores advogados portuguezes.

No tribunal, ou onde houvesse motivo e assumpto de controversia, o pachorrento transmudava-se em bellicoso, mas sempre triumphal de logica e eloquencia pura, ideias soberanas, estylo preciso, argumentos sem replica, verdade, bom-senso, profundeza.

O marmore impassivel convertia-se então como que em oceano. Cuidadoso na fórma como Cicero, vehemente como Demosthenes, rapido, apezar de fluentissimo, methodico, apezar de torrencial, com a sua palavra prendia porque convencia, triumphava sempre, porque só deixava fallar o coração depois de ver victoriosa e incombativel a razão.

E assim foi no parlamento. Amigo de José Luciano, em quatro legislaturas serviu o partido progressista, pronunciando discursos elevados e bellos, e notabilisando-se como substancioso e impeccavel relator de diversas commissões espinhosas.

RIBA DE MOURO—**O altar-mór da capella parochial onde se realisou a festa de N. S. do Sagrado Coração**

RIBA DE MOURO—**A procissão sahindo da capella parochial**

RIBA DE MOURO — Um aspecto da procissão

RIBA DE MOURO—As ex.mas snr.as D. Perpetua Reibello e D. Mercês Pereira d'Araujo com a bandeira por ellas offerecida á nova banda

Mas não era, afinal, um politico. Mais do que as suas melhores orações parlamentares, valiam, por isso, as forenses, lembrando-se ainda hoje muitos com admiração da sua prodigiosa defesa dos empregados do Banco Ultramarino que este estabelecimento processou em 1880.

E, entretanto, o seu valor principal era o saber profundo, invulgar. A revista de jurisprudencia, *O Direito*, fundada pelo snr. José Luciano de Castro, teve-o, durante largos annos, como um dos seus mais altos collaboradores. O seu conselho, no escriptorio, era ouvido com respeito até pelos advogados mais illustres.

Era uma verdadeira auctoridade no fôro do paiz, porque muito comprehendia e sabia.

*

Pouco feliz, porém, na vida intima, a sua forte compleição cedo se abalou, dilacerada pelas crises da grande alma, levando-o ao tumulo aos sessenta annos de edade. Cahiu quasi de repente com dor unanime dos conterraneos que lhe devem o Monte-pio dos Artistas, ou Artistico, hoje Associação de Soccorros Mutuos de Nossa Senhora dos Remedios, por elle fundada e protegida com um amor sempre abnegado, sem um só intuito politico.

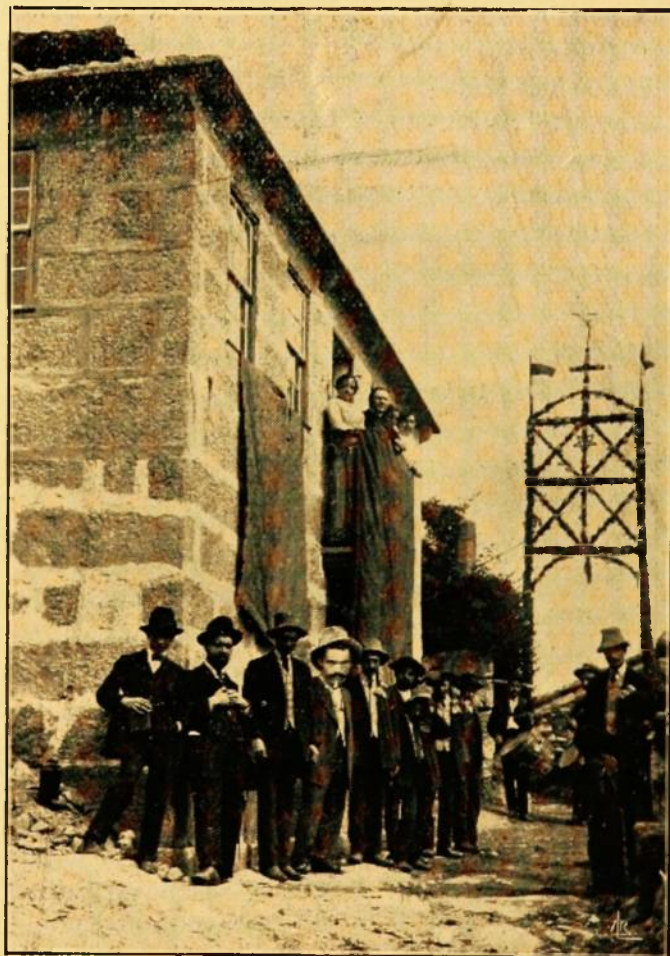
Depois da sua morte, aquella grande figura pareceu avultar, dentro das justas proporções, como colosso que vence a bruma e a neve da indifferença humana.

Mas, como succedeu ao proprio Visconde de Guedes, depressa esqueceu, porque a vida de Lamego tornou a entregar-se ás guerrilhas da pequena politica... e a memoria do eminente advogado não podia, decerto, ser honrada a valer, quando pelejas, tão excessivas como estereis, interessavam, por desventura, até os luctadores de arcaboiço mais herculeo.

E' ainda hoje uma das sagradas dividas da velha cidade da Beira prestar homenagem perfeita e condigna ao nome do dr. Alves da Fonseca: uma escola, uma rua, ao menos, uma pobre lápide commemorativa, uma simples legenda...

JOSÉ AGOSTINHO.

RIBA DE MOURO—Banda de Nossa Senhora do Sagrado Coração organisada e dirigida pela rev. Bernardino Reibello

NOTAS—O dr. Alves da Fonseca nasceu em Lamego a 23 de maio de 1834. Concluiu a sua formatura brilhantemente em 1854, com 20 annos de edade —Foi, por concurso publico, chefe da administração geral das alfandegas. Extincto o logar, foi nomeado ajudante do Procurador Geral da Corôa. — Falleceu a 1 de novembro de 1894.—Era seu filho o dr. Antonio Affonso Vellado da Fonseca.

A residencia do rev. Bernardino Reibello

O rev. Bernardino Reibello no seu escriptorio

BRAGA--Festa desportiva promovida pelo "Foot-Ball Club de Braga„ e "Ideal Sport Club„ do Porto

Partida dos cyclistas. O ultimo do lado direito é o «Campeão do Minho» snr. Urcinio Malheiro, vencedor do 1.º premio

BRAGA-Festas do 1.º de Dezembro

Um aspecto do cortejo ao passar em frente ao quartel de infantaria 8

(Clichés de J. J. Souza Guimarães.)

Fastos do Catholicismo

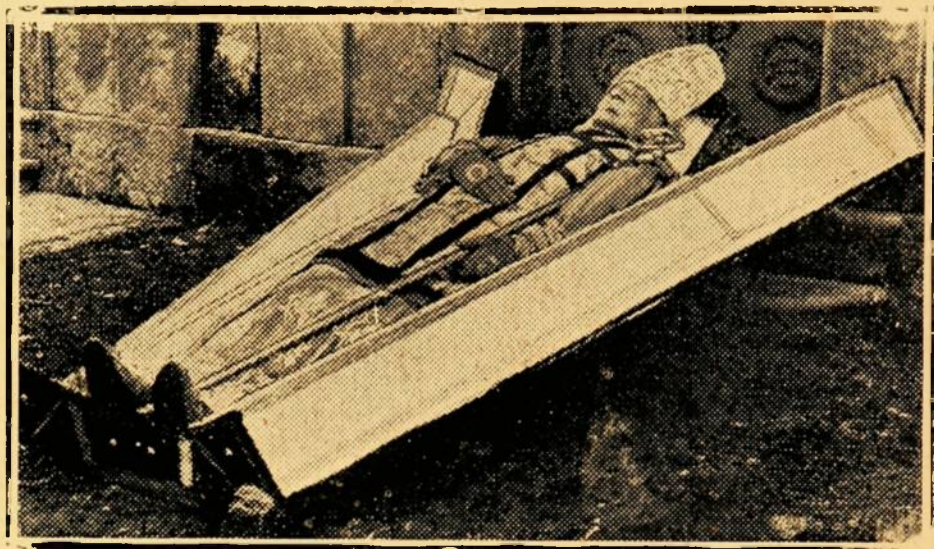
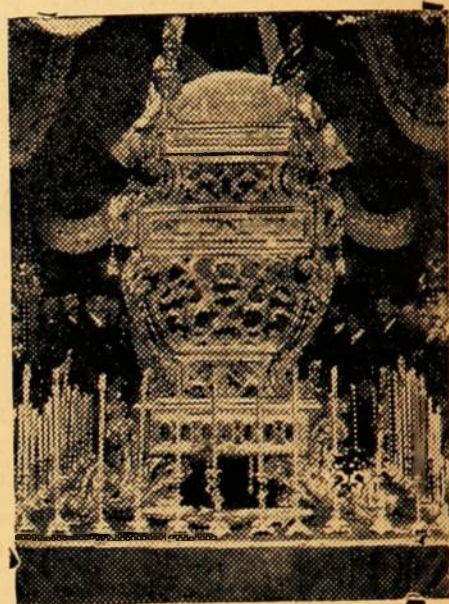
ooo

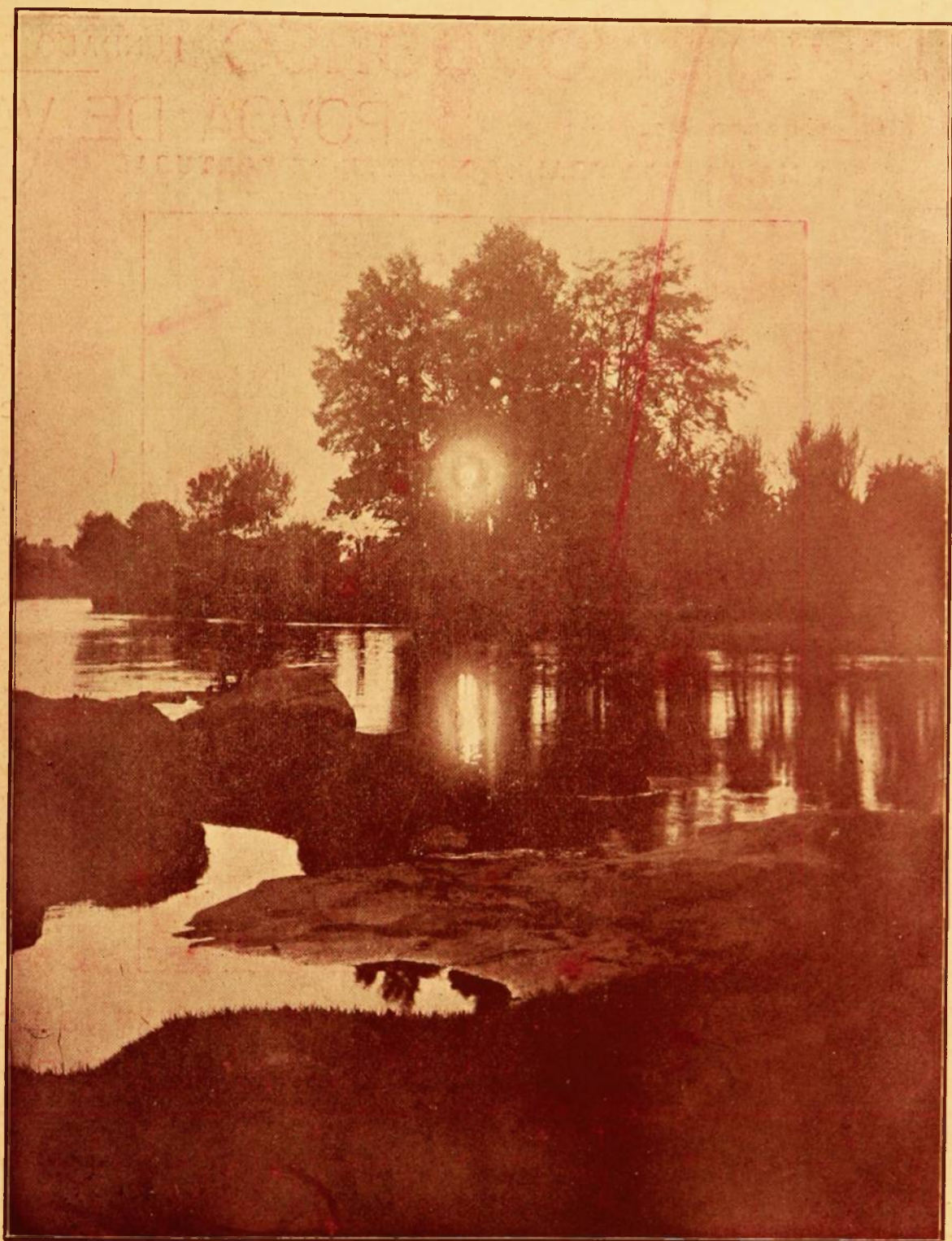
Acerca da fundação, na Italia, de um partido nacional catholico de caracter liberal moderado, publicou o «Osservatore Romano» uma interessantissima noticia.

A imprensa deitou a correr a noticia, intencionalmente. Os principaes pontos do programma, disse essa imprensa, era a defeza de uma absoluta liberdade politica, com independencia da auctoridade ecclesiastica. Essa seria a consequencia da annullação do «non expedit», isto é, a norma abstencionista em materia puramente politica, traçada pela Santa Sé aos catholicos, depois que em 1870 foi expoliada dos seus terrenos patrimoniaes pelos italianissimos.

O «Osservatore» fazendo notar as circumstancias particularissimas da acção catholica-politica na Italia, circumstancias dessemelhantes ás de qualquer outra acção, affirma que a fundação de tal partido seria abertamente contraria ás aspirações catholicas e, portanto, estará em opposição com o pensamento da Santa Sé.

E' verdadeiramente curioso que a impiedade, depois de privar o Pontificado do exercicio do seu poder temporal, ande actualmente a insinuar uma abdicação. Não contam, os desgraçados, com a força do *Non possumus!*

COIMBRA---O funeral do Senhor Bispo-Conde

O cadaver do Senhor Bispo-Conde na urna funeraria

O catafalco

Um aspeto do cortejo funebre

MARGENS DO CAVADO--O pôr do sol

(Cliché de Rebello Junior)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500

Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.

Numero avulso 60

Numero 24 Braga, 13 de dezembro de 1913 **Anno I**

Collegio Povoense

FUNDADO EM 1907

Pensão annual — 120$000 reis

POVOA DE VARZIM

A MAIS LINDA PRAIA DO NORTE DE PORTUGAL

Estabelecimento modelar, optima installação, clima maritimo saluberrimo

Lecciona instrução primaria, curso geral dos Lyceus e curso commercial

Os alumnos habilitados por este Collegio tem obtido sempre bom resultado nos seus exames

DIRECTOR *P.e Manoel R. Pontes.*

Artigos Photographicos

As maiores novidades em chapas, aparelhos, productos, cartonagens e papeis.

Fornecedores dos principaes estabelecimentos scientificos.

Photographia artistica
Photo-miniatura
Photo-pintura

Quarto escuro e machina de ampliação á disposição dos amadores.
Lições praticas de photographia.
Acabamento de todos os trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os artigos do seu commercio.

Mandam-se catalogos gratuitamente contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR
MAGALHÃES & CARVALHO
43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO

Illustração Catholica

Revaista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 13 de dezembro de 1913 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA 83, R. dos Martyres da Republica, 91 (Antiga R. da Rainha—Braga) | Numero 24—Anno I

Santa Amelia

Esculptura de João Evangelista Vieira (artista bracarense)

Chronica da semana

XXIV

RECOMEÇOU o trabalho parlamentar e não se dirá que houvesse recomeçado mal, embora seja opinião de alguem que começou por onde devia acabar—o que, quando muito, prova que andamos proximos do festim de Balthazar.

O parlamento, ainda nas epochas de seu maior prestigio, nunca reflectiu a vida e a vontade do paiz. Indolentes por temperamento, só as dictaduras honestas e bem intencionadas, nos deram algum progresso nos factos e nas ideias. O resto passou-se em flatulencias de sediça rethorica no bento seio do corpo legislativo, como se dizia em tempos que já lá vão!

Eça de Queiroz tinha certa razão ao diagnosticar que eramos um povo talhado para dictadura ou para a conquista. Arredada esta ultima hypothese por inconveniente e subversiva, — o nosso mal é que as dictaduras em Portugal... fossem quasi todas pessimas.

Ha quem julgue a nossa modorra, a cavillação do tigre antes de preparar o salto. Seria realmente de certa utilidade, sobretudo para as redundancias imaginosas da eloquencia, que ao leão de Castella se pudesse contrapôr o tigre portuguez. Entrariamos assim na grande jaula europeia onde esgaravatam e rugem as féras de luxo que a convenção jornalistica e tribunicia chama, o leopardo inglez, o gallo francez, a aguia allemã, o urso branco eslavo, e até o macarrão italiano que certo conselheiro considerava feroz... para o seu estomago!...

Infelizmente para as collecções zoologicas, e felizmente para o orgulho innato do homem, Portugal, n'este capitulo da comedia internacional, não soffre comparação.

Tem os seus quês de gato, de porco e de cão, mas não póde integrar-se em qualquer d'estas especies de animaes, nem vale a pena entretêr os leitores com uma discussão inutil. Cada qual que se compare como melhor fôr aos seus *costumes* e *habitat*...

... Iamos, porém, narrando a reabertura do parlamento e frisando os commentarios publicos.

E' preciso notar ainda, n'esta chronica, que a tempestade (uma tempestade de *guignol*, com trovões de bombo, relampagos de acetylene e guinchos de meninos a fingir o estertor dos naufragios) a tempestade estalou logo aos primeiros gestos do presidente da camara, e que, como é de prevêr, no dia seguinte, a respeitavel deputação nacional, se não lembrava o mar-morto não era positivamente um mar-vermelho de sangue!

Sic transit!...

Apreciando estas impressionantes scenas parlamentares, que, a continuarem, prejudicam o sr. de S. Luiz de Braga, distrahindo para as galerias os admiradores da tragica arte de Zacconi, — explicava outro dia um extraordinario defensor da republica, que até n'esta original abertura das legislaturas com musica de pancadaria, se affirmava o actual regimen muito superior ao regimen deposto, porquanto o que o paiz deseja são situações nitidas e nada existe mais nitido que a balburdia parlamentar.

Não entramos na determinação do progresso ante-visto pelo illustre cidadão.

Concordamos com o progresso, mas o progresso da decadencia.

O pau de bater bifes foi o derradeiro avatar do constitucionalismo: quem sabe o que virá a ser o tacão das botas do presidente do ministerio?! Talvez um dia a historia os catalogue junto do *cachenez* do Duque d'Avila e da bengala de sobreiro do Bispo de Vizeu, como symbolos de epochas notaveis...

Progresso de decadencia, sim, concordamos— um progresso monotono e charro, sem lances imprevistos, e traços surprehendentes.

Querem os leitores ouvir?

Abramos as paginas d'um preciosissimo e scintillante album com os nossos retratos, em 1871, monumento de *charge* e de talento—as *Farpas*.

Escutemos agora, extrahidos do prefacio, estes trechos de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão:

«A burguezia de hoje fez-se *livre-pensadora*. Tem ainda uns restos de respeito machinal pelo Todo-Poderoso, mas criva de epigrammas as pretensões divinas de Jesus, e diz cousas desagradaveis ao Papa.

O scepticismo faz parte do bom gosto. Nenhum ministro que se preze, ousaria acreditar em S. Sebastião. A theologia, o maior monumento do espirito humano, faz estalar de riso os cavalheiros liberaes. Desprezam-se os padres e despreza-se o culto, o que não impede que a proposito de qualquer cousa se exija o juramento!»

Mil oitocentos e setenta e um e mil novecentos e treze confundem-se: o retrato é sensivelmente o mesmo.

Continuemos: «Não é uma existencia, é uma expiação.

E a certeza d'este rebaixamento invadiu todas as consciencias.

Diz-se por toda a parte: «o paiz está perdido!» Ninguem se illude. Diz-se nos conselhos de ministros e nas estalagens.

E que se faz? Attesta-se, conversando e jogando o voltarete, que de norte a sul, no Estado, na economia, na moral, o paiz está desorganisado—e pede-se cognac! Assim, todas as consciencias certificam a podridão; mas todos os temperamentos se dão bem com a podridão!» ...«O orgulho da politica nacional é ser doutrinario. Ser doutrinario é ser um tanto ou quanto de todos os partidos; é ter d'elles por consequencia o minimo; é não ser de partido nenhum—ou ser cada um apenas do partido do seu egoismo. De modo que todos esses monarchicos, bem no intimo, votariam por uma republica. Todos estes republicanos terminam por concordar que é indispensavel a monarchia!»

Vejam os leitores o grandioso progresso que

fizemos durante quarenta e dois annos... O vicio persiste no corpo nacional, que se esphacella.

E até as scenas degradantes que aparcellam e infamam o parlamento portuguez encontram viva e candente reproducção nas seguintes phrases dos dois pamphletarios videntes:

«O corpo legislativo ha muitos annos que não legisla... A deputação é uma especie de funccionalismo para quem é incapaz de qualquer funcção.

E' o emprego dos inuteis.»

Plus ça change, plus ç'est la même chose!

F. V.

Os nossos Bispos

D. Antonio Alves Ferreira

(Venerando Bispo de Vizeu)

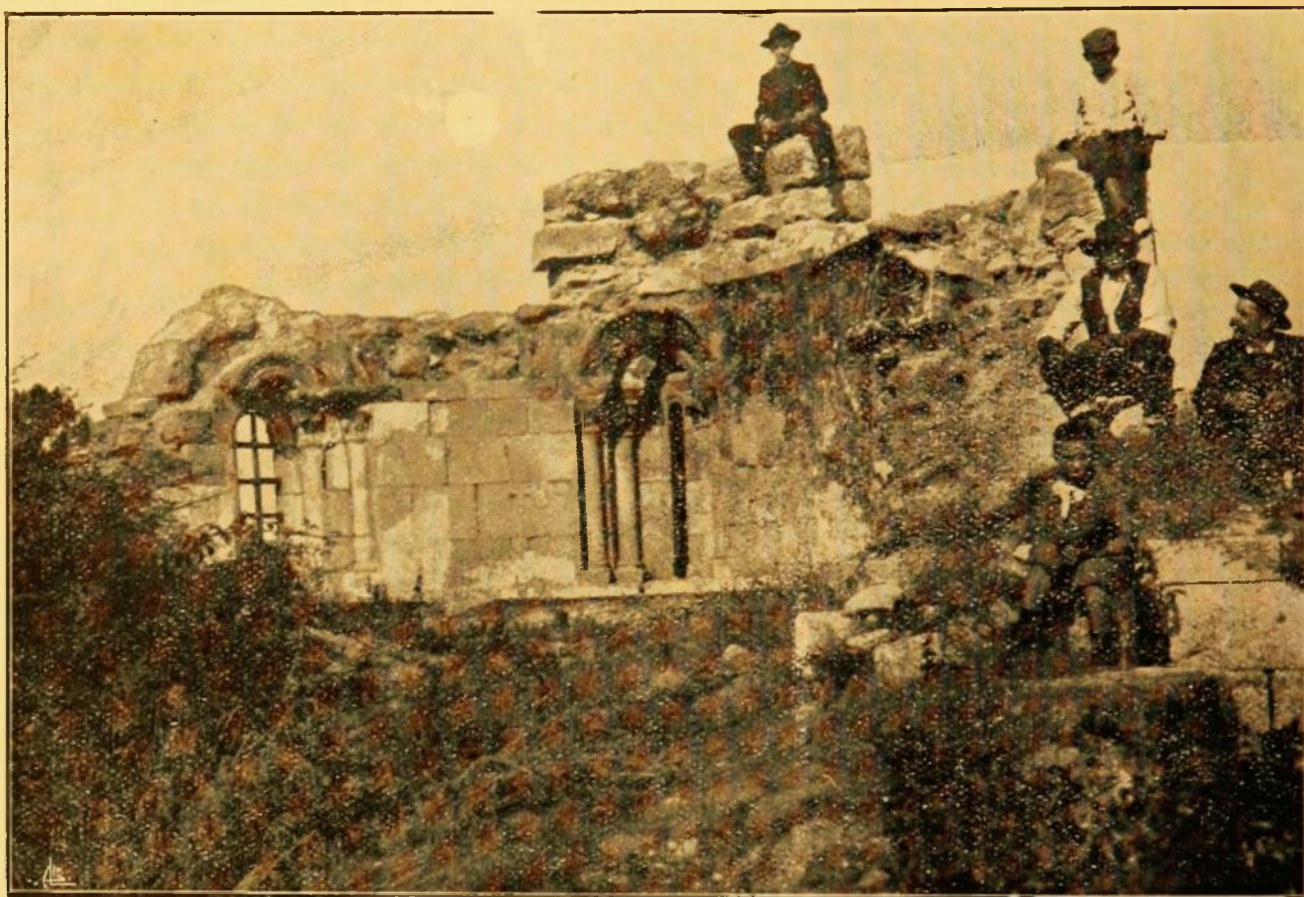
Nasceu no Sardoal, diocese de Portalegre em 11 de julho de 1864. Foi eleito Bispo titular de Martyropolis em 19 de dezembro de 1907 tomando posse do bispado de Vizeu em 1911.

A Egreja e os musicos

ACABA de celebrar-se o centenario de Verdi, nascido em Roncoli, perto de Parma, 1813.

Vem a pêlo notar o ridiculo, no respeitante á musica, do cliché tradiccional e serodio que accusa de obscurantismo a Egreja, e cujo absurdo aliás se demonstra egualmente quanto a outros ramos litterarios e artisticos.

Toda a vez que folheamos a biographia d'um compositor, logo as primeiras paginas se referem a organistas, a regentes de capella, curas ou religiosos descobrindo e descodeando o talento nascente d'um *virtuose* e esforçando-se por lhe dar uma instrucção apropriada a tão precioso dom.

Palestrina foi menino de côro, e depois, commandou os seus companheiros. *Lulli* aprendeu guitarra em Florença, sob a direcção d'um frade, Cordelier. *Rameau*, educado pelos jesuitas de Dijão, foi organista na cathedral d'esta diocese. *Haendel*, bem que protestante, foi confiado a um organista catholico. *Bach* foi corista em S. Miguel

BARCELLOS—Villa Cova. Ruinas do antigo Convento do Banho

Todavia, é por ventura no campo musical que a protecção intelligente concedida pela Egreja ás manifestações artisticas, se revela com maior brilho.

Conta-se que a mãe de Verdi, por occasião da invasão da sua aldeia pelos russos, apoz as memoraveis derrotas napoleonicas em 1813, logrou salvar-se, escondendo-se com seu filho no campanario da egreja. Será licito dizer-se, por analogia, que a religião velou sobre o berço do genial compositor. Era um symbolo...

O moço Verdi recebeu suas primeiras lições d'um velho organista de Roncoli. E quando começou a desenvolver-se, teve por mestre um outro organista, Provesi. Aos onze annos voltou a Roncoli, onde substituiu como organista, o seu velho professor fallecido.

Se relatamos estes primordios artisticos de Verdi, não é com mira em frisar um caso excepcional. Pelo contrario, semelham elles o de todos os grandes musicos. O caso de Verdi não é excepção; é a regra.

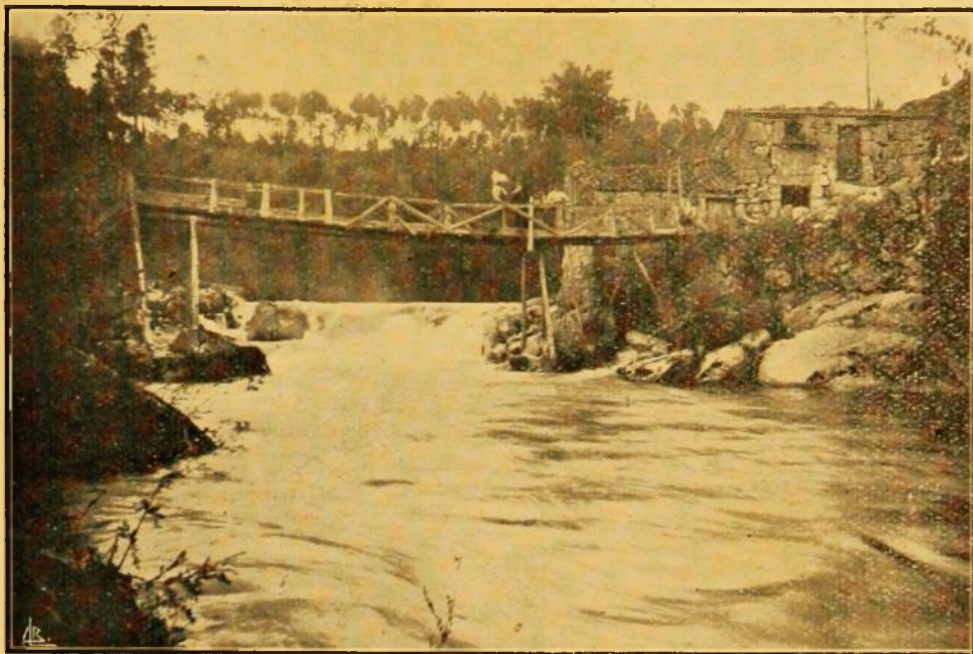
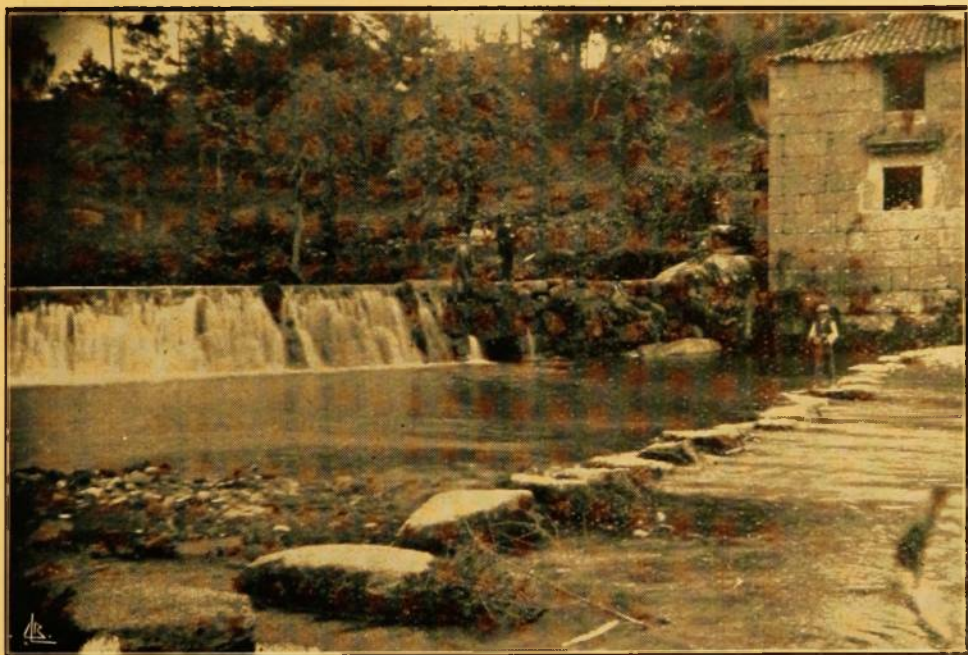
de Luneburgo. *Gluck*, alumno dos jesuitas de Komotão, tocava violão e cantava nas egrejas de Praga. Era protegido e incitado pelo P. Czernohorsky, e trabalhou, em Vienna, sob a direcção do organista Samartini. *Piccini*, o famoso rival de Gluck, foi arrancado á obscuridade da sua modestia pelo bispo de Bari, que o fizera educar no convento de Santo Onofre, em Napoles.

Haydn era filho de um sacristão e foi notado por Reuter, regente da capella da cathedral de Vienna, durante uma *tournée* que este fazia para procurar meninos de côro. Primeiro violão na egreja dos Padres da Misericordia, foi depois organista em em casa do conde Hangwitz. *Paisello* sahiu dos jesuitas de Tarento; *Cimarosa*, dos Menores conventuaes.

Omittimos, para não sobrecarregar a enumeração, muitos nomes celebres, e muitas étapas *clericaes* da vida d'aquelles que citamos. Por toda a parte é o clero quem os educa, lhes fornece collocações, e com ellas os meios e lazêres necessarios á producção de obras primas.

E' conhecida a historia do joven *Grétry*, pedindo a graça de morrer no dia da sua primeira communhão, se não houvesse de tornar-se *homem probo e bom musico*.

Esta segunda supplica foi attendida. Menino de côro protegido pelos conegos, foi mais tarde enviado a Roma onde teve Cavalli por director dos seus estudos.

Será tambem necessario lembrar o nome de *Mozart*, filho d'um regente da capella na côrte do arcebispo principe de Salzburgo? *Beethowen*, filho do tenor da capella do Eleitor de Colonia (principe ecclesiastico), que seguiu as lições de Von der Eden, organista da mesma côrte? Talvez se ignore que *Mayerber*, um judeu, teve por mestre o abbade Vogler, organista na cathedral de Darmstadt? *Méhul*, em Givet, recebia lições d'um outro organista, cego aquelle, mediante quem podia ir exercer seus talentos, primeiro nos Recollêtos de Givet, depois nos Premontarios de Valdieu.

Paisagem minhota—Uma ponte sobre o Ave

Paisagem minhota—Rio Ave—Uma levada

Spontini tinha um tio padre e foi, por isto, educado entre dois organistas e dois regentes de capella. *Böieldien* e *Rossini* foram meninos de côro, um na cathedral de Ruão, o outro em Bolonha, e era um religioso, Dom Canedagni quem ensinava violoncello a Rossini.

Schubert, depois de ter sido solista na egreja de Lichtenthal, foi corista na imperial capella. *Gounod*, que pensou em ordenar-se, chegando a usar o habito ecclesiastico, foi regente de capella nas Missões estrangeiras. *Wagner*, emfim, o idolo dos mélomanos, foi regente de capella do catholico rei de Saxe e recebera ensino de Weinlig, cantor da egreja de São Thomaz, em Leipzig.

Em summa, da monotonia d'estas indicações admiravelmente resalta o papel decisivo que a Egreja desempenhou na eclosão das vocações musicaes. Sem todos estes organistas, regentes de capella, tios padres,

Um aspecto do Ave

(Clichés do phot. am. sr. F. Brito.)

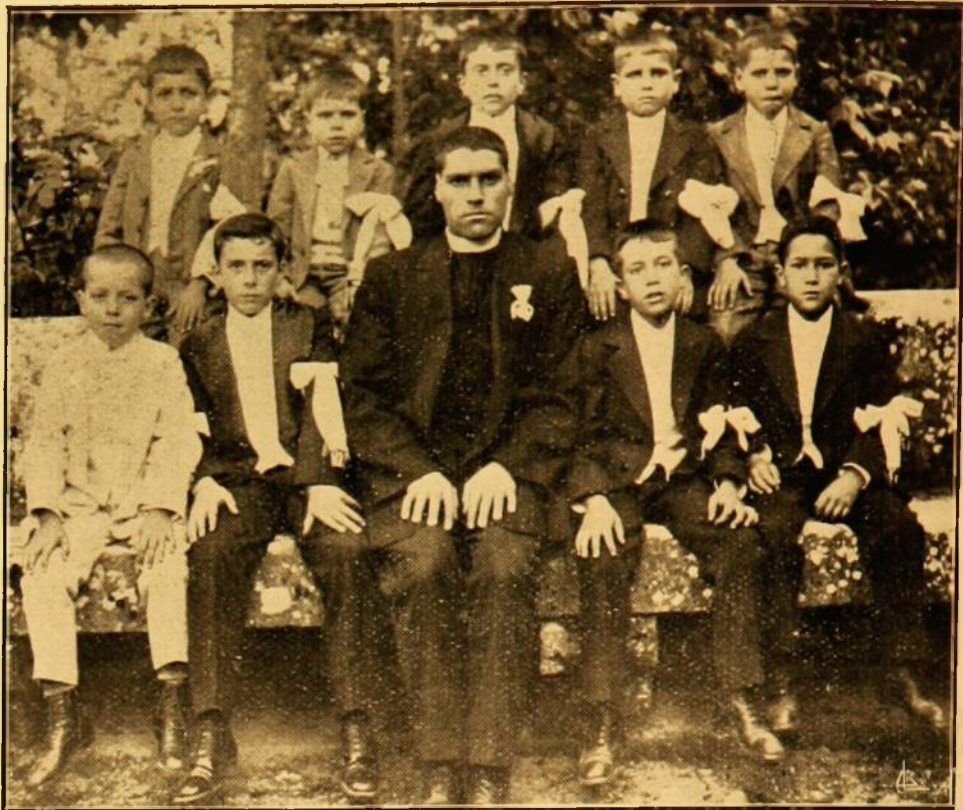
religiosos, capitulos, prelados, que se interessassem pelos pequeninos meninos de côro prodigios, quantas obras primas, deleites das almas aprimoradamente effusivas e sentimentalmente vibradas, não teriam sido abafadas em seu germinar!...

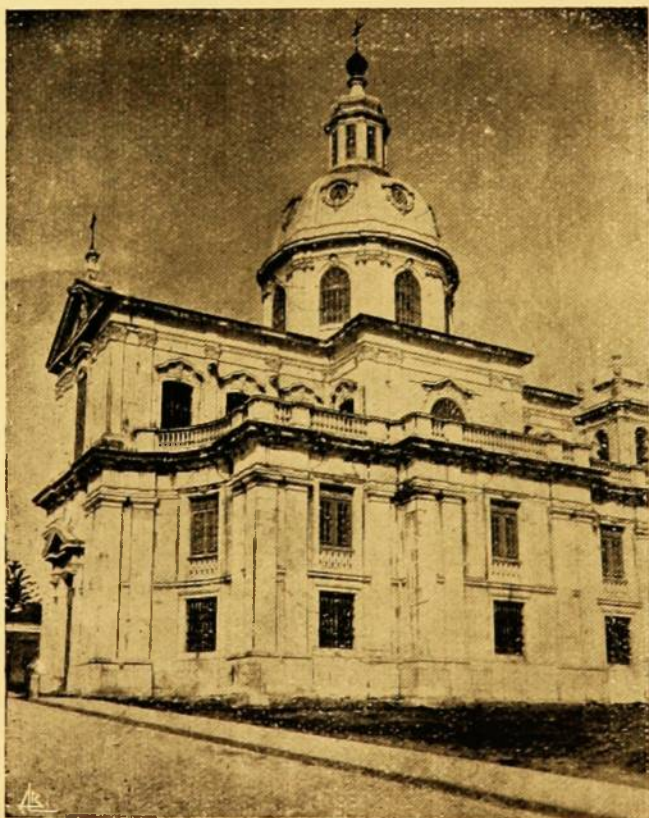
Muitos d'estes protegidos da Egreja se emanciparam, e compuzeram musica profana. Embora! Começaram pela arte sacra. Esta os iniciou e os educou. Foi a tribuna do orgão que abriu o caminho da Opera...

Ha uma opera-comica com o titulo de *Maitre de chapelle*, mas em logar d'um sarcasmo, é um inconsciente elogio aos *Mecenas clericaes* da musica...

Não deixa de ser util accrescentar que o introductor da Opera em França foi Mazarino, um cardeal!

Dirão alguns que foi essa a sua melhor ideia; o facto, porém, permanece impressionante para os amantes da divina arte, e seriam injustos se o olvidassem!...

DIÉGO.

LAMEGO—Egreja de Santa Cruz. *Grupo de creanças que depois de convenientemente preparadas pelo catechista snr. Candido Augusto Ramos Caldas receberam a primeira communhão das mãos do Rev.*[mo] *Senhor Arcebispo-Bispo da Guarda.*

Nomes das creanças:—*1.ª fila, da esquerda para a direita: Aarão do Rio Pinto Ferreira, José Moreira da Fonseca, Candido Augusto Ramos Caldas (catechista), Avelino Pinheiro Ruvina e Raul Pinheiro Ruvina. 2.ª fila, João Ferreira, Agostinho da Conceição Amaro, Alvaro Moreira da Fonseca, Manuel d'Almeida e Manuel Ferreira Alves.*

LISBOA—Egreja de S. José da Memoria

(Cliché do nosso corresp. phot. em Lisboa)

Monumentos de Lisboa

Egreja de S. José da Memoria

Historia: Foi fundada por D. José I, em acção de graças por haver escapado do attentado dos marquezes de Tavora e duques de Aveiro em 1760.

Mais abaixo d'este local existe e no mesmo sitio onde se erguia o palacio dos Tavoras que foi incendiado e o terreno salgado uma columna do *Salgado* nome que lhe vem d'aquelle caso.

A egreja é de boa cantaria mas pequena.

Descripção: D'uma linda fachada e n'um estylo muito semelhante ao da Basilica da Estrella, tendo até um zimborio perfeitamente egual embora de menores dimensões, a egreja possue apenas um altar tendo no entanto um valioso quadro de Pedro Alexandrino, allegorico do attentado.

Açôres--Festas do Espirito Santo

As festas do Espirito Santo tambem denominadas do *Imperio* são as mais imponentes que se realisam nos Açôres.

Assemelham-se muito ás festas da Paschoa realisadas entre nós. O imperador eleito todos os annos, toma conta da corôa e custeia n'aquelle anno as despezas com o Imperio (Espirito Santo).

O *imperador* é uma especie de mordomo da cruz differindo apenas em aquelle tomar conta d'uma corôa e este d'uma cruz.

A iniciativa d'esta ceremonia deve-se á grande caridade para com os pobres da rainha Santa Izabel que principiou por coroar um pobre com a corôa real distribuindo depois esmolas pelos restantes.

Com o decorrer dos tempos esta ceremonia foi-se arreigando entre os povos açoreanos chegando ultimamente a attingir um grande explendor.

AÇORES—Festas do Espirito Santo. O cortejo sahindo da egreja parochial de Fajanzinho

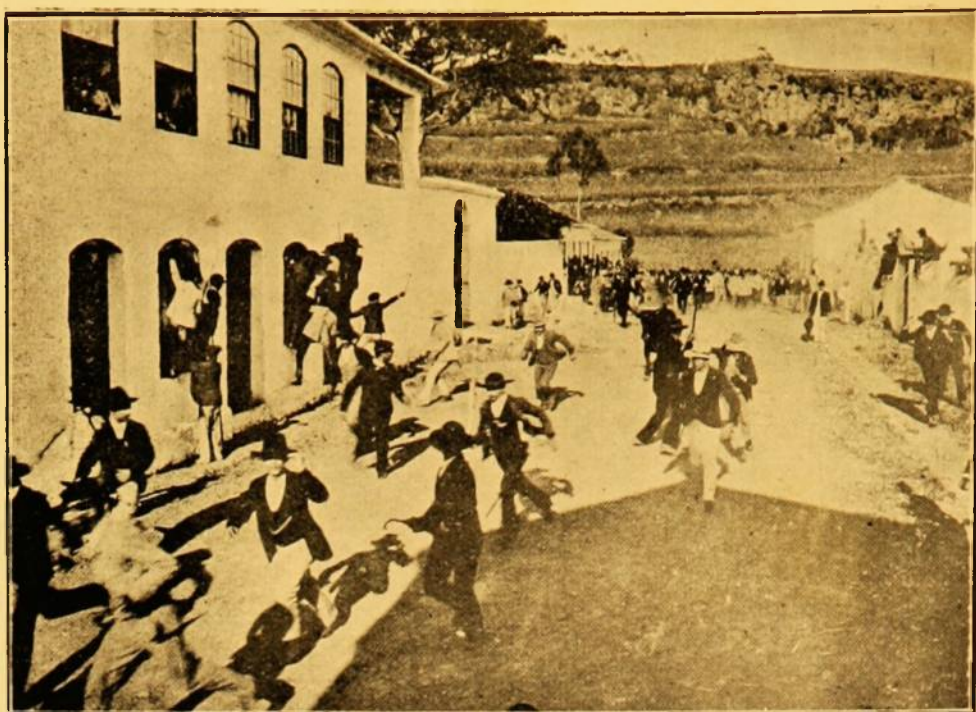
VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

VERÃO de S. Martinho... sol na eira, fogo no lar... assim diziam os velhos reportorios, que ha vinte annos, se vendiam nas romarias e feiras do Minho, como a indicarem que o sol é ephemero como a felicidade e que tudo na vida, é passageiro e voraz.

Este anno veio tardio, retardado, trazer as ultimas alegrias do verão, recordar os ultimos poentes incendiados, os dias soalheiros a aquecerem, nas eiras, n'um ultimo beijo, o milho d'oiro dos *São Migueis*. Verão fugidio, com sol nas eiras e fogo no lar, que bem te casas com esta quadra agitada da politica apparentemente doirada por um sol tranquillo de esperança mas no fundo regelada d'anciedade e de incerteza, como agora, que o sol atirou para as ruas de Paris, com uma turba alacre a espanejar-se despreocupada, quando no silencio dos gabinetes se debate, um dos mais momentosos problemas politicos...

O Ministerio francez está em crise. Barthou e os seus companheiros de gabinete, perante a celeuma levantada pelo emprestimo celebre, abandonam os sellos do estado e põem em cheque — para que negal-o—a estabilidade da republica. Seja

AÇORES—Festas do Espirito Santo. Os bezerros enfeitados

AÇORES—Festas do Espir:to Santo. Uma tourada á corda

qual fôr a solução, seja qual fôr o ardil que Delcassé suggerira do seu exlio diplomatico na Russia, nas mãos de Briand, que os radicaes-socialistas receiam ou empalmado por Caillaux que estes reclamam, o poder afinal, será cortado d'entraves, de convulsões violentas, que recocheteando, irão ferir de morte, a alma da França.

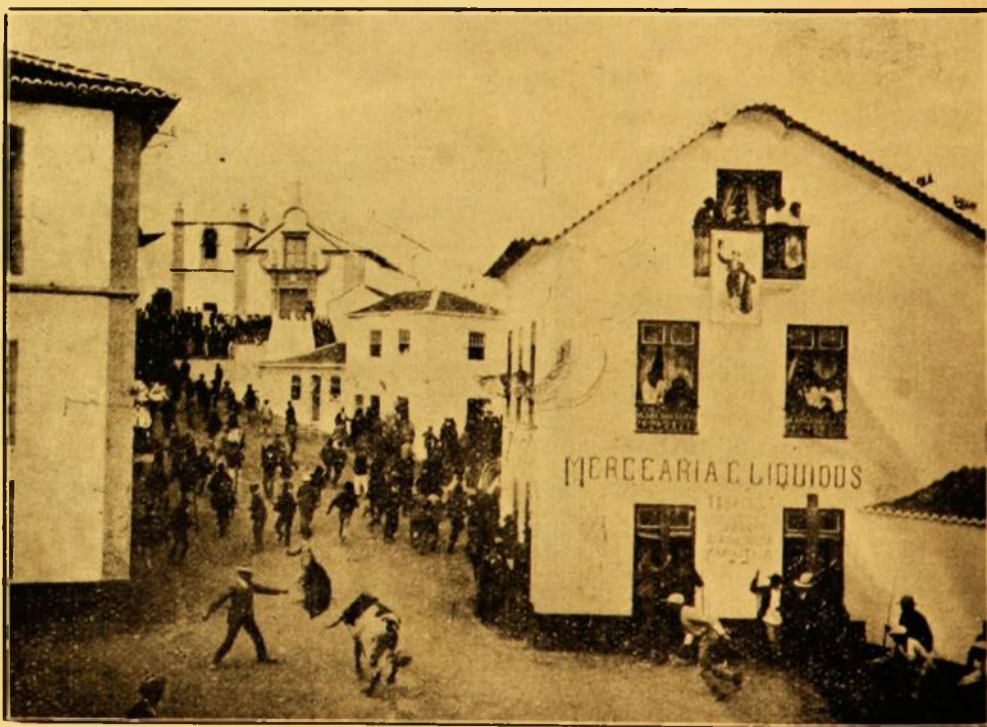
Poincaré, que symbolisa n'esta hora incerta as legitimas aspirações d'uma nação inteira, consciente da ruina, a querer salvar-se, sedenta de tranquillidade e de paz, tem nas mãos os destinos da sua terra. A crise que agora surgiu e que é o primeiro triumpho dos radicaes, é precisamente por isso, mais do que uma crise politica, uma crise nacional. E' a lucta da desordem contra a ordem, é o gesto combativo contra a reacção profunda, que se vem operando nos cerebros francezes, contra o avançar perigoso das esquerdas. E' o radicalismo a querer impôr-se, n'um derradeiro esforço, contra o conservantismo identificado com a patria, debruçada já para um abysmo largo de inquietações e de incertezas.

Poincaré representa essa reacção, consubstancia todos esses principios, constitue na primeira magistratura da França o primeiro triumpho d'essa opinião.

Venceu, subiu, apossou-se dos destinos da sua terra, porque era um dos mais galhardos paladinos d'essa ideia e o seu conservantismo indiscutivel a suprema gurantia d'essa aspiração. A crise, não vae colhe-lo de supreza, elle devia espera-la, como inicio da sua missão, como o favoravel ensejo, para se voltar abertamente para o verdadeiro caminho e romper a marcha redemptora, que a sua patria reclama, que a sua opinião preconisa.

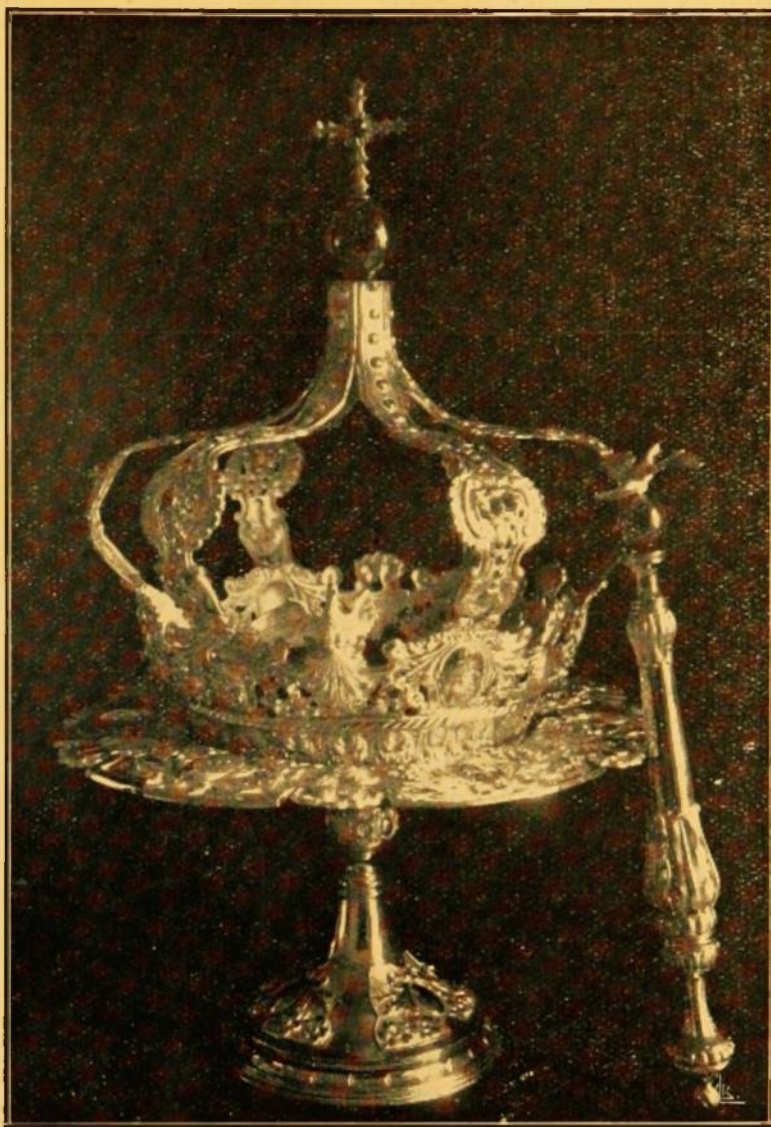
A solução interessa, e interessa sob um aspecto inteiramente novo... o gabinete que vae organisar-se, terá desde a primeira hora, o seu destino jogado e, o que é mais, os destinos da Patria. A situação é tão grave que não permitte uma hesitação e o resolver da crise, vae limitar-se em face da gravidade do momento e da inquietante instabilidade dos factos a uma formula unica: ou radicalismo fatal ou conservantismo redemptor.

Não póde haver, não haverá soluções intermedias; o paiz quer, sabe o que quer, e vae direito ao fim. E' por isso que todos os jornaes, independentemente dos prismas diversos, porque encaram o problema, não escondem já que a crise actual é positivamente o momento mais grave, da terceira republica.

A França vem soffrendo ha muito dos primeiros rebates da doença... N'uma evolução lenta, que a massa quasi não a percebe, por agora, a intellectualidade moderna, na litteratura, no theatro, na conferencia e no jornal, ha muito já, que vem pugnando pelo conservantismo, na sua significação

AÇORES—Festas do Espirito Santo. Outro aspecto da tourada

na litteratura e na arte ou na sua expressão na politica e na moral.

Accentuava-se sobre o cansaço dos latinos, o esgotamento natural d'uma raça que envelheceu dominando, que se depauperou impondo ao mundo, as suas leis e os seus costumes, a sua arte e a sua civilisação, essa crise natural de fadiga que caracterisa um momento ethnico e social.

Como um *viveur* cansado do prazer e das noites esturdias, farto de vencer e de triumphar, chega ao meio da existencia sem uma impressão que não seja desanimo, alquebrado, gasto, a ver a vida atravez do mesmo riso de tedio e procura na morphina e no opio, no exotismo e na loucura, um motivo de prazer, a França vive ha annos, a remexer-se em toda a casta de loucuras, de grandezas e de miserias, a querer vibrar, sentir, depois de ter vivido, de ter sentido tudo, pelo mesmo artificial processo de sobre-excitar as emoções o que é sempre, uma expressão morbida de desalento e de fadiga. Assim vieram os seus artistas n'uma bizarria de loucura; surgiram no theatro as rarezas, o exotismo, o impudor; na politica as grandes convulsões e os grandes desvarios; nos romances, nos versos, as concepções doentias, as phantasias degeneradas; nas modas os requintes, as complicações; nos crimes, as aberrações mais formidaveis; nos *restaurants*, as loucuras *snobs* dos gelados em ether e das fructas crystalisadas; nos lares, os excessos, a morphina, a luxuria; por toda a parte a mesma extranha loucura da emoção, como se a França quizesse, sobre a onda de todos os prazeres vividos, de todos os gozos tocados, vibrar ainda á custa da loucura d'excitar.

AÇORES—Corôa, sceptro e salva,
emblemas do Espirito Santo, trabalho artistico feito nas officinas do sr. José Manuel da Fonseca, de Braga e destinado á colonia portugueza dos Açôres, residente na America

BARCELLOS—Viatodos. O snr. Miguel Joaquim Gomes Pinto subindo para o seu «Daimler»

Esta epocha tragica, esta orgia dos nervos, que arrasta para as aberrações, dominou por todos os cantos, n'esse aspecto macabro d'um povo tresloucado, a viver para viver, sem uma intenção, sem uma moral, sem um fim que não seja, esta funcção morbida de sensualidade: viver.

Par e passo, a reacção foi-se operando, lenta mas regular, crescente, evolutiva. A mentalidade franceza, tocada até ahi da mesma voragem d'anceio, voltou-se attenta para o mal e começou a conjura-lo.

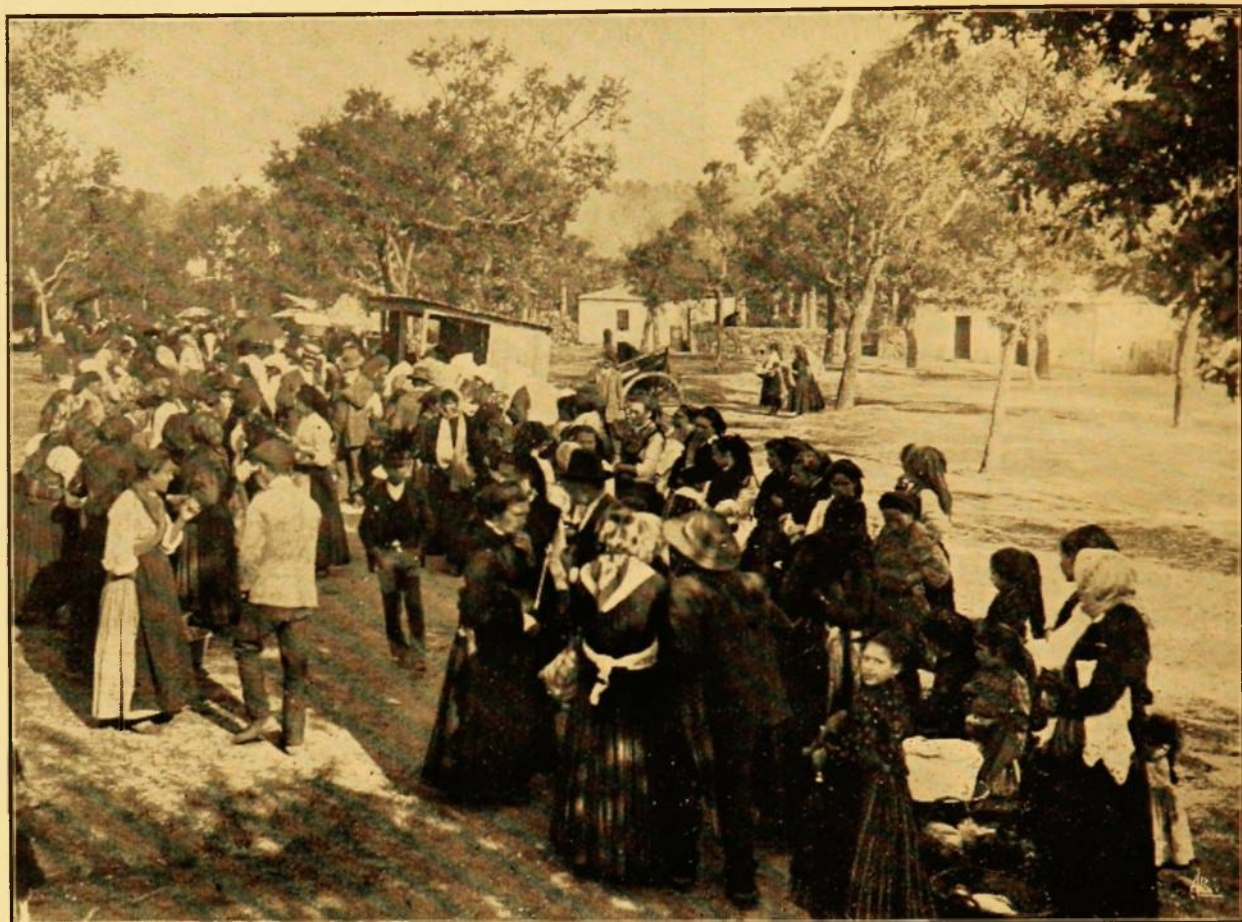
Foi o primeiro rebate de reacção moral que reflectiu na politica, avolumada pelo tempo, methodisada pela necessidade, a hora tragica em que uma raça super-civilisada, se suicidava n'uma ancia degenerada de vibrar, de sentir!...

D'esta reacção purificadora, que é hoje a unica esperança d'uma patria, surgiu a ultima phase de moderação e de

firmeza, da politica do Elyseu, nasceu a força occulta, que empurrou para o poder, o mais guerreado dos candidatos presidenciaes, Mr. Raymond Poincaré.

Até agora, a situação veio-se arrastando, a questão a adiar-se ainda, no ponderado compasso d'espera, no eterno amanhã, por prudencia do lado de uns, pelo receio do lado dos outros, á espera do pretexto favoravel, que afinal, a violencia assustada de Caillaux, atacando de frente, veio proporcionar.

Os radicaes-socialistas tomaram galhardamente a offensiva, caminhando direitos ao fim...

O problema politico francez está pois geometricamente ennunciado na formula mais irreductivel: ou Poincaré e com elle a patria, vae para o

BARCELLOS—Viatodos. A feira semanal da Izabellinha

BARCELLOS—Viatodos. Outro aspecto da feira semanal

(Clichés do phot. am. sr. Antonio Braz d'Araujo)

conservantismo e conjurando o perigo presente, evita a catastrophe do futuro ou se atira, vencido, nos braços dos radicaes-socialistas e liquidando a sua vida publica, falseando a sua missão, deixa a França afundar-se n'um abysmo perigoso, de convulsões, de luctas, de desgraças e d'incertezas...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

VIDA COLONIAL

LOURENÇO MARQUES — A cathedral

FIGURAS DA BEIRA

XII

Dr. Belchior Barata

NINGUEM mais simples, mais despretencioso, mais como que diluido de linhas.

LOURENÇO MARQUES—O mercado municipal

Comtudo, original como poucos até na figura physica—alto, magro, de barbas á Nazareno, cabelleira romantica, só aparada nos ultimos annos, voz debil e quasi feminina, timida, hesitante, de emissão difficil.

Não era brilhante nem fallando, nem escrevendo. Conversava com um tom monótono e cançado, sem grandes relampagos de conceito, mais moendo os assumptos do que vivificando-os. Não exhibia erudições que ultrapassasse os modestos limites das selectas escolares, e não era impeccavel professor, pelo menos de inglez, lingua que aprendera quasi só com os livros e que fallava com duvidosa prosodia.

A primeira impressão que dava era a d'um bibliophilo pachorrento e d'um pobre valetudinario. Depois a figura real ia emergindo, aos poucos. Vinha primeiro o colleccionador de anecdotas e conceitos — do que nos deixou muitos fasciculos impressos—, o professor, um tanto caturra, de francez e inglez, e, por fim, o jurisconsulto, o conselheiro meticuloso, sempre pacificador, inimigo de pleitos e demandas.

E, vendo-o constantemente de guardasol aberto contra o vento, a evitar as correntes d'ar, tussindo e espirrando,

LOURENÇO MARQUES—Grupo de sargentos da 1.ª companhia do deposito e recrutamento por occasião da visita dos sargentos inglezes.

de lenço de lã ao pescoço até março, caminhando com lentidão e physionomia dolorosa, não era difficil pensar que o dr. Barata era um pobre moribundo em pé, condemnado a cahir romanticamente com a primeira folha outomniça...

JOSÉ AGOSTINHO.

ECHOS DO MEU QUARTO

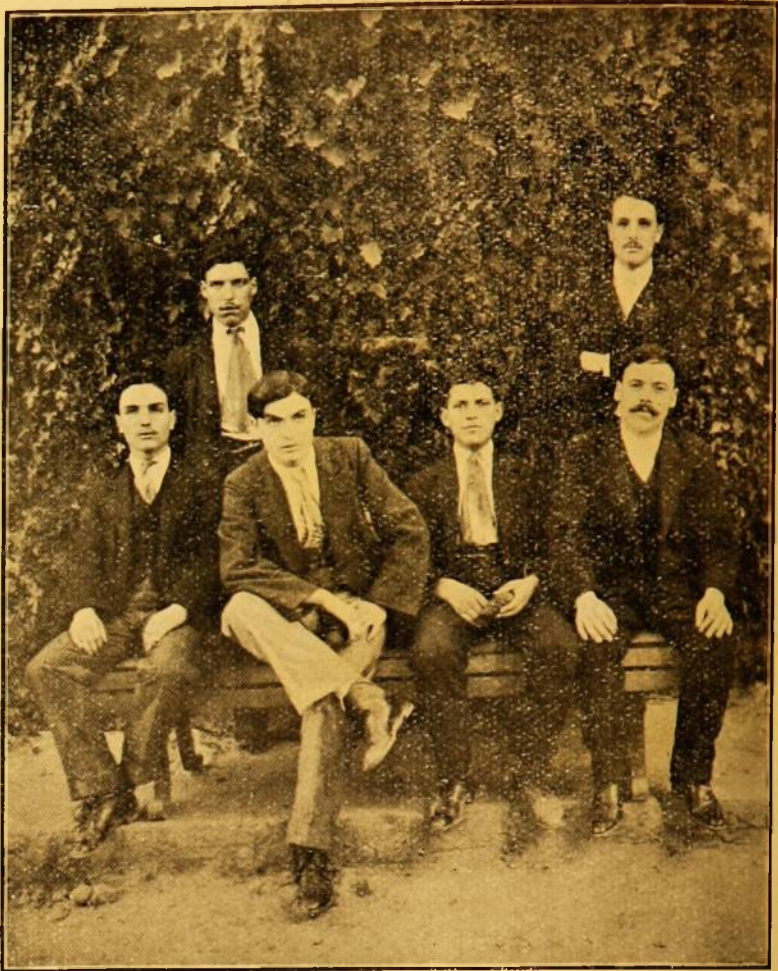
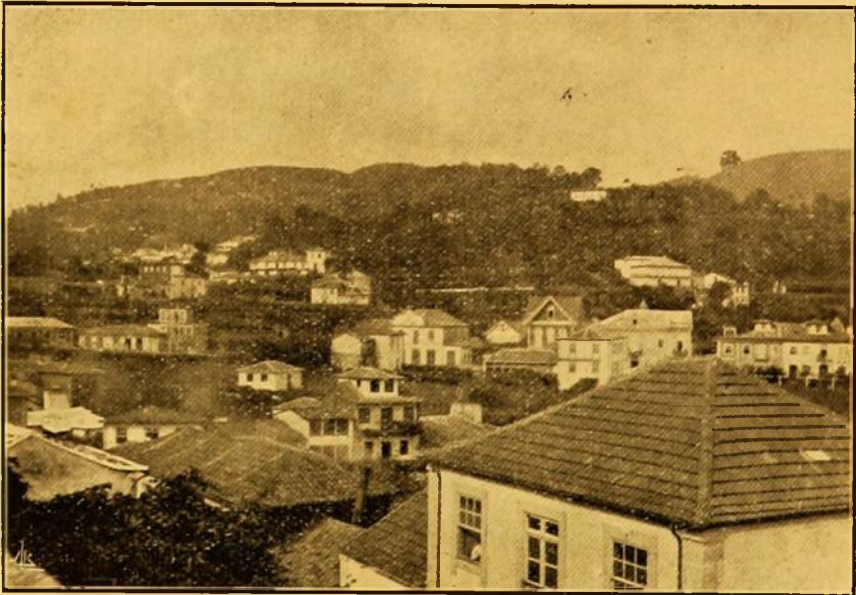
EM FAMILIA...

NA pequenina meza, disposta junto á lareira, onde uns lambiscos de chamma devoravam dois cavacos de freixo, já denegridos, a mãe, dois filhos e uma irmã d'estes, acabavam de tomar o café com leite do almoço...

—Vá lá a tua reza... disse a mãe levantando-se.

Ergueram-se tambem os tres e a filha a quem eram dirigidas estas palavras, juntando as mãos principiou a recitar a pequena oração usada no collegio onde estudara, para dar graças a Deus, depois das refeições...

—Deite-nos a sua benção...—terminaram os tres dirijindo as mãos postas para a mãe...

—Deus vos abençôe!... respondeu esta, depois que acabou de benzer-se, pausada e devotamente...

BRAGA — Direcção da «Juventude Catholica» de Real
(Cliché do phot. am. sr. Bento Rodrigues)

ARCOS DE VAL DE VEZ—Vista geral

Levantou-se a meza... e sentaram-se todos rodeando a fogueira e avivando a chamma, que a nortada fazia appetecer, assobiando no alto da chaminé...

E rindo e folgando se entretêm os tres, até que o mais novo tirou do bolso a carta lida antes do almoço e disse, depois de a reler novamente.

—Então por estes quinze dias vocemecê vae ser... avó!!...

—E mãe e filhos sorriram juntamente.

—Quem no-lo dera já ver minha mãe.

Vocemecê qual queria, menino ou menina?...

—A mim, tanto se me dá filha... Venha o que vier o Senhor o crie para o céo, o mais...

—Olhe que não tarda... e eu digo que é Antoninho...

—Eu tambem...—concordou o mais velho, preoccupado com fazer espertar um tição amortecido.

—Pois eu digo que é menina... E' Mariasinha...

—Não é tal!...

—Pois lá veremos!... Vós todos dizeis que é rapaz; só eu é que digo que é menina... Lá veremos quem atina...

—Pois veremos...

—O que hade ser é muito pequerruchinho...

Assim!...—e mostrava o comprimento d'uma unha.

Uma gargalhada sublinhou esta allusão do mais novo.

. . . .

* * *

Oito dias depois, na mesma cosinha, ao cahir da tarde estão reunidas as mesmas pessoas de familia.

Lá fóra chove torrencialmente... e os nubarrões precipitam a tréva, antes do pôr do sol...

N'isto bateu á porta da rua.

E' o carteiro... que traz um telegramma...

Silencio agoureiro...

—Vê lá o que é...—diz a mãe assustada.

O mais velho rasga... lê e sorri...

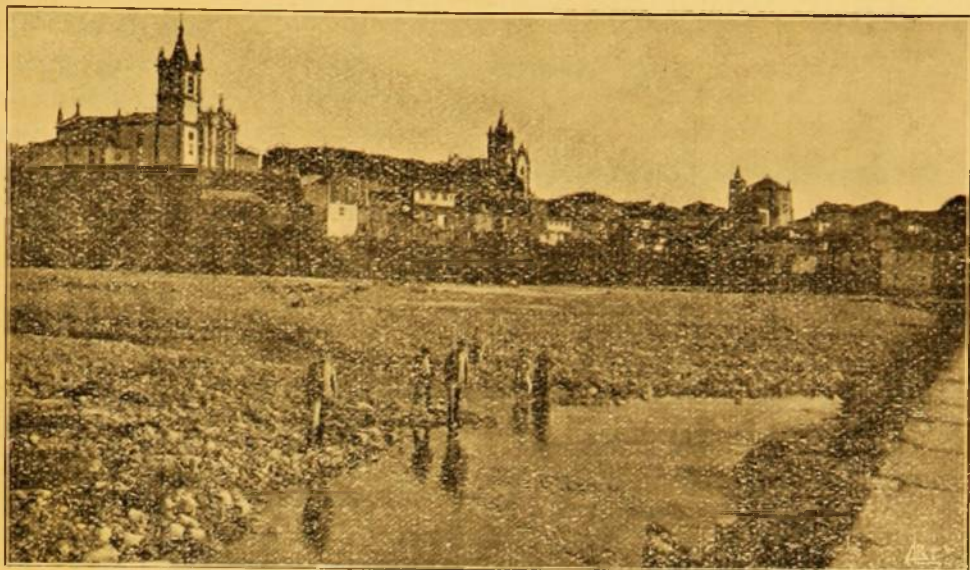
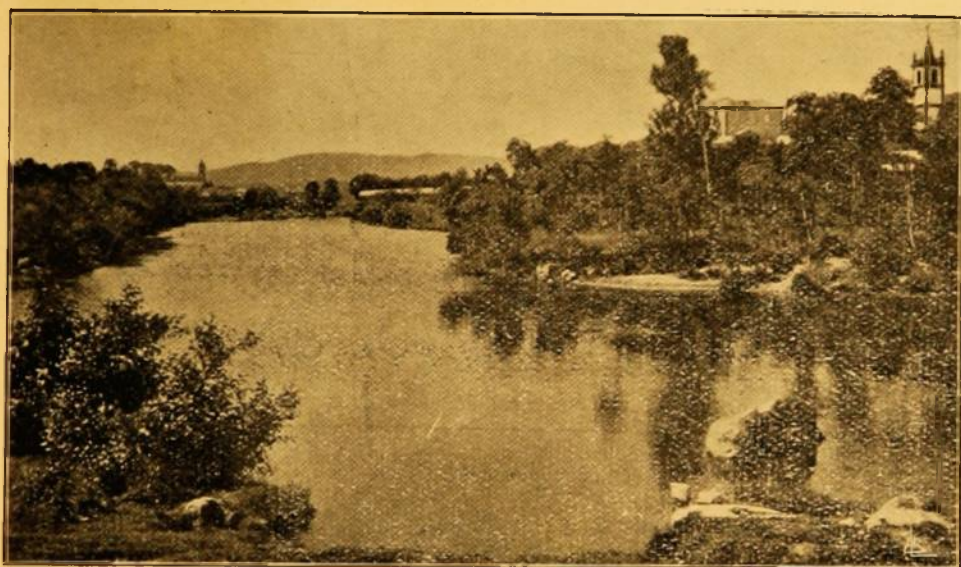
Logo todos adivinham...

—E' menino?...

—Não... é menina!...

-Adivinhei eu!... exclama a irmã no côro de alegrias que se alevanta.

—Quem me dera ve-la—diz a mãe—mas está lá tão longe!... e fica-se scismadora... como se em pensamento, acabasse de chegar, junto do berço, em que aquella hora devia repousar a neta recem-nascida!...

—Mas fui eu que adivinhei...

ARCOS—A villa vista do poente

ARCOS—O rio Vez no sitio da Lamella

Logo disse que era Mariasinha... Já sabia como se chamava e tudo...

—Dizem que é agoiro de infelicidade principiar por uma rapariga!...

—Ora!... parvoices!...

— Mas adivinhei eu, minha mãe!... D'aqui a dois annos já a nós trazemos para cá...

—Amanhã haveis de escrever e mandar-lhe na carta beijinhos... muitos... muitos da Avó...

E no olhar illuminado e sorridente da mãe havia ao pronunciar estas palavras todo um poema de ternura!...

. . . .

Não foi para ti leitor indifferente—ou talvez adverso... mercê de vergonhosas theorias... a estas alegrias familiares—que eu escrevi estas linhas... mas para ti, sómente, rosado bébé, cujos olhitos ainda mal supportam a luz coada pelas rendas do bercinho em que adormeces...

Guarda-las-hei; quero ensinar-te a soletra-las, quando tiveres seis annos e, então, me pagarás com um beijo, o cuidado que tive em te archivar, este quadro, onde aprenderás a amar muito aquelles, que antes de nasceres te esperavam anciosos, como um pequenino messias de ventura familiar.

BANCO DE PÉ.

Os que predendem governar os homens, sem o auxilio da religião, não sabem que immensidade de supplicios lhes seriam necessarios para a manutenção da ordem; e que por maiores esforços que fizessem, nunca a poderiam conseguir permanente.

ARCOS--Outro aspecto do rio Vez

Fastos do Catholicismo

Grande enthusiasmo reina em Orihuela e Murcia, com o movimento Mariano. Desde que se reunem os Congressos Marianos internacionaes, a acção catholica consagrada á Santissima Virgem, tem, por toda a parte, revivescido e adquirido uma força ascensivel da maxima importancia.

Actualmente está reunida a segunda assembleia das dioceses mencionadas, assembleia que tem um resultado brilhantissimo, e se reuniu em Elche, linda povoação do littoral mediterraneo, emmoldurada de palmeiras, d'um aspecto curioso, meio hespanhol, meio africano.

O culto de Maria tem alli profundas tradições, e as congregações marianas estão bellamente desenvolvidas na região.

Foi em Orihuela que nasceu a *Cruzada da Modestia Christã,* formada pelas Filhas de Maria, que estão actualmente preparando uma revista de modas, christã.

*

Na camara belga discutiu-se a proposta apresentada pelo deputado socialista Brunot acerca da liberdade de consciencia no Exercito, a proposito de ter sido detido um soldado que descansou a arma na passagem do Viatico.

O presidente do conselho que simultaneamente é ministro da Guerra declarou que as leis que mandam dar honras militares ao culto catholico está em pleno vigor, e que é além d'isso necessario manter a disciplina do Exercito.

A camara approvou as declarações ministeriaes.

Ha pouco tempo houve na Hespanha uma discussão parecidissima a esta, e ainda que se assentou na lei a boa doutrina, o sr. Romanones, como bom liberal fez uma Real Ordem maliciosa, dispensando de certos actos de culto publico os soldados heterodoxos.

E' claro que essa conquista liberal fica, *conservada* pelos actuaes conservadores Dato e Companhia.

Por isso as nações latinas vão para onde vamos e a Belgica progride como todos vêem...

A "ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA" NO BRAZIL

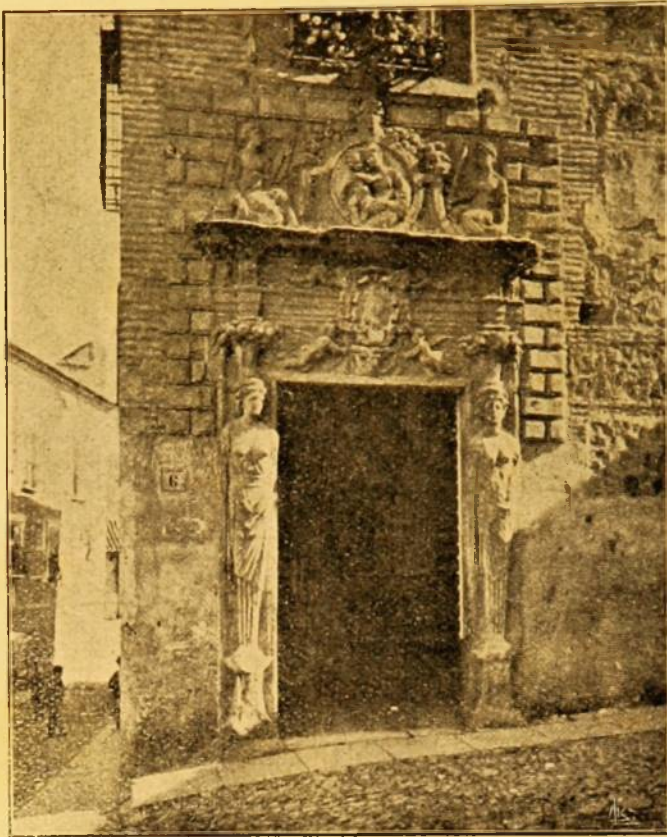
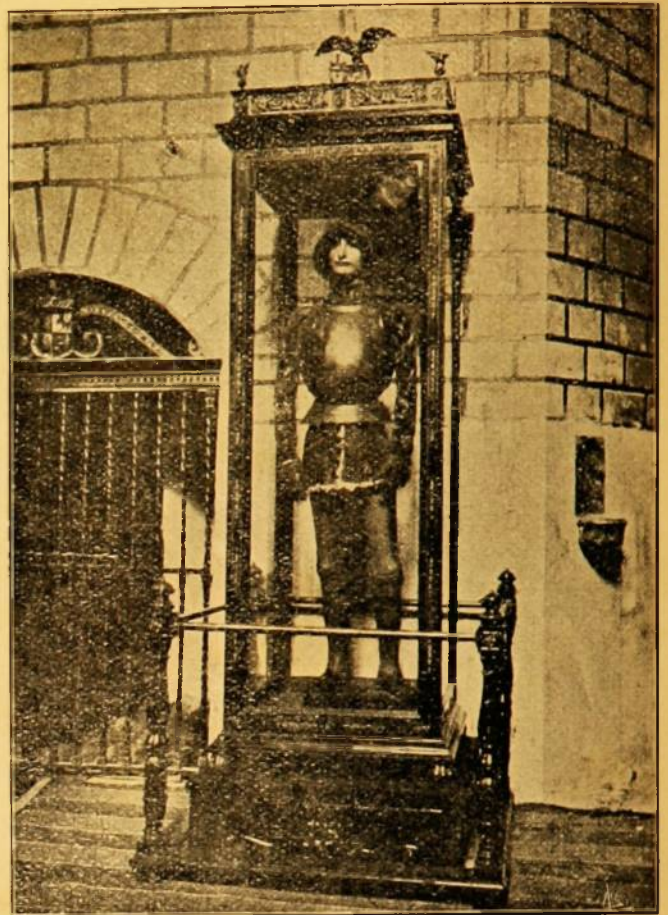
RIO DE JANEIRO—Um grupo de emigrados portuguezes

BRAGA-Festa desportiva promovida pelo "Foot-Ball Club,, de Braga e "Ideal Sport Club,, do Porto

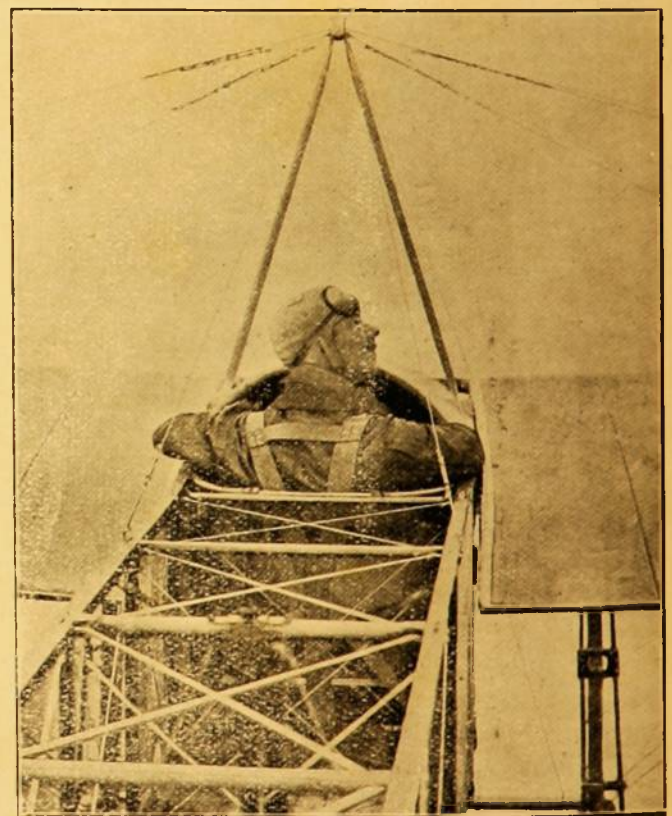
Match de *foot-ball*, realisado em 30 de novembro ultimo, na Praça do Conde de Agrolongo, entre o *team* do "Foot-Ball Club,, de Braga e "Ideal Sport Club,, do Porto

Um aspecto

Outro aspecto do «match» (Clichés de J. J. Souza Guimarães)

NOTAS DO ESTRANGEIRO

TOLEDO—Porta do Collegio de Infantes onde se educam os «seises» ou meninos de côro da cathedral

TOLEDO—Interessante armadura de Dom Duarte d'Almeida, que existe na Capella dos Reis da cathedral de Toledo

Na capella dos Reis Novos de Toledo existe um arnez de guerra, que é attribuido ao alferes portuguez D. Duarte d'Almeida, que pelejou na batalha do Salado. Estava pendente do tecto, mas após repetidas instancias, foi descido e examinado pelos eruditos. O conde de Cedillo, diz ser de D. Duarte, e affirma que apesar de incompleto, com o seu pêto convexo e sobrepêto, o seu cossolete e espaldar, os guarda-pernas e sombreiro de abas cahidas,, é um dos exemplares mais insignes e interessantes que em materia de Panoplia se podem admirar na Hespanha.

Está actualmente collocado de fórma que facilita o exame e estudo, como se vê na photographia recentemente tirada e que acima reproduzimos.

O aviador Adolpho Pégoud no seu monoplano

O menino Edgar Pinto Chaim na gruta ao pé do lago
(Bom Jesus do Monte)

(Clichés do dist. phot. am. snr. Augusto Chaim.)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.	
Numero avulso	60

Numero 25 Braga, 20 de dezembro de 1913 **Anno I**

CANDIDO BACELLAR
medico e jornalista

"Manual de Hygiene e Therapeutica

PERANTE A

OBSTETRICIA E A PEDIATRIA,,

ou Cuidados medicos e familiares com as mães

(Antes, durante e depois do parto)

E

Soccorros ás creanças

Conselhos ás noivas e assistencia ás familias

PREFACIANTES: *Ex.mos Drs. Gaspar Fernando de Macedo e D. Leonor Amelia da Silva.*

A' venda na Livraria Escolar de Cruz & C.a, de Braga, e nas mais livrarias do paiz.

Modo de ajudar á missa

Destinada ás catecheses da Doutrina Christã

Acaba de publicar-se este folheto cujo preço é de 20 réis.

Vende-se na administração da «Illustração Catholica».

Collegio Lyceu Portuguez

HUY (BELGIQUE)

DIRECTOR—José Luiz Mendes Pinheiro

Situação magnifica.—Educação moderna.

—Instrucção primaria e secundaria completas

—Preparação para as universidades belgas.

—Professores de diversas nacionalidades para o ensino das linguas.

Este collegio veio substituir o antigo Collegio Lyceu Figueirense, da Figueira da Foz. N'elle encontram os alumnos as vantagens d'uma educação moderna, n'um dos paizes mais avançados da Europa, sem augmento de despeza.

Viagens e todas as despezas por conta do Collegio, mediante o pagamento d'uma annuidade fixa, cuja importancia não é superior ao total das despezas a pagar em collegios portuguezes.

Pedir prospectos ao director.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

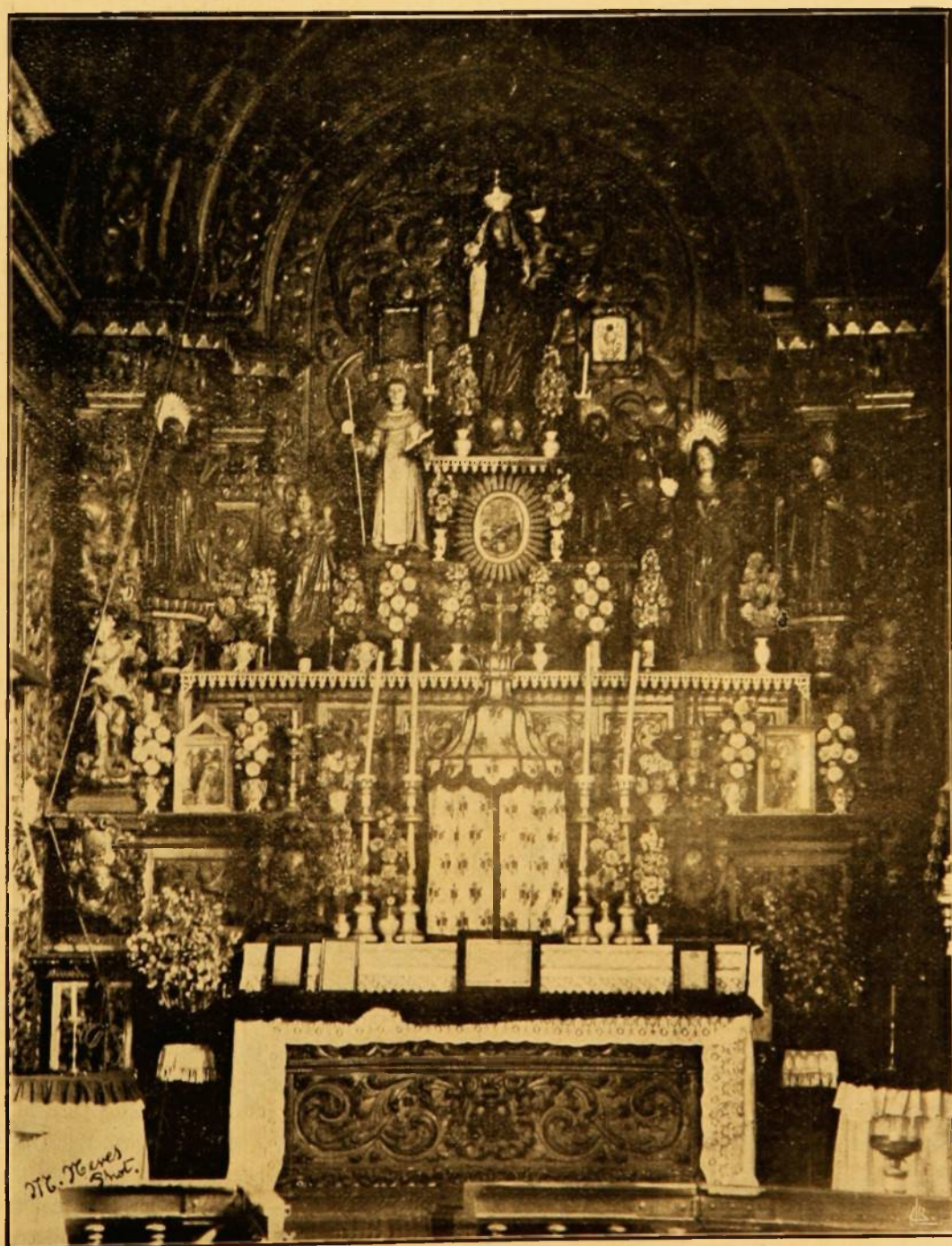
Revaista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 20 de dezembro de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 25—Anno I

BRAGA—Altar-mór da capella das Convertidas

Chronica da semana

XXV

Há factos que a propositada deturpação, não é capaz de destruir. Por mais espessa que seja a casca de mentira em que os pretendam occultar ou desvirtuar, elles surgem intactos, pelo menos na sua essencia, aos espiritos imparciaes que os vão apreciar.

Salientaremos dois n'esta semana, e sem mais rodeios apresentamos o primeiro: o brilhantismo e a piedade com que por toda a parte foi celebrada a festa da Padroeira de Portugal.

«Ha uma grande, uma inexgotavel força religiosa em Portugal!» — dizia-nos ha pouco um illustre e eminente Prelado nosso.

O dia 8 de dezembro foi uma verificação inilludivel d'essa força indomita e grandiosa, que nem os temores das prudencias bolorentas e despreziveis, nem as audaciosas violencias demagogicas lograrão recalcar.

Os templos regorgitaram de fieis e á pompa falsa das consagrações officiaes substituiu-se n'esse dia commovente a gala dos corações que escutam ainda o cantico suave e harmoniosissimo d'uma fé de seculos que aureola de oiro rútilo a fronte encanecida e pura da Patria!

Neguem-n'o, se são capazes, os pessimistas decrepitos e macrobios que cabeceiam pôdres lamurias só porque lhes fugiram as benesses do poder, que lhes alimentavam a vida maquinal de burocratas obesos! Neguem-n'o, se são capazes, os apostados asseclas da oppressão, que espreitam todos os momentos propicios, para realisar as suas ameaças e as suas violencias maniacas!

N'este dia festivo, poderia constatar-se a inanidade de todas as perseguições e quanto é ainda robusta e indelevel a crença religiosa do paiz. Nem as negaças d'um scisma o attrahiram, nem as decretações do arbitrio o atemorisaram. Fiel a Roma ao encerrar-se o Jubileu Constantiniano, em que o Papa se afadiga por garantir com a liberdade da Egreja a independencia temporal do seu Chefe, a grande maioria do paiz accorreu ao tabernaculo, pedindo a Maria Immaculada, *Refugium Christianorum*, que complete a sua obra de protecção a esta patria, obtendo que floresçam de novo nos seus campos as flôres rubras dos altos heroismos, cheios de fé; paire sobre o tapete das suas planicies e ondule sobre o berço dos seus valles o fulgente sol d'uma liberdade sem méscla de condições, tal como a de pristinos tempos de gloria!

Existe, com effeito, uma grande, uma inexgotavel força religiosa no paiz.

A piedade renasce nas multidões catholicas, a pouco e pouco purgadas da lepra dos traficantes e dos hypocritas.

Resta perguntar se ha alguem que saiba orientar e amparar esta força, propulsiona-la e organisa-la, dar-lhe um campo de acção ubérrimo e um pensamento disciplinado—salvá-la, emfim! Taes os termos d'um problema importantissimo que o fumo azul dos enthusiasmos não dissolve nem diminue, que os recamos das prédicas não podem malsinar ou fazer esquecer...

Ouve-se bater nas nossas plagas a onda rumorejante de fé renascida e avigorada que percorreu a França e tenta a reconquista das latinas raças, onda clamorosa de orações, de brados d'alarme!

C'est l'heure du reveil!... A confirmá-lo, vem a distribuição dos *premios de virtude* pela Academia Franceza, a 27 de novembro passado. Percorram-se as listas dos premiados, e á aparte excepções rarissimas e menos importantes, ler-se-hão titulos de fundações christãs, desde o *Orphelinato de la Villette*, dirigido por uma irmã de S. Vicente de Paulo, soror Adéle-Cécile Payen, á *Escola Bischoffsheim* do padre Aigony, abbade de Kremlim-Bicétre.

René Bazin, o romancista eminente cujo nome enche já os meios cultos da França e cuja piedade enternece, salientou bem, no seu admiravel discurso, que todos aquelles exemplos de abnegação, de caridade christã são o objecto mais variado e magnifico que jámais se offereceu aos louvores dos homens. Porque, dizia elle, «o mundo physico já está percorrido e descripto na sua parte mais notavel; mas o mundo das almas nunca se desgasta. Renova-se. Avisinha-se do infinito». Ouçam os leitores estas passagens vibrantes da sua oração: «Estas almas são prenunciadoras... atravez de cada uma d'ellas, eu vejo transparecer uma imagem, nitida ou velada, sempre reconhecida, a do Mestre que trouxe á terra a caridade, do Amigo dos pobres, do Consolador dos que soffrem, d'Aquelle que passou fazendo o bem, e que com milhões de vivos e milhares de mortos eu tenho a alegria de chamar:—Nosso Senhor Jesus Christo!»

Escutem ainda esta surprehendente ennunciação do heroismo christão da caridade:

«Estas almas não teem recompensa humana. Eu não supponho que se pretenda anima-las para o bem, promettendo-lhes o reconhecimento dos homens. Seria horrenda ironia.

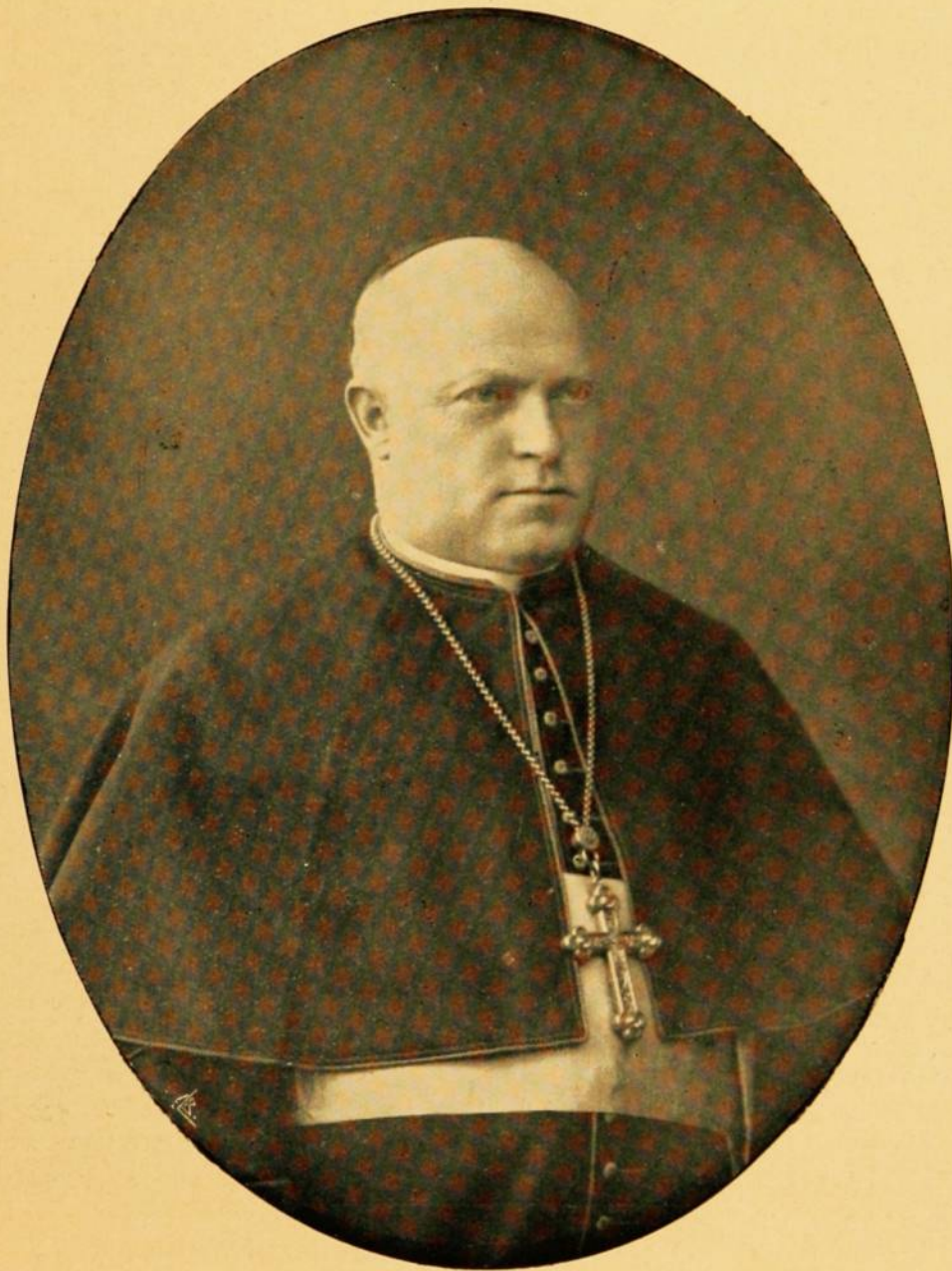
E eu julgo que até mesmo a moda já acabou de fallar da voluptuosidade do sacrificio.

Alguns homens de lettras ousaram associar estas duas palavras. Demonstram assim que ignoram aquillo que admiram. Não ha voluptuosidade no sacrificio. Ha uma mortificação, um soffrimento, uma morte acceita pela felicidade alheia, e a consolação que d'isto pode vir ao coração, além de nada ter de commum com a voluptuosidade, não constitue uma promessa, nunca foi devida, e não destroe o rigor do sacrificio: ajuda a supportá-lo. Eis porque o sacrificio não póde ser pedido ás almas puramente terrenas, que não teem amor maior do que ellas mesmas. O heroismo sempre desarrazoado, e é para lá da razão, para lá da sensualidade sobretudo, que devemos procurar-lhe explicação!»

Que concluir, pois, d'estes dois quadros de fé que culminam e avultam todos os outros d'esta semana? Uma esperança ou um desalento?

...E é nobre, e é digno vestir lucto, quando a madrugada dos corações desponta nos horisontes do mundo?..

F. V.

Os nossos Bispos

D. ANTONIO MOUTINHO

(Venerando Bispo de Portalegre)

Nasceu em Aguas Santas, diocese do Porto, em 27 de dezembro de 1862. Tendo sido eleito Bispo titular de Argus em 18 d'agosto de 1901, foi em 14 de novembro de 1904 nomeado Bispo de Cabo Verde e em 29 d'abril de 1909 transferido para a diocese de Portalegre.

Serões eruditos

I

Um quadrado magico

De volta á Belgica, ao pôr em ordem a papelada, encontro um numero da *Encyclopedia das Familias*, de março de 1909. Abro ao acaso, e a pag. 218 dou com o seguinte, n'um artigo a respeito da tatuagem.

«Observou o dr. Peixoto, em Portugal, no corpo de um dos seus doentes, uma inscripção muito curiosa, que julgou ser alguma das formulas magicas empregadas pelos antigos romanos contra as febres. Essa formula era a seguinte:

S A T O R
A R E P O
T E N E T
O P E R A
R O T A S

«Estas lettras, como se póde verificar, prestavam-se a ser lidas de cima para baixo ou de baixo para cima, da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita.»

Nada mais se continha no referido assento... etc. Fechei o livro, espertei o fogão, sentei-me e pensei: Não gostariam os leitores da *Illustração Catholica* de passar dez minutos entretidos a pensar n'este quadrado magico?

D'ahi este artigo, e os que se lhe seguirem, de erudição amena, escriptos nos serões do exilio, com saudades do tempo em que eu por ahi andava descobrindo aqui as celebres *Memorias historico-theologicas da chocolate*, e além o *Jardim anagrammatico* de Alonso de Alcalá y Herrera! Que tempos! Que saudades que eu tenho d'elles, das fontes da minha erudição amena, e... do caldo verde!

Vamos lá a ver o que ha na arca a proposito do quadrado magico do snr. dr. Peixoto, que não sei quem é. Ha coisas do arco da velha! Ora vejam.

LOULÉ—Boa Vista

Quatro annos antes d'aquelle fasciculo da *Encyclopedia das Familias* publicou um escriptor francez, Delorme, em Tolosa, um livro *Les emblemes de l'Inquisition*. Diz o snr. Delorme que encontrou aquella mesma inscripção no reverso d'uma medalha de prata que se conserva no Museu ethnologico de Lisboa e que era um sello usado pela Inquisição. Voltaremos a fallar do snr. Delorme mais adeante, porque a sua interpretação do famoso quadrado ha de levar-nos muito longe...

O que tem mais graça é que precisamente no mesmo mez de março, de 1909, a revista *Echos d'Orient* publicava um artigo, curiosissimo, de um frade graciano, Padre Petridés, tratando tambem do nosso quadrado magico.

No mez seguinte, abril de 1909, a revista ro-

mana *Minerva* publicava um artigo sobre o mesmo quadrado e por elle vemos que em junho de 1904, outra revista italiana, o *Bolletino storico monterubbianese* tambem se occupava d'elle, por se encontrar inscripto n'um sino da egreja de Santo Agostinho de Maccrata.

Espertemos o fogão, pitadeiem os velhos (o P.e Capella, que a estas horas estará lendo isto á lareira!) e sigamos a *Minerva* nas noticias que nos dá do nosso famoso quadrado.

No tratado *De secretis mulierum, de virtutibus herbarum* de Alberto Magno (já estamos na Edade Media!) diz a *Minerva* que já se encontra o *Sator* etc. indicado como receita infallivel para fazer dançar as raparigas! «E como tal, acrescenta, é ainda hoje reproduzido no *Grand Albert* e no *Petit Albert*, livros de magia popular, que nos paizes de lingua franceza, especialmente na Belgica, se continuam a vender nas feiras provincianas.» Já os procurei aqui, mas em vão. O que espero achar... — mas isso irá n'outro serão, se Deus quizer!

Quanto ás explicações que teem sido dadas da mysteriosa inscripção, isso são contos larguissimos. Ha annos, segundo se lê na citada revista de Macerata, os Jesuitas de Termo, explicaram-na assim: «o sacristão Salvador Arepo põe em movimento as rodas» quer dizer toca os sinos, alludindo ao systema então usado de os tocar por meio de rodas. Mas esta explicação não agradava ao jornal, porque *Sator* não significa *Salvador*, mas sim *Semeador*.

O citado padre Agostiniano Petridés, que encontrou o nosso quadro n'um codice bysantino transcripta em caracteres gregos, deu a seguinte traducção: o semeador o arado segura, os trabalhos, as rodas—que traduzo litteralmente do grego, declarando que não fiquei percebendo mais do que antes.

O que mais nos interessa é que o douto frade reconhece que este quadrado mysterioso teve grandissima voga, tendo-a visto assignalada em muitos lugares: no muro d'uma casa romana em Cirencester, Gloncestershire (Inglaterra); na porta d'um oratorio abandonado; junto das ruinas do castello de Rochemaure nas margens do Rhodano (França); em Preve, perto de Cremona, (Italia), n'um mosaico antigo. Acrescenta que esta magica inscripção era conhecidissima mesmo fóra do mundo latino, como já em 1665 o notava o celebre padre Jesuita Athanasio Kircher, escrevendo na sua Arithmologia, que se encontrava até na Arabia e no fundo da Ethiopia: *Praedicta nomina tantum obtinuisse œstimationis, ut ea non in Latinorum dumtaxat, sed in Arabum, imo Aethiopum orationes invocatorias irrepserint.*

Vão vendo! Pois o padre Petridés nota, por seu turno, que esta inscripção se encontra tambem

LOULÉ—Cadoiço

(Clichés do phot. am. sr. Fabião de Campos)

sobre um marmore do museu do Cairo, no muro d'uma capella no deserto a oeste de Faras, na Nubia, e sobre dois papyros egypcios que possue o archiduque Ranieri.

Cita depois a interpretação de C. H. King, que nos *Early christian numismatics and other antiquarian tracts* (Londres, 1873, pag. 187) traduz muito livremente: «O operario segura as rodas do arado, eu semeador caminho ao lado d'elle»; e a de Baudoin que, na *Revue Scientifique* (de 1903, 4.ª serie. t. XX, pag. 291) dá est'outra traducção: «Conforme se semeia assim se colhe: a cada um segundo as suas obras»; a de E. Heis, que, no *Sammlung von Beispielen und Aufgaben aus der Allgemeinen Arithmetik und Algebra,* (Colonia, 1872, pag. 329) tenta attribuir a cada lettra do famoso quadro magico um valor numeral; e a de S. Lewis que, no *Bulletin de la Soc. Nation. des Antiquaires de France.* (1875, t. XXXVI, pag. 97) que vê na palavra *Arepo,* que em latim não existe e que na versão grega é considerada corrupção de arado—um nome de pessoa, como os Jesuitas de Fermo.

Vejam lá onde nos trouxe o encontro, entre a minha papelada, do fasciculo da *Encyclopedia das Familias.* Vou espertar o fogão e para a semana continuaremos vendo o que nos diz a *Minerva* sobre o curioso quadrado.

ARTHUR BIVAR.

Cheia de graça te chamou rev'rente
O mensageiro que do Céo baixou
Immaculada—disse o povo crente
Que á voz da Egreja a sua voz juntou.

Cheia de graça, immaculada, pura,
Bella açucena de immortal candura,
Que não vergaste conduzindo a cruz!

Merecedora de cabal victoria,
Ganhaste o sceptro do Paiz da gloria,
C'roou-te a gloria de radiante luz.

Braga, 8—XII—1913.

ELVIRA NEVES PEREIRA.

FIGURAS DA BEIRA

XII

Dr. Belchior Barata

(CONCLUSÃO)

POIS este homem tão singularmente humilde e enfermiço era um eminente, um profundo e criterioso jurisperito. No fôro, diante dos juizes e jurados, gaguejava; na sua banca, nunca sendo eloquente, era sempre d'um saber seguro e prodigioso no citar das leis e na sua interpretação rapida e firme.

Conhecia todos os codigos, paragrapho a paragrapho; mas no que mais primava era na incomparavel comprehensão da sua lettra, penetrando assombrosamente as questões, illuminando-as com conselhos que os melhores advogados do paiz saudavam e perfilhavam.

LAMEGO—Vista parcial da cidade

Ave, gratia plena!

Ave Maria,—habitação fulgente,
Morada santa que Jesus honrou,
Predestinada — pois a ti sómente
Jamais a culpa em tempo algum manchou.

Era hostil a questões. Tinha, por assim dizer, o vicio de conciliar todos. Como que mastigando, expunha de preferencia o que evitasse todos os litigios, mas, se a voz era sempre monotona e effeminada, a lição era solida e quasi infallivel, a melhor no peor dos lances que a provocassem e solicitassem.

E, se o consulente era culto, o dr. Barata ia até ao fundo da sciencia do direito, deliciava-se com grandes estudos comparativos e analogicos, ficava uma bibliotheca viva e inesperada, criticando tudo em voz sempre mansa, tardia, timida, mas com justeza, profundidade, admiravel bom-senso.

Não era, pois, simples bibliophilo e colleccionador. Era uma alta e luminosa consciencia, uma opinião rigida que dava ás menores minutas aquelle valor que, durante perto de sessenta annos, assignalou tudo quanto, sobre direito, dizia ou escrevia o dr. Belchior Barata, jurisconsulto cheio de auctoridade incontestada.

*

Physicamente, o mesmo. Conheci-o sempre valetudinario de aspecto, e morreu com 87 annos de edade. Constipava-se todos os dias, e nunca faltava no lyceu e no tribunal, no escriptorio e nas festas da familia de que era chefe adoravel.

Caminhava devagar, mas apparecia em toda a parte aonde o chamasse o dever.

Parecia não ter quasi voz, e, comtudo, fallava sempre, horas seguidas, nunca esgotando as anecdotas, os conceitos, expondo-os em latim, francez e inglez principalmente, e desfechando muitas das suas casquinadas typicas, umas gargalhadas que pareciam de enfermo a cahir sem accordo n'uma crise de riso nervoso.

Nos dias trovejados — desde creança lhe ouvi isto mil vezes — fallava da lamentavel ruina do seu corpo: uma bronchite chronica, a garganta ulcerada, dôres de cabeça lancinantes. Comtudo, o tempo passava e o dr. Barata apenas, nas phases da lua abria mais vezes o seu guardasol. Não cahia de cama ou, se tal succedia, uma infusão de tilia bastava para que apparecesse, horas depois, a tussir e a espirrar no meio da rua, cumprimentando em voz meliflua e acanhada os indigenas reverentes, intrigados...

*

Finou-se mansamente como sempre vivera, deveras religioso nas ideias, nos sentimentos e nos actos. Nunca politico, embora partidario regenerador por amizade pessoal, teve uns funeraes tocantes pela homenagem unanime que representaram. Lamego acompanhou-o, com saudade—quasi ia a dizer, com curiosidade—á sua morada derradeira.

LAMEGO—Largo dos Reis nos Remedios

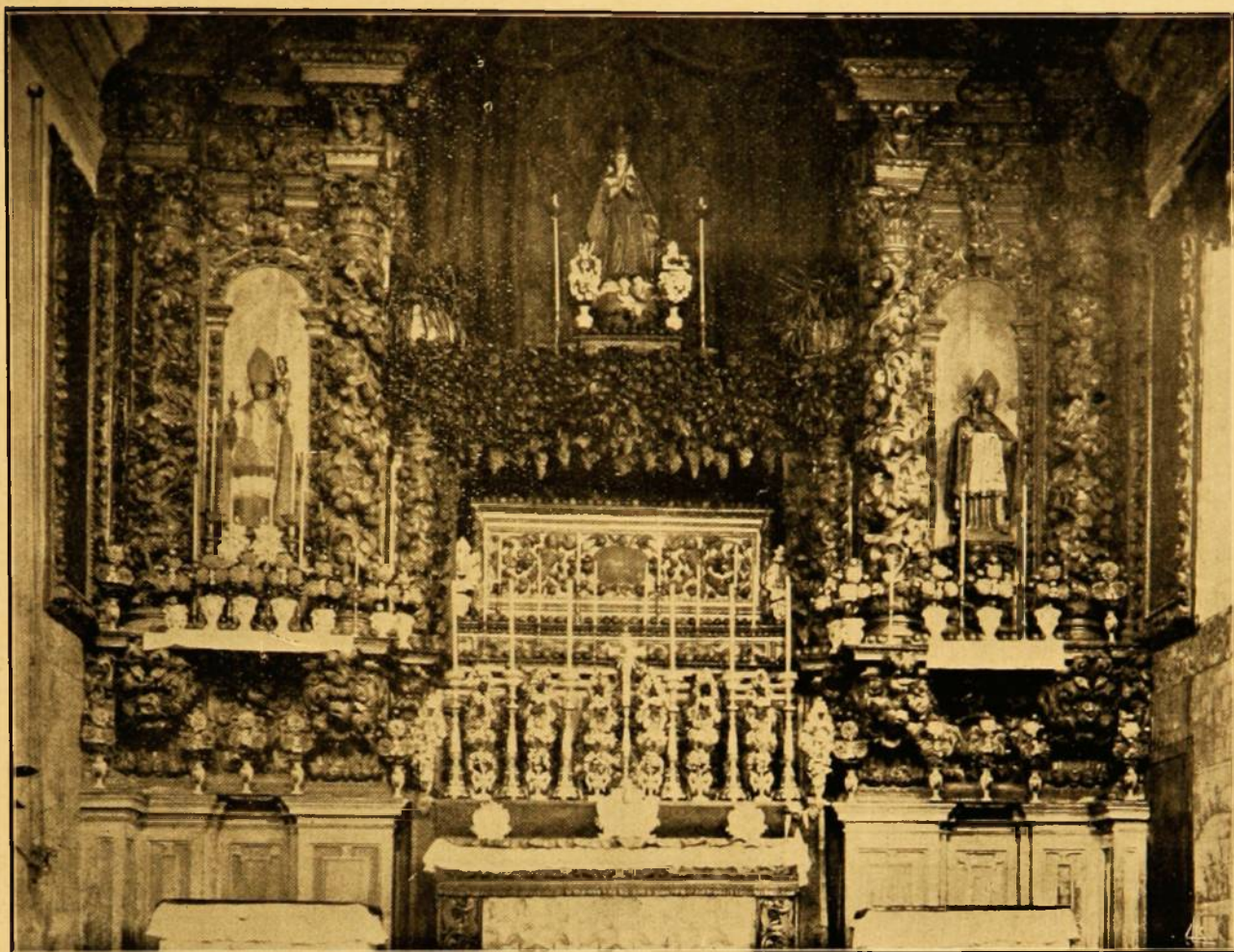
LAMEGO—Edificio da Camara Municipal

Julgariam os bons lamecenses que o dr. Barata, para ser original em tudo, resuscitaria de chofre ao lançarem-no á campa, evidentemente morto? Ou quereriam ver se o illustre advogado descia ao campo-santo ainda de guarda sol aberto contra as mofinas correntes d'ar? Quem sabe?

NOTA—O dr. Barata não era natural de Lamego, mas foi um dos seus melhores filhos adoptivos. Em 1882, foi nomeado professor do lyceu. Lá ensinou legislação, francez e inglez.—Foi integro juiz primeiro substituto da comarca.—Publicou uma interessante collectanea de anecdotas e epigrammas, colleccionados em longos annos.

JOSÉ AGOSTINHO.

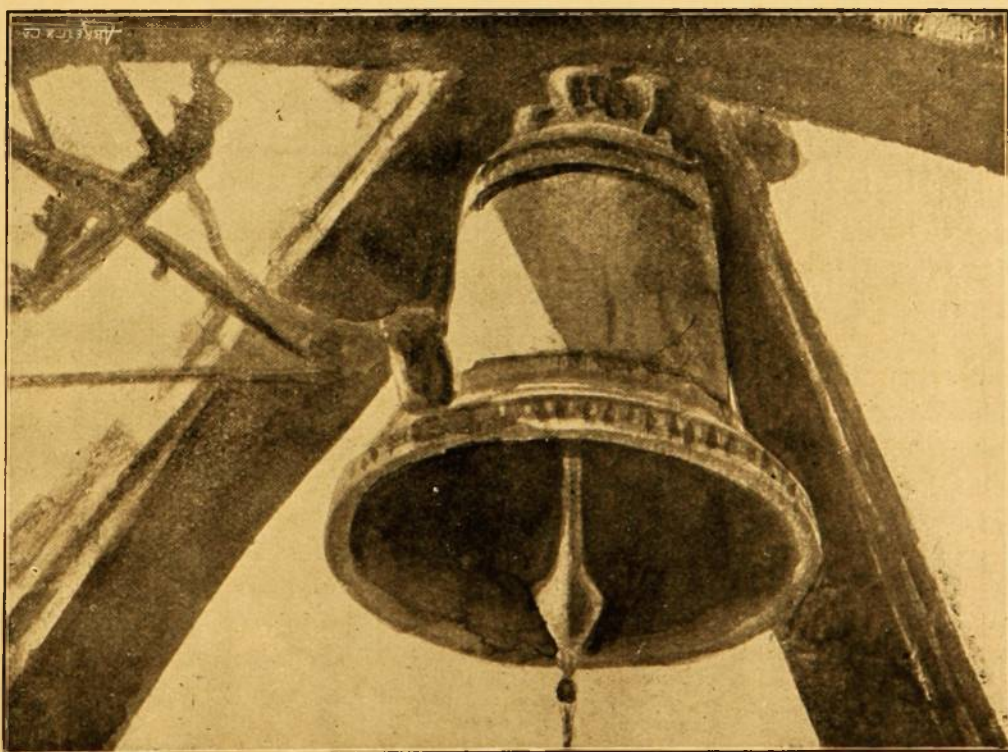
LAMEGO—Grupo de internados no Asylo de Mendicidade

(Clichés da phot. am. snr. José Pereira Veiga.)

BRAGA—S. Geraldo

Altar-mór da capella de S. Geraldo, da Sé Primaz, onde se encontra a urna sepulchral que encerra os restos mortaes do Santo Arcebispo. Aspecto da ornamentação com fructas como é de uso fazer-se no dia da festividade.

VIDA INTENSA

(Paginas d'além fronteiras)

AINDA a crise franceza. O governo foi parar ás mãos dos radicaes. Poincaré seguiu a indicação constitucional mas falseou a sua missão. Desde a primeira hora conhecia o verdadeiro caminho, que, afinal, não quiz ou não poude seguir e não pensem, que elle foi empurrado para esse desideratum, por uma transigencia ou por uma fraqueza. Foi muito simplesmente vencido. Resistiu emquanto poude, insinuou a solução, impoz-se quasi e não venceu. A sua situação é delicada; o futuro da republica, melindroso, nevoento, incerto. A

BRAGA—Sino de S. Geraldo

Este sino que se acha pendente de dois arcos que rematam a torre do lado norte tem a data de 1501 e é vulgarmente conhecido pelo sino de S. Geraldo.

BRAGA—Inscripção do sino de S. Geraldo

Esta inscripção composta em elegantes caracteres gothicos foi copiada em caracteres romanos pelo fallecido archeologo Albano Belino sendo incorrecta a traducção por este apresentada. A verdadeira traducção é a seguinte:

—*Mestre do Madrigal, me fez no anno mil quinhentos e um do Senhor. O nosso auxilio em nome do Senhor. Creio que Deus veio encarnar por nós. Eis a cruz do Senhor; fugi partes adversas; vence o leão da tribu de Judá, raiz de David.*

do a alma da patria, o melindre perigoso d'um recurso.

E' o gesto extremo d'um systema, perante o aniquilamento, o derradeiro grito de vida perante o fim. Essa reacção, accentuando-se dentro da republica, tentou salva-la do abysmo profundo para onde a arrasta ainda, a turba-multa desordenada do radicalismo que agora venceu. Sem transigencias, sem que a complacencia d'uns desvirtuasse a acção dos outros, esta corrente pacificadora, firmava-se em duas fortes opiniões:—a consolidação da republica pelos processos tranquilisadores do conservantismo ou o imperialismo coroando de novo as aspirações legitimas d'uma profunda reacção conservadora, que se vem operando dentro da republica, recebeu um duro choque e perde talvez a unica occasião de salvar as instituições.

O que é afinal essa reacção? E' apenas a affirmação de uma corrente, d'um systema, de uma opinião que se impõe ou a consequencia natural, de uma affirmação collectiva, o producto irremediavel d'uma evolução consciente?

Na sua complexa funcção social, esta força, — que marca uma epocha de regeneração definida na politica, na sciencia e na arte franceza,—tem de tudo um pouco nos seus multiplos aspectos, nas cem mil ramificações da sua acção depuradora e de grave, o representar no meio da voragem radical que triumpha, suffocan-

Missões do Congo

Egreja de S. Salvador do Congo

Acaba de chegar á sua terra natal—Sernache do Bom Jardim—o benemerito missionario Padre Daniel Simões Ladeiras, depois de quasi doze annos de permanencia e de bons serviços na missão de S. Salvador do Congo. E' o sacerdote portuguez que mais tempo tem servido alli depois da restauração das missões no moderno movimento missionario.

Todos conhecem o fundador d'aquella missão, essa figura brilhante de portuguez e de missionario, cujo nome está indelevelmente ligado aos serviços missionarios das nossas colonias. A obra fundada em 1881 por D. Antonio Barroso tem tido uma gloriosa continuação de trabalhos e de sacrificios, onde se inscreve nos ultimos tempos o nome do Padre Daniel Ladeiras, como o de tantos outros que alli teem sacrificado e estão sacrificando a sua saude no arduo trabalho da civilisação e christianisação das raças indigenas.

O Padre Daniel entregou recentemente a direcção das missões.

A acção exterior missionaria e nacionalizadora, da missão de S. Salvador exerce-se dentro d'uma area bastante grande que os missionarios percorrem frequentemenie e onde teem em pontos determinados os seus catechistas e professores indigenas.

grande maioria. Bifurcada, assim em dois aspectos esta acção não se inutilisava pela sua divergencia de vistas, muito ao contrario se ajudava n'um esforço commum, o que faz suppor, que perante o fracasso d'agora e tremendo da ameaça do futuro, ambas se unifiquem para o mesmo fim.

A França vae-se lentamente integrando nas formulas conservadoras. A terceira republica é ainda tão instavel como a primeira, perturbada das mesmas incertezas e hesitações. A sua democracia é uma ficção; o seu parlamentarismo a mascara d'um absolutismo, que não dimana do poder hereditario d'uma casta mas da força collectiva das suas leis. Dentro d'uma formula democratica, o espirito da multidão, que é sempre, a phisonomia dos estados, é aristocrata. Tem o culto das exterioridades personifiquem-se ellas na roseta d'uma commenda ou nas folhas heraldicas d'uma corôa ducal.

Congo—Escola da missão portugueza

O receio da guerra, aquella ameaça sempre viva d'além-Rheno, fê-la cuidar do seu exercito, desvanecer-se no culto arreigado do militarismo, fazendo vibrar as notas estridulas do patriotismo nacional, que em França, é o culto do imperialismo, coroado de gloria e dando á Patria as horas mais deslumbradoras de grandeza. Exaltar o exercito, identifica-lo com o povo, é projectar, fazendo perpassar deante dos olhos extasiados, n'uma resurreição deslumbradora, as glorias das

Congo—Casa em construcção para habitação e officinas

Alumnos internos da missão

Alumnas internas da missão annexa

aguias de Marengo e Austerlitz, a grandeza das victorias epicas, d'esse corso ousado, que teve nas mãos os destinos da Europa e deu á sua terra as melhores horas de grandeza.

E os governos, ante a ameaça da guerra, vão fomentando a acção do militarismo, procurando consolidar a republica que na expansão d'esse culto, tem o seu peor inimigo—a sombra do imperio.

A republica, poderia ainda salvasse sob o pulso forte de Poincaré se enveredasse, a tempo, para uma politica moderada, que a consolidasse de vez. Nas mãos dos radicaes: que seguirão a onda avassaladora, a republica vae direita ao fim.

O gabinete actual tem os seus dias contados. Teve agora um lampejo de triumpho, mas vae pagar caro, o deslumbramento do poder. A proximidade das eleições, limita a sua acção governativa, porque os conservadores vão tentar o impossivel, para lhe arrancarem o poder, receosos, talvez,

Pedro M. Bemba, rei do Congo, fallecido

Manuel Martina Kedito, actual rei do Congo
(O manto foi em tempo offerecido pelo governo portuguez)

que a affirmação das urnas se effectue, debaixo da sua egide radical.

Já se falla em Millerand, Briand, para muito breve assumirem o governo, dando assim, a prova flagrante de que a crise se não resolveu e que o radicalismo não tem, afinal, as sympathias da nação.

De resto, os estados andam agitados, como procurando confirmar os receios propheticos de Madame de Thébes.

Na Allemanha, em pleno Reichstag os socialistas apupam o chanceller, invectivam-o, insultam-o e atiram-lhe á cara, como uma vergastada de provocação, a sua desconfiança politica.

Na Alsacia, um grupo ousado, agride officiaes e apupa alguns soldados que passam para as manobras, n'esse rebate tragico de indisciplina, que para a Prussia é a ruina da sua força como a quererem ferir as instituições nas suas forças basilares, na mesma tresloucada ancia da revolta, que anima as *suffragettes* inglezas, aos maiores desmandos nas ruas de Londres.

A Hespanha, que a politica habil do Rei, fez entrar no concerto Europeu, nem por isso anda tranquilla nas suas luctas intimas, mordida da mesma inquietação, que perturba, de momento, a vida interna das nações. Dato, longe de resolver o problema politico, aggrava-o sensivelmente, com as scisões que involuntariamente provoca, nas forças conservadoras.

E' talvez um sincero, mas um sincero manietado pelas circumstancias, sem liberdade de agir, dentro do acanhado ambito da sua missão de contemporisador. A sua ascensão ás cadeiras do poder,—que constitue uma transigencia perigosa de Affonso XIII com as esquerdas,—produzida nas condições restrictas em que se produziu, não lhe proporciona a tranquilidade necessaria para a realisação da sua obra.

A pacificação de Marrocos, a guerra emfim, que a maioria não quer e que é o ultimo lampejo de quixotismo d'uma raça que quer progredir, aggravou-se consideravelmente nos ultimos dias, não porque os successos tomassem um aspecto novo, mas porque a opinião hespanhola, perante as declarações dos seus *prohombres*, a proposito das propostas dos irmãos Maensmans, ficou conhecedora da inutilidade da guerra.

A Hespanha, seja qual fôr a solução do pro-

blema africano, não poderá nunca encontrar no Rif, a recompensa dos enormes sacrificios que está fazendo, e ainda, na hypothese mais favoravel, de que n'um amanhã proximo ella pudesse effectivar pela força as suas aspirações, não poderia auferir a compensação economica do seu grande esforço.

Marrocos, hoje, inteiramente submettido a acção franceza, muito embora a diplomacia tenha delimitado uma zona d'influencia á Hespanha, não se poderá pacificar tão facilmente como julgam. O espirito combativo da sua raça, a sua propria organisação politica, as condições excepcionaes do seu territorio e as luctas profundas em que vivem, são o fermento d'uma rebeldia constante, que póde calmar mas que não desarma jámais. Affonso XIII póde mandar para o Garb

CONGO—Serração de madeiras

Sepulturas dos reis do Congo

(O pilar que se vê na photographia é das ruinas da antiga Sé do Congo)

todos os seus hussards, os seus caçadores, todos as fortes unidades do seu exercito, hoje poderoso e bem organisado,—aeroplanos, canhões, todos os mil requintes da guerra moderna, que não conseguirá dominar o mal, e que o conseguisse, o que não poderia evitar seria que a Allemanha, tendo manobrado na sombra emquanto o deslumbramento bellico tudo absorvia, fosse monopolisando nas suas mãos, uma grande parte do commercio Europeu.

A Hespanha, que para chegar a essa guerra decisiva, teria que arriscar-se quasi, aos perigos d'uma profunda conflagração interna, teria no final a coroar-lhe o esforço, uma pequena parcella d'acção economica. Mas, infelizmente, por agora, a guerra que os irmãos Maensman se propunham ridiculamente terminar, deslumbra o gabinete de Madrid.

E n'este momento, que em França se celebra a exposição das obras do grande pintor *Ingres* e que n'uma

O rev. Daniel Simões Ladeiras, missionario do Congo

vitrine lá está o violino que o mestre tão mal fazia vibrar mas que tão obstinadamente tocava sempre, eu lembro-me, afinal, que o *violon d'Ingres* que o espirito francez adoptou, para significar as predilecções levianas dos artistas, dos poetas, dos sabios e dos esculptores, que têm sempre uma predilecção, um vicio ou um desejo que não sabem realisar, que esquecendo abandonando aquillo em que são grandes para só e desvairadamente cuidarem d'aquillo em que são inferiores, eu vejo com pesar, que a Hespanha na sua quixotesca phantasia de dominar Marrocos, tem como aquelles, o seu *violon d'Ingres* tambem...

JOSÉ DE FARIA MAHCADO.

Lenda bulgara

Quando Deus repartiu os destinos das nações deu aos turcos o poder.

Queixaram-se-lhe os bulgaros, e disseram :— Como fizestes, Senhor, esse trabalho?

E Deus deu aos bulgaros o trabalho como modo de vida.

Vieram depois os judeus e souberam dos dons concedidos. Disseram: — A que calculo obedeceu, Senhor, essa concessão?

E Deus deu aos judeus o calculo.

Então chegaram os francezes:

—Oh! parece que a repartição foi de pouco talento.

E Deus deu aos francezes o talento.

Acudiram os ciganos:

—E a nós, Senhor, o que nos daes? Tudo o mais é miseria!

E como modo de vida Deus deu aos ciganos a miseria.

Dr. Eurico Araujo

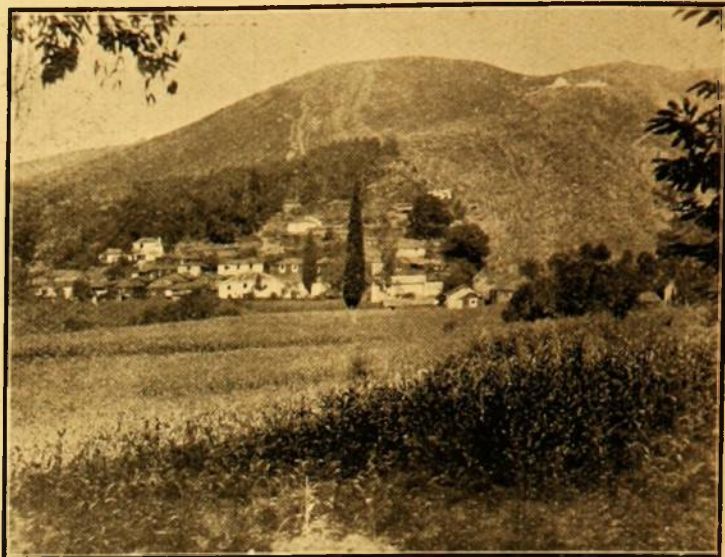
novo advogado bracarense que na semana finda fez a sua estreia no tribunal judicial de Braga

Por fim vieram os gregos.

Souberam dos dons concedidos pelo Senhor.

E queixaram-se: A que miseravel intriga deveremos, não saber antes d'esta distribuição?

Deus então tornou-lhes:

—Não vos impacienteis. Será a intriga a vossa razão d'Estado.

VILLA REAL—Aldeia de Villa Cova

onde se venera N. Senhora de la Salette n'uma capellinha ainda em construcção

(Cliché do phot. am. rev. José P. Barrias)

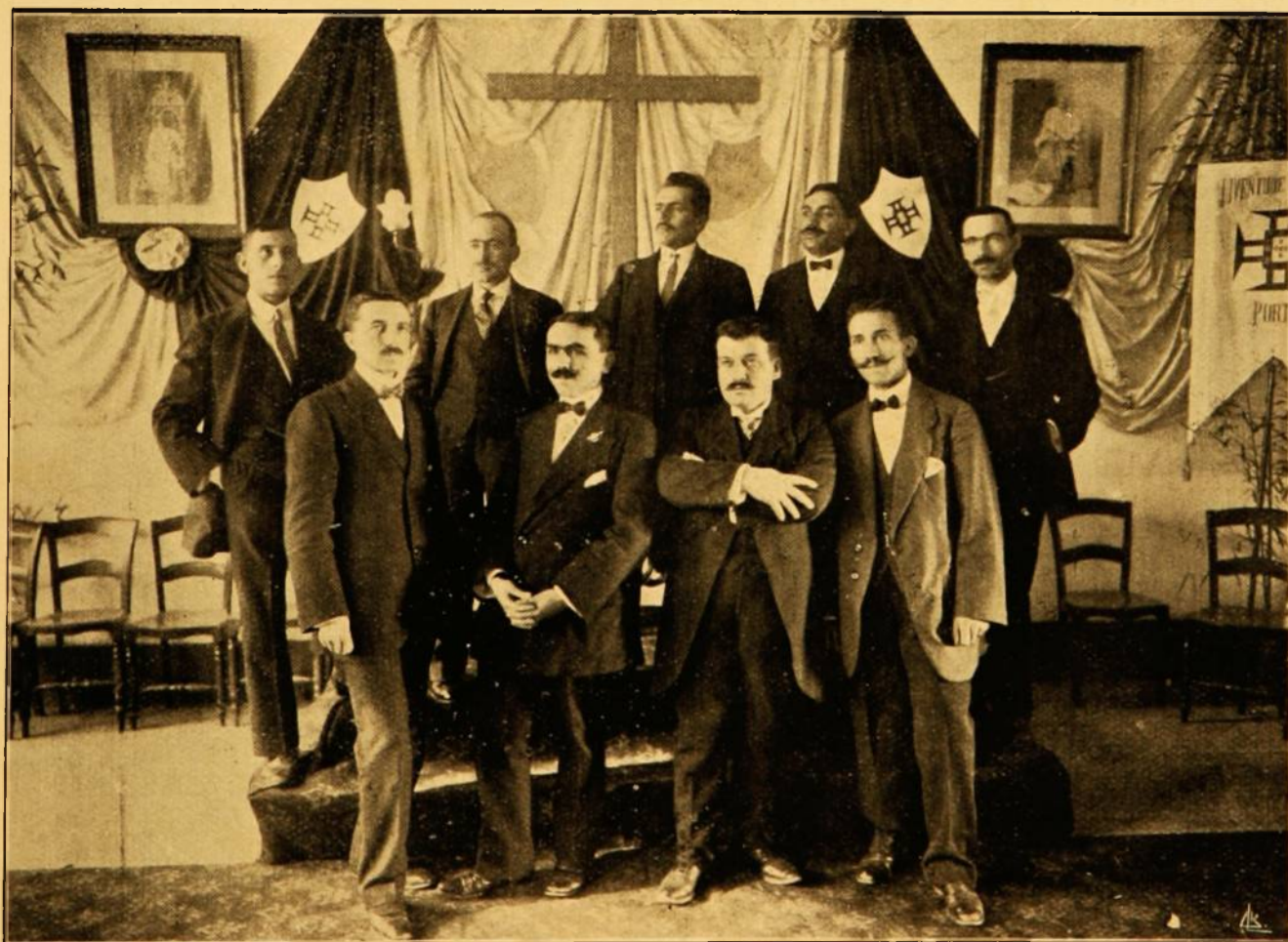
Juventude Catholica do Porto

Domingo, 7 do corrente, esta importante aggremiação catholica do Porto realisou com grande imponencia as festas Constantinianas. Marcaram um grande acontecimento na vida catholica d'aquella cidade.

De manhã houve missa com communhão geral, fallando com eloquencia e brilho o sr. padre Agostinho da Costa e Silva. De tarde effectuou-se na séde da Juventude uma sessão solemne a que presidiu o Dig.[mo] Governador do Bispado. Esta sessão correu cheia de brilho tendo uma concorrencia distincta e numerosa.

Os oradores, ex.[mos] srs. Joaquim de Vasconcellos, incansavel presidente da Juventude, dr. Sebastião de Vasconcellos, distincto advogado, dr. Manuel Pereira Lopes, conhecido e notavel orador, José Vasconcellos, academico distincto, dr. Antonio Pereira, Dig.[mo] Governador do Bispado, produziram eloquentes discursos, sendo applaudidissimos. Recitaram com grande primor a ex.[ma] sr.[a] D. Maria Adelaide, e o ex.[mo] sr. Ribeiro Maia. Cantou uma *Preghiera* com muito esmero, causando uma agradavel impressão, a ex.[ma] sr.[a] D. Maria Thereza de Vasconcellos, de Penafiel.

Foi uma festa brilhantissima que despertou o maior enthusiasmo. Já ha muito que na cidade da Virgem se não realisou manifestação catholica com tanta imponencia.

PORTO—Sala onde se realisou a sessão solemne commemorativa do Centenario Constantiniano

PORTO—Commissão fundadora da Juventude Catholica

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

NOTAS DO ESTRANGEIRO

D. Victorino Guisasola y Menendez, arcebispo de Valencia, ultimamente nomeado para occupar a Sé de Toledo.

O snr. Conde de la Viñaza, novo embaixador de Hespanha junto do Vaticano

Dr. Lopez Peláez, novo arcebispo de Tarragona

BARCELONA—Ultimos acontecimentos

A policia dando uma carga contra os manifestantes que na rua Balmes tentavam incendiar a carruagem que occasionou a morte de uma creança de 14 annos, e que deu origem ao conflicto escolar

O NASCIMENTO DE JESUS

(Quadro de Alexandre Van Haccken existente na Sé Primacial de Braga) (Reproducção de J. Jorge S. Guimarães)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500

Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.

Numero avulso 60

Numero 26 Braga, 27 de dezembro de 1913 **Anno I**

Está hoje sobejamente demonstrado que, pela excellente qualidade das materias primas empregadas e meticuloso cuidado no acabamento e ajustagem de todas as suas peças

As machinas de costura "Naumann,, são as melhores.

A sua fama estende-se a todo o mundo por causa da sua elegancia, do seu trabalho leve e silencioso e da sua longa duração.

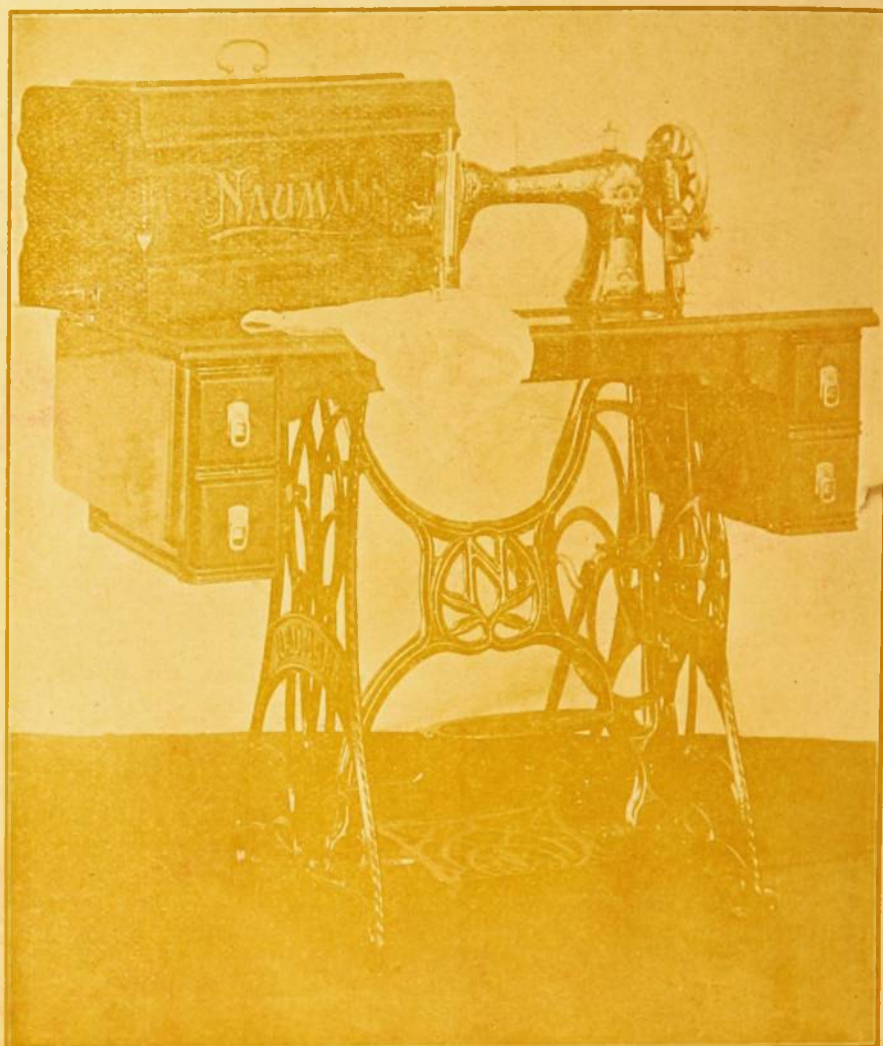
Especiaes para bordados artisticos

A elevada cifra de

Um milhão e setecentas e cincoenta mil machinas de costura

que por nós tem sido fabricadas e vendidas, quantidade que nenhuma fabrica da Europa ainda conseguiu attingir, prova evidentemente quanto tem sido lisongeira a acceitação que

A machina de costura "Naumann,,

tem encontrado em todos os mercados. Quem adquirir a machina de costura «Naumann» pode ficar certo de que ella lhe prestará proveitoso serviço durante muitos annos.

Dão-se as mais amplas garantias

Deposito em Braga: **Armazens da Caixa Penhorista Bracarense**

PREÇOS SEM COMPETENCIA

TINTURARIA
DE
TODAS AS CORES
(A mais antiga de Braga)
147, Rua da Cruz de Pedra, 151
BRAGA

Tinge, segundo os processos mais modernos e aperfeiçoados:

DAMASCOS, OPAS
E QUAESQUER SEDAS

Lavagem de roupas

Recebe e expede qualquer encommenda pelo correio.

Conego Bernardo Chouzal

D. Manuel Baptista da Cunha

ARCEBISPO PRIMAZ

Oração funebre proferida nas exequias celebradas na Basilica Primacial de Braga em 19 de maio e na matriz de Vianna do Castello, em 16 de maio de 1913. — DEPOSITARIOS *Cruz & C.ª, rua Nova de Souza—Braga.*

Brevemente a publicar-se

2.ª Oração funebre recitada no dia 27 de setembro de 1913 nas exequias que promoveu o clero do arcyprestado de Monção e Melgaço, na matriz da villa de Monção.

Defendendo-O e Defendendo-me

Resumo da Doutrina Christã

Em prosa e verso, sendo a parte em verso composta pelo

Rev.mo P.e Carlos Rademaker

Methodo muito facil para ensinar, por meio de canto, as cousas mais necessarias da Doutrina Christã.

Preço: Brochado, 10 rs. Cartonado, 40 rs.

Edição accrescentada pelo P. Villela & Irmão.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, **Joaquim A. Pereira Villela.** Director, **Dr. F. de Sousa Gomes Velloso**

EDITOR **Antonio José de Carvalho.** ADMINISTRADOR **Clemente de Campos A. Peixoto.**

Braga, 27 de dezembro de 1913 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* (Antiga R. da Rainha—Braga) | **Numero 26—Anno I**

O Nascimento de Jesus

(Quadro de M. de Vos—1592)

Chronica da semana

XXVI

ooo

"A derradeira edade annunciada pelas prophecias da Sibyla de Cumes vae chegar, escrevia Virgilio, na sua egloga a Pollion, cantando o regresso da paz: a ordem magnifica dos seculos recomeça de novo: já a justiça volta á terra e a edade de oiro se renova: um raio de luz desce das alturas do céo: uma creança vae nascer, que fará cessar a edade de ferro e reviver, atravez do mundo inteiro, um povo semelhante áquelle que vivia na edade de oiro... Essa creança, dos deuses receberá a vida, e governará sob a lei das paternaes virtudes, o mundo pacificado. Matará a serpente... A' vista d'esta creança querida pelos deuses, a terra, as vagas do mar e as profundezas do céo estremecem de jubilo, e todas as coisas se alegram na esperança do seculo que vae chegar!...»

Estranha predição n'uma bocca pagã, impregnada da aspiração humana para a Paz!

O brado prophetico estúa nos labios virgilianos como resoára já na garganta de Isaias: — «Um pequenino infante nasceu para nós, um filho nos foi dado: e o seu nome será o Admiravel, Conselheiro, Deus Forte, o Pae do seculo futuro, o Principe da Paz!»

E foi assim, em verdade, que o Salvador veio a este mundo, annunciado por angelicas cytharas: Gloria a Deus nas alturas, paz na terra aos homens de boa vontade!

E foi assim, que Jesus, Redemptor nosso, saudou sempre os seus discipulos:—*a paz seja comvosco*. Na hora crepuscular do ultimo adeus, no intimo e supremo convivio de confidencia, Elle falla-lhes mansamente, diz-lhes que pelo muudo se havia dado, e agora, como segredo de victoria, lhes legava a paz: «Eu vos deixo a paz: eu vos dou a minha paz!»

A Egreja constituida retoma esta herança de amor e de bondade: *Pax vobis*, *Pax Domini sit semper vobiscum*, eis a saudação que se ouve em cada pagina da liturgia. Os primeiros fieis davam-se o beijo da paz. «Depois da Oração Dominical, diz-se *Pax vobis*, escreve Santo Agostinho, e todos os christãos se abraçam n'um santo osculo, *osculantur se in osculo sancto*. E esta tradicção apaziguadora e sublime perpetua-se depois nos concilios, nas encyclicas, na maravilhosa obra civilisadora dos Pontifices, batam os barbaros ás portas do Imperio, degladiem-se em retravadas luctas os senhores feudaes, expanda-se e tripudie sobre as nações o poder absoluto dos reis, escarneça da virtude e do amor a Revolução sanguinaria e ferocissima, estale no plumbleo céo da edade contemporanea o trovão das reivindicações sociaes, aprestem-se na hora presente os Estados para a carnificina e para a guerra!...

Principe da Paz! eis a legenda aurifulgente que encima a humilima scena de Belem. A festa do Natal não pode ser apellidada sómente festa da familia, que é escasso titulo d'uma obra gigantesca, por aquelles mesmos que chumbam ao lar paterno, de sua natureza estavel e constante e unificado, a podrága ferrea do divorcio que entrava o seu florescimento, a sua paz e a sua perduração historica e social.

A festa do Natal constitue mais honroso symbolo, é a solemnisação da redempção humana, o irradiar d'um sol de vida e de libertação no antro negro onde se decompõe a humanidade corrupta. Dizer que ella é simplesmente a festa da familia é deixar no espirito o desejo insatisfeito de saber o que vale um lar. E a Historia unanimemente estabelece que a dignificação da familia está na razão directa dos sentimentos e ideias christãs que lhe presidem.

Natal! Que palavra mysteriosa, seraphica e sobrenaturalmente doce!...

Procurae nas suas syllabas e nas suas lettras a accentuação d'uma melancolia, e não a encontrareis. Natal!—cuvis? E' a coragem que falla, é a esperança que se engrinalda sobre as cinzas depuradoras d'um arrependimento, é uma exhortação dictada pelas lições do passado!... Natal! E a memoria gratissima leva-nos pela mão, n'esta noite de luar e de sonho, a uma piedosa romagem pelo jardim das recordações lenginquas, poalhado da branca neve da velhice. E surgem os retratos de nossas mães, que nos vinham beijar, adormecidos no leito, confiando-nos um sonho filial que as prendas da manhã seguinte recompensavam.

Quem se não lembra das bellas e suaves tradicções portuguezas que se espalhavam no vitral azul da Grande Noite!...

Antes da ceia, o Pae levava-nos em frente do oratorio illuminado e festivo e alli rogava ao Senhor as bençãos para os seus.

Depois, todos voltavam para a meza, sobre a qual crepitava uma jovialidade aberta e sádia emquanto que lá dentro, no oratorio illuminado e festivo, ardiam cirios em torno do Crucifixo... A ceia terminava em rememorações. De novo, o chefe de familia encaminhava a esposa e os filhos para o oratorio, e implorava de Deus a paz do seu lar e a felicidade commum.

... Quem se não lembra das bellas tradições portuguezas que se espalhavam no vitral azul da Grande Noite!...

E a revivermos o passado, emballados n'aquella *magia de recordar*, de que fallava um poeta, nós murmuramos a suave e poetica saudação de Lavedan:

Natal!... branca palavra, d'uma brancura religiosa, cahido d'uma Hostia, o liz das palavras que apenas parece feito para escapar-se de labios virginaes, para a vaporação fria dos incensorios, palavra de prata, de nacar, de perola, palavra de neve tão fragil e tão delicada que mesmo com a alma pura, dá a impressão de nos enternecer. Palavra que canta e que retine, palavra que reza, na sua

jovialidade, palavra terna da Egreja, sorridente e piedosa, irmã do *Alleluia*, palavra de acção de graças que sóbe e volteia em canticos e cujo echo musical suavemente se congela!...

F. V.

DIA DE NATAL

NA silenciosa amargura da minha alma, pungida n'este momento por uma dôr brutal, que fica decerto á conta das minhas culpas, Jesus Christo, na sua Festa, é, como nunca, Luz, Caminho, Vida...

Luz. A injustiça e a calumnia representam decerto as maiores trevas da existencia.

Podemos, porém, ser obscuros como os vermes, humildes e cegos como elles. Se não nos ferir o odio injusto, a nossa paz interior basta para termos todo o sol, toda a grandeza pura, toda a visão, clara e tranquilla, das consciencias felizes. Trabalhos, pelejas, penitencias, o suor mais laivado de sangue, as lagrimas que mais de fel nos escorrem do coração, tudo isso é gloria, jubilo, thesoiro, escrinio de sagradas joias.

Mas, com o odio injusto que nos difama e persegue, a paz interior é um heroismo que, sem a Fé, naufraga no mais pequeno baixio. E' então que a Luz do Senhor se impõe como necessidade unica e ineffavel, porque os mais truculentos odios só se vencem e aniquilam com o Supremo Amor.

Caminho. Baldado é o esforço do caminhante mais herculeo, quando lhe falta a orientação perfeita. Jornadeia sempre á mercê da primeira surpreza, não lhe valendo musculos e nervos, de ferro ou aço, intrepidez, pujança, experiencia, se o caminho é escorregadio, absurdo, com barrancos e pantanos escondidos em alfombras, que podem ter, embora, toda a seducção de jardins dispersos. Caminha, e nunca avança, pois a cada passo resvala, se contunde, se enlameia, voltando a pisar, aterrado e desalentado, o trilho que julgou positivo, ferindo-se inutilmente em todos os espinhos, em todas as arestas vivas das rochas. Só Jesus Christo o póde guiar, porque o Senhor é a força e o rumo, a orientação infallivel de todas as jornadas, as do corpo e as da alma, e nada na terra tem movimento util sem a directriz adoravel do Divino Mestre.

O Natal em Belem

Vida. Que é, se não Morte, toda a actividade e combatividade que se estorcem, com fatal ceguei

Egreja da Natividade em Belem

ra e energia esteril, longe do Espirito do Senhor? Toda a Sciencia, embora apparente progresso, liquida em ignorancia, corrupção e miseria. Toda a Arte, embora encantadora, resulta hediondez, enfermidade, podridão sinistra. Que são todas as maravilhas da actividade humana, se não Morte, quando a Humanidade as não integra com amor e justiça no Verbo do Senhor?

E como eu hoje vejo e sinto isto, profundamente ensinado, mais uma vez, pelo que o vulgo chama destino mau e que não é mais do que um chamamento do Senhor para a Luz, o Caminho, a Vida!

Ah! e o Natal, a Festa das festas, não hade ser, pois, celebrado cada vez com mais fé e amor, se a vida é um constante e prodigioso hymno de glorificação da misericordia divina, principalmente nas provações, nas amarguras, nas mais pungentes angustias?

O Natal! Que portuguez e christão poderá, de anno para anno, deixar de erguer-se cada vez com mais crescente fervor, com fé mais progressiva e vibrante, para saudar o presepio de Bethlem, cidadella e refugio da vida pura dos lares, das patrias, de toda a familia humana?

O Nascimento de Jesus
(Quadro de Corregio)—Galeria real. Dresde

. . . .

Mas perdoem-me os simples o que ha de doloroso n'isto, que devia ser festivo e calmo como uma dôce madrugada do paraiso.

O que, no Natal, deve resplandecer é o clarão benefico e patriarchal das lareiras, verdadeiros e singelos altares da fé secular de toda a Humanidade remida.

Quem póde mesmo sentir a dôr, por mais profunda e injusta, quando todo o universo canta hymnos de gloria e gratidão ao Filho de Deus, ao Redemptor que, nascido em palhas humildes, desce á terra para subir á Cruz, pharol que, levantado sobre as brumas da vida humana, parece ampliar cada vez mais a sua luz immortal e divina?

Festa das familias, o Natal é, por excellencia, a festa das almas, dos corações. Jesus tem inefavel complacencia com esta solemnidade que é a primeira alleluia nas trevas da vida do homem, tão escravo e desventurado antes da sagrada noite de Bethlem.

Estejamos, pois, com Elle sem pompas vãs, sem atavios mundanos. Estejamos, como simples, como meninos, cheios de fé e simplicidade, e o nosso lar e a nossa patria, desopprimidos, por momentos ao menos, de toda a contrariedade e angustia, hão de ter, em angelica miniatura, a luz, o agazalho, o encanto peregrino do Menino Deus nas suas palhinhas, que são o conforto dos seculos e dos homens.

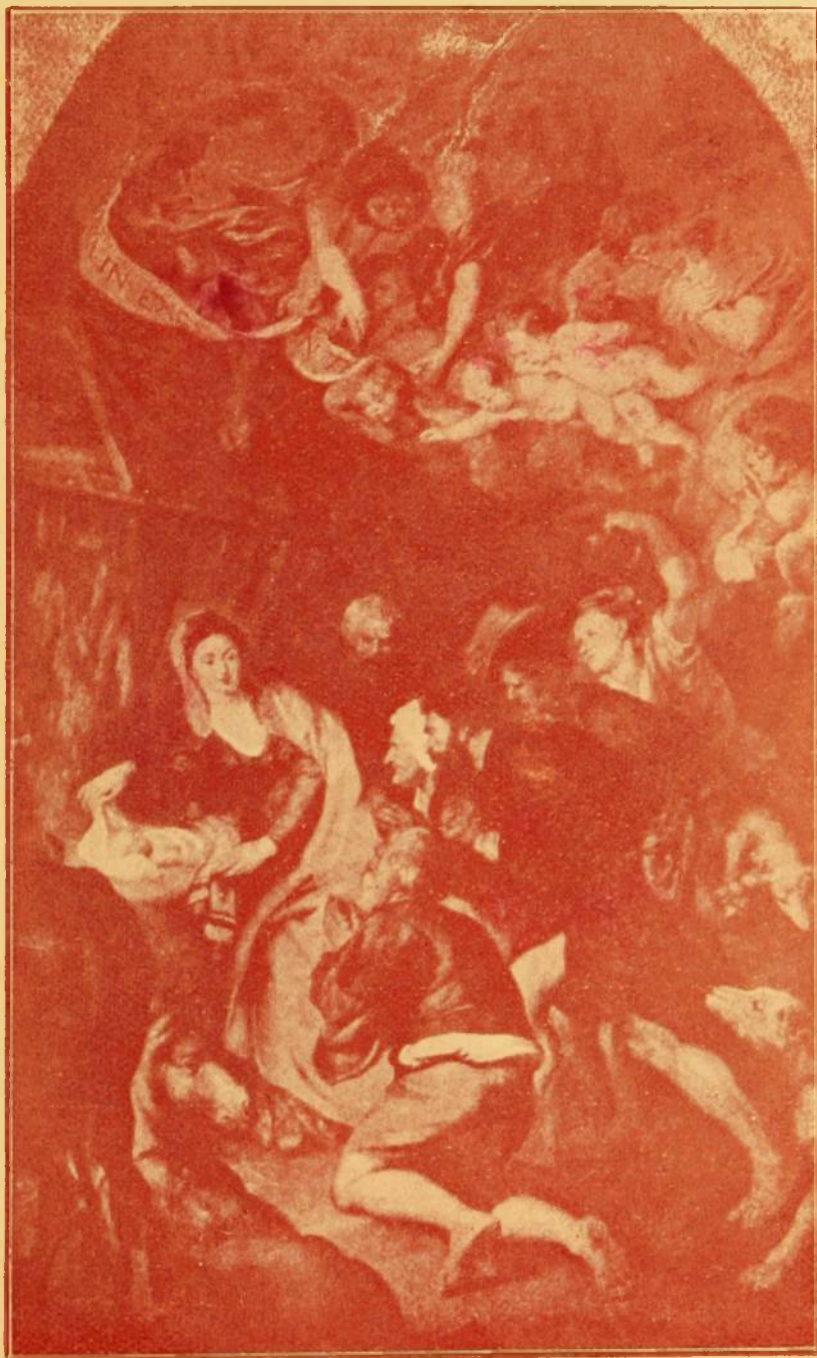
José Agostinho.

A religião tem encantos, que ninguem póde exprimir. Ella é a poesia do coração.

NATAL

Gloria in excelsis Deo! paz na terra aos homens de boa vontade. Os anjos cantam no céo, o echo das suas vozes argentinas repete-se de cada vez mais bello, mais sonoro sobre a terra trémula d'emo-

ção, ao ouvir este grito d'amor, que todos os homens repetem cheios d'alegria. Natal! Dia em que todos os corações se unem, em que todos os odios desapparecem! Que balsamo para os corações opprimidos, que esperança para os que soffrem!

Natal! Noite de estrellas para todos, vem illuminar nossos corações, carregados de tantas nuvens! Dôr, esconde-te no fundo da tua caverna, alli onde a luz das estrellas não entra; deixa-nos gosar em paz as alegrias, as *Gloriæ*, d'este dia abençoado!

A adoração dos pastores
(Quadro de Rubens)—Pinacotheca de Munich

Anjos, habitantes do céo e da terra, cantemos, cantemos *Hossannæ* e *Gloriæ in Excelsis* ao Jesus que está alli, pequenino, deitado no presepe de Belem. O menino ergue os olhos para o céo que sorri lá de cima, as anjos cantam e acompanham com as suas vozes puras e frescas como o orvalho da manhã, os louvores que sahem dos corações dos homens.

Dá meia noite, os sinos resoam notas d'alegria.

Meia noite! Hora sombria para tantas almas que soffrem! Vejo-te, pallido espectro d'um mundo phantastico, vir a passos lentos bater á porta dos infelizes, d'aquelles que te esperam assustados. Para no meio da tua carreira, despe o teu aspecto sinistro, o teu manto feito das horas d'angustia e de pavor. Põe a tua veste nupcial recamada de lirios brancos como as azas dos anjos e vem cantar o hymno de paz e d'amor!

Dá meia noite! Os sinos tocam pela ultima vez e o céo estrellado com mil fogos doirados nos mostra-nos o presepe de Belem, onde Jesus sorri ao mundo espantado de tantas graças.

De repente o seu rostosinho meigo desmaia e a Virgem estremece! Ninguem dá por esta subita mudança, porque Jesus continua a sorrir, mas a mãe curva-se para o Divino Filho e enxuga com os seus puros labios a primeira lagrima do adorado Menino. Lagrima bemdita, consolação de tantos corações feridos pela dôr, aquelle por quem foi derramada estava occulto entre os pastores que tinham vindo adorar a Sua Santa Infancia! Era um pobre estropiado, que no corpo disforme tinha uma alma devorada pelo desejo de Te contemplar, a Ti que és o consolador dos pobres e dos humildes!

A oração do fraco e do abandonado Tu, a escutas sempre ó Senhor! A passos lentos, elle seguira os pastores até o presepe do Menino Jesus, mas não ousando entrar, ficára-se á porta e, prostrado, adorava Aquelle em que pozera a sua esperança. Parecia-lhe ouvir as palavras de seus pobres paes, que ao morrer lhe haviam dito — «Tirzah, tu serás mais feliz do que nós, porque verás o Salvador, e Elle te consolará da tua desgraça.» O echo d'estas palavras ficára-lhe no coração e quando se sentia apertado pelo escarneo das multidões, pensava no seu Salvador, consolando-se com o balsamo da esperança.

A noite estava serena, e o céo recamado d'estrellas, das quaes uma mais brilhante que as outras, guiava os que vinham de longe adorar o Deus Menino.

A terra em extase diante de tantos encantos ficara silenciosa; nenhum barulho vinha quebrar a harmonia celeste.

E os canticos continuavam louvando a Deus nas alturas?

Os Magos com o seu esplendido cortejo chegam ao termo da sua viagem e vêm prostrar-se diante do Menino Jesus, a quem offerecem as suas homenagens, e Jesus lhes sorri como tinha sorrido aos pastores, aos simples d'alma e coração!

Um clarão estranho tinha vindo á frente d'este magnifico cortejo.

A voz febril e tremula de Tirzah juntava-se aos córos d'anjos que louvavam o Divino Infante, cujo meigo olhar parecia chama-lo a Si: esse olhar em

que se podiam ler as palavras que foram o balsamo dos tristes:—«Vinde a mim, vós todos que soffreis e eu vos consolarei.» Tirzah cantava com toda a alma cheia d'amor e Jesus parecia agradecer com um doce olhar enternecido que ora se voltava para a Mãe que o comprehendia, ora para o pobre Tirzah, convidando-o a approximar-se!

Já os pastores tinham abandonado o santo logar. Caminhavam silenciosos para a montanha, levando gravada no coração a imagem suavissima do Deus Menino, que os abençoara! Tirzah, porém, quedou-se no silencio da noite estrellada. A terra não dava signal de vida; as horas passavam; Tirzah immovel fixava o seu olhar ardente n'esse estranho clarão que sahia da pobre morada onde nascera o Rei dos Reis.

O coração convidava-o a ir de novo prostrar-se diante de Jesus, que era a sua esperança, a sua consolação sobre a terra, mas temendo perturbar aquella Paz Celeste, adorava em silencio o Seu Divino Salvador. Ao romper da aurora, quando o sol se tingia de côr rubida e os passaros começavam o seu concerto matinal, Tirzah voltou ás montanhas, para a companhia dos pastores seus amigos, e alli não cessava de louvar o Seu Jesus, e a sua voz, que outr'ora era fraca e monotona, tornava-se de cada vez mais fresca e sonora aos ouvidos dos pastores, que á noite se juntavam á volta do lume para ouvirem cantar os *Gloriæ in Excelsis* como os anjos os tinham cantado n'aquella noite bemdita em que o Salvador se dignára visitar o mundo!

Um dia Tirzah despediu-se dos seus amigos e partiu para Belem, onde o coração o chamava. Caminhava sem cessar, esquecendo a fadiga do seu pobre corpo estropiado.

Mas que amargura lhe tomou o coração quando soube a terrivel nova da degolação dos Innocentes!... Pobre Tirzah! buscavas o teu Jesus, que tinhas deixado deitadinho nas palhas, sorrindo aos pastores, aos Magos e a ti, pobre abandonado e já o não encontras!... Cerras teus olhos cançados de tanto chorar, teu pobre corpo magro e trémulo dobra-se, e tua alma dolorida geme com a perda do teu Salvador! Mas Aquelle em cujos olhos brilhára uma lagrima por amor de ti, não esquecêra o pobre desherdado. A caminho do Egypto, o echo dos teus lamentos attinge o seu Divino Coração; Jesus estremece e do céo, para onde volta um olhar piedoso, descem os anjos que levam Tirzah para o meio da Celeste Milicia, onde no futuro elle poderá cantar sem lagrimas nem suspiros o cantico que os Seraphins cantaram n'essa noite santa em que Deus se fez Menino por amor de nós. *Gloria in Excelsis. Gloria in Excelsis*, paz na terra aos homens de boa vontade.

A fugida para o Egypto

(Quadro de E. Girardet)

MARIA SALOMÉ.

A' beira d'um berço

(Ao pequenito J. F. Ramalho)

I

Ensaiam passinhos breves,
As suas plantas mimosas
Sob caricias tão leves,
Podiam brotar as rosas!

II

Em seu dormir socegado,
Conserva o labio risonho,
Onde poisa de bom grado,
A doce abelha d'um sonho.

III

Tem pupilas de saphira;
Da boquita o seu harpejo,
Não sabe 'inda o que é mentira,
Desconhece um falso beijo!

IV

A expressão e o meigo ardor,
Do seu olhar innocente,
São uma benção do Senhor,
Que eleva a alma d'um crente.

V

Do beiral, uma andorinha,
Que alli tem sua morada
Saúda-o de manhãsinha:
—Bom dia, João!... Bom dia!...

Olivaes, 1913.

V. CLELIA.

O pôr do sol
(Cliché do phot. am. snr. Francisco P. Mendes).

Turris Eburnea

A' Purissima Virgem

I

COMO barquinha de prata,
navega no céo a lua . . .
e á luz que branqueia a mata,
a serra e a clareira nua,
a minha alma se desata
em hymnos á gloria tua.

II

Quem me dera ter a harpa
do Rei Propheta David! . . .
Sobre a alevantada escarpa,
onde o mar rouqueja, ahi
cantaria a fina farpa
do puro amor que hei por ti.

III

Amor de filho perdido
nas solidões do alto mar,
com seus olhos e o sentido
alongados sobre o mar,
amor de escravo opprimido
por sua mãe a chorar! . . .

Cascaes, 1913.

GOMES LEAL.

BRAGA=As festas da Immaculada Conceição

As grandiosas festas do dia 8 do corrente, em honra da Immaculada Conceição, foram para Braga um acontecimento notavel, como não podia deixar de ser, conhecida como é a piedosa devoção do povo bracarense pela Rainha dos Anjos.

Em todos os templos foi a Virgem festejada com muito brilho, mas onde a solemnidade attingiu extraordinaria imponencia foi na egreja dos Terceiros, mercê da louvavel iniciativa da V. O. Terceira e das Associações Catholicas de Braga. Para a magnificencia d'essa festa muito concorreu a presença do illustre Prelado do Algarve, Ex.mo e Rev.mo Snr. D. Antonio Barbosa Leão, o qual proferiu um sermão notabilissimo que em todos os assistentes deixou as mais perduraveis recordações.

Aspecto do interior da egreja da Ordem Terceira de S. Francisco, no dia da festa

Aqui reproduzimos algumas photographias da explendorosa solemnidade, pelas quaes os leitores poderão avaliar o quanto foi imponente e magestosa, devendo accrescentar-se que o templo, durante a festa, esteve sempre apinhadissimo de fieis, e que se realisaram para cima de cinco mil communhões.

A' noite, tambem promovida pelas Associações Catholicas de Braga, effectuou-se na séde da J. C., á Praça Municipal, uma sessão solemne, que decorreu brilhantissima e com enorme concorrencia.

Presidiu o Rev.mo Luiz Antonio de Almeida, zeloso abbade de Outiz, que, depois de abrir a sessão com um formoso improviso, concedeu a palavra aos oradores inscriptos, snrs. dr. Oliveira Salazar, dr. Francisco Velloso, Manuel Cerqueira Gomes, David Pacheco e Manuel Domingues Basto, recitando uma bella poesia o menino Alberto Pinheiro. Todos foram muito applaudidos.

O PRESEPIO

(CONTO DO NATAL)

N'AQUELLA tarde, com o desbotado chale preto sobre a fronte, muito comprido, mal deixando vêr a fimbria do pobre vestido de luto, ella partiu de casa, atravez as ruas da cidade, movimentada de

carruagens e de elegancias. Era nova ainda. A visinhança dedicava-lhe a commiseração propria a todos os infortunios, e se um ou outro mais rispido ousava á porta das vendas recordar, quando ella passava, o lance negro e funebre da sua vida, um signal de silencio assomava a todos os labios, reprehendendo a descaridade, e as saudações começavam:

—Adeus, Luizinha!

—Vae com Deus, menina!

de que não nascera n'aquella rua. Vagamente lhe haviam contado a sua origem, os arduos dias de trabalho asperrimo que seu pae levára, depois o fallecimento de sua mãe que ella entrevia magra, branca como ella, os olhos fundos, como a sumir-se, e mais tarde aquella scena tragica da fabrica, o pae com laivos de sangue na face, e áscuas de raiva a explodirem em sons desarticulados dos labios tumidos de colera, a sacudir-se, a estorcer-se nos braços da policia, e o outro estendido na estrada, o

BRAGA—Festas da Immaculada. O andor da Virgem

Era boa gente aquella do bairro, um pouco rude é certo, para o temperamento estranhamente delicado, para o olhar adoçado e sereno, para a côr nevirosada das faces de Luiza. Mas nunca, dês que para alli viera, a menor insinuação emboldriada de vicio ou do sarcasmo impuro, a molestara. Nunca tambem o soubera explicar, ao lembrar-se

craneo fendido e uma expressão de surpreza dolorosa no rosto inerte!... Um horror!...

Uma noite vieram buscal-a para ir á cadeia. O pae beijou-a n'um respiro de febre, murmurando:—Deus me perdôe! Na manhã seguinte, disseram-lhe que já não tinha ninguem no mundo; que fosse habitar o quarto lobrego e humido onde vivia agora, e

prestaram-se a introduzil-a na fabrica como aprendiza, para matar a fome... ella bem via!

... N'aquella tarde, com o desbotado chale preto sobre a fronte, muito comprido, mal deixando vêr a fimbria do pobre vestido de luto, ella partiu atravez as ruas da cidade, movimentada de carruagens e de elegancias.

Hora de frivolidades, por entre a multidão ociosa, ella passava, imagem de dôr e de miseria. Torvelinhavam no seu espirito farrapos de recordações que davam margem a cotejos dolorosos entre o fausto dos grandes e o desprezo amargo dos vencidos. E quasi insensivelmente, arrastada pela necessidade do silencio, do isolamento, que é o ambiente querido dos que a desgraça assaltou no atalho tortuoso da vida, ella transpoz os áditos de um templo proximo, ainda aberto, talvez por esquecimento, áquella hora em que os theatros começam de illuminarse e attrahir...

Lá dentro, cahiam dos vitraes as derradeiras lagrimas do poente em flamma, os altares recolhiam-se na escuridão, parecia ouvir-se um formilhar de rezas, mansas, n'um leve murmurio que as abobadas ciciavam... Apenas no altar-mór, junto ao sacrario, lucilava uma alampada em tremulos vasquejos...

E Luiza foi subindo as naves, lentamente, o olhar disperso, como que attonita do espectaculo que alli se lhe apresentava, contraste de paz no cocoração da cidade doidivanas e desprendida.

Não encontrou ninguem. No sopé d'uma columna ajoelhou... Ha quanto tempo não voltara á egreja! Escavava no campo das suas saudades indefinidas e longinquas, como um horizonte de nevoa, passeava a alma por incognitas regiões de mysterio, fazia um demorado esforço movendo os labios, para accentuar e avivar a memoria... não, ella não sabia rezar!... Tentava um pouco: *Avé Maria, cheia de graça... rogae por nós!...* Embalde!

Tudo a desgraça horrenda varrera do seu coração e no seu cerebro resoava um tufão de inclementes previsões, macabras e teimosas...

De novo, aquellas scenas dolorosas da sua infancia, em que o vulto de sua mãe crescia como um lyrio branco d'uma campa negra, accorriam a visitar-lhe a imaginação. Ergueu-se e continuou caminhando, tacteando as grades dos altares. Até que ao voltar para um do transepto, divisou, agrupado e apoiado ao taburno um amontoado de profusas coisas dispostas em degrau, figuras de barro, tons brancos de nuvens d'algodão em rama... Approximou-se. Uma vela expirava. Aos curtos e intercadenciados lampejos da chamma poude precisar a sua natural curiosidade:—era um presepio.

—Natal!? hoje é dia de Natal?... pensava ella, cheia de espanto, temendo porventura que a evocação d'este nome e d'esta data fosse accordar-lhe no coração o demonio dos desalentos. — Para ella, só para ella, talvez, não refloriam as primaveras da vida, e os jubilos da consciencia, entorvada de presagios, não desabotoavam!

Os seus olhos desvidrados pelas exhaustivas agonias da fome e pelas ondas de copiosas lagrimas, começaram de fitar de perto o presepio pittoresco. Percorreram os detalhes dos arbustos, poi-

O exc.^mo e rev.^mo snr. D. Antonio Barbosa Leão, venerando Bispo do Algarve, ao sahir da egreja acompanhado de alguns membros das associações catholicas de Braga

Grande «Orpheon Carvalho Alaio» que tomou parte na grandiosa festividade da Immaculada, em Braga, executando segundo o «motu proprio» bellas composições

saram successivamente nas torres d'uma pequenina fortaleza de cuja ponte levadiça vinham descendo pelo pendor alcantilado da montanha semeada de neve, sobre arruamentos sinuosos de areia humida, os tres Reis Magos, ainda no principio da sua viagem... Depois enlevaram-se nos grupos de peregrinos, graciosos, tocando frautas, sobraçando condessinhas cheias de dadivas, uns calcurriando a estrada em ar de pressa, outros bailando.

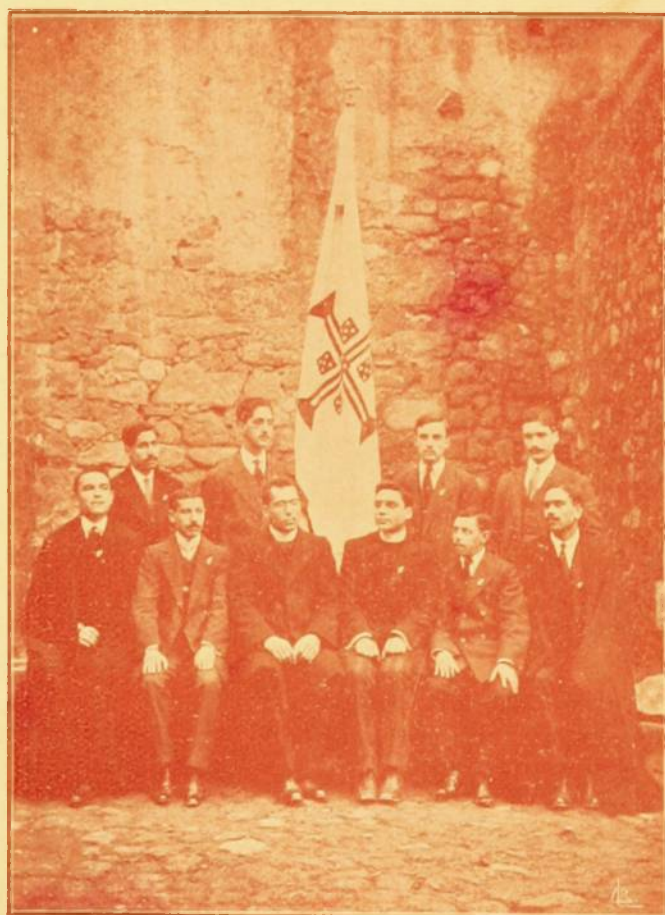
Luiza extasiava, pobre creança, vivendo pela vez primeira os seus doze annos... Mais embaixo, viu um grupo de pastores ajoelhados á bocca d'um alpendre colmado, por cima do qual voejavam anjos. Segurou o castiçal que por fortuito acaso lhe proporcionava tão gratas delicias e poude vêr então o Menino Deus, S. José, Nossa Senhora, a vacca e o jumentinho no estabulo.

—Que bonito! bradou n'um breve grito de alegria irreprimivel! E Luiza, absorvida pela belleza do quadro, para ella inédito, que coloria de poesia a desolação agreste da sua alma tão fundamente ferida, afastou os cabellos ondeados, e timidamente, ergueu do seu berço de palhas o Menino Deus e depoz sobre o corpinho nú, cheio do frio d'aquella noite de neve, o seu ultimo beijo de creança!

—Quem anda ahi? perguntou do fundo da egreja

O rev. Manuel Carvalho Alaio, regente do «orpheon»

(Clichés de João Jorge Guimarães).

BRAGA—Séde da «Juventude Catholica»,
onde se realisou a sessão solemne em honra da Immaculada

Direcção da «Juventude Catholica»

Corpos gerentes
do «Grupo Dramatico Arnaldo Lamas»

(Clichés de João Jorge Guimarães.)

a voz rouca do sacristão, que regressava da esturdia dos tascos...

Estremecendo de pavor, Luiza tornou a collocar nos seus logares a imagem do Deus Menino e o castiçal que n'aquelle momento se apagára, recingiu á fronte o desbotado chale preto, e a coberto da sombra que inundava o templo, correu nave fóra, passou o portal... fugindo, como de um crime!

Nas ruas a multidão entrechocava-se. A luz azougante dos mostradores engalanados eralhe tão insupportavel como o vozear dos que passavam, os gritos estridulos dos pregões, o rodar das carruagens. Fugia sempre. A certa altura o corpo saccudiu-se-lhe tiritando, começou de sentir arquejos de cansaço e encostou-se ao humbral d'uma porta.

Uma larga mão desceu sobre a sua cabeça, e ao erguer os olhos deparou com um operario do seu bairro.

—O' menina, tu que fazes por aqui a estas horas? Valha-te Deus!... Estás cheia de frio... Sóbe aqui para os meus braços... olha como a Luiza está... gelada! Tu d'onde vens?

—Alli de baixo, sr. João. Estive alli a ver isto...

E o bondoso operario, aconchegando a face de Luiza á sua blusa enodoada, levou-a, pelo dédalo immenso das arterias citadinas, até ao quarto lôbrego onde ella vivia. Accendeu o resto d'uma vela, sustentada no gargalo d'uma garrafa, deitou a pequena no colchão rôto que lhe servia de leito, cobriu-a com o chale, a que juntou um casaco que trazia, e n'uma curta caricia:

—Luizita... ouves?... Estás bem?... Olha, aqui tens um bôlo. Era lá para o meu garoto. Fica sem elle, é o mesmo. Toma-o para ti... Olha que hoje é a noite de Natal, sabes?... Coitadita! adeus, sim?...

CHIBIA—Posto militar

Passou-lhe pela cabecita, novamente, a mão, e subiu afogando um soluço de commoção n'uma praga de revolta.

—Raio de vida!...

Luiza mal o ouvira. Devorou o bolo, sentada sobre o colchão, seguindo o tremeluzir da vela, no vidro da garrafa. Regressava á egreja, ao presepio, á paz d'aquella tarde, providencial para a sua dôr irrefragavel, ao primeiro jubilo da sua infancia.

—O Menino! que lindo!...

E como quem se compraz em suster as exaltações do sonho, elevando e architectando na mente mil quadros de felicidade que não saboreou na terra, pareceu-lhe vêr a figura ternissima de sua mãe que vinha postar-se junto d'ella, pallida e bella, fitando a flôr dos seus amores, cofiando-lhe os cabellos pretos, chamando-a!...

CHIBIA—Lançamento da 1.ª pedra para a construcção do edificio da escola mixta, na occasião em que discursava a ex.ma snr.ª D. Maria Ignacia Tenreiro Grilo.

Luiza susteve a fronte nas mãos emagrecidas, depois juntou-as sobre o peito cavado; os seus olhos prenderam-se n'uma visão de encanto e as faces abriram-se-lhe n'um sorriso brando de meiguice:

—Minha mãesinha!...

A recordação materna sugeriu a recordação de outros tempos; desdobrou-se-lhe na alma todo o espectaculo dos seus primeiros annos; libertou-se-lhe a memoria.. e começou a rezar a oração que sua mãe lhe ensinára:

—*Avé Maria, cheia de graça, o Senhor é comvosco, bemdita sois vós,*

entre as mulheres, bemdito o fructo do vosso ventre, Jesus.

— O Menino Jesus! Era tão lindo!...

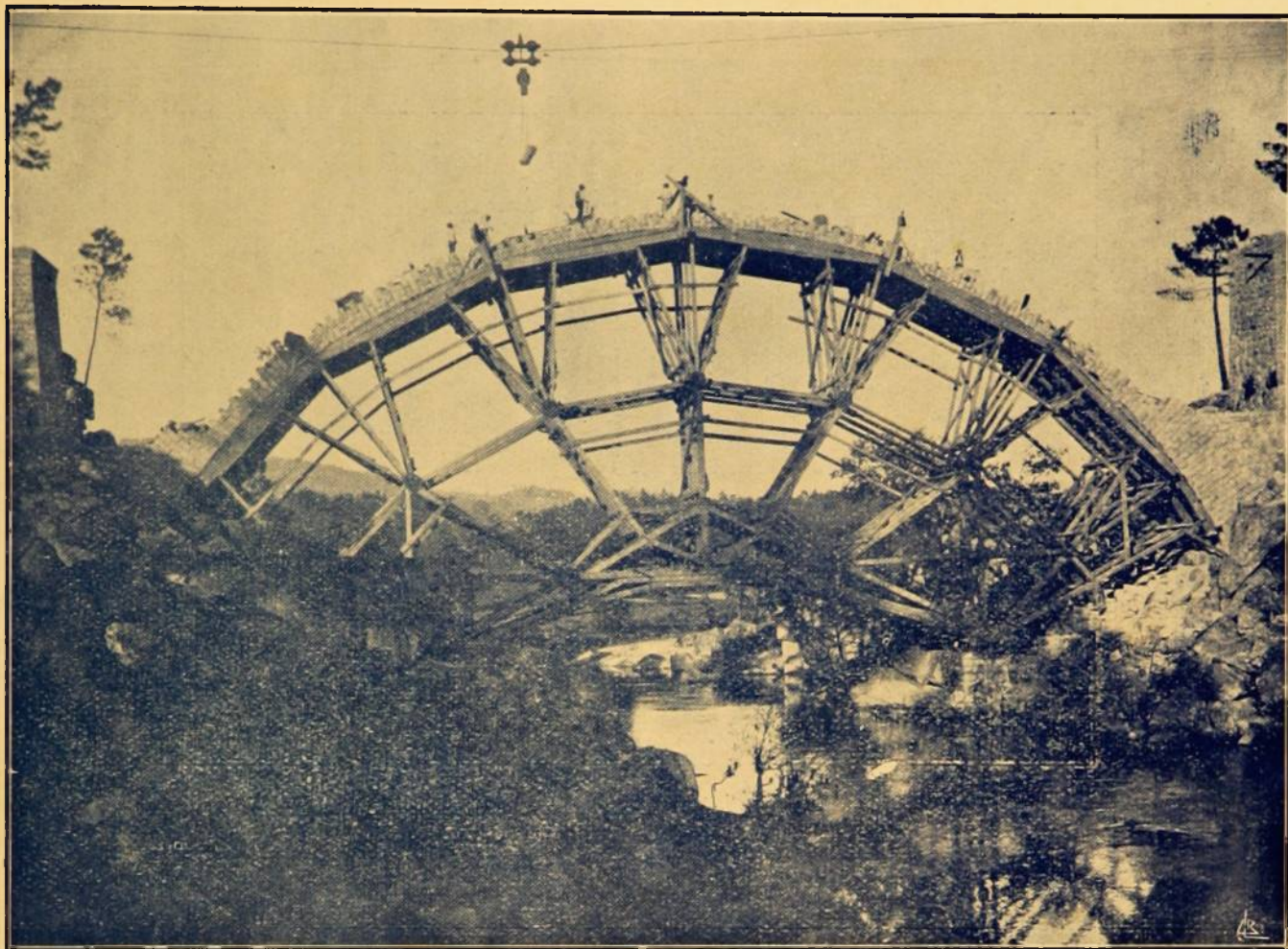
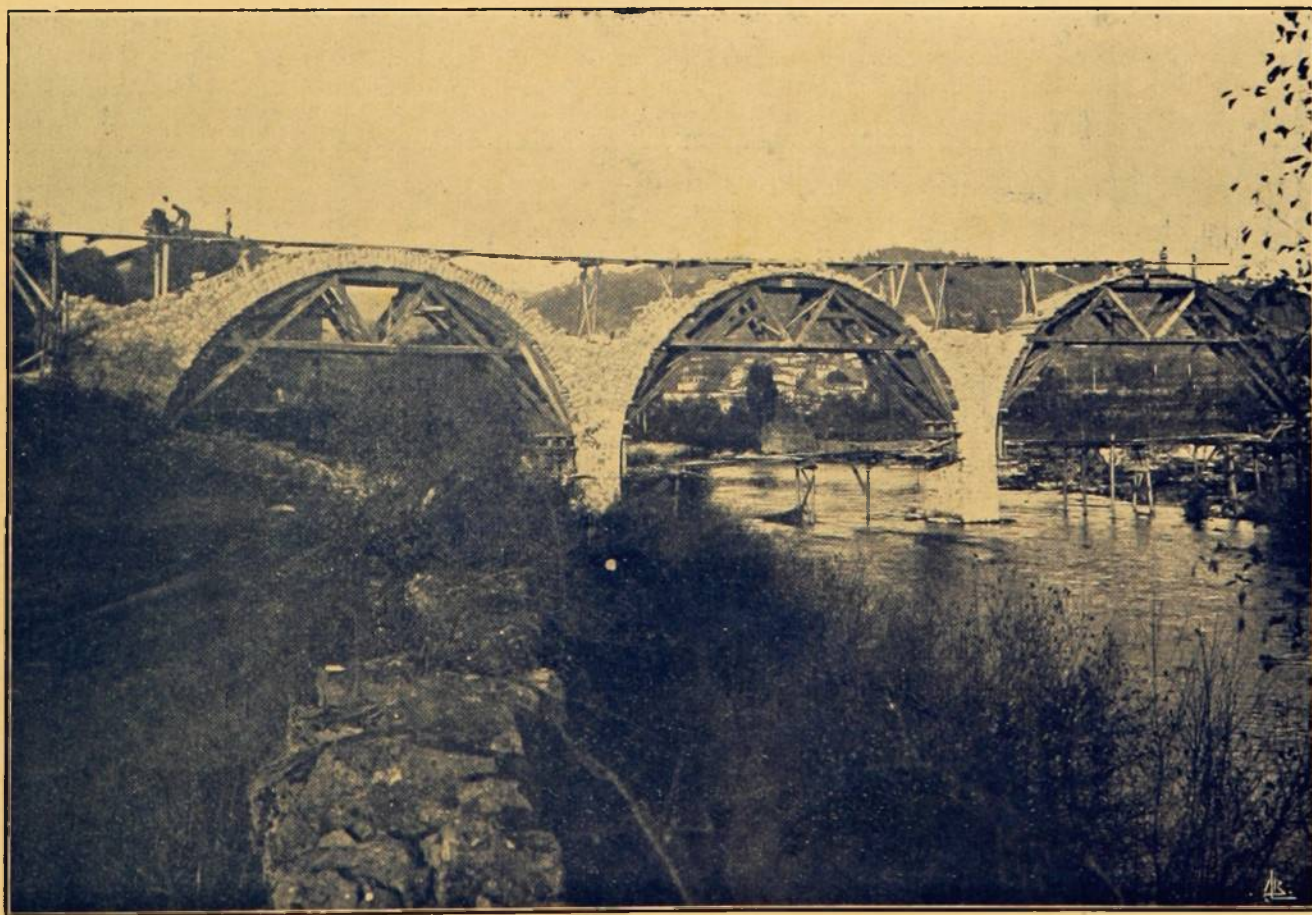
F. D'ALMEIRIM.

Vós, que quereis fazer renunciar um povo á liberdade, restitui-lhe seus paes, seus filhos, seus amigos, tudo o que elle ha perdido por ella: e depois reflecti ainda na importancia d'aquillo, de que o privaes.

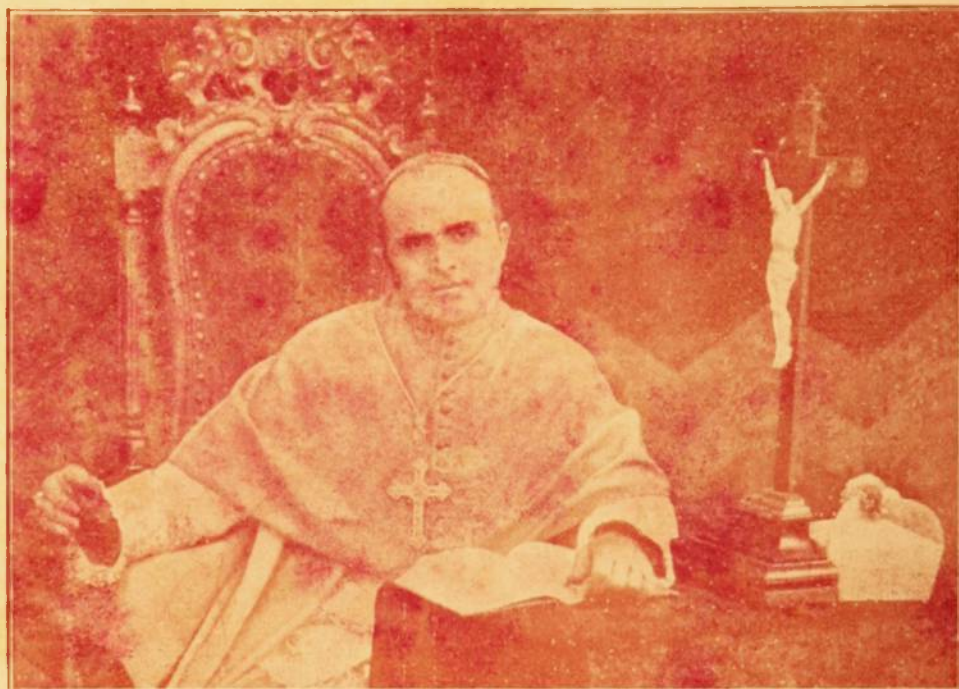
CHIBIA — Grupo de alumnas da escola official. Ao centro a professora ex.^{ma} snr.^{a} D. Maria Ignacia Tenreiro Grilo

CHIBIA — Grupo de alumnos da escola official. Ao centro o professor rev.^{mo} snr. padre A. de Carvalho Junior

(Clichés do phot. am. snr. Telles Grilo.)

S. Pedro do Sul e Vouzella

Construcção de uma ponte do Caminho de Ferro, da Companhia de Valle do Vouga, entre S. Pedro do Sul e Vouzella

Trabalhos de conclusão da ponte de S. Pedro do Sul, para a passagem da linha ferrea

(Clichés do phot. am. snr. J. M. Batalha)

NOTAS DO ESTRANGEIRO

Mgr. João Laguarda, Bispo de Barcelona, ultimamente fallecido

Trasladação do cadaver do Bispo de Barcelona do palacio episcopal para a cathedral